

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PAULA DA COSTA SOUZA

O caráter vulgar da perífrase *ir* + *infinitivo*: estudo comparativo entre o catalão, o valenciano e o português.

V. 2

São Paulo
2009

SUMÁRIO

Volume II

SUMÁRIO	203
<i>CORPUS EM PORTUGUÊS</i>	205
Século XV (Rocha, 1965)- Código: docp15/01.....	205
Século XVI (João III, 1521-1557)- Código: docp16/01.....	211
Século XVII (Melo, 1664)- Código: docp17/01.....	268
Século XVIII (Costa, 1714)- Código: docp18/01.....	330
Século XIX (Carneiro, 2005)- Código: docp19/01.....	360
<i>CORPUS EM CATALÃO</i>	404
Século XIV (Guarnerio, 1886)- Código: docc 14/01.....	404
Século XIV (Sadurní Martí, 2002)- Código: docc 14/02	405
Século XIV (Petrarca, 13?)- Código: docc 14/03.....	410
Século XIV (Ferrer, 13?)- Código: docc 14/04	415
Século XV (Guarnerio, 1886)- Código: docc 15/01	417
Século XV (Carles VII, 1446; Alfonso V, 1447)- Código: docc 15/02.....	418
Século XV (Cingolani, 2003)- Código: docc 15/03	420
Século XV (Martorell; d'Hijar, 1444, 1446, 1450)- Código: docc 15/04	421
Século XV (Vilarig, 1452)- Código: docc 15/05.....	423
Século XV (de la Serra, 1452)- Código: docc 15/06	425
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/07	427
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/08	429
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/09	430
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/10	432
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/11.....	433
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/12.....	434
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/13	435
Século XV (de la Serra)- Código: docc 15/14	436
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/15.....	437
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/16	439
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/17	440
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/18	441
Século XV (Vilanova, 1430)- Código: docc 15/19	442
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/20	443
Século XV (Vilanova, 1430)- Código: docc 15/21.....	444
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/22	445
Século XV (Vilanova, 1430)- Código: docc 15/23	446
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/24	447
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/25	448
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/26	449
Século XV (Martorell, 1438)- Código: docc 15/27	450
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/28	451
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/29	452
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/30	453
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/31	455
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/32	457
Século XVI (Guarnerio, 1886)- Código: docc 16/01.....	459
Século XVI (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 16/02	464
Século XVI (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 16/03	467
Século XVII (Guarnerio, 1886)- Código: docc 17/01	469
Século XVII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 17/02	470
Século XVII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 17/03	471

Século XVII (Vicent Garcia, 1619)- Código: docc 17/04	472
Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/01.....	473
Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/02	474
Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/03	480
Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/04	482
Século XIX (Maragall, 1893)- Código: docc 19/01	483
Século XIX (Verdaguer, 1867)- Código: docc 19/02	484
Século XIX (Aladern, 1892)- Código: docc 19/03	485
Século XIX (Oller, 1895)- Código: docc 19/04	503
Século XIX (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 19/05	504
Século XIX (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 19/06	506

Século XV (Rocha, 1965)

Código: docp15/01

Carta que escreveu o Infante D. Pedro a el-rei D. Duarte, sobre a tradução dum livro:

Muito alto e muito excelente Príncipe, e muito poderoso Senhor:

O portador da presente leva a Vossa Mercê o livro que mandastes tornar em esta linguagem ao Prior de S. Jorge, o que foi muito deteudo em tornar por a minha partida de Coimbra, e por as festas que se seguiram. A Vossa Mercê praza de o haver por perdoado. Eu corri, Senhor, este tratado e parece-me que há nele muitas razões bem ditadas de amizade; mas não me parecem tais nem tantas que mais e melhores não visse obrar a Vossa Senhoria, e bem creio que se desto quisedes fazer livro, por aquilo que a Vossa Mercê pratica e praticou, o podereis escrever de muitos e maravilhosos notados. Bem som certo, Senhor, que, se achardes amigo semelhante a vós, que podereis mui verdadeiramente ser contados antre os três ou quatro pares de amigos de que se faz menção em aquele tratado, e ainda por dois mais principais. Mas outorgando-vos Deus estado real, de que, a meu juízo, sois mais digno que homem que eu conheça, tirou-vos nome de amigo ao menos com vossos sujeitos, ficando-vos outro mais alto que é bom e gracioso Rei e Senhor. Porque não sinto que as obras de amizade se possam em seu perfeito grau usar antre senhor e servidores, porque a amizade traz obras de coração voluntarioso e livre. Pois como caberá esto no sujeito que a seu bom senhor é tão obrigado que lhe deve si e quanto possui, em tal maneira que lhe não fica por que possa livremente mostrar sua amizade? Parece-me ainda, Senhor, que o nome de amizade requer igualdança nas pessoas, e cada um verdadeiro amigo deseja de igualar seu amigo em benfeitorias e agardcimentos, e ainda vencê-lo em isto se puder. Pois a desigualança é tão grande antre Senhor e servidores que parece que não cabe antre eles comparação, desi as benfeitorias dos senhores são mui grandes aos servidores, e as maiores que igualmente fazem os servidores são mui pequenas a seus senhores, e quando praz nos senhores acerca de alguns mostrar quanto som poderosos em bem obrar, fazendo-lhes grandes mercês e havendo-lhe singular afeiçom que terom estes servidores com que conhecer a seus senhores? Eu não sei ai se nom aparelharem os corpos e as vontades a serem sempre seus e morrerem por eles. E porque todo esto é devido por razom do bom e direito senhorio, a mi parece que nome de amigos antre eles não pode caber.

Eu nom entendo, Senhor, por minha escritura, escusar-vos de mais que de *nome* de amigo; que da vontade, e de saber bem amar, e usar das obras respondentes à verdadeira amizade, a vós dou a vantagem de quantos eu vi. E tanto me parece que em esto sois grande mestre, que perda seria tanta mestria principalmente exercitardes senom acerca de grandes cousa (*sic*). E nom vejo outros que vos possa dinamente agardecer ao que vós saberês com ajuda de Deus e poderês merecer senom ele; e desi por ele a reputação de vossos Reinos, em que se compreendem todas as pessoas e estado deles. E em esto firmando vosso amor, sempre acharês quem vos ame mais do que vós amardes, e quem se lembre de vossas boas obras e conheça quanto são bem feitas, e vos galardoe mais grandemente do que requerem vossos merecimentos; e estes me parece que são dos mais principais frutos de amizade.

Senhor, este livro que vos envia o Prior de S. Jorge reprende tanto a louvaminha que, se eu nom entendesse que aquele nome significa louvor mentideiro ou louvor verdadeiro com tenção maliciosa, eu nom fora ousado tal carta escrever. Mas porque eu tenho que aquilo significa que o que em esta é conteúdo em vosso louvor eu o creio de coração e em todo lugar o afirmo pola boca, quando se requer em tais cousas falar, porem nom hei empacho de o escrever com a mão, de mais que a tenção é por a virtude crescer em vós e continuamente melhorar, o que o todo poderoso Deus vos outorgue a seu serviço e a vossa grande honra. Escrita em Pencla, a 6 de Janeiro de 1434.

Do INFANTE D. PEDRO

Carta escrita na Vila de Bruxelas:

Aos filhos amados em Deus, monjes do moesteiro de S. Salvador de Paço de Sousa, da ordem de S. Bento, saúde e bênção em Nosso Senhor Jesu Cristo. Certo é que Nosso Senhor Deus, por sua bondade e misericórdia, ordenou que todos assi fôssemos juntos, como somos, polo legamento da caridade, pola (qual) eu cá onde ando, e vós lá onde estais todos a reveses possamos gouvir de nossos benefícios e orações, e que eu convosco e vós comigo nos hajamos de salvar, e que todos juntamente, feitos executores do que prometemos, possamos receber a glória que nos é prometida se perseverarmos com boa obediência nos santos mandamentos da regra. E esto podemos veer por exemplo nas cousas naturais assi como é a cabeça, a qual, posto que seja a mais alta parte do corpo e a mais principal, nom pode porende estar sem o ofício e serviço dos outros nembros, e per essa mesma guisa os outros nossos nembros sem a sua cabeça se nom podem manter nem governar, assi que nem a cabeça aos nembros, nem os nembros à cabeça poderão dizer: «Vai-te, que te nom havemos mister» nem «Eu poderei viver sem ti», porque será mintira, mas que um nom pode escusar o outro, como é verdade. E assi de vós outros que vos deve de nembrar como vos destes e oferecestes e consagrastes a Deus per vossos votos e vossa própria vontade, ca a mim nom me prometestes nenhuma cousa, nem eu vos nom demandando nem requeiro al senom o que deveis de pagar a Deus que o entregueis e deis a mim, que som seu procurador e mordomo que ele escolheu e me chamou à luz deste mundo do ventre da minha mãe, e me ungiu com o óleo da sua misericórdia e me pôs neste lugar antre vós, feito padre e abade, per a qual dignidade e ofício vós me nom elegeates nem me escolhestes, mas eu vos elegi e escolhi. E de como vos mantive e governei esse tempo que convosco estou, vós o sabeis e podeis delo dar testemunho. Mas empero eu verdadeiramente conheço que de ignorância e negligência me nom posso escusar porque, nom embargando que eu muito mais pudera fazer do que fiz, nom sei como pudera ir com elo avante ata a fim. E às vezes melhor é de nom começar homem de fazer algũas cousas quando nom vê como se possam acabar. E mal pecado, porque somos em tal ponto que os nossos rectores e os que nos hão-de governar mais atendem a nos trosquiar que nos aproveitar. E, posto que eu tivesse grande aso, ajuda e favor pera fazer todo bem pera serviço de Deus e da ordem, no tempo em que bispava aquele bom bispo e católico sacerdote e honesto D. Luís, que me fez seu vigairo e visitador dos moesteiros de seu bispado, bem sabeis como vos unistes e viestes contra mim todolos da ordem, por me torvades que nom visitasse, murmurando do bispo e de mim e assacando-nos muitos testemunhos falsos, dos quais prouve a Deus de nos livrar, e quis por sua misericórdia renovar per mim, indigno seu servo, algũas cousas boas e honestas da monástica e regular disciplina, as quais eram já envelhecidas e lançadas do uso e fora de memória de todos vós outros. E estas cousas eu as escrevo e ponho aqui, não por vã glória nem por me gabar, sòmente por ficarem na memória apegadas sem esquecerem e não tão sòmente durarem nos entendimentos, mas ainda nas cartas e nos livros, por que ouçam e falem e se recordem pera sempre. Ca certo é que os maus e os nossos contrairos, assi como eles não são achados no tombo nem escritos no livro da vida, bem assi queriam ver apagados e riscados dele todos aqueles que sois servos de Deus e escolheitos pera salvação.[...]

Escrita na vila de Bruxelas, do ducado de Brabante, véspera de Natal, 24 dias de Dezembro, era do nascimento de Nosso Senhor Jesu Cristo de 1467 anos.

Carta a D. Afonso V:

De Roma escrevi a V. A. tudo o que se passou na vinda de vossa Irmã até partir de Roma *Dominica in passione*, a vinte e quatro de março, dous dias depois do Emperador; e enquanto veo pelas terras da Igreja, veo com ela o vice-camaralengo, per mandado do Papa, pera lhe fazer dar pousadas; e tanto que chegou à terra de El-Rei de Aragão, tornou-se o sobredito, e ali achou a Mossem Vasco e certos oficiais do dito Rei, os quais a fizeram apousentar por todolos lugares por onde veo, dando os mantimentos pera toda a gente sem dinheiro e não consentindo que pagássemos nem as ferragens das bestas; estavam pelas ruas dos lugares mesas postas per onde vínhamos e comia

quem queria, e fontes feitas de vinho; em algũas partes nem consentiam que pagássemos calçado, mas tudo era mandado que nos dessem sem dinheiro nem outra nenhũa cousa que quisessemos comprar; e muito mais compridamente se fez isto ao Emperador e à dita Senhora, e não se dava senão quanto homem queria. E certifico-vos, Senhor, que pera minha casa davam pera cada dia passante de ùa quarta de medir pão de confeitos, e se mais queria, mais davam. Ora vede que multidão seria em tanta gente e tão grandes pessoas como vem nesta companhia, e sempre recebida com procissões e pálios; e em Gaeta foi recebida de noite com mais de duzentas tochas, e muitas ficavam nas mãos dos que as tinham, de que se não fazia estima, porque as davam aos primeiros que achavam que as tivessem. [...]

E a cabo de pouco veo El-Rei; e, tanto que viu vossa Irmã, tirou o sombreiro e chegou a ela e abraçou-a e beijou-a, segundo costume desta terra; e, tanto que El-Rei assi fez sua cerimónia com a dita Senhora, correu per todas as mulheres a dar-lhes a mão até a derradeira, que eram quasi vinte; e, acabado isto, veo-se pera vossa Irmã e disse-lhe que lhe parecia que tomara ela todo o bem de sua madre, e começou ir assi falando e zombando com ela polo caminho, com grande prazer, mostrando que lhe prazia muito de a ver.

E, chegando junto com a porta da vila, onde estavam os cidadãos com o palio das armas de vossa Irmã e de El-Rei e de seu filho, desceram-se e foram polas principais ruas e praças, e nos bancos estavam muitos montes de ducados e outras moedas de ouro, em quatro ou cinco lugares, e no mor monte estavam até dous alqueires de moeda, e nos outros, de quarta até alqueire e meio alqueire; em outros lugares muita moeda de prata; mais adiante muitas peças de brocados e panos de seda e roupas de brocado feitas, novas e velhas, e muitos panos de lã e muita armaria de toda sorte; arneses, cobertas e selas quasi sem conto e assi todalas outras cousas boas de officios e mercadorias se mostravam às portas das ruas per onde ia a dita Senhora; foram assi até junto com o castelo de Capuana, onde a dita Senhora havia-de pousar e, porque anoiteceu, vieram tochas e acenderam-se até trezentas; e traziam azémelas carregadas delas, que acendia quem queria, e infindas quebravam com o apertar da gente; e certamente, Senhor, eu nunca vi cousa tão larga, porque assi da vianda como da cera quasi tanto é o que se perde como o que se aproveita. O Emperador está apousentado neste castelo de Capuana, com vossa Irmã, e El-Rei no castelo novo que fez.

Traz El-Rei ùa dama, que chamam Lucrécia; e eu certo não sei que diga, porque ela é servida como rainha, e condes lhe beijam a mão. Tem muito grande renda e dá-lhe El-Rei muito dinheiro, e refia-a de praça e trá-la públicamente em estado de rainha, e afirma-se que nunca dormiu com ela. Tem aqui El-Rei outra, que chamam Francisca, com que dorme há minto tempo e tem assás estado, mas não tal como Lucrécia.

E certamente, Senhor, não pudera cuidar que portugueses estavam em tal ponto com os das outras partes, e louvo muito a Deus por me fazer ver isto, porque até agora vejo que são reis de quantos cá vi, assim de parecer como de gentileza, e isto em tanta diferença deles aos que vejo, que bem creio que, se todos chegáramos a França assim como a Pisa, acháramo-nos iguais com os de lá; e não podeis, Senhor, cuidar quanto som deles fica nestas partes, o qual sairá a todalas partes de cristãos, e todo é vosso quanto fizeram e mostraram, porque, com qualquer cousa que lhe vejam trazer ou fazer, não dizem senão: «Muito bem faça Deus ao Rei que tal gente tem; e certamente nisto mostra bem quem é». Assim, Senhor, que tudo é vosso.

E quero ora dizer ùa cousa: somente tome-a cada um como quizer. Juro-vos, Senhor, que se espantaram cá nesta cidade de ver o meu mantão, porque aqui não há ùa só capa, e em Roma luziram muito dous mantões e ùa opa do Marquês e seus pagens e vosso mantão que destes a Ungria, o qual nós todos assoelhamos que fora vosso e o déreis ao que o trazia; todo esto, Senhor, é bem e vosso serviço, bento seja Deus. [...]

À noute, polo serão, dançaram a dita Senhora a «baixa», e El-Rei com ela pela mão, e Lucrécia logo após ele, a qual ele levava pela outra mão, e o Emperador com a irmã de Lucrécia; e veo a mim o Príncipe de Rosano, genro de El-Rei, que dançasse, pois ele dançava. E assim dançámos todos os vossos que aqui éramos e o sabiam fazer; e quando veo a «alta», dançaram todos os ditos senhores assim como chacota, e vossa Irmã a guiar a dança; e acabando, mandaram bailar meu sobrinho com Briatiz Lopes o bailo mourisco e depois o vilão, e espantou-se El-Rei do seu bailar e fez-me entender que lhe prazeria que ficasse alguns dias com ele, dizendo que os vossos eram seus, e os seus vossos, e que ele se queria agora servir dele alguns dias, e disse que vo-lo mandaria. Eu lhe disse que, conhecendo eu que vós haveríeis prazer de se ele servir dos vossos, me prazia que ele

ficasse. Isto fiz, porque entendi que vos não desprazeria delo, e quando de cá for, irá mais apurado e ensaiado pera vos servir; assi, Senhor, que por estes fundamentos o leixei cá.

Senhor, dali a dous dias ou três, determinou o Emperador fazer cópula carnal do matrimónio; este dia, acabadas as justas, foram cear e, acabada a ceia, vieram todos pera vossa Irmã e levaram-na pera a casa do Emperador e andaram dançando em sua sala quasi ãa hora; e veo colação mor que a de Fernão Cerveira, que com três patos dizia que se fartaria mui bem e lançaria na cama. O Emperador partiu-se da dança ante da colação, levou El-Rei a dita Senhora àquela mesma câmara com poucos, salvo mulheres, e acharam-no já lançado, vestido, antre os lençóis; e tomaram vossa Irmã e lançaram-na na cama, assim vestida, e cobriram-lhes as cabeças e beijaram-se, e, feito isto, alevantaram-se e tornou-se a dita Senhora à sua câmara, e ficou o dito Senhor na sua, e isto foi assim feito à usança de Alemanha, e assi foi acordado com El-Rei de se fazer.

Vossa Irmã estava em sua câmara este serão, esperando que o Emperador fosse lá; e ele mandou por ela dous condes, que se fosse à câmara dele; e ela não quis, e passaram-se sobre esto muitas embaixadas per cinco e seis vezes, segundo me disseram, até que ele veo per ela, e disse-lhe que lhe prazia que ela fosse folgar à sua câmara por essa noute, e levou-a pola mão; e, tanto que entrou, lançaram-na na cama, e ele com ela não sabemos que foi lá. Assim, Senhor, que a consumação do matrimónio foi a noute de ante Domingo de Pascoela. [...]

El-Rei vosso Tio, além dos gasalhados que fez à vossa Irmã, lhe deu certas peças de brocados e panos de seda e lhe mandou fazer delas algũas roupas forradas de penas mui ricas, e lhe deu um firmal de um diamante, que lhe custou agora aqui três mil ducados [...]. E a mim parece que V. A. lhe deve escrever, agradecendo-lhe tudo isto, e mais temporão que o casamento dela. E devei-lo fazer porque me parece que lhe sois em muita obrigação pelo que faz por vós, e porque me parece que quer que lho não deixem de dizer e ainda cedo; algum bem, se o faz e se lho outrem não diz, busca ele maneira de o dizer e soelhar.

Muito alto e poderoso meu Senhor, vosso real estado e pessoa Deus por muitos anos a seu serviço guarde e conserve e cumpra vossos justos requerimentos.

De Nápoles, a 18 de Abril de 1452.

LOPO DE ALMEIDA

Carta de Per o Vaz de Caminha

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba fazer pior que todos.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei-de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi, segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e as nove horas, nos achámos entre as Canárias, mais perto da Grã Canária, onde andámos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das Ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da Ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto [...].

E assim seguimos nosso caminho por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram vinte e um dias de abril, estando da dita ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topámos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de

rabo-de-asno. E, quarta-feira seguinte, pela manhã, topámos aves a que chamam furabuchos.

Neste dia, a horas de véspera, houve vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome o *Monte Pascoal*, e à terra — a *Terra da Vera Cruz* [...]. E à quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos direitos à terra, indo os navios pequenos diante, por dezassete, dezasseis, quinze, quatorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia légua da terra, onde todos lançámos âncoras em frente à boca de um rio [...].

Dali avistámos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro.

E o capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijamente sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Deu-lhes sòmente um barrete vermelho c uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar [...].

Quando fizemos vela, estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali poucos e poucos. Fomos de longo, e mandou o Capitão aos navios pequenos que seguissem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem.

E, velejando nós pela costa, acharam os ditos navios pequenos, obra de dez léguas do sítio donde tínhamos levantado ferro, um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram. As naus arribaram sobre eles; e um pouco antes do sol-posto amainaram também, obra de uma légua do recife, c ancoraram em onze braças.

E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro; e tomou dois daqueles homens da terra, mancebos c de bons corpos, que estavam numa almadia. Um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas de nada lhes serviram. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, cm cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrês, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber. [...]

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e

depois a tomaram como que espantados. [...]

Então tornou-se o Capitão para baixo para a boca do rio, onde havíamos desembarcado.

Além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam, com ele muito bem ao som da gaita, [...]

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar [...].

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, pois o desejo que tinha de tudo vos dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo [...].

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da vossa Ilha da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

PERO VAZ DE CAMINHA

Século XVI (João III, 1521-1557)
Código: docp16/01

Edição Transcrita / Transcript Source Edition:

D. JOÃO III. Letters of John III - King of Portugal 1521-557 (The portuguese text edited with an introduction by J. D. M. Ford). Cambridge, Massachusetts. Harvard University Press, 1931. Transcrito por Z.O.N.Carneiro (PROHPOR)

<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>

DOM AFFONSO, nos ellRey, vos enviamos muyto saudar. Nos somos emformado que vos vos aveis cõ hos cavaleiros d'esa nosa alldea da Mina Rigurosamente em tall maneira que se despovoa e se vãão d'hy pera outras partes; e ppor estas causas que nos apomtarã, allem d'outras que dizem que ha, o avemos por cousa muy perjudicall a noso serviço e ao bom d'essa cydade, e trato d'ella primeiramente. Por ser~e Christãos, e ter~e Recebyda aguoa do bautismo, dev~e ser defemdidos, emsynados e emparados, e nam desterrados; e por ser~e vasalos nossos, e estar~e hy a nosa obydiemça e vosa e dos nosos capita~ees d'esa cidade, ~e noso nome servimdo ~e todo o que lhe por noso serviço he mamdado, cõ sua gemte e allmadias acarretamdo as cabeças a lenha pera todos nosos navios, e mais por muitos d'eles comprar~e grosamente nesa feitoria, e todos commumemente na Roupã velha que por eles hecomprada e ~e suas allmadias he guastada. E mais dizemnos que amtre eles avia hom~es Ricos e d'eles ter~e escravos, que todos estam a noso mamdar, ou podem estar, se for~e b~e tratados e emparados com aquela moderaçã no castiguo, e assy no emsyno, que comv~e e compre a noso serviço e a suas conservações; os quaes por todos estes serviços nos diz~e que nam tem, nem esperã, mais de nos nehu~u outro gualardã senã defemdermollos e mamdarmollos mamter ~e justiça. Por cuyo Respeito nos parece que vos nam aceitares ho que nese caso nos compre ~e os botardes fora; e se he por seu castiguo, parece aspero, por que de botados fora corr~e dous Riscos, mortos ou Roubados. E com outro algu~u, camdo o mereçes~e de paguar, huua penna pera esa ygreja ou cousa semelhante abastarya; pelo quall vos ~ecomemdamos e mãdamos que vos ajaees cõ eles milhor e escusees os desterros o mais que bem poderedes; antes os empares e enderencees amdar~e polo caminho que compre a noso serviço, trabalhamdo por nam sairem d'ele. Porque isto he o quecompre a esa feitoria, e nam hirem arrezoadmo de vos e d'ela o que nam devem; por homde all~e de hos perdermos e o serviço que d'eles Recebemos, os mercadores nam viram cõ semelhantes ennovações, como v~e camdo a terra esta sem eles. Sprita em Tomara, XIII dias d'outubro, Antonio Affonso a fez, de 1523. J. Rey. Pera dõ Affomso, capitã da Mina. Obaja. A dõ Affomso d'Albuquerque, fydalgo de sua casa, e capitã da sua cydade da Mina.

DOM ANTONIO. Eu, el Rey, vos embio muito saudar. Vi a carta que me escrevestes, á que nõ he necesario Reposta, por que tenho Recado que ho cerco de Tangere he levãtado, e nam he necesario socorro, Deus seja louvado. V~yde vos emborra cõ vosa copanhia, e da minha parte, a dizer aos fidalgos e cavaleiros que cõ vos vão, que lhe agradeço a boa võdade cõ que me hiã servyr. Sprita em Evora, oje, segunda feira, quatro dias de julho, Damiã Dias a fez, de 1524. J. Rey. Pera Dom Antonio d'Atayde. J. (Illegible autograph) Por elRey. A dõ Antonio d'Atayde, fidalguo de sua casa.

EU, ELREY, faço saber a quantos este meu alvara vir~e, que, aveemdo eu respeito á fidalguia, virtude e bomdade de dona Violante de Xanora, molher que foy de dom Alvaro d'Atayde, e cofiandmo d'ela que nisto me sabera muy beem servyr, e com todo meu prazer e cõt~etam~eto, e por folgar de lhe fazer mercee, por este presente alvara me praz lhe fazer mercee, e de feito faço, do oficio camareira moor da Rainha, minha sobre todas muyto amada e preçada molher, asy como ho foram as

camareiras moores das rainhas d'estes reynos; e quando se lhe fezer a carta em forma do dito oficio, lhe sera nela declarado a temça e ordenado que me prouuer que com o dito oficio aja. Porem, por sua garda e minha lembrança, lhe mandey dar este alvara por m~y asynado; o qual quero, e me praz, que valha e tenha força e vigor, como se fosse carta por mym asynada e ascelada do meu sello, e pasada por minha chancelaria, sem embargo de minha ordenaçam em contrario e de todas as clausulas d'ella; que quero e me praz que nesto nam ajã lugar, posto que d'ellas se ouvesse de fazer expresa mençam. Feito em Evora, a doze dias d'outubro, o secretario a fez, 1524. J. Rey. Alvara de dona Violante de Xanora. (On Reverse Side) Alvara de camareira mor á senhora dona Violante Xanora, mãi do preçado conde da Castanheira.

EU, ELREY, faço saber a quantos este meu alvara vir~e, que, por parte de dom Dioguo de Menesses do meu cõselho, e craveiro da Ordem de Noso Senhor Jhesus Christo, me foy apresetado hum alvara del Rey, meu senhor e padre, que samta gloria aja, de que o teor tall he. Nos, elRey, fazemos saber a quantos este noso alvara virem que, avemdo nos respeito aos serviços que dõ Diogo de Meneses do noso cõselho, e craveiro da Ordem de Noso Senhor Jhesus Christo, tem feitos a nos e a esta ordem, e ao merecimento de sua pessoa, nos praz pera seu falecimento fazermos merce a seu filho, quall mais velho ficar ao t~epo de seu falecimento, do que valer de r~eda a comemda da Redinha ou de Montallvão, o quall elle mais quiser e nomear; e do que asy a hu~ua d'elas quall elle dito craveiro nomear e quiser, como dito he, mamdaremos fazer carta ao dito seu filho. E por que nos d'eso praz, lhe mãdamos dar este por nos asinado, pora o ter por sua goarda e lembrança nosa, o quall queremos que valha como se fose carta pesada por nosa chancelaria, e posto que este noso alvara nam pase por ella, sem ~ebargo de quaesquer leis e ordenações que ahy aja em contrairo; porque, pera este ser firme, as derrogamos e anulamos, e queremos que este se cumpra ynteiramentemte. Feito em Lisboa, a seis dias d'agosto, Amdre Pirez o fez, de mil quinhentos e vinte e um. J. Pidimdome o dito dom Diogo por merce que lhe cõfirmase o dito alvara, e visto por m~y seu requerimento, quer~edolhe fazer merce, tenho por b~e e lho confirmo e ey por cõfirmado como nelle he conteudo, pera em todo se cõprir e goardar da maneira que se nelle cõtem. Feito ~e Evora, vinte e sete dias de fevereiro, Antonio Paiz o fez, de 1525. Comfirmaçam d'este alvara do craveiro. (On Reverse Side) Trelado do alvara do craveiro.

AO MUYTO sancto in Xro padre e muyto bemav~eturado Señor, Papa Clememte seitimo, por devina providencia ora presidente na Igreja de Deus. Muyto sancto in Xro padre e muyto bemaventurado Señor, o vosso devoto e obidiente filho, Dom Ioham, por graça de Deus Rey de Portugal, e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Señor de Guine e da conquista, naveguaçam e commercio de Etiopia, Arabia, Persia e da Imdia, cõ toda omildade embio beijar seus sanctos pes, muyto Sancto in Xro padre e muyto bemaventurado Señor. Eu scprevo a dom Martinho de Portugal, meu muyto amado sobrinho e meu embaixador, sobre hu~u negocio tocante a dom Antonio d'Ataide do meu conselho, que, ainda que nom seja de grande calidade, Receberey entanto contentamento de vossa Sanctidade lho conceder, como se fose a expediçã muy grande, por ser dom Antonio muyto meu criado e lhe ter muyto bõa vontade e desejar de lhe fazer homra, acrecentamento, e merce, asy pellos grandes serviços que aquelles de que elle descende sempre fezerã aos Reys, meus antecessores, e a estes meus Reinos, como pella pesoa e merecimento de dom Antonio; porque eu lhe tenho muyto boã vontade, como de todo compridamente meu embaixador fara inteira relaça a vossa Sanctidade, a que soprico, e peço muyto por merce, que o ouça e lhe dee nisto fee e cremça, e folgue de me fazer esta merce, porque a ystimarey por muy grande, muyto sancto in Xro padre e muyto bemav~eturado Señor. Nosso Señor por muytos tempos conserve vossa Sanctidade a seu sancto serviço. Scripta ~e Lisboa, a XXV dias de fevereiro de 1527. J. elRey

O QUE VOS, dom Antonio d'Ataide do meu conselho e veador da minha fazenda, que ora emvyo a

elRey de Framça, meu muyto amado e prezado irmão, por meu ~ebaixador, aveys de fazer e lhe aveys de dizer da minha parte sobre o caso das Repersarias e carta de marqua que se pasou he o seguynte: Primeyram~ete, yreis polas postas com a amyor deligemçia que poderdes, se fizerdes nenhu~ua detença em nenh~uu cabo atee chegardes a a corte delRey de Framça, e no mesmo dia que chegardes, mandareis dizer a elRey pelo adayão da Rainha minha senhora madre, ou por outro por o que melhor vos parecer, como soees chegado, e que, vimdo polas postas mamdado por mym a elle, que lhe pidys por merçe que vos queira dar licença para lhe yrdes beixar a mão, e vos queira loguo ouvyr, por que he o negoço de caledade que requiere muyta presteza; e eu por este Respeito vos mamdey cõ aquella deligemçia; e asy vos mamdey que lho pidises. E como fordes ante elle, despois de lhe beixardes a mão e lhe dardes minha carta, se o lugar for pubrico, e em pubrico vos parecer que vos quer ouvir, ou que estam tam perto d'elle outras pessoas que vos possam ouvir o que falardes e o que vos elRey Responder, vos lhe pidireis por merçe que vos queyra das audiençia secretamente, por que vos lhe quereis falar a elle soo apartado, e que asy he mais seu serviço. E ou vos levamdo para outro cabo, ou despejamdo a casa, ou queremdo todavia que aly lhe falleis, vos lhe falareis com tall geyto e cortesia como o vos bem sabereis fazer e lhe he devido, e que, se ouver na casa algu~ua pessoa, não ouça o que lhe diserdes, n~e obrigues [*obriguees*] a elRey a, por Respeito de qu~e ho ouve, vos Responder mais n~e menos que o a que naturalmente sua vontade ~eder~ecar, e ysto se vos não diz pera mais que pera lembrança vossa; e lhe direis: que eu estimey sempre tanto sua amizade e que aa antiga, e que ambos de tantos tempos atras quasi pera herança nos ficou de nossos avoos e antepassados, não soom~ete trabalhey por comservar muy imteiram~ete sempre, mas por minha parte, aimda quamto em mym foy, fiz polla acrec~etar; e que aas Resões antigas de grande irm~edade que os Reys d'estes Reynos cõ os de Framça tiveram sempre, e á grande conformidade e muy amiguavell comercio e comonicaçom de meus vassalos com os seus, e as outras que despois seguirão de nosso divido e tam conjumto parentesco par~etesquo n~uca dey azo n~e lugar, por nenh~ua via nem causa que se me ofereçese, que por minha parte se diminuisssem diminues~e ~e parte alguua. O que elle muy bem vio, despois que a Nosso Senhor aprouve eu vyr na socesam d'estes Reynos, e eu muy craramente mostrey com a muy grande paciência e paci~eça e sofrym~eto a tantos e tam justos queixumes de meus vasallos; por que, como muy bem pode saber, se por sua parte fizer alg~uu pouco do muyto que eu faço e fiz pola minha, por não dar ocasyhã a discordea, meus Reynos e senhoryos niste pequeno tempo forom muyto mais deneficados por esta soo causa de eu querer conservar sua amizade, do que n~uca o forom em nenh~ua guerra passada, por longa e grande que fose. Qua seus vassalos aos meus tem tomados pasante de trezentos navios, a quall perda, que mais verdadeiram~ete se podem chamar Roubos, Reducida a boa comta, monta tanto que me afirmão chegar a h~u comto d'ouro, não comtamdo dano particular muy grande de minha propria fazemda, e Roubos, e prisões, e outros cruees tratamentos de muytos meus creados e capitaães; e algu~us d'elles aimda Reçeberão este dano vymdo de guerra dos imfiyees, que, como lhe ja esprevy por outra carta, era causa que ainda que forão inimiguos apregoados, lhe devera muy bem de abastar por salvo conduto. E que, posto que muytas vezes e com muytos cramoses geraaes e queixumes muy justos de meus povooos, e com tanta Rezão e justiça, me fos~e pedidas Represarias contra os Framceses, e eu lhas podera muy justificadamente dar, e mais ymdo os malles ~e tall creçimento e tam sem se prover por sua parte, que não pareçia que fiquaria outra nenh~ua cousa por fazer; e que como derradeiro Remedio, pois que tam justam~ete se me pidia, nã pareçia que se podia caise Revogar senom injustam~ete; eu por cima de tudo, temdo em m~y estoutro Respeyto de sua amizade e o grande amor que lhe tenho tamto ~e força que demenuhia a dos queixumes e pitições de meus povooos, e acrec~etava sempre a confiança d'elle o aver de Remedear e casteguar como era Resão, e esperando nesta mays do que pella ventura devera, e sem duvida mais do que a meus Reynos compria, não soom~ete lhes nã quys comceder as Represareas, mas n~e aymda comtra os manyfestos ladroões tomados e comv~ecidos por taaes consenty ser feyta cousa algu~ua das muytas que o direyto em tall caso consente e manda. E se teve nisto sempre tall temperança, que sempre se cortou hu~u pedaço polla obrigaçom de Rey, e da justiça, e do bem de meus Reynos e senhoryos. E todo este t~epo tive com elle em sua corte Joham da Silveira, meu ~ebaixador, pera porcurar como antre amyguos e sem nenhu~ua outra forma o Remedio de tantos malles de que me por elle a elle muytas vezes mamdey queyxa; e sempre cry que se não fazia naquella maneira com aquela eficacea que a graveza do caso requerya, pois o remedio do passado se dilatava tanto e de novo Recreçia outras cousas que d'elle não tinham menos necesydade, e a mym davão muyta mais causa ja de me de novo queixar que as pasadas. E posto que me algu~uas vezes

disezem que em sua corte se falava em carta de Represareas contra os meus vasallos, e que a pedia h~u João Angoo com muyta instançia, eu n~uca cry que ho neguocio podese pasar mais adiante que ao que mereçia tam injustiça e desarezoada petiçõ e com tã falsa ~eformaça como era a de Jon Angoo, que per ysto mais mereçia castigo que merce; e que aguora não soom~ete soube que a dita carta era pasada em conthya de dozentas e vimte myll ducados contra meus vasallos e naturaaes, mais que por ella se começaria ja a fazer obra; a quall cousa me foy tam nova e me deu tamto desprazer quanto he Rezão ou Receber de cousa de tanto prejuizo como esta, e muyto mais semdo de calidade que de necessidade, não se Remedeamdo, leva consigo tantos outros mayores malles que os que ella soa a a primeyra face, e tantos danos e defermeças de nosos vasallos d'ambos que não se podem escusar. E posto que, aos Reys o que sempre deve de ser prinçipall, despois de Deus, he o que toqua a seu povoo, eu lhe afirmo que me não doy menos que yso, e cayse me lembra mays, ver craram~ete que d'aquy pode nacer não ser nossa amizade a que eu querya, e a nosos Reynos compria que sempre fose, a quall com ysto he imposyvell poder se conservar. Pollo que lhe peço muyto efectuosam~ete e quanto poso lhe Roguo, que pollo que elle deve a todas estas Rezões que dise, e ao grande amor que lhe sempre tive e tenho, elle queira mandar loguo Revogar a tall carta, pois craram~ete fora de toda ordem de justiça e tanto contra toda Rezão de direyto e d'amizade se pasou. E d'ella vee por quã pequenos e quã injustos proueitos, quã grandes e quã arrezoados imcõveny~etes, e quã craros escamdollos, he de necessidade que se syguão, com tamanhos danos e tantos Rompim~etos de nosos vasallos e naturaaes, que ajumtados aos pasados que os meus tem Recibidos, em quamto eu lhe nõ consynty e vemgança, seraom causa de tall odeo que muy difycillm~ete despois se posa tirar das corações. Per omde ysto se não pode chamar carta de Represareas, mas guerra manyfesta que se faz a meus vasallos; o que semdo asy, elle considere bem que nome podera ter ante todos os outros principes christaãos, e ante todo o mundo, querer elle por hu~ua tam falsa ~eformaçom a petiçom de um h~u hom~e que se tam imjustam~ete queixa em t~epo que he tam craro a causa de se queixar ter~ena meus vasallos, e os danos ser~e de meus Reynos por coussa que se pos ~e justiça e por justiça foy vista e julgada, guardando se todas as solenidades do direyto, e muytos de comprim~etos de amizade, e sobre que forõ ouvidas as partes que o quyserão ser. E de todo ouverõ parte seus ~ebaixadores, e virão que em nada se pasou do que justam~ete se devia e podia fazer. Elle não soom~ete, sem nenh~ua d'estas solenidades, mas ainda em tempo que era morto um h~uu ~ebaixador meu, que do mesmo caso tinha bõa ~eformaçom, e sabia que eu loguo mandava outro a sua corte, mandou pasar carta de marca, da qual nõ pode deixar de seguyr antre nos e nosos vasallos o que diguo; e posto que cousa julgada em ~e h~u Reyno ~e sua Relaçam e por seus leterados, por via tam ordenarya e com toda sua hordem, nam se acostume de dovydar no outro, como eu n~uca dovidaria de quem em seus parlamentos pertemçemdo a elles d'esta maneira e com esta ordem se julguase, por muyto que fose contra mym, todavia por me não ficar nada por fazer, n~e ainda do a que sã obriguado, Revogamdo se a dita carta, e tornadas as cousas todas e qualquer obra que por ella for feyta, como he Rezão, ao mesmo estado que estavã antes de ser pasada, eu são contemte que o neguocio todo se torne a ver e julgar por qu~e a elle parecer e for Rezão, e quer ynteuyram~ete mãdar de novo fazer justiça, ou que onde mais comveni~ete parecer se faça, sem nenhu~ua memorea do ja julguado, mas soom~ete polo que se achar em verdade que se deve julgar. E nisto hey que, asy como faço muyto mais do que sã obriguado fazer, asy lhe faço a elle boa amizade e lhe guardo ho que elle a mym no que atee aguora pasou, e pr~icipalm~ete nesta carta de marca, fora muyta Rezão que me guardara; de que me eu folgarey de esquecer e de crer que foy por outras occupações lhe ter~e tyrado totallm~ete o poder se bem ~eformar do que pasava, vemdo que manda cõ tanta presteza de se fazer com quanta sem Rezão se pasou; e esta naao que veo das Amtilhas, e sobre que he esta difer~eça, saiba certo, e asy o achara ~e verdade como lho eu estprevy a dias por minha carta, de que tamb~e fora Rezão de ser lembrado, que não no mar larguo e comum, como as partes lhe diserõ, mas apeguado cõ meus portos e como ~e meu terrytorio, e caise a vista de minhas cidades, cosairos framçeses e ladrões de toda Roupa a tomarõ, e elles cõ ella, não por meu mãdado n~e com minha sabedoria, por algu~uas naaos, que por guarda d'estes mares e costa por caussa de grandes e conthynos Roubos que se nela faziã, cõ grande despesa, como eu custumo e era neçessario, tinha mãdados, forom achados e tomados com Roubos, não de h~ua sorte de mercadorias, mas de muy diversas e Roubadas a diversas pessoas e de diversas nações com que não tnhão guerra, ~e que emtrava fazenda minha e de meus criados conheçidas; que soom~ete esta prova abastava asaz, pera não aver duvida alguma algu~ua ser~e ellos cosairos e inimiguos com~us. Os quaaes, trazidos a terra, forõ demandados e ouvidos com a sua justiça, e convencidos e comv~ecidos e finallm~ete

semtemçeados e condenados a morte, semdo lhe gardadas todas as solenidades de direito [imteiram~ete](#). Os quaees aimda, por [ser~e](#) seus vasallos e por seu Respeito, Receberõ de mym todo bõo [tratam~eto](#) e bem contrario do que la diserão; e se lhe deu, para mayor justificaçom e a fym de lhe fazer bem, toda a delaçom que foy posyvell; no qual [t~epo](#) todos elles foram mantidos sempre a custa de minha fazemda. E posto que Onorato du Cais, seu [~ebaixador](#), [algu~uas](#) vezes me disese que os Framceses que nestes mares Roubavõ erão cosairos, e que o que fazião era contra sua vontade e serviço, e que não Receberya elle despreazer que, semdo ladroões, que como ladroões se castigassem, eu todavia, por Respeito seu, e por fazer tudo, e principalmente [principallm~ete pidindome](#) muyto seu [~ebaixador](#), lhos mãdey [~etregar](#); perdoando-lhes em [~ecima](#) toda a pena que polas leys e sentença mereciã; a qual foy dada por muytos boõs [hom~es](#) e milhores leterados de meu Reyno, de que eu confio toda a justiça d'elles e de meus povooos e estados. E [por~e](#), como diguo, em se tornar a ver e julgar, eu não ponho [nenh~ua](#) duvyda, nem elle a deve poer, em fazer o que lhe peço. E d'elle não ter tomado d'este neguocio, e do que se nelle avia e podia cõ direito fazer, verdadeira [~eformaçom](#), como era Rezão pois de tratava de tamanha novidade, em nossa amizade e antre nosos vassallos, como hesta, me he muy manifesta prova, deixando a cousa toda [~e](#)sy e a concessão da carta, que [craram~ete](#) o mostra, ver que sobre conthya que não acheguava a trinta mil ducados, quando a Joan Angoo pertemçera, se pasou a carta de dozentos e vimte myll. Que se vee que, asy como [~e](#) tudo se pasou a ordem e sem ordem se procedeo, asy nem [n~e soomet~e](#) quys saber quanto era o preço por que querya que se podesse perder nosa amizade. Que [verdadeirram~ete](#) soo quysa saber, por muy provado que fora, ser qua a sentença mal dada e eu dever este dinheiro, não posso eu d'elle crer, [n~e](#) de sua grandeza quanto mais de nossa amizade, que, por tam pequena cousa, elle deixara pasar [hu~ua](#) tamanha, do que outras tanto mayores se podem seguir; e eu espero que elle mandara fazer o que lhe asy por vos mãdo pidir. E se [por~e](#) no Revogarse de todo a carta, despois de niso lhe falardes, e lhe repircardes, e fizerdes toda instançia, virdes que nõ ha Remedio, e que lhe parece grave [fazello](#), em tall casso lhe direis, casy como de voso, que pois asy lhe parece, posto que eu hy não mãdara [pidirlhe](#) senão a totall Revogaçom do mall feyto, e ficava cõ muy firme esperança de ele a não dever de neguar, como era Resão que se não neguase, que ao menos queira mandar sobre-estar na execuçom d'ella e desfazer a obra feyta por ella, atee se ver a justiça das partes outra vez, pois eu são contemte que se veja. Porque, caso que a carta se deve dar, semdo mall julgado caa como eles dizem, que ao menos o [verse](#) se foy [b~e](#) julgado ou mall não pode deixar de ser Rezão ver-se e [verse e julgarse](#) primeiro que dar a carta; por que forte cousa serya [darse](#) a carta por [dizer~e](#) la os que a pedem, - que não sam de crer, - que caa lhe não fazerõ justiça, e ysto [crerse](#) lhe sem ordem de justiça, [n~e](#) sem se [ver~e](#) os processos e tudo o mais que pera a crareza desto he Rezão e direyto que se veja. E [parec~edovos](#) que se da a largua no neguoço, por que ele he da calidade que vedes e não sofre [nenh~ua](#) delaçom, vos o direis asy a elRey, e que olhe que nestes neguoçoos, e em cousas de Represareas e de ladroões que com cor d'ellas se mesturão, em [h~ua](#) soo ora se faz o que em muytos annos se nõ pode [~em~edar](#). E pois sabe de quam pequenos principios se acendem gramdes foguos, não queira que nisto aja mais neguoço, por que vos não his a outra [nenh~ua](#) cousa senão a esta; e que por este Respeito, e por eu nõ querer cõ elle deixar passar [nenh~uu](#) pomto d'amizade em quanto eu poder e elle quyser, posto que com Rezão e causa o podera fazer, eu não quys mãdar tocar em nada a seus vasallos que nestes Reynos vivem, e tratam, e tem fazemdas, e oje em dia estam como estavõ ante d'esta sem Rezão. E trabalhay quanto poderdes por que vos Responda conforme ao que peço; e de qualquer d'estas duas maneyras que conceder, tirareis loguo os despachos, e fareys toda a diligemçia na pobricaçom e execuçom d'elles, asy ahy como [~e](#) todos os lugares que compryr. E mãdareis a yso as pessoas ou correos que vos [parecer~e](#) neçesarios, e cõ toda a diligemçia que virdes que compre, asy por terra como por mar; e se comprir, pera aviso das Ilhas ou pera os Framceses que ja [for~e](#) no maar se [tornar~e](#), mamdar navio que não vaa a outra cousa, o mãdareys; e [~e](#) soma fareis acerca d'iso todo o que mais for necesario. Se vos respomder o que me [diz~e](#) que se Respondeo aos mercadores que se lhe d'esta carta queixarão, que ele não pode neguar justiça, e que seus letrados a fizerão, e que posto que lhe muyto d'iso pese, que he Rey e que não pode neguar o que [justam~ete](#) lhe pedem, a ysto direis que vos parece que he asaz Respondido no que lhe tendes dito, e que justiça eu ha mãdey fazer, e que a de lla o nõ pode ser sem primeiro se provar que a de caa o não foy; o que elle não ha de julgar loguo, polo que lhe as partes a que toqua o neguoceo [diz~e](#), que çerto esta, que não hã de dizer senão o que lhes compre, e que ystimão mais seu proprio e particular imterese que [faler~e](#) lhe verdade; [n~e](#) deve de dar mais credeto a [nenh~ua](#) pessoa particular, que todas tem diversas paixões e Respeitos, mais que á setença, dada em minha corte e por meus

letrados, e aos processos de todo o que passou e se fez, que estão vivos e se pod~e ver e por elles ver quã sem Rezão foram avidos por injustos; asy que atee se ver ysto, se se fez como devia e como verdadeiram~ete se fez, la não se podia, n~e pode, fazer o que se faz; que asaz abasta pera elle ver quanto eu estimo sua amizade e, pola conservar, quantas mais cousas faço das a que som obrigado, querer que ho feyto por direyto o não seja, e que não deve elle querer que o que sem direyto se fez fique feyto. E porque o ~eperador, meu muyto amado e prezado irmão, se ofereceu a dom Pedro Mazcarenhas, que lhe d'este neguoço deu conta, a fazer nelle todo o que podese, e estprever a elRey de Framça, e eu tenho aceytado seu ofreçim~eto, e espero que elle nisso faça o que deve, e eu d'elle confyo, lhe tenho sobre yso esprito e dado conta do que por vos mândo dizer a elRey; e a dô Pedro ysso mesmo estprevy. Se, ao t~epo que vos chegardes á corte de Framça, ja ahy for o recado ou pessoa do emperador, meu irmão, pera emtemder neste neguocio, vos sabereis da tall pessoa a comissão que tem, e em que forma he, e se vos parecer que vem ~e tall forma que possa aproveitar; e semdo asy, como o espero, lhe dareis parte de todo o que vos mamdo que façaes; e com elle juntam~ete vos aconselhareis do que mais deveis de fazer, sem, por~e, cõ a tall pessoa n~uca vos abryrdes a que eu vos mando outra nenhu~ua cousa senão tiverdes delRey o despacho que lhe mândo pidir, que cuydo que se vos não ha de neguar, e que eu estou ~e sobre este neguoço muy imteiram~ete fazer todo o que devo a meu Reyno e vassalos, e o que a sem Rezão da cousa mereçe. E trabalhareis muyto yso mesmo por saberdes muy ymteiram~ete todo o que ele faz, e na forma ~e que ho faz, e quã vivam~ete, e se vos diz todo o que faz e se lhe Responde, e se ao que Responder~e tem comisam de loguo Repricar, e em que forma; por que compre asy, pera saberdes o que nele e em seu neguoço eu devo esperar, e pera de tudo avisardes dom Pedro Mazcarenhas loguo, que tambem compre a meu serviço saber tudo muyto pelo meudo. E vos de tudo o que achardes loguo ~e chegamdo, asy nisto como ~e elRey, despois de lhe falardes, me avisay por correo secretam~ete e com toda posyvell delig~eçia, sem por isso, por~e, deixardes de fazer nada do que vos aquy mando, n~e de seguir a ordem que vos nesta ynstrução dou. E despois de terdes dito e Repricado todo o que vos mamdo, e vos mais parecer que compre por alg~uu novo caso ou Reposta delRey, que se não pode adivinhar, não sayndo, por~e, nada d'esta tençom e sent~ença, n~e dando ocasiom que vos Responda cousa a que vos seja neçesareo Responder mais aspero do que vos vay apontado, se todavia elRey nã quyser mândar corrigir estas Represareas, e sua Reposta for sem efeyto, ou de se desfazer~e de todo, ou de se nellas sobre estar atee se o caso tornar a ver por justiça; e despois de vos h~ua ou duas vezes a tall Reposta não terdes Recebida, dizemdo que a não aveis aimda por Reposta, e esperaraes, e lhe pedires muyto por merçe que o queira melhor cuydar, e lembrarse do que lhe tendes dito de minha parte, e de quantos males de o não olhar asy se podem seguir, de que a mym pesara muyto, mais d'elles serey muí sem culpa, se por deradeiro vos Resolver que o não quer, ou o não pode fazer, vos lhe direis que esta Reposta he tam fora da que eu d'ele esperava e tam nova, que, como tall, não se cuydou nella, n~e vos, posto que a outra coussa nã hyeis, se não a este soo neguoço de que levaveys firme esperança que haveria outra concrusão, e esta sabeis que me fiquava a mym, vos como de coussa que se não cuydou, n~em podia cuydar, me quereys avisar pera saberdes o que vos mando que mais façaes. E como de voso lhe direis, que vos todavia lhe pidys muyto por merce, que queira melhor cuydar aynda neste neguoço, que, fazendo o elle, vos não podeis deixar de crer que a Reposta não aja de ser outra, antes que vos eu mande que vos vades; e que vos asy o desejaes muyto. E loguo me despachareis outro correo cõ toda deligemçia, fazemdome saber o que passa e todo ho mais que vos parecer que compre a meu serviço e a b~e do neguoço eu saber, pera eu vos mândar vir naquela maneira, e fazer o que mais ouver por meu serviço. Atee não tornar a Reposta d'este derradeiro correo que vos mândo que despacheis, não yreis mais ao paço, n~e appareceres em nenh~u lugar pubrico em que possa aver festa n~e necessidade de terdes lugar de embaixador, e estareis o mais que poderdes em vosa cassa, onde, a qu~e vos vier fallar, cõ a mais gravidade que seja vos posyvell, e mostramdo vos do geyto que a calidade do descont~etam~eto Requere, n~e falareys senão o mesmo que vos seja posyvell; e de tudo direys muyto pouco, e a elles dareis Rezão de cuydar~e muyto. E sendo vos apomtado, ou amigavelm~ete por alguu meu servidor, ou por tirar de vos por alguns Framçeses, do que credes que eu farey, encolher-vos-eis ~ecolhervosheys ~e vosas palavras de maneira e diser tam poucas que tenham ~etendim~eto craro, n~e que mostr~e saberdes nada do que eu hey de fazer, que ho vosso calar e não declarar nada lhes pareça mayor misterio. Porque, asy como eu hey de fazer o que devo ymteiram~ete, e este neguocio não espero do deixar pasar sem ymteiram~ete comprir o que compre a meu serviço, e segurãça e defensã de meus vasallos, e navegaçõ, e ysto cõ todo efeyto que dever, asy hey por melhor modo nas palavras,

atee as obras se [ver~e](#), terdes toda temperança. E o mais que podereys dizer, se vos tall perguntar pessoa a que devais de Responder, sera que ho não sabeis, mas que sabeis certo que farey o que devo muy [imteyram~ete](#), posto que, sendo tão tarde, não pode ser senão menos do que a [s~e](#) Rezão mereçe. A as pessoas pera quem levasse minhas cartas de crença, lhas dareys; e depois que falardes a elRey, lhas falareis conforme ao que aquy vos mado que diguais. [Pareç~edo](#) vos que compre, por que sendo tall a resposta delRey, que tenhaes certeza ou esperança de bõ despacho, emtã bastara dizerdes lhe muytas menos cousas e mudar o mais da justiça em [~e contentam~eto](#) do que em elRey achaes, tocando lhe, [por~e](#), [brevem~ete](#) ou como virdes que compre, as forças de todo o que vos madey que diseses a elRey, e quanto este neguocio me desaprouve, e quantos [incomven~etes](#) e escandollos se d'ele poderaom seguir, se se não Remedeara, pedymdo lhes que queirão nisto, e em tudo o mais que se ao diãte oferecer, fazer sempre o que eu de cada [h~u](#) d'elles espero, cõ mais ou menos palavras segundo a calidade da pessoa que for. Esta deferença vos a conheçereis e sabereis mui [b~e](#) fazer, no modo que se deve e que eu seja de vos mui [b~e](#) servido. Sprita [~e](#) Mõte Moor o Novo, a XXIII de abril, Andre Pirez a fez, de 1531. J. Rey. [Bp.](#) de V. Instrucom per dõ Antonio d'Ataide. (And on cover) Instrução principal.

DOM ANTONIO, amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Duarte Coelho me dise a muyto bõa vomtade e obras que achara no duque de Nemurs, irmão do duque de Saboya, meu muyto amado e preçado irmão, pera as cousas de meu serviço, e muyto bõo fora tardes levado carta para elle. E porem, pois a nam levastees, aguora volla mando na forma que a mamdaeis pedyr. [Darlhaeis](#), e conforme a ella lhe dires todas as boas palavras que vos mais parecerem que servem, pera elle ver que eu sey o que elle tem feito, e que sua vomtade e pessoa ystimo muyto, de que terey sempre aquella lembrança que he Rezãa pera tudo o que lhe de mim cumprir, como o elle mereçe e segundo o amor e bõa vomtade que lhe eu tenho; que aleem da Rezam que pera ysso ha, por ser irmão do duque meu irmão, [pollas](#) grandes calidades de sua pessoa e pelo que d'elle conheço pera minhas cousas, he muyto grande e o mais que lhe vos saberes muy bem dizer. E se vos parecese que, por lhe nam terdes carta loguo quando fostes, nelle conheçies allguu descontamento, day a isto a melhor desculpa que poderdes; que pode ser nã se saber á vossa partida, que foy muy depresa, que elle estava ahy, ou outra se lla se vos oferecer mais conveniente; e trabalhay por lhe desfazer qualquer nuvem que d'isso nelle posaaes conhecer. O Doutor Guaspar Vaaz vos mostrara seu Regimento, que todo vay Remetido a vos; e vos sabees muy beem a maneira em que nas cousas e com elle vos aveis de aver, pera suas letras e serviços ser mais proveitoso, e elle servir com mais contentamento, nam [soom~ete](#) do neguocio, mas de vos. Por ysso nam ha que vos nisso mais dizer por aguora. Nam me pareço sobejo saberdes que Duarte Coelho me disse tanbeem que quando andava a pratica primeira dos outros neguocios per diferenças, e que se ffallava [~e](#) se poherem [~e](#) juices arbitros, que foy apõtado na terra do duque de Saboya, que quanto ao lugar, me nam parece inconveniente pelas [Rezoe~es](#) que tem com ambas [ambollas](#) partes. Sera ysto soamente pera lembrança vossa, e por que tudo he beem que saibaeis. Bartollameu Fernandez a fez [~e](#) Monte Moor o Novo, a cinco dias de maio, 1531. J. Rey. Pera dõ Antonio. [BpoV.](#) (On Reverse Side) Por ElRey. A dõ Antonio d'Ataide do seu cõselho, seu veador da [faz~eda](#), e seu [~ebaixador](#) na corte de França. Bispo [Bpo V.](#)

DOM ANTONIO, amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Aquy se diz, e nam porem per via [nenhuã](#) certa nem autentica, que Martim Affonso de Sousa topou com [algu~us](#) naos françesas carregadas de brasill, e que as tomou. E porem, porque ysto Martim mo nam estcreve, nem d'iso sey mais que dizer senam ho tenho por certo, e todavia me pareço necesario, por que la pode yr teer a mesma nova, darvos aviso d'iso, pera que se vos niso apontar [algu~e](#), e laa se dizer ysto mesmo, que vos digaees que ho nam creedes, porque, se asy fose, que volo escreveria, e que eu nam vos tenho mandado tal nova. E como pesoa veria, e que eu nam vos tenho mandado tal nova. E como pesoa que totalmente avees esta por falsa, Responderes a quem vos niso falar, sem vyr a outra Rezam em quanto la na mateira, senam falar senam como ynçerta. E porem, se apertarem mais com vosco, e a nova for la por outra via e a teverem por certa, e diso [fazer~e](#) caso, vos todavia dires que ho nam creedes, nem vos

pareçe que, sendo asy, eu podera leixar de o saber e de vollo escrever. E tambem que vos nã credes que Fframçeses fosem àquelas partes; e, porem, se algu~ua cousa foy, que poderia muy b~e ser que os Framçeses fariam o que nam devyam em algu~ua de minhas ffeitorias que eu laa tenho muytas; ou tambem elles seriam os acometedores, como se acontee; e que por certo tendes que Martym Affonso, nem meus capita~ees, nam aviam de fazer nenhu~ua cousa senam cõ muyta Rezam e de que posam dar bõa conta a todo tempo e lugar; e que vos sabees muy b~e quam apertadas levam as comissões todas minhas armadas e capita~ees que pelo mundo navegam, pera nunca poderem errar, guardãdo o que lhe por m~y he mandado. E que asy como ysto tendes por certo, asy nam duvidaees nada, que, se eles algu~ua cousa fezerã como nam deviam, e pasaram meu mandado, que sabendo eu quem errou, nam pasara sem castigo; mas que por cima de tudo vos nam pareçe que pode ser verdade, e se o for, que ha de ser muyto diferente do que dizem, e meus capitães e gentes muy sem culpa. E como acima vay apontado, podes tocar ~e camanho trato e quantas casas de feitorias eu tenho ~e todos aqueles mares, como em partes muy proprias minhas, e que de tantos tempos atras foram achadas, ganhadas, e pesuydas por m~y e por a coroa d'estes Reinos; onde ha tambem muyta fazemda minha e muyta guarda asy do mar como da terra, como he Rezã que aja, e que nam he maravilha quem d'estes lugares e guardas e tratos teem o cuydado, nam querer consentir nenhu~ua torvaçam neles. E tudo ysto porem direis e apontares aos tempos, e nos lugares, e com as pesoas que vos parecer conveniente, mais e menos segundo vos niso falarem, e segundo o caso tambem que vos d'iso fezerem mais ou menos grave; que eu confio que vos muy bem saberes fazer e dizer, e todas estas diferenças e emsejos saberes muy b~e guardar. E por yso nesta carta nam he necesario vos dizer mais. Jorge Roiz a fez, em Montemor o Novo, a XVII de mayo, 1531. J. Rey. Bispo BpoV. Pera dõ Antonio d'Atayde (On Reverse Side) Por ElRey. A dõ Antonio d'Ataide, se veedor da faz~eda, do seu cõselho, e seu embaxador na corte de França. DelRey, nosso senhor, e veo polo correo que chegou a vymte sete de mayo.

DOM AMTONIO, amiguo. Eu elRey, vos envio muito saudar. Receby sete cartas vosas de XXBi e de XXIX e de deradeiro de maio pasado, as seis d'elas spritas por vosa mão, e em h~uuu d'elas alg~uuas partes em çifra, e a outra por Manuel de Moura; e por elas me destes conta de todo o que atee entã tinheis feito e pasado, e asy compridam~ete que Receby cõ iso muito prazer. E vos gradeço muyto de asy particulamente me dardes de tudo Rezam, e espero em Noso Senhor que por o bõ cuidado que sey que avees de ter de me servir, se faça o neguocio a todo meu contentam~eto. E por bem certo ey que que nam ha de ficar por mingoa de voso bõ cuidado e deligencia. E a estas cartas nom ha aguora necessidade d'outra Reposta. Cõ o que me espreverdes do que vos Respondeo elRey de França, e do caminho que leva o neguocio, vos Responderey o que ouver por meu servico que façaes. Eu ouve Recado do emperador, meu muito amado e preçado irmão, a quem mamdey falar por dom Pedro Mascarenhas, meu embaixador, no mesmo neguocio que ele enviava falar a elRey de França nelle, por pesoa sua que diz que he h~uu monseor de Corvorão, pesoa a elle aceita e d'autoridade, ao que mandou que no que ouvese de falar a elRey pela istruçam que leva (de que me enviou o trelado, que me pareceo muy bem), e em todo o que niso ouvese de fazer, se conformase con vosquo; e creio que dõ Pedro vos avisaria diso. Pareceome bem escrever-lhe espreverlhe h~uuu carta, que pera ele vos envio, de que cõ esta vay o trelado; vede, e se vos parecer b~e e meu serviço dar lha, dailha, e se nam, nã lha dees; e lhe dizee as palavras da mesma carta, naquele tempo e na maneira que vos bem parecer, e dizemdolhe como eu vos mandey que lhas discesseys; e do que ele fizer, e cõ que instancia, me avisares, e asy se vos pareçe que aproveitou ou aproveitara sua yda. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, ~e Evora, a Xbi de Junho, de 1531. E quãto ao neguocio do piloto Pançado, eu vos responderey o que niso ey por meu serviço, que se fara pollo om~e que mandou Gaspar Palha, como creio que elle volo dyrya. Tambem ouve duas cartas vosas feitas em Mocata a vi dias de mayo, polas quaes me destes conta do que pasastes na corte da ~eperatriz, e me preguntaveys algu~uas cousas que nelas dises; e assy vy outras que sprevesteis ao conde do Vemioso; e a tudo vos Responderey com o primeiro recado vosso que vyer. Rey. Reposta a dõ Antonio (On Reverse Side) Por elRey. J. A dom Amtonio d'Atayde, veedor de sua fazemda, do seu conselho, e seu embaixador, etc. J.

DOM AMTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Eu sprevo a Gaspar Palha, que ey por

muito meu serviço o concerto que fez cõ Leon Pançado, e lhe mando que elle vaa a Salona comprir com elle ao tempo que se obrigou, e como he conteudo no concerto que com elle fez, e na maneira que veres pela carta que lhe sprevo, que vos elle mostrara. E vos emcomendo que, alem do que lhe esprevo do contentamento que d'iso Receby, lhe diguaes de minha parte que me ey d'elle por b~e servido niso, e o fazer loguo partyr, per hyr a tempo dividido, e nom pasar aquelle a que se obrigou de cõ ele comprir. E porque, na carta que lhe sprevo, lhe declaro a maneira que niso tenha se de saber de sua soficiencia se he tal como elle diz, e tambem dos fiadores que ha de tomar pera se cobrarem os mil e seiscentos ducados, nom comprindo elle, e a mais pena a que se obrigue, nam comprindo, como tudo veres pela dita carta. Se, alem do que por ella lhe mando, vos parecer la que ele deve fazer por meu serviço, asy pera a seguridade de se haverem e aver~e e cobrar~e os ditos mil e seiscentos cruzados, como pera qual quer outra cousa que vos la pareça que se deve fazer por meu serviço, dizelhe de minha parte o que vos parecer que mais deve fazer; por que eu lhe esprevo que faça e cumpra niso o que de mynha parte lhe mandardes. Iteem: por que eu folguaria de Leon Pançado se vyr pera meus Reinos, por maior seguridade do que compre a meu serviço, mando a Gaspar Palha h~uu meu alvara de seguro e perdam, como por elle veres, pera lhe dar, querendose elle vyr; porque nõ se querendo vyr, nam lho dara. Vos spreve a Leon Pançado que sabees que eu Receby muyto contentam~eto de seu concerto, e que o Receberey muyto maior de sua vinda pera meus Reynos, onde sempre Reçebera de m~i merce e favor como seja Rezam e de maneira que cõ Rezam elle deva ser contente; e trabalhay cõ elle por vosas cartas e Recados por que venha, porque averey d'isto muyto prazer. Iteem: Isto que mando a Gaspar Palha, que faça neste caso de Leon Pançado, he depois que vy a carta que me sprevestes do caso que la lhe aconteceo; e nõ quis que por iso se torvase fazer elle aquele caminho e o que lhe mado que faça. E por~e nam saiba elle que eu o tenho sabido; e vos trabalhay de fazer o que me sprevestes, vivendo aquela pessoa que ele ferio; porque asy folgarey de o fazerdes. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, ~e Evora, a XXBii dias de Junho de 1531. J. E se vos parecer necesario dardes alg~uuu despesa a Gaspar Palha pera este caminho, daylhe aquela que vos bem parecer. Rey. A dõ Amtonio d'Ataide, sobre o negocio de Leon Pãçado, a que ha d'yr Gaspar Palha. (On Reverse Side) Por elRey A dom Antonio d'Ataide, veeador de sua fazenda, do seu conselho, e seu embaixador, etc. J.

DOM ANTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me sprevestes, feita a biii dias de Junho, perla qual me deste comprida conta de todo o que atee entã tinheis pasado nos neguocios a que vos ~eviey. E ouve muyto prazer de asy particularm~ete mãdardes, e a carta veio muy beem sprita, e Receby eu d'iso muito contentamento. Mas por certo ey que ainda melhor me servistes, e volo gradeço muyto; e quem com tanto amor niso e em tudo me ha de servir, como sey aguora e sempre o avees de fazer, nom o pode fazer menos. E ao d'esta carta e aquelles tres pontos d'ela que me apontastes, se todos tres ou alg~uu d'eles vos fose movido, vos nom Respondy loguo minha detriminaçã, por esperar que viesse loguo apos esta a repota final, e de bõa esperança, que por deradeiro vos disseram no conselho delRey de França, que vos seria loguo dada, e dentro ~e quatro dias. Porque cõ esta Resposta final me pareceo que vos poderia melhor e mais detriminadamente Responder, asy acerca d'aqueles pontos como no de vosa vinda. E por tanto tardar, que cuidey que nã podese seer, porque vossa carta foy feita a oito dias de Junho, e oge sam sete de Julho, me pareceo que vos devia Responder a vosas cartas e nom esperar mais, ainda que me parece que este coreo deve topar voso Recado no caminho e muy perto d'aquy. E o que me pareceo que vos devia Responder he que, por a causa que diguo, vos nõ Respondy loguo; e encom~edarvos muito, como emcom~edo, que, se pela ventura nõ soes ainda Respondido, como vos disserã os do conselho que o fariam, solicites que vos Respondã loguo pelos milhores meios que vos poderdes, e de modo que n~e a elRey n~e aos do conselho cõ Rezam posa seguir escandalo; proseguindo e fazendo sempre o que levastes por minha Istruçã, s~e vos apartardes do que por ela vos mandey que fizeseis. E nõ tendo ainda avido Reposta, e parecendovos que se vos dilata, ou se por la ventura pasastes outra pratica cõ elRey ou cõ os de seu conselho, por que vos pareça que eles sam mudados do que vos disseram por deradeiro, de qualquer d'estas e de toda outra cousa que sentirdes e vos parecer do negoço e do caminho que la quer~e levar, me sprevee muyto particularm~ete, e me ~ebia vosas cartas na maior diligencia que for posivel. Por que, loguo asy apresada ~e toda diligencia, vos Responderey, asy acerca d'aqueles tres pontos que me sprevestes, como a quaesquer outros que vos fos~e lançados ou movidos, e asy a todos

mais que me spreverdes, e [determinadam~ete](#), e o que ey por meu serviço que façaes [~e](#) vosa vinda, na qual me parece o que a vos, se o negocio se for dilatando. E por que dizies que soubereis que Joham Ango era partido pera esa corte, [spreveme](#) se foy la, e a que e o que e o que cõ elle se pasou. Asy mesmo me sprevee o que mais pasastes sobre o negocio cõ a Rainha, minha madre, e o que ela niso mais ffez. E saio d'aquela bõa esperança que vos deu. E asy toda outra cousa de que vos pareça que me debes avisar, e voso parecer [~e](#) tudo, que muyto ffolgarey de veer. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez [~e](#) Evora, a sete dias de Julho, de 1531. J. Rey. Resposta a dõ Antonio das cartas que trouxe Luis Affonso. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, de seu conselho, veador de sua fazenda, e sua [~ebaixador](#). J.

DOM ANTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me sprevestes de nove dias do mes de Junho pasado, sobre o caso que aqueceo a Gaspar Palha, e [desprouveme](#) d'iso por aquecer no luguar em que me dise Luis Afonso, e pelo [descontam~eto](#) que por iso Recevestes; mas pela booa emformaçã que d'ele tinheys de como tinha la [b~e](#) servido, e tinha abilidade pera la me poder bem servyr, averey prazer que, se viveo o ferido, trabalhes por os fazerdes amigos, e de elle ficar desembaraçado do caso pera depois de sua vinda de Genoa, onde ha de hyr asentar de todo o negocio de Leon Pançado. Como vos sprevy por micer Pedro, pode ele ficar com o doutor Gaspar Vaaz, pois vos parece que avera necessidade de seu serviço, se eu lhe mandar e ouver por meu serviço de ele la ficar cõ o doutor. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, em Evora, a sete dias de Julho de 1531. J. Rey. Resposta a dõ Antonio d'Ataide sobre o caso de Gaspar Palha. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide do seu conselho, veador de sua fazenda, e seu [~ebaixador](#). J.

DOM ANTONIO, amiguo. Eu elRey, vos envio muito saudar. Vy as cartas que me sprevestes por Mexia, feitas a XXIX e a XXX do mes de Junho pasado; e elle chegou a [m~y](#), domingo que foram IX dias d'este mes de Julho, e fez bõa diligencia. E asy vi a resposta que vos deram os do conselho delRey e o que a ela respondestes. E asy vy todas as outras cartas, e tambem a que cõ ellas veeo de dom Pedro Mazcarenhas, cõ que vos vistes. E antes d'estas tinha vistas as que trouxe Luis Afonso, a que vos nom Respondy loguo, por que dizeis que dentro em quatro dias esperaveis Reposta, [parecendome](#) que nõ podia tardar voso Recado, e que, visto por elle o que pasava, vos poderia Responder mais conforme a meu serviço e a todas as cousas que me apontaveis. E depois que vy que tardava tanto, vos quis Responder, e o tinha feito quando Mexia chegou, como veres por minhas cartas que vos tambem agora mãdo, E de tudo o que me tendes sprito que la fizestes e tenho muito contentamento, e asy de mo fazerdes saber tam [particularm~ete](#), como compre a meu serviço. E de o vos asy fazerdes, o tinha por muy certo, pela grande confiança que de vos tenho pera em tudo me [b~e](#) servirdes. E o que me dizes que vos parece que se deve fazer no negocio, e asy de como cõpre a meu serviço vos virdes, me parece tudo muito beem, vendo a maneira que se la teem em vos Responder, e cam difirente he da Rezam e fundamento cõ que vos mandey, e vendo tambem como lhe Respondestes á Resposta que vos deram por sprito; e as Rezões tam bõas e evidentes de que nom querem conhecer; dhonde estaa claro que vosa estada nam pode aproveitar, antes danaria, vendo que se Requeria por vos o negocio nos termos [~e](#) que ele pode ficar. Mas como vos eu quis mandar, cõ o desejo e bõa vontade que tenho pera todas minhas cousas virem em concordia cõ os Reis Christãos, e pela muita amizade que tenho amostrado a elRey de França e procurey [s~epre](#) cõ elle, como o mundo o sabe, ey por beem que todo o que se poder fazer pera este efeito se faça, sem por minha parte ficar cousa [alg~uua](#). E por tanto se, depois de me spreverdes, elRey vos tem Respondido em [alg~uua](#) maneira de que posaes lançar mão, ou negocio por qualquer via deer de sy cousa [~e](#) que vos pareça que podes aproveitar, asy como se fose [alg~uu](#) concerto cõ Joham Ango, ou [dizervos](#) o Gram Mestre que elRey estava [~e](#) vos Responder d'outra maneira melhor, ou qualquer outra cousa que vos pareça de meu serviço, entam averey por [b~e](#) de sobre serdes em vos vinda [~equanto](#) o caso vos parecer que o daa, de maneira que, por vos virdes [h~uu](#) pouco antes, nã posa parecer que se perdeo do que se podia fazer de meu serviço, como confio de vos que o farees. [Soom~ete](#) volo diguo por que [mandadovos](#)

detriminadamente que vos venhaes, vos nom posese em duvida. E avendo de sobreseer ~e vossa vinda, me avisares compridamente da causa ou causas que tevestes pero o fazer, e de todo o mais que sobcedeo e for necesario de me avisardes pera vos mandar o que ouver por meu serviço. E nam avendo á chegada d'esta carta nenh~uua cousa melhor do que me sprevestes, pera sobreserdes ~e vosa vinda como diguo, todavia primeiro que diguaes e ningu~e que vos avees de vyr, ey por bem e meu serviço que fales a elRey, pera asentardes se, cõ o que lhe diserdes, podes aproveitar. E dirlhees, como de voso, que eu vos enviey a ele sobre esta carta de marca que pasou a Joham Ango, pelo muito amor que sempre lhe tive e mostrey ~e todas as cousas de que elle deve ser lenbrado, querendolhe mostrar por vos quanto me pesava de poder aveer cousa antre nos de que se seguis~e descontentamentos, e parecendome que asy o tomaria, e vos ouviria e folguaria de se aveer cõ vosquo, como cõ pessoa que lhe eu mandava pera lhe muito b~e poder dizer o muito amor que lhe tenho, e a qu~e ele o devia folguar d'ouvir e darlhe credito; porque semelhantes casos como estes d'estas cartas de marca, ainda que sejam pequenos, e antre Reis muy amigos e irmãos, soem de trazer consigo outros efeitos de descontentam~etos de que muitas vezes se os Reis nom podem escusar, ainda que muito d'iso lhe despraza; e que vos segundo a bõoa vontade cõ que vos enviey a ele, e tençã e fundam~eto cõ que vos mamdey, beem vistes que ele volo nõ aderenço da maneira que vos devies de esperar e sabies que eu esperaria que se fizesse. E porem, esperando que no fim se emm~edase tudo, por desejardes muito o contentam~eto dantre nos, quistes falar nisto da maneira que ele o ordenou, por que nam ficase nada de vosa parte por fazer; por que certo vos nom hyes senam a lhe Representar aquelas cousas que de minha parte lhe disestes, confiando que elle folguaria de fazer o que por vos lhe enviey Requerer, ou vos Responderia logo, pera cõ iso vos virdes; por que, para tratar isto d'outra maneira, avia leterados que o poderiam b~e Requerer, como he o doutor Gaspar Vaaz, meu embaixador, que pera o Requerer por via ordinaria podia b~e abastar, e o saberia b~e fazer. E dirlhees que lhe pedys por merce que ele queira olhar o que lhe dizees que atee aguora lhe nõ diseste; e se o quer veer por sy, o que lhe peço, como he obrigado a minha amizade e a quãto pela sua sempre procurey, que o faça e o nõ queira cometer a seu conselho; pois o elle ha de entender melhor que todos. E ainda que os do seu conselho sejam taeas pessoas, que muitas vezes nos pareceres dos hom~ees ha enganoso; e os Reis, asy como estam ~e luguar de Deus, e teem todos as cousas por muy pequenas ~e Repeito do que dev~e a Deus e a suas honrras, nom se cegam, nelas. E querendovos ouvir, cõ minhas Rezões, pera por sy determinar se sam boõas, veera loguo muy claro cã justificadas e Rezoadas sam. E que deve olhar quanta Rezã seria que elle folguase muito de me comprazer, quanto mais guardar inteiramente justiça, pois lhe nom Requeiro outra cousa. E que, se aos do seu conselho pareceo que cõ justiça concediã esta carta de marca, visto he que sera mao de fazer mudar~ese do que ja lhe tem parecido. E vendo elle por sy Rezões d'ambas as partes, o podera loguo muy b~e julgar, que vos fara grande merçe em o querer veer e por sy vos Responder, e querer que h~uu neguocio, tam particular como deve ser este meu ante elle, se veja a detremine por elle, e nõ queira de todo a cometer a seu conselho, e que pareça que elle nom toma d'iso mais ~eformaçã que a que o mesmo conselho lhe daa. E querendovos ouvir cõ os do seu conselho, folguares muito, por que asy vos aprovera de ser perante elle o que cõ eles pesastes. E tamb~e, quãdo se ouvese de falar do direito, poderia ouvir Gaspar Vãz cõ os letrados do seu conselho; por que, ainda que ele nõ seja letrado, a sua Rezam he melhor que a dos letrados, e veera muy craramente quaes d'eles sam os que diz~e beem, sem lhe dizerdes nenh~u~ua cousa de vosa partida. E quando vos Respondese que o queria veer, e vos ouviria, ou qualquer outra boa Reposta, lançares mão d'ela, pedindolhe que seja loguo; e esperares o que socede, e mo spreveres ~e diligência e compridamente. E porem, se despois que vos dizer que o fara, o nom fizer, ou virdes que o dilata e nõ o quer fazer, lhe dires que vos parece ja pouco necessaria la vosa estada, e vos vindes a me dar conta do que la pasastes, e que fica o doutor Gaspar Vaaz, meu ~ebaixador, que a ele podera Responder ou mandar o que niso ouver por seu serviço. E asy mesmo, quando lhe acabardes de falar como acima diguo, e vos nõ deer alg~u~ua palavra de melhor esperança, lhe dires loguo que vos vindes, e que fica o dito doutor, que a ele podera Responder ou mandar o que for seu serviço. Iteem: por que sabes quanto me desprezeria das cousas que ~e semelhantes casos soem de sobceder, por ser antre os meus vasalos e os seus, e todos os outros inconveni~etes que se podem seguir, averey por meu serviço que vos vejaes muy secretamente se podes ter alg~u~ua maneira de concerto cõ Joham Ango, pera que elle se aja por satisfeito, e diga que o he, e aja por iso o que for beem. Por que averey por muito melhor ser asy, que ser este concerto por mão do almirante, nem pubricam~ete; por que, ainda que pareça que Joham Ango dira que o cometem, pode se neguar, e as

cousas escondidas nom se t~e geralmente por certas; o que nam pode ser no que pelas partes se confesa. E por que vos vedes que no modo de o falar e neguociar se podera aproveitar ou perder muito dinheiro, folguaria de seer tentado por vos asy secretam~ete, e buscares desimulaçam pera falar a Joham Ango; ou se vos parecer que sera melhor fallarlhe antes de falardes a elRey, fazee o que vos melhor parecer. E porem, parecendovos que se fara tanbem sem vos, o leixares a Gaspar Vaaz que o cometa e faça asy ~e grãde segredo, e de maneira que vos o aveis de fazer. E aves d'olhar se a vosa partida sera causa de mais livremente Joham Ango poder usar de sua marca, ou se emfreada mais, parecendo que vos mandey v~yr, descontente da reposta; por que segundo oque d'isto vos la parecer, avees de veer se sera melhor falardes vos a Joham Ango prymeiro que partaes, ou leixardes a Gaspar Vaaz. E este concerto fares de modo que nele se entendã todos os que t~e parte na sentença, e que isto segure Joham Ango de modo que nam aja niso duvida n~e debate ao diante. E Corvarão, o embaixador do emperador, me parece que sera muy bõõ ficar hy, Requer~edo despois de vos virdes; e ainda ha muita rezã pera ser asy, que pois o mandou cõ tam boõa vontade, deve de querer veer por deradeiro o que pode aproveitar. E eu lhe mando niso falar por dom Pedro Mazcarenhas, como veres pelo tratado da carta que lhe sprevo, que cõ esta vos ~evio. E por~e eu ey por meu serviço que vos ao dito Corvarão nam fales niso, por se nõ saber hy que por m~y se move a ficada sua, mas que soom~ete veem pelo ~eperador. E quando vos ouverdes de v~yr, sprevee a dõ Pedro como vos vindes, e tudo que pasastes, pera dizer ao ~eperador; porque ~etam mando a dom Pedro que lhe fale, como veres pelo trelado da dita carta que lhe sprevo. It~e~e ao doutor Gaspar Vaaz sprevo o que por sua carta veres, avendovos loguo de v~yr, e darlhees conta de tudo, e praticares cõ elle primeiro de vosa partida o que vos parecer meu serviço que elle faça; e as cousas de sustancia sera beem que se asent~e por sprite, e as traguaes, pera por elas saber o que lhe fica pera fazer, atee aveer meu Recado; e nã fara cousa alg~u~ua, senam as que cõ ele asentardes, n~e das outras que levava pera fazer, atee aveer meu Recado. E ao emperador sera bem que sprevaes como eu vos mamdey v~yr, e que dom Pedro lhe dira o que he feito, e tudo o que pasou, e lho spreveres como atras fica ja dito. E se mãda de vos alg~u~u serviço ou alg~u~u Recado pera a emperatriz minha irmãã, por que esperaes fazer o caminho por onde ela estiver, por~e nam vos deteres por iso; e vos sprevee a dom Pedro que, se o emperador quizer mandar alg~u~u Recado, o mande a Gaspar Vaaz, a que leixaes recado que volo envie pela posta, pera vos tomar no caminho. Iteem: á Rainha, minha madre, dares conta de tudo, asy como pasar, e asy de vosa vinda quando ouver de ser, dizemdolhe a rezam que tendes de v~yr descontente delRey, pelo modo que teve em ~e cousa tam justa e tam amiguavelmente Requerida, como atee entã foy por m~y, avendo tantas Rezões no que lhe peço pera dever muito de folguar do fazer, seendo h~u~ua d'elas ser muy clara justiça. E que vos lhe daes aquela conta, por que sabes quanto a ela d'iso ha de desprazer, e folguar de fazer tudo o a ella posivel pera que elRey o emm~ede como deve; e lhe dares tanb~e conta do modo ~e que Gaspar Vaaz fica, e que ele a Requeera quando lhe parecer que compre. E se poderdes falar a Madama, lhe dares conta de todo o que vos mãdey que lhe diseseis, se lho ja dito nã tendes. E asy de todo o que pasardes cõ elRey, e de vosa vinda e ficada la de Gaspar Vaaz. Iteem: ouve por meu serviço todo o que tendes dito e ffeito acerca do Gram Mestre, e vindovos lhe dares comta de vosa vinda, conforme há maneira de que vos vindes. It~e~e: se vos parecer beem, em vosa dispidida, falardes ao Grã Chanceler e ao Almirante e aos com que praticastes, antes de vosa partida, fazee niso o que vos parecer meu serviço. It~e~e: A mestre Dioguo encomendares que folgue de me servyr em tudo o que se ofreçer asy beem como eu d'ele confio, e de me avisar, e asy a Gaspar Vaaz, de qualquer cousa que lhe parecer que compre. E por que o Requerer Joham Anguo no concerto quero que seja secretam~ete, dares d'iso parte as pessoas que vos beem parecer, e ~e gramde segredo. E a Gaspar Vaaz a dares de todas as cousas que vos sprevo, pera sua ~eformaçã, e pera saber o que há de fazer despois de vosa vimda. Iteem: quando as outras pessoas que dizes que estam pera pedir cartas de marca, nam se Respondera outra cousa senã que eles poderã v~yr ou mandar ca Requerer sua justiça, e que lhe sera feita e gardada inteiram~ete. It~e~e: vos me sprevestes que vos parecia que seria meu serviço ficar Gaspar Palha cõ o doutor Gaspar Vaaz, pelo que sabia da tera. Eu o mandey a Genoa àquele negocio que sabes; se he vimdo, e vos parecer necesario ficar cõ o doutor, dirlhees de minha parte que o faça, e que ~e tudo me serva asy b~e e cõ aquele bõõ cuidado e diligencia cõ que confio d'elle que o fara; e se nam for vimdo, e vosa partida for antes de elle v~yr, leixay ao doutor hu~ua carta vosa ~e que lhe diguaes que asy o ffaça. Ou se, pela ventura, vos parecer escusado, por ele nõ ser desempedido, ou por qualquer outra cousa, se he vimdo, dirlhees de minha parte que se venha; e nõ sendo vimdo, lhe leixares h~u~ua vosa carta, por que lhe digaes que ey por meu serviço que se venha,

e que asy o faça. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, ~e Evora, a v~yte dias de Julho de 1531. J. Rey. Reposta a dō Antonio d'Ataide. (On Reverse Side) Por elRey. A dō Amtonio d'Atayde de seu conselho, veeador de sua fazenda, e seu ~ebaixador, etc. J.

DOM AMTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Depois de despachado Luis Afomssso, e estamdo pera partir, me vieram, novas das naos de Imdia que agora se esperavam, que partiram quatro de Imdia muy beem caregadas, e que traram pasante de vymte mil quyntaes de pym~eta, e muytas droguas; e duas d'elas sam ja nas Ilhas, ~e companhia d'armada que levou Amtonyo de Miranda; e as outras duas se esperavam cada dia; e espero em nosso Senhor que muy cedo sejam todas em Lixboa. Da Imdia dam muyto boas novas, e que tudo la estaa como compre a meu serviço, e que elRey de Calecut procura a paz com grande instância; e por outra carta me spreveem que sam feytas e apregoadas. Nuno da Cunha era partida amtes de Natal pera Oro, e muyto beem aparelhado; prazera a Noso Senhor de mandar d'elle boas novas, e assy o espero nelle. Pareceome beem sprevervos tam boas novas, porque asy sey que com elas avees de folguar, e pera as dardes la omde vos bem parecer; pero da soma da carega nam darees conta, porque o sprevo a Framdes ao feitor pello que toca á veemda das especiarias, e sabes que compre a meu serviço; e som~ete em groso o poderes fallar, onde e como vos bem parecer. Esprita em Evora a XX de Julho, o secretário a fez, de 1531. J. Ou se vos parecer melhor saber d'ellas soom~ete e as calardes, fazee niso o que vos parecer mais seguro e meu serviço. J. Rey. Pera dō Amtonio d'Ataide, da nova das naos da ~Ydia. (On Reverse Side) Por elRey. A dō Amtonio d'Ataide do seu conselho, veeador de sua fazenda, e seu ~ebaixador. J.

DOM ANTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Pelo trelado da carta que sprevo a dom Pedro Mazcarenhas que vos envio, veres que o aviso que, se o emperador, meu muito a amado e preçado irmão, lhe perguntase em que lugar lhe parecia que se devia fazer o juizo dos terceiros, lhe digua que lhe parece que e~ hu~u lugar d'Araguã qual parecer mais conforme; ou se elRey de França mais quysese em Saboia, que hy se veja. E que em qualquer das partes em que se asentase, seja visto por leterados d'anbas as partes, tantos de hu~ua parte como da outra. E que lhe parece que se, pela ventura, elRey de França apontase que se vise ~e Roma pelos da Rota, que eu o nom Refusarey. E pareceu-me pareceome b~e volo preveer, pera saberdes niso mynha tençã, fazendose o asiento dos juizes terceiros. E porque vos sprevo que no juizo dos ditos juizes terceiros se ponham todas as tomadias feitas de parte a parte; e a carta de Marqua que estaa pasado a Joham Ango, se foy dada cõ direito e como devia ou nom; e asy a sentença que ca foy dada da presa que se tomou aos Franceses, que tinhã tomada aos Castelhanos, se foy dada conforme a direito e como cõ justiça se devia fazer. E se moveo ca duvida sobre esta parte da sentença, a qual he, se, pera se saber e determinar como ffoy pasada a dita carta de Marqua, se ha de necessidade se veer a sentença que ca se deu, se foy beem ou mal dada, ou se he cousa sobre sy a sentença. E se pode veer da carta, se pasou beem ou mal, sem se tratar da sentença, he escusado apontar que tanb~e se veja a sentença pelos ditos juizes, pois hy se entende. E sendo caso que, vendose como pasou a carta, nom se ha de tratar da sentença, em tal caso olhara o doutor Gaspar Vaaz, se estaa mais claro o direito da sentença por minha parte ou o modo de que a carta pasou. E se a maneira de que a carta pasou estaa mais claro seer por minha parte beem Respondido do que estaa ser a sentença b~e dada, nam falares ~e mais soom~ete que se veja como pasou a carta. E sendo mais claro o direito de como a sentença se deu, pedirees que se veja loguo a sentença juntam~ete cõ as outras cousas, por quanto nõ seria meu serviço dizerse que faleço por minha parte hu~u ponto nom Responder aos Requerim~etos que me fizerã sobre o pasar da dita carta; ou dizerse que elles compriram niso o que de direito deviã, e entram julgarse a carta por beem pasada e ficar pera usar~e d'ela, s~e se veer que pela sentença a fazenda nã he de Joham Anguo, mas he d'aqueles a que se ca julgou. E por este moço se nõ deteer, o nã mandey ca veer por Leterados, por que la o veera Gaspar Vaaz muyto beem. Praticay o cõ ele muy beem, e asentese como for mais meu serviço. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, ~e Evora, a XX dias de Julho de 1531. J. Se porém por~e

consent~e, por sua parte, que se veja a sentença, se he bem ou mal dada, e asy a carta, se foy bem mal pasada, aimda que vos parecesse mais meu serviço nam se falar senam na carta, queremdo eles que se fale ~e anbas, asy o aceitareys. Rey. Pera dom Antonio d'Ataide, sobre a duvyda que se moveo que la veja cõ Gaspar Vaz. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide do seu conselho, veador de sua faz~eda e seu embaixador. J.

DOM AMTONIO, amigo. Eu elRey, vos envio muyto saudar. Teemdvos respondido, como por minhas cartas veres, ás cartas que trouxe Luis Afonso, e a estas deradeiras que trouxe Mexia, chegou Guelhelme Fernandes e me deu hu~ua carta sprita por o doutor Gaspar Vaaz, a quatro d'este mes de Julho, e asuynada por vos e por elle; da quau, por y~yr muy breve, se nam pode nada tomar. Soom~ete me pareceo bem fallarvos nos pontos que me sprevestes por as cartas que trouxe Luis Affonso, a que nõ Respõdy, esperamdo que, pello prymeiro que mamdaseys soubese a reposta delRey de França, e vos sprevese o que ouvese por meu serviço de trymynadam~ete. E por tanto nõ sera necesario fallarvos nos pōtos que apōtavays, se vos fosem movidos ou cada hu~u d'eles por que poderya ser que vos nam sayrya em nenhu~u d'eles, como do feyto foy. E depois que veeo Mexia, me pareceo escusado fallar neles, por que elRey de França ou seu conselho vos respondeo muy fora d'eles, segundo vy por vosas cartas; e ao que nelas sprevestes, vos Respondia. Agora, com esta duvyda d'esta deradeira carta que veo muyto breve, pareceome necesario estas declarações saber. Se o neguocio estiver como quando partio. Mexia, sem n~ehu~u melhoramento, vos fazee o que vos sprevo ~yteiram~ete pella outra carta grande. E asy farees saber a dom Pedro Mazcarenhas, meu ~ebaixador, na corte do emperador meu irmão, que vos vymdees; e lhe spreveres, e dares a conta que na sua carta lhe sprevo que vos maãdo que lhe dees, pera a dar ao ~eperador, meu irmão. Iteem: se o neguocio se melhorou depois que Mexia partio, fazees tambem o que neste caso vos sprevo que façaes. E se estaa em termos que neste concerto dava eu aveer de pagar as custas a Jõ Ango, e se posa hy fallar, nam parecendo que ho vos de novo tornaes a espartar, folgarey que ho façaes com aquelas condições que na carta de dom Pedro lhe sprevo que ho quero, cujo trellado vos envio; e vos ficara, pera por elle se saberem estas condições. E o preço das custas, a que vos obrigares de eu pagar naquella maneira, sera atee cymquo mill cruzados, quando menos nom pode seer. E em n~ehu~u dos outros meys, que por Luis Afonso me sprevestes, nam vyrees. Iteem: se amdaes em concerto cõ Jõ Ango, e vos parecer mais meu serviço fazeello que este outro meyo que acyma diguo, trataloes, ou direes ao doutor Gaspar Vaaz que ho trate, segundo vos sprevo; e vyrdes, que sera melhor, sabendo d'elle primeiro o que pede, que nada se lhe prometa, e avisandome d'iso e de que parecer que se cont~etara, segundo se poder s~etyr. E o principall fundam~eto de vos mãdar que vos concertaseys cõ Joam Ango he deverse d'olhar, vymdvos vos, se poder teer tall armada pera em breve sayr, que eu deva de querer atallar; por que, nam aveendo sua nem d'outrem, que com seu achaque posa sayr, nam avera necessidade de vos nem n~e nymgu~e lhe fallar em concerto, senam semtymdo que ho deseja e o fara muyto bõ. E vymdvos vos, mostrãdo que vos nam l~ebra, pode o Gaspar Vaaz la mover depois por meos cõveny~etes e como cousa que me nõ lembra. E pareceme que se fara asy melhor, e ao meenos terse a tempo pera me sprever, e eu mãdar o que ouver por mais meu serviço. E por que este Guilhelme Fernandes, que trouxe esta carta, dise ca, que por voso mãdado fora saber da armada, e que nõ avia mais que quatro navetas aimda nam aprecebidas de todo, seendo asy, nam ha necessidade de com elle agora se tratar, senam seentymdo que vyria a muyto bõ partido, como ja dise; e como esta armada estaa, e todo o mais que tocaes nesta deradeyra carta, fora muy bem que me sprevereys muyto declarado, se o que este Miguel Fernandes diz nam he verdade, e ha hy armadas que posam sayr, emtam sera beem, nam podendo vyr no meyo de eu pagar as custas segundo mando que se faça, que trabalhes por antreter ho Joham Ango com partido que se cometa; com o qual, quanto mais se dilatar, tanto será mais meu serviço. E podes dizer que vyndes, e que loguo lhe responderes, ou de quallquer outra boa maneyra que vyrdes que se deve fazer pera dilatar, nam prometendo porem nada; ou avendo de prometer, nom seja mais que atee dos mil cruzados, e d'y pera baixo o que mais poderdes aproveitar e vos bem parecer. Iteem : se ouverdes de vyr como vos esprevo, estamdo o negocio asy como quando Mexia partio, seera beem que fallees a Joham Ango, se lhe ouverdes de fallar, prymeiro que fales a elRey; porque depois nom poderes estar senam secretam~ete. Acerca de todo o que vos aquy vay apōtado, de o fazerdes asy como vollo sprevo ou terdes niso outro modo, ho leixo a vos que o façaes

por quaesquer outros meynos que mais meu serviço vos parecer, praticando com Gaspar Vaaz. Item : quanto a se poerem em juizos terceiros as tomadias e a carta da marcha de Joham Amgo, ey por beem que se faça o dito juizo dos terceiros sobre todas as tomadias que sam feytas de parte a parte, e sobre a carta de marca de Joam Amgo, se foy dada com direito e como devya ou nam; e asy sobre a sentença que foy dada da presa que se tomou aos Franceses, se foy dada como com direito se devya fazer; e sobre estas tres cousas se fara o asento dos ditos juizes. E pera o fazerdes vos, envio minha procuraça e poder sobre vos e Gaspar Vaaz, como por ella veres. Sprita ~e Evora, a vymte dias de julho, o secretario a fez, de 1531. J. Rey. Pera dom Amtonio, reposta da carta que trouxe Miguel Fernandes. (On Reverse Side) Por elRey. A dō Amtonio d'Átaide do seu conselho, vereador de sua fazenda, e seu embaixador.

Dom Amtonio, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Pera se fazer o aseento dos juizes louvados, tamtos da parte do christianisimo Rey de França, meu muyto amado e preçado irmão e prymo, como da minha, no luguar omde aseemtardes, pera detryminar~e os casos da carta de marca que elle teem pasada em favor de Joam Ango contra meos naturaes e vasallos; e ho das tomadias que sam feitas de Reyno a Reyno pera se fazer niso comprim~eto de justiça; e ho da s~etença que em meu Reyno foy dada contra os Framceses, a que foy tomada por minha armada, que amdava na garda da costa, a presa que eles tynham tomada aos Castelhanos, se foy beem dada contra eles e como cō direito se devya fazer; como compridam~ete vos sprevo, vos envio duas procurações - hu~ua em que vão decllarados os ditos tres casos, e outra ~e que nam se falla na s~etença, pella duvyda que ca se moveo, se serya meu serviço se falar neella, como vay na carta que vos sobre yso sprevo, o que la avees de fazer com o doutor Gaspar Vaaz, como na dita carta se cont~e, e escolherdes o que virdes que he mais meu serviço. E pareceome beem enviarvolas d'esta maneyra, pera que se la vos parecer e a Gaspar Vaaz que se nō deve fallar no da s~etença, pellas Rezões que vos sprevo, mostrardos a precuraça que nam fala na s~etença; e quādo na dita s~etença se ouver de falar, mostrardes aquella que falla em todas tres cousas. Notemcovolo pera saberdes o fundam~eto de vos enviar no modo sobre dito as ditas duas precurações. Sprita em Evora, a vynte de julho, o secretario a fez, de 1531. J. Rey. Pera dō Amtonio, do aviso das duas procurações que lhe vão e cō que fundam~eto. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Átaide do seu conselho, veador de sua fazenda, e seu ~ebaixador. J.

DOM JOHAM, por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guinee, e da conquista, navegação e comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, a quantos esta minha carta de precuraçam e poder virem faço saber, que pela muita confiança que tenho de dom Antonio d'Ataide do meu conselho, e veador de minha fazenda, e do doutor Guaspar Vaaz do meu desenbarguo e dos agravos da casa da sobrepreça, meus embaixadores, por esta presente carta os faço, ordeno e constituo, no melhor modo e forma que devo e poso, por meus sofici~etes e abstantes procuradores geraes e espiciaes, pera que por mym em meu nome se posam louvar em juizes quaes lhe a eles aprouver e consetir naqueles que por o muyto alto, muito excelente, muito poderoso e christianisimo principe, Rey de França, etc., meu muito amado e preçado irmão e primo, forem nomeados, sendo tantos de sua parte como da minha, pera que posam os ditos juizes julgar e determinar se a carta de marca que o dito Rey christianisimo pasou a Joham Ango, seu vasalo, contra roupa de meus vasalos e naturaes, foy pasada conforme a direito e como cō justiça se devia fazer ou nam. E asy sobre as tomadias que sam feitas por seus vasalos e naturaes aos meus e pelos meus aos seus, pera acerqua d'iso se fazer pelos ditos juizes louvados comprim~eto de justiça, o que os ditos juizes louvados faram no luguar ~e que se for asentado e acordado por elles; pera o que lhe dou todo meu comprido poder e mandado geral e especial, que a geralidade no derogue á especialidade n~em a especialidade á geralidade. E pera por mim e m~y e ~e meu nome asentar~e sobre o que dito he, asy cō o dito christianisimo Rey, meu irmão e primo, e ~e sua presença, como cō quaesquer seus precuradores que ele pera iso ordenar, e que mostrar~e seu poder e precuraça soficiente e abstante pera os ditos casos por elle asinada e aselada do seu selo. E que posam capitolar, asentar e concordar,

prometer e jurar em meu nome; que eu farey, comprirey, e gardarey todo o que por elles for capitulado e asentado no dito asento, cõ as condições, pactos, vinculos, e sob as penas e firmezas que por elles for asentado, concordado, e capitulado, como se por mim m~y ~e pessoa fose feito. Outrosy que posam jurar em minha alma que guardarey e comprirey Realmente e cõ efeito todo o que asy por eles no que dito he for concordado, asentado, e capitulado, sem cautela, ~egano, nem desimulaçã algu~ua. E que nom irey n~e virey contra elo n~e contra parte algu~ua d'elo, sob aquelas penas que por elles ditos meus procuradores forem postas e concordadas. E pera todo o que dito he lhe dou e outorguo todo meu comprido poder, e cõ libera e geral administraçã. E prometo e seguro, por esta presente carta, de teer e manter, Realmente e cõ efeito, todo o que por eles, ditos meus procuradores, sobre o que dito he, for concordado e asentado, capitulado e prometido, segurado, ortogado e jurado. E de o aveer por grato, Rato, firme e valioso, e de nom hyr nem n~e v~yr contra elo, n~e contra parte algu~ua d'elo, em tempo alguma algu~ua n~e por maneira algu~ua, sob obrigaçã expressa que pera elo faço de todos meus b~e~es patrimoniaes e da coroa, avidos e por aveer, os quaes expresamente pera elo obrigo. E por certidam de todo o sobredito mandey fazer esta minha carta, asinada por m~y, e aselada de meu selo Redondo das minhas armas. Dada em a cidade d'Evora, a XX dias de julho. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez. Anno de nosso Senhor Jhesus Christo de mil quinhentos e trinta e hu~u annos. J. elRey. (Here is the mark of the Great Seal) Bpo. V. Precuraçã e poder pera dõ Antonio d'Ataide e Gaspar Vaaz. Bpo. V.

DOM JOHAM, per graça de Deus Rey de Portugal e do Algarves, d'aquem e d'alem mar em África, Senhor de Guine e da comquista, navegaçam, e comercio de Ethiopia, Persia, Arabia e da India, a quantos esta minha carta de procuraçam e poder virem faço saber que, pela muita confiança que tenho do dom Antonio d'Ataide do meu conselho, e veador de minha fazenda, e do doutor Gaspar Vaaz do meu desembarguo, e dos agravos da casa da sopricacã, meus embaixadores, por esta presente carta os faço, ordeno e constituo, no melhor modo e forma que devo e poso, por meus soficientes e abastantes procuradores geraes e espiciaes, pera que por m~y e em meu nome se posam louvar em juizes quaes lhe a elles aprouver e consentir naqueles que por o muito alto, muito excelente, muito poderoso e christianisimo pr~icepe, Rey de França, etc., meu muito amado e preçado irmão e primo, forem nomeados, sendo tantos de sua parte como da minha, pera que posam os ditos juizes julgar e determinar, se a carta de marca que o dito Rey christianisimo passou a Joham Anguo, seu vasalo, contra Roupa de meus vasalos e nateraes, foy pasada conforme a derecho e como cõ justiça se devia fazer, ou nam. E asy sobre as tomadias que sam feitas por seus vasalos e naturaes aos meus, e pelos meus aos seus, pela acerqua d'iso se fazer pelos ditos juizes louvados comprimento de justiça. E asy mesmo sobre a sentença que foy dada em meu Reino por meus letrados contra os Franceses, a que foy tomada por minha armada que andava na guarda da costa a presa que elles tinhã tomada aos Castelhanos, se ffoy beem dada contra elles e como cõ derecho se devia fazer; o que os ditos juizes louvados faram no lugar ~e que for asentado e acordado por eles, pera o que lhe dou todo meu comprido poder e mamdado geral e especial, que a geralidade no derogue á espicalidade á geralidade. E pera por m~y e em meu nome asentar~e sobre o que dito he, asy cõ o dito christianisimo Rey, meu irmão e primo, e em sua presença, como cõ quaesquer seus procuradores que elle pera iso ordenar, e que mostrar~e seu poder e procuraçã soficiente e abastante pera os ditos casos por ele asinada e aselada do seu selo. E que posam capitolar, asentar e concordar, prometer e jurar em meu nome que eu farey, comprirey, e guardarey todo o que por eles for capitulado e asentado no dito asento, cõ as condições, pactos, vinculos, e sob as penas e firmezas que por eles for asentado, concordado e capitulado, como se por mim m~y ~e pessoa ffose feito. Outrosy que posam jurar em minha alma que guardarey e comprirey, Realmente e cõ efeito, todo o que asy por elles no que dito he for concordado, asentado e capitulado, s~e cautela, engano, n~e desimulaçã algu~ua. E que nom irey n~e virey contra elo n~e contra parte agu~ua d'elo, sob aquelas penas que por elles, ditos meus precuradores, forem postas e concordadas. E pera todo o que dito he, lhe dou e outorguo todo meu comprido poder e cõ libera e geral administraçã. E prometo e seguro por esta pres~ete carta de teer e manter Realmente e com effeito todo o que por elles, ditos meus procuradores, sobre o que dito he for concordado asentado e capitulado, e prometido, outorguado, segurado e jurado. E de o aveer por grato, rato, firme e valioso, e de nam hyr nem n~e v~yr contra elo, n~e contra parte algu~ua d'elo, em tempo algum ~e t~epo

algu~u n~e por maneira algu~ua, sob obrigaçã expressa que pera elo faço de todos meus be~es patrimoniaes e da coroa, avidos e por aveer, os quaes todos expressamente pera elo obrigo. E por certidã de todo o sobredito mandey fazer esta minha carta, asinada por m~y e aselada de meu selo Redondo das armas. Dada em a cidade d'Evora, a vinte dias de julho, Pero d'Alcaçova Carneiro a fez. Anno de noso Senhor Jhesus Christo de mil e quinhentos e trinta e hu~u annos. J. J. elRey. (The Great Seal) Bpo. V. Precuraçã e poder pera dõ Antonio d'Ataide e Gaspar Vaaz. Bpo. V.

DOM ANTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Eu tenho Recebido tanto cõtentam~eto com vosas cartas, pelas quaaes teenho visto, e pellas obras sabido, como me tendes beem servydo e com quamto cuidado e diligencia, que, pela muyta booa vôtade que vos teenho e por tan b~e me servirdes, nam o podera com nemhu~ua cousa Receber mayor; e vos gradeço muyto todo o que teemdes trabalhado por seer beem servydo. E o modo que em todo este serviço sey que tendes, asy pello que toca a meu serviço, como ha vosa homrra, que he parte por que eu sam aimda mais cõt~ete de vosa booa disposiçam, me praz muyto, e sempre folgarey de saber que he tall como ey por certo que ha desejaes, pera melhor me poder servyr. Do falecim~eto de Nuno Mendonça me desprouve, por as calidades de sua pesoa, e por yr em vosa cõpanhia; e pello que me sprevestes sobre o que elle tynha de m~y, e pellas rezões que pera yso avia, me prouve dar a sua may todos os novemta mil myllreis que elle de m~y tynha; e porque me parece que folgares cõ yso, vollo sprevo. Sprita em Evora, a vymte dias de julho. O secretario a fez, 1531. J. Rey. Perã do Amtonio d'Atayde. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide do seu cõselho, veeador de sua fazenda, e seu ~ebaixador, , etc. J.

DOM AMTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. O voso criado, que me enviastes com vosas cartas de XIX e vimte de julho pasado, chegou aquy, segunda feira deradeira do dito mes. E tynha vos a tudo respomdido atee oge sabado, que sam çimquo d'este mes d'agosto, somemte ao capitolo dos juizes alvidros que foy neceserio ser visto por leterados, que atee agora nam tomaram niso resoluçã. E agora a esta ora me vieram cartas das Ylhas dos Açores, de como ha vista da Ylha do Fayal, que he na paragem domde veem teer as naos da Imdia, amdavam dez naaos de França armadas, esperamdo as ditas minhas naaos da imdia, por que por aly nam teem caminho pera outra n~ehu~ua parte, n~e podem hyr a outra n~ehu~ua parte, n~e podem hyr a outra n~ehu~ua cousa; e que Amtonyo de Miranda, meu capitam moor de minha armada, que estava esperamdo pelas naaos que nõ eram aimda chegadas, porque duas eram ja hy; e era ydo em busca de naaos d'esta armada de Framceses, pera lhe defemder e gardar d'eles as minhas naaos. E porque ysto he cousa tã fora de toda rezam, e mais estamdo vos no em que estaaes, e tratamdo negocio tall que n~ehu~u outro fim teem senam a amizade que eu tanto precuro de ter cõ elRey de França, como elle o deve fazer, e mãdandovos eu a ysto da maneira que vos mãdey, e tratamdo o comvosquo ho Almyrante a este mesmo fim, e sem sua sabedorya esta armada nom pode ser sayda; e por ysto seer cousa de tamanha calidade, e tã cõtraira do em que estaes, e pera muyto eu querer veer o que cõpre a meu serviço que eu nele faça, e nysto podem pasar dous ou tres dias em que mãdarey partyr outro coreo com ha Resoluçam que tinha tomada no neguocio pelo que me sprevestes, e no mais que sobre ysto me parecer que devo fazer, me pareceo muyto necesario mãdarvos, logo na mesma ora em que esta recado me veeo, este coreo, a vos avysar que nam façaes nenhuma n~ehu~ua cousa mais no negocio, atee chegar o outro meu Recado, que apos esta vos mãdarey. E poderes dizer, se vos parecer necesario, que me chegou esta nova, sem dizerdes que o meu capitã he em busca das dita naaos framçeses. E porque nam he bem que la pareça que vos sois avisado de m~y d'esta nova, sem loguo fazerdes a obra que ~e tal caso for bem que se faça, vos direis a qu~e quer que ouverdes de dizer que ha temdes, que eu ha nam tinha de todo por certa, e esperava que atee dous ou tres dias me viesem as cartas que sobre iso me vinham; e que por yso vos nam sprevy por ese coreo mais que ha nova asy duvydosa como ha tenho. E porem, se o negocio estaa em termos que por estes dous ou tres dias posaes escusar de dizer isto, asy o fazee, atee que vos chegue meu recado; o qual nõ pasara estes tres dias de partyr d'aquy, e yra em toda diligência. Sprita em Evora, oge sabado, as XII oras de noite, V d'agosto. O secretario a fez, 1531. J. Rey Pera dõ Amtonio.

(On Reverse Side) Por elRey. J. A dō Amtonio d'Ataide de seu cōselho, seu veeador da fazenda, e seu embaixador. J. (In. different hand): Esprita a V d'agosto; dada a XXiiii do dyto mes.

DÕ AMTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Vy a carta que me sprevestes, asynada por vos e por o doutor Gaspar Vaaz, feita por elle a XIX de julho pasado, pella qual me fezeistes saber cōpidamente todas as Rezões e causas que vos moverã ha fazerdes o cōcerto cō Joham Amgo sobre a carta de marca, e que depois de muytas praticas e debates, que sobre yso tevestes, olhando tambem pello que comprya a meu serviço, e cō tamta cautela e Resguardo como eu tinha e tenho por certo que avia ser feito por vos, e em que sey que vos nō ficou nada por fazer, por deradeiro viestes asentar, que el Rey de França me spreverya hu~ua carta, como a elle aprazia, que esta letra de marca de Joham Ango e todas as outras que se poderiam cōceder, as averya por Revogadas, e todas as que se pedis~e, se julgassem primeiro por juizes, segumdo a forma de hu~u capitollo que v~e nos apomtamentos que de fora me mãdastes; e que a Joham Amgo se des~e logo dez myll francos pera desarmar, e que ha carta da marca avia de ficar em mão do Almirãte, e que dentro de hu~u termo comvynhavel se desem ao almirãte os cinquenta e Lta I francos, ha cōpriminto dos sas~eta myl em que deradeiro vierã, pera os dar a Jõ Amgo e as outras partes; e nō se lhe damdo, que a lletra da marca ficase ~e vigor como d'amtes. E que asy mesmo as~etastes que, tanto que cō ele diseys, amtes do tempo do t~epo do pagam~eto se avia d'apregoar por todas os portos de Framça a Revocaçã da dita marca e todas as outras, e que ~e Roupa de Portugeses se nō tocasse; e que da carta del Rey se deera logo a menuta a hu~u secretario, e que volla avia de mostrar amtes de asynar; e como soubeses que ha fezera, e a mostrara ao Gram Mestre, e que a el Rey parecera b~e, e todavya mãdara que se mostrasse ao Gram Chanceler, o qual a grosara em allgu~uas partes, por omde se avia aimda de tirar a l~ypo, e que esperaveys que ha carta podese aimda vyr de recorer pela ~ycerteza das cousas d'ela que se poderya grosar, e que nestas Repricas avies de trabalhar por gastar XV ou XX dias, em que o coreo que estas cartas trouxe podese tornar com a reposta, e eu vos responder o que avia por mais meu serviço que se fezese; e por~e que, cōcedendovos eles ho em que ficareys, e apertamdo cōvosquo, nam poderyes al fazer senam aceytar o cōcerto e a carta, quando al se nam podese fazer, ou minha reposta tardase. E poreem que voso preposito era dilatar quamto podeseys, por nã terdes Reposta minha; e que dos outros capitolos nam lançareys mão, porque nam tynheys minha comisam; e que o que eu ouvese por mais meu serviço, se poderya niso as~etar de vagar; e mais, vymdo OnoratoCays, como dizees que veem. E por outra carta de vosa mão me dezeis que, aleem dos sasemta mill francos que vos pedeem pellas despesas de Joham Amgo, tendes prometido ao Almirante dez mill cruzados, e que isto fez decer a Joham Ango tanto; e que cryees que farya outras algu~uas cousas de meu serviço, por elle estar muy danado nestas cousas, e que o Almirante vos teem prometido que, em quanto ffor Almirante, nam yra de França n~y quem á Malagueta ao Brasyl; do que trabalharyees por aveer penhor quanto vos fose posyvel, aimda que nam fose mais que hu~ua carta sua, que aimda avyes por milhor que requererse em outra forma. E aimda que tenha por muy certo, que tudo o que nesto fezeistes seerya por ser asy muyto meu serviço, pelas causas e Rezões que la pera yso vos moverã, e o faryes, cōformãdovos com as praticas que ca cōvosco niso se tiverã, pellas cartas que vos sprevy por Luis AFonso teres visto o que era minha temçã que acerca d'esta materya fezeseys, se vos achasse em teermos pera poder seer. E posto que por vosas cartas agora veja o que ja temdes praticado, e o negocio esteem tamto avante como dizees, por seer de tamanha ~ypurtãcia como he pera meu serviço, e porque aimda pello que spreves parece que nele nō avia certeza, e podera seer que este coreo vos tome em tempo que posaes aimda lyvrem~ete negociar, me pareceo muyto necessário, por cyma de tudo o que teemdes praticado e vos la pareceo, vos sprever declaradam~ete o que querya que nisto se fizese, e maneira que folgarya que teveseys em o negociar, se posyvel fose. ITEEM: quamdo de ca partistes, eu avia por meu serviço que fezeseys neste negocio o que largamente cōvosquo foy praticado; por que, de vos cōcertades nelle por aquela soma que se vos ca apõtou, quando d'outra maneira ho nã podeseys fazer, era porque parecia que as~etamdose esta deferencia da carta de marca, e ficando o tempo de paz amtre ho emperador e el Rey de França, como ~etam parecia que estava, ficava a navegaçam dos mares sem nele poder aveer outro periguo senam de hu~u ladram, que muy pouco nojo pode fazer. E aveendo amtre eles rompym~eto, ha outra cōsideracã, e asy mesmo por que emtam parecia que, cōcertandose, esta carta de marca nam avia por davãte outra de tal qualidade e tamto pera temer, como esta que parece que pode

nacer do caso de Martim Afonso. E também nam se sabia como estavam as armadas dos Franceses, e as minhas nam estavã providas como agora estam, neem as duas naos da Índia nas Ilhas juntas a minha armada, como, louvores a Deus, tenho nova e Recado que as outras duas se esperavam aly cada ora, neem averaão tam gastado como he; que sam cousas todas que mudã a sustancia do que entam parecia que cõpria a meu serviço. E agora eu teenho aviso de dõ Pedro Mascarenhas, meu [~ebaixador](#), que o operador nam estaa sem Receo dos [apreçebim~etos](#) de França, posto que la lhe deem outras cores, como veres pelo trelado da carta que me sprevo em cifra, que cõ esta vos envio. Neem de laa tenho sabido, nem vejo por vosa carta, que as armadas dos Franceses sejam taes, nem esteem [~e](#) tal hordem, e tam a pique que, estamdo as minhas como estã, neeste pouco de verão que fica, que nõ parece que posa abastar pera [soom~ete](#) deytar as naos ao mar, por que posam fazer dano tal que se deva tão arrear. Pelas quaaes causas todas ey por [b~e](#) e meu serviço que, se o emperador e el Rey de França estam em começo de [ronpym~eto](#), o que, se as cousas estavã da maneira que pela dita carta de dom Pedro veres e depois se nam soldarã, ja deve de seer tão avante que craramente se veja que nam pode leixar d'aver röpimento que, [podendovos](#) vos soltar do que temdes praticado, desconformando-vos em [descõformãdovos em algu~us](#) pōtos, que digaes que vos parecem necesarios, em que eles nam queyram vyr, ou em quererdes os tempos dos [t~epos dos pagam~etos](#) mais largos do que eles ou queiram, ou por qualquer outra maneyra de descõformidade, que pareça que ho negocio ho daa, e nam tençã do o quererdes quebrar, as quaaes cousas de ca se nam podem mais declarar, que vos vos tyres e soltees do cõcerto que me sprevestes. E que fyques no que vos esprevy por Luis Afonso, teemdo [por~e](#) muy especial resguardo que nõ posa parecer que vos queres Romper o negocio. E porque, pera vos vos deverdes de soltar do ja praticado, compre que sejaes muy certificado do que vos açima diguo do [rõpym~eto](#) dãmte o [~eperador](#) e elRey de França, pela qual causa quero que vos tyres e soltes do cõtrato, vos, por todas as vias que poderdes e dilacã, que vos for posyvel poerdes no negocio, vos deer lugar, vos trabalhares por d'iso vos certificardes, por que cõ este fundamento de ser certo vos sprevo isto; e sendo certo, ey por meu serviço que vos abaste pera vos soltardes do cõcerto no modo que vos acyma digo, sendo porem sem [s~e n~ehu~u](#) escandalo [n~e](#) quebra. E porque me parece, segundo o que dizees em vosa carta, que os dez mil cruzados que prometeste ao Almirãte nam sam por via do cõcerto, mas que vos lhos prometeste por vos parecer que era asy muyto meu serviço, nam somente pera as cousas presentes, mas pera outras muytas que ao diante poderem sobceder, e asy por vos dizer, como me sprevees, que, emquãto elle fose Almirãte de França, nam irya [nymgu~e](#) á Malagueta neem ao Brasyl, de que esperaveys de tirar penhor e ao menos [hu~ua](#) carta sua, por vos parecer asy melhor modo que o negociar [~e](#) outra forma, ey por bem e meu serviço, posto que vos soltes de todo o al que teverdes praticado, como acyma vos vay apōtado, que vos lhos dees asy como lhos prometestes, aveendo, pela melhor maneira que vos poderdes, a carta, ou qualquer outra seguridade que vos melhor parecer, pera as cousas da Malagueta e do Brasyl, como vos elle ofereçeo. Item: vos me sprevestes que, posto que estaveys detryminado de dilatar ho negocio quamto podeseys, se porem eles vos cõgedesem ho em que ficareys, e apertasem cõvosquo, nem poderyes al fazer senam aceytar o cõcerto e a carta delRey de França, quando se al nam podese fazer, ou minha reposta tardase, e o poderees teer açeytado de tal maneira que nam posaes leixar de o cõcludyr e cõpryr, pera gardades vosa palavra, em tall caso ey por [b~e](#) que asy compraes, sem [~ebarguo](#) do que vos apōto em cõtrairo; por que ey por muyto certo que o niso teverdes feyto, foy o que mais cõpria a meu serviço. E posto que vos estees em liberdade pera vos poderdes soltar do praticado, se, [por~e](#), pelo modo em que jaa estaa negociado e veermos em que as cousas la estam, vos vyrdes que, de vos soltares, la pode ficar tamanho escandallo que as cousas se [dan~e](#), e fiquem em pior estado do que d'antes estavã pella carta de marca, e vos nam poderdes [deixãdoas](#) em tal estado que se nõ Rompam com vosa ausência, vir a [aus~eçia](#), [v~yr a m~y](#), pera me [~eformades](#) d'elas, e com vosa [~eformacã](#) eu poder ordenar o que se la depois cõcluda, segundo cõpryr ha meu serviço, ou nam cõsentimdo ho negocio vyrdees, nam podendo tomar [t~epo](#) pera cõpridamente de tudo me avisardes por vosa carta, como o faryees por vos, e esperar minha reposta, em tall caso averey por beem que cõcludaees na melhor maneira que poderdes, segundo tendes praticado; e podendo vos [v~yr](#), ou nam podendo [sprevendome](#) na dita maneira. Averey por cousa de muyto meu serviço, aveendome de sprever, de seer muyto [largam~ete](#) e muyto pelo myudo, sem leixardes de dizer [nenhu~ua](#) cousa do que pasardes, pera melhor minha [~eformacã](#), e pera melhor vos poder responder o que vyr que cõpre a meu serviço. Item: no caso que o cõcerto se ouver de cõcludir, teres sempre [l~ebrança](#) de se fazer no segredo modo do que por vosa carta me dizees, e de os [pagam~etos](#) do dinheiro [ser~e](#) aos mais largos tempos que vos seja posyvell,

porque asy cõpre pera se melhor poderem pagar; e tamb~e neste negocio todo o mais tempo, que for posyvell esta dinheiro cõtrato estar sem se ~etregar, pode ser muyto proveytoso. Iteem: na ~etrega dos dez mil cruzados que avees de dar ao Almirante, teres a mais agradavel maneira que posa seer pera seu cõt~etam~eto. E em caso que de quallquer maneira vos vos ajaes de v~yr, leixares por sprito ao doutor Gaspar Vaaz todas as cousas e termos em que ho negocio ficar, e asy como vos teenho sprito por Luis Afonso que ho fezeseys, e principalm~ete ficando o negocio em dilaçã, pera se despois aveer de concluir; e vos vyrdes, e fique a declaraçã de tall maneira, e tudo tam bem aprestado, de que trares ho trellado, que nõ posa aver n~ehu~ua duvyda da maneira em que ficou. E quamto ao ficar de Gaspar Vaaz, vyndovos vos, todo o mais que sobre yso vos spreve, pella carta que levou Luis Afonso, seguyres. Iteem: eu vy os capitollos que vos forã dados, e asy o que respondestes, que foy muy b~e respõdido, por nam acatardes de emtemder em ~e n~ehu~u d'elles, se nam som~ete no capitulo que toca na maneira do juizo das cartas da marca, o qual me pareceo necesario vos mãdar beem decrarado, como veres pello capitulo que cõ esta vos envio. E aimda que cõ vossa reposta elles se tenham lançado de la se fallar neles pera este negocio, seendo caso que tornasem a dizer que avies de ~etender neles, ou em algu~u d'elles, pera o negocio do cõcerto se aveide cõcluir, vos vos escusares d'iso com todas as boas pallavras que poderdes; e quãdo, por deradeiro ysto nam aproveitar, e toda vya quiser~e que se cõcluda o negocio cõ eles, ou como algu~u d'elles, ho nam aceytares em n~eh~ua maneira, por que os ey por muyto perjudiciaes pera o negocio e pera o meu serviço; e ysto nam ~etemderes naqueles que serv~e ao proprio negocio do cõcerto, que sã o primeiro e o segundo, e o do juizo do que vos mando os capitollos; e estes direis que serve ao negocio, e nam os outros, e que por yso os metes e nam como que os tomaees dos seus apõtam~etos. Iteem : se tomardes cõclusã pera vos vyrdes, ho farees saber a dom Pedro Mazcarenhas, meu ~ebaixador, pera dar d'iso cõta ao emperador, meu irmão. E porem damdo vos o dinheiro, ou parte d'elle, que vos pareça que pode ser em segredo, ou cõ algu~ua cor fremosa que d'esta maneira se aja de pobricar, d'esa dares cõta, e do all nam; porque sam cousas que nam ha necessidade de se lhe dar. Iteem: porque muytas vezes no aseento das semelantes cousas ficam algu~uas palavras por ~yavertencia, que se nõ podeem veer por poucos como por muytos, posto que tudo muy beem ajaes d'olhar, eu ey por meu serviço que lançado o cõtrato na maneira em que se cõcluir, seja cõ cõdiça que se posa ca mãdar a menuta d'elle, pera se as~etar como cõpre, e se loguo tornar a mandar; e ca se nã mudara a sustãcia d'elle. E algu~us apõtamentos que parece que nelle deram contra vos, envio cõ esta de fora por uns hu~us ite~es. E aveendovos vos de v~yr, porque nam poderdes v~yr tanto depresa, me enviareis loguo em diligencia Recado de como vos vymdees, e o modo em que leixaeis o negocio, tudo muyto decraradamente. E neste caso de leixardes asentado ho cõcerto, e v~yr ca a menuta d'elle, como dito he, vos vos poderdes v~yr em boã ora; porque nam seera la mais necessaria vosa estada. Sprita em Evora, a Xii dias d'agosto. O secretario a fez, 1531. J. Reposta a dõ Antonio das cartas que trouxe o seu creado. (On Reverse Side) Por el Rey. A dom Antonio d'Ataide do seu conselho, veador de sua fazenda, e seu ~ebaixador, etc. J. Primeira (And in a different hand) Escrita a doze d'agosto, e dada a XXiii do dyto mes.

DOM ANTONIO, amigo. Eu, el Rey, vos envio muyto saudar. Eu vos spreve per Castanho, que partio d'aquy, sabado, a mea noute, cinco dias d'este mes d'aguosto, fazendovos saber a nova que me era vinda da armada de dez naaos de França, que andava na paragem da Ilha do Fayal, que se avia por certo que hiam ha de esperar as duas naos da India, que se cada ora esperavam naquelas Ilhas; por que as outras duas eram ja nelas. E por esta mesma carta vos dizia que, atee aquele dia, vos tinha respondido a vosas cartas que trouxe o voso criado, que veo em posta que partio a XX de Julho pasado, e chegou ca segunda feira deradeiro do dito mes; e que, pelo das novas armada dos Franceses, sobresteveses no do concerto, e nom foseis por ele adiante, e esperaseis meu recado, e que atee tres dias da partida do dito Castanho vos envyara a reposta de vosas cartas, e asy o que mais ouvese por meu serviço, e, segundo que creo, que ja teres visto por a dita minha carta. O que tinha determinado e avia por meu serviço que fizeseis, ante de ter auida a nova da armada dos Franceses, veres pela carta de minha reposta às vosas que cõ esta vos envio. E por esta nova ser de tamanha impurtancia, e tam fora do fundamento cõ que este neguocio do concerto se tratava, que era pera se escusar~e estes taes imcovenientes, e poder aveer antre el Rey de França e m~y tanta amizade como eu queria e sempre procurey que fose, e por se escusarem antre nosos vasalos e naturaes os escandalos

que da carta da marca poderiam nacer (e eu queria que se atalhasem), por onde, quaesquer armados que, neste meo tempo ~e que vos la estaveis tratando este concerto, sairam ao mar, fora cousa muy desordenada, e pera eu d'iso dever ter muy grande descontentamento, e me parecer que seria muy pouco proveitoso pera o fim pera que o eu queria, quanto mais hu~ua cousa tam fora de antre nenhuns nenhu~us hom~es se poder cuidar, como he em tal ensejo hirem dez naos de França aguardar as minhas que v~e da India, determinadamente por que àquele luguar tantas naos juntas e armadas nam podem hyr a outra cousa. E este caso tem tantas calidades de descontentamento, por onde nom seria Rezam que fose adiante este concerto em que estaveis, asy por que nam pode aproveitar pera nehu~ua cousa, nem sobre elle se poder fazer fundamento de nehu~ua segurança, como por ver o modo em que por sua parte se trata nele, que no mesmo tempo ~e que o Almirante pratica concerto, e vos lhe prometes dinheiro e ele o aceita, vão Franceses patentemente a danificar minhas cousas; que sem sua sabedoria he certo que nam poderã sair da França, n~e foram se lho ele defendera. E nisto nom soom~ete se nam guarda o que em semelhantes negocios e antre semelhantes pessoas se deve muy inteiram~ete guardar, mas nem o que se antre quaesquer outras pessoas se acostuma. Pelas quaes rezões todas, eu ey por meu serviço que vos nam façaes o concerto que tinheys praticado em nehu~ua maneira. E em caso que tenhaes concertado, ey por bem que vos desconcertes em todas as maneiras. E porem, se tiverdes dados ao Almyrante os dez mil cruzados que lhe tendes prometidos, que me parece que ainda lhe nam seram dados, e querendovos eles la tomar em paguamento dezanove mil cruzados, que me spreve o meu feitor de Frandes que sam tomados na vica chamada Santa Ana de Gorticosta pelas naos que hiam á Malagueta, e seis mil cruzados que sam tomados a certos mercadores, meus vasalos de Viana, que estam na Rochela secrestados, que sam trinta e cinco mil cruzados, em tall caso vos por este modo casares o dito concerto, ainda que o nom tenhaes concluido; e os mil cruzados pera comprim~eto se paguaram ao termo que concertades. Porque d'esta maneira parece que, ainda que o concerto seja muy pouco, pera istimar por a calidade d'esa gente e modo que leva, de que craram~ete se vee a pouca segurança e proveito que d'ele se pode seguir, he tam pouco o dinheiro que aguora say da mão, que por yso o asy por bem. E neste caso fares concerto sem embargo do rompim~eto d'antre o emperador, meu irmão, e el Rey de França, que vos na outra carta sprevo; por que. ainda que o aja, ey por bem que o façaes, tomandovos o paguamento na maneira sobre dita. E nam volo tomando, e que nã aja niso nehu~u duvida nem maneira de dilaçam, vos o nom fares em modo algu~u. Item: Avendovos vos de desconcertar no ponto em que vos determinardes ho avees de fazer, direis a elRey que vos veio recado meu, que estas naos de França eram ydas ao caso, que atras vos diguo, de esperar~e as minhas naos da India, a quall cousa eu nunca podera cuidar nem esperar que se fizesse, e mais estãdo vos em sua corte, onde vos mandey da maneira que fostes, cõ todas as mais palavras que segundo vos tenho sprito vos parecer que lhes debes de dizer, tomando por fim d'elas que vos vos queres v~yr a me dar conta de todo o que la pasas. E se ele diser que nom soube d'isto, e que lhe pesa, e que o mandara enmendar, e por~e cõ palavras geraes que nã vos declarem loguo algu~ua maneira certa per que vejaes que pode v~yr a bõo efeito, lhe direis que asy he de crer que elle o nom saberia, e que folguara de o emm~edar. E porem que, atee entam, nenhu~ua cousa que se tomase em França se entregou como se devera de fazer, e que vos nom podes leixar de me v~yr dar conta de tudo o que la pasastes; pois que, ~equanto ysto asy estaa, de non se saber o que se siguiu da yda d'estas naos, vos nom podes fazer no concerto cousa algu~ua; e que eu vos mandey que vos vieseis a me dar conta de tudo, e que fica Guaspar Vaaz, que podem bem veer o que ele niso fez, e ffazer o que lhe eu mandar que faça. E se vos diser que quer loguo pasar hu~ua carta patente que, onde quer que forem achados estes franceses armados, se faça d'eles justiça, e se entregue loguo tudo o que fose tomado, lhe direis que lhe tendes em merçe a boã vontade que niso mostra, e que asy sera muy bem que o ele faça; e que se ele d'iso mandar pasar as provisões necessarias pera inteiro efeito de todo o sobredito, que vos folguares muito de mas trazer; e que o mais que eu mandar que nos negocios se aja de fazer, o doutor Gaspar Vaãz, meu ~ebaixador, o podera bem fazer; e ele podera cõ ele falar o que ouver por seu serviço. E ou vos dando as ditas provisões na forma sobredita, e loguo, ou nam volas dando, ainda que loguo as queira pasar, vos todavia vos vires ~e bõ ora. E se por cima de tudo o que nesta carta vos diguo, asy no que toca a vosa vinda, como no do concerto ou desconcerto vos a vos parecer que compre a meu serviço, e per qual quer novidade que seja nacida no neguocio que a materia Requeira, eu ser avisado de vos sobreserdes em vosa partida, vos o fazee; e me sprevee muy compridam~ete, e sem cousa algu~ua vos ficar por me dizer das de que vos parecer~e, per qualquer via que seja que cumpra eu ser avisado, antes de vos de la partides; por que, vista vosa carta, eu vos

responderey ~e toda diligência; e eu confio que, asy no v~yr, como no estar, fares o que virdes que he mais meu serviço. Ite~e~e: na carta que vos envio, da reposta das vosas que trouxe o voso criado, vos diguo que vos envio o capitulo da maneira do juizo que se avia de ter nas cartas da marca, que se ao diante pedisem enmendado da maneira ~e que pareça que devia ser; e porque depois o mandey veer por letrados pelos quaes se achou que era muy grande inconvini~ete asentarse tal capitulo, por que sempre no proceso de pedir a restituicã do que fose tomado a alguum Frances, ele em sua defesa poderia aleguar cousas que, despois examinadas no deradeiro juiz terceiro em que nos aviamos de louvar, poderiam ser muy perjudiciaes á propriedade de minhas conquistas e naveguacões. Por estes Respeitos volo nom ~evio, nem ey por meu serviço que em tal capitulo se ffaale em maneira algu~ua. E ey por melhor, quãto a esta parte, ficar~e as cousas na ordem do derecho com~u. E se, no caso que ouveseis de fazer o concerto, eles o nõ quisesem fazer sem este capitulo, vos em nehu~ua maneira o fares; por que a cousa atras dita ey por abastante por ela soo o nom fazerdes. E fazendose, poderes soamente no concerto meter os dous capitulos de que vos de fora mando o trelado na forma ~e que me pareceo que deviam h~yr; e vão asy de ffora por que nõ quero que fales neles como ~e capitulos que vinhã antre os outros que mandastes, e de que vos lançastes, mas como cousa que vos metes por vos parecer que compre a b~e do negoçio. Iteem: em caso que asentes o dito concerto, na spritura que d'iso se fizer teres grande lenbrança que nõ entre nehu~u proemio, nem palavra, que soy maneira de liga, n~e confederaçam, n~e aliança, crara n~e duvidosamente, mas que vaa no mais chão modo, e cõ palavras que nõ soem outra nenhu~ua cousa, senõ puro concerto sobre carta de marca; e d'isto teres special cuidado como de cousa em que vay muyto. E asy teres lenbrança que, a pobricaçã do tal concerto fazendose, nom ey por meu serviço que se ffaça com trombeta, nem por semelhante modo, por que nom soy nas orelhas do povo mais do que he; e abastara fazerense as cartas conteudas no capitulo, com crausula que ao trelado d'elas autencado se dee fee como as proprias, e que d'estas faças fazer muitas, e poer nas praças e lugares pubricos dos portos de mar de França, e Bretanha, e outros quaesquer lugares ~e que pareça conviniente as taes pobricações se fazerem. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, ~e Evora, a Xii dias de Agosto de 1531. J. Rey. Reposta segunda a dom Antonio d'Ataide. (On Reverse Side) Por el Rey. A dom Amtonio d'Ataide do seu conselho, veador de sua fazenda, e seu enbaixador etc. João J. 2.a (And in a different hand) Escripta a 12 d'agosto e dada a xxiiii do dito mes.

DOM AMTONIO, amigo. Eu, el Rey, vos envio muyto saudar. Por Antonio Lopez Receby vosas cartas de XXVIII e de XXIX e de XXX do mes de julho pasado, por que me fezeistes saber a maneira em que fezeistes o cõcerto da carta da marca de Joham Amguo. E vy largam~ete todas as Rezões de meu serviço que vos moverã ao concluidirdes da maneira que o fezeiste. E asy vy o mais que me sprevees sobre o modo que se deve teer nos outras cartas da marca, e tomadias, sobre que elRey de França me spreve a carta de que me enviastes o trelado. E com vosa carta Receby juntam~ete os trellados do asynado do Almirãte e voso que lhe destes, e da carta do Almirãte, e dos pregões que ham de seer lançados, E porque, segundo vejo por vosas cartas, o negocio do cõcerto de Joam Amguo he separado do que elRey de França me spreve acerca das outras cousas, e nam vos parece que he de necessidade pera loguo se respõder, antes me parece pelo int~eto de vosa carta que se podera melhor responder á sua despois de vos ca serdes; e a marerya he tambeem de calidade e teem pomtos sobre que nam he meu serviço Respomder tam em breve, e mais avemdo vos de v~yr e com vosa ~eformacã se podeemdo melhor fazer, ouve por melhor vos respõder loguo ao do cõcerto soamente. O qual, asy por todas as Rezões que me apõtaaes, e por que teenho por certo que vos as veryees la muy claram~ete, e asy outras muytas por que vos pareceo seer muyto meu serviço fazerdes o dito cõcerto, o ey por muyto beem feyto e vos agradeço muyto toda a diligencia, cuidado, e maneyra com que o fezeiste e nisso trabalhastes: que teenho por certo que foy tall quall cõpria, e que niso nam se pode mais fazer, neem com melhor modo e mais gardado meu serviço, do que vos ho teemdes feyto; do que teenho muyto cõt~etamento. Pelo que vos emcomendo e mamdo que todo o que fica por fazer pera ~yteira cõclusam e efeyto do que açerca d'esta parte do cõcerto da marca de Joham Amguo teemdes feyto e as~etado, vos o facaes, asy spritura de tudo ho que em os conhecim~etos do Almirãte e voso se colhem e tratastes, com as clausullas e palavras que pera mayor segurança sejam necessarias, como os pagam~etos dos dinheiros que se loguo ham de pagar; e pera os outros teermos que teemdes

[ase~etado](#) dar hordeem como se cumpra inteiramente; pera os quaes pagamentos vos emvio minha provisam, como por ela verees. Item: porque este [ase~eto](#) he feyto [soom~ete](#) com o Almirante, e elle soo he obrigado [seg~u do](#) he contyudo em seu concerto, o que asy vos pareceo melhor pera mais firmeza que se [as~etara](#) com Joam Amguo, e ao teempo da derradeira paga o Almirante ha de entregar a carta de marca de Joam Amguo e dar quitações pubricas d'elle e de todas as outras pessoas que teem parte na dita marca, no que muyto debes olhar que nam fique [n~ehu~ua](#) pessoa de fora. E ha muytos casos em que sua segurança soo nam pode abastar, aimda que elle a queyra cõpryr; e em semelhamtes casos se ha d'olhar que as cousas sejam asy beem providas e atadas que a morte de [n~y gu~e](#), neem as mudanças das vidas, posam prejudicar. E aimda em cousa que foy pasada por el Rey de França, e da maneira em que pasou, se Requere [tamb~e](#) na revogaçam e mudança especial cõfirmaçã e aprovaçã sua, vos, no melhor modo e mais amigavel maneira que vos seja posyvell, farees por aver cõfirmaçã e aprovaçã delRey em tall forma que com a dita cõfirmaçã e aprovaçã fique firme e valiosa, como em tal caso deve seer, e como vos e Gaspar Vaaz la melhor vyrdees que se deve [ase~etar](#), e ho saberes muy beem fazer. Item: vos me sprevees que a Ruam fora trazida [hu~ua](#) urqua com fazeenda minha que podia valeer dez mil cruzados, e que asy era tomada outra naao d'açuceres e outras presas; e que Jõ Amguo tynha mamdado delRey pera [~embargarem](#) toda esta fazenda, e asy outra naao d'açuceres que estava em Ruam que tomou á naao que vinha do Brasy; pera o que, com ho cõcerto que fizestes, tynheis avida provisam delRey pera o dito Joam Anguo nam poder usar do dito mandado, e as ditas presas serem Restetuydas. E vos veres pellas cartas que vos teenho sprito o que acerqua desta Restetuyçã avia por meu serviço, e por que pois esta fazeenda se avia de Restetuir, e era sabida, parecia cousa muyto yqual [averse](#) de levar em descõto do que se avia de dar pelo cõcerto; mais pois d'estoutra maneira tambeem estaa certo de se pagar, e em segundo dizees em vosa carta se ha lloguo de Restetuyr, todo veem a [hu~ua](#) cõta. E porem, porque sempre neestas entreguas de França se [oferec~e](#) estorvos pera maaos [pagam~etos](#) e nam cõformes ás pallavras, porque afirmam de loguo restetuir, aimda que creo que nestas nam avera esta duvyda, pella maneira de que vollo teem prometido e me sprevees, todavya vos lembro que ho segurees com todas as cautellas que pera yso forem necessarias, de maneira que eles nam cuidem que vos satisfazem, [cometendovos](#) a se pagar por suas justiças, e dizemdo que loguo se pagara, porque ysto nunca aveera efeyto, como estaa visto pellas causas pasadas, mas que [detryminadam~ete](#) ho mandeem loguo [~etregar](#). E a fazeemda que hia na urca sam dezanove myll cruzados, segundo me spreve o meu feitor de Framdes, a saber, dez mil cruzados meos e os outros de meos naturaes. E alleem das tomadias sobreditas que me sprevees, sam tomadas na Rochela a meus vasallos de Viana de Foz de Lyra certas mercadorias, que vallem seys myll cruzados, por virtude de mesma carta; nos quaes nam deve aver duvyda pera lloguo se [~etregar~e](#) por serem da mesma calidade. E quamto á fazenda da urca, pello meu feitor de Framdes se pode fazer [imteyram~ete](#) a prova da que era minha; e a fara com a brevidade que lhe spreverdes que o faça, porque se caregou por elle, e estaa [ase~etado](#) em livro a que se daa fee em outras mayores cõtias; e a demasya que he das partes, pois elle o spreve em numero çerto, deve saber pellas adições de cujo he; que d'outra maneira o nam podera sprever em numero çerto. [Sprevelhe](#), se for necesario, que elle me spreveo isto e que se faça la fazer toda a prova que for posyvell de quãta a fazemda he, e cuja he, e a emvie ha Gaspar Vaaz, pera por hy se poder Receber ho das ditas partes. E o modo de que se ahy Requerara, e tambeem que se deve teer na prova de Framdes, sabera muy beem Gaspar Vaaz; e da maneira que lhe a elle parecer se fara; e por yso ho nam mando ca veer. E porque neste negocio nam ha mais que fazer que [fazerse](#) a spritura do cõcerto no modo atras dito, eu ey por beem que vos vos venhaes a [m~y](#) em booa ora: e asy vos encomemdo e mando que o façaes; e podemdo a trazer, averey d'iso prazer; e, se nam, fique a Gaspar Vaaz cuydado de ha tirar no modo sobre dito, e segundo que cõpre, e de ha emviar. Item: com esta vos emvio [hu~ua](#) carta de crença pera elRey de França, pella quall lhe direes que, por ja nam seer necessaria vosa estada lla, vos mãdo que vos venhaes a [m~y](#); e que eu vos mandey a elle pera lhe dizerdes o muy grande amor que lhe teenho, e quanto sempre istymey sua amizade, e por vos elle poder melhor saber com quanto amor e desejo della eu sempre a procurey e procuro, como sempre ey de folguar de o fazer, e espero que elle da sua parte o faça, como he muyta rezam que seja: e que há carta que me spreveo, eu lhe respõderey loguo; e que, se deseja de meus reynos [alg~ua](#) cousa que neles aja, mo faça saber por vos, porque com muyto boã vôtade folgarey muyto de em tudo ho cõprazer. E vos, de vosa parte, lhe direes que, se mãda de vos [algu~u](#) serviço, lhe teres em mercee de vollo mãdar. Item: a [m~y](#) que me veeo nova de naaos de Franceses que amdavã na [parag~e](#) da Ylha do Fayal, como veres pello que sobre iso nas outras cartas vos

sprevy, e em [hu~ua](#) que vos enviava por Castanho que [som~ete](#) a yso hia, que se deteve com ho voso Recado. E por ser cousa tam contraria ao negocio em que estaveys, e do fim que do cõcerto se deve esperar, vos sprevy o que pellas ditas cartas verees. Agora que ho cõcerto he feito, ey por meu serviço que nam falees nisto por via de [descõt~etam~eto](#), senam muy [amigavelm~ete](#), mostramdo que avees por certo que estas naaos seram de ladrõees de que se nam poderia aveer noticia, porque o all nam se poderia cuydar de [nehu~ua](#) geemte do mundo, quamto mais na [~e](#) que tamta homrra e preço ha. E d'esta sustancia seera toda a pratica que com elRey e com todos neeste caso tiverdes. E direes a elRey, que eu vos sprevy, que me spreveram d'aquellas ylhas, como aquelas naaos amdavam naquella [parag~e](#), como em minhas cartas vos diguo; e que eu tenho por muy certo que a elle lhe desaprazera muyto desta nova e folgara de os mandar muy [inteiram~ete](#) castigar; o que lhe Roguo muyto que asy queyra fazer, mandamdo loguo fazer diligencia por todos os portos de seus reynos e senhorios, pera saber que gente esta he, e pera lhe dar o castiguo que em tall caso merecem; insystymdo de minha parte que se faça esta diligencia pera lhe darem este castiguo. E da vosa parte lhe direes que lhe terees muyto [~e](#) merce de elle querer nam [soom~ete](#) mãdar fazer as dyligencias sobre ditas, mais lloguo vos querer dar, pera me trazerdes, taaes provisões porque eu posa [claram~ete](#) conhecer sua võtade [~e](#) semelhantes cousas; e que [verdadeiram~ete](#), em vollar asy dar, vos fara muy grande mercee, porque vos avees por muy certo que eu, com ellas e com esta demonstraça sua, Receberey muy grande prazer, e vos tam grande [cõtemtam~eto](#), que de [n~ehu~ua](#) mercee que elle vos podese fazer ho nam poderyes Receber mayor. Porque, d'outra maneira, vos nam saberyees como vir a [v~yr a m~y](#), por seer pasada tall cousa em tempo que vos tynheys praticado o que elle sabe, e isto em cousa tã contraria ao fym a que la vos enviey. E as provisões que elle neste negocio deve pasar, e vos lhe pedyr, sam cartas [pat~etes](#) pera segurança e eixemça, que onde [ondequer](#) que estes [hom~es](#) forem aportados e achados, teemdo feyto [algu~u](#) dapno, foseem loguo presos, e Restytuydo e entregue tudo o que trouxesem tomado, e d'elles se fezese inteiramente [~yteiram~ete cõprym~ete](#) de justiça. E a forma das cartas, [podemdose](#) aver, seja a melhor que vos poderdes, e segundo parecer a vos e ao doutor Gaspar Vaaz que mais cõpre a meu serviço, teemdo sempre [l~ebranca](#) na maneira d'elas; que, allem de este ser o melhor Remedio que se agora pode proveer pera se [~etregar](#) e Restetuir [algu~ua](#) cousa, se ha Roubaseem, tambeem aproveitara, se [algu~u](#) dano [Recebes~e](#), de minhas armadas ficarem, pera se nõ poderem aqueixar do dano que lhe fose feyto. E a parte que avees de pedir que veenha nas ditas cartas pera se fazer a entrega a Restetuyca do que tiveram tomado, como dito he, seera Requerydo e pedido da vosa parte; porque da minha nam seera soomente o que toca ao castiguo. Iteem: ao Gram Mestre, Cardeal, e o Almirãte dares minhas cartas de crença que pera eles vos envio, e lhe direes de minha parte meus [agradecim~etos](#) da boã vomtade que nelles achastes pera as cousas de meu serviço. E os leixares o mais meus servidores que poderdes. E a eles despois d'isto, e de terdes fallado a elRey no negocio das naaos, lhe fallares acerca d'ellas na propria maneira em que vos mando que ho falles a elRey. Iteem: vos me sprevestes que ho Almirãte vos dizera que, em quamto elle fose Almiramte de França, nam irya ninguem de França ao Brasyl, neem á Malagueta, a tratar seem minha licença. E a carta sua que me enviastes, em que niso falla, diz que, quamto ás [viag~ees](#) da Malagueta, que estaa em minha obidiência, e outras teeras que teenho e posuo, que nam yriam a elas allguns navios de França pera yr tresfegar neem negociar seem minha licença, estas palavras veem tan limitades, e sam tanto mas curtas do que vos dise a primeira vez, que, quando por elas ho apertaseem, poderia dizer que as taes teerras nam estam em minha [obidi~eça](#), ou que as nam posuo, aleem de se poder com esta cauteela desobrigar, se vyrya a tratar da mesma materya de pose e propiedade de minhas navegações que he tam prejudicial a meu serviço, como pellas outras cartas veres. E se vos vyrdees que ele esta sua carta emtende mais [chaãm~ete](#) do que ca se toma, e que elle [~etende](#) por estas palavras o que da primeira vos dise, podemdo vos [em~edar](#) as palavras [som~ete](#), seem declarar a duvyda por que as queres emendar, seera muyto meu serviço; a saber, que ele diga que nam iram navios de França, neem de seus senhorios, ha Resgatar, neem comereçar, á costa da Malagueta, neem á costa e terra do Brasyl; porque, dito isto asy, fica obriguado por suas palavras a se nam fazer. E se [chãm~ete](#) ho asy quer, parece que [facilm~ete](#) se podera [em~edar](#), e se o spreveo [maliciosam~ete](#), he escusado fallar mais niso, senam ficar como estaa. E pera lhe pidirdes esta carta neesta maneira, buscares ho melhor meyo que vos parecer pera seer tam desymulado, que nam cuyde que ho falaes a este fym; porque, espertase por [n~ehu~ua](#) via agora lla esta materya da pose e propiedade, aveloya por cousa muy contraria a meu serviço. E se niso pode se [~etrar](#) a costa de Guinee, beem creres que me nõ pesarya. E porem, se vos parecer meu serviço nam falardes ao Almiramte na materya d'este capitollo, nam ho farees. Iteem: por

que me sprevestes que tevereys coreos e pessoas pera saberdes a naaos d'armada que estavam pera sayr, folgarey de se saber se sayram [algu~us](#) depois de dados os pregões, ou se estam [algu~us](#) pera sayr; e a certeza que d'iso poderdes aveer, me trazerdes; porque o averey por meu serviço; e de leixardes ordeem a Gaspar Vaaz pero o saber ao diamte, e dizer a elRey de França o que sobre iso for necesario, e mo sprever. Iteem: averey por muyto meu serviço saberdes as contias de que se pedem as cartas de marca que se [requer~em](#), e asy as somas em que foram cõcedidas as que ja sam pasadas, e a queem, e me trazerdes d'iso Recado: e asy de saberdes o melhor que poderdes as causas que tiveram pera lhas darem; e em que pontos disseram que lhe foy ca denegada justiça. Iteem: folgarey, de quanto vos for posyvell, saberdes domde sayram as naaos d'armada que teenho novas que sam nas lhas; e quãtas sam: e a [g~ete](#) que levam; e queem as armou. Iteem: ey por meu serviço por vosa disposisam, que nam venhaes pellas postas; e asy o fazee; e ainda as jornadas sejam de maneira e com tall temperaçã quall cõprir a vosa disposisam. Iteem: o que vos teenho sprito que façaes pelas outras cartas, quando vos partyrdes, com a Rainha minha madre, e Madama, may delRey de Frãça, vos [emcom~edo](#) que façaes; mudando a sustância, porque emtram era com [descõt~etam~eto](#), e agora ha de seer com mostrardes que vymdes [cõt~ete](#) delRey, da maneira em que se cõcludio o negocio a que a elle vos emviey; e o modo e palavras leixo a vos, que o façaes assy como melhor vos parecer e mais meu serviço. Iteem: por duas cartas minhas, que com esta vos envio, veres as vosas que atee emtam tinha Recebidas, e o que a elas vos respondia; as quaes vos agora mando pera vosa informação [~eformacã soom~ete](#), do que se ca practiva e parecera que era meu serviço, pera poderdes [v~yr](#) o melhor informado [~eformado d'alg~uas](#) cousas que neelas se tocam, pera me sobre yso poderdes ca melhor dizer vosso [\[vosso\]](#) parecer acerca d'elas. E asy porque nas ditas cartas vão [alg~uas](#) cousas que ainda [serv~e](#) e se ham de fazer, assy como pelas ditas cartas veres, e levam as taaes na margem [marg~e hu~ua](#) cruz, e vão atadas as Reegras com [hu~u](#) Risquo do que se ha de fazer, farees o que nelas se cõteem; a saber, aquelas que levam o dito synall. Sprita em Evora a XV dias d'agosto, o secretario a fez, 1531. J. Rey Reposta a dõ Amtonio, às cartas deradeiras que trouxe Antonio Lopez. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide do seu conselho, veador de sua fazenda, e seu embaixador, [etc.](#) J. Esta he deradeira, e primeira pera ler, que he reposta das que deradeiramente trouxe Amtonio Lopez. (And in a different hand) Escryta a [Xv](#) d'agosto, e dada a [XXiiii do](#) dyto mes.

DOM AMTONIO, amigou. Eu, elRey, nos envio muyto saudar. Vy todas as cartas de vosa mão que me sprevestes por o vosso criado, que veeo em posta, e asy as que agora trouxe Amtonio Lopez. E ouve com elas muyto prazer, e muyto mayor com saber por ellas que estaveys ja em melhor disposisam; e espero em nosso Senhor que vos dara imteira saude, e por nam aveer neçesidade d'outra Resposta, soamente ao que tocara ao concerto que fezeistes sobre a carta de marca de Joam Amgo, em que me ey por muyto servido de vos. E ey por muy çerto que se nam pode melhor fazer, e que vistes que cõpria asy muyto a meu serviço por todas as Rezõees que me destes pella carta sprita por Manuel de Moura, que foram muy bem olhadas, e de que eu Receby muyto [cõt~etam~eto](#), e de mas spreverdes tam [particularm~ete](#). Nam vos faço a ellas outra Reposta, e [principalm~ete](#) por esperar que sejaes ca muy cedo, pois ey por meu serviço que loguo vos veenhaes, como vollo sprevo; com que me prazera muyto, com tanto que no caminho vos nam apressees de maneira que vos faça mall a vosa disposisam. E asy vos [~ecom~edo](#) muyto que ho façaes. Sprita [~e](#) Evora, XV dias d'agosto, o secretario a fez, 1531. J. Rey. Reposta a dom Amtonio. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide do seu conselho, veador de sua fazenda, e seu [~ebaixador](#), [etc.](#) J. (In a different hand) Escrita a XV d'agosto, e dada a [XXiiii do](#) dyto mes.

DOM ANTONIO, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. [Pareceome](#) que era bem vos dar aviso, se vires pela corte da emperatriz minha miuto amada e preçada irmã ou nam. E o que ey por mais meu serviço, he leixado a vos; que segundo vos achardes de vosa disposisam, e torcerdes pouco ou muyto do caminho, ou como vierdes pera iso aparelhado, asy ho façaes. E do que for de mais vos [cotentam~eto](#), me averey niso por mais servido. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, [~e](#) Evora, a XV dias de agosto de 1531. J. Se, pella ventura, vyrdes pela corte da [~eperatriz](#), e vos parecer beem [fazerdello](#)

, neste caso lhe dares cõta do negocio assy como vos beem parecer, porque a vos leixo que façaes nisso o que mais meu serviço vos parecer, leixando a vos fazerdes por hy o caminho ou nam; e se trouxerdes algu~uas cartas do emperador pera ela, e nam ouverdes de vyr por omde ela estaa, por vos parecer bem mam ho fazerdes, lhas enviares por algu~e voso, fazendolhe d'iso a desculpa que vos bem parecer, de vyrdes mal desposto, ou em qualquer outro modo que melhor vyrdes. Vosa partida averey muyto prazer de ser o mais em breve que seja posyvel, e asy a vymda, cõ tanto que vos nõ faça nojo a vosa disposisam. Das cartas de crença que vão pera o Gram Chanceler e o Almirante vos envio hu~u trelado, porque todas sam d'hu~u teor, pera as verdes; e se vos parecer que nam ha necessidade de lhas dardes, nam lhas dares, e sem ellas lhe direis as palavras que vos beem parecer, porque a vos ho leixo. J. Rey. Pera dõ Antonio d'Ataide. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, veador de sua fazenda, do seu conselho, e seu ~ebaixador, etc. J. (And in a different hand) Escripta a XV d'agosto, e dada a XXiiii do dyto mes.

DOM AMTONIO, amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Bras Corea me deu vosas cartas que por elle me enviastes. E nam ha necessidade de a ellas vos Responder, soamente que vosa vymda seja muyto em booa ora; e que averey muyto prazer de vosa chegada a m~y seer o mais em breve que poderdes, nam tomando muyto trabalho no caminho. E pareceme muy beem vyrdes por omde estaa a ~eperatriz, minha muyto amada e preçada irmãa, pellas Rezões que me spreves, e asy o modo que dizees que niso teres, e darlhees dos negocios e de todas as cousas aquela cõta e parte que vos beem parecer. E o coreo que esta vos dara mãderya Alvaro M~edez que despachase de laa em grande diligemçia, pera vos yr tomar ao caminho, por me parecer asy melhor; e nam fiz saber a Alvaro M~edez o que vay na carta. E eu sprevo a Alvaro M~edez que vos dee muy particularmente cõta de todas as cousas; e asy do negocio como de todas as outras de quallquer calydade que sejam, pera per vos as saber melhor do que por cartas. Dizelhe como eu vollo sprevy; e se allem do que elle vos dizer, vyres que he necesario, perguntardes-lhe por preg~utardeslhe por alg~uvas outras que vos parecer meu serviço, fazeyo. Sprita em Evora, XViii dias de setembro, o secretario a fez, 1531. J. Rey. Pera dõ Antonio d'Atayde, sobre sua vymda por õde estaa a ~eperatriz. (On Reverse Side) Por elRey A dom Antonio d'Atayde, veador de sua fazenda, do seu cõselho, e seu embaixador, etc. J.

Dõ AMTONIO, amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Por via d'Alvaro M~edez de Vascõcelos, do meu cõselho, e meu ~ebaixador na corte da ~eperatriz, minha muyto amada e preçada yrmaã, ouve hu~ua carta vosa, feyta em Castyll, a xiii d'este mees de setembro; e de saber por ela de vosa doença e maa disposisã, Receby tanto descõt~etam~eto como he o amor e muyto booa vomtade que vos teenho. Espero em Noso Senhor que vos dee imteyra saude. E mãdey loguo despachar este coreo pera vos levar esta minha carta; o quall nam vay a outra cousa. E prazera a Noso Senhor que me trara tam boas novas de vos, e de vosa saude, como eu agora e sempre as querya saber. E vos gradecerey muyto de loguo ho despachardes, pera me trazer em toda diligemçia Recado de vos, que, de seer muy boõ, ey de Receber muyto cõt~etam~eto. Alvaro M~edez me spreveo que d'aly proveera loguo às andas [andas] que lhe mãdareys pedir, e asy a todas as cousas que pareciam necessarias pera o remedio de vosa cura; e Receby d'iso muyto prazer, e asy lho mãdey agradecer. E acerca do negocio sobre que vos spreveo o doutor Gaspar Vaaz, de que veeo Recado despois de vosa partida, gradeçovos muyto tudo o que sobre yso me dizees de voso parecer, com quanto me desprouve do trabalho que tomastes em me sprever, por estardes tam mal desposto, como vy pella carta que Manoel de Moura spreveo ao cõde de Vemyoso. E eu respõderey loguo ao doutor o que acerca d'aquela materya me parecer que he meu serviço. E pareceo-me pareceome b~e o que niso me dizees, e do que me l~ebraes acerca de vosas cousas. Eu espero ~e Noso Senhor que vos dara ~yteira saude, e pera me servyrdes tantos años e tão a meu cõt~etam~eto, como eu sey que ho vos desejaes. E quando elle d'outra maneira se ouvese por servydo de vos, podees teer descanso que de vosa molher e filhos e de todas as cousas de voso descareguo ey de teer aquela l~ebança que Requer o amor e muyto booa võtade que vos teenho, e que por vosos serviços vos merces. Esprita em Evora, a XXVI dias de setembro, o secretario a fez, de 1531. J. Rey. Reposta a dõ Antonio d'Ataide. (On Reverse Side) Por elRey. A dõ Antonio d'Ataide do seu cõselho, veador de sua fazemda, e seu ~ebaixador, etc. J.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos emvyo muito saudar como aquele que muyto amo. Vy as cartas que me escrevestes do dous d'este mes, e asy o asento que se llaa tomou dos pareceres dos pillotos sobre a armada poder yr pela costa da Mallageta; e [pareceome](#) muy bem a pratica que se niso teve e o asento que se tomou; e ey por bem que se faça d'iso fundamento, imdo dõ Pedro avysado que nõ perca nenhum [nenhu~u t~epo](#) de sua viagem por cousa que na dita carta posa achar, e asy se lhe poera no Regimento que se lhe ha de dar; e as caravellas de Mina ey por bem que vam seu caminho dereyto sem irem pella dita carta como dizeis. Ayres da Cunha me escreveo que tinha o galleam prestes e que serya nesa cidade ate dez d'este mes; [~ecomemdvos](#) muyto que ho mamdes fazer prestes, pera ir nesa armada com o moor brevidade que for posivell. E Fernam d'Alvares me dise que vollo tinha escrito, e vos mandara a carta que vos Ayres da Cunha d'iso escrevia. Quanto hás escrevaninhas d'esas caravellas d'esa armada, eu ey por bem que façaes niso o que vos bem parecer, e, parecendo vos necesario e meu serviço, llevarem todas escrivães e que vos deis as esprivaninhas por allvaraes nosos, cõ os hordenados que vos bem parecer, hás pesoas que escolherdes que pera iso forem autas. E os vosos alvarais mando que se cumprã niso, como se fosem asynados por [m~i](#). Os capitães das caravelas e navios sam jaa todos partydos, e Nicollao Jusarte me tem estprito que ate dez d'este mes sera nesa cidade. E imdo o galleam do Bispo, falleçe por proveer [hu~u](#) capitã que se lloguo provereya. E os mercadores que llaa nõ sam, sera porque se fazia fundamento da parte no mes d'outubro; e todas sam filhados cõ decraçama que, nõ imdo nesta armada, por quallquer caso que seja, seus [filham~etos](#) nom ajam efeyto, e por este Respeito me parece que sam. E vos mandareis fazer [hu~u](#) roll dos que [for~e](#), pera se quaa cõcertar cõ o livro das moradias, pera o que nõ forem [for~e ser~e](#) Riscados, pois cõ esa condiçam foram filhados. [Pareceome](#) bem o cobre que emvyaes nestes navios e no galleã [~eviareis](#) tambem o que vos bem parecer, e nã outras mercadorias nem cabedall, soamente llevara dõ Pedro no galleam [c~iquo](#) ate seis myll cruzados em outro, pera que, sendo caso que inverne [~e](#) Mascate, como parece que sera, e hy nõ for o Capitão Moor de India, teer dinheiro pera os [mãtim~etos](#) e provisam d'armada; e nõ lhe sendo necesario, os entregara na India; e desa maneira o levará por regimento. Vy os [apontam~etos](#) que vos deu Allvaro Penteado, capitão, e ainda que parece cousa de pouca autoridade e sostança, se, sem vos pejar tempo, poderdes saber o que diz nos apontamentos, como se fara cõ qualquer promessa de merce que vos bem parecer, aproveytando sua emvençam, Receberey cõ iso prazer; e [parec~edovos](#) que nõ he cousa pera [~etender](#) nem ocupar o tempo, nõ curareis d'iso, e fareis o que vos melhor parecer. Pelo que escrevestes a Fernam d'Alvares vy as despesas que se llaa [faz~e](#), e a necesydade que ha de dinheiro. Os [pagam~etos](#) que se quaa despacharã foy com a moor provisam que se pode fazer, [por~e](#), como os [hom~e](#) vam fora de [t~epo](#) hordenado, foy necesario fazer se lhe alguns [allgu~us](#) [pagam~etos](#). D'aquy em diamte se fara o mais apertadamente que poder ser. Agradecer vos ey [escreverdesme](#) o que se pratica llaa sobre o cõtrato, e se vos fallarã mais eses mercadores, e o que vos parece que se deve fazer. Há carta do governador mandares Responder. Fernam d'Alvares a fez, em Evora, ao [xiii](#) dias de janeiro de [VcXXXiii](#). J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

CONDE, Amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Eu, por atalhar aos incomvinientes que se seguiam, em ser levado dinheiro, ouro, joyas, e prata a Çafala, em que era muyto desservido, pasey [hu~u](#) meu alvara pera ser levado á dito fortaleza, o qual mando que seja Registrado nesa casa da India, como por elle veres, por que defendo que [nenhu~ua](#) pesoa, de qualquer calidade que seja, posa levar ne Registrar na dita fortaleza [nenhu~u](#) dinheiro ouro, prata nem joyas, na maneira que veres pelo dito meu alvara. [Agradecervosey](#) muito [fazerdelo](#) loguo Registrar e noteficar nesa casa da India; e alem d'iso mandardes poer [hu~u](#) voso asinado, antes da partida d'esas naos, nas portas da dita casa da India, que qual pesoa que for pera Çofala saiba que nam ha de levar dinheiro, ouro, joyas [n~e](#) prata que sobre da sobre dita contia, por que, segundo fuy emformado, eu sam niso muyto desservido. Pero d'Alcaçova Carneiro a ffez, [~e](#) Evora, a [xiiii](#) dias de janeiro de [\[janeiro de\]](#) 1533. J. Rey. Pera o conde da Castanheira, sobre o que faça na defesa que [nenhu~ua](#) pesoa posa levar dinheiro, ouro, joyas e prata a

Çofala. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, do seu conselho e veador de sua fazenda, [etc.](#) J.

COMDE DA CASTANHEIRA, amigo. Eu, elRey, vos envyo muyto saudar como aquele que amo. Esta portarya que vos com esta envyo nom parece vosa. Vede a e, seffor ffallsa, trabalhay quãto a vos ffor posyvel de se premer ese [hom~e](#), que, poys dis que a d'ir á Indya, nessa casa ao [as~etar](#) se pode tomar; porque d'outra maneira sera trabalhoso d'achar, por que ele nom diz na pytyçam se [pr~edese](#); e ele se ffoy a esa cydade, e deyxaria Recado que, como ffose asynado, lho mãdase. E por asy como açertou de ser em cousa de pouca sustancia, pode ser que por causa de vosa [aus~encia](#) se descubram outras de mays peso, pera se iso evytar, e pera [~ex~eplo](#) dos outros, eu ffolgarya que se achase, pera ser bem castygado; e tão to que ffor preso, mo ffareis saber. Basteam da Costa a fez, [~e](#) Evora, a XV dias de janeiro de 1533. Rey. Pera o comde da Castanheira, sobre a portarya de Gaspar Gonçalves. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, do seu cõselho, e veador da ffazenda.

COMDE, Amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Vy a carta que me escrevestes, em que me daeis cõta de que he feyto na Armada da Imdiam, asy o que he necesario pera as naoos do ano de [VcXXXiiii](#) e o mas das outras armadas. Muyto vos agradeço quam myudamente me de todo avisaees, e as boas llenbranças de vosas cartas. Quanto ao que toca á armada da Imdia d'este ano, emcomendo vos muyto que a todas [todallas](#) naoos mamdeis dar a moor presa que for posyvell; e por [allg~uas](#) praticas que se moverã, nõ he tomado asiento em ir a dita armada junta e cõ o capitão moor d'ella ou d'outra maneira. Lloguo vos ira Recado da determinaça que se niso tomar, pera saberdes o fundamento que aveis de fazer; e eu espero com ajuda de Noso Senhor que, com o bõo aviamento que aveis de mandar dar, e a delligença que se nyso ha de poer, que todas partam ao tempo que dizeys, que sera muyto meu serviço. Os capitães e pesoas que quaa andam, mãdarey que se partam lloguo. Vy o roll das naoos que, prazendo a Noso Senhor, se esperam da Imdia, e as que seram neçesarias pera o ano de [VcXXXiiii](#); e [pareceome](#) muy bem todo o que em vosa carta apontaes; e ey por bem que se façam as tres naoos novas que dizeis, a saber, duas pelo partido de Fernam Gomez que Jorge Llopez quer fazer, e [hu~ua](#) a frete que quer fazer Joam Allvarez de Camynha; e todas tres seram da grandura das quatro que fez Fernam Gomez pouco mais ou menos. [Emcomendovos](#) muyto que mandeis lloguo fazer os contratos das ditas tres naoos, pela dita grandura, cõ os ditos Jorge Llopez e Joam Allvarez de Camynha, ou cõ quaesquer outras pesoas que vos melhor parecer e qque mays pera iso sejam, e que a melhor preço e a mais meu serviço o [fizer~e](#); e lloguo manday llaa asentar os cõtratos, por que da maneira que ho fezerdes, me averey por muy bem servido. E com esta vam provisões pera se cortar as madeiras que vos mandardes; e todas [todallas](#) mais que forem necesarias iram da maneira que has mandardes pedir. Vy todo o que dizeis sobre as duas caravellas, que se devem d'armar pera as Ilhas, por a guarda das naoos da Imdia. [Pareceome](#) muy bem todo o que sobre yso apontaes, e ey por bem que se façam prestes pera [partir~e](#) no mes de março; [~ecomendovos](#) muyto que as mandeis fazer prestes, e asy artelharya, pollvora, e armas pera llaa nas Ilhas se armarem as outras duas. Ey por bem que vaa capitão moor d'esta armada Ayres da Cunha como me escreveis. Vos lho direis de minha parte, e lhe mãdareis dar minha carta que lhe sobre yso esprevo. E a Fernam d'Allvarez fica cuydado de fazer os Regimentos e provisões necesarias pera a dita armada e vollos envyar. Há vosa carta nõ ha mais que Responder, nem he neccesario [emcom~edarvos](#) o que se llaa ha de fazer, por que tudo ha de ser melhor feyto do que se de quaa pode escrever. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, a XViii de Janeiro de 1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. Ao comde da Castanheira, Veador de sua fazenda. (And in a different hand) De [XViii](#) de Janeiro [as~etado](#)

COMDE, amigo. Eu, elRey, vos envyo muito saudar. Pero Lopez de Souza vay llaa, e vos dara cõta do que pasou na sua [viaj~e](#), e como leixou no porto de Farão duas naoos francesas cõ trimta e tantos Franceese; e porque eu queria que as ditas naoos com a gemte que nellas estaa e os ditos Franceses se trouxesem lloguo a esa cidade, vos [emcom~edo](#) muito que ouçaees o dito Pero Lopes, e vos emformes

delle de todo o que pera trazer as ditas naos for necesario, e mãdeis lloguo por ellas cõ [dellig~ecia](#). E pera se [trazer~e](#), e os ditos Franceses vyrem a bõ Recado, mãdareis todo o que compyr. E eu escrevo a Nuno Rodriguez que lhe mando dar [mantem~etos](#) e teer os Franceses a bõ Recado, ate hyr voso Recado pera os trazerem ha esa cydade. E pera vosa emformacã crereis todo o que vos o dito Pero Lopez dizer; por que elle vos emformara de todo o que pasa, e do que compre. E porque vem nas ditas naos quatro Reys da terra do Brasyl, tanto que as naos chegarem, fallareis a Afonso de Torres, que hos mande agasalhar. E lhe mandareis dar de vestir de seda, como vos dira Pero Lopez; e nisto mandareis dar muyta diligencia, por ser cousa que tanto compre a meu serviço. Fernam d'Alvares a fez, em Evora, a XX dias de Janeiro de 1533. J. E tanto que os Franceses forem nesa cidade, direis ao governador que hos mande meteer no Lymoneyro e teer a bõ Recado, e escrevermeis o que nisto faz. Rey. Pera o conde da Castanheira (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, veador de sua fazenda. (And in a different hand) [As~etado](#).

COMDE, amiguo. Eu, ell Rey, vos emvyo muito saudar. Vy a carta que me escrevestes, em que dizeis que nom podem ir este ano há Imdia mais que setecentos [hom~ees](#) de sobresallente; e vi o Roll da Repartiçã d'elles que me pareceo muy bem. E por a gente ir bem agasalhada, e pellas Rezões que em vosa carta apõtaes, ey por bem que nam vam mais que hos ditos setecentos [hom~ees](#). [Ecomendovos](#) muyto que trabalheis por irem os mais marinheiros e bombardeiros que poder ser, pela necesydade que na India d'elles ha. Oje chegou da corte da emperatriz, minha muyto amada e preçada irmãa, Joam Paes, que llaa era pela llicença pera irem hás Antilhas cõ escravos, e nom trouxe Recado [allgu~u](#) pera poderem ir; pelo que me parece meu serviço emtender se no cõtrato, que se d'antes praticava, cõ a moor ventajem que poder ser. E Fernam d'Alvares me dise que davam agora quatro myll cruzados mais do que se fazia em Allvito, e elle escreve a Lluca Geralldo, que ho cometya, que falle cõvosco. [Emcom~edovos](#) que falleis cõ elle, e cõ quaesquer outros mercadores que vos bem parecer; e trabalheis por o concertar o melhor que poderdes, por que averey por meu serviço que se faça. Fernam d'Alvares a fez, em Evora, aos [XXi](#) dias de Janeiro de 1533. Rey. Pera o cõde de Castanheira. (On Reverse Side) A dom Amtonio d'Ataide, comde de Castanheira, veador de sua fazenda. (And in a different hand) De XX de Janeiro [as~etado](#).

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos emvio muito saudar. Bem creo que teereis sabido da vinda de Pero Lopez de Souza, que veyo do Brasill; o quall, antre outras boas novas que trouxe, foy que, vymdo elle do Rio da Prata, correndo a costa do Brasill, veyo teer a Pernambuco, õde achou os Franceses, que tinham feyto fortalleza; e lha tomou, e os tomou a elles, e ficou paçificamente [~e](#) poder de Portugeses sem [nenhu~ua](#) contradicam. E porque parece que, por esta obra ser feyta, nom sera necesario ir Duarte Coelho com a sua armada há dita costa do Brasyll, e que seja muyto mais meu servyço ir esperar as naos que Antonio Vaaz de Lacerda diz que aviam de partir de França pera a India ao porto ou llugar omde elle diz que se aviam de ir ajuntar, pera segirem d'y sua viagem em cõserva ate a Imdia, que deve de ser na costa de Ginee ou perto da costa da Mallageta, omde o dito Duarte Coelho estaa. [Encom~edovos](#) muito que vos emformeis do dito Antonio Vaaz quall he o llugar omde se as ditas naos de França aviam d'ajuntar, e asy em que tempo aviam de partyr, e poderam ser no dito llugar. E tomada d'elle a dita emformaçam, pratiqueis cõ pessoas que bem emtemdam, e guardem o segredo que neste caso compre, se podera o dito Duarte Coelho ir esperar as ditas naos ao dito llugar, e se sera meu serviço [fazerse](#), e asy se avera tempo pera se lhe mãdar este avyso d'aquy ate os X ou XV dias d'abryll, que levou por seu Regimento que [andase](#) na costa da Mallageta. Por que sam emformado que, pelas caravelas que forem há Mina, e navios que vam há Ilha de Samtome, se lhe pode mandar este aviso, e achando vos que se pode fazer cõ muyta dilligencia, mandareis fazer prestes caravelas pera a Mina, ou quallquer outro navyo que vos parecer que melhor posa levar o dito avyso; e me escrevereis o que niso achais, e o que se dever fazer, pera mandar lloguo fazer as provysões neçesarias. Por que, podendo o dito Duarte Coelho ir esperar as ditas naos, o averey por muyto meu serviço. Fernam d'Alvares a fez, em Evora, aos [XXi](#) dias de Janeiro de 1533. J. E [emformarvoseys](#) do dito Amtonio

Vaaz dos synaes que as ditas naaos aviam de fazer [h~uas](#) hás outras, e de todo o mais que vos parecer que cõpre pera o Regimento que se ouver d'enviar a Duarte Coelho. E quando parece se que nõ poderia aproveytar por ir esperar as ditas naaos de França, praticareys se ser a meu serviço mãdallo tornar da dita costa da Mallageta, pera nõ amdar mais tempo despendendo os solldos e mantymto, e se podera vyr hás Ilhas esperar as naaos da Imdia, que este ano, cõ ajuda de Nosso Senhor, hy seram; e de tudo me [~evia](#) vosa Reposta. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veedor de sua Fazenda. J. (And in a different hand) De [XXi](#) de Janeiro. [As~etado](#).

COMDE, amyguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Bem tendes sabydo como veyo aqui Antonio Vaaz de Llacerda, e a cõta que deu das cousas de França; e depois eu o ouvvy, e me fallou mais largamente, e me dise que Joam Afonso era partido no [t~epo](#) que vos elle dira, e cõ fundamento e apercebydo de maneira que vos tambem dira. E asy me dise que se apercebyam seis naaos pera partirem neste abril, que vem pera irem há India e a Çomatra. E como cada [h~ua](#) d'estas seja de tanta importância, e se deve proveer o melhor que for posyvell segundo o que ho tempo daa llugar, eu o quisera aqui praticar cõ pessoas que sabem a India e a navegaçam; e pera que ao presente as nõ aveer, e serem todas nesa cidade, e ser o [t~epo](#) tam curto pera a partida das naaos da India que embora ham d'ir, mandey que pella posta fose o mesmo Antonio Vaaz, pera llaa ajuntardes Lope Vaaz de Sampayo, e Francisco Pereira, e Antonio de Mirãda, e Pero Afonso Dagiar, se hy estiver, e quasquer outras pesoas que vos parecer que guardará o segredo d'isto, e vos saberem dizer o que sera mais meu serviço. [Emcomendovos](#) muyto que loguo os ajunteys, e tomeis asento no que parecer que se deve fazer, e mo escrevaes largamente, pera lloguo mãdar o que mais meu serviço for. E o que aveis de praticar he ysto; primeiramente vendo pela emformaçã de Antonio Vaaz o camynho que lleva Jan Afonso, e as [paraj~ees](#) em que espera d'andar, se esta armada que agora parte pera a India pode ir junta por onde o posa topar, ou, se pode ser, ir por duas Rotas apartadas, e nõ perder sua navegaçã, pera cada [h~ua](#) d'ellas por seu caminho ser mais certo de a toparem; poe que, podendo ser isto, asy serya meu serviço ir a dita armada em duas, cõ dous capitães moor, cada [h~ua](#) por sy em sua Rota. As naaos que diz que ham de ir a Çomatra, que se pode niso agora proveer; por que diz que pera se aver d'armaar na Imdia, co Recado que d'iso mande ao meu governador, que nom pode ir a tempo pera os llaa topar; e tambem armase quaa cõ tamanha brevidade parece imposyvell. O que melhor parecer que nisto se deve fazer, se pratique inteiramente, por ser cousa que tanto inporta a meu serviço. As outras naaos diz que levam fundamento d'ir a Dio, e hy [fazer~e](#) sua carrega, a maneira que, himdo esa armada por omde Antonio Vaz diz que as naaos se am d'ajuntar, vam esperar [h~uas](#) pellas outras, pera d'y irem juntas o caminho da India; o que tudo asy praticareis tem inteiramente como de vos confio que ho fareis, e cõ toda brevidade, olhando á sua emformaçã e a o que se pode fazer; o qual enformaçam vos elle dira, ou juntamente perante todos, se d'iso nõ Receber pejo; porem, a pratica e Resoluçam que se tomar, nõ sera perante elle, nem sera sabedor d'iso. Diz que estes [hom~ees](#) sam avisados por [h~uu](#) omem de Lixboa, que elle nom pode saber [qu~e](#) he; temde llembrança de saberdes se por judicios se pode saber quem he, e [preg~utareis](#) a Jõ Carllo dela Fetaa as novas que tem de se [armar~e](#) naaos em França, por que dis quaa que tinha cartas d'iso; e asy quaesquer novas outras que hy ouver, e a Reposta de tudo [~eviareis](#) por Luis Afonso que a yso vay. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora aos XXI dias de janeiro de 1533. J. E tanto que vyer vosa Reposta d'estas cousas, vos enviarey Recado de como ira esa armada. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dõ Antonio d'Átaide, cõde da Castanheira, de seu cõselho, veador de sua fazenda. J. (And in a different hand) De [XXi](#) de janeiro, sobre a pratica que se ha de tomar acerca do que diz Antonio Vaaz. [As~etado](#).

COMDE, amigo. Eu el Rey, vos envio muito saudar. Guymar Diaz, molher de Pero Lopez, que amda na India, me emviou dizer que ha cynco ou seis anos que o dito seu marido lla amda, o qua lhe spreveo [allg~uas](#) vezes que se ffose de qual, [pydimdome](#) que por ser molher pobre, e nã ter quaa cõ que se manter, lhe dese pera yso licença; o que visto por mym, ey por bem que vos [~efformeis](#) d'isto, e

achãdo que he asy, a dexeis ir pera o dito marido nas naos d'esta armada, avemdo ella [~ebarcacã](#) dos armadores. Duarte Gonçalves a fez, [~e](#) Evora, a [XXii](#) dias de janeiro de [VcXXXiii](#). J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. J. Rey. Ao côde de Castanheira, que se [~eforme](#) do que esta molher diz, e, achando que he asy, a deixe ir pera seu marydo que amda na Imdia, avemdo ella embarcã dos armadores. J. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, côde de Castanheira, de seu cõselho, e veador de sua ffazemda. J.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que escrevestes em Reposta das que vos enviey por Pero Llopes de Sousa, e todo o que mandastes fazer sobre a vinda das naos do Brasil, que estam no Allgarve; e o aviamento que se niso deu, foy muy bem feyto, e vollo agardeço muyto. E lloguo se emvyarã de quaa vosas cartas a Nuno Rodrigues Barreto. [~Ecomendovos](#) muyto que, tanto que as ditas naos forem vindas, mandeis fazer d'ellas e dos Françeses o que vos tenho escrito. Vy todo o que me escreveis da pratica que pasastes cõ esas pessoas sobre o que davya fazer Duarte Coelho com a armada que traz na costa da Mallageta; e como dizeis que sera meu serviço ir esperar as naos da Imdia na rota que ellas trazem do Cabo de Boa Esperança pera as Ilhas; e por quam incerto pode ser toparem cõ ellas llonge das ditas Ilhas, ey por bem e meu serviço que ho dito Duarte Coelho se venha dyreitamente hás ditas Ilhas dos Açores, e amde na parajem d'ellas, asy como vay decrarado no Regimento que apos esta lhe ira, e ate o [~epo](#) cõtido no dito Regimento, e esperando as ditas naos asy como fizeram os capitães das armadas pasadas que foram em guardar d'ellas. [Emcomendovos](#) muyto que ordeneis lloguo, como lhe vaa este avyso por caravelas da Mina, ou outros navios que vos parecer que melhor e com mais certeza lho posam llevar. E lloguo vos irã as cartas pera elle e o dito Regimento, e praticareis cõ estes ofiçiaes se sera necesario enviar-lhe [~eviarlhe allg~uus](#) mantimentos ou outras cousas necesarias pera a dita armada; e [~nviarlheis](#), pelos navios que [levar~e](#) o aviso, todo o que parecer que lhe he necesario. E com esta armada de Duarte Coelho parece que se pode escusar de enviar outra armada hás Ilhas. da naoo e caravellas que me escrevestes soomente [dev~e](#) d'ir duas caravelas armadas, pera esperarem pelas tres naos que ficarem d'armada do ano pasado, nas quaes iram dous cavalheiros cõ Regimento que andem na parajem das ditas Ilhas, õde acostumam d'amdar as armadas pasadas, esperando pelas ditas naos; e, tanto que chegarem, se venham cõ ellas, sem [esperar~e](#) pellas d'este ano, nem fazerem mais demora; e nom vymdo ate chegada de Duarte Coelho hás ditas Ilhas, que, tanto que elle hy chegar, se tornem as ditas caravellas, e o dito Duarte Coelho ficara cõ a dita armada te o dito tempo. [~Ecomendovos](#) que mandeis fazer prestes as ditas duas caravellas, pera partirem o mais em breve que poder ser, e lloguo iram os capitães pera ellas. E direys de mynha parte a Ayres da Cunha que lhe agradeço a boa vomtade com que follgava de me servir, e que ey por escusada pera agora sua ida, por estes Respeitos que vos aqui escrevo. Eu vos esprevy como avia por meu serviço que esta armada da India fose em duas partes, a saber, quatro naos nesta primeira e tres na outra; e que nesta primeira fose por capitão moor dom Gonçalvo Coutinho, e cõ elle dom Joam Pereyra, e dõ Francisco de Noronha, e Diogo Bramdam; e por [alg~uus](#) Respeytos que me e esto movem, ey por bem que o dito dom Joam vaa por capitão moor das ditas tres naos derradeiras, e que a naoo, em que elle ouvera de ir cõ dom Gonçalvo, seja [\[/seja\]](#) quallquer que ficar vaga. Vaa Diogo Lopes de Sousa, estamdo despachado pera poder ir, e nõ estando despachado, ira nella Nuno Furtado; e eu escrevo ao corregidor Antonio Gonçallves, que loguo mande a dilligençia que lhe escrevy que mamdase ao corregidor Gaspar de Carvalho, pera cõ ella o mãdar lloguo despachar. Vos lhe mãdareis a carta, e lhe mãdareis que loguo [~evie](#) a dita dillegência; e eu vos escreverey, tanto que for despachado, o que aveis de fazer da dita nao. O que mamdastes fazer na artelharya pera Tangere foy muy bem feyto, e quanto há gente pera Çafim, pelo omem que a amda aqui Requerendo vos escrevo o que se niso ha de fazer. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XXV dias de Janeiro de 1533. J. Rey. Reposta ao côde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, côde da Castanheira, veador de sua fazenda, etc. Primeira.

COMDE AMIGUO, Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes, em que dizeis que na casa da Imdia ha provisam minha pera nom irem Christãos novos há Imdia, e que vos pareçia que se nom devya d'entender a tall provisam nos filhos, por [allgu~uas](#) Rezões que em vosa

carta apontaeis, que me parecerã bem. Porem, por allgu~s inconvenientes que agora ha, nom ey por meu serviço que vam nesta armada. Emcome~dovos que mandeis cõprir a dita provisam, faz~edose o mais desemulladamente e com menos escandallo que poder ser, sem se saber que eu vos escrevo agora sobre yso, soamente que se faz pelo custume e~ que ha casa estaa; porque d'esta maneira averey por meu serviço que se faça. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XXV dias de Janeiro de VcXXXiii. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira sobre os Christãos novos. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazenda. J.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos emvyo muyto saudar, como aquele que amo. Vy as cartas que me envyastes, hu~a feita a XV, e outra a XXii d'este mes. E ao que me primeiro dizeis sobre a pessoa que houver d'hyr por capitão moor d'esta armada, eu vos aguardeço muyto as lembranças que me nela fazeis, que sam de muyto meu serviço. E por que vos eu tenho esprito sobre alguu~as cousas que a yso toquão, nesta vos nom Respondo ao que me e~ ella spreveis, atee que ñ veja vosa Reposta; tanto que vyer o farey. E quãto ao que na outra segunda me sprevestes sobre os officiaes d'esa cidade e o desmancho que se na see fez, yso mesmo volo aguardeço muyto; e bem sey que omde vos estiverdes, se avia tudo de remedear. E eu proverey no que açerqua d'iso spreveis; e eu o tinha ja começado a fazer; e pore~ pois asy hesta, eu proverey loguo. Sprita em Evora, a XXV de Janeiro. Amdre Pirez a fez, de 1533. J. Rey. Reposta ao comde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, cõde da Castanheira, veador de sua fazenda. J.

COMDE, amyguo. Eu, ellRey, vos emvyo muito saudar. Vy a carta que me escrevestes em Reposta da que vos emvyey sobre os negocios dos avysos que trouxe Antonio Vaaz, e asy os apontamentos dos pareceres das pessoas cõ que os llaa pratyastes; que todo foy tam bem feyto, e com tanta presteza como sempre fezeistes e fazeis as cousas de meu serviço. E vy todas todallas Rezõees que se apontaram, por que parece mais meu serviço ir esta armada da Imdia apartada em duas partes que toda junta, e que cada hu~a per sy podiam ir á vista do Cabo de Gardafuy ate a parajem de Dio. Todo o que se niso apontou e os pareceres d'esas pessoas me pareciam bem, e ey por muyto meu serviço que a dita armada vaa apartada em duas armadas, com dous capitães mores; a saber, quatro naos em hu~a, e tres em outra; e as quatro iram primeiro, que seram as duas de Jorge Llopez, que devem d'estar mais prestes, pois nom saíram a picadeyros, e as outras duas das minhas novas, que mais prestes estiverem; e nestas ey por bem que vaa por capitão moor dom Gonçalvo Coutinho, que, pelas callidades que nelle ha, me sabera servyr nella; e com elle iram dõ Joam Pereyra e dõ Francisco de Noronha nas duas minhas, e Diogo Bramdam na de Jorge Lopez e sua; encome~dovos muyto que, com a moor brevydade e dilligência que for posyvel, mamdeis fazer prestes as ditas quatro naos, pera partirem com ajuda de Noso Senhor dentro no mes de fevereiro ou na entrada de março, se poder ser, pera terem tenpo pera irem a vista do Cabo de Gardafuy, como me escrevestes que compre. E se llaa for dom Gonçallo, dizerlheeis de minha parte que, por follgar de lhe fazer merçee, ey por bem de ho enviar por capitão moor d'estas quatro naos atee a India; o quall ha de ir sem ordenado allgu~. E o dito dõ Gonçalvo ira na de Jorge Lopez que tornou, ou em hu~a das duas novas, quall vos parecer que milhor sera pera capitayna; e dõ João ira na outra. E neste vos encomendo muyto que mamdeis dar muy grande dilligência; e lloguo mandarey fazer os Regimentos, e vollos enviarey com as vias das cartas, pera ñ poderem fazer detença; e jaa mamdey dizer aos ditos dom João e dom Francisquo que loguo se partam. Nas outras tres naos que ficam mandareis tambem dar a moor presa que poder ser, cõ tanto que se ñ estornem as quatro; porque tambem queria que fosem a tempo pera poderem ir a vista do Cabo de Gardafuy ate Dio, como me escreveis; e eu vos mandarey Recado da pessoa que ha de ir por capitão moor d'ellas, E ao tempo que se allogar a gente, asy de hu~as como das outras, e se fazerem camaras, tereis llenbrança que ham d'ir todas com sua artelharia asestada, e em ordem pera quallquer cousa que lhe sobçeder; e asy o avisareis aos capitães, ao tempo que partirem; e iram tambem aparelhadas e armadas, como e~ tall tempo e pera taes negoçios compre. O navio que se llaa praticou, que se devia lloguo de envyar com aviso há India, me parece que se pode escusar, por quam

incerta he a pasagem dos navios pequenos, como se vyo por [allgu~us](#) dos que jaa foram; e imdo estas quatro naos tam cedo, como eu espero que iram, per ellas abastara ir todo o avyso que for necesario. Quanto ao que se apontava sobre a naoo e caravelas que [deve~](#) de ir hás Ilhas esperar as naos da India, e sobre o que deve de fazer Duarte Coelho, tanto que vyer vosa Reposta das que vos esprevy per Pero Lopez de Souza, Responderey o que em todo se deve de fazer, conformando me com o vosso parecer. E o que se praticou de irem ao Cabo Fyns Terra, do mes d'abrill ate o de julho, esperar Joam Affonso pera quando tornar, por ser cousa tam imçerta, parece por agora escusado, principallmente por que poderã estornar quaesquer naos ou navios que se agora armarem ao despacho das naos da India e a armada das Ilhas; e ao mais que cõpre [fazerse](#) lloguo, quando fose necesario, tempo [*[tempo]*] a vera pera se depois poder fazer, sem estornar a armada. D'Antonio Vaaz faço fundamento de ir há Imdia nestas primeiras quatro naos. [Encomendovos](#) que temporizeis com elle o melhor qu e poderdes, e me escrevaes o que vos parece que se lhe deve de dizer e fazer; porque queria que se tevese com elle tall aviso que nom se podese tornar pera França em [nenh~ua](#) maneira. O aviso do triguo vos agardeço muyto. [~Encomendovos](#) que mandeis saber o preço a que se podera achar, e quanta cantidade, e se estaa a terra tam abastada que lhe nõ faça mingoa o que se tirar, nem fique mais emcarentada; porque, nõ avendo estes inconvenientes, averey por meu serviço mandar cõprar quallquer soma que vos bem pareçese. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XXVI dias de Janeiro de DXXXIII [*VcXXXiii*] . J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, veedor de sua fazenda. (and in another hand) De XXVI de janeiro [Ase~tado](#) .

CONDE. amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Em [hu~ua](#) Reposta minha pera elRey de França, que lhe aguora envia Onorato de Cays, seu embaixador, convem que vaa declarada a demarçam do mar que he feita antre estes Reinos e os de Castela; e asy a que aguora fiz com o emperador, meu muyto amado e preçado irmão, no de Malaqua; e asy mesmo a costa de Guinee e Brasil, ou aquela parte d'elas que nas ditas minhas demarções nom entrar e que eu aguora pesuyo, pelas ter descobertas, ainda que pertençam ao emperador. E ysto porque se apontam as partes por onde os Franceses nom devem navegar; e porque he cousa de muy grande sustancia, e que convem que se veja e pratique primeiro com pesoas que o bem entemdam, pera se asentar a sustancia do que se deve pedir, e as palavras per que se deve dizer, que devem de ser ao menos que for posivel. E eu mandey ca ver a Francisquo de Melo, e o que lhe parece he iso, que por ese sprito vos envio. [Encomendovos](#) e mando, que vos enformes das pesoas que nisto mais entendem das que nesa cidade estam, e vos ajuntes com o secretario do meu conselho, a que tanbem sprevo, e o pratiques, [juntame~te](#) com aqueleas pesoas que virdes que sam mais pera iso, em grande segredo; e sera necesario [verense](#) as palavras das demarções, as quaes o secretario la tem; e tudo bem praticado, me envies o asento que se niso tomar, juntamente com o dito papel de Francisquo de Mello que vos vay. E porque o dito Norato vay la, e ha logo de despachar, convem que se faça esta diligencia muy em breve, e que loguo ma mandes pela posta, por que ha de tornar o asento que eu niso tomar pera se dar a Onorato, primeiro que despache; e convem muyto que ele Responda loguo. Item: saberes de Antonio Vaaz de Lacerda em quaes portos de França se armam as seis naos que diz que vão pera a Imdia, e diloes [declaradame~te](#) a Onorato, pera que os spreva; e tanbem me spreveres quaes sam os ditos portos, pera o sprever a Gaspar Vaaz. Item: Guaspar Vaz me spreveo, que Afonso de Sevilha lhe disera, que a minha armada metera no fundo [hu~ua](#) não em que ele tinha parte, e mandara secretamente [hu~u](#) correo a esa cidade, e que lho neguara, e que per esta via se tem la todos os avisos das minhas armadas. Precurray por saber quaes sam qua seus Respondentes; e este he começo pera saberdes o negocio que vos sprevy. E asy me spreveo que as naos que vam pera a Imdia se dizia que aviam de partyr em fim de janeiro, e nom daa novas mais que de tres; e asy que era partido Joam Afonso com [hu~ua](#) nao de cento e XX tones, cõ setenta [home~es](#) , e outra de XXV tones, cõ [mantime~tos](#) que parecia que nam podiam yr senam pera a costa da Malagueta. E porque ysto tudo nom diz com as outras novas d'Antonio de Lacerda, lhe direis que o tenho asy por certo, pera verdes nele o que vos parecer de sua verdade; e tudo me sprevee pera o asento que se ha de tomar no que fara Duarte Coelho. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, em Evora, a [XXvii](#) dias de Janeiro de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. J. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, do seu conselho, e veador de sua fazenda, etc. J.

COMDE, amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Bem sabeis como Christovam Bramdan quer arremdar os quattos e vimtenas da Ilha de Samtiaguo do Cabo Verde, sobre que fez hu~us apomtamentos que vos cõ esta vam. E porque se faraa la melhor o arrendamento d'eles, por estare~ laa as pessoas que niso requererão, vos emcomendo muito que vejaes os ditos apomtamentos e ouçaes sobre eles o dito Christovam Brandão, e saibais se ha hy outrem que niso queira emtender, e mandeis meter e~ pregão a dita Remda, e se arremate a quem por ela mas der e como vos melhor parecer; porque o que vos niso fezerdes, avery por bem feito, e por tam firme e vallioso e asy ho mandarey e~ tudo comprir, como se fosse por my~ asynado. Pero Amrriquez a fez, e~ Evora a XXvii dias de Janeiro de VcXXXiii J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Pera o conde da Castanheira, sobre os quattos e vimtenas da Ilha de Samtiago que Christovam Brandão quer arremdar; que se arrematem laa a que~ por eles mais niso fizer avera vosa alteza por be~ feito, e o mãdara cõprir. (On Reverse Side) Por elRey. A Dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

COMDE, amigo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes sobre a vymda de Pero Lopez de Souza, e o muyto prazer e cõtentamento que tendes das boas novas que elle trouxe. Vos agradeço muito, porque allem da Rezam que tendes de folgar tanto pelo parentesco que tendes com Martino Afonso e Pero Lopez, tambe~ sam certo que a prinçipall parte he por sere~ cousas tanto de meu serviço. E eu, pelas Rezões que me escreveis de serem estas obras feytas por pessoas que crrey, e com que vos tanta Rezam tendes, Receby d'ellas muyto moor cõtentamento; e espero em Nosso Senhor que vam em tanto crescimento que elles Recebam de my~ toda homrra e merçee como he Rezam e seus serviços mereçem. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, ao primeiro dia de fevereiro de 1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira, sobre a vynda de Pero Lopez. (On Reverse Side) A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

COMDE, amigo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes de XXX dias de Janeiro, em que me daees cõta da nova que vos deu ese Frãsqu Romano de Tavilla, a quem Joam Afonso tomou hu~ navio, do llugar omde o vyo, e da maneira que amdava; a qual nova eu ey por certa, porque ha tinha jaa por carta do corregedor do Allgarve, que cõcerta cõ esta que vos foy dada. Por yso parece crarame~te nõ ser certo o preposyto e fundamento que diz Antonio Vaaz que elle llevava. E pois ha tam poucos dias que ficava nas Canaryas, mãdareis avisar as caravellas que forem pera a Mina, que vam a Recado, e se podese ser que, sem se perder tempo, que fosem as primeiras caravelas da Mina e~ companhia das que ham d'ir hás Ilhas, e todas quatro juntas fosem pella Rota em que tendes novas que elle amda, serya muyto meu serviço. E~come~dovos que lla o vejaes, e o mandeis fazer, como melhor e mais meu serviço for, nõ se perdendo tempo do aviso que se deve dar a Duarte Coelho, pera vyr esperar as naos da India. Quanto ao que dizeis d'Antonio Vaaz pareçeme bem vyr quaa, pera o mandar lloguo despachar cõ allgu~a merçee pera a India, pera ir nestas primeiras quatro naos como vos tenho escrito; e mande llaa Lluís AFonso pera vyr cõ elle, e coulher que se nõ posa ir pera outra parte; e tanto que quaa for, o mãdarey lloguo despachar cõ seu cõtentamento, pera se ir á India. Vos lhe direis que se venha cõ Lluís Afonso com as milhores pallavras que vos parecer, e cõ que elle mais seguro posa vyr. Vejo todo o dizeis d'armada da Malageta, e por eu teer jaa a nova de Jan Afonso, pelo corregedor do Algarve, vos tinha escrito que Duarte Coelho se vyese hás Ilhas esperar as naos da Imdia, pera se escusar despesas d'outra armada, como vereis pela outra carta que vos tinha escrito. E o dito Duarte Coelho avia d'andar na costa da Malageta, ate X ou XV d'abryll, e parece que quando lhe o aviso laa for, sera em maio, e que deve ser jaa tempo de se vyr hás Ilhas. Vos praticareis lloguo cõ pessoas do maar que ho emtemdam, se, chegando o aviso antes do tempo qur ha d'andar na costa, se partira lloguo pera as sitas Ilhas, ou se esperara tee os ditos XV dias d'abryll, sem perder tempo pera vyr esperar as ditas naos, pera se lhe escrever o que llaa asentardes. E na pratica vos lenbre que se nom deve poer em duvida o tempo do esperar das naos por outra nenhu~a cousa, e agora parece que estaa certo que Joam Afonso nõ ha de ir há costa da Malageta senam depois que for certo que he partido Duarte Coelho, como sabeis que sam emformado que nõ vay senam depois que sabe que minhas armadas tornam, e emtam se devia de tornar a armar sobre elle, se pode ser. Quanto

ao que dizeis do navio que devia de ir ao Brasill, nã falley quaa cõ Pero Lopez o que se devia de proveer, por que ficava pera depois se praticar, quando elle tornase determinar o que ouvese por meu serviço; agora pelo que me escreveis, averey por bem que pratiqueis lloguo com elle de que maneira fica a fortalleza, e com quantos [home~s](#), e como fica de mantimentos e das outras cousas necesarias, e asy do Regimento que lhe lleyxou do que aviam de fazer, se fosem llaa Franceses; porque se ficaram tam poucos Portugeses e ella tam fraca, que lhes lleyxou mandado que, se fosem Franceses, se sallvasem pella terra, e os nom esperasem; e isto se podia fazer. Parece que a gente pode ir em [hu~](#) navio (nã abastara pera esta defesam), e que he melhor [lleyxallos](#) estar asy, ate eu mãdar acudir a iso como cõpre. E se tambem fica de maneira que se posam defender, e determinados, pera iso sera bem que vaa o navio cõ [allgu~us home~s](#) e capitão pera ficar llaa, porque sera favor pera elles e defender-se [defenderse am](#) melhor. Isto praticay lloguo cõ Pero Lopez, e me manday Recado do que achardes pera se asentar; o que se deve de fazer, e vos ir lloguo o Regimento e provisões de Duarte Coelho, que esperam por esta determinaçã d'este navio; e se elle nã fose necesario, eu averya por mais meu serviço nã mandar ao Brasyll gente nem outra cousa, ate tomar asento no que deve de ir pera se a terra povoar e asegurar, que, prazendo a Noso Senhor, sera cedo. De todo me manday vos Reposta por Lluís Afonso, se for posyvel. Fernam d'Alvarez a fez, [e~](#) Evora, a [iii](#) dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Reposta ao comde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dõ Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Eu esprevy a Pero Afonso Dagiar há dias, que mandase fazer nessa cidade pera dõ Afonso de Lluguo, adiantado das Canaryas, çerta artelharya, que por sua parte me foy Requerydo que se lhe fizese nessa cidade, e por que em Arguy he feyto o que sabeis que se fez a Bras Correa, eu queria que a dita artelharia, que lhe nã fezese, nem se podese llevar pera elle d'esa cidade. [Emcomendovos](#) muyto que saibais de Pero Afonso se lhe mandou fazer [allgu~a](#) artelharya, ou se se fez pera o dito dõ Afonso, ou pera outras pesoas das Canaryas, nessa cidade; e achamdo que se fez, a mandareis tomar, e nã consentireis que se lleve fora d'esa cidade; e mãdareis avysar os artylheyros que, quando quer que pesoas de fora d'estes Reynos lhe mandarem fazer [allgu~a](#) artelharya, nã o façam sem o [fazerze~](#) saber a Pero Afonso Dagiar, pera mo fazer saber antes que se faça. E nesto mandareis poer o Recado que sabeis que cõpre, e [escrevermeis](#) se he feyta [allgu~a](#) artelharya pera o dito dõ Afonso, e se he llevada; por que follgarey de ho saber. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos [iii](#) dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Pera o comde da Castanheira, sobre artelharya. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes em que dizeis como vystes a naoo Sam Roque, e que achastes que, Renovando se como se d'antes fazia fundamento, custaria tanto como nova ou mais; e que vos parece mais meu serviço ficar no Rio pera servir em outra cousa; e que depois se podera fazer outra, se necessaria for. [Agardeçovos](#) muyto o aviso que me daeis, e vistas as Rezões que apontaes, que me parecerã bem, ey por meu serviço que da dita naoo Sam Roque se nã faça fundamento pera a India, e fyque hy pera aproveitar este ano [e~](#) qualquer outra cousa que sobçeder e cõprir; e quando se fizerem outras novas, se poderam aproveitar os mastos e vergas e todo o mais que for pera aproveitar. Quanto há Licença que dizeis que he necessaria da emperatriz, minha muyto amada e preçada irmãã, pera o tavoado de Gallizia, Allvaro Mendez de Vasconcellos, que estava de caminho, leva Recado pera [e~viar](#) lloguo a dita Licença, Vos mandareys comprar o dito tavoado, ou fareis d'elle cõtrato como vos melhor parecer, fazendo fundamento da dita Licença; porque, tanto que vyer, vollo enviara Fernam d'Alvarez. Pellas Rezões que me em vosa carta espreveis, ey por bem que Pedro Afonso Dagiar posa llevar os quatro cruzados que Jorge de Vasconcellos e dõ Amtonio d'Allmeida levavam dos despenseyros e meyrinhos; e como esta vay provisam minha pera os poder levar. Receby prazer com o que me escreveis de quam bem elle serve seu ofício, e asy os officiaes d'esa casa; e eu senpre follgarey de lhe fazer merce como he Rezam. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos [iii](#) dias de fevereiro de 1533. J. Fernam d'Alvarez me dise o

que lhe esprevestes sobre o pagamento dos mestres e pillotos, e por nã ser necesario mandar quaa Recado sobre os pagamentos dos que nesta armada forem, vos envio hu~u alvara pera se pagarem as contias que vos bem parecer. Emcomendovos que llas vejaes o que se a cada huu~ deve, e o dinheiro que ha, e o que se pode pagar, e lhe mandeis pagarse segundo a disposyçam do tempo o que vos bem parecer; por que, o que niso fizerdes, averey por bem feyto, como ho he em todas todallas cousas de meu serviço. A nova que me emviastes daas caravelas da Mina vos agardeço muito. Bem parece que nã trazere~ mais que dez mil dobras; seria pelas Rezões que sprevestes. D'aqui em diante espero que tragam o que as pasadas do tempo d'Estevã a Gama soham trazer; e mais e~come~dovos muyto que mandeis teer cuydado de provysam da Mina. E agora, pois o cõtrato da pimenta he acabado, em que Francisco Lobo tem myll quintaes, concruaes o cõtrato das mercadorias pera a Mina, como estava ordenado e vos mais meu serviço parecer. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, Veador de sua fazemda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Bem creo que teereis sabido como Antonio de Brito se foy, sem se espedir de my~. E depois me foy dito que nã queria ir este ano há India, por eu teer nomeado capitães moores nesas armadas, ou por outros Respeytos. E por que o tempo he tam curto, e compre tanto a meu serviço proveer a naoo em que elle avia d'yr de capitão, vos emcomendo muyto que saybais d'elle se ha de ir este ano; e se determinar de nã hyr, o que me parece que nom deve de fazer, mo escrevaes pera se proveer de outro capitão na naoo de Fernam Gomez; que ho dito Antonio de Brito avia d'ir ou o apresentar Fernam Gomez, segunda forma de seu cõtrato. E Receberey prazer que ho acomselheis que nom lleyxe d'ir, pois nom tem Rezam de ho fazer. Fernam d'Alvarez a fez em Evora, aos V dias de fevereiro de VcXXXiii. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre Amtonio de Brito. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, do seu conselho e veedor de sua fazemda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Avemdo eu Respeito a ter mamdado que todas as pesoas que tiverem officios pera a India vão lla nesta armada, e, nã imdo, que se percão; e muitas d'elas nã poderem logo ser providas d'eles, por serem dados pera muito tempo; e e~ quanto la amdarem, nã averem d'aver por ordenança mais que seus soldos ou moradias, segundo de qua fforem asentados; ey por bem e meu serviço que todas as pesoas que na dita armada fforem, e pera as ditas partes levarem offiços, e~ que por ordenança nã ajam de emtrar logo, senã do dia que lla chegarem a tres anos, ou d'y e~ diamte (segundo podereis mãdar ver pelos Registros das provisões que nos livros da casa estão), vão de qua asentadas em soldo e moradia, que vemcerã do dia que partirem, e~ quanto la servirem, e nos ditos ofycios nã emtrarem, posto que por ordenança o nã ouvesem d'aver, porque estas taes quero que o ajam pelo dito Respeito. Pelo que vos emcomendo e mãdo, que as mamdeis asy asentar na dita casa; e posto que algu~as das taes ja sejam asentadas sem yso, mãdarlhoeis decrarar e~ seus ase~tos, e pagarlhes o tempo adiamtado da ordenança, a Rezão do dito soldo e moradia; e asy as que pela dita maneira mãdardes asentar. E as pesoas que achardes pelos ditos Registos que am de emtrar nos officios e cargos que levão, demtro dos ditos tres anos do dia que la chegarem, nam averã mais que o soldo o moradia e~ que de qua fforem asentadas; por que por averem d'emtrar neles tam cedo, o ey asy por meu serviço. Duarte Gonçalves a fez, e~ Evora, a V dias de ffevereiro de VcXXXiii. J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre as pesoas que vão á Imdia nesta armada, que per lla levã officyos. J. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, e veador de sua fazemda.

COMDE, amiguo, Eu, elRey, vos envio muito saudar. Allgu~as pesoas das que vão nesta armada Requerem que pagamento de suas moradias do tempo de Manoel Velho, tesoureiro d'elas; e porque por o tempo da partida da dita armada ser tam curto, as ditas pesoas nã poderã qua vir tirar provisões, pera averem pagamento, porque e~ irem e virem lhes yra o tempo, ey por bem e meu serviço que mandeis logo chamar o dito Manoel Velho há casa, e lhe mandeis que traga a ela os livros e~ que as ditas dividas estão; e por hu~ officiall mandeis ver o que nelas momta, e o dinheiro que se achar que

he, mamdeis entregar ao dito Manoel Velho, que d'ele dara cõta e~ forma a Joam Gomez pera sua comta; e demtro da dita casa, cõ hu~ escryvã d'ela, mandeis as ditas pessoas todo o que lhes pelos ditos livros for devydo, mandando o porem notifficar como o ey asy por bem. Duarte Gonçalves a fez, e~ Evora, a V dias de fevereiro de VcXXXiii. J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre as pessoas que vão há Imdia, a que he devido dinheiro do tempo de Manoel Velho. J. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, comde da Castanheira, do seu cõselho, e veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Vy as cartas que me escrevestes, e agardeçovos muito a nova que me daees d'esas quatro naos estare~ tam prestes, que poderam partir sem tomarem muytos dias de março. Os capitães pera elles sam jaa llaa soamente pera a naoo em que veyo Diego Lopez de Souza, pera a [a]] quall vos ira lloguo Recado se há elle d'ir nella, se Nuno Furtado. E asy manday despachar todos todollos home~es que nessa armada ham d'ir, e lhe mamdo que lloguo se partam allgu~us que aimda quaa amdem. E as cartas da India iram tambem muy çedo. Bem certo podeis ser que, por despacho que de quaa aja d'ir, nom se detera a armada. Quanto ao mestre, e pilloto, e despenseyro da naoo de Jorge Lopez que dizeis que sam Christãos novos, e asy allgu~us marinheiros, e que vos parece meu serviço irem há India pelas Rezões que apontaes, ey por bem que todos vam, e asy quaesquer outros Home~es do mar que vos bem parecer, sem ambargo da provisam que esta na casa da India, por que tenho defeso que nõ vam llaa Christãos novos, e da ordenaçam nova em cõtrario; porque, nos oficiais d'esas naos e mariantes que vos parecer que he meu serviço irem, ey por bem que se nõ entendam a dita provisam e ordenaçam. Vejo o que dizeis que pasastes cõ eses mercadores do cõtrato dos XVI mil quintaes de pimenta, que amdam amedre~tados cõ as novas que trouxe Antonio Vaaz, e como vos cometeram que queriam fretar hu~a naoo de Jorge Llopez pera ir armada, se eu mandase nella carregar a mallageta que estaa na casa; e pois vos parece meu serviço fazerse asy, ey por bem que se carrega pera se hir na dita naoo, ou em quallquer outra que vos bem parecer, toda a mallageta que na casa estaa, nom pasando de myll ate mille quinhentos quintaes; por que, imdo mais cantidade, parece que nom tera despacho, e que se daneficara e perdera llaa, e que sera fazer despesa sobre mercadoria inçerta. Tambem fuy emformado que os ditos mercadores leyxavam de carregar a pimenta que tem, por mingoa de e~barçaçam; e que, com Reçeo das armadas, nom achavã aseguradores; e pasandose o tempo ate o verã, sem carregarem, seria grande prejuizo ficar a pimenta na casa pera o cõtrato do ano que vem; pelo que vos emcomendo muyto que vejaes como isso estaa, e o pratiqueis cõ quem vos bem parecer, e me escrevais se se deve dar allgu~a ajuda ou favor aos ditos mercadores de maneira que eu nõ perca, e elles posam melhor carregar. E do que nisto achardes, e vos parecer que se deve fazer, me avysareis. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos V dias de fevereiro de VcXXXiii. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, do seu conselho, e veador de sua fazemda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Eu vos esprevy o que avieis de fazer sobre Nuno Furtado levar a capitania da naoo Sam Bertolameu de Jorge Lopez, que este anno vay há Imdia. Agora soube como, por algu~us incomvinientes que ha, que Diogo Lopez de Souza nam pode ir nela; pelo que ey por bem que o dito Nuno Furtado vaa por capitão da dita naao, se~ ordenado allgu~u~. Muito vos emcomendo que de minha parte ho digais asy ao dito Jorge Lopez, a que tambe~ sobre isto escrevo, dizemdolhe quamto pera iso he o dito Nuno Furtado; e como, aalem de fazer meu serviço, ha de folgar de olhar por sua fazemda, e ter cuidado das cousas de sua naoo tam imteirame~te como lhe a elle cumpre, que por tanto seja contente de ele ir por capitão d'ella, porque levarey d'iso muyto contentamento. E vos me tereis o dito Nuno Furtado de pose da dita capitania e lha leixareis ir servir se~ ordenado como dito he; eu o ey por bem e meu serviço. Pero Amrriquez a fez, e~ Evora, a vii dias de fevereiro de mill Vc trimta e tres. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre Nuno Furtado de Mendoça ir por capitão da naoo São Bertollameu de Jorge Lopez. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazemda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Eu ouve por bem que Jorge de Veelho Maçedo fose por capitão moor das duas caravelas aas Ilhas, esperar as naaos da Imdia que parece que imvernarão [e~](#) Moçãobique; e he jaa d'aquy partido pera Setuvall, a fazer [algu~uas](#) cousas que lhe cumprem, [e~](#) que não faraa muita detemça; e de laa se ha de ir a vos. Muito vos emcomendo que mandeis fazer logo de todo prestes as ditas duas caravelas, asy de [mantine~tos](#) como do mais que [ouvere~](#) de levar, e tanto que o dito Jorge Velho laa for, e fizer tempo, ho mandeis partir. E cõ esta vay o [Regime~to](#) e provisões que ha de levar, e [hu~ua](#) carta minha cõ o nome [e~](#) branco pera qualquer criado meu, ou pessoa outra, que laa virdes, e vos pareçer que deve de ir por capitão da outra caravela que vay [e~](#) companhia do dito Jorge Velho. [Mandarlheeis](#) dar a dita carta, e o emcarregareis da capitania da dita caravela; por que o que vos niso fizerdes, averey por bem ffeito. Pero Amrriquez a fez, [e~](#) Evora, aos [vii](#) dias de fevereiro de mil [Vc](#) trinta e tres. Rey. Pera o comde da Castanheira, sobre Jorge Velho e o capitão da outra caravela, que [e~](#) sua companhia ha de ir aas Ilhas. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes de [c~iquo](#) dias d'este mes, em que me daees cõta do que llaa praticastes sobre a vymda de Duarte Coelho hás Ilhas dos Açores, esperar as naaos da Imdia, e como vos pareçe que lhe deve de ir lloguo o Recado, pera aver tempo pera poder hyr a ellas, e asy as Rezões porque vos pareçe que deve d'ir o navio da sua armada da costa da Mallageta ao Brasill, as quaes me pareçeram muy bem; e vos agardeço muyto a dillygença cõ que me de todo avisastes. Eu ey por meu serviço que o dito Duarte Coelho se venha lloguo hás ditas Ilhas, e que emvie da dita costa [hu~a](#) caravella armada cõ sesenta [home~s](#) pera o Brasyll, ao porto de Pernambuco, e que vaa nella Pallos Nunez, o quall estee por capitão da gente que llaa lleyxou Pero Llopez de Souza, e da que elle lleva na dita caravella, como me escrevestes. [Encome~dovos](#) muyto que, tanto que esta vyrdes, mandeis avyso d'ysto ao dito Duarte Coelho, cõ o Recado que vay pera Pallos Nunez; o qual vos vereis, e vos ajustareis com o dito Pero Llopez, e cõ quem vos mais pareçer que ho bem [e~tenda](#) ; e fareis [hu~u](#) Regimento do que ho dito Pallos Nunez ouver de fazer bem decrarado. O quall ira asynado por vos, porque eu lhe esprego que todo o que lhe vos mandardes que cumpra tam [imteirame~te](#) como se fose asynado por [my~](#) ; como vereis pella carta que lhe escrevo; e o trellado me [e~viareis](#) pera o eu ver. Amtonio Vaaz mandarey lloguo despachar, pera se ir nestas quatro naaos. E se se quaa achar [allgu~a](#) cousa d'esas lletras que dizeis, se fara o que meu serviço e bem de justiça for. [Agardeçovos](#) muyto o que mandastes fazer nesta artelharia que se fazia pera dõ Affonso do Llugo; todo foy muy bem feyto. Os mercadores d'este cõtrato pasado da pimenta escreverã quaa a Fernam d'Alvarez, que me fallase de sua parte, que lhe mandase dar o galleam Trindade pera Frandes a frete, carregamdo nelle [allgu~a](#) soma da mallageta; e pellas Rezões que dam, fora follgar de lhe fazer merçe, averey por bem que, tomando elles o dito galleam a frete de maneira que todas [todallas](#) despesas que se cõ elle [fezere~](#) sejam a sua custa, que eu nõ perca mays que [e~prestarlhe](#) artelharia, e o casco ganhe seer frete, como se acostuma fazer. Follgarey que se lhe dee, pera em companhia d'elle poderem ir outras naos seguras, como os ditos mercadores dizem. [E~comendovos](#) muyto que ho vejais e pratyqueis llaa, e segundo a necessarydade que vyrdes que elles tem, o mandeis fazer como vos melhor e mais meu serviço pareçer; por que ho que niso fezerdes averey por bem feyto. O feytor da Mina me escreveo esta carta, que vos cõ esta envio; por o capitão ser doente e por que nela diz a disposyçam em que a Mina fica, e as mercadorias e mâtimentos que nella ha sobejos, e asy os tempos em que devem d'ir as caravelas, volla mãdo pera averdes e mādardes poer a hordem na casa que meu serviço for, segundo o que se de laa escreve. O cõtrato de Francisco Lobo estaa muy bem feyto e como compre a meu serviço. [E~comendovos](#) muito que quaisquer outras cousas que nesas casas forem necessarias pera os tratos d'ellas, que se poderem bem aver por cõtratos, se façam antes que per feytorias, porque asy o averey por mais meu serviço. Pera o tavoado de Galliza ira lloguo o moço da camara, e Jorge Velho he jaa lla, e cõ esta vos vam os seus Regimentos e provisões, e Recado do outro capitão. [Emcomendovos](#) que ho despacheis ao tempo que vos pareçer bem e meu serviço. Ao mais de vosas cartas nom ha que Responder. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, a [viii](#) dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, e veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos e) vio muyto saudar. Eu sam e~fformado que nas armadas da India pasadas ffaleceo muyta gente, asy por ir mall agasalhada, como por ffalta d'agua; e que a causa d'isso ffoy daremse muitas camaras a pesoas por meus alvaras, e asy carregare~se muytas pipas de vinho por minha licença, por homde os home~s fficaram mall agasalhados e nas naaos se nã pode carregar a agoa e mâtimento a ellas necesarios. E porque minha tença~ he, quando dou as taes licenças pera as ditas camaras e vynhos, que as cargas se ffaçam naqueles lugares em que nam ocupe~ ne~ tolhão o gasalhado da gente, ffaze~dose primeiro pera os ffidallgos e pesoas de calydade, posto que pera iso nã tenham meus allvaras, e depois pera os outros; e que os vinhos se carreguem depois das naaos terem tomada carga das mercadorias e mantimentos que hão de llevar, e asy a agoa necessaria. Querendo ora niso prover, ey por bem que vos nã cõsy~taaes que nas naaos d'esa armada, asy nas minhas como dos mercadores, se carregue~ vinhos allguu~s de licença, posto que vos pera iso mostrem minhas provisões, sallvo depois das ditas naaos terem todas as mercadorias, agoa e mantimentos que ham de llevar; e depois d'ysto asy agasalhado, das licenças que eu tiver pasadas se carregarão primeiro as das pesoas que me andã servindo na Imdia, e das que na dita Armada vão; e deposti d'estas, se se não poderem agasalar todas as de minha licenças, mãdareis agastallar aquellas que vos parecer que são de mais obrigação. E quamto aas camaras, vy por bem que vejaes os ffidalgos e pesoas que nestas naaos vão, e a estes mandareis ffazer primeiro as camaras pera seus gasalhados segundo suas calidades, posto que pera iso não tenham provisões minhas. E depois d'estes agasalhados, avendo hy llugares e~ que se posã ffazer mais camaras, emtã se ffaçam a aqueles que mostrare~ minhas provysões, nã pejamdo porem cousa allguu~a do gasalhado geraall da gente de maneira que por se fazere~ camaras sobejas vão os homes mall agasalhados, e posã por iso adoeçer, e ir mall tratados. E isto vos e~comendo muito, e mando que façaes asy comprir, se~ embargo de quaesquer mais alvaras que laa aja, asy de licenças pera vinhos como de camaras; porque minha tença he, quando paso taaes alvaras, não prejudicar ao gasalhado das mercadorias e mantimentos, ne~ se ffazere~ camaras nos lugares de que Receba perjuizo o gasalhados da gente, ne~ se ffazere~ aas pesoas de mênos qualidade, sallvo depois de gasalhado os ffidalgos e pesoas que o mereçã. E esta mãdareis asy noteficar aos meus offiçiaaes d'esas casas, e se Registaraa nellas; a quall mando que se cumpra, asy nesta armada como nas que ao diante se fzere~ pera a Imdia; e que quaesquer alvaras meus que laa forem de licenças pera as ditas camaras e vinhos não comprão, sallvo na maneira e ordem que nesta carta se contem. Manoel da Costa a ffez, em Evora, a IX dias de fevereiro de 1533. J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, e veador de sua ffazenda. J.

COMDE, amiguo. Eu elRey, vos emvio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes de viii dias d'este mes, em que me daes cõta da disposyçam em que estam estas quatro naos que, prazendo a Noso Senhor, ham de ir diamte, e asy da Repartiçam dos mestres e pillotos de todas sete, que tudo estaa tam bem feyto e ordenado como cõpre a meu serviço; e vos agardeço muyto o bõ cuydado que de tudo tendes. E porque Bernaldo Pires nom he quaa, e poys quaa ne~ llaa estaa, parece que nom ira este ano; e pereçeme bem ir Agostinho Fernandez; e se for desarrazoado, e diser ou fazer cousa por que vos pareça que mereça Represam ou castiguo, ey por bem que ho mãdeis prender, e ir preso na naoo, ou façaes niso o que vos bem parecer; e asy a quaesquer outros a que vos pareça necessaryo, trabalhamdo primeiro de ir cõ elles por bem quanto mais poderdes, como sey que ho fareis; e o que niso fizerdes, averey por muy bem feyto, e me averey por bem servido. Quando há naoo Bom Jhesus, que dizeis que foy nomeada a dõ Francisco de Noronha, nom se fez, senam parece, do que tinheis afymado, ir por capityna a naoo Çirne. Direis de minha parte a dõ Francisco que vaa naa que lhe nomeardes; porque elle nã Recebe niso agravo, e deve de ser cõtente de ir na naoo que lhe for nomeada por vos, allem de o eu asy mandar e aver por meu serviço; e asy ey por bem que se faça, e que se nã mude a Repartiçam que tendes feyta dos mestres e pillotos, por que me pareço muy be~; e quero que se cumpra como estaa. Ayres Fernandez vay despchado do seu negoçio que Requeria, e follgey de lhe fazer niso merce; e tambem Requeria que lhe mandase dar treze~tos cruzados por

viajem, posto que estas quatro naos sejam mais pequenas; e [pareçeme](#) que neste elle e os outros tem Rezam, e que, por eu aver por meu serviço de mädar fazer as naos mais pequenas, os pillotos e mestres que ho [mereçere~](#) não [deve~](#) de perder os hordenados que senpre ouverã. Por tanto ey por bem que aquelles que sam mestres e pillotos, que [acostume~](#) de ir em naos grandes as [viaje~s](#) pasadas, ajã agora nestas os mesmos ordenados de grandes, posto que sejam mais pequenas; e vos o mandareis asy cõprir. E a [Marti~](#) Fernandez, pelo que me escrevestes, ouve por bem de fazer merçee de cinquenta cruzados; os quaes lhe mädareis dar, e cõ esta vay mandado pera [sere~](#) lançados em cõta a João Gomez. O que pasastes cõ os mercadores estaa muy bem feyto; e por outra carta vos tynha escripto sobre o galleã Trindade. Em todo fareis o que vos milhor e mais meu serviço parecer, [faze~dolhe](#) a elles o favor onesto como seja Rezam. [Agardeçovos](#) muyto o que me escreveis sobre Antonio Vaaz. Eu mando fazer dilligencia pera se lhe dar o castiguo que mereçe; e como for feyto, vollo escreverey. Vejo o que pasastes com Antonio de Brito, e como diz que nom quer ir há India. Nom imdo elle, ey por bem que, na naoo de Fernam Gomez [e~](#) que ouvera de ir, vaa por capitão Antonio Gallvam. Emcomendovos muyto que digaes a Fernam Gomez que lhe teerey em serviço ser d'iso cõtente; e eu lhe escrevo esta carta que lhe dareis; e trabalhareis cõ elle que follge de o fazer, porque Antonio Gallvã he pesoa que, allem de fazer todo o que compre a meu serviço, oulhara por sua fazenda. [Agardeçovos](#) muyto todo o que me escreveis que pasastes com Onorato, e Receby prazer em vos afirmades que em todo follga de me servir. Eu Respondo ao governador há sua carta, que toda via lhe mando [e~tregar](#) os cinco Françeses dos que vyeram da costa do Brasill; por que o que se pos na carta, de serem da costa da Mallageta, diz cõde do Vimioso que foy [pore~](#) erro. [Encome~dovos](#) que, em todo o que vos bem parecer, o favoreçais de maneira que elle conheça que tenho cõtentamento de seus serviços. Fernam d'Allvarez a fez, em Evora, aos X dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Resposta ao Cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A Dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, e veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Dom Pedro Mazcarenhas me escreveo, que lhe parecia que, enquanto Diogo Mendez, irmão de Francisco Mendez, não he acabado llivrar dos casos que em Frandes lhe foram postos, não devia de tratar tam grosamente como d'antes fazia, nem lhe devia de ir tanta fazenda há naoo; e por quam incertas sam as cousas d'aquelas partes, me parece bõõ aviso o de dõ Pedro, e que nom deve de ir tanta fazenda como vay há naoo do dito Diogo Mendez, pelo Risco que podera correr, em quamto não for llivre dos ditos casos. [Encomendovos](#) muyto que mandeis chamar Francisco Mendez, e lhe digaes da minha parte que, por segurança de sua fazenda, não deve de mandar tanta há naoo de seu irmão; e que, em quamto não tem setença de llivramento, a deve de Repartyr por outras pesoas; por que, depois que for llivre, o podera fazer como d'antes fazia. E tanbem de vosa parte lho acõselhay; por que, allem de a segurança de sua fazenda ser tanto meu serviço, elle o deve de fazer pelo que lhe compre. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos [Xiii](#) dias de fevereiro de [VcXXXiii](#). J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre Francisco Mendez. (On Reverse Side) Por elRey. A dõ Amtonio d'Ataide, comde da Castanheira, e veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Ey por bem que, dos çem mill cruzados que os mercadores d'este derradeiro comtrato sam obrigados pagar antes da partida da armada da Imdia, lhes sejam tomados [e~](#) pagamento vinte mill cruzados que tem em Sevilha, e que as letras d'elles se entregem a Bertolameu Drago, cavalleyro de minha casa, pera os lla ir Requerer. [Emcomendovos](#) muito que mandeis logo Requerer a Joham Gomez, thesoureiro d'esa casa, as ditas letras, e carregar sobre elle, em Recepta do quall as Recebera o dito Bertolameu Drago, e lhe dey para seu credito atee lhe entregar o dito dinheiro; e isto mamdares ffazer logo, pera que se nam detenha. Cosme Annes a fez, em Evora, aos [Xiii](#) dias de fevereiro de 1533. J. Sam vinte mill cruzados os que ora am de dar [e~](#) Sevilha. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre estes XX mill cruzados que os mercadores do cõtrato dã [e~](#) Sevilha. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, e veador de sua fazemda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos e~vio muito saudar. Be~ sereis lembrado que, quamdo se casou este contrato da pimenta, fficou asentado de os mercadores pagare~ do dinheiro d'elle ao Ifante dõ Luis, meu muito amado e preçado irmão, todos todos seus dinheiros d'este anno, aos tempos e pella maneira que elle ordenase. E porque o Ifante enviara ora laa hu~u seu criado sobre este pagamento, muito vos e~come~do que mandes loguo chamar Jõ Carlo, Francisco Me~dez, e Diogo Martines, e asentay com elles o que cada hu~ ha de pagar e que lho paguem; e do que asy pagarem, lhes mãdareis por as pagas nos meses que vos be~ parecer; e o Ifante, meu irmão, vos espreve sobre isto, e manda Recado da contia do dinheiro que laa toma, de que as provysões irão a Jõ Gomez. Manoel da Costa a fez, em Evora, a Xiii dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira, sobre estes dinheiros do senhor Ifante dõ Luis. J. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Vy a carta que me sprevestes, e asy as que sprevia Lopo Sumido a seu pay e cunhado, e porque, segundo diz na de seu pay, parece que spreve outras como me dizes, vos emcomendo muyto que vos lhe diguaes, como de vos, que sabes que seu filho lhe spreve algu~as cartas, e porque, pera seu descanso e bem de seu filho, he necessario de volas ele amostrar, ou volas dar, pera as eu veer, o que se ele nam quisesse fazer, eu averia d'iso muyto desprazer; pelo que lhe Roguaes que loguo volas dee, pera mas enviardes, ou volas amostre, cõ as outras mais palavras que vos parecer necessarias pera volas dar, ou amostrar, e de maneira que nom Receba niso muyta afronta. E nõ o querendo asy fazer, mostrarlheys que faz mall, e pasareys por iso sem outra sua afronta. E quãto às cartas que dizes que estam em mão do feitor, que sã de Jorge Rodrigues, que vinhã com a sua que ca me enviastes, vellareys e vereys o que dize~, se toquã a este Lopo Sumido, seu irmão, e, se sam de outras pesoas, dem se a seus donos. Pero d'Alcaçova Carneiro a ffez, em Evora, a Xiiii dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) A dom Amtonio d'Atayde, conde da Castanheira, do seu conselho, e veador de sua fazenda, etc. J.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes por Pero Llopez de Sousa, e asy vy o trellado do Regimento que emvyaes a Paullos Nunez, que me pareço muy bem; e vos agardeço muyto a presteza cõ que se fez. Pero Lopez me deu cõta do que era necesario sobre Manuel de Braga e Vincente Martines, pilloto, e lloguo mãdey fazer as provysões necessarias, que vos cõ esta envio. E pareçeome bem o que me escrevestes pella derradeira carta, se nõ ir a provisam secreta, e que Pallos Nunez tomase laa o trellado da de Duarte Coelho; e ao mesmo Duarte escrevo que lha dee e vos tambem lhe enviareis pera iso Recado. Receby prazer com o que me escreveis de ser jaa casy asentada toda a gente das quattos naos que ham d'ir primeiro, e pera poderem ir esta semana pera Bayxo tam prestes que se nõ posa dizer o que se dise em algu~as armadas pasadas, que se punham em Bayxo. As cartas pera as India vos iram dentro nesta semana, prazendo a Noso Senhor. Emcome~dovos muyto que, pois estam tam cedo, prestes trabalheis por nõ perderem tempo. E dõ Gonçalves Coutinho he jaa llaa, ha quatro ou çimquo dias, e nõ amda quaa pesoa algu~a por que ellas ajam de sperar. Vy todo o que dizeis que pasastes cõ Fernam Gomez, e asy o que d'amtes tinheis esprito a Fernã d'Alvarez per Symão da Veygua, e a carta que o mesmo Fernam d'Alvarez; e porque Antonio Gallvã he llaa ido fallar cõvosco, e cõ elle pareço Rezam, antes de se dar Reposta a Symão da Veyga, ver outro Recado voso, pera saber se, depois que llaa foy Antonio Gallvã, he Fernã Gomez cõtente que elle vaa na sua nãao. ~Ecomendovos muyto que, com a moor brevidade que for posyvel, que escrevaees se ha nisto algu~a mudança; e se vyrdes que Fernã Gomez nõ he cõtente de ir o dito Antonio Gallvã, e que tem a naçesydade que dizeis da parte, que Symão da Veygua, ou outro por elle, metem na sua naoo, o diguaes lloguo llaa ao mesmo Antonio Gallvã, pera elle saber que se nõ pode fazer força ao mercador, e~ teer Rezam de se agravar, e fazer fu~damento de sua e~barçaam a quall lhe vos mandareis dar; e mãdayme lloguo vosa Reposta do que nisto pesardes, pera cõ ella mãdar Respõder a Symão da Veyga, que mandey esperar ate vyr este Recado. Vy o que dizeis do cabedall d'esta armada; e pela cõta que fazeys devem de ir setenta mill cruzados e~ todas todallas sete naos; e porque, pelas cartas que Nuno da Cunha espreve, como sabeis que ha llaa na India necesydade por as

muytas despesas que se fizeram, e por nō poder falleçer dinheiro pera acarregar e se pagarem allgu) as das divydas que se llaa deve~ há gemte, averey por meu serviço que vam oyntenta mill cruzados de cabledall, e mais allvaras meus de credito, pera poder llaa tomar atee vy~te mill cruzados, porque tudo me parece necesario. E~come~dovos que façaes fundamento dos ditos LXXX mil cruzados em dinheiro, e que trabalheis por nō irem menos; e nestas quatro naos vam eses quarenta e ci~quo mill cruzados; e, podendo ir ci~quoenta mill, Receberey cō iso prazer, Repartydos por ellas iguallmente, porque vam mais çedo; e nas outras tres iram XXX mill cruzados; e por esta maneira manday fazer, porque asy o averey por meu serviço. Fernam d'Alvarez me fallou em Affonso Annes Dastim pilloto; e porque na sua petiçam dizia que vençia sua moradia, tinha mandado que se lhe dese e a vencesse e~quanto servise nesta vyagem, ou o que nela mōtase, e pelos llivros das se vyo que era filhado sem moradia nem casamento. Por yso nō ouve efeyto a merçe que lhe fazia. E pelo que me escreveis, vos envio e~vio hu~u mādō pera João Gomez de trinta cruzados, o que vos lhe mādareis dar; do que lhe faço merçe allem de seu ordenado; e podeis lhe dizer, quando eu tomar outros por meus criados, me lle~brarey de seu filho. Tambem me fallou sobre Gonçalvo Moreira, que he preso na cadea d'esa cidade e degradado pera a Ilha de Sam Tome pera senpre, sobre que lhe escrevestes pera lhe mudar o degredo pera a India; e por o caso de sua prisam ser muy grave, que foy por morte de hu~u Guaspar Correa, que foy seu capitão de hu~u navio, e sobre Rezões que ouverã lhe foy posta a sua morte, pareço que se lhe nō devia de mudar o degredo nem ne~ fazerlhe niso favor. A Diogo d'Allmeida e Bernabe Drago, que tinham as capytanias das caravellas da Imdia pera Çofalla, mandey dar outras caravellas pera servire~ nellas na India, e Ronper as cartas que tinham, por o aver asy por meu serviço; e lloguo os mandey despachar pera se tornarem. Quanto ao llanço que vos fazem nos tratos de Guinee, eu averey por meu serviço que se arrendem. Emcome~dovos muyto que sendo cō cōdicões que se devam aceytar, o Recebaes cō allgu~us dias, pera me mādardes primeiro mostrar; ou me e~viay os apontamentos que sobre yso vos derem, pera o eu ver; e quādo se Reçeber, seja pera andar em aberto os mais dias que poderdes. E asy follgaria que se emtendese no trato da Ilha de Sam Tome, por cōtrato ou arrendamento. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XVi dias de fevereiro de VcXXXiii. J. Rey. Reposta ao cōde da Castanheira. (no Entry on Reverse Side)

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos emvyo muito saudar. Symão Váz de Pavya vay lla pera trazer as letras do que os mercadores d'este comtrato sã obrigados pagar em Framdes. Emcome~dovos muyto que lhe mamdeis empregar letras, por duas vias, do que cada hu~u he obrigado pella Repartição que fizerã, pera que o dito Symão Vaz levar a hu~a via, e deixar a outra a Fernam d'Alvarez, meu thesoureiro moor, pera ha mādardes por outra vya. E isto mamdareis fazer logo; porque, tanto que ella vier, ha de partir pera Framdes. Cosme Annes a fez, em Evora, aos Xvii dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Pera o cōde da Castanheira, sobre as letras pera Framdes d'este cōtrato. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veador de sua fazemda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Pera allgu~us negócios que comprem a meu serviço sam necesarios na corte da Roma, ôdequer que ho noso Santo Padre estiver, quinze mill cruzados, pera serem emtrejes a dom Martinho de Portugall, meu embayxdor. E~comendovos muyto que dos herdeiros de Joam Francisco, ou de quaesquer outros mercadores que vos parecer que ho melhor posam fazer, ajaes lletras de credito pera serem dados na corte do papa ao dito dō Martinho os ditos quinze mill cruzados, ou a parte que elle d'elles ouver mester; e do que llaa tomar cō seus conhecimentos se pagare~ quaa, ou tomarã em cōta do que devere~, cō o cāybo que custarem. E estas letras e~viay lloguo pela posta, porque estaa o correo despachado e nom espera por outra cousa; e cō esta vay hu~u mandado meu pera os herdeiros de Joam Francisco, se os d'elles tomardes. Porem, vos os tomareis de quem vos melhor parecer. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XViii dias de fevereiro de 1533. J. Alem d'estes quinze mill cruzados sam mais necesarios setentos e dezaseis mill e oyto ce~to e quarenta reis pera ordenado de seis meses e meio, de que vam provisões pera Jorge Gomez os dar por lettra em Genoa. E~come~dovos muyto que ajaes tambem lletra d'elles dos ditos herdeiros de Jō Francisco, ou de quaesquer outros mercadores, e as emvieis a Fernam d'Alvarez, pera

lhas levar o mesmo correo; e ao tempo que vyer o conhecimento do dito dō Pedro se poderã levar em cōta ao mercador que ho der. Rey. Pera o cōde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Ataide, cōde da Castanheira, do seu comselho, e veador de sua ffazemda. J.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Meu amo me escreveo a disposyçam em que estavam as obras que mandey fazer nesa cidade, e o que nellas he feyto, e me escreveo que por allgu~as cousas que se nellas acrecenteram eram necesarios todo os dous mill cruzados que mandey e~tregar em Joam Gomez a Francisco Lopez, allmoxarife das ditas obras. E porque eu tynha sprito a Joam Gomez que lhe descontase d'elles cento e oytenta millreis, que Francisco Lopez Recebeo de certos dinheiros que vyerã da Ilha de Madeira, vos e~come~do muyto que mandeis ao dito João Gomez que lhe e~trege todos os ditos dous mill cruzados, sem descōtar os ditos CLXXX milreis, como lhe tinha escrito, por que me espreveo meu amo que todos sam necesarios. Aallem d'isto lhe mandareis mais entregar dozentos millreis pera hu~a nave das terçeenas da Porta da Cruz; por que se acabou agora hu~ a; e por ser obra tam proveytosa e necessaria, querya que se fezese lloguo outra. E todo este dito dinheiro se entregara por seus asynados, que he neçesario, e asy se decrara nos vossos mādados. Fernam d'Alvarez a fez em Evora, aos Xxiii dias de fevereiro de VCXXXiii. J. Rey. (On Reverse Side) Por elRey. J. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, do seu comselho, e veador de sua fazemda. Por virtude d'esta carta delRey noso senhor, sprita a Xviii dias d'abryl de 1533, ey mandado pera Joam Gomez doze~tos millreis a Francisco Lopez; e não foy mays cedo porque não Requeryo mays çedo, ne~ teve necessidade d'eles.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Vy a carta que me escreveste de XIX d'este mes, e quanto há naoo de Fernam Gomez, pelas Rezões que em vosa carta apōtaes, ey por bem que Symão da Veygua vaa por capitão d'ella, asy como o dito Fernam Gomez o aprese~tou; e lloguo lhe mandeys fazer a provisam neçesaria. E a Amtonio Gallvam direis da minha parte que, se nom pode quebrar o cōtrato ao mercador, nem tomarselhe a naoo cōtra sua vontade, que follgarey que elle vaa agasalhado em qualquer naoo que quiser, como dantes hya; e vos lhe mandareis dar o gasalhado que lhe for necesario, o melhor que se pode fazer. O que fizestes com Agostinho Fernandez, pilloto, ouve por muy bem feyto, e Reçeby prazer do bõ modo cõ que se fez; e eu averia por mais meu serviço ir outro pilloto na naoo de Jorge Llopez, se se podese achar, e ella ficar asy como estaa, ate se ver o que se niso deve fazer. E quando nom ouver outo pilloto, fazey niso o que vos bem parecer; porque o que vos fizerdes, averey por muyto bem feyto, e como cõpre a meu serviço. O que dizeis d'Antonio Bello e Diego Nunez me parece bem; e por õtem e oje serem santos, se nam fez quaa a dillegência cõ Diogo Nunes, a qual se fara amenhãa, terça feyra. Manday ao feitor e ofiçiaes que quarta feyra prendam llaa Antonio Bello; e ao tempo da prisam lhe daram juramento que declare [decrare] toda a fazenda que tem, e os llugares õde estaa, e escrevera toda. E se fara lloguo penhora por minha parte por ficar primeira que as que se fizerem pelas outras dividas; e a mesma decraraçam da fazenda fara quaa tambem o procurador dos meus feytos cõ Diogo Nunez; e como a dilligeçia quaa for feyta, volla e~viaram. Pareçeme bem ir Vicente Gonçalves, pilloto, por capitão das naos em que vay a pimenta dos mercadores, e se foy muy bem oulhado tomarse asynado d'elles, como o que querem e nomeam. Cõ esta vos envio o allvara de poder pera o obedecerem nesta vyagem. Fernam d'Alvarez me mostrou a carta que lhe escrevestes sobre a naoo de Jorge Llopez, que tinheis divida de poder ser prestes lloguo pera ir com as primeiras, como estaa ase~tado; e quereis saber se averia por meu serviço, por se as primeiras nõ deterem, fycar esa de Jorge Llopez, pera ir cõ as derradeiras, pelo Reçeo que tinheis da mudança do tempo. E por agora ser tam cedo como he, e o tempo, Deus seja llouvado, estar tam asentado, vos e~come~do muyto que trabalheis por yrem todas quatro como estava ordenado; porque, ainda que por yso se detem-se detemsem allgu~us tres ou quatro dias mais, Receberey prazer que vam todas quatro. Agardeçovos muyto fazerse asy, porque o averey por muyto meu serviço. A cetydam que enviastes pera os quatro centos mill cruzados de Frandes vynha muy bem feyta; e o que dizeis que hya na carta que vos escrevy, que se pedisem lletras aos mercadores, foy por erro. A vya que ha d'ir nestas primeiras naos asynarey amenhãa, prazendo a Noso Senhor, e lloguo se enviara. Ao mais de vosas cartas nõ ha que Respõder. Fernam d'Alvarez a fez em Evora, aos XXiiii dias de fevereiro de

1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. J. A dõ Antonio d'Atayde, cõde da Cas., veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muyto saudar. Eu, por me parecer muyto meu serviço, vos emcome~do e mãdo que façais fazer nesta armada, que Noso Senhor leve e tragua a sallvame~to, aos officiaes da casa da India hu~ua certidam pera Nuno da Cunha, meu capitaam moor e governador das ditas partes, porque lhe certefiquem e façam certo quamta pimenta e drogua ficam na casa, todas nomeadas por seus nomes, pera se prover do que ouuer mais necessidade; a quall certidam ey por beem que mandeis de se fazer pera o dito capitam moor, allem da que se na dita casa faz por ordenança; a quall vos e~comendo muyto. Bertollameu Fernandez a fez, e~ Evora, a XXV dias de fevereiro de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre certidam que lhe V. A. Mãda que faça fazer da espeçaria aos officiaes da casa daYmdia. J. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, conde da Castanheira, do seu conselho, veador de sua fazenda, etc. J.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Vy a carta que me escrevestes do derradeiro de fevereiro, em que me fazeis saber como as quatro naos estam de todo prestes, que nom esperam senam pellas vias e por tenpo; e que as outras tres o serem tambem muy çedo. As vyas vos envio per este moço d'estribeira; o tenpo espero em Noso Senhor que he de tall cõ que nõ façam detença, e pera irem todas a sallvamento, pera vos teerdes tamto cõtentamento de voso trabalho, como eu tenho da võtade cõ que sey que ho fazeys, e a dilligencia que se em todo daa. As outras tres vos emcome~do que, cõ a moor brevidade que poderdes, llanceis fora esoutras tres, e vos venhaes embora; por que de vosa v~yda ser o mais çedo que for posyvell. Receberey muyto prazer. Vy o que mandastes fazer sobre a fazemda d'Antonio Bello, e o que se fez estaa bem feyto. Se vos parecer que he escusado ser preso, averey por bem que se o nom pre~da, e que niso se faça o que vos hordenardes; e escreveyme se vos parecer que se deve de llevantar a menajem a Diogo Nunes, seu padraito, a que~ se quaa tomou, pois a divida estaa segura pella fazenda. Pareçeme bem ir o aviso a Duarte Coelho per hu~a caravella pescareza, como dizeis, pois ho tenpo he jaa curto, e se nom achar na costa da Mallageta. Ira a caravella ate o Brasyll cõ Recado que se cumpram as provisões que lhe vam, e se venha lloguo hás Ilhas sem nemhu~a detença. E das duas vias que llaa tendes pera o dito Duarte Coelho, ira hu~a pela caravella e outra pelo navio, cõ Recado que quallquer d'elles que ho nõ achara torne a casa. Fernam d'Alvarez me mostrou o apontamento que lhe enviastes, que vos deu o doutor Luis Mendez, dos çem quintais de pimenta, de que dara lloguo dous mill cruzados em dinheiro, e o mais nas dividas que diz que lhe devem, e que dara cõsentimento dos mercadores do cõtrato. Averey por bem que, dando elle o cõsentimento dos ditos mercadores, que se faça porem antes de lhe dardes d'iso pallavra. Vos mostrara o dito cõsentimento asynado por elles, e quando vos cõ elle Requerer, lhe mādareis fazer venda dos ditos cem quintaes, cõ deçraraça que dee lloguo das dividas de Manuel Velho e Bras d'Araujo seus creditos e~ forma; e os oytenta millreis e~ outras dividas, e o que d'isto nõ e~tregar, o pague a dinheiro cõtado. Das cousas que escrevestes a Fernã d'Alvarez, que sam necessarias pera a armada do ano de VcXXXiiii, mãdey lloguo fazer provisões pera o Porto; e elle e~via Recado pera se llaa darem sete myll cruzados por em quanto parece que seram pera ellas necesarios. Agardeçovos muyto o cuydado que d'iso tendes, e cõ taes dilligências sam certo que as armadas, cõ ajuda de Noso Senhor, partiram a seus tempos. E todo o mais que escrevestes a Fernã d'Alvarez pellas cartas que me mostrou vos agradeço muyto; e a lletra de credito do dinheiro pera a corte de Roma vos e~comendo que venha lloguo cõ dilligência, por que compre muyto a meu serviço; e o correo nõ espera ha dias por outra cousa. Pareçeme bem o que escrevestes sobre se nõ arrendar o Ramo da India; e lloguo mandey fazer provisã pera dõ Rodrigo que ho nõ arrendase. Cõ esta vos vay provysã pera se arrecadar na casa, tanto que se acabar o arrendamento que corre. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, ao primeiro dia de março de VcXXXiii. J. A folha que me e~viastes da Receita e despesa da casa vos agardeço; ate agora nõ ouve tempo pera a ver toda. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. Ao comde da Castanheira, veador de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Hu~u mestre Joam Jorge que fez os moynhos de dõ Garçia de Noronha me dise que da Ponte de Boa Vista, õde estam as casas dos Allemãees, ate a Ponte das Casa de Samtos se poderiam fazer hu~us moynhos que moesem cõ quinze pedras ou mais; e porque esta obra pode ser proveytosa e necessaria pera bem da cidade, esprevo a meu amo que veja o sytio que este mestre Joam diz, e o que esta obra podera custar e Render, e que este cõvosco e pratique todo o que achar. Encomendovos muyto que esteeis cõ elle, e vejaes tambem o mesmo sytio, e o que vos parecer da obra, e vejaes a carta que lhe sobre yso esprevo. E em especiall vereis que, faze~dose estes moynhos, podia prejudicar ao porto d'esa cidade ou nam; porque o mesmo mestre diz que antes lhe fara proveyto. E llevareis a iso Pero Affonso Dagiar, que ho deve d'entender e nam outra pesoa; porque nõ queria que se soubese que mando ver ese sytio, nem fallar nesa obra, ate se tomar asento se se deve fazer ou nam. E agardeçervos ey muyto escreverdes me d'yso o voso parecer, depois que todo tiverdes bem visto e sabydo. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, ao primeiro dia de março de VcXXXiii. J. Rey. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, comde da Castanheira, e veador de sua ffazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar. Antre as cartas da India vinha hu~u~a de Vincente Pegado. Devera de ser vista das primeiras por aver nela muytas cousas a que se podera prover este anno; e por ja nam aver tempo, e aver muyta necessidade d'algu~u~as, vos quis esprever esta antes que á dita carta se Responda, pera verdes se pode aver maneira pera lhe acodir cõ mantimentos, e cõ aquilo que verdes que compre, conformandovos cõ os Registros dos libros da casa e dos almaze~es que se foy a levar ou se levou, algu~us annos a, a esta ffortaleza. E ele diz que, por o veador da fazenda da India lhe nõ mandar aquele anno hu~u navio, que cada anno lhe ha de enviar, segundo lhe tenho mãdado que o faça, Çofala e Moçambique estam muy apertados e e~ grande necessidade; e se o anno que vinha, que he este que pasou de XXXii, lhe nõ mandase~ o dito navio, que coreria muy grande Risquo de se perder. E nõ declara as cousas que lhe devia de mandar; soome~te diz que, sendo aqueles fortalezas be~ providas, ainda pela maldade da terra nõ avia home~s que podese~ sobir ao muro, quãto mais sendo tam mal providos, se perderiam de todo; e que por iso era Rezã que lhe mãdase~ mais algu~ua gente, porque sempre avia aly necessidade d'ela. Pelo que vos e~come~do que mandeis a estas naos primeiras, de minha parte, que vã por dentro e toquem Moçambique, e lhe mandes nelas alguns algu~us mâttime~tos se for posyvell de se nelas poder caber, e nõ podendo se, mandes ao capitã moor que, achando Moçambique e~ grande necessidade d'eles ou achando nova que Çofala o estaa, que dos que levare~ nas naos partã com eles todo o que for posivell. E sendo caso que o dito capitã mor nõ toque Moçambique, o que prazera a Deus que nõ sera, e que levarã todos muito bõa viage~, e iram todos juntos, mandares a quallquer dos outros capitães que cada hu~u o faça asy da sua nao, e lhe dee o mâttime~to que poder escusar. E asy mesmo mandares ao dito capitã moor de minha parte e por Regime~to voso, que lhe dares, e asy a cada hu~u dos outros capitães, e~ que se cotenhã todas estas cousas, que se achare~ que te~ necessidade de ge~te, que das dytas naos lhe leixe~ a necessaria pera as ditas fortalezas da gente de soldo que levam. E da que ficar ahy, levarã hu~u caderno asinado pelos officiaes, que aprese~tarã ao veador da fazenda, pera os mandar Registrar declaradame~te que ficã e~ Çofala e e~ Moçambique, vencendo seus soldos, e se nõ venceram ve~cerã e~ duas partes, o que se pode fazer se asy nõ Registrarem, se o quisere~ furtar, o que nõ sera. Emcome~dovos que nisto dos mâttime~tos façaes todo o posivell; e se nestas naos nom podere~ hyr, vã nas deradeiras, pela grãde necessidade em que podem estar d'eles. O dito Vincente Pegado me spreveo que o seu piloto e o seu mestre levavã cada hu~u sua carta, feitas e~ Lixboa, as quaes hiam desconformes em muitas cousas, pondo as Ilhas e Moçambique e Çofala, em mais graos e outra em menos, e que nenhu~ua d'elas punha aqueles baixos e~ que se perdeo Manuel de Lacerda; e ele se vio cõ as ditas cartas e~ grande confusã; e por acerto achou outra no navio que ha muytos dias que foy feita e~ Lixboa, a quall tinhas os ditos baixos; o que parece que quis Noso Senhor fazer pelo salvar, por que, se a nõ acertarã de levar, erã perdidos nelas como Manuel de Lacerda, dandome aviso do grande cuydado que avia de ter e~ as cartas serem sere~ direitame~te ffeytas. E~come~dovos que fales cõ Pedro Affonso, e nestas que agora vam façaes todo eixame a que o tempo der lugar, e depois pratique a maneira que se deve ter d'aquy avante pera se fazere~ estas cartas como cõvem, pera com vosa emformaçã, depois que em bõa ora vierdes, o mandar ordenar. E asy me diz no mesmo capitolo

que a nao de Manuel de Lacerda varou em e~ hu~u~as lagoas chãas, e que de baixa mar ficam dous palmos d'agoa soome~te, de maneira que toda a artelharia, e cobre, e todas as outras mecadorias que cõ a agoa se nõ danase~, se podem salvar; e que eu lhe mãdase hu~u~ piloto pera ele o la mãdar e~ navio que la te~, e se nõ fose, que ele se avia d'aventurar a iso cõ hu~u dos pilotos que la te~. E porque lhe sprevo, que nõ ey be~ que se aventure a iso, folgaria se achaseys algum algu~u home~ de mar, ainda que nõ syrva ainda de piloto, - e ha asy algu~us que sabe~, e no tempo convinie~te sera muy pouco de fazer yre~ aly de Moçambique - de lho mandardes e~dere~cado pera iso; e vede se o que veo da Ilha de Sam Lourenço, que se perdeo cõ Manuel de Lacerda, e vay agora cõ hu~u carego la pera a India, abastara pera o saber fazer. E porque esta carta se vio esta menhã, e o te~po he tam curto, vos sprevo desta maneira e nõ tam largo como o fizera acerqua de outras cousas que ele tãbe~ apõta, que nõ sam tã necessarias. Pero d'Alcaçova Carneiro a fez, e~ Evora, a viii dias de Março de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, do seu conselho, e veador de sua fazenda, etc. J.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar, como aquele que muyto amo. Vy a carta que me escrevestes, em que me daees novas de ser chegada a nao Raynha, de que vem por capitão Diogo da Sillveira; e asy de ser pasado Fernam Perez d'Amrade com toda a armada a sallvamento, de que Receby tanto prazer como he Rezam. E vos agardeço muyto a dillygençia com que me enviastes tam boas novas. Depois me foy dada outra carta vosa sobre o que vos dise Diogo da Sillveira, de se poderem queymar as galles do Turquo que estam em Suez, e o avyso que d'iso deu, e a dilligençia que pos em sua vy~da por vyr a tempo, antes que a armada partise. Lhe agardeço as Rezões que apontaes em vosa carta, e voso cõselho, e pareçeo muy bem de lleyxar o negocio ao capitão moor, pera o llaa praticar, e fazer como mais meu serviço lhe pareçer; e lloguo mandey fazer hu~a carta pera elle, llenbrandolhe o negocio, e emcome~dolhe muyto pera o teer mandar fazer, segundo a dysposiçam do tempo for. Este criado voso lleva as vyas pera a India; e segundo o tempo estaa corregido, espero em Noso Senhor que a armada parta cõ elle, e vaa a sallvamento, como vam e vem as que sam feytas por vosa mão. Ao mais de vosas cartas nom ha que Responder, senam que Fernam d'Alvarez me mostrou hu~u carta que lhe escrevestes da gerra de Mallaca, e da morte de Joam Rodrigues de Souza, e de dõ Paullo; e de suas mortes Receby tanto desprazer como he Rezam. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora aos X dias de março de VcXXXiii. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dõ Antonio d'Atayde, cõde da Castanheira, veador de sua fazenda. J.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar. Fernam d'Alvarez me deu cõta como lhe escrevestes que as quatro naoos partiram sesta feira, sete dias d'este mes, e sayram de fos em fora em muyto bõõ tempo. Muyto vos agardeço tam boa nova, e quã boa dilligencia se niso fez. E tambem soube pelo mesmo Fernam d'Alvarez quam marynheiros e bem arrumados hiam, e quam bem feyto tudo foy allem de partyrem e~ tã bom tempo. Nestoutras tres vos emcome~do muyto que mandeis dar toda a presa que for posyvel por partirem e vos vyndes pera my porque cõ vosa vy~da Receberey muyto prazer. Quanto ao cõtrato dos escravos que faz Affonso Nunez, eu vy as cõdições que a nova das do cõtrato que estava feyto e~ Allvito, e tambem falley cõ Lucas Gyralldo sobre os quatro mill cruzados que dise ha dias que devia; e porque me parece que sera mais meu serviço asentar este cõtrato quaa, vos emcome~do muyto que façaes cõ o mesmo Affonso Nunez que ho venha quaa cõcluir; e se venha quaa, porque vos estareis llaa tam poucos dias que depois de vosa vy~da se podera o cõcluir. E se vos pareçer necesario Affonso de Torres pera a cõcrusam do dito cõtrato, tambem lhe direis de minha parte que se venha quaa, pera o tempo que se ouver de tomar nella cõcrusam. Quanto ha o que dizeis d'Antonio Bello, pareçeme bem nõ se prender; e quaa mãdarey tambem alevãtar a menagem a Diogo Nunez. E asy me parece bem o que dizeis, de mãdar que cousa que Antonio Bello faça na fazenda de seus irmãos nõ seja valliosa; e porque Diogo Nunez me pidia tutor e curador dos filhos d'Antonio Bello hu~u Tome de Payva, cavaleiro de minha casa, vos emcome~do muyto que saybays d'allguas pesoas que homem he, e se sera pera yso; e sendo, direis de mynha parte ao

corregedor Diogo Rodrigues, que tenho encarregado o dito Tome de Payva de tutor dos ditos horfãos; e não sendo pera yso, mandareis saber que pessoa avera nesa cidade que seja pera iso, e o queyra fazer, e o mãdareis nomear ao dito Diogo Vaaz. E eu lhe escrevo que ha pessoa que lhe mãdardes nomear e~carrege d'iso; e como for nomeado a dita pessoa, se pobricara que se não negocie cõ o dito Antonio Bello no que há dita fazenda toquar. E porque Diogo Nunes allega quaa, que a divida da casa he menos do que veyo na folha, mandareis lloguo fazer a cõta d'iso, como vos esprevy por hu~a carta que elle llaa e~viu, pera cõ vosa Reposta se acabar de despachar. Fernam d'Alvarex a fez, em Evora, aos XI dias de março de 1533. O correo pera Bollonha era partydo quãdo as lletras chegaram, e cõ tudo mado que se lleve~ a dõ Martynho, porque parece que cõ ellas achara o dinheiro por melhor preço e cõ mais vantajem. Vy o que escrevestes sobre o cõtrato que estava asynado na nao de Affonso Torres, e o que vos sobre yso dise. A lle~brança que tem o cõde do Vymioso e Fernam d'Alvarez he que não ficarã dias em aberto, depois de asynado, senam que por mão do mesmo Affonso de Torres. Foy Affonso Nunes cõtente de o soltar, e cõ seu cõsentimento e cõtentamento se desfez. Por yso parece que nom ha escrupullo de consciência cõcie~cia e~ se dar agora a quem mais der, e se llevar a vantajem que fezere~. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, a IX dias de março de 1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dõ Antonio d'Atayde, cõde da Castanheira, veador de sua fazenda. J.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Eu esprevy ao ministro da ordem de Sam Francisquo da provi~cia de Portugall, que buscasse algu~us frades que fosem há India nesta armada, por me escrever Nuno da Cunha que aavra necesydade d'eles; e elle me spreveo que hos buscaria e mandaria pera ire~; e por o tempo ser tam curto, e a armada estar tam prestes, esprevo ao dito ministro que hos frades que tiver, que poderem ir nesta armada, os envie a vos. Emcome~dovos muyto que, aos que enviar, mandeis dar e~barçaçam nestas derradeiras naos; e asy lhe mandareys dar vestidos, e mantimentos, e livros, e todo o mais que lhe for necesario pera sua viagem, como se deu aos que forã nas armadas pasadas; do que se achare~ as provisões em poder dos trezoureyros d'esas casas, ou lhe mãdareys dar o que vos bem parecer; porque por ser o tempo tam curto, não poderã quaa vy~r tyrar despachos. E esta carta e~viareys lloguo ao ministro, ondequer que estiver; e lhe escrevereis quam curto he o tempo, pera vos llogo e~viar os frades que pera esta ida tiver ordenados. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XI dias de março de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre estes frades que ham d'yr nesta armada. (On Reverse Side) A dom Antonio d'Atayde, comde da Castanheira, do seu conselho, e veador de sua ffazenda.

EU, elRey, faço ssaber a vos, comde da Castanheira, veador de minha fazemda, que eu são emformado que algu~us capitães das naos de minhas armadas que mando a a Imdia, depois de terem Reçebydo na minha casa da Imdia ho dinheiro do cabedall fechado nos cofres e~ que custuma de ir, abriram os ditos cofres, e tirarão algu~u dinheiro pera o depois laa pagarem de suas fazemdas, ho que eu ey por muy mall ffeito, e muyto comtra meu serviço. E querendo niso prover pera que se mais não faça, per este meu alvara defemdo e mando que nenhu~u capitão, nem pessoa algu~u~a outra, a que o dito dinheiro for entregue na dita casa fechado nos ditos cofres, depois de se averem por entregue d'eles, não abram ne~ consintã abrir os ditos cofres, nem tome~ dinheiro algu~u~ d'eles, posto que esperem de o pagar e~ chegamdo ha a Imdia; e levem os ditos cofres, asy fechados como os Reçeberem, atee chegare~ a a feitoria, omde os ouverem de entregar; e laa os entreguem e o dinheiro todo por imteiro sem faleçer cousa algu~ua; salvo quãdo na viagem acometeçese algu~u~ caso tam fortoyto que de necessidade se ouve~ d'abrir, pera se do tall dinheiro fazerem algu~uas despesas de muito meu serviço. E o que ho contrairo d'isto fizer, pagara loguo e~ chegamdo há Imdia, se~ mais delação allgu~u~a, o dito dinheiro de sua fazemda, e mais não servira a qualquer carreguo ou ofício de que lhe tiver ffeito merçe, sem outra minha especiall provisão; e se for provido de capitania de nao, seraa sospemso d'ela, e provida outra pessoa da tall capitania, e aalem d'isto avera outra mais pena que minha merçe ffor. Noteficovollo asy, e mando que o mandeis asy noteficar gerallmente e Registrar esto nos livros da dita casa da India, e nos do almazem se cumprir, pera a todos ser notoreo. Pero Amrriquez o

fez, [e~](#) Evora, aos XV dias de março de mill VC trimta e tres. E este se cumprira e guardaraa tão inteiramente como nelle he comteudo, [se~](#) embargo de não ser pasado por minha chancelaria e da ordenaçam em contrairo. Rey. Alvara pera o cõde da Castanheira, sobre as penas que averão os capitães e pesoas que abrirem os cofres do dinheiro do cabedall das armadas da Imdia pera ver. (On Reverse Side) Foy lido de verbo a verbo este alvara a Symão da Veyga, capitã da naoo São Roque, ao qual se noteficou que o [cõprise](#) aos XVI dias de março de 1533. Simão de Veyga. Ffoy lido de verbo a verbo este alvara a dõ João Pereira, capitã mor das tres naaos, pera o cõprir; e pera corteza de como lhe foy notefycado, asynou aquy no dito dia. João Pereira. Ffoy noteficado e lido pela dita maneira este alvara a Lourenço de Payva, capitã da naao Sãta Barbara, no dito dia. Lourenço de Paiva.

COMDE, amigo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar, como aquelle que amo. Eu soube ora do falecimento de voso filho, com que ouve muyto desprazer, e debes de louvar a Noso Senhor, pois se com yso ouve por servido, [comformandovos](#) com sua vomtade. E melhor foy em tall ydade, que em outra de que Receberes mais paixam. E por yso o nam debes tamto de sentir como me dizem, que nam parece cousa vosa, nem se deve d'esperar de vos. Eu mando João Diaz, meu capelão, a vos vesitar de minha parte; e o que acerca d'isto mais vos diser, lhe dares fe e creença. E muyto vos encomendo que logo vos venhaes o mais cedo que vos for posivell, por que de ho asy ffazerdes averey muyto prazer, e como tall vollo gradecerey muyto. O secretario Francisco Carneiro a fez, Evora, a VIII dias d'abrill de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. J. A dom Antonio d'Ataide, cõde da Castanheira, e veador de sua fazenda. J.

EU, elRey, faço saber a vos, ffeitor e ofiçiaes da Imdia e Mina, e ao proveedor e ofiçiaes dos meus [almaze~s](#), e a quaesquer outros meus ofiçiaes e pesoas a que o conhecimento d'este pertemçer, que o comde da Castanheira, veedor de minha fazenda, vay ora a a cidade de Lixboa, pera d'ahy despachar a armada da Imdia, que pera laa ha de partir, cõ a ajuda de Noso Senhor, [e~](#) fim do mes de setembro d'este anno presente, e dar aviamento a tudo o que cõprir pera a outra armada, que pera a Imdia ha de partir no mes de março do anno que vem. E ey por bem que os capitães, pilotos, mestres, marinheiros e gente do mar, que nas ditas armadas [ouvere~](#) de ir, sejam asentados nas ditas casas, cõ aqueles soldos e ordenados que ao dito cõde bem parecer, e lhes seja paguo d'amtemão todo o que ele mandar, posto que seja mais do ordenado por meu Regimento. E asy lhes serão paguas as dividas que nas ditas casas lhe forem dividas, ou aquela parte d'elas que o dito comde mandar, sem pera iso ser necesario meus mandados, porque por este ey por bem e mando que os que ele pera iso pasar se cumprão e guardem inteiramente como se por mim fose asinados, posto que não sejam conformes a meu Regimento. [Noteficovollo](#) asy a todos em gerall, e a cada huum de vos [e~](#) especiaall, e [mamdovos](#) que asy ho cumpraes sem embargo de este não pasar pela chancelaria, e da ordenção [e~](#) cõtrairo. Pero Amriques o fez, [e~](#) Evora, aos quatro dias d'agosto de mill VCXXXIII. J. Alvara que leva o cõde da Castanheira pera ver.

COMDE, amigo. Eu, elRey, vos envio muito saudar como aquele que muyto amo. Vy a carta que me escrevestes sobre os pilotos, e como dizeis o que pasa sobre Antonio Pires, que estava pera ir nesta armada; e elle me tinha esprito que estava prestes pera ir de qualquer maneira que ho podese fazer. Se ese fazerse ido pera a natureza for por [allgu~u](#) discontentamento, [e~come~dovos](#) que ho mandeis buscar, e cõ as milhores pallavras que poderdes o façaes ir, e tambem lhe falle dom Pero, pois he seu amigo, e por seu Respeito follgava de ir. Eu escrevo a Pero Fernandez e a Estevam, diz que venham lloguo quaa, e lhe fallarey. E asy fallarey a Pero Guardado, que quaa estaa; e se podese ser que tomaseis asiento cõ estes pilotos pera irem, sem vyrem quaa, Receberey cõ iso prazer; e se nõ poder ser, eu lhe fallarey quando vyrem; e se trabalhara por yrem dous, como me escreveis; e apos este, vos ira Recado do que pasar cõ Pero Guardado. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos [vii](#) dias de agosto de VCXXXIII. J. Rey. Reposta ao Cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A Dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veedor de sua ffazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar, como aquele que amo. Depois de vosa partida, praticando cõ [algu~as](#) pessoas, me disseram que, segundo a a navegaçam que as naos e navios d'esta armada que mando fazer prestes em setembro [pode~](#) fazer, que nam poderã dobrar o cabo de Boa Esperança senam no mes de fevereiro; e porque eu follgarya de saber o parecer dos pillotos e pessoas que ho entendem que llaa estam, vos emcomendo muyto que pratiqueis lloguo, cõ os pillotos e pessoas que vos bem parecer, toda a navegaçam d'esta armada, e o tempo em que parece que podera pasar o Cabo da Boa Esperança, e asy o tempo em que podera ser no estreito; e todo o que disseram e no que asentarem me escrevereis, com toda a decaraçã que vos parecer necessaria, por que follgarey de ho saber. Receberey prazer mandardes loguo fazer [hu~u](#) orçamento bem decrarado pera a armada de março, fazendo [fu~damento](#) nelle de tres mill [home~e~s](#) allem dos mill que agora am d'yr, decrarando a embarcaçam que tendes certa e a que falleçer, praticando cõ os ofiçiaes, e pessoas que os entendem, domde se podera milhor proveer, e asy os mantimentos e todas [todallas](#) outras cousas necessarias que hy ha e as que falleçem, e dõde se proveram, tudo tam decrarado como sabeis que compre, por que follgarey de ho saber. O cõde de Vymioso, meu muito amado primo, me [hu~a](#) carta de Ruy Fernandez, meu feitor em Frãdes, que lhe escreveo sobre [hu~u](#) cõtrato de pimenta que lhe llaa cometerã, no qual me parece que se deve de praticar, ao menos pera segurar o que os de quaa ouverem de fazer. [Emcomendovos](#) muyto que ho vejaes, e cõ o segredo que sabeis que compre me escrevaes voso parecer, pera cõforme a elle mandar Respõder ao dito Ruy Fernandez. E eu mãdey a Fernã d'Alvarez que vos escrevese mais llargamente sobre este negocio pera a vosa emformaçam. [E~come~dovos](#) que me escrevaes o aviamento que llaa achastes nesta armada, e o que se nella faz, e ey por muy escusado [e~comendarvos](#) a dilligência e presteza d'ella. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos VIII dias de Agosto de VCXXXIII. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. Ao comde da Castanheira, veedor de sua ffazenda.

CONDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar como aquele que muyto amo. Abrão Benzemerro Requere que lhe seja entregue o lacar que este ano veio da India pera em comta do seu cõtrato dos [pagame~tos](#) dos lugares d'aalem, por dizer que lhe pertence por bem do dito cõtrato; e porque ey por bem que se faça niso justiça, vos manday perãte vos vyr o contrato que laa estaa na casa da India; o quall vereis, e asy ouvi o dito [Be~zemerro](#) sobre iso. E do que vos parecer que se niso cõ justiça deve fazer, me fazey saber por vosa carta. Manuel da Costa a fez, em Evora, a VIII d'agosto de 1533. J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre o lacar que Requere Benzemerro. J. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, vedor de sua fazenda. J.

CONDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar como aquele que amo. Vy as cartas que me sprevestes de dez e onze d'este mes, em que me daaes conta de vosa chegada a esa cidade e do que he pasado nesas armadas. E asy vy o orçamento e pareceres das pessoas com que praticastes, o que vos sprevy que praticaseis, que tudo vem muy bem ffeito. E porque a carta que me [e~viastes](#) de Fernão Perez d'Andrade nam vem cõforme aos pareceres dos mestres pylotos e outras pessoas do asinado, vos encomendo muito que vejaes a dita carta, e ajunteis o dito Fernão Perez com as mesmas pessoas, ou com as que vos bem parecer, pera que ellas ouçã as suas Rezões; e depois d'ouvidas e praticadas, se tomem a affirmar no que lhes milhor parecer; e [stprevermeis](#) loguo o que asentarem, pera mais minha [e~formação](#), nam se deixando porem de fazer cousa [algu~a](#) do que cumpre a a armada. E tambem vereis o que o dito Fernam Perez aponta, das caravelas que se comprão nam serem taaes como compre pera a navegaçã da India, e andarem d'armaada, pera em tudo se prover como milhor poder ser e mais comprir a meu serviço. Depois de vosa partida me spreveo Pero Affonso Dagiar, antre outras cousas, que lhe não parecia meu serviço ir a naao de Jorge Lopez em conpanhia das caravelas, porque as caravelas eram boas naos de vela pela bolina, e que a naao as não poderia acõpanhar. E assy me disseram ca [algu~as](#) pessoas que devião ir as naos e navios Redondos por sy em [e~ hu~a](#) conserva, e as caravelas latynas em outra; e outros diserão que nam era incomviniente irem em cada armada

Redondas e llatynas juntas. E porque eu queria que isto se praticase, e se tomase laa niso asento, vos e~come~do muyto que, com a moor brevidade que poderdes, mandeis perante vos praticar por pyllotos e pessoas que o bem emtendão, como deve~ d'ir estas armadas, e se seraa mais certa e milhor navegaçam irem as naaos e velas Redondas por sy e as caravelas por sy, ou se iram em cada armada duas naaos è cy~quo caravelas se~ ser incomvinie~te irem as naaos e caravelas em conserva. E depois de tudo bem praticado, tomareis asento como se faraa que mylhor e mais meu serviço seja; e mandareis fazer loguo hu~u Roll de Repartiçã das vellas que deve~ d'ir em cada armada, nomeadas por seus nomes, com decraraçam das que deve~ d'ir primeiro, e das que deve~ d'ir depois, segundo mais prestes estivere~, pera pello que de lla e~vyardes mandar Repartir as capitancias pellos capitães moores, e lhes darem seus depachos; e muito vos e~comendo que isto mandeis ffazer com toda a brevidade que ffor posyvell, como sey que se faraa. A Repartiçam da gente que tendes ordenada me pareceo muy bem, e pera o galeão d'Obispo enviey outro Recado com diligência a Aires da Cunha; e pella nova que d'elle tenho me parece que seraa la çedo. E quanto ao galeão Sam João, encome~dovos que tanto que tiverdes praticado o que dizeis que aveys de praticar, pera mais afirmadamente me sprever, mo sprevaes, affirmandonos se seraa meu serviço ir a a India nestas armadas d'outubro, pois ten menos corregimento, pera saber o que se deve fazer. Pello orçamento d'estas armadas vy que estaa tudo bem provydo. Receberei prazer espreverdesme se vos parece que averaa marinheiros em abastança; e o orçamento da armada de março venha com a moor brevidade que pode ser, pera se loguo proverem quaesquer cousas que faleçerem. E loguo agora vay Recado a Andaluzya pera o que sprevestes a Fernam d'Allvarez do bizcoutho e vinho; e asy se faraa em tudo o que espreverdes e for neçesario. Manuel da Costa a ffez, em Evora, a XI dias de Agosto de 1533. J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Rey. Manuel Çyrne me spreveo o que laa acha acerca dos Remos e comitres. Mandovos a sua carta, pera que a vejaes com estes ofiçiaaes, e me sprevais o que a tudo se lhe deve Respomder. J. Rey. (On Reverse Side) Por elRey. J. A dom Amtonio d'Atayde, conde da Castanheira, vedor de sua fazenda.

CONDE, amiguo. Eu, elRey, vos e~vio muito saudar como aquelle que muito amo. Eu ey por bem que Nicolao Jusarte, fidalgo de minha casa, a que tenho ffeito merce da capitania de hu~u dos navios que vão pera a India nesta armada d'outubro, vaa no navio do Porto de çem tonelladas, que ha d'ir na dita armada. E~comendovos que lho mãdees dar pera ir por capitão d'elle, segundo forma da provysam que de my~ tem. Manuel da Costa a fez, em Evora, a XIII de agosto de 1533. J. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Rey. Pera o cõde da Castanehira, que mande dar a Nycolao Jusarte o navio do Porto de çe~ tonelladas, que ha d'ir nesta armada, pera ir por capitão d'elle, pera a India, segundo forma da provysã que de Vosa Altaes tem. (On Reverse Side) Por ellRey. J. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, vedor de sua fazenda. J. (And this signature): Nicolao Jusarte

COMDE, amiguo. Eu ellRey, nos envio muito saudar como aquele que muyto amo. Vy a carta que me escrevestes por Figeystredo, e asy as que escrevestes a Fernam d'Allvarez, em que largamente me daes cõta do que he feyto e se faz nesas armadas. Muyto vos agardeço a dillygência que em tudo se daa, que he tall como cõpre a meu serviço. Receby prazer de ver a embarquaçam que jaa estaa çerta pera a armada de março, que he muyto mais do que parecia que podia aver. Espero em Noso Senhor que, com vosa boa dilligência, posam ir tres mill home~s que eu queria que fosem. Emcomendovos muyto que mandeis teer Recado quando a ese porto vyerem allgu~as naaos pera se averem de comprar; e tanto que quaa vyer Recado dos que sam em Bizcaya e Galliza, vos mandarey avisar do que acham; e por todos os que forem, lhes ira Recado pera cõ mais presteza se despacharem. Vy o que pasastes com Pero Coresma sobre o pam dos fornos e como sam necesarios dous mill moios de trigo pera a armada de março. Cõ esta vos vam provisões pera as jugadas. Requeryo d'Alcanhaes, Paull de Muya, e Llizeras de oyto centos e trinta moios, faze~dose quaa cõtar provimento em menos do que parece que pode aver; e d'Andalluzia sam mandados vyr mill cafizes de trigo e seis mill quintaes de bizcoutho, por omde parece que estaa bem provido. Vos mandareis lloguo de llaa pessoas que façam vyr este trigo aos fornos, e se ainda llaa esteveres~ os mosos da camara que foram estar nas naaos da India vos deveis de servir d'elles, asy nisto como em todo o mais que cõpra a esas armadas; e se ainda llaa

fore~, ou quaesquer outros criados meus, lhe mandareis de minha parte que ho façam; e de quaa vay lloguo correo a Andalluzia cõ Recado ao feytor pera poer o moor dilligência que for posyvell. Quanto ao galleam Sam Joam, eu mãdarey amenhã praticar os pareçeres que llaa tomastes cõ os que o quaa cõtrariavam, e vos mandarey lloguo Recado do que d'elle ouver por bem que se faça, e se fareis d'elle fundamento pera esta armada de março. Encomendovos que mandeis fazer hu~u Roll bem decrarado de quanta artelharia vay nestes navios que vam pera ficar na Imdia, cõ decraça das peças e sortes d'ellas, e da maneira que hos ditos navios vam armados, e asy se fica allgu~a nos allmaze~s, pera vos e~viar Recado; e averey por meu serviço que se faça mais soma d'ella pera ir na armada de março; e escreveyme voso parecer, se vos parece que deve d'ir mais artelharia que a que vay nos ditos navios. Os pyllotos vos emcomendo muito que trabalheis por mãdar cõtentes o mais que poderdes, como sey que ho fareis; e espreveyme se vos parece que avera todos os marinheiros e ome~s do mar necesarios pera esta armada. Eu vos tinha escripto outra carta que cõ esta vay sobre os capytães d'esta armada, e agora vy os que nomeaes na carta de Fernam d'Alvarez, e d'elles ey por bem que vaa em hu~a caravela Lleonel de Llima, e em outra Eytor de Sousa d'Atayde; e quanto a Tristam Viegas e o filho de Francisco Velho agardeçervos ey emformandovos se sam ambos marinheiros, e entendem o maar, e sam tais que devam de ir em tall negoço; porque como vos pela outra escrevo, queria que as pessoas que fosem nestas caravelas fosem espermentadas, e que jaa amdasem na Imdia. E tanto que tiverdes d'estes tomado e~formaçam, mo esprevey, e asy ha hos outros que sejam mais pera iso; e se iram Diogo Botelho e Bastiam de Myrãda, pera cõ vosa Resposta tomar cõcrusam nos que devem d'ir, ou escreverdes se tendes sabydo e tomada e~formaça do filho de Francisco Velho e Tristam Vyegas, porque em vosa carta o nõ decrara. Todos Todollos outros despachos que sprevestes a Fernam d'Alvarez se fizerã lloguo; e eu ouve por bem de fazer merce ao mestre da carpintaria e dos callafates do terço que lhe esprevestes; e lloguo mãdey despachar cartas pera todos todollos portos d'Antre Douro e Minho e Aveiro vyre~ a metade dos carpinteiros e callafates que ouver em cada llugar; e bem podeis estar seguro que nom mandarey escusar nenhu~us. Ao mais de vosas cartas nom ha que Responder. Fernam d'Alvarez a fez em Evora, aos XIII dias de Agosto de VcXXXIII. J. Agardeçovos a lle~brança que tevestes de me avysar do ordenado que levarã os capitães das caravelas que forã cõ as do almirante; pore~ jaa era dado despacho a allgu~us dos dez mill reis por mes que lhe despachey, e parece que hos merecem pelo tempo em que vã. Rey. Resposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A Dom Amtonio d'Atayde, conde da Castanheira, e veedor de sua ffazemda.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar como aquele que amo. Antes que de quaa partiseis, se nomeaã allgu~as pessoas pera capitães dos navios e caravelas d'esta armada de outubro; e tenho despachado pera ella, Nicollao Jusarte, e Francisco Ferreira, e Joam de Sousa, e Gonçalo Fernandez, e Balltesar Gonçallves, e Francisco Fernandez Lleme. E porque eu queria que as pessoas que fosem providas das ditas caravellas fosem espermentadas, e taes que soubesem bem servir no negoço a que vam, vos emcome~do muyto que vejaes se ha llaaa pessoas que vos parecer que nisto devam de servir; por que sam emformado que Bastiam de Myranda, irmão d'Antonio de Myranda, sera pera iso, e Dyogo Botelho Pereira, que agora veyo da India; e parecendovos bem, lhe fallareis lloguo; e me espreveis quaesquer outros que vos parecer que llaa aja antes, pera cõ vosa Reposta saber o que se deve fazer antes de se quaa fallar a outros. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XIII dias de agosto de VCXXXIII. J. Porque me dyserã que Bastiam de Myranda estaa despachado e em hu~a quintã, e que por este Respeito lhe vyra bem ir nesta armada, vos emformareis d'iso e lhe fallareis se vos bem parecer. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, e vedor de sua fazemda.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar como aquelle que amo. Depois de vosa partida mãdey saber se Antonio de Miranda estaria em disposyçam pera poder ir em hu~a d'estes armadas, e fuy certefycado que sua doença lhe nõ dara llugar pera poder ir; pelo quall me parecia bem ir Symão Gedez, e, antes de lhe niso fallar, follgaria que soubeseis se Fernam Perez d'Andrade estara em disposyçam pera poder ir em hu~a d'estas armadas, e como de voso fallaseis cõ elle, se follgara de ir

cõ quallquer onesto partido; e pareçendovos que follgara de ir, e estara em disposyçam pera iso, me escrevais o partido cõ que se cõtentara, e o que vos parece que niso se deve de fazer, pera cõ vosa Reposta tomar asento se ira elle ou o dito Symão Gede. Muyto vos encome~do que, com o moor brevidade que poder ser, façaes nisto o que vos meu serviço parecer, e me escrevaeis cõ dillygença, praticãdo cõ o dito Fernam Perez todo o que vos bem parecer, cõ o esguardo que sabeis que em tall caso cõpre; por que, pelasalledades que nelle ha, follgaria que fose nesta jornada; e nõ estando em disposyçam pera iso, me escrevereis o que vos parece de Symão Gede, ou d'outro que vos llenbrar que pera iso seja. No negoço de Framdes se escrevera loguo a Ruy Fernandez, cõforme a voso parecer; e em tanto nõ lleyxeis de apalpar eses mercadores nas práticas que cõ elles teverdes, pera saberdes o em que estam, e nõ presumire~ que se trata contrato por outra vya senam ao tempo que cõprir a meu serviço de ho sabere~; porque se ha de trabalhar de se nõ cerrar sem elles sere~ sabedores, se for posyvel. Vy o que espreveis sobre a caravella que vos dizem que teera bõo expediente. Fernã d'Alvarez me dise que lhe derã Recado que em Medina se venderia a ce~ cruzados o quintall; porem, pelo que se vyo pelos cõtratos pasados, parece que se o cravo estaa abatido e tem pouco espidiente e vallia; que vendendose a canela sem elle, que ficara de todo por vender, e que por este Respeito sera mais meu serviço, se posyvel fose, venderse a canela cõ o cravo, ainda que a canela allgu~a cousa abatese. E~come~dovos muyto que mãeis poer em prática o que se dara pela canella por sy soo, e asy o que darã por elle cõ o cravo, e asy cõ as outras drogas; e, praticãdo em todas ju~tamente e cada hu~a por sy, vereis quall sera mais meu serviço; e asy se fara. E do que niso se achar, vos agardecerey me escreverdes, trabalhando por se fazer d'ellas allgu~ cousa em tenpo que se posa aprobeytar o dinheiro pera estas necesydades. Ao mais de vosas cartas nom ha que Responder. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XV dias de agosto de 1533. Receby prazer cõ a carta que me mandastes, que vos deu Jorge Herdes; e vos lho agardecerey de minha parte. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, vedor de sua ffazenda.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos emvio muito saudar como aquele que muito amo. Vy as cartas que me escrevestes de XIII dias d'este mes, cõ os asynados dos pareceres e asento que se llaa tomou sobre a partida e navegaçam d'esta armada, depois de praticado cõ Fernam Perez d'Amrade; e Receby prazer de se afyrmarem todos no que d'antes tinham dito e asentado, de nõ del aver incomviniente de partir a armada em outubro, e poder ser na boca do estreito no mes d'abril. E asy vy a Repartiçam que fazeis da armada, que me pareceo muy bem, pois nom am por incomviniente irem as caravellas em cõpanhia das naos. Muyto vos agradeço quam bem decrarado tudo vem, e cõ quanta presteza se faz; e ey por bem que as armadas vam Repartidas como de llaa vem decrarado, e que façaes d'iso fundamento, e que a partida de cada hu~a d'ellas seja tanto que for prestes, e com a moor brevidade que for posyvel. Eu mandey quaa mostrar o asento que se llaa tomou sobre o galleam Sam Joam a Antonio de Salldanha e Duarte Coelho, e praticar myudamente cõ elles e tomar seus pareceres, e anbos se afirmaram que nõ devia de ir a Imdia agora nem em março, por averem este galleam por navio muy perigoso pera tall viagem, pelas Rezões que pera iso deram, de que vos vay o trellado. E por Duarte Coelho andar nelle tanto tenpo, e emtender tam bem o maar, e Antonio de Salldanha o ver das Ilhas pera quaa navegar, e ser tam bõo marinheiro, e ambos se afirmare~ tanto em se nom aver d'aventurar nelle a gente e artelharia, me parece que se deve d'escusar, e que se nõ deve fazer fundamento d'elle, posto que na India seja tam necesario como he. Emcome~dovos que nom façaes d'elle fundamento pera esta armada; e depois ao diante se fara do dito galleam o que mais meu serviço for. E tambem dom Pero de Castello Branco, por saber que se prestaria [*prestaria*] e~ o galleam ir nesta armada, dise que arreçearia muyto de ir nelle, por aver o tambem por navio muy perigoso de maar em traves, e por outras Rezões; porem, sem e~barguo d'estas Rezões, se tornara a praticar e ver pera a armada de março, e se fara o que mais meu serviço for. Tambem se afirmam estes homee~s que he grande perjuizo pera esta armada llevar naoo que seja maa de vella, princiõalmente llevando em sua companhia caravelas latinas, e que seria causa de ser a viagem mais vagarosa. E pois se diz da naoo de Jorge Llopez que he maa de vella, vos emcome~do muyto que llaa pratiqueis isto com eses pillotos e pesoas que ho ente~dam; e achando que he emcõveniente pera a viagem, nõ mandeis agora a dita naoo, e fique pera março. E nõ se podendo aver outra que posa agora ir, tall como cõpre pera esta

navegaçam, pera poder chegar ao tempo que sabeis que he necesario, averey por mais meu serviço irem antes oyto çentos ome~es nas caravelas e nos outros navios, pera poderem chegar a tempo, que mill cõ duvida ou Reçeo que, por Respeyto da naoo ser zorreyra, posam perder caminho em sua viagem; e do asento que nisto tomardes vos agardecerey avisardesme. Receby prazer cõ o que me escrevestes de aver marinheiros em abastança pera esta armada, e como os ha na terra. Bem vos cõcertareis nos partidos, e mais mandandolhe pagar o que dizeis que se lhe deve d'esoutras armadas. Jaa sam d'aqui despachados dos capitães Nicollao Jusarte, e Francisco Fernãdez Lleme, e Gonçalvo Fernandez, e Beltezar Gonçalves, e Symão Delgado, Joam de Souza nõ he ido por ser doente; e llaa estam Francisco Ferreira e Eytor de Sousa; e como vyer vosa Reposta, mãdarey despachar os que ficarem. E dõ Pero de Castello Branco he jaa despachado e partira tee terça feira. E avysayme do que mais for necesario; por que loguo se fara. Loguo se despachou pela posta ao feitor d'Andalluzia pera cõprar e emviar os Remos; e asy sobre os vinhos, e fyo, e todo o mais que de llaa avia de vyr, como vos Fernam d'Allvarez escreve. Vy o orçamento que emviastes da embarcaçam dos tres mill home~s pera a armada de março, e das cousas pera ella necessarias d'esos allmaze~es, que estaa muy bem feyto; e do que de quaa se deve proveer, iram lloguo avysos a todas todallas partes. Encome) dovos muito que mandeis fazer o orçamento do dinheiro necesario, e dos tempos a que se ha mester, pera se fazerem todas todallas dilligências posyveis, pera se aver de maneira que por migoa d'elle se nõ lleyxe de fazer o que tanto compre a meu serviço. Nas drogas vos emcomendo muyto que mandeis praticar, e vejaes a provysam que os mercadores dizem que tem de fora, e me avyseis do que vos parece que se nellas podera fazer. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos XVI dias de agosto de 1533. J. Rey. Reposta ao cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey A Dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, e veedor de sua ffazenda. J. Carta delRey, noso senhor, de XVI d'agosto de 1533.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar como aquele que muito amo. Bem sabeis como Dioguo Rodrigues Pimto fez comtrato em minha fazenda, por que se obrigou de dar postos nos lugares d'aalem, a saber, e~ Çafim, Azamor, Mazagão e em Samta Cruz do Cabo de Guee, dous mill moios de trigo pera provisam d'elles; e que ele queria e ficou obrigado a aver os navios em que se ouvese de carregar e levar aos ditos lugares. E ora veio Requerer que lhe mandase dar minhas provisões, porque podese obrigar e apenar navios a irem pelo dito trigo, e lho levarem aos ditos lugares; as quaes lhe nam mandey dar, por ele por seu comtrato se obrigar a os aver, como dito he. E por que per ventura ele descuidaraa de mandar o dito trigo, por lhe eu não mandar pasar as ditas provisões, e pollo fundamento que se d'elle faz, se não provem os ditos lugares d'outra parte, e podem ficar se~ provisão (ho que seria cousa tamto cõtra meu serviço, como sabeis), vos emcomendo muyto que, tamto que esta verdes, mandeis chamar o dito Diogo Rodrigues Pimto, e saibais d'ele como tem provido no dito trigo, porque o tempo he chegado em que o ha de dar posto nos ditos lugares; e lhe notefiqueis como se faz d'ele çerto fundamento, e que em toda maneira cumpra inteiramente seu comtrato, e saiba çerto que, não sendo o trigo nos ditos lugares ao tempo que por ele ficou de o dar laa posto, se mandaraa cõprar e poer nelles a a sua custa a a moor valia; e aalem d'isto averaa quallquer outra pena que minha merçe for. E vede o que nele achaes e vos Responde; o que tudo me escrevereis, e se devo mandar pasar allgu~ua outra minha provisão pera os ditos lugares serem providos como verdes que cumpre, como voso parecer de todo o que se niso faraa. Pero Amriquez a fez, em Evora, a XVIII dias de agosto de mill VCXXXIII. J. E os ditos dous mill moios são os de areemdamento das Ilhas, de que depois fez comtrato pera os entregar nos ditos lugares atee XV dias do mes de novembro d'este ano. Fernam d'Alvarez a fez escrever. Rey. Pera o comde da Castanheira, sobre os dous mill moios de trigo que Diogo Rodrigues Pimto se obrigou por comtrato que fez de poer nos lugares d'aalem. (On Reverse Side) Por elRey a dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, veedor de sua fazenda.

CONDE, amiguo. Eu, elRey, vos e~vio muyto saudar como aquele que muito amo. Nos livros de minhas moradias amdam asemtados muitos creados meus que fforão a a India, os quaes se diz serem jaa ffalecidos, e por se não saber a çerteza d'iso, se nam Riscam dos livros. Encomendovos que mãdeis aos officiaes da casa da India, que vejam polos livros das entraadas todos os meus creados que fforão pera a India des o faleçimento dellRey, meu senhor e padre, que santa gloria aja, a esta parte, e saibam

pelos cadernos dos deffuntos que verã da India aqueles que são faleçidos, e façam [hu~u](#) Roll d'esas que acharem que ffaleçeram; o quall Roll [m'e~vyareis](#), pera o ver e mandar Riscar os ditos ffaleçidos. E isto mãday fazer com dilligência. Manuel da Costa a ffez, em Evora, a XXVI d'agosto de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre os creados de Vosa Altesa que são faleçidos na India, e do Roll que d'elles ha de mandar fazer na casa da India. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Atayde, conde da Castanheira, vedor de sua fazenda. J.

COMDE, amigo. Eu, elRey, vos envio muito saudar como aquele que muito amo. Vy as cartas que me escrevestes de XX e XXIII dias d'este mes, em que me daaes comta de todo o que pasa e se faz nesas armadas. Muito vos agradeço a deligemçia que se em tudo daa e brevidade com que se faz. E vy todo o que diserão esas pessoas com que praticastes sobre a naao de Jorge Lopez, e como asemtarão que syria melhor e mais seguro ir amtes na armada de março que nesta em companhia das caravellas, por ser maa de vella. E asy que vos parece, pello que tem escripto Aires da Cunha, que o galeão do Bispo nam viraa a tempo que posa ser prestes no mes de setembro, nem menos a naao de Duarte Tristam, sobre que tinha mandado a Fernam d'Alvarez que vos escrevese. E avemdo Respeito a todo o que em vosas cartas dizeis, e por cumprir tanto a meu serviço nam fazer esta armada detemça, por poder chegar ao tempo que convem, ey por bem que, não cheguamdo o galeão d'Obispo a esa cidade a tempo que se posa fazer prestes por todo o mes de setembro, que vos mandeis despachar esas dez caravellas e dous navios que estão prestes, com a gemte que bem poderem levar, sem se por agora tomarem outros; e que estes se partão juntos, com a moor brevydade que poder ser, e de todos iraa por capitão moor dom Pedro de Castel Bramco, e vos lho direis loguo de minha parte. Eu lhe escrevo que faça todo o que lhe diserdes. E se o galleão da Bispo, pollo aviso que emviastes ao dito Aires da Cunha, for nese cidade a tempo que se posa fazer prestes por todo setembro, averia por muito meu serviço que fose agora nesta armada, e o levase o dito dom Pedro com os ditos navios e caravellas; e quando nam poder ser, iram sem elle como dito he. E o dito galeão e todo o mais ficara pera ir na armada de março; na quall vos emcomendo muito que se dee toda a diligemçia posyvel. E porem, vimdo ter a esa cidade demtro neste tempo [algu~ua](#) naao, que vos pareça que seja pera ir em companhia da dita armada, ey por bem que se cõpre, e vaa o dito dom Pedro nela, nam podemdo ir o dito galeão. Vy o que dizeis do que pasastes com dom Pedro, e caa nam ouve pratica nem cousa nova que fizesse duvida em sua yda; soomente ele, quando se de mim espidio, me falou no que avia de fazer nesta viagem, e eu lhe Respomdy que lhe iria declarado em seu Regimento; e com ysto se partyo despachado de todos seus negócios, pera se partir tanto que ho de laa fose. Quanto aos marinheiros que dizeis que nam aceitarão de ir polos partidos que soem levar nas naaos da carreira, e que lhe mandareis dar mais dous meses amte mão, aalem dos quatro da ordenamça, seria muy bem se o quisesem aceitar; e quando nam quisesem, averey por meu serviço darse lhe mais hum mes morto, como escrevestes a Fernam d'Alvarez. [Emcomendovos](#) muyto que os mandeis loguo asemtar, cõ a ventajem que vos bem parecer e como melhor poderdes. Os capitãas das caravelas sam jaa de todo despachados, e jaa laa são a moor parte d'eles; e [algu~s](#) forão por suas casas, e forão avisados que não fizesem detemça. Quanto aos criados meus que ham de ir nesta armada, eu tomei agora coremta, pouco mais ou menos, pera ir nela, e de poucos mais deveis de fazer fundamento; e sobre estes mandareis asemtar os [home~s](#) d'armas que vos parecerem neçesarios. Vy o trellado da carta que se escreveo da Ilha do Cabo Verde a Afonso de Torres, e polas novas que nela vem, averia por muito meu serviço ir esta armada demandar a dita Ilha do Cabo Verde e d'hy correr a costa da Mallagueta, se niso nam perdese viagem. [Emcomendovos](#) muyto que pratiqueis se se pode isto fazer, e mo escrevais, pera se caa declarar no Regimento de dom Pedro, ou lhe mandar pera iso provisam. Eu nam tenho Recado de dom Pero Mazcarenhas que falle em vimda do Xarife, e com todo ey por bem que se lhe emviem esas cousas que pede, porque ele nam Requereraa senão o que lhe for neçesario. [Emcomendovos](#) muyto que lhas façaes enviar em companhia de dom Joham de Farão, por irem amtes do inverno. Eu mandey a Fernam d'Alvarez, que vos escrevese os Recados que vieram de Bizcaia e de Amdalluzia e Barcelona, pera saberdes todo o que pasa; e de caa se daa todo o aviamento necesario pera as cousas que cumprem ao aviamento d'esas armadas. Reçeby prazer com as novas que vos escreveo Aires da Cunha; e pollas cartas de Framdes que vos Fernam d'Alvarez envia, vereis que casy conformão com estas. Porem, pollas novas que tenho da India, e pelo tempo em que se estes feytos que se escrevem poderão fazer, e virem estes Recados, parece dovidoso; prazeraa a Nosso Senhor que

seram verdade. Pero Amrriquez a fez, em Evora, a XXVII dias d'agosto de mil VCXXXIII. J. Rey. Reposta ao comde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, veedor de sua fazemda. J.

COMDE, amiguo. Eu elRei, vos envio muito saudar como aquelle que muito amo. Ca vy [hu~u~s](#) apomtamentos que Jorge da Costa fez, sobre as cousas do trato que se carregão das Ilhas do Cabo Verde e Santiago e Ilha de Fogo, nos navios que vem pera Guinee; e porque [algu~as](#) das ditas cousas que nelles apomta parece [sere~](#) de muyto meu serviço, lhe mandey que fose laa pera vos emformardes d'ele, e verdes os ditos apomtamentos que leva; pellos que vos emcomendo muyto que os vejaes com eses officiaes, e os pratiqueis co elles e cõ pesoas que vos parecer que niso devem bem de emtender, ouvindo miudamente [e~](#) tudo o neles contheudo o dito Jorge da Costa; e depois de avida d'ele a emformação, e praticados os ditos apomtamentos, me escrevereis com [que~](#) os vistes e o que vos parece que se acerca d'elles deve fazer, pera cõ vosa emformação e Reposta, que me enviareis ho mais prestes que poderdes, mandar niso fazer o que milhor e mais meu serviço for. Pero Amrriquez a fez, [e~](#) Evora, a II dias de setembro de mill VCXXXIII. J. Rey. Pera o comde da Castanheira, sobre os apomtamentos que fez Jorge da Costa. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, vedor de sua ffazenda. J.

CONDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muyto saudar como aquelle que muyto amo. Vy as cartas que esprevestes a Ffermão d'Allvarez, pera me dar conta do que laa pasa nesas armadas, e muito vos agardeço o grande aviamento que se nellas daa. Quanto ao navio de Villa de Conde, que hy tendes, que quereis saber se averey por meu serviço que se ffaça prestes, e vaa nesta armada a allem dos outros, eu não ey por meu serviço que vão mais que as dez caravellas e dous navios que jaa estam prestes, e o galleão d'Obispo, se vyer a tempo que posa ser prestes por todo este mes, como vos jaa esprevy. E eu tenho mandado polla posta a Aires da Cunha, que trabalhe todo o posivell por lançar o dito galleão fora da Villa Nova nestas agoas de tres d'este mes. [Encomendovos](#) muyto que, se ffor a tempo que se posa fazer prestes por todo este mes, que trabalheis quanto ffor posivell por o [e~viar](#) na dita armada; e não podemos ser, iram as ditas dez caravellas e dous navios sem elle como dito he. Em [algu~as](#) praticas que se caa tiveram com [algu~us](#) ffidallguos que sabem a India, 15 sobre o Regimento de dom Pedro pera esta [viagem~](#), se apontou se o galleão do Bispo nam viesse a tempo pera poder ir nesta armada, deveis de mandar [hu~a](#) naao de CL atee [ii c](#) tonees que ffosse em conpanhia d'ela atee a llinha com agoa e outros mantimentos, pera os la balldear nas caravelas e navios, por irem mais abastados do neçesario, e nam terem neçesidade de tomar agoadas em llugares que lhes posa impedir sua viagem. [Emcome~dovos](#) muito que pratiqueis laa isto com dom Pedro e com pesoas que o emtendão; e, parecendo neçesario, o mandareis ffazer com tall [dillige~cia](#) e brevidade que se não posa a armada por iso deter; e sepera isto abastar ese navio de Villa do Comde, nam seraa neçesario tomar outro; e [espreveime](#) o que niso ffazeys. Dom Pedro me escreveo ca sobre a naao de Duarte Tristam, e eu lhe Respondo como me escrevestes que se não podia ffazer prestes a tempo, e que tenho mandado que, se o galleão d'Obispo vyer a tempo, que se lhe ffaça prestes e vaa em sua companhia, e, não vyndo, que cumpre muito a meu serviço ir com os navios e caravelas, sem ffazer detemça [allgu~a](#). [Encomendovos](#) muito que ffaleis com elle, e lhe dees todas as Rezões que sabeis que são neçesarias, trabalhando, quanto em vos for, por o cõtentar, porque Reçeberey prazer d'elle ir cõtente e satisfeyto nesta [viagem~](#). Receby prazer com o que esprevestes de terdes esa armada marinhada dos mareantes neçesarios, com lhe mandardes pagar mais dous meses adiantados [se~](#) outra [avantage~](#) de solldo; no que me ey por muy bem servido, e vos agardeço o que se niso fez, que bem sey que avia de ser com trabalho. E se o galleão do Bispo vyer a tempo, vos [e~comendo](#) muito que pello milhor modo que poderdes, trabalheis de o armarinhar pelo mesmo partydo. Eu são emformado que os vinhos que vem d'Amdaluzia são todos brancos, e com gesso, e que são prejudiciaes pera a saude da gente. [Encomendovos](#) que laa pratiqueys com eses officiaes, se he isto assy, e se acostumão d'emviar estes vinhos [e~](#) outras armadas; e, achando que he prejuizo pera gente, e que se não [deve~](#) d'emviar, avysareis lloguo pera se nã [comprare~](#) em Andaluzia; e os mandareis conprar ca no Reyno, ainda que

custum allgu~a cousa mais. Pareçome bem o aviso que escrevestes de irem as caravelas da Mina pela costa da Mallagueta. Com esta vão os poderes acostumados, e carta pera Duarte Taveira, que vaa pella dita costa e cunpra e~ tudo o Regimento que lhe derdes; llaa lhe mandareis o que ouver de fazer. Eu mãdey ca praticar se seraa incomvenye~te ir dom Pedro com esta armada pella costa da Mallagueta, e allgu~uas diserão que era incomvenye~te pera a viagem~, e outros que o não era, ne~ perdia viagem~. Encomendovos muito que o pratiqueis lloguo com eses pillotos e pesoas que o emtendão, e me sprevaís o asento que tomare~, pera saber o que se lhe deve niso de mandar. E asy praticareis sobre a viaje~ que deve ffazer d'aquy tee o estreiro, e mandareis ffazer d'iso hu~us apontamentos cõ o parecer dos pillotos praticado ao mesmo dõ Pedro, pera se ver como se caa praticou, e se asentar o Regimento como melhor e mais meu serviço ffor; e ysto m'e~viareis com a moor brevidade que poderdes. Manuel da Costa a fez, em Evora, a II de setembro de 1533. J. Rey. Pera o comde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, e vedor de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar como aquele que muito amo. Caa vy a provisão de Duarte Taveira que lhe mandey pasar pera ir servir a sua capitania da caravela pera a Mina, e asy a Reposta do ffeitor e ofiçiaes d'esa casa da Imdia e Mina, em que dizem que, ao tempo que elle laa foy e a apresemto, era jaa metido de pose da capitania da dita caravella, e~ que cabia ir ao dito Duarte Taveira, Amtonio Vaaz, e tinha Recebido jaa as mercadorias que nela ham de ir pera a Mina, e que a ordenança da casa foy sempre e he que, quamdo quer que os capitães a que couber primeiro ir servir suas capitancias nã acodirem a tempo que posão Receber as mercadorias, que quaisquer outros que fore~ providos das taaes capitancias sejam metidos de pose d'elas, e as vão servir, posto que os outros depois venhão. E porque eu não ey por meu serviço fazer a novação no que se sempre acerqua d'iso usou, vos emcomendo que deixeis ir servir o dito Amtonio Vaaz, pois jaa te~ Recebidas as mercadorias; e se faça niso o que sempre foy custume da casa, por que eu o ey asy por bem. Pero Amrriques a fez, e~ Evora aos VIII dias de setembro de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, que ha Vosa Altesa por bem que Antonio Vaaz vaa servir á capitania da caravella pera a Mina, de que estaa metido de pose, posto que coubesse ir primeiro a Duarte Taveira, por ele ter jaa Recebidas as mercadorias, e ser asy uso e custume da casa. (On Reverse Side) A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, vedor de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muyto saudar como aquelle que amo. Eu mandey aquy fazer hu~u~ concerto, que com esta vos envio, com hu~u~ Guilherme Caminer, Bretão, procurador de monseor de Quelcougar, segundo por elle veres; e porque j d'isto se ha de fazer hu~u~a escriptura publica, pera ficar mais segura, vos encomendo, tanto que esta virdes, que mamdes logo chamar Charles Correa e façaes a dita escriptura com elle, segundo vay decrarado neste concerto, com todas as obrigações d'elle. E fares com o dito Charlles que elle aja por deposytados em sy os tres mill cruzados conteudos na escriptura; e ao dito Bretão mandares dar trinta cruzados pera o caminho, de que lhe faço merce; e lhe dires todas boas palavras que vos bem parecer, por que vaa contente; e lhe dires que traga logo os poderes e que, feito ho concerto co elle, vos lhe dares hu~u~ pote de vinho ao seu serviço. E como tiverdes a dita spritura feita, ma enviareis, e escrevermes o que acerca d'isto fizestes. Emcomendovos que logo o façaes asy e tam bem como devos espero; por que de ho asy fazerdes, vollo terey em serviço, que muyto vos gradecerey. Se o Vasco Fernandez Cesar comprir algu~u~a cousa, faloes, pera se fazer bem e da maneira que lhe escrevo; ao quall mando que vos de conta do que lhe escrevo. O secretario Francisco Carneiro a fez, em Evora, a XI dias de setenbro de 1533. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. J. A dom Antonio d'Ataide, cõde da Castanheira, e veedor de sua fazenda. J.

COMDE, amiguo. Eu, ellRey, vos envio muito saudar como aquele que muyto amo. Eu mandey ver os apontamentos que me enviastes dos pareceres dos pillotos e pesoas cõ que praticastes sobre a navegaçam d'esta armada, e se cõcertaram cõ o que se quaa praticou cõ os fidallguos cõ que ho mandey praticar; e por desvayrarem em allgu~us pontos da naveguaçam, e por Antonio de Salldanha ir

pera esa cidade a [allgu~uas](#) cousas suas, lhe mandey que llevase o trellado d'ambollos apontamentos, pera os praticar com vosco, e llaa asentardes no que milhor e mais meu serviço for. [Emcomendovos](#) muyto que, com a moor brevidade que poderdes, vejaes cõ o dito Antonio da Salldanha [hu~u~s](#) apontamentos e outros, e sobre os pontos em que desvayram, o façaes llaa praticar cõ dõ Pedro e cõ os mestres e pillotos, e [e~](#) tudo tomeis lloguo asento, e, do asento que se tomar, mandeis fazer outros de novo, bem decrarados, cõ todas [todallas](#) mais lenbranças que parecerem necessarias, e mos emvieis pera por elles se fazer o Regimento; por que pera o despacho d'armada nõ fica outra cousa pera fazer. E esta noyte veyo Recado d'Ayres da Cunha, que ho galleam partio pera esa cidade a VIII d'este mes; honde parece que jaa hy deve ser, e que a armada, com ajuda de Noso Senhor, fara pouca detença, pois estaa tam prestes como me tendes esprito. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, a XII dias de setembro de VCXXXIII. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre a ida d'Antonio de Salldanha. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castaneira, veedor de sua fazenda.

COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos [e~vio](#) muito saudar como aquele que amo. Por me ser devido muito pam das jugadas de Samtarem e dos casaees [d'Almeiry~](#), Paull de Muja, Leziras, Dazambuja e Vila Framca por [Re~deiros](#), lavradores e pesoas outras, asy das Remdas dos anos pasados das ditas jugadas e casaees, Paull e Leziras, como d'emprestemos que mandey fazer aos ditos lavradores pera [semeare~](#), os quaees atee ora nõ tem paguo suas dividas, sendo os tempos pasados em que as erã obrigados pagar, ouve por bem e meu serviço as mandar a Recadar na novidade d'este ano, por me ser dito que se poderya fazer e sem muita opresam dos devedores; e mandey a iso Nuno Alvarez, cavalheiro de minha casa, pera dar ordem como se as ditas dividas arrecadasem e o dito pam se levase aos moynhos e fornos de Baldezeuro, pera despesa de minhas armadas segundo compridamente levou por meu [Regime~to](#) do modo que nyso avya de ter; e aalem d'iso lhe foy mandado que fose falar com vosquo, pera lhe mandardes o que avia de fazer no trazer do dito pam aos ditos moynhos. E ora o dito Nuno Alvarez me fez saber que o mandarees prender no castelo d'esa çidade de Lixboa por [hu~](#) masto que se diz [e~prestar](#), sendo almoxarife da Ribeira d'ela, e d'iso fazer auto polo juiz dos feitos de Guinee e Indias, pelo qual ey por bem que façaes vyr perante vos o dito juiz com ho dito auto, e o vejaes cõ elle. E [pareçendovos](#) que a calydade da culpa que o dito Nuno Alvarez tem he pera ser solto sobre fiamça, por tempo de dous meses que pode amdar na arrecadaçam das ditas dividas, Respeytando a [sere~](#) de calydade que, se se nõ arrecadarem agora no tempo do Recolher dos pãees, [e~](#) que os lavradores as põde pagar [boame~te](#), sem lhes ser muyta opresã, ho mandees soltar sobre a fiamça que vos bem e mais meu serviço parecer, [obrygandose](#) por ela a se vyr livrar da dita prisam do dito caso do dia que for solto a dous meses primeiros segimtes, dentro dos quaees se nõ falara ao feyto; e pasado e nõ se metendo na dita prisam, pera se livrar peramte o dito juiz, perdera a dita fiamça, e avera a mais pena que por sua culpa mereçer e se achar contra ele por justiça. Gaspar Mendez a fez, em Evora, a XII dias de setembro de mill VCXXXIII. J. Rey. Pera o cõde da Castanheira, sobre Nuno Alvarez, etc. (On Reverse Side). Por elRey. J. A dom Antonio d'Atayde, comde da Castanheira, veedor de sua fazemda. J.

Século XVII (Melo, 1664)
Código: docp17/01

Melo, F. M. de (1608): "Cartas Familiares, F.M. de Melo" (1664; 1942)
<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>

Edição Transcrita / Transcript Source Edition:

MELO, D. Francisco Manuel de. Cartas Familiares (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942

CARTA DO AUTOR AOS LEITORES DE SUAS CARTAS

Senhores: Assi como pede a cortesia que saíamos a receber à porta de nossas casas, com algu~a cortês demonstração, a nossos hóspedes, manda a urbanidade que, com algu~a advertência, vamos a encontrar nossos leitores ao princípio de nossos livros. Lá costumam aqueles desculpar-se aos outros de que não sejam bem agasalhados; e cá êstes se escusam a êstoutros de que sejam mal instruídos. Ora, segundo a boa lei dêste costume, se a mi me valessem as escusas que posso dar-vos por satisfações, todos ficaríamos satisfeitos. Vós, que sabeis meu natural e não inorais meu cabedal, é certo que não recebereis com sobressalto a inutilidade dêste livro. Do mesmo vos peço que vos lembreis, quando o julgardes, para que vos não deis por ofendidos de sua pobreza. Assi o espero quando eu seja tão venturoso que antes comece que acabe com pequena opinião de discreto; pois de ordinário os affectos valem como os números, segundo o lugar donde estão postos. Se desde logo começardes a ler, sem presumir de achar tesouros, nada sentireis quando vos faltem. Pode a alhea afeição convidar-vos com a leitura destas cartas. Já se sabe que a Amizade é filha do Amor, de quem não degenera em ser mal vista; e do pai ninguém duvidou ser criado tanto à sua vontade que pretende que todos estimem e aprovelem o que êle aprova e estima. Cinco centúrias de cartas minhas se vos oferecem neste livro: as mais foram escritas com sangue, enxutas com lágrimas, dobradas com singeleza, seladas pela desgraça, levadas pela mofina. Só se deleitará de as ler a Fortuna, que as fez ditar: como quem nelas está vendo o dibuxo das façanhas de sua sem-razão. Em os assuntos há pouca variedade, porque sempre o humor da sorte estava fixo na melancolia. Aquelas que com melhor pena se escreveram não esperou a tempestade da desgraça que as levasse outro vento; porque, emfim, como obra de penas e de palavras, haviam de ter no ar sua sepultura, bem que no fogo tivessem seu nascimento. Por todas cintila o queixume, apesar da modéstia, que procura embaraçá-lo e desmenti-lo; mas a dor é tão atrevida, como quem nunca lhe falta coração, de avezada a viver nele. O mais, que não acautelou o temor por mãos do artifício, não passa de frásis naturais, palavras sãs e modos comuns, que, se acaso se meteram em ordem, mais se deve à natureza que ao estudo: o peito aberto mal pode fingir, e menos compôr-se a inorância. É verdade que lhe amanheceu depois outro tempo mais sereno, mas o gôsto é como o dia: que mais depressa torna outro do que o passado ressuscita. As cartas sérias e de negócios de Estado, em que podia descobrir-se alg~ua, se não agradável, útil especulação, não podem comunicar-se, nem o permitirá lugar, ainda que a matéria o concedesse; mas se o agasalho destas é qual deve esperar-se de vossa beninidade, brevemente poderão oferecer-se a vosso juízo em outras tantas centúrias outras tantas ocasiões de vos mostrardes sábios com minha inorância. Suprirá a riqueza do número a desvalia da qualidade. Não vos maravilhe a promessa, sendo fácil de cumprir, depois de haver ajustado que só nos primeiros seis anos de minha prisão escrevi vinte e duas mil e seiscentas cartas. E que será hoje, sendo doze os de preso, seis os de desterrado e muitos os de desditoso? Da infelicidade da composição, erros de escritura, desmancho dos números e outras imperfeições da estampa não há que dizer-vos: Vós os vêdes, vós os castigai, que eu por fôrça havia de perdoá-los: ou por que entre os alheos se dissimulassem os meus, ou por que a-par dos meus se não viram os alheos. Deus vos guarde.

O AUTOR

Ao autor dêste livro , quando juntava suas obras

Direi, não sem pejo, mas, com verdade, me incitou a escrever estas regras a vista e a ouvida do [senhor N.](#), que me deu hoje muitas lembranças de [V. M.](#) e não menos novas, e boas novas; de que eu dou muitas graças a Deus; porque se pelo bem que faz a todos, lhas devemos, maiores pelo que aos amigos. Não se lhe tire à mofina seu tamalavez de desconfiada. Muito é, sendo fea! Soma, senhor, que eu me vejo em tal estado que, contra o que devo cuidar de alguns, cuido que a todos canso. Nace de aqui o silêncio. Digo eu comigo: Se Job se enfadava de si próprio, se se parecia pesado, como se não enfadarão de mi, como lhes não serei eu gravíssimo aos outros? Achaque-se embora à melancolia êste argumento, que sôbre ele está a fé de que o bom ânimo de [V. M.](#) me não faltará nunca. Passo a pedir a [V. M.](#) me dê de aquele antigo alívio, que me mandava com suas cartas; porque, sem dúvida, agora que até eu me vou faltando a mi mesmo, agora necessita de mais fortes arrimos êste edifício, antes que se arruine; salvo se, por ser já todo por terra, não há que temer-lhe precipício. Disseram-me que [V. M.](#) consistia tanto naquela afeição, com que olha minhas obras, que se determinava a ajuntar algumas obras minhas. Não disputo de razão, pois conheço é a que digo. Pergunto só se é assi; porque poderei servir a [V. M.](#) nesse próprio engano à lei de bom e fiel librêu, que se lança com seu dono de tão boa vontade ao pego como ao campo. Nosso Senhor, [etc.](#) Tôrre, 16 de Novembro, 1649. [(*Cent. III, Carta 95.^a*)] [2.]

Sentindo-se com um amigo de seus trabalhos

Com providência, que não com descuido, tardo eu em buscar por estas letras a [V. M.](#), porque, como na sua correspondência tenho a mais certa mêninha, procuro guardá-la para as maiores dores. Mas é certo que a afeição joga outros lanços. Pode ser que, porque o Amor é tão mal governado, o pintassem menino. A Prudência, velha, chea de cãs e experiências. Não quer, não, a amizade estar por estas contas: crendo também que no ânimo de [V. M.](#) há mina de tal tesouro, que crece mais quanto mais se gasta. Em minha sorte não há que dizer; com se dizer que é minha, se define por qual seja. Assi me tenho de todo resolvido em lhe não oferecer rogos, que a encruecem. A mesma voz, de que a natureza dotou a todas as aves para seus misteres, em [~uas](#) é alegria, em outras agouro. Melhor é calar-se quem até louvando enoja. Antes quero que cuidem que sou morto; pode ser que se esqueçam; que me tem ainda vivo para me matarem. Voltando àqueles meus borrões: não estranho que a [V. M.](#) pareçam perdoáveis; que pior sou eu, e também lho pereci. Os mais dêstes papeis são escritos com suma infelicidade. Prisão, desordem, pouco gôsto, espírito ocupado de dores: quanto, emfim, que faz desviar as melhores penas. Com tudo, por minha consolação, dei já há muitos anos em ir ajuntando cópias ou borrões de [alg~uas](#) cartas, que hoje vou reduzindo a um livro. Afirmo a [V. M.](#) que mais por guardar a memória dos meus trabalhos, que por elas se derramou, que para que ninguém visse o modo por que os refiro e os acuso. Poderei, me parece, servir a [V. M.](#) com duzentas cartas, entrando neste número as de meu primo [D. N.](#), que eu recolhi, para apurar as que podiam aparecer com menos pejo. Se [V. M.](#) se acha em disposição de poder mandar copiar êste triste presente, em todo ou em parte o irei remetendo a [V. M.](#), debaixo de promessa que [V. M.](#) riscará nelas sem piedade; porque isso será tê-la [V. M.](#) de mi, conforme o meu amor lhe parece. Nosso Senhor guarde a [V. M.](#) como desejo. Tôrre, em 23 de Novembro, 1649. [(*Cent. III, Carta 98.^a*)] [3.]

Ao autor deste livro, queixando-se de sua fortuna

Estou conforme com que só à minha desgraça se perfilhem os motivos de meus trabalhos. A maior dor era buscar-se outra. Isto fariam, ou os que não conhecessem o meu coração ou a minha fortuna. Sei que padeço; e que se da paciência com que tenho levado o que se passou, me não fazem cargo, para que por ela mesmo padeça mais, por impaciência não seria; porque aquele lugar que se não desocupou do sofrimento jámais, mal poderia receber a desesperação agora. Esta é boa filosofia. Assim ela seja bem crida, como é bem verdadeira. Voltam as 22 cartas que ficam já copiadas. Não sei se é tão fino este vintedozeno; mas em fé de que a V. M. lho parece, eu as ponho confiado. Já disse a V. M. fazia conta de 400 papeis. Escritos estão já trezentos; mas deles alguns, que são de mero negócio, haverão de ficar para guardar a casa. Farei com tudo o número prometido brevemente. V. M. se anime a me animar, escrevendo ali ~ua introdução, que nos assegure o campo; e a dedicatória ao nosso amigo. Não se perderá em que se vá fazendo, por que venha tudo a um tempo se não a ser perfeito, pelo menos a ser acabado. Vai o Melodino, que Melo Indino dissera melhor. Asseguro a V. M. que é o primeiro presente; porque fui eu o último, a quem se contribuiu desta pitaça. Não tenho que pedir a V. M. no amparo e na emenda dele; pois cada um é obrigado a defender o seu; e aquele livro é tanto de V. M. como eu sei que o é seu autor. Nosso Senhor, etc. Tôrre, 16 de Janeiro, 1650. [(*Cent. IV, Carta 9.^a*)]

A António Luis de Azevedo, sôbre matérias literárias

Dissera-me V. M. injúrias, que elas chegaram mais diligentes. Êste papel de V. M., escrito em 26, recebo hoje 31. Veja V. M. como poderei ser pontual, pois nem ainda no tempo o posso servir a tempo. Os papeis vi logo. Direi por eles o que disse diante de mi D. João de Garay (que cortesão para alegar!), mandando-se-lhe um cesto de ruim fruta em ~ua famosa azêmola: fez que a recolhessem e respondeu que "la mula era el presente". Se de tão baixa cousa possa fazer comparação, senhor, a carta e prólogo é o livro; o livro nem para sua carta e prólogo pode ser bastante. V. M. escreveu dobrões; eu, quando muito, reales ~Ua razão de V. M. val por muitas das minhas. Mas enfim, pois sou o noivo e me hei de honrar com o lugar em que me quis pôr a humanidade e cortesia de V. M., digo, quanto à carta, que desejara metesse ali também, por motivo da oferta, a mercê que o sr. Rui de Moura me faz a mi e a meus papeis, parecendo que por esta causa lhe ficariam mais decentes. Com um pequeno período se fará tudo isto, que eu fique não de pouco em poucas palavras. Quanto ao prólogo me parece (salvo o juízo de V. M., em que me salvo) poderá ser ilustrado com alguns lugares das letras humanas. Dou logo as causas por que assim me parece: A primeira, por que se não cuide que é suposto e obra minha, cuja pobre erudição não se pode equivocar com a de V. M. A segunda, por que, indo o livro à mão de pessoas (se há alg~uas no Reino ignorantes do nome de Vossa V. M.), vejam essas que um talento cheio de sabedoria faz caso daqueles papeis e os inculca ao juízo público, cousa que, a meu ver, resultará em boa opinião do livro, a quem desejo melhor sorte que a seus irmãos, por ser afilhado de Vossa V. M. Outras razões pudera dar, que, como são menores, se incluem nestas. Retenho os papeis enquanto V. M. me avisa e também entretanto os não faço copiar. O recado aos Zoilos é bem digno de V. M., mas não sei se da obra. Não lhe quero mais dragões que lhe guardem seu fruto. Assim êle fôra de ouro, como seguro estava. Confesso que me consola muito a nova que V. M. me manda do que lhe vai parecendo êsse livro; o certo é que por Castela ninguém fez maior entrada; mais rica, sim, fariam outros. Escrever tanto em língua alheia, e que se pareça com o honesto que de lá vemos, não é tão pouco que a mi me fôsse fácil. Para os críticos me deu Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles: se me murmuram, me rio; se me emendam, me aproveito; e no cabo, não sou tão tonto que não distinga o que é zelo do que é enveja. Duvido se tem V. M. já notícia de outro livrinho que estou imprimindo, e o fiz mais depressa que a calçada dos Galhardos. Chamo-lhe Pantheon; terá quatro até cinco folhas, 2.500 versos. Cuido que fiz alg~ua cousa; e com a negra tafularia de o tirar de súbito a luz (não como quem quer cegar com ela) o tenho dissimulado tanto que creio o não revelei ainda a V. M.; mas êle será lá muito em breve. Ora, vamos ao soneto, de que também duvidava houvesse notícia. Sabe Deus quão a medo falarei nele, porque havendo êle recebido a alma dos doutos, cargo será de consciência despi-lo dela e informá-lo de um tão limitado espírito. Considero o sr. Infante um raro e nunca visto sujeito na metáfora de aquela rara Ave; e digo assim: ¿Qué pájaro es aquél?, denotando sua novidade; penachos de oro, entendendo por sua gentileza; y de

laurel ceñido, pelas vitórias de que se adornou; las Augustas insignias - as águias de Alemanha, com alusão às dos Romanos, das quais, suposto que Júlio fôsse o inventor, por serem usadas depois de Augusto e dos Augustos, bem próprio lhes é o adjectivo; e mais próprias sendo próprias do Império Germânico. Con las de Hércules robustas, com os leões de Castela, com alusão ao Nemeo, de que Hércules fez brasão e despojo. Temblan su ceño, temen su decoro: - Alemanha tremeu da sombra, quando viu ou pôde ver contra sua ingratidão irado aquele Príncipe; Castela temeu o respeito que lhe teria o mundo. Sangre, no pluma, vierte cada poro: - A natureza lhe fazia lançar sinais de enojo justíssimo de sua alma, por donde antes era razão que brotassem as pompas e bizarras, dignas de seu real estado. Mais claro: era nele cólera todo o cuidado que devia a sua grandeza. De dos pigüelas fatigado injustas: de se ver preso pelo temor de Castela e pela astúcia de Alemanha; "pigüelas" são as que chamamos "piozes", que é voz própria de citraria. Dormindo el cascabel: - Sentia que, por causa de sua prisão, estivesse calada a voz de sua fama heróica. Que en lides justas (o qual cascavel, a qual trombeta da fama), Resonante esperaba el Indo, el Moro: - Em lides justas, não porque êle voltasse o ânimo à vingança dos que assim o tratavam, mas porque em guerras santas contra os gentios da Índia, contra os Mouros de África, esperava de fazer contínuo o som do seu nome pelo mundo. Torno a começar com outros tempos; dou outros sinais dizendo: No es Fenix, que es más uno: - Quero dizer, dos Fénis muitos houve, porque há um depois de outro; porém dêste pássaro raro, dêste herói não houve nem haverá semelhante. Que es más uno: mais um é êste Príncipe que o Fénix, mais único que êle no número, no valor, na calidade. Digo mais: Lusitania tejió en cetros su nido, como dizendo: não cuide o Fénix que, por fazer seu ninho em Arábia, e de lenhos preciosos, se iguala com êste ilustríssimo pássaro, porque para êle teceu a Lusitânia, mais nobre que a Arábia, um ninho mais soberano. Lusitania tejió eu cetros su nido: - Tecer o ninho é boa frasis; e serem cetros os adubios, alta prerrogativa. Tejió en cetros: isto é, de quantos reis quantos descende se ajuntou a soberania, para que êste Príncipe fôsse nascido e criado. Tantas reales Milanés mármol alas dificulta: - Tantas reales alas: tantas reais prendas, com que pudera subir aos maiores Impérios, tantos pensamentos gloriosos que lhe serviam de asas; e aquelas que lhe deram em sangue e brio seus reais ascendentes. Dificulta: prende, cobre, detem ~ua só pedra de Milão, também aludindo a aquilo de Alciato da asa com a mó pendurada, denotando que não há merecimento que, em querendo voar alto, se não ache logo contrapesado de ~ua pedra, de ~ua desgraça que o não detenha. Mármol dificulta: ~ua pedra, ~ua campa só pode atalhar seus gloriosos progressos. Dou mais sinais ainda de quem seja, visto que por eles o quero inculcar ao mundo sem o nomear. Doró, vengó los bosques de Germania: - Dourou, aformoseou, fez claros e excelentes os bosques, as florestas de Alemanha com grande esplendor de suas virtudes. Vengó: castigou com seu valor as injúrias que, antes que ele aparecesse naqueles bosques, havia recebido de seus inimigos. Vengó: não fôra nunca Germania satisfeita de seus agravos, se não fôra pelo braço dêste capitão. Limpia, prendiólo: - Estando já limpa das sombras de tanta afronta, assi pela claridade de seu ânimo, como limpa de seus torpes inimigos, que com erros lhe manchavam a religião e a sujavam, então o recolheu à prisão. As voces Limpia, prendiólo: parece que não esperava a mais para lhe ser ingratiíssima que ver-se por êle acabada de limpar e tornar-se a seu antigo lustro. Vistas las señales, perdónala al dolor, si el nombre oculta: - Tendo mostrado as partes dêste Príncipe, tendo dito que não teve no mundo igual, tendo relatado os benefícios que dele receberam e as ingratidões com que lhe pagaram, não é já necessário nomeá-lo, porque nem em merecimento nem em desgraças há outro que se possa trocar com ele. Perdónala al dolor, si el nombre oculta: - Não se atreve a minha dor a nomeá-lo; e ainda que a vossa para último desengano o deseje, perdoai êste silêncio ao meu sentimento. Pode-se aludir neste recato ao que lançou a toalha ou pintou, por mostrar assi a dor do sacrifício de Ifigénie, que êle não se atreveu a pintar, como era bem que fôsse. Isto foi finalmente, senhor meu, o que eu desejei de dizer; se o disse, não o sei; mas tendo a V. M. que por mim responda, eu desprezo qualquer outro oráculo. Perdõe V. M. a impertinência com que me declarei, que se o cansei, a queda foi de ambos, pois em cansar a V. M. fico assaz castigado. Do que esta minha satisfação há parecido se sirva V. M. de me avisar e também de guardar esta "paulina", por se acaso fôr necessário para outrem, para quem seja mais preciosa que para V. M., cuja pessoa Deus guarde como desejo. De negócio escreverei outro dia, que certo hoje fico rendidíssimo. Tôrre, em 31 de Janeiro de 1650. [(*Cartas a A. L. de Azevedo, n.º 24*)]

A D. Francisco de Quevedo. Ao princípio de sua amizade

[c. namiuti foreign language Hallar en V. M. anticipada la afición al conocimiento, me hace dudar en proseguir las diligencias para que me conozca. No quisiera yo dejar contingente su aplauso, esperándole más seguro regulándose por su cortesía que por mi mérito. En diferentes bocas hallo la misma voz, que me informa de las honras que V. M. me hace acreditando como bonísimo pagador muy de adelantado mi persona y mi juicio; y aunque a principio me pareció contravenir a la modestia creyendo de ligero tal engaño en tal persona, ahora creo que ya el de tenerme fuera una templanza reprehensible, como de aquellas que otros tiempos condenó Platon a Diógenes. Voy, señor mío, a la presencia de V. M. con estas letras; no voy a rendirme, sino a ensoberbecerme, quando yo me veo ser triunfo de su humanidad. Debréla de más serville los materiales de que V. M. pueda (más bien informado) formar de mí un verdadero conceto, dilatando a ese fin la pluma algunos renglones allá de lo que pide una carta familiar y primera. Yo, señor, sobre ser mozo y víviro entre los divertimientos de las Cortes, donde nací y me he criado llegué con tan certo caudal a las ciencias, que ni tengo las letras Por profesión , ni aun por mío e tiempo que poder gastar en su conocimiento. Descubrílas antes algun afecto devo poco; porque, desde los primeros años, con mi padre, me faltó quien me dispusise a los empleos dignos de los hombres de bien. La libertad mejor que otro respeto me trujo más presto a la vida de las armas (si tal inquietud si puede llamar vida): de dizisiete fuí soldado, seguila hasta ahora. Ni el premio tarda, ni mis esperanças le han hallado menos. Aquel estruendo mal deja domarse del reposo que apetece los libros. Todavía yo hice mis robos, mas no a la obligación, descansando con ellos las horas del descanso. La falta podrá ser de sujetos grandes, o lo que es más cierto, la cortesía que jamás faltó, los grandes sujetos fueron ocasión de que yo alcanzase entre algunos algun lugar del número de esos que llaman entendidos. Logréle harto mejor que lo que era justo. No se lo desagradeceré, hasta que se lo desmerezca. A los versos dí aquellos tiempos el mejor cuidado, en cuyo empleo no tuvieron poca parte los cuidados de aquella edad. No sé si por ocasión o lisonja, prové las Musas afables, no las austeras cuyo favor me hacian creer los amigos; tanto nó, que, aun contra los Precetos de Horacio, yo confiase de mí más que medianamente. La variedad de mis sucesos, sobre quienes jamás pude afirmar el ánimo, me sacó algunas veces no sólo de mi patria y estudios, pero de mi mesmo. Dejemos la hipocresia de la desgracia, que muchos vanamente se adjudican, por convenir con los hombres grandes, siempre della quejosos, y no sin razón alguna vez. Quien duda que la infelicidad no sabe más filosofías que la prosperidad, no ha visto la cara a las desdichas. Ellas me negociaron más altos pensamientos, y con viva luz del conocimiento de las cosas propias y ajenas (segun la división de los Estoicos), puse en olvido la mayor parte de lo que estimava por bueno. Encaminé al discurso a otros asuntos más loables, o por lo menos forcejé por que se encaminase a ellos. No parezca lisonja; mas ni porque lo parezca, dejaré, de confesar mucha deuda en esta mudanza a sua grandes escritos de V. M. , donde no sólo nos alumbrá con lo que nos enseña a obrar, mas nos hechiza con la gallardía del instrumento. Instituido de nuevo en este propósito, las horas que no lleva tras si la tiranía del trato civil, en las acciones de una pretensión tan lícita, que es forzosa, doy algunas a la consideración moral, algunas a la lección varia, no pocas a la pluma; que entre las diferentes y grandes materias a que la he atrevido, osó bolar a ese discurso que ofrezco a V. M. Menor motivo para escribir remedió la necesidad, que la obligación, bien que la una de la otra animada se fortificaron entrambas de suerte que yo no pude escusarme de obedecellas. y pues es cierto que para los hombres grandes no hay materia ajena, téngole a esta por más propia de V. M. , pues lo que ha visto, leído, escrito y manejado de negocios y empresas superiores, le han importado tales noticias, que de ningunas manos saldrá my libro más atinadamente castigado. Con esta cortidumbre suplico a V. M. pase de rato en rato los ojos por este borrador; como juez y no como amigo (aunque si como amigo V. M. los pasa no hay más que suplicalle) yo embio a V. M. este mi primer trabajo, por que se sirva de embiarme de suerte que no tema después de su emienda la censura de otro; certificando a V. M. que no le tengo por la linea de Apeles, ni por el dedo de Fídias; porque ni presumo tanto de los aciertos deste libro, que deje de entender tiene mucho que mejorar; ni de mí confío tan poco, que no entienda podré con más seguridad emplearme en otros escritos. Segunda vez suplico a V. M. se sirva de verlo y avisarme de su sentimiento, en forma que su parecer de V. M. sea o vara que me castigue o escudo que me defienda; por que sobre el voto de tan docto varon se afirmen mis desengaños o mis esperanzas. Dios guarde a V. M. como deseo. Madrid, 4 de Octubre, 1636.] [(Cent. II, Carta 50.^a)]

A um grande amigo, aconselhando-o em certo negócio importante

Já que V. M. me manda dizer meu sentimento no caso, que me fez mercê de comunicar o outro dia; sem que o torne a repetir (pois entre as mãos nos anda) digo, senhor, que me parece que a primeira razão de se fazerem estimáveis os serviços aos Príncipes, é o grande perigo ou a grande conveniência que neles concorrem; donde se funda a obrigação ou interesse de quem os deve pagar, conforme os avalia. E como o presente serviço, nem na opinião do Príncipe nem na do valido ou ministros está avaliado por de algum risco ou proveito, fôrça é que não se estime tanto esta acção de V. M., cuja pessoa, por suas calidades, não deve rogar jámais senão para cousas dignas, e ainda então com muito maior modéstia que diligência. Que esta o não seja, claro está: pois, ainda quando assentássemos que o fim era lícito, muito duvidaria eu de que fôsse conveniente; porque o dano é infalível e a utilidade duvidosa. Ir assossegarr povo inquieto, pouco gente e mal disciplinada, e oferecer-se para isso, é levar as obrigações sem dúvida e contingente o sucesso; sendo certo que aquele que se oferece para um feito não tem desculpa se o não consegue; como a tem justíssima, quem emprende qualquer acção, obedecendo; porque, quando erre, a injúria da culpa corre por conta de quem o mandou, e a honra da obediência não haverá quem lha negue. A quietação dêstes rumores populares, de ~ua de três maneiras se alcança; e às vezes nem de todas três. Por indústria, que é o mais conveniente; por autoridade, que é o mais suave; por fôrça, que é o menos certo. E tal pode ser o estado e calidade da revolução do povo, que peça ~ua só destas mêzinhas; e tal, que outra; não havendo pequeno risco em se lhe errar a competente. Dêstes três meios, parece que se tem escolhido o primeiro, pois até agora não vemos que nada se dirija pelo terceiro ou segundo. Dourar a jornada com o pretexto de ir dar à execução as novas ordens da milícia, também tem perigo no crédito, como na conveniência de V. M. No crédito, porque havendo de ficar as cousas como de antes, facilmente se descobriria a cautela. Na conveniência, porque, faltando o principal efeito (que parece não pode deixar de faltar, pelo que tenho dito), ficará V. M. exposto à geral desafeição; perda que se não paga por nenhum humano interesse. Não é para esquecer os bons motivos, que a V. M. obrigam a estar nesta Côrte; que todos se frustrarão com sua ausência. Acompanha V. M. a casa de seu irmão e o obriga a solicitar seus aumentos, vendo que V. M. não desampara as diligencias de sua conservação dele. Faz-se V. M. lembrado dos Ministros grandes, que o vem e tratam: mostrando que procede de sorte, que merece ser rogado com cousas maiores e não rogar para as tão pequenas. E, falando a V. M. com a verdade que professo, devo a nossa amizade, parentesco e à confiança que V. M. faz de mi: Concluo, senhor N., com dizer a V. M. que não são estas as matérias tão justificadas, nem êste o tempo tão felice, em que um homem das calidades de V. M. deseje de ter parte. E com maior certeza no que hoje vemos que se trata; donde é impossível deixar de cair, ou na desgraça do Príncipe ou no ódio do povo: que ambas são cousas, de que devemos pedir a Deus nos desvie sempre. Meu parecer é que V. M. se aparte de tal pensamento, ainda que o apetite lho represente vestido de honra e zelo; porque de ordinário sucede enganar-nos assi com estas belas fantasmas: sendo certíssimo que a fealdade nem a iniquidade das cousas não é a propósito para nos persuadir a elas. Espero que V. M. não só perdoe, mas agradeça a sequidão com que lhe falo: pois é fundada em muito grande amor, verdade e singeleza. Guarde Nosso Senhor a V. M. como desejo. Madrid, 18 de Setembro, 1637. [(*Cent. III, Carta 101.^a*)]

Ao Conde de Linhares, D. Miguel de Noronha, sôbre negócios que lhe competiam

Êste último papel de V. S., que, escrito ontem segunda-feira, hoje terça bem tarde recebo, me admirou e entristeceu, como se de repente me tomara, e não foi assi. Nunca fiz dúvida de que negócio, em que eu entrava com tantos interesses de honra e proveito, houvesse de tomar tão mau caminho. O que com V. S. se assentou foi avesso e desigual. Aqueles mesmos, que o mostraram, o haverão assi conhecido, e quiçá por isso o escolheram. Quisera agora não ter neste acidente nenh~ua parte, para poder oferecer a V. S. meu conselho. Mas mal haja eu, em vez de liberdade, se, a trôco dela, a V. S. disser cousa contrária a meu juízo. Segundo a pressa dêste expediente (e outras pressas, que me dizem lá não faltam) entendo estará já concluído o fim ou não; porque desde sábado até hoje, tempo havia para a emenda ou para o desengano. Sem embargo, me atreverei a dizer a V. S. com todo o amor e singeleza que devo: que, visto V. S. começar êste tratado tão fidalga e galantemente, resignando-se nas mãos de N., parece que em certo modo deve V. S. levar àvante aquela confiança. Muitos hão de persuadir-se

não está V. S. desobrigado do primeiro prometimento, para os Príncipes mais vezes inviolável do que inviolável neles. Aquela primeira modéstia de V. S. aposto que queiram já seus contrários interpretar fingimento; e acusá-la diante de N. como laço, com que V. S. armava a suas maiores pretensões. Dirão que se vê bem: pois desviando-se o sucesso, segue V. S. agora mui diverso modo do proposto. E tudo isto, senhor, crem logo os poderosos naqueles que julgam, bem ou mal, apartados de seu sentimento. E, na verdade, quem nas mãos de outrem se põe, promete estar pelo que fôr dele escolhido. Parece-me que assi os ouço; e oxalá que isto só digam. Sei com tudo, que ~ua angélica condição convém para semelhantes obediências e mais quando o próprio dictame faz escora na razão. Mas se ela é boa, ela é a que se humilha mais depressa. Se V. S. serenar o ânimo um pouco (como dele bem fio) muitas cousas verá para o adiante; e não poucas as que lhe representem menos áspero o isentar-se por ~ua vez de ocasiões de escândalos, que o viver sempre exposto a eles por ~ua continua dependência, de que aos súbditos não pode livrar nenh~ua moderação. Eu por certo estou cego da cólera, e dela também temeroso. Serei assi menos ruim conselheiro no coração que na língua. Sôbre tudo digo, senhor, que me conformo com qualquer resolução de V. S., porque de seu entendimento e bondade espero mais que das advertências alheas. Deus lhe mande a V. S. aquela, que a seu serviço mais convem. Este é só meu rogo. Perdido estou; e que de todo o fique, importa pouco; e muito importa o menor ponto do dissabor e hombridade de V. S. Falo com a alma e coração tudo o que sinto e desejo. Nosso Senhor, etc. Madrid, 9 de Março, 1638. [(*Cent. I, Carta 60.^a*)]

De ociosidade e galantaria. A um amigo retirado da Côrte

Eu não sei: quem tão bem ocupado anda na Côrte para que se retira? Muito bom é, amigo, que quando todos vos envejam, vos mostreis vós queixoso! Parece isto melindre de filho regalado da Fortuna, que às vezes, como mulher, e não boa mulher, se quer assi levada por mal, para que dê algum bem. Vêde, com tudo, que esta dama tem tão certa a palmatória para os mimosos, como o azorrague para os desprezados. E ainda estes soem estar mais perto do castigo, como nos persuadem as amas: que a criança mais medrada está mais perto do olhado. Creio que essa vossa assistência é já supersticiosa, se alg~ua hora foi necessária; e que deveis esperar que vos roguemos. Quanto é comigo, acabado o tendes, que não só vos rogo, mas a quem vos rogue; salvo se quereis dar assi por fora essa satisfação ao encargo de pai de famílias, vendo mui diligente como vos cavam a vinha e sacodem o olival - antigo costume nosso: desafogar a obrigação nas demonstrações aquele que menos cura dela, como vemos que nenhum arrastra tamanho capuz como quem folga por dentro com a morte do transversal, que sem tino o foi deixar por herdeiro. Grandes pesos traz consigo o matrimónio. E já pode ser que, por lhos aliviar, os antigos o favoreçam de tantos privilégios, que entre os Atenienses era lei, nas brigas civis de solteiro e casado, favorecer ao casado o povo indiferente. Em outras Repúblicas pagavam certo direito os homens livres, que os casados recebiam. Tudo parece é necessário para adoçar um estado, em que a vida, a honra se parte pelo meio, e a entregamos em mãos de pessoas estranhas e às vezes bem pouco dignas de tamanha confiança. Ora, senhor, eu já estive melhor que agora com essa vida montês e campesinha. Era, pode ser, quando menos a havia experimentado. Bem haja a cidade, donde vemos de tudo, que lá não vemos. Muitas varas há cá de justiça (disse já o outro), mas por isso há muitos mais irmãos da Misericórdia. Que importa que eu me vá a ~ua aldeia, correndo sangue do queixume, ou da saúde, ou do que fôr, se lá se me não há de estancar, à falta de mèzinhas? Côrte, senhor, cidade ~ua vez; donde, se é verdade que vivem os espadeiros, que fazem as espadas, que matam os homens, vivem os boticários, que engenham os unguentos, que saram as feridas. E finalmente nunca vimos por cá morrer nenhum à míngua de vida, como lá se vive à míngua de morte, porque nem a morte quer ir ao campo para estar ociosa. Até eu mesmo, que tenho um espírito avesso, e que não está na arte dos outros espíritos, folgo de viver, já que posto ao canto, neste canto do Rossio de Lisboa, que me coube em sorte pelas habilidades de meu antecessor. Sabeis o que faço? Todo o santo dia se me vai notando os que vem e os que vão, como homem mesquinho, que espreita os touros pela greta do palanque. De aqui vejo os cortesãos, que passam e que passeiam essa praça. Digo-vos de verdade que, se désseis nesta poltroneria de caracol, que eu tenho descoberto, aquecendo-me a qualquer resta que Deus me manda, que vos havíeis de comer as mãos após dela; porque é ~ua filosofia prazenteira e não de cães e selvagens, como a dos Cínicos, nem de pompas e

estrados, como a dos Platónicos. Navega com todos os ventos, para o porto de sua comodidade; e fica assi sabendo mais que o Diabo, de quem dizem que não quis ser barqueiro, por se não entender com um vento, que serve para baixo e para cima: cousa, por que mais de quatro homens, se o soubessem bem fazer, se deixaram ser Diabos. Ora, sem momo, vós sabeis, e todos sabem, que assaz tem mais que aprender o viver entre a gente, que entre as alimárias; donde essa lição, se vo-la dão, é sempre ~ua, e donde nasce o ser de muito pouco proveito. Mas se, como vós dizeis, havemos de passar um pouco a discorrer por aquela, que chamais vida bona dos namorados, ¿como quereis que vos diga que às vezes lhe tenho enveja? Vêde se há quem nos ouça; e se posso falar, ouvi e cerrai a porta. Eu costumava dizer, quando andava pelo mundo, que os amores eram como os sapatos; porque andar ~ua creatura sem amor, é pouco menos que andar descalça; trajo, que até em Lianor, quando ia para a fonte, descalça pela verdura, me fazia arrepiar os cabelos. Pois vêdes aqui o que me parece um homem muito em si, muito sôbre si, muito para si. Disse bem, notou melhor o nosso D. Francisco de Portugal, que todos os preceitos da lei de Deus em amar começam, em amar acabam. Nunca me pareceu mais aseada ~ua roupeta justa, que um coração ajustado à vontade de quem quer bem. E mais vos quero dizer: que sendo eu agora um dêstes, que andam peor cingidos do que Cesar em Roma, na sua mocidade, já cuidei que a minha sorte me guardava para algum grande feito. Porque, depois de chegado a esta terra, estive mil vezes vai não vai para largar os velachos ao vento de alg~ua nova navegação; mas sempre se me mudou o vento. Eu digo para mi, que se isto há de ser para meu bem, que seja embora; mas se não é mais que desazo, não estou pelo favor dêste repouso: porque de verdade é vida sonsa e sem sabor. Sei que não há marinheiro da carreira da Índia que em noute de tormenta se não deseje provando forças, em nau nova, sôbre o Cabo da Boa Esperança. Tanto pode em nós o costume, que até dos trabalhos temos saúdaes e nos fazemos familiares dos perigos que se dão connosco. Digo-vos tanta cousa por que, sendo vós meu amigo, como creio que sois, deis por lá alg~ua traça das vossas (mas que seja esta a que me roa o pano) para que eu não viva tão esquecido. E sabeis porque o sinto? Porque se me vai o entendimento enchendo de ferrugem, que noutros tempos reluzia como espada de alfageme, sendo lástima que em um homem honrado e de primor esteja sem exercício o melhor afeito do ânimo, qual é o querer bem. Donde disse certa alma, minha conhecente, que Deus nos mandava amar a inimigos, por que se não perdesse tão bom costume, depois que viu quão poucos amigos havia de haver no mundo que pudessem ser amados. E mais vos direi: Eu sou um Joane de boa avença nesta matéria; e tenho dó de que, sabendo fiar tão delgado, não haja quem me gaste nem se vista desta minha libré. Já eu disse que o mundo se me parecia muito com a rua dos algebebes, que tem os vestidos feitos e morrem por quem lhos vista, e o não acham; e logo todo dia não se vê senão passar pela mesma rua homens muito despídos, mortos por lhes vestir aqueles vestidos, e mortos porque lhos não deixam vestir: sem haver quem possa concertar estas faltas, estes desejos e estas necessidades. Da mesma maneira pode acontecer que haja alg~ua pessoa honrada, que lhe faça falta o meu bem querer, que a mi me sobeja; e eu não me amanho a topar a quem queira bem. O que vos eu afirmarei é que, ainda que há muito tempo que não exercito esta arte, nem quero bem nem à camisa que trago no corpo, que todavia me não esqueço dela, sem necessitar dos nominativos da de Ovídio; porque, quando nisso me ponho, sei amar de ~ua arte nova. Porém também digo que passar ruins dias e peores noites por gente loureira é cousa trabalhosa. Se eu assi achasse ~ua criatura do meu tamanho, o que lhe bastasse de jeitosa e o que lhe sobejasse de entendida (como agora, digamos, alg~ua que vós conheceis), então vos digo eu que faria meu emprego. Porque, em fim, não posso negar que sou um de aqueles, que, quando o demo os toma ~ua vez, sempre lhes fica um jeito. Por tua vida, N., que lances lá tuas inculcas pelos teus arredores e me avises do achádego, que eu te darei achado: e tal pode ser o cómodo, que te valha um tostão de cruz, taixa da cidade a quem dá casas honradas. Mas também pode ser tal, que te rogue muita infinda praga: percalços de todo fiel e infiel casamenteiro. Sôbre tudo sabeis que me fazeis cá grande falta; e que, se não vindes logo, estou já concertado com ~ua Alfamista altareira, para que me vá por aí além apregoando: Quem achou um D. N. perdido? Deus vos depare, senhor, a vós guarde, depois de deparado. Lisboa, 14 de Dezembro, 1641. [(*Cent. II, Carta 10.^a*)]

A um Ministro, que deixara certo cargo

Disseram-me ontem que V. M. estava aliviado dêste seu ofício; de que lhe dou os parabens, como se lho deram. Verdadeiramente dous grandes e dificultosos conhecimentos achamos nestes casos. O primeiro é o de nossos corações, que nem com o próprio que desejam se satisfazem, e assi aborrecem, com igual desordem a aquela com que haviam apetecido. O segundo é do ser dessas cousas, que julgamos por boas, que mal o podem ser, pois apenas se alcançam, quando já aborrecem. Sempre tive para mi que era misterioso o nome de "cargo", com que nomeamos o "ofício". Bem se vê que é cargo, e carga assaz carregada, no cuidado com que se leva, no gôsto com que se deixa, se o gôsto se regula pelo cuidado. Não duvido que alguns o depõem contra seu gôsto. Ele certo é o maior argumento de que o não conhecem. Todo o bisonho no risco propõe de o levar ao cabo. Donde veo aquele dito de um grande Capitão: "Que para intentar as empresas queria os soldados inexpertos; e para as sustentar os veteranos". Valha-me Deus! e o que tenho armado para dizer a V. M.: que folgo de o ver livre de um trabalho, que, sendo para todos glorioso, para V. M. era cansado! Vou, senhor, assi a medo, temeroso de aqueles remoques, que sempre ouvi a Ministros; porque nos dão a entender que desta matéria de possuir ou deixar os cargos, nada entendemos aqueles que os não havemos experimentado. Seja como mandarem; que eu, julgando segundo minha ignorância, não receo de ter por boa sorte ver a V. M. livre de um cativeiro público, para gozar o senhorio de sua casa; e sempre o título (se êle é algum) de senhor meu, cuja saúde e vida guarde Nosso Senhor como desejo. Lisboa, em 30 de Setembro, 1642. [(Cent. V, Carta 15.^a)]

Sôbre negócios particulares, a um parente

Tudo isto vos creio, porque vos tenho por de muita verdade e ao mundo por de muita mentira. Com tudo, não é tam ruim Lisboa para os invernos; salvo se mo parece assi porque ma tiram todo o ano. N. esteve aqui ontem com os seus três filhos, que me pareceram muito bonitos. Adivinhou (como eu lhe disse) que não tinha mais de meu que três bocados de marmelada; por isso me não trouxe os outros. Seu pai, certo, me deixou obrigadíssimo e lastimadíssimo; e isto será sempre que eu, como agora, veja que lhe faço lá alg~ua falta. De N. está contente, mais de que ele pode estar do senhor seu amo. Por meu voto se não fizera tal rôgo, por sequer lhe escusar o gôsto de nos dizer que não. Afirma-se o N. em que N. diz de mi o que Deus diga dele. Mas isto é o mesmo que o galo com a pérola. Não me serve tal casta de honra. Aí vos mando a carta do nosso N. Rio-me muito de como todos andam com ele bons gramáticos. Enviei-lhe a reposta, que tambem vos mando aberta; e por sainete dessa agrura, ~ua de N. e alguns borradores. Já sabeis que tenho mão para mortos como os vivos a tem para mi. Seja ou não seja, aqui fiz ontem à noite êsse soneto ancião, que guardareis até seu tempo; e então o podeis lançar a avoar; mas eu vo-lo avisarei primeiro; porque quero convidar os amigos. O papel se vai pondo bem e tem crecido em tudo. Já cuido que fala alg~ua cousa em mi; e não sou eu o que tal faço? Muito vos desejei cá ontem para ouvirdes explicar a N. êste retrato. Só vos digo: que no cabo fiquei moído como se me lançaram por ~ua escada abaixo, ou como vós ficareis quando chegardes aqui. Nosso Senhor, etc. Tôrre, 14 de Outubro, 1645. [(Cent. IV, Carta 28.^a)]

A Rui Lourenço de Távora, sôbre queixas e negócios

Senhor meu: Se o meu estado tivesse alg~ua conforção era só a lástima e o favor com que V. M. me trata e a mercê que nisso me faz. Deus sabe que não há em mi nada de paixão, nem de aqueles affectos que os homens costumam padecer nestes casos. Sinto só o ver-me em maneira, que nem para estar aqui, nem para sair de aqui vejo meios: porque faltando-me os com que me hei de sustentar, não tenho sagrado a que apele, nem na paciência própria - falando nos têrmos humanos. Eu já não procuro algum remédio e me deixo por incurável. Grande façanha fez, quem tal fez. Muito lhe deve N., muito o Reino, que não necessitava agora de outra cousa, senão de me lançarem a perder de todo. Ora, senhor, não quero cansar mais a V. M., que assaz o faço cada dia. O rol tenho há muitos ordenado se levasse a casa de V. M.; se o não tem feito ainda, o farão logo. Sirva-se V. M. de me mandar ~ua manta de

lenha; que, com esta incerteza, estou desaviadíssimo para o inverno. E segundo isto vai, levo jeito de lhe queimar aqui todo o pinhal a V. M., cuja pessoa guarde Nosso Senhor como desejo. Os livros folgara muito de comprar, quando os houvesse; mas estou já mais para vender estes que comprar outros. Tôrre, em 18 de Outubro, 1645. [(*Cent. I, Carta 93.^a*)]

De queixa, a um amigo que o animava com esperanças

Muito pouco sabe de como eu me estimo, quem tem por melhoramento esta esperança. Certifico a V. M. que se de aqui sair, será para outro lugar de menos liberdade. Nada do mundo desejo, senão o que nele sobeja, que é o esquecimento; e foi logo bastar para fazê-lo estéril dele o cuidar eu que me servia. Quando o meu nome se borre da memória da gente, então dê V. M. alvícaras; porque, nos anos que há estou aqui estudando um desengano, a melhor lição foi êste conhecimento. Assi é que saiu um despacho, em que se anulava o que contra mi é processado. Se me anulara a mi todo, ainda fôra mais favorável; porque ¿de que serve desfazer as culpas e deixar o molde inteiro? A saúde vai como a demanda; o coração como os sucessos. Nosso etc. Tôrre, em 9 de Dezembro, 1645. [(*Cent. V, Carta 12.^a*)]

A um amigo, que se queixava de que lhe não escrevesse

Senhor, não cuideis que me enganais, sendo mais moço; porque para quem vive a minha vida, ainda quisesa ser mais velho. A melhor festa que tivestes nesta festa, foi não vos aparecer lá alg~ua lembrança minha, mas que fôsse vestida em trajos de comprimento. Bem sei que V. M. para aceitar o resto do repouso não espera que lho envidem. Isto monta aquela boa fama em que estais de repousado; pois o dormir sôbola boa fama é cousa tão medicinal, que os mesmos provérbios no-la receitam. Escusamos outros textos para desculpa. O repertório me fica. Não fora ele repertório verdadeiro, se não fizera os tempos mentirosos. Sou com os astrólogos, como herege convertido, que depois de católico pasma de ver o que creu antes. Em moço era dado a esta gente; por cuja profissão direi que agora bem pouco. À fé, que me não descontenta a rosca que tirou para si aquele Ministro esta festa. E certo que, para tirada com a mão do gato, veo limpa e inteira. Embora vá o gato, que tem tais unhas e gafa tão limpo. Vá-se, êle, senhor meu, mas que se vá embora; que por isso se diz: al enemigo quehuye, la puente de plata. Com tudo, de prata não aconselhara eu que lha fizéssemos; porque por se deter em levar a ponte, se nos há de ficar em casa. A quantas novas me dais, não me parece que posso dar melhor reposta que crer-vo-las. Isso farei, sem estremar possíveis de impossíveis. Ouvi sempre; guardai e mandai; que o ouvir, ainda que val mais, muito menos custa que o falar; por onde lhe sou muito afeiçoado àquele cortês sentido. Rodeo quando posso por vos não tratar de aquelas décimas do poeta noviço. Aqui para ambos: eu não cuido que em negar dinheiro mostra ninguém habilidade. O mais simples animal em sua defesa é discretíssimo. Com tudo, dissei-lhe ao amigo de minha parte: que não corra jámais de hoje adiante na carreira dos envergonhados, visto que pode ser poeta sem vergonha, tendo tão pouca consigo, que a quem lhe pede quatro mil reis, lhe manda quatro trovas. E pois um amor com outro se paga, e com um presente outro presente, ai vos mando essa carta, que também pode ser consoante do vosso escrito. Não é sem sabor, de honesta em fora. Guardai-ma para quando vierdes, e venha acompanhando por criada (que bem o pode ser, sem lhe cairem os conceitos em deshonra) a do meu Gonçalo de Lucena. Nosso Senhor, etc. Tôrre, 30 de Dezembro, 1645. [(*Cent. IV, Carta 71.^a*)]

A um parente, queixando-se de lhe não haver escrito

Quando me ponho a cuidar nas vossas cousas, cuido que vos chamais D. Simão, que fazia cair o fuso à outra, que cuidava nele, segundo afirma o Auto de Antonio Prestes, meu amigo. Digo isto, porque se vos dá bravamente o esquecimento. Emfim são matérias largas, que pedem todo um eirado cheo de

sol. Digo-vos mais, senhor meu, que sois homem de muito melhor fama, que o nosso N. Aí vos vai a amostra. Todavia pela pontualidade se lhe pode perdoar qualquer defeito. Se quiserdes achar-vos por cá domingo, é necessário que eu o saiba amenhã; porque o meu cozinheiro achava tudo quanto eu tinha em estado de graça, e o ia levando para si; com o que no cabo (não sei se em nuvem, se em carro de fogo, que queimado seja ele) se me desapareceu; e não cuido que se foi para os altos céus, segundo sua vida e milagres. Mais quisera dizer-vos; mas não vos quero fazer maior a dívida: que toda a confissão, quanto mais larga é, mais pesada. Nosso Senhor vos guarde, etc. Tôrre, em 11 de Janeiro, 1646. [(*Cent. IV, Carta 24.^a*)]

Enviando a um amigo poeta certas obras de devação que havia composto

Senhor meu, por isto que vós agora me fazeis, ouvi eu sempre dizer: que nem poeta nem casamenteiro se podia ser; porque sempre levam as pragas dos maus sucessos, e nunca o prémio dos bons. Estou escandalizado do vosso têrmo, que não venha cá N. por topar o vosso cavalo depois do sino, não sei onde. Emfim, eu sou homem de segredo; e como vós sejais mais lembrado do que sois, mais que o vosso cavalo se pare mais que os do coche de N. Cito-vos para a Paixão, que me caiu cá a Quaresma mais baixa e a cantarei um dia dêstes; perfeita não sei eu, mas acabada sim. E por que em tudo vá às avessas de outra gente, acabei primeiro o ofício das Trevas, em outro romance, que se não poderá ler sem círio bento, e bem aceso, segundo êle vai escuro. Sabei de certo que já como a muito boas horas; bem que de se irem atrasando os jantares, cuido que me anda lá sonogado um dia inteiro, como diz que o perdem os que navegam para o poente. Mas isto se remedeia muito bem com um cozinheiro que recebi estes dias, que, segundo é grave, bem o pudera receber à porta da igreja. O menos que há nele, é ser ilhéu. Vêde o que será o mais! Sabe livro de caixa; e diz que se atreve a guardar nela quanto sisar, sem que ninguém lho ache. Lê e escreve quanto quer, especialmente, no rol do gasto; emfim é chapado oficial, e muito me receio que cadimo. Ainda o não estreei; e quisera convosco, porque determino de o lançar à cozinha, como nau ao mar, em lua cheia; que êle me porá vazia antes de quarteirão, segundo as habilidades que se me trasluzem do mancebo. Quero dele ter dito alg~ua cousa, por que sequer me console, quando se fôr embora, parecendo-me que é vingança. Mas, deixando-o: sapei que sem falta irá o meu feito, ou o meu por fazer, quarta-feira à mão dos juizes; e visto que eu hei de importunar o mundo todo, começo logo por minha tia, a quem me fareis mercê dar êsse papel, e de quando em quando ~ua lembrança. Mas a vós, pecador de mi! quem será aquele que vo-lo lembre? senão fôr Deus, que vo-lo lembre, e vos guarde como eu desejo. Tôrre de Belem, 21 Janeiro, 1646. [(*Cent. IV, Carta 15.^a*)]

Pedindo sua intercessão a uma grande senhora

Senhora: Os meus trabalhos se renovam como encantamento. Donde já venho a desesperar de lhe ver fim, primeiro que à minha vida o vejam aqueles que assi o solicitam. Agora, que parecia se encaminhava, ouço dizer se desvia; ou, pelo menos, se lhe procura desviar. Porque um homem, que entre outros se esmera em me perseguir e é minha parte, me afirmam faz diligências por alcançar contra mi novas instâncias. Já eu ouvi que as muitas partes perseguiam às vezes; mas eu só fui o perseguido de ~ua só parte, mais que aqueles que tem muitas. Todavia, bem que a justiça que me assiste e os que melhor o entendem me asseguram que não será possível conceder-se contra mi êste provimento, nada, com tudo, fio da justiça, que se acompanha da minha fortuna. E pois V. S. é contra todas suas armas o meu melhor escudo, peço de novo a V. S. se exercite na segunda informação de minha causa diante de N., por que agora nesta maior ocasião se sirva de me não soltar de seu amparo por quem atégora me tenho defendido; de que dará testemunho todo o meu sangue, derramado em seu serviço. E por que Vossa V. S. tenha inteiro conhecimento dos têrmos do negócio, em que fundam que se pedir (e nas boas petições os bons despachos) envio a V. S. êsse papel: cópia de outro que a N. hei oferecido; ficando seguríssimo de que V. S. haverá tomado por ensaio desta mercê, que lhe peço, as que de antes me tem feito. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a V. S. como pode. De aqui, em 18 de Abril, 1646. [(*Cent. III, Carta 71.^a*)]

De correspondência, a um parente

Vós, senhor primo, deveis de ter resolvido aquela grande questão acêrca das obrigações dos que partem e ficam. E também devíeis de resolver que os que ficam se fiquem muito nas horas más, segundo é o silêncio que guardais depois que Nosso Senhor foi servido de vos levar dêste mau mundo. Pois haveis de saber que também por cá corre, a mais valor que o ouro, o esquecimento; e assi deve de ser: porque se gasta muito mais esquecimento que ouro. Digo-vo-lo, porque, aqui perante Deus, que depois que vos fôstes nem nomear-vos ouvi. É o caso que vossa casa é para mi o ninho da ave Fénix: cousa de que se duvida se a há ou a não há. Porque vossa mãi encerrada no seu Santa Santorum, e eu à porta inferi, vêde que correspondência podemos ter? Emfim, senhor, vós havei entendido que nestes casos não há Bula de composição, que maiores graças tenha do que um triste vintem, que arrancará das unhas de um correo quantas novas, e quantas letras se podem desejar. Sábado passado vos mandei um papel de engaços; e certo me deveis a boa vontade do presente; porque, segundo o coração anda esbagulhado e esbagoados os olhos, ainda foi muito escaparem aqueles engaços. De mi não sei que vos diga, senão que todavia me há. Da Côrte o mesmo. Não vejo, nem escrevo a ninguém; mas em quanto me trago e me soffro, não me faltam cuidados nem pesares. Todos estes dias andei a mesma parvoíce e ociosidade. Agora me vou já desenfastiando com o meu S. Francisco; que certo bem necessário me é olhar para as vidas dos Santos, para sofrer esta, que aqui me fazem levar os pecadores. Da senhora N. dizem que está já abadessa coroada. E ninguém saiu melhor que eu desta sua dignidade, porque ficou, sôbre ela, mal comigo. Deus perdoe a quem foi causa de que lhe tardasse tanto. Com tudo, já me fez um convite com êsse certame; por sinal que, quando mo deram, não cuidei que aquelas carrancas da sua indinação viessem só a parar em trovoadas. Finalmente pede trovas; e eu de alvíçaras lhe mandei êsse soneto, de que parto convosco; não lhe quero mais prêmio, se vos parecer bem. Dai-me razão de vós, que já passais de sete anos: já podeis ter uso dela, salvo se, do muito que a usastes, a não tendes já. E vem a propósito desta dúvida o dito do outro cortesão, que afirmou que todo o homem que estava vinte e quatro horas fora de Lisboa se convertia em alimária. Ora isto, senhor, não é carta; nem é mais de ~ua amostra do humor que por aqui se costuma. Se vos parece cousa de enceleirar, na vossa mão está terdes cada semana ~ua medida de tal legume. Cá me tentou o Diabo com vos escrever uns versos; mas fugiu, em fazendo a Cruz para os começar. A melancolia, ainda que negra, não dá boa tinta ao que se escreve. Dizei-me se de mi quereis alg~ua cousa. A D. N. muito de aquilo que se manda aos DD. NN. que andam por aí além. E a vós, senhor, guarde Deus como desejo. Tôrre, 9 de Junho, 1646. [(*Cent. II, Carta 92.^a*)]

Persuadindo a um parente que tornasse para a Côrte

Creo que de 16 de Julho é a última que recebi vossa. Mas nisto vai menos que em vos certificar me alegrei o quanto eu posso, com me dizerdes nela estais já mais livre de vossos achaques. Guarde-vos Deus sempre de todo o mal, e vos dê quanta saúde a mi me falta; e se também com ela fôr o que não tenho de gôsto, nem descanso, não ficareis mal aquinhoado. Lá podeis imaginar qual seja êste desterro; e tendo-vos a vós mais longe, com quem só se aliviavam os meus trabalhos, é dobradamente penoso. Os dias e as sem-razões gastam a fôrça a qualquer grande paciência; e ainda que eu todo seja pouco, certo que, medido pelo sofrimento, a mi mesmo me pareço maior. Hoje estou em peor estado que no primeiro dia que me prenderam, entrando já nos três anos de prisão; e então isto é fôrça que lembre e que magõe, sequer aquelas poucas vezes que se conta a quem se lastima de ouvi-lo. Aqui pouco se sabe de novas do mundo; porque de Lisboa nenh~ua pessoa me escreve. De casa vos avisarão a jornada de N. a Sintra, de N. e as Hibernias; donde houve crime de dama e prisão. Vós tendes de casa o cronista. De guerras dizem que Joane Mendes tomou a Codiceira bem tomada, e não sei se o forte de Telena, (porque só a N. o ouvi) depois de saquear Santa Marta. Não sei de novo cousa mais que vos diga, senão que vos venhais muito embora, que já são horas, e as ginjas são acabadas; e Marrocos por Marrocos, aqui está esta Tôrre, que tem muito bastantes casas para terdes por cá ~ua novena. Sôbre tudo vos guarde Nosso Senhor, como desejo. Tôrre, em 4 de Agosto, 1646. [(*Cent. IV, Carta 23.^a*)]

Aos juizes da terceira instância, a primeira vez que foi a ela

Sôbre três anos de cárceres exquisitos, cheo de trabalhos, injúrias e enfermidades; cada vez mais perseguido, mais só e peor tratado; sôbre seis arrezoados e um libelo contra mi de um homem industrioso e favorecido; sôbre três acusações de um Procurador da Coroa, qual se conhece, então fiscal de minha causa; sôbre cinco acôrdos de vários tribunais, e sôbre não ser ainda ouvido, nem me ser lícito até agora meu livramento e natural defesa, estou, senhor, nas mãos de V. M. a fim de ser sentenciado na terceira instância deste incidente. E porque, assi pela justiça, que em V. M. é notória, como pela obrigação de cristão e de elegido para julgar por cima de tantos pareceres, vejo em V. M. ainda maiores razões do que na minha própria causa, que obrigam a que V. M. se empregue com todo o cuidado e constância no juizo dela, não discorro pelas que de minha parte pudera representar a V. M., a efeito de excitar seu ânimo e inteireza; porque acho que por si mesmo, por sua honra e consciência, está V. M. obrigado a ser tal, qual eu o posso desejar, sem intervenção de meus rogos. Só peço a V. M. afectuosamente passe os olhos por êste papel, que com esta ofereço, donde com fidelidade vão referidos os termos dos autos; para que com tal noticia lhe fique a V. M. mais leve e fácil o estudo e conhecimento deles. Deus Nosso Senhor, que tambem há de ser juiz de V. M. como meu e de todos, na última instância da morte, dê a V. M. sua santa graça e encaminhe seu ânimo, como espero de sua infinita bondade; e que por ela guarde a V. M. muitos anos em seu serviço. Tôrre, em 18 de Agosto, 1646. [(*Cent. III, Carta 24.^a*)]

Escrevendo a um amigo em um quarto de papel

Visto que a vontade e o respeito se não medem por folhas de papel, porque não tem nada de folha, ou porque não tem medida, vós não recebereis descontentamento de que vos escreva assi quem não tem agora mais papel que êste. Tambem veo muito a propósito para me fazer ser breve, ainda que vá contra o que devo, como diz o nosso Camões; mas quanto é para o que eu tenho que vos dizer, o menos é o melhor. Passo peor do que nunca passei, de saúde e de tudo o mais. A paciência é cisterna e não é poço, como eu digo sempre; e donde tiram e não põem... já vós sabeis. A porfia das minhas perseguições deitou a perder ~ua muito boa casta de sofrimento. Mas que hei de fazer? De nada sei palavra; nem quero tam pouco sabê-la. A réplica não fiz ainda, porque de verdade se soltaram contra mi todos os enfadamentos do mundo estes dias. Mas fá-la-ei logo. Aqui vereis que mal vos sirvo; e nisto não tem parte nenh~ua a minha vontade, que é sempre vossa, mas aqueloutra que pode mais que ela, com perdão do livre alvedrio. Nosso Senhor, etc. Tôrre, 6 de Outubro, 1646. [(*Cent. IV, Carta 33.^a*)]

Escusando-se com um parente do ruim sucesso dos negócios que lhe deixara encarregados

Se vós lá não esperáveis mais senão que eu vos fôsse de cá lançando a perder todos vossos negócios, já vos podeis vir embora; porque com êste acabo de vos desencaminhar (por minhas contas) todos quantos deixastes à minha conta. Aí vai a petição de N. muito peor do que veio; e é que, graças a Deus, isto por aqui vai cada vez para peor. Sempre ouvi que os que tratam em carvão não podem andar brancos. Muito bom é que queirais vós que não vá empoado da minha desgraça negócio que me passar pelas mãos! Se quereis vir, parece-me que é tempo; e de verdade, vos agradeço aquela boa nova que me dais no correo passado. Para quando nos virmos (se eu durar tanto) eu vos darei conta de minhas faltas, como jogador de pela. Do mundo não sei mais, senão que é um velho velhaco; e de mi, que sou um homem de que el-Rei faz bem pouca conta. Já estou de novo em mãos dos juizes. Mandai-me dizer ~ua missa a Nossa Senhora da Lapa. E se não vindes logo, mandai-me dizer quando vireis e como estais. Nosso Senhor, etc. Tôrre, em 27 de Outubro, 1646. [(*Cent. III, Carta 77.^a*)]

A um parente que estava na guerra

No correio passado vos não escrevi, porque, sem ir a Alentejo, estou meio aleijado de êste braço direito; e não tive então aqui nem a N., que suprisse a falta que eu fazia, sendo já todos fora; e ainda mal porque tenho tanta desculpa. Depois recebi carta vossa, que me acrescentou a dor não só do braço, mas de tudo quanto doe e se sente, havendo entendido a pouca saúde com que vos acháveis. Dê-vo-la Deus, como desejo. E se vos der a que a mi me falta, visto que tudo é de casa, eu me darei por contente. Ontem soube como vossa mãe havia estado mal. E, em verdade, que o estar fora do mundo lá se tem suas comodidades; porque para eu ir sabendo aquilo pouco e pouco melhor, fui sabê-lo por junto, visto também que para nada eu podia prestar, nem à doença nem à melhoria. A vossa quisera já ter certa; porque dos meus remédios faço bem pouco caso. De nenhum negócio vos saberei dar razão. Alg~ua culpa tendes vós, porque mos confiastes. Eu sou ~ua ordinária zombaria da gente: ninguém me escreve, ninguém me responde, ninguém faz conta de mi; e a amizade que devia de mais a N. que aos outros, o mais a que chegou foi a fazer que ele fôsse o último que se esquecesse. A minha fortuna dura mais que a cortesia e por ventura que a obrigação de qualquer; não me espanto. Já não posso mais que desejar bem a quem quero bem, porque é cousa que faço cá dentro de mi; e ainda assim creio é agouro de todo o bom sucesso. Guarde-vos Nosso Senhor, etc. Tôrre, em 15 de Dezembro, 1646. [(Cent. IV, Carta 34.^a)]

Sentenceando um certamen poético

De grande prudência necessita aquele que houver julgar obras do entendimento, cujas acções não podem ser compreendidas, menos que de outro superior; pelo menos igual. Bem me desobrigava esta observação do ofício de árbitro, em contenda onde apenas podia ser parte; mas, confiando que os sujeitos julgados são tais que em si mesmo gozam os prémios, e lhes fará pouca falta aquele, que meu parecer lhes pode negar, me atrevo a declará-lo: se aqui se havia de errar alguma cousa seja a minha opinião. Sábios se seguem, deva-se-lhes o acêrto. Eu digo; julguem eles. De muitas considerações pende a averiguação da preferência entre poemas contenciosos; parece-me se podem reduzir a quatro circunstâncias. A primeira: que sejam em tudo conformes ao assunto. A segunda: que guardem decoro aos sujeitos propostos. A terceira: que se apropriem ao dialético da língua em que se escrevem. A quarta: que observem boa ortografia. A estas se junta outra pouco menos importante, qual é a moderação em aqueles que não pendem de lei de quantidade. Dos poemas latinos dêste certame, tenho por ventajoso aos mais o que começa: *Lausus in amissam perdens Amarillide curas*. É elegante todo êle, guarda mais precisão, concisão e decôr que os mais; responde com termos distintos, com locuções semelhantes aos príncipes da poesia lírica. Está escrito de bons caracteres, limpo e com boa pontuação. Julgo-o por benemérito do prémio dos latinos epigramas. Em todos os sonetos, sôbre se haverem escrito com galhardia, acho algumas venialidades, que não deixam quebrantar os preceitos propostos. Isto me obriga a discorrer por elas com alguma largueza. Antes os venero, depois os censuro. O primeiro soneto que começa: *Si Filis a tus dichas no procura, falta logo à lei do certame, que determinadamente propõe os nomes de Lauso e Amarilis*. Tem a oração imperfeita, dizendo: *No procura no dar*. Aqui barbariza. O primeiro quarteto é pouco valente. O segundo é indecoroso no sexto verso. Os tercetos, ainda que não claros, são elegantes e dizem bem o que querem. A letra é ruim, a ortografia vulgar. O soneto português que começa: *Se amor, que d'alma fez morada estreita*, pela linguagem podia perder o prémio, sendo a proposta castelhana; deve quem responde seguir em tudo a intenção do que interroga, para satisfazer perfeitamente: como nos ensinam não só as leis poéticas, mas as políticas. Tenho êste soneto por lânguido e alguma cousa preso dos consoantes. O soneto da mesma letra e estilo, que começa: *Diversas penas de que consta a Fama, entremete termos jocosos, impróprios ao ânimo de quem propõe e causa da proposta*. O segundo quarteto é sinaladamente bom. Os tercetos não procedem; participa da mesma perfeição de pontos e caracteres que o outro português, de que parece irmão. O soneto que começa: *Vês, o Lauso, en tu daño a mano ajena, é decoroso; diz mais do que responde*. Pecou no sexto verso; não conclui com toda a propriedade. Com tudo, é dos bons poemas do certame, e melhor para feito que para feito ao propósito. O soneto que começa: *Perdendo, o Lauso, a Amarilis bella, todo junto é bom; o primeiro verso tem frouxa cadência, juntando três vogais que mal podem, como pedem, pronunciar-se: o, a, a*. O primeiro quarteto faz a oração

anfibológica. No segundo quarteto não há toda a distinção conveniente. O verso que glossa de Garcilaso, creio que de todo não ajusta; porque o Amor sem esperança, ainda que não é esperar algum bem, na linguagem desses que o aprovam, é possui-lo. O soneto que começa: Preguntas, Lauso, en tanto mal dudoso, parece do mesmo autor pelo estilo e letra. O primeiro quarteto é fácil e bem arrezoadado; o sexto verso não é felice; a conclusão do segundo quarteto excelente, o primeiro terceto melhor, o último perguçoso; de ambos é boa a letra e ortografia suficiente. O soneto que começa: Fabio, quanto gustosa en tus piedades, com a primeira palavra, em minha opinião, perde o prêço, chamando Fáblio a quem se chama Lauso. O fim do segundo verso é indecoroso; o quarto procede pouco; o segundo quarteto é bom e dele a conclusão boníssima. O pensamento do primeiro terceto é alto, mas infelizmente exprimido. Ao último falta ~ua proposição, sem a qual a oração barbariza. A letra é boa, a ortografia bastante. O soneto que começa: Excitada Amarilis del deseo, é é indecoroso. O outro verso violentíssimo, e forçado seu consoante. O primeiro terceto tem pouca Musa; o último boa conclusão; a ortografia sofrível. O soneto que começa: Si libre a la elección del albedrío, tem contrariedade nos primeiros dous versos. Ao quarto verso vem por fôrça o consoante, assi ao sexto. O outavo verso é indecorosíssimo. No primeiro terceto não conclue nada a oração contra a regra dos sonetos. É maravilhosa a conclusão do último; erra ambos os nomes; a ortografia é boa. O soneto que começa: Viste, Fabio, la estampa que atrevida. Convém no próprio defeito que seu antecedente: nos erros dos nomes. Parece mais cómico que lírico e está escrito à imitação de alguns, que nas comédias se acham; é com tudo felice e bem arrezoadado. A palavra expulsión, do onzeno verso, está impropriamente posta. Os consoantes são vulgares. É feroso e responde com exemplo, que é elegância. A letra e ortografia são boas. Era soneto digno de prêmio, a haver mais de um para estes poemas. O soneto que começa: Elige Clori y duélete su gusto, peca com os mais no erro dos nomes. O primeiro quarteto tem famosa conclusão. O segundo é marchetado de palavras com pequeno conceito. O primeiro terceto emprende muito e não diz a metade. O segundo ainda menos. Tem boa letra e pontuação. Descobre alguma perguça no engenho do autor; porque forra uns versos com outros, que, se os trabalhara melhor, fizera melhor poema. O soneto que começa: Lisia al Himeneo agradecida, é parecido em tudo ao antecedente; e o tenho por do mesmo autor. Erra também com os primeiros nos nomes e põe mais felicidade no ornato que no pensamento. O segundo quarteto é bom. Os tercetos dizem muito menos do que parece. Os últimos dous versos são viçosos de palavras sem outra cousa. De escritura está como o antecedente. O soneto que começa: Si en este de tu amor penoso estado erra como os mais os nomes. Está malíssimamente escrito, cousa que desajuda sua bondade, e é desprimor em justa poética, em que reparam e castigam todos os que julgam. Muito é necessário adivinhar mais que ler nele. Com tudo, o primeiro quarteto é bom. O segundo não ruim. O nono verso não é elegante, mas serve. O último terceto diz bem o que quer. Soneto é que, se viera com vestes nupciais, pudera levar um prêmio, havendo muitos. O soneto que começa: Dudas,o Lauso, en penas tan iguales, tem o quarto verso trivial; e havendo começado com distinção a propôr bem o que quer, pecou nos tercetos contra a arte versificatória. No idioma castelhano usa de falsos consoantes; por que vença não é rigoroso consoante de ofensa, entre os castelhanos, donde não convem, como entre nós, o c com o s, antes são letras diferentíssimas, que abstem as voces de aquele som que as faz consoante. O pensamento de todo ele é bom e bem acometido. A letra sofrível com a pontuação, menos o erro. O soneto com título de burlesco que começa: Perdiste, Lauso, a Filis, gran mareta, como se não admite, não se julga; sem embargo lhe não valerá a boa letra e ortografia, de que vem vestido, para que deixemos de dizer não é agudíssimo, nem vivo do sal em demasia. O soneto da mesma letra e autor que começa: Negóse, o Fabio, Lisis a tu ruego, cai como os mais no próprio absurdo de trocar os nomes da proposta. O primeiro quarteto é menos bom que o segundo; e dele o quarto verso não é muito animado. Segue bem o que diz. Os tercetos são bons. É poema quieto, e que merecera prêmio, nomeando as pessoas por seu nome. O soneto que começa: Quieres, Lauso, saber qual mayor pena, propõe bem claro no primeiro quarteto; conceitua no segundo com distinção e, lembrado do que queria dizer, entra no primeiro terceto igual e com bom modo; levanta aqui bem a dificuldade, para que avulte conceito no último, que dispôs e cerrou com elegância. Guarda o decoro, acerta os nomes; e ainda que na ortografia e letra tem imperfeição, peca no menos importante. Tenho a êste pelo mais claro, mais decoroso e melhor seguido soneto; e lhe sinalo o prêmio dos epigramas vulgares. A silva que começa: Indeciso, o Lisardo, en tus querellas, é breve, tem boa ortografia e letra; mas nem assi nada digna de levar o prêmio às outras. A silva que começa: Entre los dos extremos desiguales, é de suficiente medida, erra também os nomes sem causa, porque a nenhum dos poetas custará mais dizer

Lauso e Amarilis, que aqueles nomes tão alheos que lhes dão por sua vontade ou descuido, contra o que se diz na proposta. Está escrita com boa letra e ortografia suficiente. Tem estilo claro, pouco elegante, cousa certa em composições rigorosas. Os pensamentos nem são altos nem frequentes. A conclusão é remissa, e mal se colhe dela qual seja o parecer do poeta. A silva que começa: Al rigor de Amarilis siempre bella, é larguíssima e por afectar elegância; o estilo crespo; a cada passo se esquece seu autor de declarar bem. Os versos um por um são ventajosos a todos os do certame. O verso quinto do segundo termo, ou ramo, ou estância, é inconstante e pueril. O todo dela pouco inteligível; não lhe faltam pensamentos, mas encobre-os a sombra da locução sobeja, a que os críticos chamam luxúria; com tudo, não há em todo êste poema cousa baixa assaz para tão grande, como não seja o verso acusado. Dera-lhe o segundo prémio das silvas, se houvera segundo, ou lhe partira o primeiro, a ter autoridade. Contenta-se o poeta com haver feito os melhores versos. Frásis, letra e ortografia é igual e boa. A silva que começa: Ciega la vista, absortos los oídos, é grande e gasta muitos versos debalde. Parece mais cómica que lírica. Quem diz muito encontra do bem e do mal; por toda ela há de tudo: cousas dignas de prémio e de censura. O nono verso do quarto termo é falidíssimo; o nono do quinto indigníssimo pela frásis e pensamento. O último verso do termo antepenúltimo pecou assaz contra o dialético castelhano. Tem com tudo pensamentos expostos com gala e claridade. Erra com os muitos nomes; defeito, a meu juízo, batante a perder o prêço; mas, visto como quási todos caíram neste desatento, e na silva há merecimentos, que a fazem digna de prémio, lhe julgo o das silvas. E em tudo me someto ao voto de aqueles, que tanta ventagem me fazem no compôr e no entender os versos, como agora me excederão em julgá-los. Tôrre, em 5 de Fevereiro, 1647. [(Cent II, Carta 34.^a)]

Sôbre várias matérias, ao Chantre de Évora Manuel Severim de Faria

Sempre tive para mi que o padecer com lástima dos bons, era bem melhor estado que o triunfar com o aplauso dos maus. Certo, senhor, que se esta minha própria desventura me fôra já intimada por estado da vida, que eu me atrevera a abraçá-la e sofrê-la. Mas para que tudo tenha penoso, ela se funda em ~ua certíssima incerteza. Mudança lhe espero, melhora não. Grande, se não maior circunstância é esta do meu tormento: não saber em que há de parar, como, nem quando; e menos, se há de parar. Ouvi se abominavam com razão aqueles jogos; de quem se não alcança o tamanho da perda. Pois se isto se pratica no dinheiro (cousa tão vil, que emfim é ~ua pouca de terra, de ~ua côr ou de outra) ¿que será, e que não é bem que seja, quando envolve a vida, a honra, a liberdade, a esperança? Não é menos o que me lá anda neste infelíssimo jôgo. Eu, senhor, conheço muito bem o pouco cabedal de minhas fôrças; o grande peso, que sôbre elas tem vindo de adversidades. E fôra bem rudo, se estas contas não tirara em limpo, que muito devia de haver fôsse já por terra, se Deus com particular favor me não ajudasse, servindo-se da prudência e da bondade dos bons e dos prudentes, para com seus conselhos e razões apontar êste fraco edifício de fracas e velhas taipas, que se está vindo ao chão; e praza a Nosso Senhor que nele pare sua ruína. Ora sôbre tal observação parece que não haveria ânimo que se atrevesse a ser ingrato. Não seja vaidade minha; mas eu me persuado, que, por peor que fôsse, nunca ingrato seria. Quanto mais, que os miseráveis (a meu ver) estão muito habilitados para serem agradecidos. A razão é clara: porque, se da prosperidade nasce a soberba e se esta, porque tudo cuida que tem, nada cuida que deve e por isto não agradece nada, claro está que, sendo a miséria o contrário da prosperidade, produz também a humildade, contrária da soberba; e como os humildes tudo o seu lhes parece pouco, fôrça é que, pois de tudo carecem, tudo cream que devem. Oh! senhor, que largo vou! Manha dos ignorantes e dos enfermos; que aqueles sempre falam e nunca acertam o que dizem; e estes, por mais que digam, sempre cuidam lhes esquece aquilo, em que consiste sua saúde. Mas, além dêstes, êste é meu costume: logo que acho pessoa, que me ouça de boa vontade, me calo eu de muito má vontade. Recolhendo as velas, digo, senhor, que não vi mais aquele padre; e por essa causa não direi dele nem de suas cousas cousa alg~ua de novo. Suponho andar lutando com máximas dificuldades, que, pelas que já me comunicou, não serão de fácil vencimento. Não porém tais que dele desespere. Mas, decendo um pouco a mi, que, como sou mais baixo que tudo, é necessário decer, e não pouco, para que se tope comigo: Saiba V. M. que tivera a grandíssima boa sorte o poder alcançar com V. M. ~ua conferência, dando o tempo lugar. Esta festa e esta consoada me há V. M. de dar por consoada e por festa. Assi o faz a misericórdia com os presos; e assi o devem fazer os que como V. M.

são piedosos. Achando-se V. M. com novas do ausente, para V. M. das que souber comigo; que só o frade (e não o clérigo, e menos o amigo professo) não dá do que lhe bem sabe. O meu mundo, senhor meu, a minha República, a minha Roma e o meu P. N. (quanto é cá para mi) sou eu mesmo; porque nem por ser isto tanto e eu tão pouco, me importo menos. Lá se avenham os magistrados; errem, ou acertem, que eu lhes dou franca a glória do acêrto pela contingência do êrro. Mas não me escuso de confessar a V. M., aqui para entre nós, que sou tão malvada criatura, que tomara os frades prêgando, os letrados lendo, os soldados servindo, os políticos observando; e finalmente a nenhum (fôsse quem fôsse) no ofício alheio: avisado da experiência prática, que nos mostra cada hora como o melhor ginete, em lhe trocando o freio, não sabe por onde vai. Nem eu sei já por onde vou. Nosso Senhor guarde a V. M. muitos anos, como desejo. Tôrre, em 18 de Abril, 1647. [(*Cent. III, Carta 20.^a*)]

A um parente, sôbre várias matérias

Digo eu agora que a simplicidade dos maliciosos tem efeitos de raio; porque lutando o frio com o quente, resulta ~ua furiosa parvoíce, que não teme nem deve. Quem cuidara que a sutileza de aquele homem viria a dar em tal pequice? Não lhe quero pôr outro nome; que às vozes das velhas sempre achei muita serventia, como não seja para o côro. Na primeira palavra que li em qualquer de seus papeis, conheci o que me explicais agora. Parece-se-me isto com ~uas árvores loureiras, que colhem muita flôr e recolhem pouco fruto. O que eu sei, é que não podiam ser tão várias as rogativas como as repostas. Certo lhe tenha enveja à grande habilidade com que mente e desmente. Se de Aristóteles disseram que era nariz de cera, dêste Doutor podem dizer que é língua; porque não se resolve a opinião de aquele tão facilmente como a razão destoutro. Tenho por cá melhores originais que êle mesmo; porque êle nem diz, nem sabe ainda o que há de fazer; e estes si, que lhe não mentem os discursos, como êle nos mente. Lá se avenha quem faz mal; que êsse é o que mais perde. Lembre-se sequer que Nosso Senhor Jesu Cristo, sendo o Mestre da paciência e mansidão, parece que cansado das trapaças de Judas, lhe disse: fôsse já acabar de o vender; porque sofrimento parece que pode haver para suportar o ser traído; mas para estar sofrendo o processo de ~ua traição, sem falta que nenhum basta. E a razão é muito clara: porque um feito mau de repente não é mais de um; e de pensado são tantos, quantos são os espaços em que se pudera arrepender o autor dele, e não quis. Isto parece ponto de mandato; fique-se aqui a prêgação. Logo se me afigurou, na pressa com que a armada de N. se fez à vela, que ia amuada. É verdade que N. não queria senão que saíra para entrar, e vir-nos a pagar com aquelas sete virtudes os sete pecados com que a regalámos o ano passado. Melhor hei visto o vosso papel que vós a minha carta. Tenho achado que aqueles velhos assi vestidos de opalandas, tocam de doutores mais que os reis; e os reis não são doutores; praza a Deus que sejam Evangelistas. Se vos achais em disposição belígera, armemos esta gente; que em tempo estamos de haver mister armados até os pintados e os defuntos. À senhora N. mando o livro. Ao prior não; porque não quero nada com priores, que se me parecem muito com priorises: cousa de que sempre tive medo. Vindo N. vos lançarei em casa o vosso volume, mas que o não queirais, como vara de quadrilheiro. Dizei-me em que parou a embaixada de N., que eu já não espero outra cousa que a sua reposta para acabar de lhe querer mal. Senhor, o bago pinta melhor que vós. Notificai-o assi à pionagem. E para aqui se fez sem falta o "adeus" e "vejamos-nos". Tôrre, 9 de Agosto, 1647. [(*Cent. III, Carta 59.^a*)]

A Luís da Silva Teles, convidando-o para que o visse

Senhor, cuidei que já me deixáveis; e achava-vos razão. Ninguém me diz outra cousa, senão que tenha paciência. Fôra melhor ajudar-me para que a tivesse. Isso não é para agora, que são as doze, e estou mal disposto e peor dormido. Tive esta manhã um acidente; maltratou-me; fez o que os mais, que me tratam; que poucos me tratam bem, e mais não é por acidente. Fique a vossa vinda para domingo, que diz o meu Quevedo: é o dia a propósito para ir a comer com outrem. Fará menos calma e estará já para se vos manifestar o meu Manifesto, que hoje comeci e espero que nos não envergonhe, salvo a mi, que devia gastar comigo a lástima e o tempo. Deus no-lo dê melhor, e a todos e a tudo, guardando-vos. Tôrre, 30 de Agosto, 1647. [(*Cent. II, Carta 71.^a*)]

A Francisco Luís de Vasconcelos, com um livro

Tenho tanto agouro em mi, que faço negócio do esquecimento. Esta condição me puseram aqueles que de mi não tem lembrança, salvo para me ofenderem. V. M. em tudo é senhor meu; e muda êste mau costume à sua custa, com ter memória de minhas cousas e fazer-me mercê. Agora que já me não valerei desta razão, protesto de não parecer esquecido; e me custa pouco, porque sou lembrado do que o devo ser. Êste meu livro foi escrito com malencolia; leva isto de antemão, além de meu, para não ser agradável. É mais para ler com paciência que com apetite. Tem seus modos. E fala de cousas de siso a propósito; donde vem a ser para os menos. Assi o julgo. Mas quando V. M. o tenha em melhor conta, fá-la-ei eu de que fiz melhor livro. Nosso etc. Tôrre, em 19 de Setembro, 1647. [(*Cent. I, Carta 47ª*)]

A um grande e virtuoso letrado, agradecendo-lhe a boa opinião que dêle tinha

Nada me deve V. M. em estimar seu engenho. Faço o que os outros; porque venerar os grandes sujeitos, sendo dívida, é religião. Pouco aplauso é o meu, mas é todo tal à Némesis, e tal ao papel que a defende. Eu não havia visto nenhum deles; com que foi maior a mercê: grande no valor e agradável na novidade. Dá V. M. por princípio à inclinação com que me favorece os meus escritos; fôra melhor sua modéstia de V. M. Os grandes agasalham; o príncipe perdoa, o algoz castiga. Alta dignidade exercita a benevolência. Os dous livros que imprimo remeterei logo a V. M. Filhos de delinqüente, como podem deixar de ser condenados? Com tudo, sempre é tempo à emenda. Das mãos de V. M. sairão melhores. Pelos que V. M. me promete, lhas beijo muitas vezes. De hoje por diante errarei menos, ou com menos desculpa, quando tenho em V. M. segura por tantos modos a doutrina. Achaques e moléstias contínuas me fizeram tardar com êste reconhecimento, sempre um. Sôbre tudo guarde Deus a V. M. como desejo. Tôrre, em 9 de Outubro, 1647. [(*Cent. I, Carta 69ª*)]

A um religioso, que lhe deu a rever uns discursos militares

Hei visto êste papel, que muito bem contesta com a opinião, que tenho de seu autor. Conheço, com dizer: que a jurisdição dos discretos não prescreve com leis, nem por linhas se descreve. Sempre que posso, afirmo: que o entendimento não tem portas, que se cerrem para ~ua ciência e para outra se abram. Com tudo, ninguém me argua com outras tais afirmativas, quando não poucas vezes disse e tenho escrito: Siga cada qual os passos da disciplina, a que se ofereceu; porque o caçador, que corre à lebre, não vemos que se desvie para prender o gamo. Aquele que a toda a caça se lança, nenh~ua alcança. É razão distinguir as operações, que por próprio modo os mestres da Filosofia artificiosa nos chamaram teórica e prática. Nunca me escandalizei (e quiçá fui nesta paciência único) de que nas matérias, que compreendem acções da mão e do juízo, queiram dar seu parecer homens de juízo. A razão é clara; porque aquela experiência que lhes falta na parte manual, de que logo os tachamos, não se pode dizer que lhes falta na parte intellectiva; a qual por muitos actos, por muitas considerações e discursos, tem já adquirido toda a suficiente experiência para discorrer em semelhantes matérias. Mostrou bem o Tasso, logo que quis (segundo a regra dos Épicos) descrever por sinais de virtude o seu herói Gofredo, quanto conhecimento tinha de aqueles dous instrumentos, por que obram os famosos capitães, que êle bem disse: Co'l senno e con la mano, tão necessários no militar instituto, que a muitos grandes homens escureceu o nome e glória a culpa de soltarem um deles: crendo por ventura que o varão de grande juízo escusava o uso da fortaleza; e que o de grande valor não necessitasse da assistência do entendimento. Êste engano tem custado muitas ruínas aos homens e ao mundo. Recolho-me, em paz dos Marciais (se gente tanto de guerra quizer conceder paz) com dizer a Vossa V. P. que estimei muito ver todos estes tratados, que Vossa V. P. fiou de mi; e que me alenta superiormente o considerar que um varão eclesiástico assi saiba entender os accidentes de aquele espírito bélico ou proceloso, que tão bons documentos nos esteja mostrando, e que tão úteis poderão ser aos que os guardarem. Não lhe será novo a Vossa V. P. o ouvir quanto deve a profissão eclesiástica à militar. Mil são, por certo, os aspeitos (benignos todos) com que se olham entr'ambas. Peleja o soldado, por que descanse o sacerdote; e êste ora, para que aquele vença. A Fé se defende com o

gládio do poder. E por isto cuidei já que com grande mistério vemos que aquelas duas colunas da religião e da Igreja, os príncipes dos Apóstolos, S. Pedro e S. Paulo, repartiram entre si os dous sinais da potestade e da fortaleza; as chaves em Pedro, que denotam o que pode; a espada em Paulo, que demonstra o que defende. A primeira guerra teve por campo o Céu. Os primeiros soldados foram anjos. O Santo Deus Sabaoth, Deus quer dizer dos exercitos. Exército se chama a universal hierarquia dos espíritos. E finalmente, que outra cousa é a própria Igreja de Deus, senão um exército, no qual todos os fieis somos soldados? Donde tomou o renome, senão da milícia? e se chamou militante, por mais nobre e por mais próprio apelido, a Católica Igreja? Duas cousas digo aqui, como de passo. A primeira, que não é a profissão militar tão envilecida, como no-la pintou um certo autor deste tempo. A segunda, que não é tão estranha aos varões consagrados, como entenderam alguns, abominando ver a outros ocupados nela e nela entendidos. Não quero que seja ~ua a Igreja e a Milícia; contento-me com que sejam irmãs. Como se vê no texto santo, donde o sumo sacerdote Aarão era irmão do sumo capitão Moisés. Anime-se pois Vossa V. P. achando-se tão adiante nesta matéria; e tome para si dos soldados sequer a ousadia, a trôco do muito que lhes dá na doutrina que lhes escreve; e caibam em si os censuradores, que o entendimento é livre, e o bom entendimento é a mesma liberdade, que assi o disse o nosso Sá: O entendimento, que é nosso, não no-lo querem deixar. Este é o meu parecer; e que sou de Vossa V. P. Tôrre, em 13 de Outubro, 1647. [(*Cent. III, Carta 45.^a*)]

De várias matérias, a um amigo ausente

Veja, meu senhor D. N., que tal eu estou, que cuidava, em todo o meu siso, estava V. M. ainda por i àlém. Eis aqui que tal é todo meu siso; e eis aqui que eu sou o que está por i àlém. Venha V. M. com Deus, e ande com êle sempre. Eu creio que assi será, pois tantas vezes lhe acode. Alegria-me a alma o que me dizem de V. M. Porque aquilo de que nunca tal passou por êle, é a primeira cousa por donde todos começam a pintar-me a saúde de V. M. Da do nosso conde não sei há dias, depois que me fez mercê avisar entrava em cura. V. M., que vê de mais alto e ouve de mais perto, se sirva de me repartir as noticias do que souber; crendo por verdade que, para de todo lograr contente a ressurreição do senhor D. N., só me falta a saúde do senhor D. N. Destas minhas mazelas já me não queixo. Faltam os modos de explicar a confusão com o mesmo excesso que ela sobeja. Não me afronto por certo da cobardia, porque do que em mi coube dei tal conta, que há muitos dias que soffro mais do que de mi podia esperar-se. Um pequeno vaso tão pouco licor bom leva como ruim. E quem foi incapaz de algu~ua boa sorte, escuso parece que ficava de padecer outra adversa. Com tudo, esta fronha, em que anda o melhor espírito, é de um burel muito basto e muito para pouco. É de carne e sangue, que é ainda muito peor. Assi ninguem se espante que os sentimentos de homem se subam sôbolas considerações de filósofo, e subindo-as, as vençam e tratem como quem as leva debaixo. Todos me dão por fiador êsse pobre juizo; e eu tenho antes por pagador, que por fiador; porque no cabo êle vem a pagar tudo, sendo o que sente por tudo e acarreta as achegas para aquele tôrpe edifício da desesperação. Emfim, senhor, com grande providência ordenou a Providência que aquilo que sem o juizo se obra com juizo se pague. Ora eis-me de prêgador em poeta. Aqui vai ~ua ode, que escrevi à morte da senhora N. E posso dizer, me sucedeu nela o que ao mestre dos galeões do Porto, que das madeiras, pequenas para os navios grandes, engenha navios pequenos. Isso não coube cá no poema. Não sei se para o que é tem algum jeito. V. M. que o lê e o entende, o lea e o emende. E aparelhe-se para o mais; de quem eu direi o que o Marquês de Alenquer, quando viu as obras D. Manuel de Portugal: Ello es una gran cosa; no sé yo si mala, si buena. Este meu vilão, patamar entre os Índios, volacho entre os Turcos e velhaco entre os Portugueses, N., meu estafeteiro e estafador de V. M., me mete em cabeça, senhor, que quer cá vir. Se assi é, eu lhe perdôo, a ele quantas vezes me tem enganado; e a V. M. o ser melhor poeta que eu. Mas deixo por pecado reservado o esquecer-se V. M. de mi; para o qual não haverá Ano Santo que tal cargo de consciência lhe perdôe. Tenho escrito. Deus guarde a V. M. Em 22 de Outubro, 1647. [(*Cent. I, Carta 95.^a*)]

Consolando-se com um parente de certa injustiça

As minhas desgraças são de sorte, que ainda àqueles que não tem em mi tanta parte, como vós tendes no meu sangue e no meu coração, alcançam e molestam. Sendo isto assi, não posso duvidar de que vos haverá doído a minha desesperação; porque isto já não tem outro nome. Aquele homem me teve em venda como escravo. Todos me tratam como a desfavorecido; e em meus sucessos se tem visto, por mais que eu me cale. Assi anda cada um a quem maior mal me fará. O remédio só está nas mãos de Deus; e eu lhe mereço tão pouco, que nem ousa a lho pedir. Com que me êle dê paciência para levar tanta sem-razão, basta e sobeja. Não vos quero inquietar; vêde as festas, e então despois me vereis quando quizerdes. Nosso Senhor, *etc.* Tôrre, em 19 de Novembro, 1647. [(*Cent. IV, Carta 31^a.*)]

A um amigo, falando de certa pessoa sua desafeiçoada

Já o meu negócio vai bom: porque já o N., por me alentar, me diz que tanto dá a água na pedra até que quebra. Vêde se com isso poderei queixar-me senão de vício? Folgo que o N. esteja boníssimo. Também agora, pela conta, começará a entender com o sobrinho órfão, que de si mo parece mais ainda que de ninguém. Valha-me Deus, que gulosa anda a morte estes dias! Mas, se morreu N. (Deus lhe perdôe) sem trovas? Diga N. o que quizer, que é Doutor e pode. Em consciência me não espanto que os meus versos lhe pareçam mal; porque também a mi me parecem mal os seus; e um coração é espelho de outro. Mas êle não diz como poeta, senão como letrado; e eu, como a letrado, não lhe digo nada. Diga o que quizer de mi, mas não faça o que quizer de mi. Avisa-me N. que vai lá grande ciume sôbre quais versos se hão de escrever, e quais não. Devem de cuidar que o livro da morte de N. é livro da vida; ou que dá escritos de vida quem os escreve. Nosso Senhor vos guarde muitos anos como desejo. Tôrre, em 23 de Novembro, 1647. [(*Cent. IV, Carta 29^a.*)]

A um parente, convidando-o a que o visse

Senhor Dom N., sabereis como vos tenho perdido por procuração; salvo tal lugar, que isto sôa a casamento. Perdeu-vos João, em um escrito, de que cá só me chegaram noticias de que houve e que me não chegou cá. Ora, se acaso vos enfastiastes já da Côrte e quereis um bocado da Tôrre como alcaparra, lá vai nossa barqueta: muito fácil vos será mandardes embarcar a liteira de dormir, que assi lhe chamam os italianos; e a vós despois, para vos parecer a tornada à cidade mais fermosa. Todavia agora me lembro que vai lá nestes dias grande açafra de festas; escolhei o que melhor vos esteja e vinde quando quizerdes; que os presos isso só tem bom: que sempre estão certos em casa, fora da lei mental da ocasião, enquanto a não tem de dar um passéo. Se N. quizer vir, folgarei muito; achareis cá mais larga vontade que aposento, e sôbre tudo carneiro adubado de boa vontade, que é bom legume para o campo. Vossa V. M. me traz por lá alguns livros aventureiros, que eu não quisera ver aventurados a não tornarem, dentre os quais escolho para mi os que vos aviso, debaixo de condição que todos são vossos, e aqui mais seguramente; mas praza a Deus que no cabo me não suceda o que ao outro, que, por guardar os frângãos do bilhafre os atou todos e, enfim, êle veio e lhos levou todos juntos. Estas são as traças dos mofinos, à maneira de uns que armam a béstia que desarma em vão e lhe quebra os dentes, de que Deus nos livre e guarde, que também quer dizer guardar os livros. De aqui, em 13 de Janeiro, 1648. [(*Cent. II, Carta 44^a.*)]

A um parente, sôbre a confusão de seus negócios

Como havemos nós de entender gentes, que elas próprias se não entendem? Pois agora, para que torneis de novo a embarçar-vos, lede êsse papel de N. Eu tenho já bom coração para tudo isto; e lhes deverei sequer, aos que fazem mal, fazerem o bem de me acrecentarem o ânimo. Mitridates provou que se vivia com peçonha. Assi com estes sobressaltos vou passando; e não peor que quando tinha

repouso. Como quisermos o que querem nossos inimigos, nunca nos poderá suceder cousa contra nossa vontade. E para que eu queira isto, bastante motivo tenho em me não suceder nada das outras cousas que quero. Seja Deus bendito, que nos não declarou ainda as Ilhas empoadas, como lhes chama N.; e quando para lá seja, lá dizem que está el-Rei Dom Sebastião, que não deixará de nos fazer mil honras, visto que as cousas do outro mundo diz que vão ao revés dêste. Porém já que há de ser para alg~ua das terras, que sabemos há no mundo, venha já, e saberemos para onde. Beijai as mãos à senhora N. pela mercê que me quis fazer, se aqui val a boa atenção. Lá vos dirá isto N., que es buldero. Ora, indo ao Paço, não deixeis de saber o que montam essas esperanças; que eu tenho por cifras que, não sendo por si nada, dão valor a quanto se lhes chega. Não sou ingrato, certo, e reconheço quanta ventura é receber alento ali mesmo donde os mais perdem o da vida. O tempo vai de sua vontade; e há quatro dias que aqui estamos encantados, que seria a causa de lá não verdes recado meu. De certo cuidava que meu compadre se nos bolvia gigote, retalhado em outra redoma, como segundo Marquês de Vilhena, e me deixara por cá êste rico tesouro. Essa foi a razão, não a preguiça, de parecer vagaroso. Já de ontem tenho lançado minha tenção. Ela vai a copiar a N. Bem creio que mais de quatro hão de dizer de mi mais das três mil leis; mas mais de três mil leis direi eu, porque os condeno e que os condenam. Julguei como o entendi. E se mal, peor julgou quem me julgou digno de fazer êste juízo. Mas eu sei que, em vendo o papel, direis que vai tudo como Deus manda. Ou N. esteja, ou se haja ido, sempre vos encaminharei a vós os autos. A mi me encaminhe Deus com eles e vos guarde como desejo. De aqui, em 5 de Fevereiro, 1648. [(*Cent. III, Carta 56^a*)]

A Luís da Silva Teles, havendo-se ido à guerra

Senhor, a vossa abundância trouxe a minha esterilidade. Ante o maior, cessa o menor. Falastes, calei. Guerras são novidade. Tomo por novas o dardes-mas vós, não o que me dais por novas. Já lá correrá outro mundo, pois tanto corre. Dizei-me que tal vos aparece. Aqui é tudo paz e ócio, senão o que eu hei mister, ou sequer donde. Menos saúde que enfadamento. Aquele negócio da fazenda vosso é; como tal o entendereis e seguireis. Suspeito mal desta doença do Conde; não seja assegurar a ida do juiz que teme e assegurar o que espera e em que confia. Vós o vêde. Fazei-me mercê de mandar aquele aviso; e da vossa saúde melhor informação. Guarde-vos Deus. Tôrre, em 12 de Março de 1648. [(*Cent. III, Carta 91.^a*)]

A um amigo. De negócio e cumprimento

Há perto de oito dias que ando com tão pouca saúde, afligido de uns vágados, que nem ter a cabeça podia o pouco espaço que requiere um papel. E mais não são jejuns, porque estes em mi é fruta de todo o ano. Quero dar a V. M. a primeira hora de melhoria e confirmar assi neste voto minha saúde. Para o que será a última mênzina o saber passa V. M. assi como eu desejo. Tenho entendido N. aceitado a jornada do Brasil; e julgo que estamos em estado de introduzir as práticas de que eu o siga. Êste mimo de escolher os últimos tormentos, bem sabe V. M. que até a Gentilidade o concedia. Parece o não deve negar a Piedade e a Cristandade. Ser perdido em Oriente ou em Ocidente, tudo é um. Digo a V. M. que há razões para me obrigarem a desejar êste miserável favor, com que me dou por satisfeito. A direcção destas matérias deixo confiadíssimamente nas mãos de V. M. Nem no que digo faço mais que ~ua confissão de todos meus affectos, para que Vossa V. M., vendo-os, possa melhor empregar-se nesta obra, a cujo rascunho Vossa V. M. dará na emenda a perfeição e na execução a felicidade, que Deus lhe dará a Vossa V. M. qual eu lhe desejo. Tôrre, 26 de Março, 1648. [(*Cent. V, Carta 62.^a*)]

A um parente, julgando certos versos que lhe mostrara

Primeiro que tudo e que nada, antes que me esqueça, o autor da jácara: é muito melencólico e pensativo N., se Vossa V. M. o não há por enojo, que mais é para haver nojo. Sei que N. é grande

velhaco e vós não pequeno preguiçoso. Tudo perdôa; porque não vai o tempo para menos. Vós sois suspeito aos meus sonetos, visto que não podeis casar sem dispensação com as minhas trovas. Cada um faz o que pode. Se bem eu nunca fui mui festival, digo eu agora que, em quanto o N. está doente, me quererá o N. por poeta de serventia; e depois que ele sarar, ficarei para trovador da família. Pudéreis responder à dama o que eu já disse em Castela aos ministros da meia anata, que me pediam muitos centos de ducados, pelos despachos que me deram para Flandes: - Senhores meus, por um ducado que me falta, não compro eu agora o Ducado de Milão. Sôbre pobre, estou doente cá por dentro, e temendo dizê-lo, por que me não façam curar à fôrça. Contentem-se as damas com olhos verdes, ou como Deus lhos deu; que quem disse: Los paños son de lana, para todos e para todas o disse; e no hay tal trapo como mi prima, dizia um castelhano, que galanteava ~ua sua prima, a que não queria faltar em dia do Trapilho, para que o convidavam. Mas, senhor, o que não podeis haver, dai-o pela vossa alma. Não sei, bô fé, que mais tinha que vos dizer, porque vos escrevo de birra. Ah! si: meu compadre anda peneirando sôbre mi como chuva desejada. Já há não sei quantos dias me mandou dizer que vinha cá para ir ao Cabo; e no cabo não veio cá. Parece que estais servido em matéria de carta. Dizei-me se ides escoando a coleira à estufilha, e como vos achais de presente; porque será dolor trágico que, sin respeto, a la pocima, un Francisco quede Lázaro. E com isto, senhor meu, Vossa V. M. se mande ficar embora. Lá vos mandei o papel, que me mandou N. Tem que ver. Se vo-lo não tem dado, mandai pedi-lo a N. A minha trasladação de S. Vicente, da minha comédia, parece-me que deve estar de remolho, ao que vou entendendo. Dizei-me disto, e que novas tendes lá do Brasil. A Deus, senhor. Tôrre, o último de Abril, 1648. [(*Cent. IV, Carta 13.^a*)]

Ao Dr. Martim Monteiro, em graças de sua boa amizade

Verdadeiramente isto só são obrigações verdadeiras: honrar-me e favorecer-me V. M. da sorte que se me certifica, sem que a V. M. haja servido em nada. Eu como tão desacostumado estivesse a ser venturoso, não foi muito que de todo êste tempo necessitasse para o saber conhecer. Tardei em o conhecer, em o crer não, e menos em agradecê-lo. Então protestei logo ao Padre P. Fr. N. (portador desta boa nova) qual ficava sendo o meu affecto à pessoa de V. M. Se ele há de pagar tamanha dívida, grande e logo convem que seja, porque incomparável é aquela de dever tais e tantas boas obras a V. M. sem rastro de algum merecimento, ao tempo que tão diferentes officios experimento de muitos, que me deviam muito. Persuado-me quis assi a Fortuna com grande proporção pagar-me no ânimo de V. M. a falta que me fizeram outros. Já me dou por mais que satisfeito, e a todos por livres, a trôco de alcançar a V. M. por escudo contra as setas tiradas de meus inimigos. As armas defensivas, certo é que na ofensa são provadas. Está V. M. agora em ocasião de declarar em meu favor sua virtude. Com tudo, me envergonho de não poder, sem estas mágoas, dar a ver a V. M. o meu coração; porém como elas vivem nele, fôrça é apareçam com ele. Próximo estou ao último golpe; e a experiência dos passados (tam sensíveis) me tem enfraquecido de maneira, que havendo hoje tantas caucas para estar animado, confesso a V. M. me vejo temerosíssimo. Os que nunca sofreram nada, perdem pouco desesperando; mas os que sofreram muito receam justamente perder o padecido e perder-se assi no medo como na esperança. Nesta borrasca peço a V. M. me queira servir de norte. Pode-o ser; pois V. M. já fez o mais, compadecendo-se de me ver entrar nela. Os meios não inculco. Sobeja, para que V. M. deles use, serem-lhe fáceis e possíveis. Com tudo, me atrevo a prometer a V. M. que sôbre ser esta a maior obrigação, e sendo-o sobre as outras, não desespero de ajuntar cá em minha pouquidade um bastante cabedal de reconhecimento, com que a tantos benefícios possa mostrar-me agradecido. Desempenhado não quero eu; porque nunca cuido em viver fôrro do serviço de V. M., cuja pessoa guarde Nosso Senhor muitos anos, como desejo. Tôrre, em 25 de Maio, 1648. [(*Cent. I, Carta 61.^a*)]

A um amigo religioso

Ponho em mãos de V. P. os fracos sinais de meu agradecimento. Se cada um engendra seu semelhante, não podiam ser mais valiosos, de tão débil causa, como eu sou, procedidos. Dar-lhes-á V. P. o valor,

como quis a seu dono. Serão novas e maiores as dívidas, de que só no impossível me será acrédor; porque eu pagarei o possível. Escrevo ao [N.](#) e tardei com providência. Não sei ora se vou a perder aparecendo isso que em presunções havia ganhado acêrca de seu juízo. Emfim, homem sou, que já não devo estranhar o ser julgado; antes dos beneméritos podia à porfia pretendê-lo, de acossado das sentenças do ódio - juiz indigno! Posso ousar, tendo a [V. P.](#) por orador da parte da minha razão ou da minha sorte, se pode ser tudo um. Vai a declamação: novo obrigar a gritos, mas usado sequer aos intentos dos mal-afortunados. As obras portuguesas, elas são como minhas: necessitam do mesmo que eu. E eu sôbre tudo de que [V. P.](#) me deixe estar no próprio lugar de sua lembrança, donde me pôs para se lembrar de mi, suposto haverá já visto quão indignamente. O sermão fico esperando; e com êle vergonha e exemplo; tanto sabem fazer os bons que os maus lhes devam. Nosso [etc.](#) Torre Velha, 25 de Maio, 1648. [(*Cent. I, Carta 62.^a*)]

Ao Embaixador de Holanda Francisco de Sousa Coutinho, sôbre matérias familiares

Bem mais largo e descansado período havia eu mister do que agora me dão dores e trabalhos, para dizer a [V. S.](#) a nova obrigação, em que me põe esta sua carta, recebida em 5 de Junho e feita em 13 de Abril. Darei a ler o meu coração, que sendo tanto de [V. S.](#) (ainda que tribulações o tenham borrado e confuso) não se escusará de mostrar-se todo seu. Nada me deixou em pé esta tormentosa fortuna, senão o desejo de ser muito agradecido. A qualquer das palavras com que [V. S.](#) nesta carta me honra e de mi se confia, não pago nem posso pagar, salvo lembrando-me eternamente delas. Com grandíssima atenção e não pouco gôsto li todo o capítulo que toca aos particulares de [V. S.](#) Também me não faltou bom auditório para aquelas que eu entendi era conveniência de [V. S.](#) o publicá-las. Tenho aqui de alguns dias a esta parte por companheiro [N.](#), que por leve desgosto (já hoje pesadíssimo pelo castigo) que teve [N.](#), veo preso para esta torre. É entendido e está queixoso de alguns maus ofícios; acode gente a o ver; com o que se multiplica a ocasião de introduzir as práticas convenientes acêrca dos procedimentos de [V. S.](#) Deles não duvido que igualmente se conheçam e se desconheçam, porque o tempo vai destas monstruosidades. Grande descanso é fazer as cousas bem. A falsa opinião é um gigante de vento, que com êle crece e dele cai. Tenho para mi que [V. S.](#) tem maior perigo em se saber que em se ignorar seu préstimo. A malícia corre tal (segundo ouço) que a nossa Côrte, não sendo antiga, pode ler e ensinar artes e tretas aos Tácitos e Machiavellos. Não sei que por cá arrebente ninguém de contente. Mas como sempre tive por impiedade tomar alívio dos males [nenh~ua](#) mêninha lhe busco, não lha acho aos meus em o queixume dos outros; antes nessa própria [com~ua](#) se acrescentam. Não há muitos dias que por um framengo, natural de Anveres, que aqui assistiu e se foi por via dêsses Estados (seu nome Lucas Vuosterman), escrevi a [V. S.](#) [~ua](#) carta, que ele me prometeu pôr em mãos de [V. S.](#) e creio o haverá feito, se chegou a salvamento. Nela dizia a [V. S.](#) o que mais breve agora: como, havendo apelado da sentença, se houveram comigo os novos juizes de tal sorte, que me condenaram muito mais: eis aqui os nossos juízos, e nossos juizes. Pudera-me consolar o público escândalo, com que o caso foi recebido. Mas eu me vejo sem fazenda, sem pátria e sem esperança de me ver nela: e a eles em seus tribunais, tão bem acomodados, que ainda farão outra peor, se acharem a julgar outro tão mofino como eu. Todas as razões de me serem infestos representei antes [N.](#), mas não foram remediadas, ainda que não foram desconhecidas. Onde já, a ser o caso alheio, pudera persuadir-me que por outro novo caminho, quanto se tem há dissimulado no meu dano, se pudera haver cuidado no remédio. Porque [PP.](#) até ignorar as sem-justiças, podem dissimulá-las; mas, depois de averiguadas, assi mesmo as farão grandes quando lhes tardem com o castigo. Ora eu, aproveitando-me da faculdade de nossa Ordem, pedi terceira instância, donde ser julgado. Tem-se concedido; mas com o envite de três juizes bem a propósito dos propósitos de quem mos buscou tais, que verdadeiramente nenhum o podia ser, pelo haverem já sido várias vezes. E são, com êstes três, mais de trinta e seis os que me tem julgado: cousa, de que pode ser se não visse exemplo; e menos ainda de que, havendo sido tantos (Deus é testemunha) nenhum acertasse com a justiça, que [~ua](#) só, e dizem que andavam a buscar todos. Esta última sentença está em minha mão dilatá-la, e o vou fazendo: assi pelo benefício, que do tempo podia esperar, como por outras observações; das quais era a de maior consideração esta reposta de [V. S.](#) que esperava. Meus longes tenho de que não haveria dificuldade em que se me comute ao Brasil o destêrro da Índia. Mas eu, emquanto não vir a [V. S.](#) desta

parte e segura sua jornada, por nenhum respeito me adiantarei com o desejo ou diligência. Fico assi informando a V. S. do estado de minhas cousas, e respondendo a tudo que V. S. me faz mercê de advertir e aconselhar. Acrescentarei que, quando os meus interesses não fossem mais que parecer-me poderia ajudar a levar a V. S. aquele peso, me ofereceria eu a êle com muito alegre rosto. Pelo que pode V. S. afirmar-se que a nenhum outro partido (havendo de sair de Portugal) deixarei de seguir a V. S. sempre que mo permitam. Mas porque a minha mofina é tal, que por mais males, que eu espere, muito mais me soem vir, me vem a ser necessário pôr a mira alta ao remédio, a ver se posso ficar onde e como desejo. A êste fim tenho procurado a intercessão da Rainha Regente de França e do Cardeal Mazarino. Confio em Deus, que me não faltem. Nada disto será perfeito, se V. S., sendo-lhe possível, se não puser a coroar com seu valor esta obra, alg~uas cartas do Príncipe de Oranje e dos Estados, que em favor meu recomendem minha causa; cousa que não julgo impossível; e mais sendo V. S. o instrumento, havendo-se já feito para apadrinhar sujeitos de mui diferentes qualidades. Sôbre ter representado a V. S. minha pretensão, pouco me fica que dizer e exagerar, pedindo a V. S. o bom efeito com que neste negócio deve empregar-se; pois além das minhas razões, que são estas, valem mais e poderão mais as que em V. S. há, para me fazer mercê. Menos posso prometer do meu agradecimento. V. S. sem mais interesse tem juízo com que alcance o bem que me fará e bondade com que mo solicite: tudo bem avantajado à minha eloquência. Quanto aqui passar adiante, será demasia. Convem que V. S. de todas as borrascas de mar e terra nos chegue aqui a salvamento; para que nas de cá entre com novo brio; pois, como S. Paulo; não só se guardaram para o mar os perigos; antes põe (a meu juízo) depois os da terra, como maiores, à lei de bom retórico, e por de sumo grau aqueles dos falsos amigos. Monsieur Lanier esteve ontem comigo, e me certificou tinha mais moderna carta de V. S. que esta, a que eu faço reposta: e que nela lhe assegura V. S. está mais de partida. Queira Deus võe êste papel e chegue às suas mãos: e sôbre tudo trazer-me a V. S. com as felicidades que lhe desejo. As Musas dormem, como se foram de Homero, e só no sono o parecem. Assi as Histórias. Aqui temos festas alg~uas perenais. Prometia ser breve e sou a mesma proluxidade. V. S. perdoará tudo junto. E sôbre tudo guarde Deus a V. S. como desejo. Tôrre Velha, 11 de Junho, 1648. [(*Cent. III, Carta 21.ª*)]

A Cristianíssima Rainha Regente de França, D. Ana de Áustria

Senhora:

Aquela piedade, que em vosso real ânimo resplandece, havendo já alumiado sua grande Monarquia, enche tambem de confiança o mundo todo. Aqui nas trevas de um escuro e dilatado cárcere, estou vendo, ò Cristianíssima Rainha, é só vossa grandeza quem poderá vencer minha fortuna. A qual, depois de me arrastar por vários casos e gentes, me trouxe a fazer naufrágio às portas do descanso, a tempo que nem o prêmio nem o repouso me foram ilícitos. Por uma acusação ordinária padeço, há muitos anos, trabalhos extraordinários, fruto da violência de poderosos inimigos. Durou a vida entre eles para ver outros maiores; e como se agora o rigor começasse, sou novamente proibido da pátria, e da esperança de recuperá-la jámais. Tão lastimosa injúria feita à minha inocência, digna empresa parece de que Vossa Majestade a encomende a seu incomparável valor; e saibam assi as nações estranhas alcança tanto a virtude de V. S. Majestade, que não só em seus Reinos, mas nos alheos exercita a direcção de todas as obras boas. Bem competente é, Senhora, ache seu escudo a justiça no braço da consorte de um monarca, que a teve por alcunha. Tudo seguirá vossa prudentíssima vontade, quando V. S. Majestade se haja por servida de amparar-me debaixo do gloriosíssimo seu nome: inclinando-se a interceder com uma afectuosa recomendação, para que se veja minha causa com todo o bom respeito devido à interposição de V. S. Majestade; e não fique sem remédio aquele que soube buscar vosso poderoso auxilio. Mas quem sou eu, ó alta e poderosa Princesa, para que me atreva a valer dele? Sou um pequeno Homem: porém, possuidor de um espírito ousado a prometer, eternizará sôbolo mundo em vozes e escritos os veneráveis atributos de Vossa singular bondade. Cristianíssima Senhora, o grande Deus prospere vossa vida e desígnios, segundo a sua Igreja é conveniente, e estão pedindo os affectos de todos os vossos vassallos e os desejos de todos os devotos de vossa amplíssima Coroa, como eu, o menor deles, não cesso de vos rogar e vos desejo. Majestade Cristianíssima. Postrado às sombras de vosso real respeito. [(*Cent. I, Carta, 3.ª*)]

Dando graças a um sujeito, pela inclinação que lhe mostrava sem conhecê-lo

Dizem lá que onde me a mi conhecem, honra me fazem. Mas eu digo o contrário; tendo teima de que anda errado êste provérbio; porque sempre me fizeram mais honra onde menos me conheceram. Agora me confirmo melhor em tal opinião, experimentando a que V. M. tem de mi; em que claramente se enxerga que, porque me não conhece, me honra tanto. Havendo muitos anos que peregrinava pelo mundo há cinco que estou preso e fora dele. Depois veio V. M. a Portugal; nunca vi, nunca servi em nada a V. M.; sei que, sem embargo dêste desvio, me acredita V. M. muito donde se acha, deseja e procura meu bem com grande afecto. Assi mo fez certo, há poucos dias D. N. de quem sou amigo, testemunhando do que a V. M. ouvira acêrca de minhas cousas. Tornou-mo a significar igualmente o N., a quem sou muito afeiçoado; e lho devo. Parece-me que já agora não podia calar a tamanhas obrigações, sem que ficasse réu de um notável desagradecimento, cousa muito de mi alhea; porque, suposto que a fortuna me tirou tudo o que pôde, não entrou n'alma, donde os bons respeitos tem seu assento. Com tudo, como só com palavras posso, por ora, mostrar a V. M. a estimação que faço da boa vontade, que comigo exercita, vou muito atento nas promessas de meu desempenho; e irei assi, até que Deus queira dar-me algum meio, para que com mais que palavras veja V. M. se empregou em mi bem ou mal os efeitos de sua inclinação. Mas também posso assegurar a V. M. que ainda que estou acusado e serei condenado por mil castas de delitos, nenhum deles toca em esquecimento de minhas obrigações; antes podia ser que os maiores fôsem o ser eu muito lembrado delas. Quem tem de si tal experiência, e sabe não se emendará nesta parte, por mais que o castiguem, bem pode aventurar-se a dar a sua palavra ~ua perpetua memória do que deve. Esta achará V. M. em mi sempre muito fiel; com que já podia ser chegasse a fazer as dívidas maiores, pela regra de que o bom pagador é herdeiro no alheio. Guarde Nosso Senhor a V. M. muitos anos como desejo. Tôrre, de Junho, 1648. [(*Cent. I, Carta 66.^a*)]

A Pedro da Cunha, queixando-se de sua fortuna

Meu senhor: Eu recebi a sua carta, e com ela grande consolação e esperança. Letra e nota e na minha alegria em tudo enxerguei bons sinais da desejada saúde de V. M. Se eu lha desejo, seu próprio coração tomo por testemunha. A ninguém quero mais; a ninguém devo mais. E pois isto por cá corre tanto como há de ser, não se esqueça, senhor meu, de partir comigo de tudo o que lhe dá contentamento ou nojo. Passo no meio de meus porfiosos trabalhos; e vivo, não sei se mais neles, se por eles, ou para eles. Deus me quer dar o cabedal por modos que eu não entendo. Quanto em mi conheço de fôrças, muito há que fora já gastado. Em nada lhe poderei dizer tenho melhora, senão na saúde. Partira eu dela de muito boa vontade com V. M. Ao companheiro dei suas encomendas, que êle paga e estima. Dous amigos da marca velha tem aqui juntos. Os negócios dêste preso estão convalecidos, mas não sãos. Do mundo em que não vivo, não posso, nem quero ser cronista. Lá soarão já as bombardas das novas guerras, os repiques das pazes novas; e cheirárá sôbre tudo o cheiro da canela. Importa-me assaz que se dê essa carta em Guimarães a quem diz, e se cobre reposta. V. M. tem queda para aquela parte, e mais para me fazer mercê: que isto é o próprio cair, na linguagem dos que ma não fazem. Disponha V. M. de modo que eu receba o aviso, que peço a quem escrevo. Meu senhor, sou de todo seu. Escusemos mentiras de indigníssimos cumprimentos, alheos dos que se amam com verdade. Nosso Senhor Deus o guarde e o defenda; e lhe dê todos os bens que lhe convém, ainda que venham em outros trajos. T. V., 22 de Agosto, 1648. [(*Cent. I, Carta 41.^a*)]

Ao doutíssimo varão Manuel Severim de Faria, Chantre de Évora. De correspondência

Poucos dias há, que recebi ~ua de Vossa V. M. e com ela um masso para Manuel de Faria e Sousa. Teve grandes circunstancias de estimada; porque além de eu ver por ela, me estreava Vossa V. M. mandando-me que o servisse naquele pequeno negócio, quis também ser o portador o senhor N. E assi vim eu a receber a alegria da carta e a honra do mensageiro. Hoje me deram outra de V. M. em grande testemunho (mas não primeiro) da verdade com que sente meus trabalhos. Certo, senhor, eu estou em

tal estado que se pode ter lástima de quem tiver lástima de mi; porque são tantas as ocasiões que a minha fortuna lhe dá de compaixão, que sempre êsse tal viveria descontente. As pessoas graves, qual [V. M.](#) diz é a que lhe deu a nova de minha embarcação, ainda são mais sujeitas aos enganos que as humildes. Eu cuido que foi pensão que Deus pôs à grandeza, faltar-lhe a verdade aos ouvidos, para que ninguém desejasse um estado, donde de ordinário falta a melhor cousa que há no mundo, se a há no mundo. E, tornando a mi, digo, senhor, que até o presente se me não ordenou passasse ao Brasil. Já o tivera por grande mercê, por mais que em som de castigo me fôsse mandado; porque os perigos da guerra são mais honrados que os da desesperação: "Não era melhor morrer a ferro que de cautelas?" Fico no mesmo estado em que estava; e só me serve de esperança aquela certeza que tenho de que me há de acabar esta pena o mesmo mal que hei passado e vou passando. Porque êste é fôrça que se me desconte do que está por vir, sequer pelo número dos dias, quando não seja pela qualidade dos acidentes. A carta encaminharei pelo primeiro correo; e [V. M.](#) pode enviar-me quaisquer livros ou papeis, que for servido: que com muita certeza chegarão às mãos do nosso escritor; que para isto e tudo o mais que se oferecer do serviço de [V. M.](#) estou aqui prontíssimo; e poderei como desejo, visto que os grilhões dos Príncipes não chegam às vontades, ainda que se forjem nelas. A minha é e será sempre presa só dos mandados de [V. M.](#) Sobre tudo Nosso Senhor, [etc.](#) Tôrre, 2 de Novembro, 1648. [(*Cent. II, Carta 8.^a*)]

A um varão douto, duvidando-lhe de certa opinião

Ainda eu tenho por mais raro dobrar um sábio à lisonja que levantar um ignorante à sabedoria. Quem pergunta a quem sabe mais que êle, quer saber mais. E buscar a ciência é achá-la. Reconheço o que não reconhecia. Foi venturosa a minha ignorância, e não é a primeira. Não é obstinada; mas ainda tem que duvidar, por ter mais que aprender. Eu hei de pôr o argumento em exemplo natural, se disse bem em lhe chamar argumento, porque verdadeiramente não passa de ser [~ua](#) dúvida, arreigada no meu juízo, que Vossa [V. M.](#) desfará ouvindo-me. Quero dar mais calidade à vitória com a defesa. E sobre que já fui censurado de esquisito, ainda me não arrependo de entender por meu entendimento e não pelos alheos; porque esta diferença vai das cousas que se devem saber pela fé ou pelo entendimento: aquelas só se devem crer sem procurar entendê-las; estas entender-se sem nos contentarmos de que sómente sejam cridas. Não é tão pouco nobre parte de nossa alma o juízo, para que o tenhamos ocioso. Ele nasceu para mandar e não para ser mandado. Todavia o papel não tem segundas razões; e eu não fio tanto das primeiras minhas, que por elas logo espere a vitória. Será bom que nos vejamos e nos ouçamos e fará Vossa [V. M.](#) mais em triunfar da minha razão quando ela se defenda, que quando indefesamente se entregar vencida ao respeito de Vossa [V. M.](#) Os grandes tiveram para si que era um acto e posse de soberania não haver quem lhes replicasse; e eu não acabarei nunca de suspirar a memória de Pontífice Pio Quinto, havendo lido em sua vida, ilustremente escrita por Fuenmayor: que louvando-lhe grandemente certos cardeais as virtudes de um seu criado, êle respondera não só como oráculo de ciência mas de prudência: - Si, bom homem é [N.](#), mas nunca me contradiz. Outro não tal homem como êste santo Pontífice assentara a razão da bondade em o próprio fundamento donde Pio Quinto assentou a razão da dúvida. Eu desejo caminhar por esta estrada, e se por ventura não achar por ela a razão, de quem sou tão amartelado que estimo pela melhor sentença do Séneca aquela malícia com que êle declara "que os príncipes a aborrecem porque é a cousa mais poderosa que eles na Terra". É verdade que conheço também que muitos fazem a sua vontade e lhe põem nome de razão; porque é tal que, ainda as mesmas cousas mal feitas, para que possam aparecer no mundo, convém se abriguem de sua sombra. A êste fim esperava que nos víssemos; mas os meus olhos andam há dias embargados da minha fortuna; quanto mais que as esperanças dos desditosos sempre pronosticam peor que o vosso reportório. Vossa [V. M.](#) pode vir e estar seguro que, ainda presente, havemos de desejar sua vinda. Cá recebi os poetas e os vocabulários, e todos seus conceitos e palavras não podem explicar o meu agradecimento. Meu compadre é meu compadre, ou não sei ou me não atrevo a defini-lo por outros têrmos. Diga-lhe Vossa [V. M.](#) que se é necessário para o ver que eu lhe não queira bem, que folgo tanto de o ver que pedirei a sua dama os moldes de seus desdens, e irei neles vasando mil disfavores até que acerte com um que mais o obrigue. Sou de Vossa [V. M.](#), recebo-o por mestre, desejo-lhe todo aquele bem que se deseja aos amigos. Nosso Senhor, [etc.](#) Tôrre, 8 de Novembro, 1648. [(*Cent. V, Carta 98.^a*)]

A um Ministro de Justiça. De parabens e de rôgo

Duas novas, para mi de grande contentamento, me mandou o senhor N., que neste meu grande trabalho sempre me vai e socorre. ~Ua da mercê, que se nos fez, promovendo a Vossa V. M. ao lugar do Conselheiro... A outra aquele bom ânimo, com que Vossa V. M. se achava para folgar de me fazer justiça. Da primeira dou a Vossa V. M. os parabens, e da segunda os deixo para mi, vendo-me igualmente interessado em ~ua e outra. Porque, pelo mesmo caso que S. Majestade favoreceu e premiou os merecimentos de Vossa V. M., nesse mesmo lhe deu sem falta um novo documento, para que Vossa V. M. a seu exemplo pudesse favorecer e ajudar minha justiça, de quem posso afirmar o não desmerece. Senhor: nas mãos de Vossa V. M. havei de entrar sem liberdade, sem fazenda, sem pátria e sem esperança, que nada disto me deixou o ódio de meus inimigos. Confio na bondade de Deus e na inteireza de Vossa V. M. havei de sair delas com toda a emenda e consolação de tamanhas perdas e sem razões, como as que em mi se tem exercitado. Tomo ao Céu por testemunha de minha causa; e me certifico tomará êle a Vossa V. M. por instrumento de meu remédio; fazendo também suas a dívida e a paga do que Vossa V. M. nele obrar; cuja pessoa, guarde Nosso Senhor muitos anos. Tôrre, 10 de Janeiro, 1649. [(*Cent. I, Carta 52.^a*)]

A um Ministro, acusando-lhe a porfia de seus trabalhos

De largo campo necessitavam as minhas desculpas, se as eu quisera pôr em campo. Desejo antes ser perdoado de V. M. que justificar-me. Esta fortuna pesa-me já muito. Quem deterá a fúria de um braço poderoso e desarrezoado? O hábito de sofrimento, em que eu pareço professo, rompeu-se por seu mesmo uso. São tantos os cuidados, que arrebatam todo o cuidado. Se êle é seu, naturais são logo os meus descuidos. Ando em vésperas do dia do meu juízo. Temem-no os inocentes e os culpados, porque é juízo de homens, às vezes sem juízo. Os tribunais de Deus são horrendos aos reus e aprazíveis aos inocentes. E todavia ainda assi o seu Job e o seu David, um pedia o apartasse de sua face, e o outro que o não chamasse a contas perante ela. Os tribunais dos homens, não sei se são às avessas. Suspeito-o e experimento-o. Nessa maneira de vida, poucos acertos se podem esperar de aquele que a padece. Vem aqui os preceitos da filosofia. Senhor, que importa, se primeiro somos homens e depois filósofos? Assi primeiro costumamos padecer as tribulações que atinemos com a consideração do remédio delas. E quantas vezes a vontade não obedece ao entendimento, tantas sai vencida a constância do temor. Nunca Deus queira que V. M. conheça, nem deixe de duvidar, à minguia destas experiências, o certo de tão custosa doutrina. Não se disse por esta o melhor é experimentá-lo que julgá-lo. Finalmente, ando lidando com êste último têrmo de meus sucessos; e asseguro que me não tem menos penoso a incerteza que o rigor. De França hei u~ma carta de el-Rei Cristianíssimo, em recomendação de minha causa. Provavelmente irá ter a mãos de V. M. e provavelmente não perderá sua fôrça na tradução. Eu a retenho, por esperar a oferecê-la mais perto da resolução. Quando haja de ser, prevenirei a V. M. por que possa gozar do socorro, que em seu bom ânimo tenho seguríssimo. Senhor, se ponho os olhos no que tem padecido o nome e fama de tantos escritores famosos na detracção dos leitores, digo a V. M. que cuido que, por zombarem de mi, dizem só tão pouco aqueles que censuram os meus escritos. V. M. os deixe cortar e retalhar; que eu estou já insensível, por virtude das cicatrizes ~Uas mágoas me defendem de outras. Aqueles, que com bom ânimo nos repreendem, certo muito devemos. E àqueles, que com ruim nos murmuram, esses maior ofensa fazem contra si que contra nós. Deus me deu suficiente conhecimento de minha ignorância: isso só, quando muito, terei de sabedor. Dias há, que pudera enviar a V. M. a Segunda parte; mas houve certo embaraço nos despachos do Paço, que, por esperar se desfaçam, não está ainda corrente. Eu sou tão interessado em que V. M. me lea, quanto vai da calidade do êrro à da emenda. De aquele negócio, sôbre que avisei a V. M. há dias, espero uns papeis, que hão-de vir de fora. Eles chegados, entraremos nele. Agora é o meu maior negócio pedir a V. M. se não esqueça de mi; e igualmente em me fazer mercê que em me mandar-lhe faça muitos serviços. Nosso Senhor guarde a V. M. muitos anos como desejo. Tôrre, em 13 de Janeiro, 1649. [(*Cent. III, Carta 100.^a*)]

De galantaria, a uma religiosa parenta

A V. M. para lisonjeira não lhe falta nada; porque para tudo, nada lhe falta. Mas também por outra parte torno a dizer que as lisonjas não se fizeram dos grandes para os pequenos, senão às avessas. Parece-me que mais será isto agora querer a fortuna castigar a V. M. enganando-a comigo, por alguns desenganos, que V. M. outros tempos desse a quem lhos não merecia. Seja o que fôr, a mi me está tão bem que V. M. me tenha em boa conta, que não determino por agora mostrar a V. M. que tem errado as contas no caso que faz de mi. Quanto mais, que não é para ter medo que falte quem a V. M. mostre é tão mal empregado o favor que me faz, que eu me veja livre dêsse cargo de consciência. Eu cuido que virei a ser aquela Dona atrevida, doce na morte a agra na vida, que nos contam quando pequenos; porque havendo vivido tão longe do que a V. M. devia, agora no cabo da jornada, quando já não sou gente, venho a conhecer estes mistérios. Estou para gritar sobre V. M. "aqui del Rei!", porque sendo ~ua criatura deixada do mundo, me força V. M. com a vida e com a esperança, a quem por fôrça me quer ver tornado. Ora sendo eu de V. M. assi qual sou, pouco escrúpulo me fica de parecer garrido. Frasqueirinhas a mi de França, com águas de cheiro! Hui, senhora! não faça isso. Mande-me V. M. bons conselhos, com que vá passando meus trabalhos, e não queira trazer-me à memória que houve regalos na vida, e que perdi eu os de V. M. Mas sobre tudo, se V. M. o manda, não digo eu perfumes, que são fumos, mas até esperanças, que são pouco menos, serão aqui mui bem recebidas. O meu feito está no último rezoado. Nessa ocasião nos podia ser bom, e muito bom, o N. Sirva-se V. M. de lhe querer pedir veja aquele processo; que um toque de Apeles val mais que muitos trabalhos de outra mão. Se fôr antes que eu tenha escrito, poderá advertir-nos, se depois, emendar-nos. Aqui remeto a V. M. a cópia da carta de aquele Príncipe, que é tão cortês e tão galante, como se êle se criara no regaço da senhora Abadessa N. Tenho muito que escrever, e o escrito não é pouco. Perdoe-me V. M. no que falto e no que sobejo. Nosso etc. Tôrre, 17 de Janeiro, 1649. [*(Cent. V, Carta 7.ª)*]

A um Ministro que assistia nas Côrtes do Norte

Depois que V. M. se partiu dêste Reino, tenho eu muito fielmente contado os dias da sua jornada e procurado saber dela as novas que desejava. De casa do N. me avisaram havia noticia de que a nau em que V. M. fôra chegara a salvamento. Creio eu que sem nenhum artifício haverá V. M. entendido quanto estimaria esta boa nova, e quanto estimarei mais a certeza vendo-a acompanhada de letras de V. M. e muitos empregos de seu serviço, para que não faltarei em nenhuma fortuna. Bem quisera ter uma boa razão que desse de mi a V. M. Mas se não é haver diminuído da vida e dos trabalhos dela, estes meses mais, nenhuma melhora em mi conheço. Os que em tudo sabem melhor me querem persuadir há razões para ter esperanças de melhoramento. Cedo se verá o desengano, porque em breve haverei de ser julgado. Se a jornada que dizem fará a Baía o senhor N. tivesse efeito, de que muitos duvidam (e eu com os muitos), bem me parece que ou por comutação, ou por outro respeito, me fariam pôr daquela parte. Isto é cousa que não está em minha mão; mas o que nela está, é que se lá fôr, e aonde quer que fôr, terá Vossa V. M. um servidor e amigo muito fiel e afeiçoado. De alg~uas causas por aqui moderadamente sucedidas, dou particular aviso ao Senhor Embaixador, supondo que ali mesmo as logrará Vossa V. M. Elas, pelo que são e por serem por mi escritas, servirão antes para desenfado, que para aviso; porque nas mais destas, sigo de melhor vontade ao filósofo que ria que ao que chorava. De tudo queira V. M. pagar-me em ouro esta pequena dívida, ainda que em moeda tão de cobre se recebe o empréstimo: repartindo comigo dessas grandes cousas, que por lá soam, se vem e observam. Nosso N. consiste todavia em seu retiro, com vária e cuido que peor saúde, mas grande conformidade em seus sucessos. Só isto lhe faltava para ser comparado aos grandes homens de antiguidade. Aqui tenho de novo impressos dous livros, que com esta remeto a V. M. Bem vejo são diversíssimos do estilo político; mas também sei que por fazer companhia aos amigos exercitam os homens cada hora aquilo em que tem desgosto. Se por lá houver algum afeiçoado à língua espanhola, como dizem os há agora à nação, pode ser que lhes dê seu lugar, emquanto não aparece o meu Teodósio, que não me correrei de mostrar aos professores da História e da Política, e com mais confiança quando tenha a V. M. por padrinho. Peço a V. M. com todo o encarecimento não me falte com sua memória; porque quanto mais longe me lançar êste braço forte da minha desgraça, mais necessitarei do alívio de me ver lembrado de V. M. Creio que ao partir de V. M. fiz certas lembranças e

rogativas para alcançarmos alguns bons ofícios dessa Côrte em meu favor; eles podiam hoje chegar a muito bom tempo, e ainda que dous e três meses tardassem; porque juntos ~ua honrada intercessão del-Rei Cristianíssimo, seriam de particular efeito. As encomendas daqueles dous ou três livros torno a fazer, assegurando boas correspondências no retôrno, e em os géneros que já lhe forem a V.M. mais aprazíveis. Acabo significando a V. M. e protestando não tem V. M. mais verdadeiro amigo e servidor do que eu lhe sou; e que como tal espero ter em V. M. sempre seguro aquele bom ânimo, com que por ele mesmo foi servido de me dar esta confiança. De saúde não fico avantejado, de liberdade sim, outra vez de posse das mesmas permissões que tinha de antes; e para me dedicar todo ao serviço de V. M. saiba, senhor meu, que estou solto e livre; porque a alma não está na Tôrre Velha. N. S. etc. De aqui, em 29 de Janeiro, 1649. [(*Cent. II, Carta45.^a*)]

A um Ministro francês, congratulando as boas novas que lhe mandara de aquela Corôa

Concedamos às boas novas o antigo costume de serem vagarosas. Tardem embora as de França, e sejam tais, quando vierem, que nos paguem a ânsia com que as esperamos. Das premissas da concórdia que por Holanda chegaram, me contento. Mas muito é que gente tão nossa desafeiçoada nos traga um presente assi agradável. Queira Deus que se alg-ua vez falarem verdade, agora seja. Aos bons espíritos, Monsieur, qual o vosso, servimos pedindo-lhe, como nem dando-lhe aos maus podemos satisfazer. Eu não posso ser-vos bom de outra sorte, porque vivo em fortuna mísera. Faço-vos porém maior serviço que posso, dando-vos ocasiões de me fazerdes mercê. Em italiano tenho todas as obras de aquele francês grande Pedro Mateo; e em espanhol parte. Não é precisa a necessidade de o ver em sua língua própria; mais era curiosidade e desejo de o admirar em todas as línguas. Não vos dê, Monsieur, algum cuidado, além do que passasses dele à inculca. Mando a um pagem meu que vos siga; e quando, senhor, vos servirdes de mandar escolher algum chapéu, leva maneira com que possa obedecer à ordem que acêrca disso lhe derdes. Um de Castor e outro de Vicunha tomarei, que por eleição vossa, me serão mais cómodos e honrados, muitas vezes assi dignos de os pôr na cabeça. Estupendo crime cometeu a malícia de aqueles pérfidos homens, a quem tal nome mal parece; monstros dissera melhor. Eu beijei a mão a el-rei Carlos duas vezes em Londres; e, por esta honra que dele recebi, estou de novo na n'alma escandalizado e afligido. Não há buscar exemplo a tamanha maldade, para que assi fique a maior. Queira Deus que nunca ela tenha exemplo; vingança, si. O meu Teodósio desejo assaz de fazer público; mas esta minha vida é mais para lágrimas que para escrituras. Sôbre tudo, senhor, vos guarde Deus, como lhe rogo. Tôrre, em 9 de Março, 1649. [(*Cent. I, Carta 59.^a*)]

De vários avisos, a um parente

Não me faltava que vos escrever; tempo si, em que escreva, porque ando atrasadíssimo com minhas correspondências. Se houve N. dormente no mundo, foi êste nosso amigo. Pois agora vos eu digo que êle acordará, por mais bombardas que se disparem em N., de quem eu tenho achado que tem tal virtude, que aos vizinhos espertam, aos apartados adormecem. Luminárias ouvi que houvera em tal parte. Elas serão mui honradas, mas de mui pouco proveito. E ainda mal, porque não serão só essas; e ainda bem, se para todos fôrem de ouvida. A carta anda já tão mandadeira que êsse homem, que a todo o propósito me persegue, me persegue já por ela muito de propósito: dando por desculpa quer concluir êste negócio antes que me chegue um favor de França. Estou para lhe mandar dizer que se não canse, porque já é chegado, mas que não importa. Lá vos mando prover de um triste livro. Infinitos erros tem; e bô fé, que não sei se êle todo. Mas no primeiro dia em que saiu se gastaram trezentos volumes, que não é mau para lhe não ficar de todo o engano às costas a seu autor. Se a Diana apareceu já por esses montes, bem podeis mandá-la para estoutros à caça das raposas, que ficaram em lugar das baleas; porque nos vem até a porta à tomar das mãos o pão que não temos, contra a ordem do senhor governador N., que é bem grande atrevimento. Já sabereis a triste nova do como a nossa N. deu libelo de repúdio ao seu N., de que êle chora tanto como os outros se estão rindo. Boníssimo carão vamos

aqui criando. Olhai o que fará por seus pecados quem assi chora pelos alheos! Digo-o tão cruamente, porque não falta quem diga que a noiva fôra melhor para noivo, o noivo para noiva, e ,ambos peor, como dizia o Moreno. Deus vos guarde. De aqui, 15 de Março, 1649. [(*Cent. III, Carta 72.^a*)]

Sôbre várias matérias, a um Ministro que assistia em as Côrtes do Norte

De 25 de janeiro dêste ano, é a primeira que recebi de V. M. dêsses Estados; que eu já, como pude, havia solicitado, escrevendo outra, que há dias remeti a V. M. por via do N. Foi bem conforme esta lembrança, que V. M. de mi teve, com o que eu de V. M. esperava. E se nos mofinos houvera merecimento, também me estendera a dizer que com o que eu a V. M. merecia. Não me espanto que pelo mar corram perigo os homens: e bô fé, senhor meu, que se se medirem com os que se correm na terra, que o mar não ficasse de todo infamado; antes havido por um amigo fidelíssimo. S. Paulo o fiador, e a experiência a doutrina. Tive dor, sôbre espanto, do que V. M. me avisa acêrca dos inconvenientes que achou nessa Côrte, na pessoa de que menos os esperava. É V. M. testemunha de quão interessado sou nessas matérias por ambas as partes. Assi me fica só para desejar, como verdadeiramente desejo (e procurara, se pudera) que hoje esteja tudo muito acomodado; e vejamos pode o juízo sôbre todas as paixões; e que os portugueses perderam já aquela ruim manha passada, que não sei se todavia lhes dura. De que assi seja me peça V. M. alvízaras; porque nem para tais negócios nem para tais pessoas podia tirar-se outra cousa, que cumpridos desgostos e danos irremediáveis. Há muitos dias que não tenho carta do senhor Embaixador; mas, sem embargo, lhe hei escrito; e continuarei em fazê-lo, entendendo quantas ocupações aí lhe tirarão o tempo e liberdade de poder comunicar-se-nos. Veio inteiramente qual foi a lembrança de V. M. em todos os meus particulares; por que sempre lhe serei reconhecido. Espero fazer de sorte que não deixe em vão as promessas de V. M. e de que meu nome venha à memória do Senhor Dom Luis, sendo V. M. o instrumento; é tão grande a dívida, que não sei melhor modo de pagá-la, senão fazendo eu pelo do senhor Dom Luis tanto que tenha ele que agradecer a V. M. a inculca que lhe tem feito do bom ânimo dêste seu servidor. Na ocasião que tive de escrever do senhor Dom Antonio vai feito como convém. Quando se veja em público, espero se conheça quais são os meus bons respeitos. Nestas últimas naus recebi a prometida mensage de aquele preso, a quem largamente respondo; se bem não como quisera, porque muito particulares desgostos me arrebatam o juízo de feição que nem a eles nem a minhas obrigações posso acudir como devia. De novo me é V. M. acrédor da mercê desta correspondência, que eu sôbre todas estimo e prosseguirei fielmente. Parece justo dar a V. M. conta de mi (oxalá pudera ser também entrega). As naus da Índia se foram e me deixaram cá ainda por julgar; mas creio se tomará comigo brevemente resolução; e haverei de ir a parar naquele Brasil (a que nunca fui afeiçoado, digo a Deus minha culpa), porque havendo-se ajustado o senhor Conde N. a aceitar seu govêrno, deseja levar-me; e se entende que será possível. As grandes novas dêste país lá devem de ser sabidas melhor que cá. E as pequenas, nem cá nem lá importa que sumariamente se não saibam. A Índia partiram duas boas embarcações. De nenh-ua veio. Intentaram-se Côrtes em Tomar, e Capítulo geral da nossa Ordem. Houve causas para se suspenderem. A peste, que corrompe Andaluzia, ameaçou o Algarve e parou milagrosamente. Os castelhanos, namorados de Olivença, se fiaram de alguns pescadores de Guadiana, com que assentaram trato; foi descoberto e eles punidos. N. a salvamento, mas perigou no porto; N., dessatisfeito do tempo de sua vinda, lhe negou audiência. Ele assiste em sua casa, nem bem preso, nem bem solto; porém bem. Morrem grandes senhoras e grandes Ministros; o visconde foi enterrado ante-ontem. Emfim, senhor, o mundo está, pouco mais ou menos, como V. M. o deixou. Fui, por Roma, informado de Puteano, na mesma forma que V. M. me fez mercê. Dos livros não faço lembrança, porque sei não é necessária para que V. M. se lembre de mi. E mesmo da carta do Príncipe, quando haja lugar, se bem creio que, não vindo agora, seria tarde; porém útil sempre. Com as naus passadas remeti a V. M. dous livros meus, de novo impressos, que tenho por menos enfatiados aos presos que aos soltos; porque cada cousa se recrea com seu semelhante. Se por lá aparecer algum dêste gênero, por mais que seja tão pio como aquele bom vizinho do Padre Soler, faça-nos V. M. mercê de reparti-lo. De novas o seguinte...

Parece-me que para limoeiro do têrmo, bastam e sobejam. V. M. me continue em sua memória; porque do contrário me queixarei muito; e da própria eleição e promessa de V. M., cuja pessoa guarde Nosso

Senhor como desejo. Tôrre, em 4 de Maio, 1649 [(*Cent. I, Carta 64.^a*)]

Desafogando suas paixões com um amigo ausente

Não podia eu, certo, receber a mercê desta carta de V. M. a tempo que por ela ficasse mais obrigado; porque me chega na ocasião, em que de novo padecço tão penosos accidentes, que à alma e corpo me alcançam. Assi fico igualmente devedor à benevolência que à providência de V. M., que de longe soube acudir-me com a triaga contra esta peçonha dos pesares, de que vivo há cinco anos oprimido. Por esta mesma causa me desculpo (ainda mal porque com tanta) de me não haver posto sequer a provar se podia com mais concêrto pagar a V. M. a confiança que fez de mi. Pagar de todo, bem sei eu me seria impossível; mas de um coração esquartejado, que pode esperar-se senão medo e sangue? E quando mais, escarmento. Desde que tive noticias dos trabalhos de V. M., que foi bem antes que mas desse o N., soletrei nelas suas boas partes: tão unido anda isto, em minha opinião; e só a mi não valeu o ser inútil para deixar de ser mofino. Os parentescos da fortuna são mais apertados que os de sangue; e eu por esta parte senti sempre (crescendo com as informações) o que V. M. padecia. Não sou de aqueles impios, que acham alívio no mal alheio; quanto mais que não é alheio aquele dos a que bem queremos. Quisera perguntar a V. M. mas não ousou: Qual é maior martírio, se o ser perseguido dos naturais, se dos estranhos? É verdade que entendo que de tudo podemos ambos dar razão. Sem embargo, neste caso não tivera por demasia vencer eu a V. M. Cinco anos há (como disse) que habito em cárceres, e com tão pouca esperança de melhoramento que moralmente espero do porvir me faça ainda esta vida saúdades. Veja V. M. se podia achar tão proporcionado correspondente? E se em mi, nas mais partes, para o ser de V. M. houvesse a mesma igualdade, só me ficara para desejar ter a dita de sabê-lo servir, muito em proveito de seus negócios; que, segundo a prática que aqui houve do N., bem me parece não faltarão desta banda ocasiões, em que V. M. necessitasse de amigos. Crea V. M. que aonde não alcançar o poder, alcance, e passe mais adiante, a boa vontade. E que será assi sempre que V. M. me puser nesse exame. Confessarei a V. M. facilíssimamente fui desde moço afeiçoado a êste genero de letras, que em bom português chamamos trovas. E, como cá dizemos que quem o Demo ~ua vez, sempre lhefica um geito, eu o não perdi nem por haver perdido tudo quanto tinha e quanto podia esperar. Envoltas às vezes a ociosidade e malanconia, guisaram aqueles fracos poemas, que V. M. lá viu e perdoou, pelo tempo em que estava. Podia suceder que, se eu soubera tinha tal auditório, ou me calara ou falara de melhor maneira. Porque o senhor Embaixador, a quem eu os dirigi, por meu amigo e mestre, me deu muita ocasião a que para com sua pessoa me descuidasse. Soube aqui dele tivera a V. M. por ouvinte. Sofri-o; porque creio que os sábios ensinam castigando. Desta certeza me valho para me não dar por corrido de lêr V. M. os meus livros. Já lá serão outros, que há dias remeti ao N. Aqueles, pela matéria moral, e ainda divina, haverão merecido a V. M. indulgência para a linguagem. Eu fico assi reconhecido da repreensão, que havendo começado um livrinho em castelhano, o tornei logo a português, em que o prossigo. Mas posso certificar a V. M. que já antes tive assaz de sentimento, porque N. cometido o historiar a vida do N. seu pai, me não deixou liberdade para que eu pudesse escrevê-la em nossa língua. A obra é grandíssima; necessita de mais anos e mais gôsto, do que de vida me promete o pouco gôsto com que vivo. Com tudo, dou a V. M. minha palavra de que será pública a emenda; suposto que não quisera me devesse mais a Pátria, pela não fazer de novo ingrata contra mi, quando vejo me paga tão mal êsse pouco, que por outras vias me deve. Tenho visto e revisto esta égloga de V. M., tão raramente engenhosa, quanto V. M. conhece. Pela parte que nela tenho, digo quis V. M. e pôde tirar ouro da escória de Énio; e pela do senhor Embaixador, que felizmente se atreveu V. M. a tirar a clava das mãos a Hércules. Agora vejo que aquilo que V. M. diz é o que eu devia dizer, mas não soube. V. M. fez tanto mais em emendar-me do que eu em haver acertado houvera feito, quanto vai de encaminhar um errado a não errar o caminho. Os sonetos divinos me pareceram divinos sonetos. Prossiga V. M. em tirar ouro, já que Deus lhe deu mina de aquele mesmo metal, de que aos melhores, quando muito, ~ua vea. E da mesma sorte prossiga V. M. em me enriquecer de suas obras, que o meu amor e a minha pobreza assi lho pedem. Eu tenho aqui um volume de versos portugueses, e tanto, que parecem escritos há duzentos anos. Desejo estampá-los limpamente, e com o meu nome, à diferença dos castelhanos, que creio sairão à luz brevemente com algum suposto. Muito quisera que a impressão se fizesse nessa terra; mas à falta de correcção me detenho. Se a assistência de V. M. desse lugar à emenda e a alcançar o fim da obra, não me seria

difícil mandar lá o original, bem castigado, para que V. M. dispusesse sua estampa; e com ele faria ir os efeitos de seu dispêndio. Sirva-se V. M. de me avisar o que neste negócio deverei fazer; porque ainda que me não ache nesta lugar a resposta, sempre nela deixarei ordem, que se obedçam as de V. M. neste e nos mais fins de seu serviço. Das águias se diz levantam algum animal no alto, para o deixarem cair. V. M. não seguirá êste exemplo; e pois me subiu à sua lembrança, confio me não solte dela. De mi prometo que em qualquer estado serei um mesmo para servir a V. M. e sempre êste. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor e livre a pessoa de V. M. como fico desejando. Tôrre, em 7 de Maio, 1649. [(*Cent. I, Carta 63.^a*)]

Informando de sua justiça ao Doutor Diego Marchão Temudo, seu juiz

Entre tudo o que está à conta da Providência de Deus, nada lhe é mais próprio que os fins de todas as cousas, donde elas recebem o ser e a perfeição. Quando considero que, depois de tão vários sucessos ordenou N. S. que esta minha causa viesse ter seu último tẽrmo nas mãos de V. M. e fôsse tal ministro o derradeiro que sôbre ela desse seu parecer, creio que com particular atenção quis o Céu dar bom fim a êste processo; e não só amparar-me da violência de meus inimigos, à sombra da justiça de V. M., mas também com sua benignidade consolar-me para qualquer resolução. Porque isso tem de grande bem aquelas acções, que por justos instrumentos se obram: ~ua secreta satisfação aos mesmos, a que são contrárias. Quando Deus não seja servido de que eu descanse ainda de tantos trabalhos, como padeço nesta dilatada perseguição, e outros de novo se me ordenem, terei sequer por alívio o entender que assi será justo, e que em minha nova condenação entraram ânimos inteiros, e desejadores de acertar com a verdade. Devo, como cristão e como homem honrado, procurar esta conformidade; a qual espero conseguir, N. Senhor. Mas também pela mesma razão que estou oferecido a levar com modéstia qualquer infortúnio, me vejo obrigado a pôr diante de V. M. com estas letras, a última e lícita diligência de qualquer afligido. Certifico-me não se cansará V. M. de que eu lhe represente meu estado; e para que eu o represente não é necessário mais que pedir a V. M. se lembre dele. Quais foram os princípios de minha desgraça; as circunstâncias dela; como é falido o juízo dos homens; quantas verdades se não podem justificar; que ofícios fizeram meus inimigos; o que podiam, quem eram; que vejo sôbre mi de calúnias; qual foi a temperança com que se suportaram; quão rigorosas as sentenças; respeitos que nelas foram públicos; que tão grande ruína é a que estou padecendo. Não me ficou fazenda, nem saúde para ganhá-la, nem merecimento, nem esperança de consegui-lo, nem pátria, nem terra donde não viva miserável. Parece-me a mi, senhor, que são todas estas lembranças bem dignas de serem presentes a quem julga como Deus manda que se julgue. E se as Leis não tiveram moderação e consideração, eram logo desnecessários tantos livros, tantas grosas, tantos Doutores, como acêrca delas vemos. Pois quando às justas meditações se houvessem de alg~uas de equidade e congruência, recebidas pelos bons e pelos sábios, também se vê que elas não desfavoreceriam minha causa. Posso provar com o mundo, não sou nele o mais escandaloso ou mais inútil. Foi Deus servido de me alg~ua luz, com que de muitas maneiras pudesse servir ao Príncipe e a pátria. Não é meu natural tão indômito, nem tão desaproveitado, que me escuse de fazê-lo, como posso. Pode-se esperar de mi o farei com ventajem, quando melhor me fôr possível. Pois se ao referido acrescentamos os exemplos (nas cousas humanas tão poderosos, que as mais delas por eles se governam), veja V. M. se me compete alg~ua conseqüência. Não é por certo meu ânimo acusar culpas ou desgraças alheas, nem valer-me delas por escusar as minhas; e muito menos estranhar a grandeza e misericórdia dos Príncipes, que antes aprovo e louvo; mas sómente usar dêstes casos na maneira decente; mostrando que, assi como neles haveria justíssimas causas para se proceder desta maneira, assi também em meu caso são muitas as que concorrem para que com minha justiça se possa ter conta e de minha pessoa não seja ilícito ter compaixão: mormente quando os acidentes próximos tem postrados os medos, desmentindo as imposturas, com que me ofendiam meus contrários. O bom médico não tira pela lanceta todo o sangue, posto que seja pôdre. Manda a prudência, como mestra de tudo, em parte aliviar e em parte temperar. Da mesma sorte, o juiz e o bom Príncipe, a cuja conta está a saúde de República, castigando e perdoando, a conserva. O contrário seria enfraquecê-la, e às vezes matá-la. Tomei esta primeira e derradeira confiança de falar a V. M. em tal forma; porque, suposto que nesta cova estou sepultado há tantos tempos, são tais os benefícios, que de V. M. recebo, que ainda desde tal lugar os

reconheço, sendo de mi tão pouco merecidos, que nunca tive a sorte de ouvir a V. M. ~ua palavra, nem de haver dito outra em sua presença. Tudo me ~ua certa esperança de bom sucesso: porque aquela interior fôrça, que a V. M. moveu a se compadecer de mi, fará como possa ser tanto na obra, como no desejo. É certo que pelo mesmo movimento está V. M. obrigado a fazer mais que os outros. E isto de confirmar os irmãos e companheiros, é cargo que Cristo deu ao maior de seus discípulos. Onde parece que deixou mandado a todos, que com o melhor espírito ajudássemos a nossos iguais; pois é ~ua das partes, com que devemos agradecer a Deus os avantejados dotes, que nos reparte. Porque avareza seria gozar o que melhor entendemos só para nós, sem comunicá-lo aos outros. Os Ministros, que com V. M. me hão de julgar, por letras, por cristandade e por honra, espero eu deles aceitem qualquer discurso de V. M. a êste propósito encaminhado. Afirmo sôbre tudo a V. M. que por toda a minha vida deverei sua melhora e emenda de minha fortuna ao ânimo de V. M.; e quando não seja o remédio, deverei igualmente o desejo de ser por V. M. remediado. E que a tudo corresponderei com um perpétuo e fidelíssimo reconhecimento: pedindo (como agora a V. M. o perdão de ser tão largo) sempre a Deus guarde a V. M. e lhe dê todos os acrescentamentos e bens, que sua poderosa mão pode conceder-lhe. Tôrre Velha, 27 de Maio, 1649. [(*Cent. II, Carta 3.^a*)]

De várias matérias, a um parente amigo

Meu primo e senhor: Vem tão adoçadas estas novas, que V. M. me manda de nosso parente, com as que V. M. de si me dá tão boas, que eu à sombra destas aquelas sinto menos; tendo porém tanta pena dos males N. e sua casa, que só com ver a V. M. deles livre pudera aliviar-me de um tal sentimento. Espero que com a mudança melhore; ainda que para a gente de bem não é boa mêninha o mudar-se; mas é do costume, para as mudanças do tempo. Não se espante V. M. de que viva de artifícios um pobre casado com mulher matrona, que governa toda a casa, até o marido. Muito é que a N. não saiba ainda da jornada; e ele quererá ser como Hércules, que para vencer Anteo foi necessário tirar-lhe os pés da terra. Assaz lastimado ando do que me dizem N.. Prometo a V. M. que, se foi, é perda mui considerável; porque tinha raros dotes aquele nosso parente; singular ânimo e amizade. Não sei como havemos de ser; porque nem maus nos sofrem nem bons nos estimam, nem maus nem bons não prestamos para nada. Mal fazemos, deixando-nos enganar de um mundo, que nos não quer enganar. Tenha V. M. sempre presente esta consideração; e viverá gostoso e satisfeito da ocasião que Deus lhe dá para viver quieto. O meu negócio está para se ultimar cada dia dêstes. Faça-me V. M. encomendar a Nosso Senhor e ao senhor S. N., que quem foi pai dos órfãos, não se desprezará de o ser dos desvalidos. Muito menos trabalho custará a V. M. e ao N. virem aqui muitas vezes, que lhes deve de custar o buscar razões para não virem; e tanto à minha custa, que não só me condenam em os não ver, mas levantam testemunhos falsos à minha pobre pobreza. Façam VV. MM. escrúpulo dêstes roubos e restitua-me a honra da temperança de filósofo e a graça de seu valido; que eu lhes perdoarei logo, oferecendo-me até a ser muito tacanho, por servi-los e vê-los a VV. MM. e mais por obedecê-los. As cartas torno; e torno a pedir a V. M. me conceda o que há tanto lhe peço e pedirei sempre: que V. M. me conserve em sua lembrança. E sôbre tudo guarde Nosso Senhor a V. M. muitos anos, como desejo. Tôrre, em 17 de Junho, 1649. [(*Cent. I, Carta 67.^a*)]

A uma parenta, sôbre negócios familiares

Eu confesso de mi que, havendo sempre sido para pouco, agora sou já para nada. Não ando gente estes dias; porém nem por isso deixam os desgostos de me tratar muito como a gente. Foram tantas neles as ocasiões de descontentamento, que de todo me levaram de mi isso que de mi ainda havia. Dizem-me que estão muito no fim estes meus negócios. Quando o fim estava longe, só me empregava em desejá-lo; agora, quando perto, em temê-lo. Esta, creio eu, é a condição de toda a cousa importante e duvidosa. Parece-me que devia em consciência não desamparar-me, já que Deus foi servido de me dar paciência, para que até agora me sofresse. Desde ante-menha estou escrevendo; vejo poucas repostas; alcanço menos. E certo entendo que advertidamente a Gentilidade constituiu oráculos os bronzes e as pedras,

porque já que a uns não haviam de responder e haviam de responder mal a outros, necessário era que desde logo se levasse sabido que eram pedras e bronzes os perguntados, para que o mundo não caísse na desesperação em que eu agora me vejo. Emfim, senhora, como digo, para me molestar me sobeja o tempo que me falta para ocupar em minhas obrigações. Mas como o tempo tem por dívidas suas estas minhas moléstias, não é muito que a si se não falte e faça como eu sempre fique em falta. Ora, como a procissão vai já no cabo, bem se pode sofrer que vá quebrada e que me quebre a cabeça também. Peço a V. M. me ajude a parecer agradecido N., porque, sem eu lho merecer, me favorece à reveria. Em minha vida creio que o vi nem felei jámais. E bem pode ser que por isso mesmo me trate tão diferente do que os que me conhecem. Seja louvado Deus, que permitindo me deixassem aqueles que mais me deviam, ordena que os que nada me devem sejam os que me ajudem. Veja V. M. quanto há que a detenho, para quem se queixa de pouco tempo. Depressa me desmenti. Nosso etc. Tôrre, 26 de Junho, 1649. [(*Cent. V, Carta 14.^a*)]

Ao Bispo do Porto D. P. de Meneses, pedindo-lhe o ajudasse em seu despacho

Senhor, nenhum miserável pode ser cortesão. Apenas servi ontem a V. S., já vou pedir hoje que me pague. Mas por certo a paga que eu peço também é serviço; porque dar ocasião a que V. S. ~ua coisa tão boa e justa, quem duvida que é servi-lo? Senhor, qual seja o meu estado, V. S. o sabe; mas se particularmente lhe referisse o que eu estou padecendo, V. S. se admiraria, como se o não soubesse. Todo o meu bem e remédio presente consiste em que se me despache a consulta, que já terça-feira desta semana subiu. Eu sou tão desvalido como se vê, e tão perseguido, como se sabe. Onde, pois, melhor que em valer-me, poderá V. S. empregar seu ânimo e a graça que Deus lhe deu N.? Há seis anos que estou preso; fui sempre pobre e peregrinei por êsse mundo a fim de ser homem honrado; não tenho algum humano meio para me poder sustentar aqui. Com as premissas de que haveria de seguir o N. ao Brasil, me acabei de destruir, empenhar e carregar de novas obrigações. Estes sinais foram de um, foram dos muitos, foram de todos. Eu não errei, nem cuidei ligeiro, havendo observado e nenh~ua coisa peço senão que a consulta, que está em cima, se despache logo; e N., por sua grandeza e grande justiça, mandar-me tirar de aqui, e que comigo se acabe êste escândalo. E que se eu mereço que me acabem, muito embora; porque, senhor, fome ou cutelo, tudo é um; e para a gente honrada, menos indigno o cutelo que a fome. Creio que no Brasil não serei inutil e que procederei lá de sorte, mediante Deus, que haja gosto e proveito de me haverem lá mandado. Pois, senhor, diga-me V. S. que razão ou que côr dela podem dar meus inimigos, que no juízo dos Ministros possa valer como o que aqui com tanta verdade e lhaneza se refere? Ora, em nome de Deus, V. S. se disponha a fazer a Deus êste serviço e a mi esta mercê. Seja-lhe presente a V. S. que sou homem, em quem ninguém alg~ua que fizesse; e que as mercês que V. S. me fizer lhe hão de ser mui bem contadas e perpetuamente agradecidas. Perdoo-me V. S. cansá-lo tanto; que à vista do muito que cá fica de dor e lástima no coração, o que aqui vai não é quási nada. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a V. S. como desejo e hei mister. Tôrre, de Julho, 1649. [(*Cent. IV, Carta 49.^a*)]

Fazendo queixas a um Ministro e avisando-o de outros negócios

Assi como é o maior mal do corpo aquele que não obedece às mênzinas, assi é o maior dos do espírito aquele que se não modera com a razão. Certo que sinto mais fazerem-me parecer imodesto meus inimigos, que fazerem-me ser miserável. Mas eles querem tudo; por que não só fique perdido, mas desonrado. Ora aqui entra a temperança, a constância e a filosofia. É verdade: mas não sou eu o primeiro, em quem a dor se revelou contra a razão. O entendimento tem suas batalhas e os mesmos sucessos. Soe às vezes, em se vendo atado, acompanhar diante o carro do vencedor. Lá vai o entendimento com a queixa; mas vai diante dela cativo, autorizando o seu triunfo. Se nosso juízo bastara para tudo que basta, bem aventurados homens. Essa é a perda, perder ele a dignidade ou a virtude. Crea V. M. que por só entendimento ninguém é bastante a vencer-se. Necessitamos ~ua sobrenatural luz, que os mais não merecemos; e que a mi, como a peor que ruim, mais certamente me

falta. Estas são conclusões universais, que eu rudemente tiro de meus sucessos. Mas ainda por cá ficam, escondidos pelos cantos do coração, milhares de motivos para fazer invencível a paixão procedida. Na confusão de minhas palavras se lê também a de meu espírito. O que não digo dizendo, digo não dizendo. Que se me dá a mim como ele fica dito? Para os entendidos, acenos bastam. Por isso aos Anjos lhes sobejam para explicar-se os conceitos, porque tem mais fino metal de juízo que os homens. Não teve, nem vestiu mais formas aquele Proteo, que esta minha fortuna: senão que esta, bem que as muda, nunca as melhora. Eu corro-me de dizer o que padeço; porque a variedade dêstes meus acidentes não só me deixará ofendido, mas até mentiroso. Ontem tive aviso se encaminhava o negócio para ser julgado. Já ando de amores com o fim, sem disputar qual seja. E ele até nisso faz o papel de dama, em se querer rogado. Quando as precedências e honras da armada, suas bandeiras e jurisdição tenham bom sucesso, então direi eu a V. M. lhe fiz o que o rústico ao Príncipe, mostrando-lhe o caminho, por onde deve de ir. Quando o não tenha, creerei faço a todos maior serviço calando que mostrando. Reconheço a virtude daquela parábola, que V. M. me assina neste seu papel último. David diz que passou e viu alto e poderoso o ruim, e tornou a passar e já o não viu. Isso era então. Mas agora, por nossos pecados, contra o costume do mundo, eles põem muito menos em subirem que em decerem. Quem dissera havia mais distância da cadeira ao precipício que do ínfimo ao alto! Sempre tive pela maior desventura do mundo, esperar a que outros sejam mofinos, para ser ditoso. Da mesma sorte, nunca sofri que fôsse gozo o mal de muitos, como afirma o provérbio. Vamos ao canto chão. O portador, pouco mais elegante que seu dono (digno um moço meu, que me trouxe o papel de V. M.), me diz passará V. M. a esta parte, o N. e o N., mas não se desembaraça dizer quando. V. M. me avise, que quero enxotar primeiro estas malencolias e receber a V. M. com tal sembrante como coração. Cá falaremos de noivos d'aquém e d'além, se o não tiverem em agravo. Não me sei despedir de V. M. Melhor lhe peço, que me despeço. Nosso Senhor, etc. Tôrre, em 3 de Agosto, 1649. [(*Cent. I, Carta 73.^a*)]

A um amigo, sôbre seus negócios

No estado em que minhas cousas estão, verá V. M. o de que elas necessitam. Nem dia nem hora há para mim. Que hei de fazer? ou a quem hei de pedir o remédio? Quem mo pode dar senão Deus, tomando por instrumento a bondade dos bons contra a maldade dos maus ou da minha má fortuna? Dizer a V. M. o que estou padecendo, é injusto e impossível. E de verdade, perecer por teima ou por desgraça, tudo é um; e eu pereço. Sempre que os meus ais saírem da alma, diante de V. M. hão-de ir parar. Da presente causa dêstes, informará a V. M. o portador, quando se sirva de ouvir-me nele e dele o estado desta maldição, que tal cousa já não pode ter outro nome. Perdoe V. M. o dar-lhe eu êste; que, segundo me tem as sem-razões, ainda ando arrezoadado. Nosso etc. Tôrre, 20 de Agosto, 1649. [(*Cent. V. Carta 57.^a*)]

A um Ministro, satisfazendo algumas faltas de correspondência

Que correspondência se pode esperar de ~ua alma despedaçada? Eu me chamara ditoso, se só o fosse da violência a pessoa, com que ao espírito se perdoasse. Lá chegam as lanças da sem-razão, lá fere a dor, lá mata a melancolia. Ainda mal, por que os meus desprimores tem tão grande desculpa! Ando fora de mim há muitos tempos; e agora ando sem mim; porque não bastou que me destruíssem estes que me perseguem, sem que também me enganassem. Tenho observado vai o meu negócio acima tão perdido enfim, como meu. E suposto que da Altura muito pudera confiar, a minha fortuna me faz temer não menos. Grande escudo é por certo aquele, de quem Vossa V. M. me avisa houve por bem cobrir e amparar com sua sombra minhas desgraças. Já pelos D D. N. havia sabido a singular mercê que a senhora N. fazia ao meu nome; bem mais devida é esta obra ao seu sangue, que ao meu merecimento, de todo indigno de tal auxílio. Se esta Princesa quis mostrar seu poder e bondade em me valer, não acertara com outro sujeito, em que tudo mais se luzisse; porque tão grande desgraça de tamanho favor necessitava. Mais não há em mim. Mas também fôra ingratitude faltar eu com o material

para esta obra. Vossa V. M. pode oferecer-me a seus pais devotíssimo e perpetuamente obrigado, e necessitado da honra e mercê que N. comigo exercita; nesta última aflição mais necessária que em nenh~ua das passadas. Estou certíssimo que tanto neste rogo e oferta, como em tudo mais que me tocar, não faltará Vossa V. M. em me fazer mercê, conforme tenho visto e espero ver enquanto viva, e também merecer. A consulta parece não tardará muito em vir à Secretaria. Queira Deus seja de tal sorte, que tenha Vossa V. M. o primeiro contentamento de bom sucesso; e guarde a Vossa V. M. muitos anos, como desejo. Tôrre, em 2 de Setembro, 1649. [(*Cent. IV, Carta 3.^a*)]

Referindo a um amigo parte de seus trabalhos

Que posso eu dizer a V. M. de mi, se eu de mi não sei parte? V. M. que não desconhece a causa, pois a tem entre mãos, saberá se é ou não desculpável esta minha fraqueza. Aqui estou na maior confusão em que me vi jámais, e alg~ua esperança de sair dela: depois de ver borrados os rumos e os caminhos, ou os não ver. Passa já de vinte dias que subiu a minha consulta; já pudera beixar, se, pelo amor que me N., se não ficou com ela. Quem vê de longe, muitas vezes se engana. Os dias e a circunstância pareciam já sobejos para qualquer resolução importante, quanto mais para aquela em que eu sou o preço, sendo de tão pouco preço. Se em tudo isto tenho que pedir a V. M. seu favor, o V. M. sabe; se o devo esperar, eu o sei. Já disse várias vezes a V. M. e cada vez o digo com maior razão: Que no estado em que me vejo tão bem me estaria o desengano como o favor; pois começado a destruir com esta esperança, me não acabe; sendo mais pio que outrem me destruísse, que não eu mesmo, furtando-lhe nisso a benção aos zelosos desta tamanha obra. Cá ~ua grande e pequena égloga. Pela voz a conheci; e, havendo-a conhecido, digo qual fôsse. Outros papeis hei visto e do nosso N. uma muito boa elegia. Tanta doutrina me é necessária ~ua obra que tenho emprendido em um Poema trágico; que, se errar, não será à minguia de melancolia, nem da boa vontade com que o escrevo, que tudo dizem é a propósito para estes despropósitos. N. S. etc. Tôrre, em 18 de Setembro, 1649. [(*Cent. V, Carta 54.^a*)].

[p. abdo foreign language Ao Doutor Juan Baptista Moreli, sôbre várias matérias Quando yo mereciera ser digno sujeto de que la fama inculcase me nombre, liberalmente me habría pagado, llevándole a los oídos de V. S. , pero sin estrañar la acción desta buena memoria, con que me favorece; soy obligado a creer es tudo efeto de su bondad, no paga de mis méritos. Dentro de una Torre, donde por mis desgracias (y aun por las ajenas) ha seis añosos que vivo, después de haber peregrinado muchos por el mundo, que espíritu podía sobrarme, para emplear en la consideración política, o estudio histórico? V. S. lo mire. Con todo, vencido dei natural, huerté a mis querellas algunos ratos, en los quales recordando lo que habia visto, pude sacar a luz aquel informe parto de la Historia de Cataluïña, lleno de imperfecciones, como su dueño. Mas no sé si la propia coyuntura que bastó a su error, será bastante a mi disculpa. Esta, con otras mayores causas, hicieron como yo le prohijase a un nombre supuesto. Creo no ha perdido nada el libro, faltándole mi nombre, ni mi nombre, faltándole el libro. Pero, para reconocer las honras, que V. S. hace a Clemente Libertino, está muy obligado y pronto D. Francisco Manuel. Así pudierá yo entender a quien he se servir N. , venerar en su nombre: ya que por acá se duda de ese del señor Juan Baptista Moreli. Permita V. S. que con la infonnación de todo pueda tambien socorrerme el señor agente el Doetor Manuel Álvarez Carrillo; y añadiré esta mayor obligación a la otra de haber de mi persona informado a V. S. tan forabientemente. En este proprio retiramiento babían entrado las luces deste libro de V. S. ; yo lo deseaba ver com extremo, por la. informacián que un virtuoso autor de los nuestros, me habia hecho de su doctrina, acierto y claridad. A su fama salió excesivo mi aplauso; ni era mucho, si tambien lo era mi obligación. No diré a V. S. todo que quisiera; porque apenas lo pasé, quando de los más autorizados y doctos Ministros me fué robado. Yo consentí de buena gana en el hurto, creyendo que resultase em servicio de V. S. Tristes y pocas son las ocupaciones y progresos propios deste mi triste estado. No obstante, he siempre resistido al ocio, escribiendo unos librillos de entre devoción y moralidad, de los quales los dos últimos ofrezco a V. S. muy a la ventura, por ser el tránsito tan dificultoso. Seguirse han los más, siempre que yo pueda; de cuya promesa será el despertador mi interés. Estos sí que lian menester la corrección y emienda de los sabios; y para quienes afectuosamente a V. S. se la suplico. N. holgó de que yo le escibiese, historiando la vida y acciones de su. Sereníssimo Padre: que hé empezado y prosigo. La obra será grande por la materia, no por el artífice; y porque, no sin causa, le

adjudico sesenta y dos años de historia deste Reino y sus conquistas; de que espero sacar tres volúmenes, y tengo casi acabado el priniero. Si con a grandeza se puede juntar la dicha a este asunto yo cederé con harta razón, para que V. S. lo emprenda. Y aun acudiré con los memoriales: juzgando no podria servir tanto la memoria de aquel Príncipe y de mi patria, tratándola yo, como dando modo para que V. S. la tome por su cuenta. De lo demás que a Portugal perténece, tengo suficiente caudal de observaciones y antigualhas; y aun de las cosas modernas, no me faltan noticias. De todo embiaré la relación em puntualidad a V. S. , luego que reciba aviso de lo de que determinadamente necesita. Y no tan sólo en esto, mas e todo cuanto en este Reino pueda ofrecer- se, dei gusto y servicio de V. S. buelvo a. suplicalle ,quiera mandarme; porque yo que de tan deudor a la continuación desta correspondência, como estoy obligado a su principio. Sobre todo guarde Nuestro Señor a V. S. como deseo. Torre de San Sebastian, en 30 de Setiembre, 1649.] [(Cent. I, Carta 8.^a)]

A um grande amigo Ministro. De correspondência ordinária

Sare, meu senhor D. N. e esqueça-se muito embora. Com tudo, para nos consolarmos do esquecimento, certifiquemo-nos da saúde. Depois que V. M. se foi, não soube mais de como lá havia passado. À fé que, se eu fôra a Lisboa, que eu soubera como V. M. se achava em Loures. Convide-me, senhor, com um aviso seu; que o aviso de V. M. é tão grande, que pode dar um banquete a muitos parvos e ficar discreto. Se V. M. lá se alivia, deixe-se estar: que não há terra mais nossa, que aonde melhor nos vai. E, segundo esta regra, par Deus, meu fidalgo, que mais de quatro homens honrados são de por i além. Olhe que tão pouco pejo tenho, senhor, que vendo-me neste estado, falo neste estilo! Mas para mi a alma e o coração é como é e não como havia de ser. E aqui, para nós, eu cuido que agora estou melhor que nunca; porque já não posso estar peor. Qualquer mudança seria melhorar-me; e nem assi me faria dano; porque, sequer pela prática da desesperação, acabaria de conseguir o não se me dar nada nenh~ua cousa. O estojo recebi, e tal que não só parece o traçou V. M. senão que o fez. Por vida minha, que está ele em mi tão mal empregado, como me deve de achar mal empregada algum juiz meu a mesma vida por que o juro, e que só para gastar em juramentos falsos deviam de deixar-me. Não me culpe, meu senhor, que falando em estojo de tão linda tesoura e canivete, corte desta maneira por meus próximos, que com bem achamboada ferramenta fazem de nós trancinhas de retalhados. E se o despejo se recebe, passo a dizer que cá vi a Suma Política de nosso Bispo, dedicada ao D. Rodrigo. Veja V. M. entre que dous nomes me não pareceria a mi bem o que se dissesse! Ela não é só Suma Política, senão política suma. Muito sesudo, muito claro, muito excelente livrinho é aquele. Mas sou tão mau, que há dias tenho para mim que P. P. lem tudo aquilo que lhes dizemos que façam (se o lem), para não fazerem nada daquilo que lhes dizemos. Ora meter-me tambem em reste com os políticos, assaz sandice seria. Bem é verdade que não seria o primeiro, que havendo-se perdido a si, se alugasse para guiar a outros. Impertinente creatura vai estando o senhor preso! Pois que fôra, se dissesse de um Poema trágico, que por cá se vai engenhando! Deus nos livre e guarde a V. M. e lhe lembre que me tem lá um livro, já que é tão cioso dos seus. Tôrre, em 11 de Outubro, 1649. [(Cent. I, Carta 85.^a)]

Ao Conde Camareiro-mór. Em resposta das graças que lhe mandou, pelo livro que lhe ofereceu

Se V. S. assi afaga os meus atrevimentos, que muito que eu tenha ousadia para cometer as Soledades, donde tão poucos entraram? Que as penetre? E quiçá que as passe? Estoutra irá logo, que me parece em tudo do mesmo pano: se fino, ou grosso, isso não direi eu; nem ninguém que grosso, havendo-lhe parecido fino a V. S. Não duvido são escuras. Isso é ser soledades e ser minhas. Participaram do clima de minha sorte. E não erra quem o seu semelha, se as nossas velhas falam verdade; que sim, diz que falam, mais que as nossas moças. Sem que o gôsto de N. aqui interviesse, obedecera eu a Vossa V. S. com tanto gôsto como pesar de ser em tal preceito. Tudo adonde alcançar o meu talento se sacrificará a esta obediência. Posso afirmar com testemunhas se tive já maior pensamento, ainda que grande havia de ser, medido pela minha obrigação. Desejei excitar, por cartas minhas, aos colégios deste Reino e aos particulares, que conheço de maior engenho, para que todos fizessem ~uas honras póstumas

literárias a N., das quais, sendo-me remetidas, pudesse eu ordenar um livro, que não invejasse aos que cá vemos dos outros. Acobardou-me o meu estado e o entender que maiores ombros se poriam a esta fábrica. Mas se ainda tiver por mi a aprovação e favor de Vossa V. S. e o contentamento de N., tornarei a intentar a obra. Nas minhas haverá tanta diligência, que pelo menos desculpe-me os meus desconcertos. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a Vossa V.S. como desejo. Tôrre, em 6 de Novembro, 1649. [(*Cent. I, Carta 99.^a*)]

A uma parenta religiosa, que lhe havia pedido mandasse mudar o hábito negro em pardo a uma figura, que estava pintada ao pé de um Evangelista

Senhora, tal é o mentir dos alfaiates, que até quando o querem ser os pintores são mentirosos. Cuidando mandar a V. M. a sua freirinha de libré nova, me trazem agora recado se lhe não acabou o vestido; mas será logo e irá logo. V. M. me deu a mais própria comissão que pudera caber em mi, neste estado; porque, senhora, para tirar capas e mantos e despir freiras pobres, ninguém como eu. De mais que também há muitos dias que me vai melhor com a gente de capa parda que com os homens de capa preta. Das contas do vestido não necessita V. M., pois manda a paga de ante-mão em fermosos portugueses de cidrada de vinte e quatro quilates. Eu fui, como sou, fadado (e cuido que enfadado) de hóspedes esta semana, a quem paguei nesta boa moeda, bocado sôbre bocado, como real sôbre real (porque eles também eram reais bocados) a honra que me fizeram de mos vir comer. Ora aposto que já V. M. cuidava me ia esquecendo de tornar pelo crédito do meu descabeçado. Pois quem quer V. M. que seja devoto de um santo sem cabeça senão um pecador sem cabeça? Eu tinha a V. M. por verdadeira, não por Evangelista; mas agora vejo é V. M. mui verdadeira Evangelista; e a mi me vejo também obrigado a o ser. Diga-me V. M. se se contentará que o seja por puro amor de V. M. sem parte do do Santo? Porque, se isto basta, eu quero tanto à senhora D. N. que até Evangelista serei, pelo que lhe quero. Mas, se esta cláusula lhe não está bem à devação, parecia-me que cada um se ficasse no seu bairro, como se tais santos não houvesse no mundo. Bem sei que tudo isto virá a montar que me tenham por parvo agreste. Pois se donde me a mi conhecem, honra me fazem, como me hei eu de injuriar de que me conheçam? Honra me fazem, digo, em me terem por qual sou. Mas agora, sem zombar, minha tia, o seu santo de V. M. é muito lindo, mas não me serve. E se as armas de Saul não sobejaram a David, mudara eu as guardas ao ofício do Bautista e o fizera servir ao Evangelista. Porém logo se havia de conhecer que aquele trajo não era seu. Veja V. M. com tudo, se é servida que a êste santo alg~ua cousinha assi de seu tamanho; que sou tão ousado que ainda me atrevo a descobrir uns gabinhos, que lhe venham rés por rés; e tirá-lo ao teatro em nome do santo de V. M., que não é pura dignidade. Não vai de valha. V. M. me perdoe, que tudo isto não foi senão por vingança de lhe chamar descabeçado ao S. João, como se o seu de V. M. lhe igualasse, ainda tirando-se a estoutro a cabeça, para ficar mais pequeno. Senhora minha, calemo-nos, que somos pecadores; e se o meu santo foi degolado, bem se sabe ~ua má mulher teve a culpa, porque as boas nunca foram suas inimigas; que tal senão não foi do santo, senão das ruins mulheres, que sempre tiveram êste senão de perseguir aos bons homens. Mas acabemos o papel e a travessura. Nosso etc. Tôrre, em 23 de Novembro, 1649. [(*Cent. II, Carta 83.^a*)]

Mandando a um Ministroem dia de Ano Bom certo regalo estravagante

Quero estrear bem êste ano, pois está em minha mão esta boa estrea: começando-o por me oferecer a V. S. e oferecer-lhe esta estranhíssima casta de regalo. Escusa-o no leito aquele, para quem êle é duro campo de batalha. Às cousas estranhas, como às raras, chamamos peregrinas. Tudo o que vem de longe é estimado. Só a mi me não valeu essa diligência. Ouvi por cá gabar êste musgo: oferta emfim minha, agreste, como eu todo. Atrevo-me a apresentá-la a V. S., porque a confiança é filha do Amor; e tomou do pai aquele achaque dos olhos; de que a êle não curou o tempo, nem a ela o castigo. Dê Deus a V. S., com êste muitos anos de vida, nenh~ua de aquelas pensões que soe trazer a idade. Tôrre, primeiro de Janeiro, 1650. [(*Cent. III, Carta 68.^a*)]

Ao arcediogo Francisco de Sousa de Meneses, sôbre vários negócios

Bem pode V. M. abster-se de ser meu mestre, não de que eu seja seu discípulo, enquanto V. M. obrar, enquanto disser desta maneira. E se porque eu sou mau discípulo, se peja V. M. de parte da sua doutrina, porque Platão só se preza de mestre de Aristóteles, respondo: Não é êste só o perigo, que se segue à sabedoria e à virtude. Cristo teve um mau discípulo, dando a ~ua própria lição. Vá esta infelicidade com as mais, para ser doutrinado de V. M. em lhe obedecer que em me honrar: não me honrando pouco em lhe obedecer, visto que a obediência é a maior honra dos súbditos. Melhor govêrno há mister o tempo que aquele de um homem tão mal governado, que todos vieram a mandar nele, e ele em si nada, nem nos outros. Já com conhecê-lo me dera por contente (e ainda lá .) Pagar-lhe-ei o ódio na moeda do bem querer, que é pagar-lhe na mesma moeda; ou desconhecerei a quem me não conhece. O amor, posto que cego, não é mau moço para um cego. Soe guiar bem aqueles que ama. Se isto é verdade, pode V. M. confiar-se das minhas observações; pois se como amo, guio, não me contentarei com menos que pôr a V. M. às portas do Paraíso. Esbravejam-se os outros; e amansarão, se lhes não dá a cólera a minha fortuna. Cada dia mais necessito de que V. M. me ouça, ~ua hora; porque trago minhas fantasmas, com que mal me averiguo; e toda a luz de juízo de V. M. é necessária para as ver de todo. A necessidade toma às vezes as vezes do gôsto; mas esta tão duvidosa mão julga-se melhor de fora. Isso pretendo. Suspeito também que com a nova eleição ou reïteração N. entenderão logo comigo. Ali se verá que tal anda aquela dignidade, que me sigo eu logo após ela. Do nosso viandante não tenho novas. Diga-me V. M. quando o espera. Terei mais essa esperançazinha em que entender. Vai-se o barco; não posso mais, porque vivemos aqui em perpétuo Aqueronte. Nosso etc. Tôrre, 3 de Janeiro, 1650. [*(Cent. III, carta 73.^a)*]

Ao Chantre de Évora Manuel Severim de Faria, referindo-lhe o estado de suas cousas

Sobejas eram as razões com que V. M. me conforta, superior sua virtude, se em mi não estivera já tão vazio o lugar do valor, que verdadeiramente só é capaz de encher o meu sentimento. Das próprias mãos que nos curam, se estremecem e se esquivam as chagas. Que será de aquelas mãos, que, quando se nos chegam, não é senão para no-las fazer maiores? um só bem traz êste mal: que não tenho a quem aborrecer por êle, senão a mi mesmo. A mi posso só pôr a culpa. Mas quem não viu sucesso ditoso em sua vida, como verá desejo fiel, que é ainda mais impossível? Porque não atinarei eu a dizer a V. M. o que me avisam, remeto êsse papel de um meu parente, que, tendo o meu nome, tem tudo o mais muito melhor. Se eu não vira tantos aleives coroados (quero dizer: premiados), alívio tomara, conhecendo a vaidade dêste. Mas o tempo vai tal, que leva mais de meios votos para ser crido logo de ante-mão aquele que mente em dano alheio. Espero aqui o meu alcaide, que é bom fidalgo e de bem; e com alg~ua noticia mais do estado de minha nova desgraça, que eu tomarei já em estado e não em aumento, como a temo: falando em termos médicos, que é muito próprio de enfermos. Persuado-me que se mandará alg~ua diligência nesta averiguação: cousa, por que darei alvízaras. Saiba V. M. que êste Conde é pessoa com quem me puseram já na visitação pela graça de outro, que merecia melhor que eu ser posto nela; e não sei se diga, no outro peor lugar; mas se eu o não disser, não faltará quem o diga. Teve motivo esta calúnia (havendo de contar algum, fora a malícia de seu inventor), de ser público o conhecimento que eu tinha com êle de Flandes, donde servimos ambos, e viemos a Catalunha; e de que eu, pelo ver assi usar em outras partes com os presos de guerra, o servi em o que pude, enquanto me não certificaram que, pelas leis de agora, se convertia a cortesia em delito. Ao N. amo e devo amar muito com ventagem a muitos, pelas que êle tem e as que me faz. Parece-lhe que por aqui se virá a tomar algum bom meio. Porém eu sou de opinião que quem quiser acertar em seus pronósticos não tem mais que prometer-me males. Recebo dous papeis juntos de V. M., porque para mi assi correm aos pares as mercês que me faz. Não posso responder ao primeiro; assaz farei em o crer; mas sim farei; porque em V. M. não há cousa que eu duvide. De mi muito; e com razão (conhecendo minha fraqueza) possa sustentar o peso desta porfia. Não lhe afasto os ombros; receo vir com os focinhos a terra e perder o que já tenho sofrido, que é, em minha opinião, a maior perda dos desditosos. Ajude-me aquele braço, que tudo pode; e seja V. M. um dos instrumentos, com suas lembranças, avisos e conselhos. Nosso etc. Tôrre, 6 de Janeiro, 1650. [*(Cent. III, Carta 81.^a)*]

A um amigo. De queixas de seus negócios

Provo o que amo a V. M. com escusar-me de lhe dar de mi tão ruins novas. V. M. haverá entendido o estado em que de novo fico. Qual a causa? Dos documentos dela não sei, por isso lhe não respondo. Pois em verdade que me não negarei ao certame, se não serve de pôr fim a esta minha mofina. Eu sei que não hei de parar em ser acusado por matador e por facinoroso. Novos delitos se hão de inventar para mi, que, como não custam por agora mais ~ua leve diligência, emprêgo tão barato quem deixará de o provar, a trôco de ver consumido êste portento de maldades, em cuja ruina consiste o remédio de muitos? Como se eu fôsse no mundo cousa alg~ua cousa! Confesso a V. M. que a modéstia e a paciência política se acaba; e que para lançar mão de cristão, sou eu tão mau cristão, que se me desvia. Ultimo, senhor, meu pranto, com dizer a V. M. e a todos que queiram haver por bem de me mandar despachar; porque a justiça é muito larga e as minhas culpas não são maiores que seu império. Perdoe-me V. M. que a pena não sabe por donde vai, sendo tantas as que a levam. Nosso etc. Tôrre, 7 de Janeiro, 1650. [(*Cent. II, Carta 66.^a*)]

Ao Conde Camareiro-mór. Sôbre o mesmo

Sei, senhor, sabe V. S. já dos meus novos trabalhos; e que da causa deles terá melhor notícia que eu. Eles são de feição, que basta ser cristão para que lastimem; sobeja o ser discreto, sobeja o ser honrado. Senhor, quando há de ter têrmo o estar um triste homem exposto à fúria do ódio, que não merece? e pelo que não merece? Penas há, castigos há para tudo. Sou eu peor que tudo, que ainda se não acha um castigo, que me venha? Se se me busca um que venha justo, Deus sabe que se não há de achar. Primeiro disseram que matei; agora que fujo. Tomo ao céu, à terra e a V. S. por testemunhas que ainda hão de dizer que ~Ua tão péssima creatura de que serve? Da parte da honra e zelo, que em V. S. se conhece, lhe peço queira pôr aqui sua mão, representando que da justiça ninguém é indigno; e nenh~ua outra cousa pretendo e rogo. Sôbre tudo guarde N. S. a V. S. como desejo. Tôrre, 7 de Janeiro, 1650. [(*Cent. III, carta 82.^a*)]

Pedindo sua lembrança a um amigo, que estava para entrar em grande posto

Para que nada tenha de contentamento, sei juntamente que vos ides, quando me começava a alegrar de que fosseis vindo. Sempre vades e venhais, com tanto gôsto e saúde como a mi me falta. Os reis vão sendo tais para mi, que lhes não valeu o serem santos; ou não me val a mi que eles o sejam. Assi vo-los perdôo, e lhes perdôo. Mas afirmo-vos, senhor, que já não há quem possa com tanto. É muito largo um martírio de seis horas; êste há seis anos que dura, sendo tão estreito. Desejava-vos dessa banda, a ver se podíamos desencalhar deste cachopo: tratando de pedir aos Ministros muito ao descoberto sejam servidos de me mandar castigar; pois ter-me assi, não é justiça, nem misericórdia. Mas esta voz clama em deserto e necessita de muitas, que, se não clamarem, acordem, em povoado; em cujo côro a vossa devia soar mais alta. Lembrai-vos esta minha aflição, quando vos virdes em vossa glória; que, nem por ser o avarento condenado, deixou Abraham de lhe responder e chamar-lhe filho, quando ele lhe chamou pai. Nosso Senhor vos guarde. De aqui, em 7 de Janeiro, 1650. [(*Cent. III, Carta 83.^a*)]

Ao Conde Camareiro-mór, respondendo a um conselho que lhe havia dado

Senhor Conde: Com que sou mui rendido, e o devo ser a V. S., atrevera-me a justificar facilmente diante de V. S. esta minha pretensão, mas que textos e razões se lhe oponham. Que há da vida para as esperanças? Deixe-me V. S. ir morrer entre bárbaros; pois fui tão mofino, que aquela idade, que para todos foi de ouro, para mi só foi de ferro; e não só no valor, mas também no rigor. Eu não me obriguei a ser ditoso; assaz farei, se fizer de maneira que veja o mundo e alg~ua hora a gente que não mereci a fortuna que me veio. Espero da generosidade de V. S. se disponha a me valer, senhor; aquele que vai

já precipitado em vão luta por não cair. A melhor diligência será procurar cair donde menos se lastime. Assi me sucede. Seis anos de dor na alma, muito é para quem já a não trazia sã. Não é forçoso que à paciência se siga a desesperação. Mas ruim conta daria de seu juízo quem, no fim de tão larga jornada, não soubesse dizer por que caminhos veio; que de ordinário indicam os fins aonde é levado. Toda a tormenta seria vento em popa, para quem põe a sua vontade para a mesma banda do vento. Pobre de mi! que farei, se quem pode me não acha razão, senão pôr-me também da sua parte? Senhor Conde, sem mistérios, V. S. queira mostrar o quanto é senhor meu, em dispôr de mi; que ao poder e ao saber de V. S. não são dificultosos os meios; nem em mi duvidosa a obediência, ainda mais certa, que êste próprio rôgo. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a V. S. como desejo. Tôrre, 9 de Janeiro, 1650. [(*Cent. III, Carta 84.^a*)]

Queixando-se de maus princípios de anos a um amigo

Amigo, quem me rogou maus anos, foi bem ouvido. Já sabeis o como e o porquê; com que escuso de vo-lo contar. De ordinário se cuida da gente aquilo que nos parece que lhe merecemos. Quatro anos há que aqui estou; em todos eles se fez de mi confiança; sempre obrei de sorte, que não se arrependeu de a fazer de mi quem com ela me tratava. Mas finalmente, senhor, o mais que poderemos fazer, é desmentir os mentirosos; mas não podemos fazer que eles o não sejam. Eu estive tão afligido estes dias, que não tive ânimo para dar razão de mi, nem pedir-vo-la de vós. Alguns longes tenho de que acabarão de acomodar-vos como é justo. Dizei-me o que há nisto, e como passais, com tudo quanto se vos oferece em que vos possa servir; que se for para contemplações, ninguém agora melhor, porque tenho tempo e lugar; e por vós não farei muito em ter vontade, ainda que a não tenha. Guarde-vos Nosso Senhor como desejo. Tôrre Velha, 9 de Janeiro, 1650. [(*Cent. III, Carta 86.^a*)]

A um amigo, casado de pouco

Eu estava de fio seco para escrever ~ua carta muito grande a meu vizinho, a modo de Padre da Doutrina; mas veio logo a ser isto neste tempo, em que, como se não estivera bem preso, me tornam a prender de novo. Prometo a Vossa V. M. que me tem a causa que lhe dão tão desgostado, que até de ~ua cousa, que para bem me havia de ser de sumo contentamento, como é o ver a Vossa V. M. casado, não tenho aquela alegria que estou devendo. Mas eu me farei mais depressa a êste novo pesar do que se passe a ocasião de me alegrar com o novo prazer de Vossa V. M.; e então falarei o meu e o alheio; porque os bons vizinhos, pela conta são ao revés das ruínas comadres, que quando eles estão bem, então dizem tanto como elas, quando estão mal. Senhor Dom D. N., vida nova pede nova vida. Quem soube ser tão bem como Vossa V. M. mancebo solteiro, saiba ser homem casado. Vossa V. M. não fará o que deve, se fizer como os outros; porque tem mais obrigação a Deus e a si do que muitos dos outros. Trate de querer fazer mais, para que sequer faça aquilo a que é obrigado. O êrro dos entendidos tem menos desculpa. Nada ignora Vossa V. M. Console um pai, um tio, a quem tanto deve, que o souberam assi empregar. Aí não há senão: coche devagar, sair tarde, recolher cedo, Irmandade da Misericórdia, Paço tamalavez; e fazer muito D. N. e D. N. e cousas dessa maneira; entendendo quanta mercê Nosso Senhor fez a V. M. em o pôr tão de-pressa fora dos charaviscas por onde andava e o meter por um caminho de rosas, que tem por fim o Paraíso, se V. M. o quiser passar como Deus manda; que sim quererá. Ele guarde a V. M. como desejo. Tôrre, em 9 de Janeiro, 1650. [(*Cent. III, Carta 90.^a*)]

A um amigo ausente

Sempre as novas de V. M. chegam a mui bom tempo ou me trazem o tempo bom. Mas estas últimas se esmeraram nesse costume. Vieram quando de novo estava preso e evitado da confiança que de mi havia nesta Tôrre. Cuidaram meus inimigos me faziam pesar, e me fizeram mercê; porque a quem tão

mal, como eu, pode hoje pagar as boas obras, mercê lhe fazem, desviando-lhe a ocasião de parecer ingrato, que é a última miséria. Não fico, senhor, peor; só fico melhor preso. Cuidei poder enviar já no correio passado o livro prometido; e ainda no de hoje não pode ser; porque os livreiros cortam e cosem; e pegou-se-lhes, pela semelhança dos ofícios, o mentir dos alfaiates. Irá no primeiro. Queira Deus me seja possível [~ua](#) cousa que me dê contentamento. O soneto não seria perdoado, por ser eu o autor, mas por ser [V. M.](#) o padrinho. Apalavro as censuras para as outras obras, que irão logo. De minha tia não tive ainda carta. Basta-me saber que passa com saúde, e mo assegura [V. M.](#) Que [V. M.](#) a goze boa desejo, mo avise assi e me mande [V. M.](#) sôbre tudo em que o sirva. Nosso [etc.](#) Tôrre, 15 de Janeiro, 1650. [*(Cent. IV, Carta 6.ª)*]

A um grande Ministro, com a (Ditaria Sacra)

Pouco importa, senhor, vencer os inimigos aquele que a si mesmo se não sabe vencer. Nem tem para que se prezar das vitórias dos outros quem de si próprio a não alcança. E por ventura que, por esta causa, é esta a derradeira; ordenando-o assi a Providência, por que não entremos bisonhos na batalha, em que nos vai o ganho ou perda de nós mesmos. Justamente por tal conta chamarei a [V. S.](#) capitão vitorioso; porque, depois de haver gloriosamente exercitado seu valor, vencendo inimigos na guerra e na paz, entre os bárbaros e entre os políticos, contra os estranhos e contra os seus, agora, por coroar-se do maior triunfo, não só o vejo rendido [~ua](#) louvável modéstia, mas ainda abrasado de um vigor cristão, em tudo mais virtuoso. Sabem todos quão grande vitória aquela é que [V. S.](#) de si mesmo vai alcançando, conhecendo-se a si e ao mundo; pois na idade em que dele devia esperar lhe rendesse os frutos do que trabalhou na passada, tanto de ante-mão [V. S.](#) o quer dar por quite e livre do muito que lhe deve de prémio em satisfação dos louváveis empregos, que por muitos anos fez em serviço da Republica, à custa do sangue e do perigo. Mas porque estes também, quando justamente postos por obra, assi obrigam a Deus, como aproveitam aos homens, por isso mesmo que eles faltam em os agradecer, não falta ele em os pagar. Receba [V. S.](#) por princípio desta paga aquele desprezo, que em seu peito se conhece de qualquer outra. E dele seja o maior sinal essa grande conformidade, com que vive apartado voluntariamente dos tráfgos da Côrte; que para outra cousa não considero útil (de aquelas que convém à salvação) senão para dar motivo ao santo escândalo, por onde começam a conhecê-la e temê-la os virtuosos. Porém como nossa natureza, já do antigo avoengo, seja rebelde a toda a autoridade, bebendo sempre como à força aquele saúdável, bem que amargoso, licor do desengano, muito parece que importa animar nosso medo e confortar nossa tristeza com a suavíssima consideração, que se levanta na lição das santas Escrituras; em as quais o Espírito de sabedoria depositou grande parte de seus preciosos tesouros. Por isto vemos que, se ainda para aquele ócio, que se produziu da falta de materiais ocupações, é bastante mēzinha qualquer leitura das profanas histórias ou fábulas, quanto devemos esperar de ensino e de alegria destoutras razões e palavras, que a Fé nos assegura serem ditadas pelo entendimento de Deus! Desvelam-se os homens, por ler as obras de um grande filósofo, político, orador ou poeta, sem que as hajam visto, só pela opinião que neles tem de seus autores. Que será, e que não é bem que seja, por ver, por estudar os livros compostos do Espírito Santo, que foi o inefável Oráculo, que influiu nos Santos Profetas? Sei que para mover a [V. S.](#) ao exercício da lição divina, seu próprio desejo me escusa de qualquer persuasão, quando conheço se dispõe ao uso de toda a bondade pelo caminho mais seguro, qual é a contemplação; muito desviado por certo da perigosa beataria, em que naufragam os menos advertidos: cousa tantas jornadas distante da virtude, quantas se contam da religião à superstição, que por um espaço quási imenso se distinguem. Vemos que, entre os antigos, não foram menos louvados os que seguiram a escola de Platão, vestido e acomodado filósofo, que os que se foram após da de Diógenes, em tudo diferente. Porque na verdade não consiste a filosofia moral ou católica em só trazer os corpos despidos [alg~ua](#) pompa, mas em trazer os ânimos ornados de toda a virtude. O nosso Deus é grande artífice de salvar almas; sabe tirar da morte por muitos caminhos - diz David em [S.](#) 67. Onde não foram menos, nem menores os Santos que nos deixaram regra de viver cómodos, que aqueles que a instituíram de viver mendigos. Notou com agudeza um varão sábio que o Demónio, como mestre em artes ruins, aos homens de grande espírito tentava na adversidade, e aos de pequeno coração na prosperidade, conferindo-o com dous sagrados lugares do Evangelho; porque a Cristo, que ele tinha por ilustre e por

Filho de Deus, nunca ousou de se lhe mostrar, senão vendo-o faminto no deserto; e a Judas, que sabia era um homenzinho de baixa sorte, nunca se resolveu a desesperar senão depois de o ver metido de posse de aqueles infames dinheiros. Podemos colher de aqui que não encontra às pessoas de grande estado o viverem naquele estado em que Deus as pôs, para haver de o buscar e o seguir. No coche e debaixo do docel, no estrado e na mesa, pode cada um ser não só filósofo, mas santo. E não sei se diga que essas próprias ocasiões de humana vaidade lhe servirão mais vivamente de incentivos à contemplação de que o ver-se privado delas. Não é meu ânimo disputar do melhor e mais certo modo de vida boa. Entendo que o bom o será por todos os caminhos; e que só aquele é o certo e seguro, por onde Deus nos chama. O que o santo Rei Profeta de modo alcançou, que inumeráveis vezes fazia a Deus (por diferentes palavras) aquela mesma petição do [142. v. 8](#): Dai-me, Senhor, a conhecer aquele caminho por onde vá minha alma direita a vós. Tenho dito a [V. S.](#) muito mais do necessário; e o necessário não disse ainda; sendo forçado a dizê-lo, por que não cuide quem chegar a ler êste papel, foi ele fruto de minha ousadia, se não de minha obediência, que a [V. S.](#) reconhecerei sempre, tanto pela que exercitei seu súbdito, como pela que hoje lhe confesso por em tudo maior e por muito melhor que eu. Lembrar-se-á [V. S.](#) como os tempos passados me avisou por um próprio, lhe enviasse um Tratado de Penitência, que ouvira dizer eu havia composto. Ao que então respondi a [V. S.](#) quanto atrás me achava de autor de penitências; mas que em breve ofereceria a [V. S.](#) algum outro Discurso Moral, que começava nos próprios dias a escrever. O desempenho de aquela palavra satisfaço hoje com esta obra; o meu desejo, êsse não, que passa muito adiante, e durará tanto como a obrigação que tenho de servir a [V. S.](#), a qual, ainda durando toda a vida, não chegará a ser acabada com ela. Esta que aqui passo é tal, que suas perturbações me não deixam discorrer, nem ainda até êsse curto têrmo aonde meu juízo alcança. Mas entre as horas, que às dores e às ocupações vou furtando, propus de [alg~uas](#) melhor que as passadas, [~uas](#) considerações morais, que não excedam a curta esfera de meu espírito, à imitação de outros famosos homens, que assi o fizeram e assi as chamaram. Ofereço a [V. S.](#) esta primeira Dictária, a que deu motivo o Salmo 37. E quando [V. S.](#), por me fazer êsse favor, prossiga na lição dêstes meus nada, fácil me será (como devido) ajuntar os mais escritos, que tenho dêste gênero e fazer deles a [V. S.](#) outro presente. Desculpar-me-á agora o tempo e a ignorância; quanto mais que para que de [V. S.](#) alcancem perdão meus erros, menos motivos serão bastantes. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a [V. S.](#) e o conserve em seu santo serviço, como o desejo. Tôrre Velha, em 18 de Janeiro, 1650. [(*Cent. V, Carta 9.^a*)]

D. João Pereira, sôbre causas familiares

Manuel Pereira, que, comprindo com as obrigações de seu nome (não menos por Manuel, que por Pereira) é finíssimo amante de [V. M.](#), me trouxe um papel de meu primo; e tão primo ele, como o são todas as obras do senhor [D. N.](#) Ora, senhor, eu me rendo; e muitos dias há que o estivera a [V. M.](#), se conhecera que tão pequena cousa como triunfar de um juízo abatido, podia ser competente à grandeza do ânimo dos Pereiras, que puseram os pés sôbre coroas. Mais leo, mais aprendo e me deleito mais em um dêstes escritos de [V. M.](#) que em todas as outras tigeladas de Sousa, tão gabadas e tanto para gabar. Mas que tem que ver o manjar real de Celas com estoutro real manjar, que realmente recrea o ânimo, realmente mantém o espírito? Pelas utilidades que me causa, meça [V. M.](#) lá qual deve ser o meu agradecimento. Mas, arrimando já as palavras, e vindo às cousas: Veria [V. M.](#) sem dúvida, antes que eu a visse, a carta de sua e nossa preciosíssima sobrinha. Eu saí do negócio como os que dizem vão buscar lã e vem trosquiados. Cuidei que lhe fazia cocos à menina e ela fez-me a mi espantos. Bem parece conimbricense; e que teve por mestra nossa tia, [N.](#), e por mestre seu pai. É boa moça; e, para mais ajuda, ouvi dizer que tinha olhos negros; que sôbre tantas partes saíram como ouro sôbolo azul. Não lhe respondi; porque esta é a manha de todo o moço de soldada: a primeira semana que se põe com amo, a contento. Mas o certo é que não foi senão porque sou já muito desasado para tão altos vãos; não sendo o primeiro, a quem se lhe ficaram presas as asas no visco. Se a senhora lhe falar a [V. M.](#) nisto, pois é de aquelas a quem Deus fez mercê que morressem com sua fala, diga-lhe só: Que quem cala consente; e que assi o mostro que consentirei em tudo o que quizer dispor de mi, até no esquecer-se que lhe sou eu ainda da água e do sal; se pode ser do sal, apesar de viver de mólho em água salgada, cousa tão sem sabor como eu, a cousa que tantas graças tem como ela. Porém deixando-

a para quem ela é, que nem zombando a deixarei para outrem, saiba V. M. que, pelo eu ter por devedor, muito facilmente lhe engeitarei a paga dessa dívida. Crea, senhor D. N., que se o corpo está preso entre quatro paredes, como me levantam que diz o meu romance, que o ânimo se não deixa compreender de tão limitados termos. As cartas não vieram. Busque-as bem V. M. e mande-mas; porque estou ~ua Carta de guia de casados, a rogo de um noviço; e hei mister saber como se requebram, para dar também nessa parte minha razão; que por força em tal matéria haverá de ser de ouvidas. A vista do N. e do N. me será de honra e proveito, contra o provérbio. De honra, por que se veja que me sabem o nome os homens de maior nome; e de proveito, para que eu crea como ainda lhes não esqueço. V. M. me tem dado triste vida (a que muitos, que a isto são obrigados, devem de pôr embargos) N. sôbre não acabar de dar o sim a este seu encomendado. Tem tanto amor a V. M. a boa da mulher, que já que o não vai logo servir, quer que êste moço lhe vá lá tomar lugar em casa de V. M., como quem manda lançar tapete de madrugada em Sam Roque para ouvir o Padre Vieira. Sirva-se V. M. de obrar nesta matéria, tudo o que lhe fôr possível, sabendo que a si e a mi resgata ~ua cansada importunação. Parece que os pais do moço não tem bastante cabedal para sustentarem largas esperanças; que, como comem corações estas senhoras, fazem em casa muito gasto. Sôbre tudo Nosso etc. Tôrre, em 25 de Janeiro, 1650. [(*Cent. IV, Carta 47.^a*)]

De correspondência, a um amigo

Que mal haverá que êste mau tempo nos não faça? Meto também na conta a V. S. porque esse é o maior mal que nos faz o tempo: podermo-lo aqui contar sem escrúpulo. Os dilúvios vão acinte: costume dos desconcertos; que correm uns após os outros. Mas em verdade eu só creio que sou o perdido; pelo menos, o mais. Vemos que tudo escapa aos ímpetos, e eu caio aos ameaços. Com tudo, agora que V. S. me faz mercê destas regras, elas serão para mi de viver em paz comigo e com as saúdes de V. S., com quem não tinha pequena guerra; nem o podia ser em consciência, se era contra mi: manha já velha no mundo, que para os coitados todos sejam valentes. Aqui houve quem me dissesse (despois que nos vimos) era certíssima a jornada de V. S. às partes da Etiópia. Pessoa era, a meu ver, que a desejava mais do que a sabia, e também era ~uas pessoas, que não sabem nem o que sabem nem o que desejam. Cuidei que só em meu dano sucediam irresoluções, quero dizer, em meu remédio; mas de experimentar já indistinguíveis os remédios dos danos, não erro mais de meu direito, se lhes troco os nomes: visto que também quem me dá de uns em vez de outros lhes troca os ofícios.

Conheço bem haverá de presente grande dificuldade no cómodo de V. S. e que o quererão guardar, a modo de Elias ou Enoch, para contra a vinda do Anticristo. Fôra assi de parecer que V. S., a fôro de bom argonauta, se pusesse em papafigos e fôsse correndo pelo mundo seu temporal; porque, mediante Deus, o porto não pode estar longe. Mas eu, pobre de mi, mais que Fernão Mendes Pinto, que monarca sou eu, para que de mi se cuide ou se dispute se convém ou não acabar de me lançarem a longe? Prometo a V. S. que nem ânimo para esperar a melhora tenho, quanto mais a continuação destas fortunas. Consolava-me crendo que me mandavam por desterrado para onde ninguém quer ir por visorei. Até esta consolação se me embaraça. N. que por agora a não peça; e me dá tais razões, que lhe confesso que a tem; mas eu nem por esta confissão me ponho em graça. Vejo-me perder. Temo tanto as mêzinhas como a enfermidade. Desacreditou em mi o tempo suas virtudes. Não se muda, não faz esquecer; só para mi foi firme e foi lembrado. Ora V. S. ouvindo-me e ouvindo, e tendo-me e vendo, queira, por quem é, cuidar um pouco neste caso, segundo lhe merece o meu amor. E então me avise; porque certo que em todo o passado progresso de meus trabalhos, nunca tanto necessitei ~ua grande luz, que me alumiasse nêste labirinto. Disseram-me estava já nula a eleição N. Bem me importava entender ao certo o que se passa neste negócio; porque se isto não vai de aposta, de qualquer outro poderei esperar melhores ofícios. E mais, se por ventura (que bem grande ventura fôra para tudo) a sorte caísse naquele nosso amigo, retirado em si mesmo. Não sei que diga a V. S. acêrca dessa revelação de ontem. Nem, com licença do revelante, creio de todo em seus mistérios. Forte cousa é que nunca eu mereça ser lembrado dos grandes, senão para se queixarem de mi! Diga-lhe, senhor, V. S.: que a espada na terra não fere nem faz mal. Livre-nos a nós Deus de aquela que anda na mão ou ao lado do poderoso e do furioso. As mais das gentes cuidam que são tratadas dos outros assi como lhe

merecem, sendo pelo contrário as mais das vezes; porque antes por aqueles que menos nos merecem costumamos fazer mais. Eu me emendarei, e de bom modo, visto que de presente há ocasião, que mo fará fácil. Direi a se é meu amigo ou não. Ela o diga pela minha sorte, como mostrava a pena de perdiz o escudeiro, em prova de como se tratava. Muito havia que dizer aqui; mas isto vão sendo já muitas cartas, ~uas nas outras. O pecador do Melodino mal poderá ser pecador sem ser errado. Ele o está tanto que apenas o sei ler. Porém ainda assi na audiência que se lhe faz nessa casa, creio lhe acharão justiça; pelo menos que o tratarão com mais misericórdia que seu original costuma ser tratado. Fique-se V. S. a Deus; e mande-me avisar se achou N. aquele hóspede que esperava estivesse em sua pousada, quando se foi desta. Tôrre, 26 de Janeiro, 1650. [(*Cent. IV, Carta 39.^a*)]

De agradecimentos, ao Conde Camareiro-mór

A qualquer das palavras que V. S. pôs neste papel, que recebi ontem, é pouca ~ua vida; porque ~ua me ~ua alma. Asseguro a V. S. que ainda que pobre e desprezada a terra, em que semeia seus favores, não é nem será estéril de um perpétuo reconhecimento. N. aqui me tem, aqui me achará para toda a resolução que fôr servido se tome comigo: tão firme à pena como à mercê. É no meu ânimo indiferente o cutelo da palma, quando a razão seja quem pegue dêste ou de aquela insígnia. Mais sentirei perder o que podia servir que o que podia alcançar; e ainda mais que a própria desgraça que me alcança. Eu fiz dous papeis, um larguíssimo, que não pude acabar menos com a minha dor, outro brevíssimo; mas certíssimos ambos. Creio estarão hoje em mãos do Secretário de Estado (foi sua a ordem de minha reclusão). O segundo lhe pedi quisesse oferecer em meu nome, e êsse acusa o primeiro; porque sequer se saiba foi escrito. Pode-se só ler êste pequeno; e até rezar se pode, porque é quási todo ele um salmo de David, que me pareceu falava por minha causa, bem mais acreditadamente do que eu o faria. Peço muito a V. S. se sirva de entender se subiu ele tão alto, e quando haja subido, como espero; não tenho que pedir a V. S. o que poderia obrar; esperar tão bem, si, e dever-lhe o que terá obrado. Isto tem melhor, senhor Conde, os que não tem com que se desempenhem: deixam-se fâcilmente cativar dos benefícios, e ficam escravos para sempre de seus bemfeitores. Refusam-no os poderosos, que com agradecimento por mercê lhes parece que se vão libertando da obrigação; e lá vem por seu modo a ser usura: rogar e receber desta maneira. Perdoe Deus a V. S. a boa inculca que fez do meu livro. Que cansado estará N. de ouvir as ruins obras que tenho feito! Em verdade que por estas merecia eu maiores penas, que por aquelas que mas dão; pois em tal estado e em tal idade não soube haver posto aqueles papeis em parte, donde agora os não descobrisse a curiosidade alheia e lhos não revelasse a minha doudice. Emfim, apelo ao Pantheon, que, sequer por templo, me valerá como igreja. Fico de posse, mas não sôbre ela, lendo as poesias que V. S. me fez mercê de confiar. Esteja V. S. sem algum escrúpulo, porque ainda que o cofre não seja cedro, bem lhes dirá o castanho; porque por ali tenho visto alguns autores também castanhos, ruços, e murzelos. Por mi mais que por outro o digo, certo; que qu'em tudo me vejo excedido de todos. E quando assi o não cresce, cinzas achei por cá, que me trouxeram êste desengano. Bem fez V. S. em me mandar as seis mãos. É V. S. o primeiro grande que assi as dá aos pares aos pequenos; e para a preguiça dos meus oficiais tudo é necessário. A cópia é grande, a censura odiosa; a tesoura corta e por isso magoa. O acêrto não pode ser igual. A demasia causa fastio. Os homens sempre se julgam melhor do que os julgam. Parece-me, salvo melhor juízo, que V. S. devia considerar devagar se convinha ou não guardar V. S. estes papeis e fazer tesouro deles ou reparti-los com todos. Sôbre que sou tão bom de contentar, que até dos meus me alg~uas vezes. Que se espanta V. S. do que contra mi faz a minha parte? ~ua só faz tanto mal, que farão muitas ao mofino que as tiver! Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a V. S. como desejo. Tôrre, 28 de Janeiro, 1650. [(*Cent. IV, Carta 46.^a*)]

A um religioso amigo, sôbre negócios

Escrevi o outro dia a V. P. desde a cama, onde estive quási o dia todo, pelo achaque de vágados, que padeço com êste tempo ruim. Foi essa a causa de que a letra fôsse e seja melhor que a minha. Não há

que culpar-me de que não saiba o que digo, se não sei o que [alg~ua](#) coisa presumo me não daria a entender bem, conforme o que colho dêste papel de [V. P.](#), ou será que agora não entenda; e tudo mui bem pode ser. Meu ânimo é sómente ver se posso observar qual seja o [N.](#) acêrca da resolução, que se deve tomar comigo; não é [alg~ua](#). Tivera eu nisto tanto pejo, que me parecera bastava o meu rôgo para mudar qualquer boa deliberação. Mas como o tempo da jornada é chegado, e eu estou há tantos dias como precito, para aquele inferno, a julgar por sinais, se estende só o meu pensamento. Pareceu-me que o melhor modo de investigá-lo seria aquele que propus a [V. P.](#) Quando [V. P.](#) por outro caminho [alg~uas](#) notícias dêste negócio, não me seria essa por certo menos útil, nem menos prezada. É êste enfim o meu pensamento, do qual com muito justiça meto a [V. P.](#) de posse, porque aos amigos, e tanto para amigos como [V. P.](#) nunca fiz cerrar as portas da alma. Faltei, com grande pesar meu, êstes tempos de parecer agradecido ao senhor [N.](#) parando em lhe pedir boas novas suas, não em procurá-las. A miséria é de seu nascimento desconfiada: a todos me parece que canso. Então cuido que não há melhor meio de justificar esta temperança que professo do que o silêncio que guardo. Se também êste me condena, não sei que seja de mi. Pois afirmo a [V. P.](#) que desejei de lhe oferecer um desses certapácios dos meus versos, que por aí me dizem que já correm; mas nem para isto tive ânimo. Parece que eu mesmo folgo de ser de todos esquecido. Bem se vê que os frenéticos são os que primeiro se armam contra si mesmos. Cure-se [V. P.](#) com sua lembrança esta melancolia; dever-lhe-ei de muitas maneiras o remédio. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a [V. P.](#) como desejo. Tôrre, em 13 de Fevereiro, 1650. [(*Cent. V, Carta 11.^a*)]

De parabens, a um noivo

Dizem-me, senhor, que vos fôstes para o céu, vestido e calçado. Quem podia esperar menos de vossa virtude? Se lá sois, não estranheis que vos sigam as minhas rogativas. Todavia as calei estes dias, por não misturar com prazeres queixumes. Agora me diga [V. S.](#) se leva isto algum jeito de carta de parabens? Oh! valha-me Deus! e como não querereis (quanto é hoje) medir-vos com a minha grande discrição? Eis aqui o que sou. Se há homens argeis, como cavalos, eu sou um deles. Falto-me sempre no melhor. E para ser no melhor, a vós havia de ser, porque me soubesses enganar tanto que vos tenho por êsse. Senhor, tornemo-nos ao que é nosso. Vivaís de sorte, que enfadeis já a vossos netos. Tão conforme, que não pareçais casado. Tão quieto como se não prestáreis para nada. Filhos, saúde, dinheiro e lembrar de Deus, que para tudo isto vos guarde, como eu desejo. Tôrre, em 3 de Março, 1650. [(*Cent. IV, Carta 63.^a*)]

A um amigo; de negócios particulares

Pois estamos em tempo de restituir, restitua-me [V. M.](#) a sua graça. Se espera que eu o mereça, para mi será desesperação essa esperança. Mais há de quinze dias que ainda a pouca saúde que tinha se foi por aí. E segundo eu estou longe dela, tarde tornará. Esforço-me, procuro, e alcanço a saber que [V. M.](#) passa bem. Recolho-me com estas notícias, como quem traz o mais que deseja. Darei sinal, sendo avisado de nosso [N.](#) que [V. M.](#) e o senhor Doutor tinham tenção de me fazerem ontem mercê em vir a [~ua](#) tenção destas, senhor meu, um propósito de aliviar a um afligido emburulha mais o tempo [~ua](#) espada nua. Tal se pôs ele que parece ouviu os pensamentos de [V. M.](#) Ora não quero dizer mal do norte, que nos trouxe cá a [V. M.](#) e creio haverá trazido agora novas de quem [V. M.](#) deixou e de quem eu muito as estimara saber. Vi um dêstes dias entrar um barco, ou sumaca, de aquelas parte; supponho (pelo menos quisera) houvesse [V. M.](#) recebido cartas do [N.](#) e alguns reflexos dos raios, que por lá nos dizem que se fulminam, eco sequer daqueles trovões que ainda não matam e já espantam; porque nós também somos de bom espantar. Causa que sempre aborreci: gente de casta de legumes, que se cozem da primeira fervura, que é pouco menos que afogar-se em pouca água. Senhor, entra a chusma; já não posso mais. Nosso [etc.](#) Tôrre Velha, em 3 de Março, 1650. [(*Cent. IV, Carta 61.^a*)]

De graças, a um Secretário

Já houve quem dissesse que o muito obrigar era espécie de tirania. Mas para quem se acha bem no cativeiro, favor será lançar-lhe mais um grilhão. Com o ferro desta alabarda me ferrou V. M.: tanta graça se me fez na que se fez a êste sargento. Eu, ainda que de longe, vejo daqui, a pesar dos anos e das distâncias; vejo e distingo. Sei que, sôbre dever a V. M. um grande ânimo de honrar minhas cousas, não é pouco o que também devo a todos esses senhores. E pois V. M. é sua voz, seja não menos seu ouvido, manifestando a cada um o que escuta de meu agradecimento. Afirmo a V. M., como cristão e homem de bem, que quando mais podia enganar-me comigo, e cuidar (sequer pelo ouvir aos outros) prestava eu alg~ua cousa, jámais apeteci cargo ou ofício. Prová-lo-ei com o pouco que fiz por eles. Digo tanto, para que fique certo (como é na verdade) que nem o primeiro movimento houve em mi de querer ocupar-me no govêrno dêstes navios. Desejei cousas tão menores e as fico desejando, que preso e degradado folgara muito de ir neles; por ver se entre aqueles mangues me podia esconder e escapar a tamanhas tempestades. A isto se referia o que disse a V. M., que por ventura seria em tão ruím forma dito, que seja eu o cúmplice desta interpretação, assi diversa de meu propósito, como a V. M. significo. Conheço que a duvida estará no que eu escrevesse, não no que V. M. haja lido. Espero de lembrar agora N. que, pois não quer que seja para a Índia, queira que seja para o Brasil esta minha jornada, e se acabe assi de limpar a terra de tão ruím cousa como eu. Muito estimara saber se a partida dêste socorro será despois da jornada das naus; porque se fosse, entrara em melhores esperanças. Satisfaçam-se-me já as de servir a V. M. algum'hora; e para as outras nunca haja hora. Nosso etc. Tôrre, em 7 de Março, 1650. [(*Cent. IV, Carta 66.^a*)]

A um amigo, sôbre negócios vários

Senhor meu: Em V. M. os descuidos, quando é razão que os haja, são muito seguros. Nem podiam deixar de o ser, sendo descuidos arrezoados. Não se vai a ter medo de mi, nem muito do que tememos a ser de nós aborrecido. V. M. me há de prometer, segundo a vontade que tem de me fazer mercê; e me há de faltar, segundo a confiança que pode fazer, de que não espero que me falte. Desta maneira terá cada um o que lhe toca. A petição creio oferecerá o senhor Bispo N. em dia S. José, cuja devação é minha maior aderência. Porque na verdade, meu N., a medo peço, não pedindo outra cousa senão que se haja por bem mandar-me mudar desta Tôrre para o Castelo de Lisboa. Como o hei de dizer, ou a quem o hei de dizer, senão ao N.? Não tenho já que vender, nem que empenhar, nem dinheiro para dar a barcos, nem grãos a hóspedes. Que será de mi? Estou sobretudo doente de achaques, que requerem cura, e neste tempo. Tenho dívidas, tenho legados, a que dar satisfação. Ando em vésperas de fazer jornada larga e incerta. Que me mandem castigar no corpo, se o mereço, santo, justo e bom; mas n'alma, nem na honra, nem em a consciência não parece idóneo. Um homem que está fora de sua casa seis meses, há mister um ano para a tornar a pôr na razão; que farão seis anos? Um homem, que vai para Santarem, necessita de muitos dias para compôr suas cousas. Eu não hei de ir para Santarem. Digo a V. M. tanto, por que lhe não falem armas que jogar em defesa dêste meu primeiro requerimento. Bem sei que V. M. as meneará de sorte, que em tudo pareçam mais invencíveis. O Panteon guarda em si aquele nome e memória, a que V. M. deve tanto. Os meus erros chamaram-se a sagrado. Veja V. M. de seu vagar; que não falta que ver e menos que perdoar. Nosso etc. Tôrre, em 15 de Março, 1650. [(*Cent. IV, Carta 74.^a*)]

A um Ministro, sôbre negócios e conselhos

Sôbre beijar mil vezes as mãos a V. S. pela mercê que me faz, não menos reprovando minha pretensão, que assegurando-me o favorecer-me em outras, parece que me vejo obrigado a justificar esta com V. S. A primeira cousa que pedi em seis anos de prisão, é a presente. Meu desejo se não estende a mais que a alcançar me mudem de prisão a prisão, e não dela para a liberdade. Isto faz um corregedor aos presos do Limoeiro cada vez que lho pedem: passá-los da cadeia da Côrte para a Cidade, e ao contrário. Aqui donde estou, com a nova ordem do meu aperto, acreceram cousas, que

não sendo eu de ruím sofrimento, me será mais leve sofrer qualquer sentença, que sofrê-las. Porque a sentença é dada por culpas e referida a culpas; e no que cá se padece, nada há disto. Afirmo a V. S., que mais mo requiere a consciência que o apetite, afecto que de todo em mi anda perdido ou superado. Sempre professei o não vir com minhas queixas a público; e a risco de todo o meu dano o observo. Que a parte se queixe, não me espanto, pois faz seu ofício; e bem melhor que eu em perseguir-me, do que eu em defender-me. O fim corôa a obra. E certo que pelo alicerce não se pode ter em pouca conta o edificio. Diga-se-me quem mais tem padecido; e eu direi quem tem mais errado. Livre está Portugal de o castigar Nosso Senhor pela omissão com que me tem punido. N. não entra ainda neste negócio com N., com cujo poder haja de violentar em algum modo a justiça da parte. Entra como juiz, superior e prelado meu, que enquanto não delibera, tudo o passado é nada (o que tudo pode ser, sem que se torça o fio da equidade). Diz um princípio de direito: Summum jus, summa nequitia est. Eu fico que da clemência que se exercitar em mi se não ofenda a consciência nem o mundo. Estou reconhecendo muito formalmente o que V. S. me fez mercê de dizer, como o que insinuar. Mas por isso mesmo que poderia alg~ua ocasião em que nos fôssem necessários os troncos, quanto mais os homens, parece que daquele lugar não ficava menos débil para esse encontro; antes Deus me é testemunha, que nada tanto me obriga a desejá-lo como a esperança que tenho de que, visto de mais perto meu ânimo e acções, se conheça é indigno de não perder. Sôbre tudo está sua vontade; e prometo a Deus que essa seja a minha. Espero que V. S., informado do que lhe refiro, se sirva dar autoridade à minha razão, quando ela amenhã apareça, como tenho pedido ao N. e ao N. e que no que puder a alg~ua cousa havemos de deixar à fortuna; todas entregar à Providência. O coração é pronto a ouvir o sim, como o não. Muito satisfeito estou de que êsse livrinho possa alg~ua sorte satisfazer a V. S. Eu o lancei aos críticos, por que, entretidos nele, deixem passar os outros. Recebi os mais papeis fúnebres. Em tudo obedecerei a V. S., cuja pessoa guarde Nosso etc. Tôrre, em 18 de Março, 1650. [(*Cent. IV, Carta 75.^a*)]

De negócio, a um Secretário

Hoje, por mãos do senhor N., ofereci ~ua petição em honra dêste dia, em que humildíssimamente represento a miséria de meu estado, pedindo a N. se sirva de me mandar passar desta prisão ao Castelo de Lisboa. Soube já do senhor N. se havia achado inclinação a me fazerem esta mercê. Mas eu tenho tal confiança na piedade com que Vossa V. M. ouve meus trabalhos, que sem que de presente Vossa V. M. a exercite comigo, dirigindo o despacho, não acabarei de crer me pode chegar êste alívio. Que êle me seja lícito, parece que toda a razão o está mostrando. Porque, como se poderá duvidar do que terei padecido e estou padecendo, na falta de saúde e de fazenda em seis anos de tôrres, cousa não praticada com outro por tanto tempo? Que seja justo, ainda é mais claro; pois no meio dos maiores rigores de minha prisão, e a três meses dela, já se houve por bem mandar-me fazer êste mesmo favor. Os exemplos dos outros parece que a ninguém esquecem. Só a minha fortuna o podia embarçar - eu o confesso. Porém por isso mesmo invoco eu contra ela a grandeza de N. e a intercessão de Vossa V. M., afirmando, senhor meu, com toda a verdade, que, segundo o estado em que estou, não deverei a Vossa V. M. êste benefício, como o haver-me tirado desta Tôrre, senão do mais áspero cativo; porque as faltas e incômodos vão sendo insuportáveis não menos à vida que à honra. Por esta própria medida será minha obrigação e perpétuo reconhecimento. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a Vossa V. M. como desejo. Tôrre, em 20 de Março, 1650. [(*Cent. IV, Carta 80.^a*)]

A um Conde, com o livro "Pantheon"

Esperei que pudesse mostrar a V. S. mais que com o sentimento alg~uas palavras, qual ele fôsse, na ocasião que me persuadiu a fazer esta obra. V. S., que conhece a minha obrigação, não duvidará de quais sejam as satisfações que procuro dar a quanto sou obrigado em seu serviço. Cuidei que muito mais em breve publicasse êste poema. Trabalhos, doenças e desgostos mo impediram. Se não é como deve ser, ainda se descobre cedo. Mas se justificar o meu ânimo, tudo o mais lhe perdoo. A confusão é

própria da tristeza, a escuridade da melancolia. Não fiz livro em muitas horas para se ler ~ua hora. A melhor minha será quando V. S. me dê a entender que se serve dele e de mi, mandando-me que o sirva. Nosso etc. Torre, em 24 de Março, 1650. [(Cent. IV, Carta 83.^a)]

A Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em França, queixando-se de seu esquecimento

Se não devo de presente a V. S. a correspondência de minha fé, devo-lhe pelo menos seu exame. Porque havendo dous anos contínuos que escrevo a V. S. por aquela mesma conta que mereci seus favores, não vi em todos eles uma letra de V. S. No quero adivinar lo que no mo está bien, dizem que disse um duque de Alva. Da própria maneira, antes me conformarei com que V. S. me deixe de sua graça, que com dar-me eu por deixado dela. Bem se vê que o espírito que anima a minha confiança é aquela certeza que há em mi de não haver desservido a V. S. Estes dias nos sobressaltaram ~uas ruins novas da saúde de Vossa V. S.; depois nos alegraram as boas. Eu estarei sempre fácil ao pesar e contentamento, quando os sucessos de Vossa V. S. mereçam da pena ou da alegria. Grandes cousas ouço aqui, porque de novo foi Deus servido se passasse minha prisão a êste Castelo de Lisboa. E como entre nós há muitos fumos e eu moro no alto, não é muito que me cheguem as cousas de fumo, ou o fumo das cousas. Sobejam-lhe a Vossa V. S. cronistas; e praza a Nosso N. S. que o não sejam os sucessos, segundo se diz que voam as novas infelices, e as felices vão de vagar. O nosso amantíssimo Tejo está eleito por teatro a mil tragédias, a ~uas e outras armas britânicas; qual se os seus cristais fôsem aqueles das Dunas de Inglaterra, onde a Fortuna já fez tão infausto espelho para escarmento de acções inconsideradas. Negócio é o presente, que mais oprime que ocupa a imaginação de nossos políticos: cousa que eu ao revés desejara, por ser em tudo ao revés dos outros. Mas, jubilando o Estado, se por lá se concede alg~ua trégua às Musas como às armas, Vossa V. S. empregue ~ua hora de ociosidade nesses livros, que assi vão buscar em Vossa V. S. a emenda, como o amparo. Sôbre tudo guarde Deus Vossa V. S. como desejo. Castelo, 5 de Abril, 1650. [(Cent. V, Carta 36.^a)]

A D. Vicente Nogueira, Referendário Apostólico de ambas as Signaturas; estando em Roma

Desde que à minha mão chegou, pelas de N. um capítulo de uma carta de Vossa V. M. escrita a N. sôbre aquela História dos Távoras, impressa em França, em a qual não tive pouca parte, fiz propósito de buscar a Vossa V. M. por aquele modo que a nossa distância e a minha impossibilidade concediam. Vários acidentes me perturbaram de sorte que nem ainda agora, animado pelo P. Mestre Frei Fr. N., de todo me atrevera a oferecer-me diante de Vossa V. M. com estas regras; porque verdadeiramente o desengano que de mi tenho me faz ser encolhido. Conheço não menos quantas razões há em Vossa V. M. para que me queira contar no grande número de seus afeiçoados; e julgo já como por demais a lembrança, que pudera fazer a Vossa V. M. das honras, com que sempre tratou de palavra e escrito a êsse mal logrado engenho de Dom D. N., meu tio. As que eu recebi, iguais em Madrid e neste Reino, do senhor Ene N. E. julgo desta maneira; porque sei muito bem que com os grandes sujeitos serve de recomendação a inorância daqueles que os buscam, a fim de se verem doutrinados. Para eu dar a Vossa V. M. inteira informação de minha fortuna remeto a cópia de um Manifesto, que fiz há poucos tempos, de cujo crédito resultou ser passado de outra prisão a êste Castelo de Lisboa, aonde fico, e donde com maior cómodo poderei empregar-me em servir a Vossa V. M. no que por estas partes se oferecem. Para informar a Vossa V. M. dêsse pequeno talento, que Deus foi servido repartir-me, ousou a oferecer a Vossa V. M. esses seis livros, parte dos que tenho publicado, e que bem poderão servir de desengano ao pouco que de mi há que esperar. Alguns faltam dos impressos, porque os perdi pelo mundo, em que andei perdido muitos anos; mas para o que eles são, muitos são estes. Do mais dirá a Vossa V. M. o P. Mestre Frei Fr. N. Com tudo não deixo de me louvar em S. Paternidade, com escrúpulo; porque segundo aqui foi servido de aprovar os meus nada, receo que passe até Roma com esta opinião. Bem me consta da universal curiosidade de Vossa V. M. e, por mais que conheço, terá Vossa V. M. neste Reino grandes e sábios correspondentes; todavia eu me ofereço a êsse exercício, se valer para tanto. Suprirá bem a indústria a falta da suficiência. Tenho aqui meus confessados dos

negócios da Côrte, dos quais poderei dar a Vossa V. M. razão, como bem instruído. Tornando ao Manifesto: eu desejei não sem causa estampá-lo neste Reino, a que fui persuadido dos grandes e dos grandes ministros. Respeito houve para suspendê-lo. Tivera hoje muito contentamento de que nessa cidade se imprimisse na forma conveniente; para o que logo que Vossa V. M. se servir de avisar-me, o mandará pôr em obra; eu acudirei com os efeitos necessários à despesa da oficina, por via do Padre Mestre Frei Fr. N. ou pela que mais prontamente chegar a mãos de Vossa V. M. A minha sêde das boas letras não só se aquieta (como pudera?) pedindo a V. M. me enriqueça de cartas suas; passa também a pedir com todo o affecto queira V. M. repartir-nos dêsses excellentíssimos partos dos engenhos de Itália, que em Roma se forem publicando: porque em seu câmbio serei fidelíssimo comissário, retornando tudo o que por aqui se descobrir, digno de que V. M. veja e lá se publique. Guarde Nosso Senhor a V. M. muitos etc. Castelo de Lisboa, 23 de Maio de 1650. [(*Cent. II, Carta 56.^a*)]

A um amigo, por causa de desgosto e retirado

Diz um rifão castelhano: El hombre sólo o es de Dios o del Demonio. E não vai tão fora de propósito que Aristóteles não diga quási o mesmo. Mas V. M. na Côrte e no campo está bem acompanhado de suas virtudes. Elas só são as amigas e as companheiras, pois acompanham inseparavelmente o espírito que as agasalha. Eu havia entendido que V. M. todavia se achava desta parte, atento ao estado do N. Senhor, não somos nada. Nem a morte nem a natureza nos deram algum termo para cobrarem de nós aquela dívida que em qualquer hora e idade lhe devemos: pedem-no-la quando lhe parece. Esta é vida, que alguém já deduziu de via. Com quem parece se conformam os Franceses, que também lhe chamam vie; vie, porque vida e caminho ~ua própria cousa são. Quererá Deus dar ao senhor N. mais anos, para lhe fazer mais serviços. E se não quiser, não negará a Vossa V. M. certamente ~ua confomidade com o golpe que lhe mandar. Porém Deus faz tudo como Deus. Eis-me aqui tão imperfeito, oferecendo documentos a quem por todas as partes me pode doutrinar. Olhe Vossa V. M., senhor N., o amor é muito primoroso, e assi como ~ua pessoa generosa tem pejo de ir ver a outra sem lhe levar alg~ua cousa, assi o amor se envergonha de ir visitar um amigo, sem lhe levar um sinal de amizade. Receba Vossa V. M. estas desconcertadas palavras, como de um seu quinteiro pudera Vossa V. M. receber ~uas laranjas, posto que fôssem azedas. Eu estou muito ocupado com um papel, que se me mandou escrever, manifestando às Nações a inteireza com que temos procedido neutralmente entre estes dous inimigos, nossos amigos. Empresa é grande, e muito maior que eu. Emfim, o que não merecer acertando, poderei merecer obedecendo. Mas fique de aqui dito, que no tal papel haverei de pôr pouco mais que será voz do oráculo, que também fala dos bronzes, e que assi falará de mi. Essa Relação estampeei os dias passados, que a Vossa V. M. faço conclusa. Lá tudo serve. Aqui me deram ~ua nova, que eu ouvi com grande alegria. Era que Vossa V. M. se assentaria brevemente em ~ua Presidência, que dizem vagara um dêstes dias. Se assi for, todos seremos nessa mercê despachados; e alguns despechados, que tudo há no mundo. Vossa V. M. venha com Deus, e com cedo, e traga os seus papeis; que por cá se vão descobrindo minas inteiras de copiadorez, muito dignos de trabalharem nas minas dêstes livros de Vossa V. M., que em verdade o são; e quem bem os soube fazer, bem sabe que lhe falo verdade. O Petrus Bertius encomendo na boa memória de Vossa V. M. e a mi mais. Tenho muito bem cansado a Vossa V. M., de que lhe peço perdão. E se o tenho em alg~ua maneira servido, não lhe peço mais senão que me mande o torne a servir de novo. A casa de Vossa V. M. está já copiada e pronta para ir buscar a Vossa V. M. a sua casa. Nosso Senhor, etc. Castelo, em 24 de Maio, 1650. [(*Cent. V, Carta 32.^a*)]

A um professor de boas letras, havendo-lhe mandado um vocabulário

Quem não quiser crer que na própria curiosidade há embaraço, desconhece ser a ociosidade a maior ocupação. Passaram-se dias depois de receber um papel de V. M. (tão livro, e mais, que os livros que o acompanhavam) sem ~ua hora em que mostrar-me agradecido a tantos favores. De monte a monte

vai a ingratidão, se ela alcança aos pequenos. É verdade que, sobre este meu não prestar para nada, vieram cousas, com as quais eu não podia, ainda que para muito prestasse. Vieram e levaram-me após si aquele pouco repouso, que conservava afim de o perder à minha vontade. Tudo se azou de sorte que eu ficasse sem a quietação do esquecimento e sem a honra do trabalho. Para isto só fui lembrado, para me não gozar de ser esquecido. Eis aqui, senhor meu, a razão do meu silêncio sem razão. O vocabulário é aquele que eu desejei sempre; e assaz grande indício este dos poderes de [V. M.](#) Pode tanto que me fez possível um desejo; e fez ainda mais, que me fez faltar dele. Da gramática presumirei que em sua virtude pudera eu competir com esses a que me apodou já a benignidade de [V. M.](#) Proporção tem, que em tempo que todos os Portugueses vestem pela frásis francesa, fale algum pelo talho de França. Por mais línguas que eu saiba, ou que também ignore, [V. M.](#) crea que sempre será minha linguagem publicar cortesias de [V. M.](#), conhecê-las, servi-las, servi-lo, suprimindo assi o desmerecê-las. Nosso [etc.](#) Castelo, 2 de Junho, 1650. [*(Cent. V, Carta 46.^a)*]

A um Ministro amigo, que se achava em grande desconolação pela morte de sua esposa

Melhor é ir à casa do luto que do convite, disse o Espírito Santo. Porque é sem falta o luto o melhor convite. Estes olhos do homem, que todos temos por línguas, também são bocas da alma: que comem aqueles afeitos, de que ela bem ou mal se sustenta; bocas, para as quais de ordinário será mais útil, se não mais saborosa iguaria, o luto que o convite, a lástima que a pompa, o desengano que o deleite. Assi vemos que não sem grande providência depositou a Natureza sua maior virtude naquelas cousas, a quem concedeu a menor gentileza. Sendo isto assi (como não pode deixar de ser), errada anda logo, com as outras, aquela opinião que entre nós assegura ser fineza da amizade ou desempenho da obrigação essa correspondência que guardamos aos tristes, esta companhia que fazemos aos sós, aquela consolação que damos aos enojados. Senhor, por meu interesse, quando por minha dívida não fôra, devia eu neste tempo buscar, servir e assistir a [V. S.](#) Agora o faço, dando todo o meu poder a estas regras e renunciando nelas todo meu coração: para que não só signifique a [V. S.](#) meu sentimento em seu sentimento, mas para que me saiba tanto aproveitar da causa dele, que traga dessas sombras claridades e dessas lágrimas avisos, com que possa alumiar minhas trevas e advertir meus desconcertos. Não será esta a primeira vez que da casa de [V. S.](#) me venha o remédio. Mas podia ser este o último e o melhor remédio. Ofício é dos grandes, e certo seu grande ofício, socorrer e ajudar aos pequenos; que já nesse sentido aquele grande Rei David, julgando-se por pequeno homem, afirmava sempre os olhos no alto monte, donde esperava, lhe decesse o auxílio de suas misérias. Ora eu, havendo de escrever a [V. S.](#) esta carta, seguirei nela bem diverso caminho de aquelas comuns consolatórias, nas quais vemos que seus autores põem todo o estudo em desviar a tragédia presente da memória dos afligidos. Pelo que já filósofos e santos chamaram ornamento da vida ao esquecimento da morte. Desculpa-se em nossa fraqueza esta omissão; porque, medindo-se com o que somos o que havemos de ser, parece que nenhum de nós aceitara o ser que temos, se conhecera sua fragilidade. Convinha que houvesse mundo povoado de homens; e também convinha que, para haver homens que povoassem esse mundo, os [alg-ua](#) vez se descuidassem de aquilo que eram e do que haviam de ser. Não convinha pois que esta memória fôsse nosso exercício; mas convém que seja nosso desengano; salvo se do mesmo resguardo que a Providência quer que tenhamos à lembrança da morte, nos faz a própria lembrança. Ó humanos, que mais certo testemunho quereis de vossa contínua fragilidade senão saberdes que não sois capazes de que se vos lembre de contínuo? Já pode ser que fôsse esta a razão por que Deus, fazendo-nos mortais, não quisesse dar-nos a saber o dia de nosso acabamento. Sabia Deus que, se o soubessem os homens, de medo de aquela hora ninguém chegaria a ela; sempre ficaríamos aquém do que nos estivesse concedido de vida. Porém eu, que agora o hei com um ânimo grande, qual é o de [V. S.](#), suposto que as feridas (segundo disse o poeta) sejam do tamanho do coração, grandes no grande e pequenas no pequeno, nem por isso afagarei sua dôr, persuadindo-lhe o divertimento dela. Duramente (a meu ver) ou mentirosamente, quizeram os Estoicos vender-nos por constância a insensibilidade. Não diriam bem as almas de ferro com corpos de barro; antes tão longe estava de ser perfeição do vigor humano, que fôra o seu maior defeito; porque, que se devia aos homens de sofrer aquilo que não sentiam? De aquelas três faculdades que deu a Providência à alma do homem: vegetativa, sensitiva e racional - a faculdade sensitiva não negou a quási todo o número das cousas

criadas. Donde é de notar que, quanto as fez mais capazes de sentimento tanto lhe deu maior grau de nobreza. De sorte que a cada um pelo que sente, podemos estimar pelo que é. Do homem que bem entende as cousas, dizemos que sente bem delas; e das cousas de que se não sente bem, dizemos que não são boas. Sentimento e entendimento tanto se parecem, que todos aqueles a quem Deus tirou o entendimento, lhes deu em seu lugar o sentimento, como mostrando que só o sentir enche o lugar do entender. Porque queremos logo obrigar ao homem a que não sinta, se tanto tem de racional como de sensitivo? Não seria certo menos que trastornar a Natureza, borrar os estatutos do Céu, fabricar novos homens sôbre a terra. Senhor, o êrro não está no que sentimos, senão no que erramos o sentimento. Do sentir fazemos nosso ofício aquele que nos compete; porque se, como sensitivos, nos não desobrigamos de sentir, como racionais somos obrigados a temperar o sentimento com a paciência, a paixão com o valor, a pena com a esperança. O sentimento, que só para em penalidade, não há dúvida que esse é infelicíssimo; porque, acarretando-nos mágoas e desgostos, nos deixa em meio da dôr sem chegar ao aviso. Eis aqui em que difere esta paixão, quando se acha nos sábios ou nos ignorantes: que os sábios padecem com trabalho e proveito, e os ignorantes só com trabalho. Por ventura haverá alguém, que possa levar o golpe da adversidade sem algum prémio? Não por certo. Ela, por si só, é desacomodada e espantosa. Veja-se aquela fadiga com que se alcança; veja-se aquela paciência com que se espera. Como se fizera tolerável ao lavrador lidar um ano e muitos anos com a terra fria e estéril? Domar animais bravos, conversar com feras brutas, sofrer inclemências de encontrados elementos, depender de astros malévolos, perigar nos vários ares, viver deles (que é peor), se não por aquele prémio que espera, por aquela esperança que o aconselha ao ouvido e o persuade a levar o peso de tal trabalho, porque enfim dará fruto, honra e prémio. Não há ouro que primeiro não seja terra. Verdadeiramente se observássemos seu progresso, o mais rudo, o mais enganado o conhecerá. Que ânsias, que trabalhos, que vidas, que mortes não custa ~ua coroa, antes que seja coroa, para que possa ser coroa! Oh! senhor! por isto eu peço que não seja a mágoa sómente mágoa. Apura-se a mágoa, e seja escarmento, desengano, doutrina. Se assi for, não contemos por mal a adversidade, por diligência, si, felicíssima. Bem aventurados aqueles, que, purificados na frágua de um prudente sentimento, se habilitam para um cristão sofrimento, para um cristão desengano! Conformes em que do golpe da adversidade assi se distila sangue, como bálsamo - sangue para quem o padece, bálsamo para quem o conhece - não fica duvidoso que entre os golpes mais penetrantes que a Fortuna ou que a Providência atira a um coração humano, é a morte daquelas pessoas a quem mais na vida amamos. Pudera-se hoje duvidar dêste costume, por quanto tem a Natureza trocados seus costumes. Vemos já ociosas as discretas suasorias de Séneca e as eficazes declamações de Quintiliano. A ilustre consolatória do famoso Boécio, está no mundo como por de mais, depois que os homens ~ua nova filosofia, pela qual o afligido por si mesmo se consola, porque se não aflige. Certo que, se não haviam de sentir, que melhor foi não chorar; e, se não haviam de escarmentar, que melhor foi não sentir. Será por ventura melhor a advertência dos presentes? Isso não é senão porque, como é outro o amor de agora, é outra também a dor de agora. Guardou-se para aquela antiga idade do querer a idade do sentir; e para esta de engano se guardou a do alívio. Não se sente, porque se não ama; e .não se perde, porque se não estima.

S. Ambrósio, que nunca se perdia sem grande dor aquilo que com grande amor se possuía. Bem aviado estava o crédito de nosso amor, se ele se houvesse de pesar pelo peso de nosso pesar. Ora, com tudo, se acaso algum amor, algum sentimento ficou à vida, para a morte se guarda. Já notei que o sol, sendo contrário da sombra, observa entre si e ~ua maravilhosa proporção. É sabido que no ocidente, ao pôr do sol, ao fenecer da luz, então se vê maior o sol, então maiores as sombras. Raro mistério! Porque bem nos mostra a experiência de todos os dias e de todo o dia, que o mesmo é exaltar-se o sol que a sombra diminuir-se. Pois como no ocaso do sol vemos maior o sol e maiores as sombras? O que é com muita razão: porque o ocidente é figura da morte, e realmente morte da luz, é fim da claridade, é termo da alegria. Veja-se logo por toda a vida do dia crescer o sol; seja maior o sol e menor a sombra; para que se veja que na morte o mesmo que na vida pareceu oposto, assi se conforma, se ama, se une, que ao mesmo passo crece a luz e crece a sombra. O sol pareça maior e a sombra pareça maior; porque na morte o amor e a dor avulta muito mais que na vida. O amor, que é o sol do céu do mundo, a dor, que é a sombra do sol do amor. Tenho, senhor, para mi que da mesma sorte que o ouro se verifica na pedra de toque, o amor se toca na pedra da sepultura. Aquela é amor, é ouro (e é ouro fino) que ali chega, que ali toca seus quilates. Já pode ser que os antigos, que puseram as aras por limite da amizade, isto quisessem dizer; porque nem era necessário dizer que o bom amor, a boa amizade devia passar das aras, se nos tinham dito que chegava até elas. Menos era necessário dizer-nos que não passaria delas, se não

chegasse a elas. Ora, sendo o maior amor o amor da morte, sendo o maior golpe a morte do que mais amamos, que melhor mênzina acharíamos a nosso descuido que aquele golpe naquele amor, aquele fim naquele golpe do que mais amamos? Qual prudência cristã, se isto conhece, põe logo grande cuidado em aliviar a dor que nos fica, se, tirando-nos a dor, nos tira o remédio? Mandavam-se enterrar os primeiros pelos caminhos e pelos campos, a fim de saírem ao caminho ao nosso esquecimento e de batalharem em campo com nosso descuido. Ali queriam que seu exemplo vencesse nossa porfia e que seu escarmento convencesse nossa obstinação. De aqui, sem falta, o Santo Rei deu adjectivo de patente ao sepulcro. Não sei eu que cousa menos patente ~ua sepultura, a que parece que de propósito escondemos nas entranhas da terra, para esconder com ela sua memória e nosso aviso. Pois como David, sendo discreto, chama patente ao sepulcro? Chama-lhe patente, porque, por mais que nós o escondamos à vista, ele se mostra ao desengano. Desde essa própria solidão, em que é edificado, desde êsse próprio deserto, em que mora oculto, desde aí grita, dá vozes e se mostra descoberto e patente. Abra a razão o que cerra o mármore; porque seu próprio silêncio o apregoa, seu desvio o inculca, sua ausência no-lo põe diante dos olhos. Aquela indústria com que o retiramos, é recomendação para que o reconheçamos. Só a êste fim falaram com os caminhantes aqueles célebres epitáfios, aquelas elegantes inscrições, para os de dentro ociosas, para os de fora oficiosas; de maneira que, nem parando nem andando, se desculpassem nosso divertimento. Pois, senhor, veja V. S. com que razão, achando nós tantas vezes esta advertência das portas adentro, não só em nossa província mas em nossa cidade, não só em nossa cidade mas em nossa casa, não só em nossa casa mas em nosso coração, a haveremos de querer lançar fora de tal maneira, que fiquemos em falta com o amor dos mortos e com o proveito dos vivos? Eu desculpara de boa mente o esquecimento da morte se dele nos resultasse algum proveito. Mas razão é que se culpe, quando vemos que ela é horrível e medonha para aqueles que dela se esquecem, leve e fácil para aqueles que dela se lembram. Por nosso interesse devíamos lembrar-nos de nosso acabamento. Não teve outro mistério aquela celebre peçonha de Mitridates, rei de Ponto, para que de morte se convertesse em vida, de veneno em alimento, senão o ser usada de contínuo. Faça-se o homem mortal familiar da morte, que ele lhe perderá o medo. Não havemos, senhor, de desterrá-la, antes admiti-la; ser companheiros daquela inseparável companheira, que toda a vida nos acompanha. Quantas vezes o entregar aos riscos é fugir deles! Muitas vezes o seguir os perigos é como arredá-los. Disse-o Caim, e o oferece por desculpa de seu delito. Alegou a Deus que lhe não havia entregado seu irmão, para que êle tivesse obrigação de guardá-lo. Pois como se compadecia que Deus, sabendo qual era a fereza de Caim, que por pior que fôsse não pudera dar a morte ~ua vida, que nas próprias mãos da morte se houvesse posto, que de seu rigor se confiasse, que de sua indignação não fugisse? De aqui vemos que aquele que sempre lhe parece que morre, não morre; e aquele que sempre se lembra da morte, a morte se esquece dele. Pudera o homem com razão dar queixas a Deus de que lhe ocultasse o dia e a hora de sua morte. Parecia, em certa maneira, que Deus não fazia muito caso daquela salvação do homem. Dera emfim suas queixas a Deus; mas seriam queixas sem razão; porque não havia mais eficaz modo de recomendarmos nosso fim, que fazer-no-lo incerto; não se achara definição tão clara de nossa fraqueza, como aquela contínua contingência, pela qual propendemos à fragilidade, à miséria e ao acabamento. Se o homem não acha um dia para se lembrar que é mortal, podendo morrer todos os dias, como houvera na ~ua hora, em que se lembrasse da morte, tendo a vida segura por todos os anos da vida? Oh! ignorância discreta! Oh! inadvertência prevenida! Tema-se sempre o que sempre pode temer-se. Dê-se de contínuo por avisado aquele que jámais recebe aviso. Faleça todos os dias quem pode falecer todos os dias. Saiba que cada dia e cada hora é o seu dia e a sua hora quem não pode conhecer a hora nem o dia. Oh! se os Príncipes, se os grandes do mundo, em vez de aquelas guardas com que se cercam, se acompanhassem e se cingissem desta memória da morte, quanto mais segura e bem aventurada fariam a vida! Êsse Séneca, que provou bem consigo mesmo o que ensinou aos outros, quer no viver, quer no morrer, esse mesmo nos deixou dito: ser ignorância temermos aquilo que não podíamos evitar. Lícito fôra o medo da morte, se esse medo nos fôra contra suas armas escudo. Donde disse o poeta grego: que o cobarde morre muitas vezes, o ~ua só; porque aquele morre de sua imaginação e êste de sua ~Ua só é a vez do morrer; e infinitas são as vezes em que se pode temer. Este receio seria virtuoso, segundo se encaminhasse. Porque quando não induza a outro fim que ao aborrecimento de aquela hora, a desviar dela o pensamento, a temê-la só por temer e experimentar a falta da vida que se ama e se deseja - então é condenável. E então é louvável, quando, pelo conhecimento de nosso natural, vivêssemos como quem vive em perigo. Esta minha filosofia não torna a afirmar aquela que há pouco repreendi nos Estoicos. Porque o temor natural da morte é irrepreensível

pela própria regra que se faz reprensível o desprezo artificial da vida. Falei do indiscreto temor que em nós há, do qual jámais se produz algum bom efeito; porque êsse é sempre medo, e nunca é emenda. Toda esta lição tão importante, ilustrada de mais altas doutrinas, nos lê Deus, fazendo cátedra de aquele ataúde, de aquela igreja aula, de aqueles convidados cursistas, de aquela divina e humana doutrina faculdade. Assi, quando virmos que o parente, o irmão, o filho, o pai, a mulher, nos falta diante dos olhos, tenhamos por certo que o sapientíssimo Mestre, vendo nossa rudeza neste estudo, quer repetir-nos as ~ua e muitas vezes, a fim de nos fazer doutos e graduar em nosso desengano; pela qual acção sua providência deve de ser louvada e engrandecida, não certo ofendida e duvidada, segundo soe fazer nossa fraqueza.

Confesso, senhor, que esta lição que Deus lhe dá hoje a V. S. bem pode ser e será de grande aflição a seu espírito; mas se pelo que custa havemos (como havemos) de inferir sua nenh~ua lhe podia a V. S. importar mais, nenh~ua lhe podia custar tanto. Lá se diz vulgarmente: que a letra com sangue entra. Força é que custe sangue êste ensino, e o melhor sangue, qual as lágrimas, sangue da alma, mais claro, mais ilustre que o mais ilustre e claro sangue, em que os homens depositaram o solar da maior nobreza. Pois certamente que, se as cousas se medem pelo trabalho que custam, não sei eu por que razão não fazemos eterna memória de um desengano tão custoso! Quem vir aquelas funerais pompas tão devagar fabricadas, tão depressa acabadas, bem poderá profetizar a brevidade da pena, assaz desigual à obrigação da dor; bem poderá convencer-nos no excessivo sentimento, quando começamos a sentir, com o excessivo descuido quando começamos a esquecer. Davam-lhe os pêsames a um discreto, da morte de um seu filho, que amava muito. Respondeu: - Já não sinto tal morte, mas a injúria de que me hei de esquecer dela. Quisera achar um meio, que concertasse em nós os efeitos dêste acidente; um affecto árbitro entre o esquecer e o lembrar; que o sentimento se mitigasse quanto à dor, e que sempre durasse quanto ao desengano. Vestir debalde aquela melancolia, arrastar os dós, para gastar primeiro a memória que a baieta, foi sempre cerimónia da hipocrisia, penosa e condenável. É ~ua das razões que mais pode deter o pranto do mais lastimado e lastimoso; porque se choramos para nos esquecermos, traição é que fazem os olhos ao coração, ou ele a eles; se para nos lembrarmos, não são necessárias lágrimas para memórias. Antes, como o ânimo queixoso desafoga pelas palavras, a alma afligida pelas lágrimas se alivia; e às vezes se escoia de sorte, que se despeja da dor; porque o sentimento que muito se chora não é o que muito dura. O Céu no-lo mostra; porque as tempestades de muita água não são as mais perigosas; as sem água trazem logo consigo raios e terremotos. Mas quando da parte da humanidade seja contradito, dizendo-se o que todos sabem dizer (não sei se fingir, porque nos menos é verdade): que a longa companhia que se aparta, a amada conversação que se perde, a desejada vista que desaparece fazem neste caso inconsolável o sucesso, respondo que por duas maneiras somos obrigados a levar esta dor, que os homens julgam intolerável. A primeira seja: porque, se nos queremos mostrar fieis à mesma dor, não é justo que lhe faltemos. Não se padece o que se não sente; nem se merece no que se não sofre. Quem amou, padeça; que isso é o mesmo que faz quem foi amado; padeça, que isso é o mesmo que deve. E como todos estes affectos nos compitam, já pela parte do amor, a cujo cargo está o padecimento, já pela parte da paciência, a cuja conta está o merecimento, bem se vê logo como igualmente que somos obrigados a sentir e a padecer pelo amar, somos obrigados a padecer e sentir pelo sofrer. Eis aqui como não há dor que não seja digna de sofrimento, visto que não há dor que não seja parte no merecimento. Por isso disse bem aquele filósofo que disse: não havia sido o ferro mais vezes cruel que piadoso, porque um ferro corta, outro cura? A segunda razão seja aquela que ao amor, à cristandade, à filosofia pudera ser primeira. Seja o vermos aquele espírito que amamos já livre dos contrastes da vida, fora dos perigos do mundo, isento das leis da morte. Oh! que grande bem! que já não há de morrer outra vez aquele que é falecido! Certo que, se bem se notasse o que é a morte acêrca dos vícios, que, pela não ter por passar, podíamos desejar de tê-la passado. ¿Que nos queixamos logo ou que nos enganamos com aquela mágoa da saúde, que nada penetra do ser dêste acidente e só se detem em se lastimar das aparências? Pois por ventura, se o ser mortal é êste, ¿qual é o ser vivente? Perguntado um dia Sócrates se na vida podia haver descanso, respondeu que não; porque era vida de homem, que se passava entre homens.

O Séneca: que aquela vida era de contado mais felice, que fôsse mais breve. Eurípedes: que a vida era tão chea de moléstias, que duvidava se à vida chamasse morte, ou se à morte chamasse vida. Aqueles sagrados lumes da Igreja que disseram... Mas para que são mais autores que nós mesmos, nossos olhos, nosso conhecimento? Quem gostou jámais à glória do mundo, que a não desse por bem não conhecida? Verdadeiramente aqueles a quem se dá, não parece que se lhes dá por prémio, senão por

castigo. Ser no mundo mais ditoso, não é ser mais ditoso, é padecer mais tempo a ocasião de ser mofino. Quicá vem de aí que ordinariamente os grandes são mais gloriosos; porque os grandes soem ser de ordinário os a quem se prepara maior penalidade. [Alg~uas](#) vezes tenho cuidado donde nos veio a nós êste amor, esta estimação, em que temos ao mundo; porque tal engano parece que nos não pode vir nem do demónio, sendo o demónio e o homem as duas fontes, donde todo o engano nos procede. Mal pode vir do homem, se o primeiro homem, possuindo o melhor do mundo, a trôco de um pequeno bocado, e por um só pomo, deitou a perder o mundo todo. Mal pode vir do demónio, pois a trôco [~ua](#) leve adoração, ofereceu o mundo todo. Em mais teve Adão um apetite que o valor do Universo. Em mais teve [~ua](#) lisonja que o preço de todo o Orbe. A quem saímos logo na grande conta que fazemos dêste tão desprezado mundo, e tanto para desprezar? E - o que peor hei - dêste mundo que tanto nos despreza? Se discorressemos nesta matéria, ela sobejara e faltara o discurso; porque ela é maior que o discurso. Por esta [S.](#) Bernardo, com primoroso pensamento, como escandalizado das perdas desta vida, achou grandes interesses na morte. Boa lhe chamou, porque é descanso; melhor, porque é meio de melhorar; excelente, porque é instrumento da segurança da vida, à morte e ao descanso. [S.](#) Anselmo, consolando aos que ficam, diz assi: Se vês que mata ao bom, olha que o não ofende; se vês que mata ao mau, olha que é digno de ser ofendido. Claro fica logo que, por todas as considerações, não é a morte dor inconsolável, senão muito digna de que a trate e leve um ânimo católico e prudente. Falta por ajuntar a estas demasiadas regras, outra mais útil que todas para nós mesmos. Vemos que em um e outro tempo quis Deus tornar alguns mortos à vida, [a-fim](#) de que a melhorassem. E não faltando nas letras morais e divinas alguns doutos exemplos, é bem notável o que escreve Plutarco em o livro de Tarda Dei vindicta, donde se lê que o mancebo Tespésio ressucitou despois de três dias falecido; e com tal mudança de costumes, que aquele que era antes um poço de vícios, se tornou despois um espelho de virtudes. Tal virtude tem a morte. E parece que nos apaga Providência com essa sua virtude e execução que faz em nossa fragilidade: por que se desempenhe aquele horror que traz ao corpo com aquela fermosura que causa ao espírito. Pois, senhor, a nós os vivos (que tanto mais fácil nos será ressucitar nos costumes e morrermos na consideração dos que falecem) quanto maior obrigação nos corre de aproveitar-nos da morte alheia, para que emendemos e melhoremos nossa vida! Quem nos detem? Quem nos engana? Quem nos persuade o contrário? Ou que outra cousa é ver acabar aqueles, que nos deram o ser, ou aqueles a quem o havemos dado, senão ensaio que a morte faz neles do que há de obrar cêdo em nós outros? Vejo que estará todo êste discurso muito ocioso [a-par](#) do grande juízo de [V. S.](#), cujas idéas descobrem, como de mais alto, maior cópia destas verdades. Mas o amor e o respeito que tenho à pessoa de [V. S.](#) me obriga a que não apareça diante de sua presença inutilmente. Creio estão já feitas estas contas desde logo que foram necessárias; com tudo, me não desobrigo de sua inculca: porque aos sábios, maior lisonja se lhe faz oferecendo-lhes o mesmo que sabem, que mostrando-lhes o que deixaram de advertir, [alg~ua](#) cousa deixam. Nesta maneira é justo o sentimento, as pompas, as lágrimas e as lástimas. E nesta maneira é devida a constância, a paciência e a melhora: dando à dor seu quinhão da alma, mas toda a alma à emenda. Assi o quererá Deus, e guardar a [V. S.](#) para que todo o bem lhe vejamos. Castelo, em 2 de Julho, 1650. [(*Cent. IV, Carta 84.ª*)]

Carta a um amigo sôbre negócios seus

Senhor meu: Se a [V. M.](#) lhe for presente o que tenho padecido estes tempos, não estranhará [V. M.](#) que me falte vida e alento, senão que ainda tenha algum para poder animar-me. Todo o ódio, toda a iniquidade, toda a violência, toda a maldição que cabe em homens, e homens maus, se armou contra mim, fraco, preso, abatido e indefeso. Veja [V. M.](#) que igual batalha ou que esperança posso ter de vitória neste transe. Os sucessos são tais e tantos que larga escritura pediam. Faço sacrifício a Deus e às gentes de os não referir, que já [S.](#) Cipriano "infamava todas as idades quem memorava os malefícios passados": as passadas com a memória e as presentes com o exemplo. Tais cousas melhor é que se calem. Deus as publicará. Espero nele que com perpétuo horror as castigue. Toda esta máquina se dispõe a perpetuar-me nesta prisão e que não consiga aquele grande alívio (veja [V. M.](#) que tal!) de ir desterrado para o Brasil; e aquilo que nem os inimigos puderam negar-me querem que o tempo mo negue, dilatando a execução dêste juízo. É já subida [S.](#) Majestade a consulta da Mesa da Consciência; constante cousa foi dizerem todos que lá se haviam estranhado de que os juizes, havendo ano e meio

que o eram e proviam como tais nos autos, agora duvidavam se o podiam ser. Eles tinham nos mesmos autos a resolução donde estão estas sentenças contra mim, havendo eu posto a um deles a própria suspeição. Finalmente, senhor António Luis de Azevedo, o que eu peço a V. M. sem lho eu pedir sei que fizera: que V. M. por sua pessoa e pelos meios que lhe forem possíveis queira ajudar esta minha pobre pretensão, lembrando ao senhor Secretário dirija e alembre e disponha o despacho dela, porque de outra sorte eu ficarei aqui até que o eco da trombeta do juizo universal nos chame a todos e confunda, como confundirá aos que assim me tem julgado e não acabam ainda agora. Eu escrevo ao senhor Gaspar de Faria, de cuja mão espero êste grande benefício. V. M. lhe ofereça sempre diante o merecimento dele. sr. António do Couto me faça V. M. mercê da mesma recomendação; e a mim de perdoar-me a causa da relação destas lástimas, as quais eu a nenhuns ouvidos de melhor vontade encaminho, pois sei a compaixão que hão de achar na de V. M., cuja pessoa Nosso Senhor guarde como desejo. Tôrre, em 30 de Julho, 1650. [*(Cartas a A. L. de Azevedo-nº 32)*]

Dr. Manuel Temudo da Fonseca, Vigário geral do arcebispado de Lisboa Nos viri civilis ET scriptoris legum, omnem curam, et industriam in civitate constituenda positam videmus.

(Aristóteles, De Republica, livro [cap. I](#))

A todos os que vivemos defendidos pela virtude das leis (que somos todos os que vivemos) pedia a razão louvássemos aquela virtude que assi nos defende, ampara e modera. Quatro são as calidades principais, assinadas pelos sábios, que nos obrigam a reverenciar o estudo desta faculdade. A primeira é o fim, a segunda o efeito, a terceira o objecto, a quarta o sujeito. O fim, porque as leis foram achadas para saúde da República. O efeito, porque dão glória a seus professores. O objecto, porque informam nossa alma de honestos costumes. O sujeito, porque tem por sujeito a justiça: virtude tão grande, que nela só estão cifradas todas as mais virtudes. Estas boas calidades e outros seus gabos não menores se acham por toda a erudição humana como se vê em Marco Túlio no 2º das Leis, Alexandre no Digesto, Ludovico Bolognino sobre a Autentica, o Cardeal Zarabella no 4º das Clementinas, André Barbatia contra os Médicos, Aristóteles na Ética, e no livro De vida e morte, no da Política e no 1º De Secretis; Macróbio [liv. 1º](#) De Somnio Scipionis, Xenofonte no de Monarquia, Juvenal [alg~uas](#) de suas Sátiras; e até Avicena foi não pouco louvado de seu comentador Averroes, por saber misturar o estudo das Leis com o da Filosofia. Nem faz menos pela glória dêste exercício o que de Licurgo diz Apolónio, (tomando-o de Eusébio): que não sabia se o legislador entre o número dos homens ou dos deuses devia de ser contado. O mesmo sentiu Belo, quando a Nino consagrou estátua, como a celestial Numen. O que considerando Vergílio, com advertência entregou a Minos a vara do Inferno, donde o constituiu ser juiz. Porque já Sólon foi tido dos Atenienses por Júpiter; e o próprio cuidaram do seu Apis os Egípcios, a quem chamaram Serapi, isto é, máximo entre os deuses. Da mesma sorte a Platão, que herdou o sobrenome do Divino, houve muitos que sacrificaram como a Deus: julgando a antiguidade por não menos que deífico aquele espírito, que, com saúdáveis leis e acordos sábios, fazia viver os homens em paz e obediência. Mas sobre todos, com voz celestial, lançou contraponto o santo rei David, que, observante da lei de Deus, não só guarda, mas engrandece em infinitos seus lugares as leis humanas, quando de aquela se deduzem e àquela se encaminham; como tudo se acha bem advertido em Lucas de Pena, por todo o discurso e elogio, que faz da justiça e suas partes. Agora me parece que sendo tais louvores competentes àqueles que professam o estudo civil das leis imperiais, deve ser muito maior aos professores das pontifícias, que chamamos direito canónico e sagrado; cujo fim, efeito, objecto e sujeito é em tudo mais ilustre, mais útil e mais necessário, quanto é mais nobre o espírito que o corpo, o eterno que o mortal. Se já não disséssemos, com Marsilio Ficino: que as leis civis são filhas e dependentes do direito canónico; porque opinião foi dêste autor, que da lei de Moisés (escrita aos Hebreus e em Deus aprendida) foram exímios (assi o disse Marsilio) todos aqueles que legislaram sobre as outras nações: Cecrope aos Egípcios, ou Mercúrio Trimegisto, segundo Pompónio, Leto e Polidoro Vergílio; Foróneo aos Gregos, conforme Isidoro; Draco e Solon aos Atenienses; Licurgo aos Lacedemónios; e, como quer Valério Máximo, no livro De simulata religione, Minos aos Cretenses, Filolau aos Tebanos; e, como Volaterrano, Apolo aos Arcades; e também, no sentir de Marco Túlio, no livro De Natura Deorum, Zoroastes aos Batrianos; segundo Célio Rodigínio, Platão aos Magnésios, de que ele próprio testifica; Deucalião aos Delficos, seguindo a Ovídio; e em sentimento de Vergílio: Saturno a Itália. Dos Magos se afirma houveram leis os Persas; que Drudo as deu aos Galos; Saleuco aos Lucrésios; Hipodamo aos Milésios; os Gimnosofistas aos Índios; Belo aos Caldeus; Fidon aos Coríntios; Zamolsio aos Scitas; Caronda aos Cartagineses. Finalmente Rómulo e Numa aos Romanos. Pois como da lei de Moisés, Cristo, filho de Deus, e sua santíssima lei, dada ao mundo, fôsse o complemento e verdadeira inteligência (conforme o mesmo Senhor disse em vários lugares de seu Evangelho, donde afirma que não vem a dissolver a lei, mas antes a lhe dar vigor e valia) fica sem dúvida que não quis Deus que a antiga cátedra do seu legislador, e donde seu filho se assentara, ficasse vazia de mestres da lei divina. E assi ordenou que nela sucedesse o Príncipe dos [S.](#) Pedro, como Vigário seu na terra; e que após dele, com o próprio poder e autoridade (tanto no ensinar a lei divina, como no usar dos divinos poderes) sem intermissão se seguissem os sagrados Pontífices Romanos, que são hoje no mundo os verdadeiros catedráticos de leis celestiais e verdadeiras; que dão perfeição e complemento à lei antiga de Moisés, universal mestre das leis do mundo. Dos quais Pontífices deduzindo-se o poder aos bispos, prelados e sacerdotes da Igreja, é bem claro que a nenhum outro magistrado da República, tão directamente pertence (contra a errada sentença da heregia) o cuidado de dar boas leis e declarar as leis, como aos ministros da Igreja; cuja moderação (não defeito) deixou aos príncipes e ministros temporais o cuidado das leis temporais. Assi Martin Becano no seu

livro De Pontífice Veteris [cap.](#) 4 de Officio [§ 3º](#) é de parecer que no mesmo tempo de Moisés corria já a cura das leis por conta do Pontífice; porque (segundo ele) já então tinha a República Hebraica duas Cúrias, donde se determinavam os negócios da lei. Das quais a inferior consultava à superior; cujo Pontífice consultava a Deus a dúvida do povo. Donde se argúe quão próprio estudo seja dos ministros eclesiásticos não só dar a lei, mas dá-la a entender, guardá-la e fazê-la guardar. Do desempenho que [V. M.](#) deu a estas obrigações, havia eu já ouvido os anos passados; sendo, entre todos, muito digno de louvor o virtuoso progresso de [V. M.](#) não menos julgando nos tribunais que escrevendo sôbolo bufete aquelas utilíssimas Decisões, que só podiam alumiar a cegueira dos intricados casos que de contínuo aparecem pelas Cúrias Eclesiásticas; de que [V. M.](#) havia publicado dous tomos, com tão felice successo, que sendo logo repartidos por toda Europa, tornaram brevemente as doutrinas de [V. M.](#) (à maneira das águas, que saem do mar e tornam a ele, depois de fertilizarem a terra) a suas próprias mãos e a sua mesma livraria; vindo agora em novos livros alegados por graves varões os livros de [V. M.](#), com cuja autoridade eles não fizeram muito em sair tão depressa ao mundo confiados. Logo que tal acção me foi notória, me dei por obrigado a amar e reverenciar a pessoa de [V. M.](#) contra aquele nosso antigo costume (se não é abuso) que só nos leva a estimar o alheio, como se a espécie humana fôra diversa em diversas partes. Medimos de ordinário o valor da causa por seu custo; e vem de ali não acabarmos de conhecer o preço do que é nosso, porque o achamos entre nós. Logo queremos que o peregrino seja raro; negando por ventura a todas as cousas o predicamento que lhe não compete pela quantidade, senão pela calidade; porque nem por serem poucos são melhores, senão porque são melhores. Esta é a razão porque erradamente os homens, pelo menos desordenadamente, se empregam todos na estimação dos autores antigos e estrangeiros, desamparando dela aos modernos, ou naturais - queixa que já por nós fizeram outros. Eu sigo diferente opinião, achando também de minha parte a Séneca, que chama ladrão da virtude da natureza àquele que cuida não pode ela formar hoje os homens como antigamente. Tenho por sem dúvida que agora fazem mais os sábios em ser sábios; e mais quanto é menos o prémio da sabedoria. Ser virtuoso, quando a virtude se coroa, também podia ser ambição em trajes de bom costume; mas ser virtuoso, quando a virtude se despreza, al não pode ser senão virtude. Levado dêste pensamento, procurei por mi mesmo, e depois persuadi [alg~uas](#) pessoas doudas, [~ua](#) Biblioteca Lusitana dos Autores Modernos, novamente estimulado da falta que padecemos nesta parte, com a qual se desculpa o autor dos Comentários da República Portuguesa, impressa em Leyden, ano 1641. Porque, sem embargo que a falta do prémio, de que foram ricas as primeiras idades, parece que podia esterilizar êste nosso tempo, todavia vemos que nele, não com menos vigor que nos passados, brotaram os engenhos de Portugal copiosíssimos frutos de ciência. Assi conhece quem do mundo e dos livros tem algum conhecimento; pois não tanto neste Reino, como nos estranhos, por onde estão repartidos nossos naturais (com interesse de todos), vemos que deu e está dando Portugal abalisados autores, que nas ciências divinas e humanas, [~uas](#) e outras faculdades resplandecem. Porque além dos antigos, que de si nos deixaram memória, quási vimos e conservamos todos um Padre Soares, a quem justamente podemos chamar nosso natural, pois entre nós viveu e morreu sábio, e alguns dizem que nasceu; um admirável Egidio Lusitano; [P.](#) Francisco de Mendonça, ilustre em sangue, letras e virtudes; um [Fr.](#) Baltasar Pais, que pai pudéramos chamar das [Fr.](#) Pedro Calvo, famoso escritor de [Fr.](#) João de Ceita, em cátedra, púlpito e livros famoso; Padre Bento Fernandes, claro expositor do Génesis e [S. Fr.](#) Gregório Bautista, dos [P.](#) Cristovão Gil, doutíssimo escritor, sôbre a primeira parte [S. P.](#) Manuel de Sá, nos Escólios sôbre os Evangelhos e Anotações sôbre toda a [P.](#) Sebastião Barradas, em santidade e ciência insigne, no Itinerário e Concórdia [P.](#) André Luiz, no Moisés cortesão, orador e pastor; Padre Braz Viegas sôbre o Apócalipse; o senhor Dom Afonso Mendes, Patriarca da Etiópia, sôbre o livro de [P.](#) João Freire, felizmente sôbre os [P.](#) Cosme de Magalhães, sôbre os Cânticos de Moisés, sôbre Josué e [P.](#) Antonio Fernandes, sôbre as visões da Escritura e sôbre Isaias; Padre Paulo Rodrigues no livro [S.](#) João Bautista, e [S. P.](#) Lucas Veloso, no livro, tão aceito, sôbre [P.](#) Bertolomeu Pereira, nos ilustres Comentários sôbre [P.](#) Diogo Lopes [Fr.](#) João da Silveira, por que pode falar a estimação de seus [Fr.](#) Antonio [Fr.](#) Francisco Serpa, de Eucaristia; Dom Fernão Martins Mascarenhas, sôbre os [M.](#) Timóteo, que, prègando na maior parte do mundo, comunicou a todo ele engenhosos escritos.

A Filosofia não com menor progresso nos ilustra; pois, quando não sobejassem para assegurar-nos a glória desta ciência os passados, eram bastantes a engrandecer-nos os livros do douto padre Baltasar Teles e do moderno Francisco Soares, que nas letras, como no nome, [~ua](#) viva imitação do primeiro. Assi o douto padre e consumado teólogo Sebastião do Couto, na Lógica do Curso [P.](#) Pedro da

Fonseca, varão insigne em Teologia e Filosofia, na sua Dialéctica, Comentários e tradução [P. Manuel de Goes](#), [P. Gaspar do Amaral](#), no livro da Natural Filosofia. Na Retórica e letras humanas qual dos antigos excedeu ao logro dos estudos [P. Bento](#) [P. Francisco](#) [P. Sebastião de Novais](#), e entre os mais superiormente celebrado por graves doutos e religiosos escritos, o doutíssimo padre Frei Francisco de Macedo, estimado e venerado por todo o mundo, não menos na poesia que na história? E igualmente em Teologia Moral, Especulativa e Controversa, Antonio Lopes da Veiga, Manuel Correia Montenegro, João Soares de Brito, Manoel Pires de [D. Vicente Nogueira](#), Gonçalo de Lucena de Carvalho, entre os sábios da Europa conhecidos? A Latinidade nos tem dado famosos autores, como o [D. Fr. Tomé de Faria](#), Leonel da Costa, Francisco de Fontes, acérrimo defensor e suave amigo de Lúpsio e de Puteano. Não menos a Gramática, entre cujos professores com razão são mui dignos de louvor João Nunes Freire, Amaro de Roboredo, José Vaz [D. João de Castelobranco](#); e sobre todos o [P. Manuel Alvares](#), cuja Arte comentou, ilustrou, seguiu e traduziu o excelente Horácio Turselino. Na Poesia [P. Manuel Pimenta](#), Diogo de Paiva de [F. João Felice](#), Antonio Figueira Durão, Gaspar Correia Pinto, cujas obras com tanta razão são veneradas. E se o foram estas na língua latina, na vulgar e materna não são dignas de menos louvor as dos condes de Val-de-Reis e Castanheira, famosos poetas ambos, se não públicas, muito merecedoras de ser [D. Francisco de Portugal](#), que juntou à discrição todas as boas partes e fez raramente caber juntas as gentilezas de cortesão com as considerações de [D. Francisco Rolim de Moura](#), moral, filósofo e político nos versos e nas prosas; o cónego Manuel das Póvoas, celebrado por Lope da Veiga; Gabriel Pereira de Castro, herdeiro do espírito dos antigos épicos; Francisco Rodrigues Lobo, de veia abundante e felicíssima; Francisco de Sá de Meneses, heróico e cândido poeta; Jorge da Câmara, a quem podemos chamar Marcial português; Paulo Gonçalves de Andrada, a quem o Marino Lusitano; Antonio Gomes de Oliveira, o primeiro que entre nós cultivou a frásis castelhana na poesia; Francisco da Costa e França, concertadíssimo poeta; Miguel da Silveira, cujo furor foi célebre e o será em Espanha e Itália; Antonio Alvares Soares, poeta académico; Manuel de Galhegos, heróico lírico e cómico; Antonio Gomes Henriques, que bem conhecem os tipos de França, como ao capitão Miguel Botelho de Carvalho; Francisco Martins de Siqueira, de Musa liberalíssima; Diogo Ferreira de Figueirôa, de igual zelo que harmonia; Manuel Tomás, que fez passar as Musas as águas do Oceano até a Ilha da Madeira, donde lhe influem; Fernando Alvres de Oriente, por quem navegaram mais longe e lhe levaram mais riquezas que lá se [D. Bernarda Ferreira de Lacerda](#), que em repetidos poemas guardou grande doçura e igualdade; Soror Violante do Céu, muito em tudo de seu apelido, por juízo e por virtudes. Sem contar um infinito e nobre número de sujeitos, que na idade presente e neste género de estudos manifestaram ao mundo suas obras, que falam por eles melhor que eu poderei fazê-lo. Nas Matemáticas, em que parece não floresceram tanto os portugueses, tão pouco faltaram autores dignos; porque Pedro Nunes, foi célebre na Álgebra e Leão Camelo o maior que nesta ciência havemos conhecido; Francisco de Sousa de Meneses, Luiz Serrão Pimentel. Na Cosmografia Manuel de Figueiredo, João Bautista Lavanha, Antonio de Mariz; e na especulação André do Avelar, Francisco da Silva, Antonio de Nájera, que também na Cosmografia foi excelente. Manuel Gomes de Lourosa, acreditado vaticinador de tempos e novidades; e o sutil, como douto, seu oposto Francisco Guilherme Casmac. Porém, quando nesta parte se achasse nossa nação desigualmente gloriosa, sobejava para ilustrá-la sobre todas as outras a real eminência com que a professa, sabe, estuda e ensina o Príncipe [P. N. S.](#), se já não fôsse que todas as ciências pelejassem por querer [~ua](#) ter-se em conta de tão propriamente sua; por que, se se viu Castela ennobrecida por um Afonso, insigne matemático, nem por isso nos possa [alg~ua](#) ventajem, vendo-se agora Portugal mais ilustre por um Teodósio, em tudo digno de preferir-se a todos. Na Medicina tão pouco faltaram nossos naturais, publicando doutos livros, como Estêvão Rodrigues de Castro, Fernando Cardoso, André António, Diogo Borges, Duarte Madeira, Rodrigo da Fonseca, Henrique do Quintal, Luis de Lemos, António Luis, Pedro Lopes, Gonçalo Rodrigues de Cabreira, Diogo Lopes, Aleixo de Abreu, Fernão Rodrigues Cardoso, Fernão Solis da Fonseca, Felipe Montalto, Lopo Sarrão, Domingos Pereira Bracamonte, Garcia de Orta, com doutíssimas obras. Nem a Cirurgia com as de Antonio da Cruz, João Bravo Chamiço, Ambrósio Nunes, Amaro da Fonseca, Francisco Soares Feio. Logo passando aos Políticos, se verá como nem a falta de rei natural e vezinho, que é a maior causa de se praticar a matéria de Estado entre os vassallos, nos fez faltar autores célebres, como o sempre douto Chantre de Évora Manuel Severim de [Fr. Manuel do Espírito Santo](#), cujos escritos, denotados em suas letras e virtudes, antes de ser vistos são venerados; Luis Mendes de Vasconcelos, famoso em quanto escreveu e discursou em rima e prosa; Luis Marinho de Azevedo, que em várias matérias compôs e

não errou [nenh~ua](#); Manuel Fernandes Vila-Real, Gaspar de Seixas de Vasconcelos, na sua grande Política, que acertara melhor se não trocara; Diogo Gomes Carneiro; o doutor Antonio de Sousa de Tavares, que não só escreveu, escreve, professa e estuda a Política, mas a obrou na parte que lhe coube dos negócios públicos; o Doutor Antonio Moniz de Carvalho, que em tantos tratados e escritos mostrou igualmente a luz de seu engenho, como o ardor de seu zelo; o Doutor Antonio Carvalho de Parada, que com grande razão se atreveu a ter os reis por discípulos, na sua Arte de reinar, livro digno de toda a estimação. E sobre todos o senhor Bispo Conde Sebastião Cesar de Meneses, que na Suma Política, que publicou o ano passado, nos deu a política suma, com que já se escusam as outras. Não terá a História, dos portugueses agora aquela antiga queixa de que se aplicavam menos a escrevê-la que a merecê-la. Foi dos nossos ilustre escritor Manuel Soeiro; o [Fr.](#) Bernardo de Brito, a quem não só seguiram, mas [Fr.](#) Antonio [Fr.](#) Francisco Brandão, todos cronistas mores do Reino, em suas continuadas Monarquias. [Fr.](#) Luis de Sousa (outro tempo Manuel de Sousa Coutinho) podíamos crer, se tal fôsse para crer, animava nele a alma do famoso João de Barros; as célebres Memórias de Francisco de Sousa Coutinho, tão luzido escritor como grave [D.](#) Manuel de Meneses, também cronista mór, foi excelente na inteireza e brevidade do estilo, por imitar em tudo ao seu Tucídides; Diogo do Couto, insigne sucessor de João de Barros; Antonio Pais Viegas, diligente investigador dos princípios dêste [Fr.](#) Bernardino da Silva, defensor de suas [P.](#) Bertolameu Guerreiro, nos seus [P.](#) Fernão Guerreiro, em seus [P.](#) Nicolau Godinho, na Vida do insigne mártir Gonçalo da Silveira e na História de [P.](#) Luis Pinheiro, na Perseguição do [P.](#) Francisco Freire, na Vida de Santa [P.](#) Manuel de Almeida, na História de [P.](#) Antonio Francisco Cardim, em seus [Fr.](#) Leão de Santo Tomás, na sua Beneditina é venerável, [Fr.](#) Antonio da Purificação na Augustiniana; claríssimo e eloqüente nosso [P.](#) Baltasar Teles, de quem disséramos mais, se não disséramos isto. Muito digno de estimação [Dr.](#) Aires Varela, em todos seus escritos, sejam relações ou [Fr.](#) Luis dos Anjos; Frei Diogo do Rosário; o Licenciado Jorge Cardoso, pio e inteligente escritor dos Santos deste Reino, como se vê no seu louvável Agiologio. Pois se na História houvéssemos de fazer diferença aos Epítomes (como é razão fazê-la) a qual dos antigos não igualaremos o Epítome das Histórias Portuguesas, de Manuel de Faria e Sousa?

Aquele de Pedro de Mariz, autor de universais noticias; aquele [P.](#) João de Lucena, apostólico pregador, na Vida de seu Santo Xavier; Luis Coelho de Barbuda, nas Empresas [P.](#) Antonio de Vasconcelos nos Reis de Portugal; Dom Agostinho Manuel no [D.](#) João o Segundo e Dom Duarte de Meneses - tão felices livros como foi infelice o seu autor; o Conde da Ericeira, no Epítome de Dom João o Primeiro, de gloriosa memória, donde a política, a narração, a brevidade e a elegância resplandecem; João Nunes da Cunha, no seu Dom Pedro o Cruel de Castela, que, sendo pequeno, faz competência a todos os grandes livros; Pedro da Cunha nos Exemplos Trágicos, em que parece abreviou com alto estilo todas as Histórias do mundo; de que testemunha a minha admiração e livraria, em que de presente está guardado aquele tesouro de livros e de exemplos. As Apologias não menos foram próprias aos nossos modernos. Em tudo primeira essa do senhor Bispo Capelão-Mór, que sem nome e muito nomeada corre em título de Lusitania vindicata. Seu tradutor Jacinto Freire de Andrada, escreva ou treslade, sempre será com eminência. [Dr.](#) Nicolau Monteiro, eleito Bispo de Portalegre; [Dr.](#) Antonio de Sousa de Macedo, em repetidos e doutos Manifestos e livros; João Pinto Ribeiro, com tanto zelo, como erudição; o Abade João Salgado de Araujo, zelosíssimo português e douto escritor; Pedro de Sousa Pereira, de semelhantes partes; [Dr.](#) Francisco Velasco de Gouveia, lente jubilado em Cânones, na sua Justificação de Portugal. Corresponderam os portugueses à sua nobreza, escrevendo-a e tratando-a; pois além de ser o nosso Conde Dom Pedro o mais célebre texto das linhagens de Espanha, vemos depois e temos agora muito louváveis autores neste estudo, [D.](#) Antonio de Lima, o [D. D.](#) Luis Lobo da Silveira, o Conde Diogo Lopes de [D.](#) Gomes de Melo, Antonio Correa Baharem, Afonso de Tôrres, [Dr.](#) Antonio das Póvoas, Álvaro Ferreira de Vera, Braz Pereira de Miranda, Antonio Soares de Alvergaria, Félix Machado, marquês de Montebelo; o Secretário Gaspar de Faria Severim, que em meo das ocupações de seu ministério vem a descansar a pena em honra da pátria do que todo o dia trabalha em proveito da República; [Dr.](#) Manuel Delgado de Matos, de tão portentosa memória, que nele mesmo se acha o autor e o livro; sendo-lhe em tanta maneira presente o progresso das famílias, que [nenh~ua](#) de Portugal, ou Castela (e quási o mesmo de França, Inglaterra, Itália e Alemanha) lhe perguntarão a origem e parentescos, que de memória os não relate, tão certamente como se em muitos livros estivesse devagar estudando a reposta. A Teologia mistica tem a própria dívida aos nossos, que a especulativa lhe confessa. Utilmente se reconhece entre os professores e mestres do espírito, a Arte de Orar [P.](#) Diogo Monteiro e o seu livro dos Atributos divinos; a Vida de Cristo, Diálogos e Rosário,

[P. João Rebelo](#); As Flores de virtudes e vícios, [P. Manuel Barreto](#); o Anjo da Guarda, [P. Antonio de Vasconcelos](#); O livro para ajudar a bem morrer, [P. Estêvão de Castro](#); os piadosos tratados [Fr. Luis de Mértola](#) e os [D. Sebastião Gomes de Figueiredo](#); a Arte espiritual do [P. Fr. Paulo de Vasconcelos](#), Prior e religioso da nossa Ordem de Cristo; vários e piadosos tratados nesta matéria, que por muitos não nomeo, do [P. Fr. Gregório Taveira](#), da mesma Ordem; aqueles cheos de piedade, que escreveu Tristão Barbosa de Carvalho; os piadosos Ofícios de Santos, do Conde de Redondo; os Exercícios espirituais [P. Manuel Monteiro](#) são digníssimos de igualar às melhores destas obras, como sua virtude, letras e quietação à dos varões mais florentes nestas virtudes: cheos de sinceridade de doutrina, como seu autor. O Moral correu com o místico, parelhamente. Assi se vê nos estimados livros [Fr. Lourenço de Portel](#); assi se verá nos muito dignos de toda estimação do [P. Manuel Mascarenhas](#); assi naquele [P. Manuel Cordeiro](#); nos Aforismos [P. Manuel de Sá](#); na Justiça e Contratos [P. Fernão Rebelo](#); na Teologia Moral [P. Henrique Henriques](#); na [P. Bautista Fragoso](#); nos livros sôbre o Quinquálogo, Decálogo, Justiça e Contratos [P. Estêvão Fagundes](#); e nos muito estimados escritos [Fr. Manuel Rodrigues](#). Não menos a Música (que também podemos contar por faculdade divina) nos deu grandiosos sujeitos, quais foram: Duarte Lobo, Manuel [Fr. Manuel Fr. Antonio da Cruz](#), Felipe de Magalhães, Antonio Fernandes, João Soares Rebelo; e outro autor sôbre todos os mais célebres levantado na Defesa da Música moderna, que por ele não só se viu real, mas defendida. As ciências políticas passaram mais adiante; porque se houvésemos de fazer memória dos escritores, que em diversas matérias de leis se ocuparam, fôra ir muito contra minha tenção. Mas ainda assi, não numerando aqui os famosos Manuel da Costa, Aires Pinhel, Pedro Barbosa, Álvaro Vaz, António da Gama, Jorge de Quebedo, Francisco de Caldas, não são hoje pouco louváveis Belchior Febos, Tomé Vaz, Miguel de Reinoso, Manuel Mendes de Castro, Gabriel Pereira, Manuel Figueira de Negreiros, Manuel Barbosa, Manuel Gomes Cardoso, João Martins da Costa, Domingos Homem de Almeida, Manuel Soares, António de Gouveia, Pedro de Santarem, Bento Pinhel e Luis Sanches. Nos Cânones sagrados, se com menor número acharmos nossos autores, suprirá a qualidade de suas obras pela falta deles. Dêstes temos entre os modernos o sutil Manuel da Costa, lente de prima em Coimbra e Salamanca, [Cap. Si Pater](#), de Testamentis; Diogo de Brito, lente do Decreto em Coimbra, sôbre o título De locato el conduto e sôbre várias matérias do direito canónico; João de Carvalho, lente de Cânones em Coimbra, sôbre [Cap. Si diligenti](#), dePraescriptionibus; Sebastião Cesar De Ecclesiastica Hierarchia, [Cap. Cleros](#) e [Cap. Parlectis](#), 21 e [dist. no Decreto](#); o venerável [D. Rodrigo da Cunha](#), Arcebispo de Lisboa, sábio em todas as faculdades, sôbre a primeira parte do Decreto de Graciano, desde [dist. 1](#) até 100; e outro grande livro que deixou imperfeito (além das suas Histórias) mas já perfeito, cujo título era: Commentaria in Primam partem [Fr. Serafim de Freitas](#), De justo Imperio Lusitanorum e De Potestate Clavis; Agostinho Barbosa, bispo de Urgento, tantos livros em derecho canónico e civil, quantos se podem ler no seu Memorial, impresso no ano de 1634; Luis Correia da Silva, Relectio [Cap inter alia](#), de Immunitate Ecclesiarum; Manuel do Vale de Moura, De Incantationibus et Ensalmis; [Dr. Feliciano de Oliva](#), De Judicibus - livros todos seguidos e aprovados pelo mundo, venerados dos doutos, alegados por eles, sem contar a legião dos vários, que entre nós são sem conto. Podem os de [V. M.](#) ser coroa dêste literário edifício, que se levanta contra a mortalidade; e de todos eles o presente ser coroa. Ficando assi bem provada para com os vivos aquela promessa, que já fiz ao princípio dêste discurso; pela qual verão os homens de agora, não devem nada menos a Deus pelos criar e sustentar nesta idade, que os passados, por aquela em que vieram ao mundo e viveram nele. É de notar que ainda que para os comuns o escrever Decisões não pareça acção de suma delgadeza, todavia, se bem se considera, esta matéria é mais útil à República que as outras; e aquela que como tal é mais aceita. Porque como o mundo todo esteja empeçado de dúvidas, como o está de interesses, aquele que cortar estes nós, êsse será quem faça ao mundo o maior benefício. Senão veja-se que, sendo tal a sabedoria de Salamão, que somos obrigados a crer e cremos dele falava por sua boca o Espírito Santo, não sabemos que de todas suas sentenças [alg~ua](#) tão famosa como a decisão que proferiu entre as duas mulheres pretensoras à verdadeira maternidade do menino da contenda. Seja-me lícito [~ua](#) nova etimologia, que, se bem se adverte, não parecerá nova. É a causa do referido, porque a decisão, suposto que em comum sentido pareça o mesmo que sentença, soa, a meu juízo, cousa de muito maior dignidade. E a razão é que a sentença parece que não olha tanto à qualidade da dúvida, quanto ao conceito que dela fez o juiz que sentença; e a decisão não olha tanto ao ânimo do juiz quanto à qualidade da dúvida. Donde se segue que toda a decisão é sentença, mas nem toda a sentença é decisão. E ainda no rigor dos verbos, em sua raiz latina e grega, o sentenciar [~ua](#)

manifestação do sentido de cada um, e o decidir é desfazer e cortar a dúvida de dous. Poder-se-ia assi dizer: que o sentenciar cabe sómente nas cousas duvidosas; e o decidir naquelas que duramente estão cegas e obstinadas. E como todos os negócios dos homens não só os embarace a dúvida que procede da ignorância da verdade, mas os ate e dificulte o vínculo que se produziu da malícia, claro fica quanto mais faz e fará o que decidir, julgando para si e para os outros, que o que sentenciar, apenas julgando para aqueles que julga. Porém fará muito mais quem der regras para cortar, desfazer e decidir as dúvidas que enredam a consciência, que quem só as oferece para quietação do estado político. Verdade é esta tão provada, que não necessita de outra prova mais que aquele conhecimento e fé que temos, de ser maior a vida do espírito que a da carne. Pois que disséramos, se, como consideramos a dignidade da decisão, consideramos a utilidade do exemplo? Porque certamente êsse obra muito mais que como homem, que, havendo aproveitado aos homens com que vive, deixa remédio para os que hão de viver depois dele. Esse parece mais que homem mortal, que escreve leis, dá conselhos, mostra exemplos à imortalidade. Muito deve logo a [V. M.](#) a nossa pátria; pois em meio do arruído das armas, não só fia de sua inteireza a observância das santas leis da República espiritual, que está a seu cargo, mas por que a confusão militar que se padece, em nada ofenda a justiça para o futuro, desde agora está oferecendo remédios contra a corrupção dos tempos futuros, que do descuido de nossa era pode deduzir sua malícia. Assi não perdoando a contínuos desvelos, porfiados estudos, grossos dispêndios, assiste à publicação de leis, de sentenças, de decisões saudáveis; fazendo pelo menos em si e consigo certo aquilo que já desejou Platão: que assi vivessem os homens na paz, como quem a podia perder, e assi vivessem na guerra, como se não houvessem perdido a paz. Espero que Deus premiará o grande zelo de [V. M.](#) tomando por instrumento a grandeza de Sua Majestade, que Deus guarde; para que todos os virtuosos assi recebam de [V. M.](#) a esperança como o exemplo; e não haja em tanto merecimento aquela nódoa que a tantos abrange. De Alciato, Emblema 120: Ingenio poteram superas volitare per auras, Me nisi paupertas invida deprimeret. Pois, como disse Aristóteles (por que com êle acabe) no primeiro das Éticas: Fieri non Potest, aut non facile fit, ut is agat praeclara, cui facultates desunt; multa namque per amicos, per divitas, per civilem potentiam tamquam per instrumentum aguntur. Sôbre tudo guarde Nosso Senhor a [V. M.](#) como pode. Castelo, 24 de Agosto, 1650. [(Cent. IV, Carta 1.^a)]

Pelo mestre da Oficina Crasbequiana, dedicando as obras do insigne poeta Francisco de Sá de Miranda ao Conde Camareiro-mór

As obras do insigne poeta Francisco de Sá de Miranda parece que andam em morgado, como seu próprio nome e património, na casa de [V. S.](#) E pois [V. S.](#) nasceu para ser dela igualmente herdeiro no nome e na grandeza, obrigado fica a suceder a seus maiores no amparo e na defesa de estas obras. Não lhes deve desviar tão boa sorte, o ser eu quem lha solicito, oferecendo a [V. S.](#) êste livro, por minha indústria e despesa impresso; assi porque a honra e estimação de seu autor é tão grande entre os sábios, que nada perde em ser tratada dos ignorantes, como tambem pelo favor com que os senhores Condes de Penaguião, pai e avô de [V. S.](#), quando já por outras vezes houveram por bem receber de mi semelhantes presentes, nos passados livros que lhes dediquei, habilitaram para sempre minha confiança, até a fazerem digna de se empregar em tão grandes sujeitos. Espero que [V. S.](#), agora que começa a sair ao mundo, prove, como o filho da águia, sua generosa ascendência, afirmando os olhos no sol da virtude, cujo mais certo sinal será amparar e fazer bem aos que de [V. S.](#) se valerem, para que neste Reino e no mundo se perpetue de uns em outros a fama do ilustríssimo nome Francisco de Sá, sôbre o qual dizem bem todos os gloriosos sobrenomes, com que eu me certifico hei de tornar a ver em [V. S.](#) êste nome glorioso. Desta Oficina Crasbequiana, em 6 de Março de 1651. [(Cent. I, Carta 13.^a)]

Século XVIII (Costa, 1714)
Código: docp18/01

Costa, Antonio (1714): "Cartas, Antonio da Costa" (1750-1780; 1946)
<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>

Edição Transcrita / Transcript Source Edition:

COSTA, António da. Cartas do Abade António da Costa (introdução e notas de Fernando Lopes Graça). Lisboa, Cadernos da Seara Nova, 1946.

CARTA I

Sr. João Peixoto

Há muito tempo que lhe queria escrever, mas não no fiz por lhe querer poupar três tostões de porte. Se esta lhe chegar à mão lhe há-de custar mais de um vintém, ou nada, se me resolver a metê-la dentro da do Doutor. Eu creio que V. M. estará muito picado por eu sair do Pôrto segunda vez sem me despedir de V. M. com tôdas as cerimónias, mas bem pode ter a consolação que agora inda o fiz com mais razão, porque o meu caso assim o pedia. V. M. já saberá pelo Doutor, o tempo que gastei na jornada. Agora quero-lhe dizer algumas cousas das que V. M. desejará saber a meu parecer. Até Galiza, vim a tremer com mêdo de que me seguiriam. Em Galiza passei tristemente, sempre na dúvida de se estava ali seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso sair de Espanha. Pedi um passaporte em Santiago, e não mo deram por não mostrar outro. Não tive remédio senão meter-me ao caminho sem êle. Em Castela, ao pé de uma cidade que chamam Santo-Domingo de la Calzada, quis-me prender um oficial, e dali por diante vim sempre esperando todos os instantes o meterem-me num castelo; assim vim atravessando França quási até o fim, quando me começaram a perseguir por passaporte, e duas vezes estive preso, senão foram as minhas mentiras, que me fazia dizer a necessidade. Tornei para trás trinta léguas onde havia uma grande feira, que me tinham dito que estavam lá ingleses que haviam de vir à Itália; mas não achei nenhum que quisesse fazer tal jornada. Enfim, Senhor, eu não posso dizer numa carta o que passei em quatro meses e tanto de vida de novelas; por isso lhe vou dizer só duas palavras de substância. Alcancei um passaporte com muitos trabalhos, vim andando com calmas, fomes, sedes, suores, cansaços e outras misérias, até que cheguei a Roma a vinte e tres de Agôsto pela manhãzinha.

Se V. M. quer saber que tal é esta terra, dir-lhe-ei que é excelente, cá para mim. É muito grande, mas não enfada andar por ela, porque é quási tôda plana. As ruas são formosíssimas, compridas, largas, direitas, limpas, cheias de palácios, de fontes pelo meio, e pelas portas. A gente não é muita, pouca, assim como no Pôrto. As carroças também não são muitas; anda uma pessoa a seu gôsto; atravessam-se os palácios e igrejas para sair de umas ruas às outras; serve-se cada um pelas suas mãos; vai-se buscar pão, carne, fruta, peixe, tudo o que é necessário. Os homens são pacíficos, e muito para a vida. As mulheres são da côr das portuguesas, formosas, alegres, e pode-se-lhe cá chegar muito melhor que lá. Enfim, cá para mim, Roma é uma terra excelentíssima, e o Pôrto não vale em sua comparação. Basta aqui uma casa de café, ou uma loja de barbeiro, para ver a diferença que há das casas de cá às de lá no aceio, e no adereço. Quem gosta disso, e de pinturas, e de estátuas, e de pedras preciosas, e de grandes edifícios não se pode sair de Roma. Que por mim também nunca daqui sairia se tivera com que comera um bocado de pão, não por gostar de grandezas, mas pelas comodidades que vejo aqui para levar vida regalada, e descansada.

Vamos agora ao seu ponto muito desejado da Música. Tenho ouvido muitas, porque em Roma poucos são os dias que as não há. Ante-ontem ouvi a de S. Francisco. Eram dois coretos. Num, dezasseis

rabecas, dois rabecões grandes, um pequeno, duas violetas, e um realejo. Noutro, coisa de quarenta vozes, rabecões, e realejos. Dir-lhe-ei o que me parece tudo junto, e cada coisa por si; tudo junto parece-me pouco melhor que lá. Confusão, estrondo, uns afinados, outros desafinados; mas não se perdem, e sabem bem os seus papéis. As rabecas fazem bem má união, e teem uma afinação bem grosseira. As de lá ajustam-se melhor quando se ajustam bem. O estilo das sinfonias é impertinente, sempre um turi-furi, e de batalha.

Os baixos teem as vozes bem grossas, mas ásperas, e quando cantam algum solo, oh Deus nos livre (eu hei-de dizer a verdade) parecem cães a uivar, como lá, nem mais nem menos; enfim, é uma galhofa para o povo; todos se riem, tirando os músicos e alguns que gostam dêles por opinião. Os tenores que aqui há são fracos, vozes pardas, grosseiras, etc. Os contraltos também fraca coisa. Os tiples são excelentes, vozes finas, suaves, muito afinadas, e fazem as suas gargantas e passagens inda com mais distinção, e mais afinação do que as rabecas; mas que importa, Senhor, se estas malditas rabecas tangem tão forte, e estão tão enfurecidas na sua parte, como se ninguém cantasse. Mas se alguma vez sucede calarem-se, e ficar a voz só, seguro-lhe que me dá gôsto ouvir cantar estes tiples.

Os dois principais chamam-se Santarelli, e Manicuccio, e na verdade cantam com muita suavidade, e afinação, e sabem bem música; e esta vantagem levam todos os de cá aos de lá; e nenhum se perde, nenhum se embaraça no seu solo, nenhum se faz vermelho, nem se agasta com os companheiros por ter errado, e por não saber do seu ofício.

Eis aqui tem [V. M.](#) a música de Roma pintada pelo grosso; lá virá tempo em que eu lha pinte com mais miudeza. De mim não tenho que contar-lhe depois que estou em Roma; porque não faço mais que passear por essas ruas, e à noite vir-me deitar no hospício, e conversar com coisa de meia dúzia de portugueses.

Se quiser saber que casa é esta, e que gente, fale com o Doutor, que já lho mandei dizer, mas guarde segredo, porque de lá chegam cá as notícias em mês e meio. Tenho feito diligência para ver se poderia achar em que ganhar um par de vinténs a copiar, mas não é possível. Até hoje tenho passado com sete tostões, porque vendi as fivelas, e com seis tostões que dão de esmola a todos os portugueses, e daqui paguei lavagem de roupa, e comprei cordas para a rabeca. Mas sabe [V. M.](#) como passo? Dez réis de pão ao jantar e dez réis à noite, e se alguma vez comprei cinco réis de fruta era um banquete.

Conto-lhe isto para que [V. M.](#) se console das suas misérias pondo os olhos na minha; todavia eu me dera por contente se sempre passasse como até aqui; mas o pior é que hoje se acaba o dinheiro, e fico à providência.

Aqui entra tôda a substância da minha carta: [Sr.](#) João, um conselho, que lhe quer dar um homem que naturalmente sempre fuge de dar conselhos, inda quando lhos pedem. Vem a ser que trabalhe consigo quanto puder para moderar a sua língua.

Veja as tolices e as velhacarias dos homens, mas não dê a entender que as conhece por modo nenhum; tape a bôca e fuja dêles; senão, mais hoje, mais amanhã lhe sucederá a que me sucedeu a mim. Perder a sua terra, os seus conhecidos ..., e dar em uma cadeia de misérias continuadas, que [V. M.](#) nunca passou na sua vida. Então que fazia [V. M.](#)? - [V. M.](#) digo; porque eu, Senhor, lhe afirmo que em tôda esta miséria, não estou muito alegre, é verdade, mas estou sossegado, e com tôda a minha paciência, e com tôda a inclinação que sempre tive para fazer justiça, e desejar que os outros a façam.

Agora basta de justiça, [etc.](#), até basta de filosofia. De-me uma grande lembrança à [Sr.^a](#) Inácia Jerónima, e a Antônio Nunes, e a todos os que lá iam; outra vez serei mais largo.

Roma, 6 de Outubro de 1750.

Amigo do C. Costa

CARTA II

Sr. João Peixoto

Eu não sei como isso por lá vai de música, nem se haverá um terceiro que toque alguma coizinha com V. M., e cá o Sr. Nunes, mas sempre lhe quero mandar estes trios, porque pode ser que apareça alguém de habilidade que ajude a tocá-los; aí vão dois para ajustar com os outros a meia dúzia; os outros que lá estão são mais eternecidos; estes são melhores para quando uma pessoa tem o coração mais aliviado dos amores, mas nem por isso deixam de confortar o peito. Escolhi essas duas fugas, porque entendo que V. M. gosta delas quando são desta casta; ajustem-nas bem afinadinhas, limpas, e muito a tempo tôdas as partes, e verão que coisa sai tão bonita.

Sempre me tem esquecido dizer-lhe uma coisa: aquêlê doutor em que já lhe falei, que foi um dos namorados de M, M, M, hoc est - Ager haceldama - , a quem alguns naturalistas chamam - Mercia, Maria, Marselhac - , me disse que vira em Gibraltar a bordo de um navio turco o padre João de Almeida, célebre repartidor das horas em matéria de grades de Santa Clara; estava em sertumzinho e umas celouras velhas; diziam todos que brigara como um desesperado. O magano devia de pôr o sentido em U. U. - Ursula Umbelina, - em lugar de beber águardente com pólvora; viu também um frade Bento a quem chamavam o Rubim; viu a senhora Teresa, aquela criada gorda do Pereda, e outras poucas de mulheres. Elas mesmas lhe contaram que os turcos, quando lhes vinha vontade de copular, se iam ter com elas com a mesma facilidade com que iam beber água quando tinham sede; supponho que não lhe fariam sangue, visto o que madrugam os portugueses para circuncidarem as suas pequenitas. V. M. bem no sabe, que tem sido capador insigne. Que gostinho lhe deram agora estas duas últimas palavras!

Assim foi perseguido da desgraça o valoroso Oliveiros de Baltar, depois de ter conseguido êste glorioso nome à custa do seu ilustre sangue, e astuto engenho, para assombro das nações estranhas, e venerada inveja da portuguesa, a quem imortalizou matando tantos turcos no estreito de Gibraltar, e vencendo o coração de Ursula à fôrça de cartas, passeios, e assistências, e depois de dobrar tantas vezes o cabo da Boa-Esperança no alto de Santo António do Penedo, e sempre com conhecida glória, ainda que em tempo de maior borrasca lhe furtasse a volta pela viela do Deão.

Um dêstes dias fui à livraria da Universidade de propósito para ler um bocado das Cinco Pedras de David que o Padre António Vieira prêgou aqui em italiano, para ver como escrevia nesta língua; nisto, como em tudo o mais, se conhece a grande habilidade que tinha; certo que, se lhe não compuseram algumas coisas depois de êle as escrever, faz pasmar a naturalidade e facilidade com que fala numa língua tão dificultosa de falar bem. Ora ponhamos de parte o saber êle bem italiano; veja V. M. agora como se conhece em qualquer coisa como êle sabia falar bem português, e quanto é boa a nossa língua. A primeira das cinco pedras, assim como êle as prêgou, começa assim: "Mirabile fù David nell'arpa, e mirabile nella fionda; coll'arpa cacciava i demoni; colla fionda amazzava i giganti". Depois, quando quis pôr em português estas palavras, escreveu: "Admirável foi David na harpa, e admirável na funda; com a harpa afugentava demónios; com a funda derribava gigantes." Pode ser que V. M. não entenda bem tôdas as palavras italianas; quero-lhas construir aqui ao pé da letra: "Admirável foi David na harpa, e admirável na funda; com a harpa lançava fora os demónios (cacciava i demoni); com a funda matava os gigantes (amazzava i giganti)". Olhe que lindas palavras portuguesas: "afugentava" e "derribava"; e olhe como se lembrou delas o padre Vieira para as meter no seu lugar!

Ora é chegado o tempo de Lisboa ter outra vez ópera; diz-se que El-Rei de Portugal faz como o de Nápoles: teatro para si, e para o povo, e côrte ao mesmo tempo; não sei se é assim; sei que estão já justos muitos músicos, bailarinos, etc. Vai um que se chama Giziello, que tem cá a fama de ser logo abaixo de Caffarelli, que é o mesmo que ser o segundo músico de Itália; dizem que tem uma voz de anjo. Eu nunca o ouvi, mas pode ser que o ouça, porque há-de, pelo que dizem aqui, pagar-lhe despropositadamente. Vai um Venturini que cantou aqui num dos teatros o ano passado, e mais êste tem boa voz e canta muito bem. Vai um célebre bailarino que chamam Morini ...

Mas se eu começo a palrar, é necessário uma resma de papel. Vamos ao que importa.

Esqueceu-me de copiar o último allegro no baixo do primeiro trio; lá o achará à parte, no fim de tudo; tome sentido ao copiar; no mais não tenha dúvida nenhuma, que já cá o revi todo, e está certo.

Agora lhe quero pedir duas coisas; uma, que entregue essa carta em mão própria ao Sr. José Lopes;

outra, que me mande dizer como se chamava aquele capitão inglês aonde V. M. me levou a casa do Sr. Henrique Verne, que fez um baile na feitoria; tocava viola; e em que terra está ao presente, que lhe quero escrever daqui. Eis aqui agora lhe explicarei melhor o que lhe peço. Se está aí o Sr. José Lopes, entregue-lhe a carta logo em mão própria; se não está, guarde-a até ele vir, e vindo, dê-lha logo: e se não vem, não disponha nada dela até à minha ordem. Depois fale com o Sr. Dr. Luiz Gomes (para não misturar com outros doutores) neste ponto do capitão inglês; se V. M. vir que já ele me fez o aviso do nome dêste capitão, ou que mo fará logo, cale-se, e não tem mais que fazer; agora, se ele mo não fez, e mostra que mo não quer fazer, peço-lhe como amigo que se informe com alguns senhores ingleses, para me mandar uma forma de sobrescrito que lhe hei-de fazer para onde quer que ele estiver em Inglaterra, e quanto que souber isto, escreva-me numa meia folha de papel: "A fulano, em S. António dos Portugueses em Roma" ; mas já digo, isto é se o Dr. me não avisar, e peço-lhe que faça diligência para perder a preguiça neste ponto, que me importa muito sabê-lo. Bem sei que estes negócios estavam melhores para serem tratados entre Bento Aranha e Bento de Campos de que entre nós; mas muito podem os anos! Pode ser que inda estejamos algum dia com os barretinhos e testas rapadas, assentados no banco, à porta da tenda, a vender campeche, e açafraão. O tempora! O mores! Oh insigne Mateus de Noronha! que tão bem soubeste imitar, e ainda vencer o famoso D. Quixote em a metade! Digo "em a metade" , porque sempre foste de namorar sem lhe misturar brigas. Digo "e ainda vencer" , porque entendo em minha consciência que inda foste mais transparente no amor do que ele, mais airoso, mais cheio de jasmim, junquinhos, canotilho, laços de fitas, e água de Córdova. Aqui pára a pena que nem para voar se alenta, nem para, etc.

Roma, 28 de Fevereiro de 1752.

Am.º Costa

Saudades a todos os da palestra do Sr. Nunes. Graças a seu cabo. Já não lhe mando a carta para o Sr. Lopes; não lhe fica senão o cuidado de me saber como posso fazer um sobrescrito para o capitão inglês. Se o Sr. Dr. não me remedeia, sem falta pegue em meia folha de papel, ponha-lhe a forma de tal sobrescrito mesmo em inglês, e algumas notícias suas, curiosas, e mande-ma logo pelo correio, como já lhe disse. Ora, ficamos nisto.

CARTA III

Sr. António Nunes

Bem poderá V. M. entender as vezes que me lembro de V. M. quando aqui ouço tocar rabeca, especialmente quando ouço alguma só. Quando estou mais de vagar, ponho-me a considerar quanto desejaria eu saber como por cá se tocava, se o caso sucedesse às avessas de V. M. estar cá e eu lá; e estas considerações me fizeram uma grande vontade de o informar, com a maior clareza que puder, de como aqui se toca, assim como eu queria que V. M. me fizesse, se estivesse no meu lugar.

Em Roma há uma máquina de tocadores e curiosos de rabeca, mas com a mesma reputação que lá: poucos com grande fama, outros mais ordinários, e outros podões. Os de grande fama na opinião do comum, são Ghilarducci, e Erba, dois velhos venerandos, que já não podem caminhar bem com tanto pêso de solfa dentro da cabeça, ambos discípulos do grande Corelli.

Mas antes que eu lhe diga como eles tocam, quero-lhe pedir que por nenhum modo leia isto a ninguém, nem diga nada do que fôr por esta carta tôda, porque além de se não tirar coisa nenhuma disso, livra-se a gente assim de ofender todos êses senhores, que creem que se toca cá por divindade; e se V. M. lhes dissesse que tocavam cá mal, era o mesmo que dizer-lhes que eles erraram até agora, entendendo que se tocava tão bem.

Ora agora vamos ao ponto. Ghilarducci, ouvi-o tocar um concerto de solos em Santiago dos Espanhóis; toca tão mal, que será mal empregado gastar tempo com ele; ali não há tempo, nem medida de nenhuma casta; os outros já lá se entendem com ele, e lá o vão seguindo como podem; a afinação é coisa horrenda; dizia um sapateiro de Lisboa que estava ao pé de mim: "Ai... Ai..., parece que lhe foge

o vento [!"](#) Sobretudo não lhe sei dizer como é desestrado do arco; que voz tão rústica, e áspera tira da rabeca! O estilo, nem falemos nisso; o que [V. M.](#) pode entender do mais.

Erba, vi-o tocar muitas vezes a meu gosto em casa de um discípulo seu, sobrinho do cónego de Santiago de Galiza aonde nos fizemos conhecidos, eu, e o tal sobrinho do cónego, por amor da rabeca, com que é tentadíssimo. Veio aqui dar consigo poucos meses atrás de mim, e me agarrou de repente um dia na rua com um tal grito que me meteu tal medo, porque entendi que era outra coisa bem diferente. Fiquei de ir no outro dia pela manhã a sua casa, como fui; achei rabecas e solfas por cima da mesa, e passado pouca tempo chegou o mestre; tirou a sua rabeca, e começaram a dar a sua lição. Não tenho que lhe dizer dêste nada que já lhe não tenha dito do outro, sòmente que passado um quarto de hora de lição me arredei para uma janela, que tal era o rumor que fazia com a rebecca, e tão desconcertado, que se me levantou uma dor de cabeça. Depois em outras ocasiões vi-o tocar concertos, solos, passagens, cadências, e tudo é cousa para rir. O que me fêz maior admiração foi o ver o pouco que sabe música; não cuide [V. M.](#) que aqui há encarecimento. Ora quero que [V. M.](#) conheça que lhe digo a verdade.

Suponho que lá chegariam à mão do [Sr.](#) João Peixoto uns trios de Besozzi que lhe mandei por um dispensante, e também suponho que [V. M.](#) já os veria: o primeiro dêles, se [V. M.](#) bem se lembrar, é de: A lá mí ré, terceira menor, que começa por um Andante de [6/8](#). Levei-o um dia ao galego, e êle apresentou-o ao mestre para lhe dar lição nêle. Aqui foi ela; o senhor Erba nunca lhe achou direito, nem avesso a tal solfa; tornava atrás, nada; tornava ao princípio, nada; até que assentou que estava tudo errado; hoje emenda, amanhã emenda, assim o foi tocando uns poucos de dias, até que veio a ficar tocando-o com três tempos diferentes, sem se parecer em nenhum modo um com o outro. Ah Vieira, aonde estás! E riem-se de ti! Creia-me, Senhor António Nunes, que Vieira com os olhos fechados pode ensinar música, e bom-gosto a Erba.

Chamam cá a estes dois tocadores, de que lhe tenho falado, os dois violinos primos de Roma, nem mais nem menos, como Vieira e José Caetano; é verdade que alguns de bom gosto confessam que o estilo é já um pouco antigo, mas enquanto ao "Fundo da Música", para reger uma orquestra, são os dois maiores homens que há em Roma; e ninguém lhes tira isto da cabeça. Aqui está agora um "bravo", como êles dizem, de Leorne, discípulo de Tartini; confessam todos que toca grandemente, mas se lhes dizem: eis ali como haviam de tocar Ghilarducci, e Erba, respondem logo: Ghilarducci, quanto ao "Fundo da Música", não há homem como êle; enfim, nem mais, nem menos como lá.

Seja como fôr, o certo é, que quem quiser ganhar dinheiro em Roma por tocar rabeca, há-de se examinar primeiro com êles, e se êles dizem que não está capaz, pode buscar outra vida. Mas a dizer a verdade, qualquer dos outros tocadores medianos, e ainda muitos curiosos, tocam mil vezes melhor que os dois Mestres velhos, ainda que todos pelo mesmo estilo italiano de ordinário tão enfadonho. O Bravo de Leorne chama-se o Senhor Nardini; acompanhei-lhe quatro sonatas a solo em casa do Cardeal Spinelli que está aqui vizinho; toca muito bem; tem uma afinação sofrível, não se metendo em vozes tira uma voz natural e muito boa à rabeca, e toca com grande limpeza, comparando-o com os tocadores de Roma.

Tenho dito a [V. M.](#) tudo o que tenho visto aqui de tocar rabeca. Disto estou eu regalado; se êles tocassem bem, ainda que eu não quisesse, já faria minhas coisas bonitas pelo muito que os ouço, bem contra meu gosto. Óperas e comédias pelo inverno; música de igreja, concêrtos (a que chamam academias), e serenatas em casa dos senhores pelo verão; não falta obra; mas que obra?

Se [V. M.](#) se achasse numa academia destas, [V. M.](#) pasmaria; trazem as rabecas com cordas como dedos, arcos muito compridos, e arcados como arcos de bésta, e atiram com êles às cordas com tanta violência como atiram com o machado a um cepo os rachadores de lenha. Ainda não dei com um (tirando o senhor Nardini) que soubesse temperar a rabeca, ou que ao menos mostrasse vontade de a temperar bem; é tal a desunião das cordas sôltas que parece o inferno. Eu há perto de dois anos que o vejo, e parece-me que ainda o não posso crer. Metem mãos à obra, oh nome de Deus, parece que cai a casa! Certo, que ao princípio vem naturalmente vontade de tapar os ouvidos, mas não há remédio senão fazer como os outros, ao depois lá o paga a cabeça. Toca-se a primeira sinfonia, que sempre é de batalha, ligeira (isso sim), despedaçada, confusa, desafinada como um diabo; forte, forte, forte, depressa; forte, vozes de três cordas, bulha; forte, forte, fortíssimo; acabou o Alegro. "Andante de B-moes": piano, como o nosso tom ordinario; forte, umas guinadas ásperas que arrancam a alma, e assim vai até ao fim, forte, piano, forte, piano, com um gosto tão baixo, e com uma afinação tão despropositada que faz ânsias de coração. "Segundo alegro": outra batalha desesperada sem tempo,

nem feitiço nenhum de música; e acabou a sinfonia. No fim não falta nenhum a dizer aos outros "Bravo! signor Cieili; Bravo! sig. Riminese; anzi bravo a lei; Grazie, obligato; Bravo! sig. Fanti; Bravo a lei, e al sig. Lorenzini; Bravo a loro; Grazie; Bravo! etc. "

E destas belas sonatas é que consta a academia desde o princípio até o fim, senão é alguma ária que êles acompanham com a mesma desesperação, e grosseria que tocam as sinfonias, e overturas.

Falta dizer a [V. M.](#) como toca um só na sua rabeca sem mais companhia de nenhuma casta. Aqui sim, que se vê donde pode chegar o tocar mal. Tenho visto tocar a muitos os seus minuets, alegros, andantinos, etc. Eu não lhe posso explicar que pasto dão aos ouvidos dos circunstantes. Já não fala daquela desconsolação ordinária do toque italiano, que essa é infalível em quantos tenho ouvido cá, e por lá (tirando [D. Pedro](#)); não falo da grosseria da afinação, não falo da ignorância do tempo, não falo da baixeza, e ridicularia do gôsto; quero dizer-lhe sòmente de um certo desmazêlo rústico de que todos são dotados mais ou menos; mais, de ordinário, nos professores, e menos, de ordinário, nos curiosos. Mas eu não sei como me explique, porque não acho lá tocador nenhum com quem estes cá tenham alguma semelhança. Agarram a rabeca com uma fôrça, que nem que lhe estiveram puxando por ela com uma corda para fora das mãos; atiram com o arco às cordas como desesperados, e daí dê por onde der, trus-catrus. Estão os dedos fora do seu lugar, e tão desafinados que êles mesmo o conhecem às vezes? Não importa; não se lhes dá disso, adiante, forte, forte. Vai o arco a um tempo, e os dedos a outro? Importa-lhe pouco, adiante. Está a prima um bocado baixa, e a terceira meio ponto acima. Deixá-las estar na paz de Deus. Êles mesmos fazem a acção de temperar passando o arco pelas cordas, duas ou três vezes; elas estão como eu digo a [V. M.](#), mas êles dão a rabeca por afinada. Forte, forte, e eis aqui todos os seus cuidados quando tocam; forte, forte. Já eu disse a [V. M.](#) que o seu "forte" é um sarrafaçar tão de zôrro sôbre as cordas, que sem dúvida lhe faria a [V. M.](#) dores de cabeça em pouco tempo, especialmente quando [V. M.](#) a tem fraca pela manhã em jejum.

Tenho visto muitos que aprenderam em Nápoles, nos conservatórios, ou fora; tem o mesmo estilo pouco mais ou menos; mas certo que não teem tanto dêste desmazêlo desesperado dos romanos, que eu compararei a [V. M.](#) (agora me lembrou de repente) em algum modo a esses tocadores de viola desesperados lá dos lugares pequenos do Minho, que a cada floreio que fazem parece que querem quebrar as cordas, ou arrancar o cavalete.

Tenho-lhe explicado o melhor que pude o como aqui se toca, ainda que não estou nada contente, porque conheço que isto não é senão uma sombra escuríssima da coisa. Estou certo em que [V. M.](#) não julgará que o fogo com que falo mal dos tocadores de Roma nasce de estar apaixonado por me não estimarem cá, ou por não me darem dinheiro a ganhar; porque [V. M.](#) tem bastante conhecimento do meu natural em ambos estes pontos; nasce sòmente, pelo que me parece, daquele tal qual amor que sempre tive de dar a cada um o que merece, conforme o meu franco entender, que não estou obrigado a mais.

Por fim (tenha [V. M.](#) mais um bocado de paciência) quero fazer uma comparação, ou para melhor dizer, um cotejo da habilidade dos italianos com a nossa para instrumentos. Êles dizem que os portugueses em matéria de tocar instrumentos (como em tudo o mais) lhes falta absolutamente o génio, e são incapazes de tomarem doutrina, e o bom-gôsto da música, por mais que ouçam e aprendam. E a mim o que me parece nisto é que em primeiro lugar a sua doutrina ordinária, e bom-gôsto é ignorância clara, e mau-gôsto. Depois, não lhe acho razão para dizerem que os portugueses não são capazes de aprenderem o seu estilo; antes me parece que o aprendem facilíssimamente, se querem; basta-nos aqui o exemplo de Luiz de Magalhães que em dezassete dias de lição de Busoni tocou uns poucos de Adagios, senão com a mão tanto assente como o mestre, ao menos com o mesmo estilo pintado, e escarrado.

Antes o que eu creio quasi como certo, é que nunca nenhum italiano depois de taludo poderia aprender a tocar um minuite, ou outra qualquer coisa como lá toca (não digo [V. M.](#)) Vicente, Tomás Bark, Tomás Cipriano, como tocava António Aniceto, Simão, o celebrado Canner, etc. Certo, que me parece impossível que nenhum tenha gôsto para conhecer aquele geito com que lá concertam as mãos, e vão pulsando as cordas com aquela certa graça; ora, se o não conhecerem, como o hão-de imitar, e por fim aprendê-lo? [V. M.](#) repararia em eu meter no rol Tomás Cipriano; tem razão; mas foi porque cá tocam o cravo pelo mesmo modo que a rabeca, e seguro-lhe que fiquei pasmado a primeira vez que o vi tocar aqui aos "bravos" de cá, e pasmo sempre de novo quando os ouço.

Feito êste cotejo das duas nações, venho a conhecer que os italianos sabem muito da arte da música assim como ela está conhecida ao presente, mas que não teem habilidade para tocar com graça. Ao

contrário, os portugueses naturalmente são inclinadíssimos a ouvir tocar coisas bonitas, suaves, e delicadas, mas de ordinário não sabem quâsi nada da Arte, porque não se aplicam a conhecê-la. V. M. bem sabe que a espada, e os amores levam quâsi todo o tempo aos portuguegues em quanto são moços. Cá não é assim; se V. M. aqui estivesse veria tantos rapazes desde os doze até aos trinta anos, tão quietos entre as melhores raparigas, como lá os capões entre as galinhas; a espada já se vê que nem por fumo lhes vem à cabeça; tocam continuamente nas óperas e nos outros teatros, que por todos eram dezóito êste inverno; tocam nos bailes, nas academias, nas serenatas dos particulares, etc. A música, pela maior parte, consta daqueles passos tão debatidos, e se vem algum mais embaraçado, para isso não o toca um só; pegam-se uns aos outros, como fazem os caminhantes quando querem passar um rio arrebatado sem perigo de os levar a corrente da água, e está tudo remediado. Aí não é assim, como V. M. sabe; não nos aplicamos nada ou quâsi nada à música, porque trazemos outro cuidado naquele tempo. Então como quer V. M. que se mostre o natural, e a habilidade que os portugueses teem para ela?

Eu até agora fazia uma grande injúria aos portugueses em supor que êles eram a gente que mais presumia de si sem fundamento, e mais desprezava os estrangeiros; agora vejo que os romanos não lhe ficam atrás neste desvanecimento, antes os vencem, não lhe sei dizer o que desprezam tudo o das outras terras, e quão grosseiras julgam as outras nações, especialmente a espanhola, e portuguesa; é verdade que o somos bastante em quanto ao modo de viver que temos, sem sabermos buscar as nossas comodidades, e os nossos regalos; mas emquanto à ignorância, e grosseria do juízo nas coisas de substância do mundo, venha o diabo e escolha, que eu não sei, não sei aonde se está mais cego. Enquanto às manufacturas, ou obras de mãos (que é melhor português) V. M. bem sabe que em Lisboa se fazem quâsi tôdas as coisas, como cá, e outras melhores; sem embargo disso êles fazem o mesmo conceito de Portugal, que nós fazemos das terras dos gentios.

Já aqui me perguntaram numa conversação, falando de uma fonte celebrada de Roma, se havia alguma fonte em Portugal? A um meu amigo perguntaram-lhe como faziam lá os homens quando se faziam calvos? Creio que isto bastará para V. M. ver o conceito que cá fazem dessa terra. Basta de impertinência. Outra vez lhe peço que não leia isto a ninguém para não ofender a opinião que lá há da música de cá, e para se não malquistar a si. A verdade é que Roma é como as outras terras em que há bom e mau. Certo, que quem é amigo de cozinhas boas em matéria de música, raparigas, delicadeza de juízo, conversação fina de uma môça formosa, alegre, de grande coração, e de grandes pensamentos, etc. está cá mal; mas está-se bem de outras coisas. Que ruas tão nobres! A principal, aonde se fazem as mascaradas do entrudo media-a, como o nosso José de Sousa fazia lá; tem 2.400 passos dos meus. Que praças, que palácios, que Igrejas! Que fartura, e variedade em coisas de comer - a tôda a hora, em todo o lugar, e a bom preço! Há aqui também grande liberdade no vestir, no andar, e em tôdas as coisas: as casas estão cheias de fontes de água excelente, envidraçadas; e os italianos dão bela vida à gente, porque se não teem inclinação nenhuma para acções grandes, também não fazem mal, e dobram-se como cera. As mulheres para mim passam por homens cá.

Acabou-se o papel. Saüdades a todos os senhores da sua conversação, especialmente aos senhores Lopes, Peixoto, Nogueira, Santos, Salvatori Mundi em dativo, etc.

O que julgo aqui de música, é de Roma, e não de outras terras de Itália, que não vi.

Amigo do Coração, Costa.

CARTA IV

Sr. Doutor:

Rir-me quero, e dizia aquele profundíssimo autor dos matadouros, digno por certo de que os vindouros o venerassem em estátuas, que já lhe ergueu o próprio merecimento, se não no tivessem derrancado o matrimónio, e os anos; e eu quâsi que estou para dizer que quero chorar pelo ver a V. M. calado há um ano bem mal gasto, e a esperar debalde. Todavia, ainda me não resolvo a desesperar de todo, e em tanto quero-lhe dizer algumas destas coisas esquipáticas que vejo por cá.

Haverá três semanas que chegou aqui um português dizendo que se queria baptizar; dizia que se chamava José Franco em Portugal, porém que o seu verdadeiro nome era Abraão; que nunca se

confessara, verdadeiramente, porque o confessor estava ajustado com êle; que nunca crera em Cristo, senão na lei antiga; que era circuncisado, e que assim o eram todos os cristãos novos de Portugal, mas que se queria fazer cristão e assim o prantou na sacristia a um bando dêstes padres cristãos velhos puríssimos pela graça de Deus. V. M. já sabe que isto de cristãos velhos, e novos é mais debatido aqui em Roma entre os portugueses do que lá. Metade são de uma casta, metade da outra, conforme a repartição dos velhos. Os ricos são cristãos novos, e governam a casa de S. António; metem, e tiram capelães, dão esmolos, e dotes, etc; veja V. M. o que dirão dêles neste caso estes padres, e outros que o não são, que procedem de gerações limpas como as estrêlas, de que estão continuamente dando graças a Deus. Os novos não gritam tanto, porque estão em melhor terra do que lá; desprezam os velhos, teem-nos por quatro toleirões malvados; aqui nunca se prendeu nenhum há tantos anos que cá assistem; são estimados como cristãos; são marqueses; são membros do senado, como o marquês Correa, o marquês Nunes, etc. Reparei que quando os padres ouviram o que dizia o tal Abraão, nem por isso pasmaram muito, como quem entende que todos os cristãos novos de lá são verdadeiros judeus. Eu tive a curiosidade de chamar à parte o homem; fiz-lhe várias perguntas; por fim de contas confessou-me esta substâncias que nascera no Gueto de Baiona de França, e que ali fôra circuncisado; que fôra para Portugal em pequeno para certos fins; que fugira agora de lá, porque tivera notícia que o queriam prender; que tornara a Baiona a pedir a sua legítima a um irmão que tem lá muito rico, que não é possível tirar-lha pelo poder que seu irmão tem com a justiça daquele Gueto; enfim que queria baptizar-se para com a certidão do baptismo obrigar a seu irmão pela justiça francesa. Perguntei-lhe se queria deixar-me ver a sua circuncisão; disse que sim, e com efeito é circuncisado; andou, aqui a estudar a doutrina, porém há sete dias que não aparece; veremos no que dá.

Já V. M. sabe que as p. ... estão lá obrigadas a confessar-se pela quaresma como a outra gente; ora veja V. M. o que são usos de terras: aqui estão livres de que as excomunguem, antes se alguma entra na Igreja, os esbirros põem-na fora, e parece-lhe cá a esta gente que fica a igreja manchada, e dizem que se não deve admitir em lugar tão santo quem anda em pecado actual. Salgado De regia protectione é cá mais proibido que os livros de hereges. Gabriel Pereira De Manu regia foi queimado pùblicamente pela mão do algoz. Parte de Sanches De Matrimonio é também proibido cá, e outros muitos livros que lá são bons, e aprovados pelas inquisições; e ao contrário muitos que são lá proibidos, cá são aprovados, como Muratori no ponto em que afirma que está (agora falarei em língua de estudante) que está em pecado actual quem fêz etc., e conserva o voto sanguinário da Conceição; quer dizer os que fizeram voto de dar a vida, confessando e afirmando que a Senhora foi concebida sem a culpa de Adão. A respeito de livros: li noutro dia um curioso na Livraria da Sapiência; autor: Fernandes de Castro, Portugal convencido. Diz maravilhas contra os portugueses; escreveu no tempo da guerra da aclamação, para mostrar a justiça que Filipe IV tinha a Portugal, e a injustiça do usurpador Bragança. É divertido; diz coisas verdadeiras, galantes, e diz também muita mentira enxabida com a fôrça da paixão; chega àquele ponto tão decantado do milagre de Cristo despregar o braço, e deitar a benção aos portugueses no acto da aclamação, quando o levava a diante de si o Arcebismo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha para animar o povo a deitar fora os castelhanos. Eis aqui o título do grande capítulo, em que trata do tal milagre: Tramoya de las Bendiciones del Crucifixo - Refiere-se el Quento, y confieresse con el de otro Crucifixo, a quien imponiendo otra vez Milagros los Portuguezes, hizieron muchos estragos, robos, y homicidios en Lisboa. Doctrina de San Buena-Ventura para juzgar de las Visiones corporeas. O capítulo é como promete o título; não sòmente carrega a mão na superstição natural da nação portuguesa, mas crê que o arcebispo armou de propósito a tramoia de descraçar um braço do Santo Cristo para conseguir o fim da rebelião por que estava tão apaixonado, que vinha a ser: segurar a coroa no Duque de Bragança. Não lhe posso explicar a galhofa que faz com o juramento de El-Rei D. Afonso Henriques, profecias de S. Bernardo, etc.

Aqui há um jôgo, a que chamam lotto, que vem a ser uma coisa como sortes; é duas vezes no mês. De ordinário jogam 5 números, os que cada um escolhe, desde 1 até 90, como por exemplo 18, 25, 54, 79, 82; em saindo dois dêstes ganha-se um tanto, mas é necessário que seja um ao pé do outro; como 25, 54; se saem três unidos, ganha-se mais; se saem quatro unidos, muito mais; e se cinco acabou-se o mundo, mas isso nunca sucedeu nestes tempos; tira estes cinco números um menino, de 90 papelinhos que estão dentro de uma caixa, em presença de prelados, ministros de justiça, e grande povo que está a esperar para ver se lhe ajustam com os que eles têm jogado pelas tendas de Roma, que são muitas: manda-se jogar aqui de Inglaterra, França, e de outras partes; se V. M. se tenta, avise, e mande ordem

para pagar-se tudo, que será servido. Ora o que vai em Roma com este jogo não se pode explicar. Não lhe quero dizer das vilezas que fazem homens e mulheres para terem um par de vintens para jogar por trezentos mil caminhos, que isso seria necessário um livro; o meu ponto agora é dizer-lhe sòmente da superstição. Sabe como escolhem os números? Por sonhos, conselhos de velhos de tantos anos, observações de dias de lua, e outras coisas semelhantes; tudo isto caldeado de tantas e tão várias maneiras, até que os que eles querem lhe aparecem, e dizem que não podem faltar ao menos um Ambo, que são dois unidos. Para isto há livros manuscritos, e impressos, com licença da inquisição. Sonhou-se com um que deu um bofetão; não se acha nos livros "bofetão"; aí está a habilidade em saber conhecer a arte de buscar um sonho, assim como [V. Mes](#) o buscarem uma limitação de uma lei. Não se acha "bofetão", mas acha-se "mão"; bem. Vai-se ao livro "Mão" [n.º 5](#), porque são 5 os dedos, como eles explicam. Ora aí está um número; os outros quatro tiram-se do mesmo modo.

A mim já me chamaram de uma casa, e perguntaram-me se eu era astrólogo, que queriam que lhe desse os meus números; custou-lhe muito a dar-me crédito, por eu dizer que não sabia nada de números. Uma mulher, patrona de um português meu conhecido, deu-lhe a trasladar um papel célebre; eram várias preces ao santo David, e no fim uma oração com esta substância: "santo profeta David, a quem Deus revelou que de vossa intercessão me sejam reveladas por uma vez só os cinco números que hão-de sair em tal dia, que eu vos prometo (repare-lhe no fecho) mandar dizer tantas missas etc .". Certamente, que se [V. M.](#) vir falar um romano neste jogo, pasmará; sem dúvida parece um homem que delira, ou que endoideceu.

Por fim de tudo dir-lhe-ei duas palavras das minhas costumadas moralidades: os portugueses são como tigres, são soberbos, furiosos, de mau humor, inquietos, invejosos, vingativos; e nestes vícios se conhece uma grande moderação nos italianos comparados connosco; mas já me parece que os portugueses (ainda que de ordinário são grosseiríssimos de cabeça) têm mais força no juízo, tal qual o tem cada um, do que os italianos; ajudará muito talvez para esta fraqueza que os romanos têm no seu o saberem mais do que nós destas coisas que aqui se apanham. As mulheres aqui sabem muito da história sagrada, ou da escritura, dos papas, de milagres, da antiguidade, das cerimónias da igreja, do principado da igreja romana sobre todas; ora isto, junto à sua enxabidade exterior do corpo, falas aborrecíveis sôbre modo; saiba [V. M.](#) que cá não sentem bem da nossa religião; abaixo dos franceses, nós. Acho que têm razão, tal é cá a pureza, e a sujeição a tudo o que toca pela igreja.

Se [V. M.](#) puder tirar-me da miséria em que vivo, não descance nisso; saiba-me ao menos como hei-de fazer um sobrescrito ao tal capitão inglês, e cuide em levar a vida alegre, quanto dá lugar o seu officio.

Saudades a todos, especialmente à [Sr.^a Quitéria](#), e ao [Sr. João](#).

Roma, 27 de Abril de 1752.

[Am.º Costa](#)

Escrevo esta por via do [Sr. Fernandes](#) porque já começo a tremer que Vossa [V. M.](#) não me responde por lhe tirarem todas as minhas cartas do correio, e não escrevo no nome que temos ajustado por supor que [V. M.](#) não mandará buscá-las. Esqueceu-me dizer-lhe que tanto não repreendem cá os eclesiásticos a superstição do jogo, que antes eles são os primeiros, franciscanos e tudo; e vão cobrar quanto ganham. O Papa tem nove ou dez mil escudos cada ano. O tal papel das preces, e oração a David deu-o àquela mulher o seu confessor, que é padre crucífero com a condição de rezar tanto cada dia, e trazê-lo consigo, e não sei mais que miuedzas.

CARTA V

[Sr. Doutor](#)

Agora fazia eu tenção de escrever por este portador com a minha extensão costumada; mas apanhou-me de repente, porque me dizem que parte depois do jantar; e como é já tarde, não lhe falarei a [V. M.](#)

senão em uma das coisas em que lhe queria falar, que vem a ser: em óperas e comédias. Bem me lembro que já lhe falei a V. M. nisto; mas V. M. foi sempre desde pequeno tão tentado com estas coisas, que me parece que lhe não pesará que eu lhe torne a falar nelas com mais clareza, para poder julgardas tais óperas sem pasmar tanto como os que nunca as viram, e crêem às cegas quanto lhe dizem os que as viram já, e o encarecem ainda mais na sua imaginação.

Os teatros das óperas são certo muito grandes e muito fundos; as pinturas das cenas, para quem entender de pintura, será coisa excelentíssima; para quem não entende, como eu, são formosassem dúvida, mas não é coisa que faça grande novidade à vista. Os vestidos das mulheres são roupinhas em espartilho, e donaire grande; uma coisa e outra, bordada com fatura de prata falsa, e cheio de pedras falsas que brilham muito com as luzes; os cabelos muito bem compostos conforme a moda; sapatos de pelica branca, e meias brancas. Os vestidos dos homens são pelo estilo dos que V. M. aí viu em S. Domingos, na na ópera portuguesa que fez Frei António, com as mesmas bordaduras dos das mulheres, e das mesmas cores, que de ordinário são encarnados, azues e verdes, mas os calções sempre de veludo negro, meias brancas, e sapatos também de pelica branca com salto baixo, etc. Tudo isto se entende visto por diante, porque quando estes senhores vão para dentro, que se lhe vêem as costas, parece outra gente que não a que se tinha visto até ali, porque não se lhe vê senão uma pouca de seda encarnada, ou azul com um galão ao redor ou, quando melhor, um par de listas deles atravessadas pelo donaire, como lá se faz em certas eças; e o mesmo nos vestidos dos homens. As cenas não se mudam com a limpeza e prontidão que eu lá ouvia dizer aos que tinham vista óperas em Lisboa; antes nisto e outras coisas, semelhantes não são os italianos muito impertinentes, porque com pouquíssima necessidade, ou nenhuma, sai gente de dentro ao teatro, e às vezes gente, que não está composta, a buscar, por exemplo, um lenço, ou outra coisa que caísse a alguma figura; muitas vezes se põem os músicos assentados entre cena e cena, a verem representar os outros, cobertos com um capote por amor do frio. Já não falo no grande rumor que se faz dentro, porque o de fora é tal que quase o encobre de todo. Também não são grande coisa os preparos que vêm ao teatro, como mesas, cadeiras, trono para sentar-se os reis, etc. Os vestidos dos soldados, ou de outras pessoas de que se compõem os acompanhamentos, parece coisa mais para entremez que para uma ópera; que tão pobres e ridículos são. O teatro por fora, ou a casa em que está a gente, que vê, é grandíssima, e altíssima à proporção do teatro de dentro; é oval e tem seis andares de camarotes. Para V. M. entender pouco mais ou menos o feitio de ambos os teatros, suponha que é como a igreja de S. Ildefonso, ou como a dos Clérigos. Representa-se na capela-mor; e a gente está a ver do corpo da igreja, ou no chão, a que chamam plateia, ou nos camarotes. A música já V. M. sabe que dura desde o princípio até ao fim, entre recitativo e árias, quatro vozes finas e duas grossas de ordinário, instrumentos, 20 a 24 rabecas, rabecões, e instrumentos de boca à proporção.

Aqui queria V. M. saber que me parece esta música, que é a principal coisa que se procura nestes teatros. Ora isto de distinguir de gosto de músicas é uma barafunda que nunca se acaba; para isso quero responder agora a V. M. como quem não entende nada de música, e assim tenho ouvido quase todas as óperas; coisa que mova o coração, e que faça esquecer a gente do que está vendo, ou daquilo em que imaginava com gosto, não é fácil ouvir; senão alguns bocadinhos que se ouvem às vezes de voz suave, e engraçada dos músicos mais finos; e destes tenho ouvido só três todos estes anos (não falando em Egizielo) que os mais, sem lhe fazer injúria, para pouco servem. Das rabecas não sei que lhe diga, que sou oficial, ou bom, ou mau do ofício; já V. M. entende: em quanto à grosseria, ou delicadeza dos ouvidos italianos não digo nada, por isso não digo nada em quanto ao gosto da afinação. Eu prometi falar como quem não entende nada de música. Quando acompanham, tocam forte despropositado, de sorte que encobrem muito as vozes, e quando largam todo o pano aos arcos fazem um grande rumor, mas para os meus ouvidos bem grosseiro, desagradável, que junto com o de dentro do teatro, e da grande multidão de gente, que está a ver, certo que é coisa para fazer doer a cabeça, a quem for delicado dela. Enfim, quando venho para casa, que pergunto a mim mesmo: Ora que ouvi eu aqui? Conheço que não foi coisa que me desse gosto, antes trago na cabeça um zum zum, de quatro para cinco horas de rumor de rabecas, rabecões, trompas, etc. gritaria de gente, conversação contínua, risadas, palmadas, uns a gritar: bravo, bravone! Ah caro Cafarello! os que vendem sempre a apregoar ao redor dos camarotes, gritando desesperados: quem quer vinho, frutas, doces, etc.

Eis aqui pelo grosso, o que se vai buscar a uma ópera. V. M. lá suprirá com a sua imaginação o que eu não posso dizer para não o enfadar mais. Aqui verá V. M. que estas celebradas óperas não são tanto o céu aberto como a nós se nos representam, antes de as vermos. Isto em mim não é ter em pouco o

engenho de quem as faz e o gosto dos que são tão doidos por elas; é querer pôr as coisas na razão. Às vezes tenho comparado uma ópera destas com a tragédia que aí fizeram os Padres da Companhia na canonização dos dois santos, e não sei se lhe diga que antes a veria hoje, do que uma ópera. V. M. mesmo, se considerar bem numa coisa e outra, pelo que viu, e pelo que lhe tenho pintado, me parece que se porá da minha parte. A melhor coisa que lá havia era o sossego e o silêncio que havia em toda a parte, e na gente que ouvia, porque assim presta a música, prestam as palavras e tudo o que se vê, e cá a confusão nem deixa ouvir a música, nem dá lugar a empregar a atenção no que se oferece à vista. A limpeza, e prontidão com que mudavam as cenas era melhor do que aqui; depois disso a variedade de figuras, e vestidos, as aparências, vestidos de várias castas etc. é coisa que dá gosto aos olhos. Aqui todos os anos meia dúzia de figuras sempre, sempre com os mesmos vestidos representam romanos antigos, ou príncipes da Índia, ou imperadores turcos; sempre música de recitado e árias; sempre tirar um reino, e sacrificar um filho no fogo, porque disse o oráculo de tal parte, que assim era necessário para agradar aos Deuses, etc. Ora para isto, Sr. Doutor, me parece certo que é necessário ter muito boa boca para gastar um ano, e outro ano do mesmo; ou, para melhor dizer, me parece que é necessário ter muita tolice, e ser naturalmente pasmado de quanto vemos fazer para achar sempre gosto em ver óperas.

Quando lhe escrevo a V. M. esta carta e outras semelhantes, é com esperança de que V. M. as não mostre a outrém, para não me fazer mais odioso do que já lá me fazia; e ainda a V. M. mesmo peço que se não escandalize delas, como podia justissimamente, porque bem conheço que sempre digo mal, talvez de coisas de que se deva dizer mil bens. Eu digo sòmente o meu parecer com tôda a clareza, mas não quero, como alguns aí supunham, que as minhas palavras sejam sentenças; é verdade que muitas vezes me parecem as minhas opiniões mais chegadas à razão que as dos outros, mas daqui não se segue que eu despreze os outros, e que faça um conceito altíssimo do meu juízo, e que me estime a mim mesmo pelo único homem de capacidade que há no mundo. Não sou daqueles humildes a quem oiço dizer que sempre desconfiam de tudo o que fazem; que tudo o seu lhe parece erro, e acêrto quanto dizem os outros: nunca me pareceu isto, nem me deu nunca vontade de dizer que assim me parece; parece-me que entendo bem umas coisas e outras mal, e assim me parece que as entendem os outros, e se as tenho às vezes em pouca conta, também me tenho a mim em pouca conta muitas vezes, porque conheço que me parece muito mal o que já me pareceu bem outro tempo; vejo o pouco que entendo em muitas coisas ordinárias, vejo que os outros as entendem mil vezes melhor que eu, vejo que em outras não compreendo nem pouco, nem muito, nem para trás, nem para diante, e finalmente se julgo das opiniões dos outros com toda a liberdade, parece-me que não tomo a mal que os outros façam das minhas o conceito que quiserem. Pode ser que me engane; porque o certo é que tudo isto tem vindo a respeito de que alguns supussem que eu queria que as minhas palavras passassem por sentenças. Mas não deixe V. M. por isso de me falar com toda a liberdade do que lhe parecer quanto lhe escrevo, assim como eu lhe falo com ela; que ao menos por ora esta é a minha vontade.

Visto ser tão grande este sermão que aqui meti, falarei agora menos nas comédias. Vi comédias castelhanas, francesas e italianas. Já V. M. sabia o que eu sentia das castelhanas e francesas: das italianas já lhe disse alguma coisa se bem me lembro; agora pouco mais lhe direi. Se é defeito nas castelhanas haver sempre um criado, ou qualquer que diga graças, que fará nas italianas em que sempre há um...

Sr. Doutor eis que de repente chegam os marinheiros a chamar o portador para se embarcar, que é um capelão que vai daqui provido com um simples, homem de propósito e de excelente procedimento. Se aí fôr faça-lhe V. M. todo o bom recebimento. Não tenho lugar para lhe dizer senão que espero pelas dimissórias sem nunca chegarem; se V. M. puder concorrer para que elas venham depressa, fazia-me grande serviço para armar-me de capelão. Adeus, adeus, que não me dão descanso. Saudades a todos os amigos principalmente à Sr.^a Quitéria, ao Sr. João, etc.

Am.^o do Coração

Costa

Ora o portador resolveu-se a não partir senão amanhã; assim pedi-lhe a carta outra vez para lhe dizer ainda a V. M. duas palavras. Com que se é defeito nas comédias castelhanas, como eu dizia, haver sempre, ou quase sempre um criado, ou outro qualquer que tenha obrigação de dizer graças, que fará nas italianas em que sempre há um que sempre se chama Pulchinela; numas Pulchinela cirurgião, noutras Pulchinela alcoviteiro, noutras Pulchinela dissimulado; sempre vestido de sarapilheira; com calças de marinheiro até os pés, e uma camisa também da mesma droga, muito larga, que lhe fica pelo

meio da coxa depois de atada com uma corda pela cinta; e as mangas muito compridas para andarem a dar pela cara com as pontas delas, com as mãos escondidas de dentro; na cabeça cabeleira de cachos metade negra e metade branca, e por cima um boné de lã branca do feitio dum papeliço comprido em que cabem quatro ou cinco arráteis de açúcar. Quando sai vem logo a fazer torcicolos, e visagens, louvado seja Deus, bastantes desengraçadas; e assim está quando estão a representar os figuras graves, e a gente ri-se que há para ver, ou seja povo, ou sejam guapos. Chega a tanto o despropósito destes Pulchinelas às vezes, que quando menos se espera partem a correr do seu canto donde estão fazendo os seus tregeitos, atravessam o teatro, e sobem pelo trono onde está um rei dispondo os seus exércitos, e dando ordens aos seus capitães, tiram o barretinho, e dão-lhe com êle pelas barbas, só para que se ria a gente, e sempre se ri a gente, ainda que a graçola é já tão velha. Também há em quase todas as comédias mais duas figuras também para fazer rir: uma que se chama Pantalone, que é um capitão valente vestido de calças negras, e jubão negro com espada grande à cinta; este sai de quando em quando com Pulchinela sem importar ao fio da comédia, senão para alegrar a gente, e põem-se a argumentar valentias; tira da espada, assopra a Pulchinela para o deitar no chão; não pode; torna a soprar mais forte, não faz nada; vai-se chegando com a espada nua em acção de o ferir, eis que escarra Pulchinela, e cai a espada da mão do capitão Pantalone, e começa a tremer como varas verdes (não sucederia tal ao celebrado capitão que conquistou a cidade Melqui, que por nome não perca); depois torna a cobrar ânimo, e começa a tremer Pulchinela, e nesta jangada estão o seu quarto de hora, e mais, dizendo palavras da sua cabeça. A outra figura chama-se Tartalha, que quer dizer gago, que de ordinário é um criado, ou alcoviteiro, gago, e atolambado, com sua malícia; a sua obrigação é gaguejar muito, e fazer-se tolo.

Estes lhe digo eu Sr. Doutor, que são enxabidos despropositadamente, e sem embargo os italianos acham-lhe graça, e riem-se sempre desde o princípio até o fim; porque V. M. há-de saber que esta gente assim como de ordinário não é tão boçal como nós, assim também é sem comparação mais leve de cabeça e mui fraca de juízo, a meu fraco parecer.] As figuras graves têm uma toadilha insofrível, e uma afectação contínua que certo enfadará cães, e com a enxabidade sempre de casa. Mas em três colégios nobres que aqui há fazem os estudantes suas comédias muito bem, certo. Bom teatro, bons vestidos, boa música de instrumentos, e a representação muito boa em comparação destes comediantes de ofício; para que V. M. veja que também digo bem às vezes, inda que poucas.

Ora agora parece que já basta de impertinência de falar em comédias e óperas. V. M. creia o que lhe parecer; só lhe peço que esteja seguro que inda sou como era, em dizer bem, ou mal das coisas de uma terra, pelo que entendo ou bem ou mal delas, e não por me ir bem, ou mal na tal terra. V. M. verá em outras ocasiões os bens que lhe digo de Roma; como, por exemplo, o clima, que lhe asseguro a V. M. que é excelentíssimo: este ano pelos princípios de Março nevou cinco dias despropositadamente, e choveu alguns dias mais como neve, mas compos-se enfim, e ficou o resto do mês, e todo este de Abril um tempo tão fino que dá grande gosto o passear pelo campo, e à borda do rio; isto sim, que é verdadeiro tempo de primavera; agora aqui conheço eu a vantagem que levam as primaveras ao outono; o ar temperadíssimo, sem ventos, como quase sempre todo o ano; umas terras com os trigos verdes, outras lavradas de fresco, salpicadas de árvores com a folha nova, passarinhos, rouxinóis finíssimos, etc. Aqui preguntaria o Sr. João se os arredores de Roma serão tão lindos como os do Porto? E eu diria que são sem dúvida melhores; o rio inda tem a água mais feia, que o Douro, mas corre manso sempre, porque não há ventos, e as bordas são mui lindas, porque vai por vale bastante dilatado, cheio de quintas, casais, campos, e vinhas, tudo muito agradável, e em partes costeiras e outeiros mais altos, e mais longe serras carrancudas, etc.

Tornando à dimissória, monsenhor de Almada me prometeu há quase um ano de escrever ao bispo governador daí, a pedir-lha; mas até aqui não veio resposta; não quero crer que ele se descuidasse, senão que houvesse descaminho da carta, ou outro qualquer embaraço, que ele não pudesse impedir. Se V. M. puder concorrer de algum modo para que ela me venha, fazia-me, como já lhe disse, grande serviço, para haver de me ordenar, visto tomar a resolução desta vida, e ser-me assim necessário; e quando lhe pareça que não lhe fica bem a V. M. falar nisso, visto o empenho de monsenhor, poderia dizer V. M. que o fazia por eu lho ter pedido já há muito tempo; mas V. M. faça nisto e em tudo sempre o que sentir que é verdadeiro, e não olhe cegamente por me fazer o gosto.

De novo, saudades à Sr.^a Quitéria e Sr.as manas do meu conhecimento, e Sr.^a Ana Joaquina, e ao Sr. João Peixoto, Sr. Manuel Fernandes, Sr. João Alves, e a todos os outros amigos e conhecidos. Tanto queria agora escrever ao padre Sanhudo, e pesa-me que, com a pressa, não posso. V. M. alegre-se, e

consERVE paz no seu peito, em quanto puder, que é o maior bem que se pode ter, etc.

Am.º do Coração,
Costa

CARTA VI

Sr. Doutor

Certo que pode V. M. dizer que estou bem desenfadado, quando escrevo tanto; ora a dizer a verdade, o meu génio, como V. M. sabe, naturalmente me puxa a fugir de vida embaraçada, e assim ainda que não tenho modo de vida certo, faço tudo que posso para livrar algumas horas, ou tardes ou dias, para as empregar no que me pede o natural, que vem a ser fugir da gente, e de todas as coisas com que ela se costuma divertir de ordinário, e por-me a imaginar no que tenho passado, e passo, e no que vejo que as outras passam, e têm passado; outras vezes vou-me pôr a ver jogar a Boxa, que é um jogo que se parece com a laranjinha, em uma quinta, debaixo de verdes no meio de campos muito lindos, enquanto o sol não dá lugar a ir dar um passeio à borda do rio, olhando, para a sua água, ainda que envolta, para as árvores, para os trigos, vinhos, ervas, etc., tudo tão viçoso, como costuma a estar pelo meio de Maio, e ouvindo os rouxinóis, que se vão apurando todos os dias.

Ditoso de mim, e dos outros, que gostamos destas coisas, e temos liberdade para gozar delas, e triste de quem não pode o fazer o mesmo por estar preso em um cárcere escuro e asqueroso, ou por outro qualquer impedimento!

Se V. M. passasse aqui quatro primaveras como eu tenho passado, quando tornasse para Portugal, estranharia lá muito o clima, e sempre teria saudades de Roma. As primaveras são como lá as pintam nos livros, e os prègadores: temperadas, frescas e quietas; os outonos o mesmo; os verões quentes, e os invernos frios; mas parece-me que nunca cá chega o calor e o frio a ser tão excessivo como lá, porque pelo inverno não há ventos (e isto é todo o ano, porque assim como lá é raro o dia sossegado, assim cá é rarissimo o dia de vento) e pelo verão, ainda que os não há, e ainda que estejam as grimpas do suão, sempre se sente no ar uma certa humidade, que refrigera. Isto é o que me parece. Ao menos já V. M. conhece que o digo por mais não entender, e não por ser cego com as coisas de Roma, que bem sabe como lhe canto das que me parecem mal. Mas aqui não sòmente o clima é bom. Pode-se dizer de Roma o que lá se diz de muitos lugares, que é bom neles tudo o que não fala. São boas as ruas, as praças, os palácios, as igrejas, as fontes, os alimentos, as comodidades para a vida, a liberdade, etc.; é boa a quietação do natural dos italianos, e a sua humildade, e grande deligência com que servem, e trabalham para fazer o gosto a quem tem dinheiro, ou lhe poderá vir a servir de alguma conveniência; enfim há muitas coisas boas em Roma, olhando para ela assim por fora, pelo grosso, pela casca, pelo que importa pouco; mas olhando para a substância, para os costumes, para as inclinações, e génios que mostram estes homens e estas mulheres nas suas acções, eu pasmo hoje, pasmo amanhã, pasmo em outro dia, e pasmo sempre.

Agora aqui talvez que V. M. me quereria perguntar com quais quereria eu viver hoje em dia, se estivesse na minha mão, com italianos, ou portugueses? Não sei que lhe diga, Sr. Doutor, deixemos a resposta para a outra vez; por ora contente-se com confessar-lhe eu que conheço a justiça que muitas vezes fazia no que julgava mal da nossa nação; não por lhe supor defeitos falsos, mas por entender que em nenhuma outra se veriam alguns deles em um grau tão excessivo. Vê V. M. como me durou pouco o dizer bem! Mas elevai que se V. M. ainda conserva o mesmo natural que tinha não lhe desgostará de ver dar dois cortes. Se eu adivinhara o que V. M. desejava que eu lhe dissesse de Roma, lhe diria tudo "pe a pá, pe e pé" conforme entendesse, porque ainda que eu fuja de tratar gente, pela obrigação de meu ofício de rabequista não posso deixar de me achar nesta função e naquela, pela maior parte caseiras, que dão mais que ver e notar; e fazer algumas visitas a algumas casas, donde alcanço mais em um mês, que lá em um ano; porque esta gente não se recata tanto, e eu já passo de quarenta a serviço de Deus, e de V. M. Assim, se a V. M. lhe vier appetite de saber algum pontinho, diga-mo, que lho explicarei o mais que puder até onde chegar a minha alçada.

Aqui me disse o Sr. Lopes, que o Sr. mestre-escola da Sé tivera um estupor grande, e que ficara muito mal dele, de sorte que se entendia que duraria pouco; e logo me lembraram as contas que V. M. tinha com ele V. M. me diga em que alturas elas estão, e como lhe vai de dinheiros, que é o ponto principal desde aqui de nossa idade por diante, e se o Sr. Manuel tornou já para o Brasil, e se o que lá está

manda já o doce nas frotas, quero dizer um par de dobras para consertar as casas do Forno Velho, e comprar algum trastezinho; porque ainda que eu por ora não cuido muito nesta casta de conveniências para a mim, nem por isso as deixo de desejar aos outros, a quem lhe são mais necessárias, e as desejam mais.

Diga-me também como lhe vai [Sr. João](#); se lhe sopram agora mais que o ano passado esses bailes, e essas fúrias de Rio, que as funções de Martinho Velho bem sei eu que estão acabadas; diga-me em que alturas está em matéria de *vita et moribus*, e se lhe vem ainda alguns longes de desejo de sermão, ou de poesia, ou de

bailar o amable, que se o faz ainda, é sinal que ainda tem alguma substância, e que ainda não se pode dizer que já está acabado. Diga-me como está o [Sr. Fernandes](#), e se houve alguma mudança na sua casa, [etc.](#); e o mesmo do [Sr. Alves](#), e de todos os conhecidos, que desejo saber de tudo o que se vai passando por lá.

Eu não tenho de quem lhe dê notícia de pessoa, que [V. M.](#) conheça senão do [Sr. Lopes](#), e desse mesmo lhe posso dar muito pouca, porque se passam às vezes dois meses, e mais, que o não vejo. Não tem feito coisa de consideração; já [V. M.](#) saberá o seu natural; vive cá como lá vivia, pelo que ele mesmo me deu a conhecer; só que se constrangeu em alguns exteriores, porque os portugueses são aqui poucos, e por isso ele de alguma sorte estranhou a gritaria que eles lhe faziam ao seu modo de portar-se; retirou-se deles e começou a deixar-se ver menos vezes; eu suponho, que pelo que ele me disse, que se vai embora para o outono; Deus o leve em paz, que eu terei gosto de o não ver, porque lhe afirmo que me dava pena ver o desprezo de todos em que aqui vive, sendo um moço tão bem parecido, e filho de um homem rico, que para cá vale mais que quanto há no mundo.

A dez de Janeiro deste ano escrevi a [V. M.](#) uma carta por via do tesoureiro de Espanha que reside aqui; remeteu-ma a Madrid, a um seu irmão, criado da Rainha, se bem me lembro, e até agora não chega resposta; não sei se seria por se descuidar o tal irmão de a mandar a [V. M.](#) ou por outro qualquer descaminho; esteja [V. M.](#) bem, o mais importa pouco. Nela lhe repetia a [V. M.](#) o impertinente ponto das dimissórias, sobre que monsenhor de Almada, que se empenhou para alcançar-mas, não teve ainda resposta nenhuma; e isto atribuo eu a quem ele lá desse essa incumbência, e não a descuido seu. Seja o que fôr, é certo que, se [V. M.](#) tivesse alguma via para as conseguir, fazia-me grande serviço para me acabar de ordenar, e tomar estado, já que estou há tantos anos sem o tomar. Nunca falo neste ponto de dimissórias que me não lembrem os argumentos, ou as perseguições com que me apertava o [Sr. Fernandes](#), com tanto zelo, para que me acabasse de ordenar, pondo-me o caso em escrúpulo de consciência; o magano parece que adivinhava a minha transplantação para Roma, onde não é mau ser clérigo para um caso de necessidade, e é certo que se eu o fôsse, escusava de andar até agora a buscar modos de viver por rabecas, francês (que até mestre de francês fui aqui de dois portugueses!) e outras jangadilhas bem contra o meu génio; conheço que neste sentido tinha ele mil razões; mas que lhe hei-de fazer, se me não vinha a cubiça dos tostões das missas, nem adivinhava o que me havia de suceder? O mais é que nem agora, depois que conheço quão prejudicial ao meu descanso e modo de viver foi o não me ter ordenado, me arrependo nem pouco nem muito de o não ter feito, assim como também me não arrependo de não ter falado com uma pessoa, por cuja porta passei quando saí dali ou ao menos lhe vi a casa; que era a mesma pessoa que me fez sair; desejava-lhe falar; podia-lhe falar naquela ocasião; já então esperava que me serviria de muito o falar com ela; e hoje, pelo que soube aqui, entendo que o mais certo era não sair de Portugal, se lhe falava. Cuida [V. M.](#) que nem por sombra me chega o menor arrependimento de o não ter feito? Ah! Não conto isto por virtude senão para informar a [V. M.](#) como já lá fazia, do meu natural, que certo em muitas coisas é bem esquipático, e contra o comum do que se vê nos homens; não por estudo, ou affectação, senão porque já nasci com estas inclinações, ou ao menos as tenho desde que me entendo e sempre senti que se me foram cada vez arreigando mais no coração com os anos.

Quando eu era rapaz, o amor, e outras algumas paixões, que me moviam, me faziam muitas vezes arrepender de algumas coisas; hoje não sinto arrependimento que me moleste, senão é o ter tratado a [V. M.](#) e ao [Sr. Pedro Pereira](#) e a outra alguma pessoa com demasiada secura e aspereza, e outros erros semelhantes que em si mesmo são coisa má, como abrir a todos o meu peito com demasiada sinceridade, dizer aos outros os seus defeitos na cara, sem mais rodeios, nem voltinhas, etc. Ora suponhamos que me nascia esta grande liberdade no falar por eu sentir que me não moviam a isso paixões, senão o amor da virtude, e o aborrecimento do vício; poderei deixar de conhecer (e sempre o conheci mais ou menos, que é o pior) que era uma imprudência despropositada? Mas não estava na

minha mão outra coisa. Já quando da outra vez vim a França, me deram pelo caminho mil arrependimentos da secura com que muitas vezes tinha tratado ao [Sr.](#) Pedro Pereira, e fiz mil propósitos de me emendar quando lá chegasse; contive-me com trabalho os primeiros tempos, depois logo tornei ao meu natural.

Muitas vezes terá [V. M.](#) reparado por que lhe não escrevo (para sairmos destas filosofias)? Mas aqui vem outro defeito meu. O meu demasiado acanhamento por lhe dever um pouco de dinheiro, e não lho poder pagar, é a causa de eu me não achar por nenhum modo com ânimo de pegar numa pena para lhe escrever. Haverá remédio para isto? Haverá, mas eu não lho posso dar, nem lho acho. Uns homens têm uns defeitos, e outros, outros; eu tenho os meus. Se não faço mal aos homens por andar atrás das honras e do interesse, faço-lhe pela minha imprudência, e demasiada austeridade, e outros desfaropatórios semelhantes. Não é pouco que eu ao menos me conheça ainda que bom seria que também me emendasse, como devia; mas, como já disse, não está na minha mão. Eu pasmo às vezes quando considero na moderação com que me havia nas conversações aqueles dois anos e meio que estive em Canavezes, e na imprudência com que vim a falar diante de toda a casta de gente pelos anos adiante. Muitas razões se poderiam dar disto, e uma muito natural é dizer que tudo nascia da minha presunção de saber muito, e de entender as coisas melhor que ninguém; pode ser, mas eu inclino-me mais depressa a que nascesse do pouco caso que eu fazia de quanto tinha aprendido, e de quanto aprendem os homens, e do grande desejo que sempre tive de ver homens que dissessem, e fizessem o que entendiam, e que não falassem, nem se metessem a fazer nada, quando não entendiam nada; que é fruto que se vê raríssimas vezes no mundo, dizer um, quando lhe perguntaram, que faria [V. M.](#) neste caso? Aí não chega a meu juízo.

Ora este desejo de que todos os homens obrassem tudo com singeleza e naturalidade, este pouco caso de quase todas as ciências do mundo, enfim esta austeridade do meu génio e todos os defeitos que daqui me provém, foram uma das causas principais que me moverão a deixar de ir para Inglaterra e ficar em Roma, feito clérigo; agora conheço ainda melhor do que lá, que para viver neste mundo e ganhar a vida, não sòmente é necessário infalivelmente ser comedido nas palavras e usar continuamente de dissimulação; mas também de lisonjas, mentiras, traições, embustes; e o que mais é, é necessário mil vezes para agradar a uns, e viver com eles, fazer mal a outros, e persegui-los; que é, a meu ver, o maior defeito, que podem ter os homens, se é que se pode chamar defeito a um vício que não vem a acabar em fazer mal a outrem. Considerei que a minha vida em Inglaterra (passados os primeiros tempos) não podia ser senão o comércio; mas que jeito tinha eu para mercador? Pouco desejo, ou nenhum de riqueza; pouca habilidade para comprar; para vender não falemos; pouca agilidade para acudir às fazendas, a ver umas, a acondicionar outras, a assortir outras, e enfeitá-las; pouco ânimo para pedir dinheiro, para o arriscar em grande quantidade, e para o meter em negócios incertos, deixando-me ficar sem ele, em perigo de não ter com que pagasse as letras, que viessem sobre mim. Enfim [Sr.](#) Doutor vi-me com quarenta anos, e com uma inclinação natural desde criança à vida descansada, e retirada de todas as arengas do mundo, e entendi que por muitas razões fazia mal em ir para Inglaterra, o que [V. M.](#) talvez entenderia a primeira vez que eu lhe falei nisso.

Resolvi-me a ficar aqui, em quanto não há coisa que me obrigue a sair, como houve lá. Já me importa pouco que seja assim a companhia destes clérigos de [Sto](#) António; já me acho com valor para ver este ou aquele despropósito; porque em rezando e cantando com eles no coro, não estou obrigado a mais; meto-me na minha casinha, e ponho-mo a brincar numa viola, ou a olhar para os verdes, que tenho excelente vista da janela: um vale formoso, semeado de casas de lavradores, montes cobertos de verdura, e ao longe serranias com suas névoas por cima, etc. Depois ir passear à borda do rio, e tornar para casa, e achá-la só, e limpa, e ir deitar às suas horas com o coração sossegado, sem penas, nem desejosos: que mais quero? Aqui estarei descansado, e sem susto de que me venham convidar para funções enfadonhas por todos os motivos, onde, em quanto os outros se regalam, eu me esteja consumindo e fazendo de fel e vinagre, e envergonhando, e por fim venha para casa triste como a noite, e com a paz do meu coração derrancada, às vezes para um par de dias, e vendo que, quem me convidou, fica muito contente, entendendo que me diverti melhor do que me podia divertir nunca na minha terra, e que tive o gosto de me fazer honra com a rabeca, como eles dizem, que vem a ser, que lustrei. Isto dado a entender a quem, [Sr.](#) Doutor? A mim! que faço tanto gosto de tocar rabeca com esta gente como [V. M.](#) o poderia fazer de bailar um minueto com o capitão de São Domingos, e que estimo mais pelos seus bons costumes certas cozinheiras portuguesas do que as mais escolhidas princesas de Roma.

Este é talvez um dos encarecimentos mais despropositados que [V. M.](#) terá ouvido neste mundo; mas considere [V. M.](#) sòmente na baixeza de pensamentos e acções a que pode chegar uma pessoa criada desde pequena e com a doutrina e exemplo do interêsse mais vil e mais baixo que se pode imaginar, especialmente não conhecendo o brio, pondonorzinho, ou seja muito embora fofice, da nossa nação; e poderá fazer algum juízo da miséria a que chega esta gente neste ponto. Aqui não se pede por esdrúxulos, por remoques, por deixar de fazer o favor uma vez até que mandem, para assim ficarem entendendo para as outras; não senhor; isto cá vai por outra taboada. Continuamente se ouve pelas conversações contar: fulana regalou a fulana tantos sequins, ou tal coisa porque lhe alcançou aquilo do cardeal fulano, do príncipe, de monsenhor, etc; depois começam a informar claramente do conhecimento que tem com este, ou com aquele senhor, e a dizer aos circunstantes, que se se lhe oferecer alguma coisa para ele, ou se souberem de alguém que queira, etc; pròpriamente como lá fazem os mercadores quando uma pessoa lhe vai a casa, a pedir-lhe que lhe remeta uma carta para o Brasil, que começam: se quer um par de còvados de limistes bom, que o tem agora do mais selecto, que lho há-de dar em cómodo, pelo custo, etc. Vê [V. M.](#) que selada eu vou por aqui fazendo!

E como passo de umas coisas para outras sem usar de régua, nem prumo, nem esquadro! Elevai; [V. M.](#) já sabe que, quando me dá para falar, falarei por toda uma eternidade, e que quem fala assim, por força há-de fazer misturada. Ainda falta escurrichar um ponto. Aqui viverei descansado de que me convidem para funções impertinentes, porque já estou capelão de Santo António de certos que chamam supranumerários, que não têm mais paga que a casa, cama, quem lhe cozinhe, e dez paulos cada mês com a obrigação de dizer cinco missas, se é clérigo; está foi a minha renda este mês de Maio, mas para o de Junho me disse o Governador que serei capelão numerário, que é o mesmo que ter a comodidade da casa, e três escudos cada mês do coro, e três da missa, quando vier o papelinho sive quo, se a tanto se atrever [V. M.](#), ou Monsenhor de Almada; dizem cá estes clérigos que têm seis mil réis cada mês; enganam-se certo, que lhe falta muito; mas é certo que nesta terra os seis escudos bem valem tanto, e mais que aí os seis mil réis; de haveres estou eu bem, sempre, [Sr.](#) Doutor, assim eu tivesse aqui certas pessoas para falar com elas de quando em quando, especialmente daquelas que não têm barba, ainda que sejam grandes, e que falam delgadinho; estas doutoras sim, que nunca me saem da cabeça, como Ulpiano e Bartolo aos lentes de prima da Universidade. Se lá me pareciam algumas tão dignas de estimação (pondo de parte os seus defeitos, que todos os têm) de cá ainda mo parecem muito mais.

Ora, amigo [Sr. Dr.](#), se eu as não vou ver, nem a [V. M.](#), virá [V. M.](#) ainda a Roma ver-me, e a estas mulheres; creia-me que não desespero de lhe vir ainda a meter em cabeça esta jornada; tudo depende sòmente de que lhe não seja a a [V. M.](#) necessário trabalhar para sustentar a sua casa, o que é mui possível, enriquecendo um dos seus filhos, ou ambos; que a distância do caminho não pode servir de embaraço nenhum a um homem de juízo, tendo dinheiro na algibeira; antes de grande gosto e divertimento; e de dinheiro, ainda para vir com toda a comodidade, não cuide [V. M.](#) que é necessário um saco cheio; agora foi daqui um sobrinho de um cônego de Santiago, que conheci em Galiza, e veio aqui dar comigo, e sabe [V. M.](#) quanto gasta? Quarenta e cinco escudos, que não chegam a quarenta mil réis do nosso dinheiro, por o levarem em caleça desde aqui de dentro de Roma da sua porta até Barcelona, e dar-lhe de comer uma vez ao dia excelentemente, como se come pelas estalagens grandes da Itália e França, e por lhe levarem um criado nas rodas, e o seu bauesão [etc.](#); e as cem léguas que lhe faltam desde ali a Madrid, o levam em um carro-mato, dando-lhe bem de comer, por moeda e meia, ou pouco mais; pois de Madrid ao Porto já [V. M.](#) sabe que haverá oitenta léguas. Isto é, indo de príncipe, sempre por terra, que se [V. M.](#) não tivesse o mar, podia vir muito mais barato. Certo que eu nisto teria grande gosto, e [V. M.](#) também, em ver tantas terras, e gentes, e costumes diferentes, e em estar em Roma um ano ou mais, se quisesse, na cabeça que foi algum dia de todo o mundo, e o é hoje da cristandade, vendo estátuas antigas, romanas e gregas, edifícios modernos, reparando bem nesta architectura de que lá se fala com tanta pasmaceira, no modo de vestir, de adereçar as casas, [etc.](#), e sobretudo nas inclinações e modo de viver desta gente, que é mais diferente do nosso do que eu cuidava algum dia.

Ora, [Sr. Dr.](#), se eu não acabo de estalo, nunca acabarei. Já lhe tenho dito a [V. M.](#) algumas vezes que se quizer que lhe escreva com mais liberdade, me mande dizer um nome de mulher fingido, para lhe fazer assim o sobrescrito, e lhe escrever dentro como a tal, para que, dado caso que a venham a ler, não saibam para quem ela ia. [V. M.](#) me avise quando tiver ocasião; e se quizer, para maior segurança, escreva o tal nome na cifra com que escrevia algum dia, que assim ainda que a sua carta tenha

descaminho, não no entenderão.

Diga-me também todas as novidades que entender, eu terei gosto de saber. Dê-me infindas saudades à Sr.^a Quitéria, e lhe dirá que me receba o desejo e a boa vontade tivera de lhe ir fazer uma visita de quando em quando, para gozar da sua fala e do seu riso tão engraçado, e do seu modo tão agradável, que ainda agora me parece muito melhor imaginando nele cá, nesta penúria de graça das mulheres no meio de quem vivo. Louvado seja Deus que as fez! Elevai, ao menos têm no bem de que não botam muito fogo no coração dos homens, nem eles também são de casta de se acenderem muito, e assim namoram, e tornam a namorar um ano, e outro ano, e nós os portugueses e castelhanos que o estamos vendo, não se nos pode meter na cabeça que aquilo seja amor, nem que se lhe possa dar tal nome; enfim, este amor caminha com tal moderação e sossego, que passa aqui por coisa lícita; pùblicamente se faz, pùblicamente se fala nele, se confessa que se tem, se diz que se vive disso; e os mesmos pais de uma rapariga, se lhe pergunta uma pessoa, que os venha visitar, quem é aquele estudante que está a conversar à janela com a filha, responde diante de oito ou doze pessoas que ali estejam: que é o Sr. abade fulano, que faz o amor com Mariquinhas ou Aninhas. O Sr. Lopes me disse um destes dias que uma lhe dissera mui séria, e com grande secura, como quem falava no linho, ou na teia, que queria bem ao Sr. fulano, mas que não queria já fazer mais o amor com ele, porque não gostava disso a Sr.^a madre, e que escusava de se estar a mortificar a ouvi-la, nem ela de ter esse desgosto; que lhe havia de dizer que não tornasse a vir, etc.

Conte isto à Sr. Quitéria. Saudades a todas as outras senhoras; aos Srs. Fernandes e Alves e com particularidade ao Sr. João V. M. me fará dar esse minuete ao Sr. Nunes, porque me parece que o fiz fácil como ele desejava. Alegria, e cuidar em ter o peito sossegado.

Roma, a 20 de Maio de 754.

Amigo Costa

CARTA VII

Sr. Doutor

No princípio de Agosto escrevi a V. M. por um dispensante, mas como esta casta de portadores não são às vezes muito seguros, torno-lhe agora a escrever; não para coisa que se me ofereça de novo, mas para lhe dar outra vez uns agradecimentos, se é que tocam a V. M.. Para isto lhe repetirei o que já lhe disse na outra. A vinte e tantos de Julho me deu o Padre Carvalho da companhia 6\$400 réis por ordem do Padre António de Torres que eu conheci aqui, e agora diz que é lá provincial, e perguntando-lhe eu quem mos mandava dar, disse que não sabia, senão que vinham por via de um cónego de Cedofeita. Daqui tirei que seria V. M., visto ter-me já mandado por ela outros 6\$400. Se é assim, agradeço a V. M. uma e mil vezes o favor; porque ainda que por ora não tenho necessidade, isto de dinheiro é como o doce, que a toda a hora tem lugar, e sempre sabe bem: (diz V. M. agora: olá, ele já se lhe vai pegando dos italianos a fome de dinheiro; pode ser; quem sabe se será assim e a mim que me pareça que não). Ora, como dizia, agradeço-lhe mil vezes, mas ao mesmo tempo lhe peço com todas as veras, como já lhe pedi outras vezes (não sei se lhe iriam à mão essas cartas) que me não mande mais; porque não é justo que V. M. se desarremedeie, especialmente quando eu não necessito; porque enfim, como já lhe disse, estou cónego com casa e cama, e cozinha de casa, e três mil réis cada mês pela cantarola; e se me vem a dimissória, além das conveniências da casa, fico com seis mil réis cada mês; veja V. M. se poderá estar assim bem um homem tão governado como eu, ou seja embora miserável. V. M. ponha estes 6\$400 réis no rol do dinheiro que me tem emprestado, e mande-me dizer a soma de tudo, não porque lhe possa pagar, como V. M. bem pode entender, mas porque tenho gosto de saber o que lhe devo para deitar as minhas contas pelo tempo adiante.

Não sei se V. M. receberia uma carta minha que lhe foi por via de um castelhano criado da rainha em Madrid; mandou-lha daqui por um irmão seu, que é oficial da tesouraria de Espanha, e lhe pedia que a metesse logo no correio de Lisboa, e que mandasse a resposta, logo que a recebesse; isto foi no princípio de Janeiro, e até agora nada; donde tiro que talvez se descuidaria o castelhano; o que eu lhe

dizia nessa carta, tudo vinha a dar em dimissória, e mais dimissória; mas como monsenhor de Almada tem tomado isso à sua conta, é justo que eu o deixe lá com o negócio, e que tenha boas esperanças; que para isso estou em Roma, donde elas mesmo parece que se geram do clima.

Muitas vezes me tenho oferecido a V. M. e à Sr. Quitéria para lhe mandar alguma música que ela me encomendasse, mas quase que estou de todo arrependido, porque não ouço coisa que lhe possa contentar, a meu parecer; mil vezes ouço dizer: bela missa, belos psalmos; e estou certo que postas lá estas coisas, não agradariam, e dariam por mal empregado o tempo que se gastou em tresladá-las, e o dinheiro que se deu por elas. Todavia se a Sr.^a Quitéria quiser experimentar alguma coisa à fortuna, mandar-lhe-ei uma peça, e assim como se achar com ela, assim fará; mas há-de ela dizer que coisa há-de ser, e com que circunstâncias. V. M. lhe dará mil saudades minhas, que enfim ela e outras doutoras, que eu conhecia, me fazem ser mais amargoso estar tão longe de Portugal e o viver entre estas pestes das pestes das mulheres, que às vezes (me creia V. M.), me vem um desejo fortíssimo de não ter conhecido portuguesas, ou ao menos de não ter falado com nenhuma na minha vida...

Vê V. M., que fazendo eu tenção fixe de não meter hoje em filosofias, já entrava nelas sem querer! Já se vê que eu não sirvo senão para lhe vir sempre a V. M. com arengas; assim tenha paciência. Queria saber quantos palmos tinha de vão a capela-mor da Sé, de comprimento, e de largura, isto é, de parede a parede, deitando de fora a tribuna, e as cadeiras; ainda me explico mais, a ver se vai mais claro; de uma parede dos lados à outra, e das grades de bronze que estão à entrada, até à parede última que fica por detrás da tribuna. Eu creio que isto estará escrito em algum livro da mesma Sé; se for assim, e V. M. o poder saber sem grande trabalho, faz-me favor, mas também é necessário que se explique que palmos são, porque são, porque os há geométricos, e tataranetos, etc.

José Lopes desapareceu daqui pelo Santo António, depois de ter vivido por um modo que lhe doeria bem a seu pai quando lá lhe chegasse a notícia; passado pouco tempo se soube que foi dar consigo em Nápoles, e começava lá com a mesma vida. Deus queira que ele se resolvesse a ir para Portugal, ainda que não sei o que lá possa fazer dele seu pai; certo que tenho grande pena dele, e do filho, mas eu não lhe posso dar remédio, nem me parece que ninguém lho possa dar. Tal conceito faço do natural de José Lopes, e dos seus costumes!

V. M. queime logo esta carta, que não quisera que se soubesse que de tão longe ainda digo mal dos meus patrícios.

Saiba V. M. que cheguei ao banco autorizado dos quarenta; louvado seja Deus! que já somos homens, e largámos os cueiros para sempre.

Saudades de novo à Sr.^a Quitéria, e a todas as minhas conhecidas, Srs. Peixoto, Fernandes, Alves, etc.

Roma, 30 de Agosto de 1754.

Am.o do Coração
Costa

CARTA VIII

Sr. Pedro Pereira de S. Payo

Falei tantas vezes no Sabará e em V. M. com o portador desta, que me não atrevi a deixar de a escrever, para ao menos nisto mostrar que não me esqueço do que devo a V. M. em todos os sentidos, já que não posso pagar-lhe como desejava.

O tal, que é de Cailé, entre outras coisas me contou que Francisco José das Chagas, aquele moço do Alemtejo que tocava rabeca, morrera de repente bebendo um copo de leite em casa de Lourenço José; estas são as notícias que eu cá costume ter dos meus conhecidos: este morreu, aquele teve um estupor, e aqueloutro prenderam-no, etc.

De Veneza não tenho que diga a V. M. senão o que já fiz noutra; mas como é de crer que não lhe chegasse à mão, porque o levou um capitão de um navio dinamarquês que ia visitar todos os portos do Mediterrâneo antes de aportar a Lisboa, tornar-lhe-ei a dizer que esta terra no material é diferentíssima do que lá se crê, e que para meu gosto inda não vi cidade grande tão feia nem espero de vê-lo; porque tirando a praça de S. Marcos, o palácio da República que está nela ao pé da igreja, e o canal grande

que atravessa como um S: o resto, quero dizer Veneza, é uma multidão de canais estreitos e fúnebres sobremodo, e de becos, por muitos dos quais não podem passar três pessoas a par, cheios de casas de tres, quatro, e cinco andares, baixíssimas de ponto, de arquitectura gótica, de janelinhas redondas, ou ponteagudas, fechadas com as suas meias portas pela parte de fora, feitas ao machado, que quando estão abertas de dia me fazem lembrar das caixinhas dos nossos ermitães; e de quando em quando suas chaminés com canal para o fumo, formadas da grossura da parede para fora coisa de palmo e meio, de modo que não se pode ver nada para os lados; enfim, se as ruas não fossem bem calçadas, e as tais lojzinhas bem providas de fazenda, Veneza seria um curral de cabras. As mulheres andam de saia preta, e sendal negro na cabeça, mas vê-se-lhe metade do corpo e dos braços, com o seu vestido verde, amarelo, etc. Os homens de casaca e capote, indispensavelmente de verão e inverno; as carruagens são as gondolas, barcos estreitos, e compridos com seu toldo no meio, por cuja boca cabe uma pessoa só, abafadíssimos, com suas almofadas de couro dos lados, e detrás, nem menos como as das seges, cobertos todos com uma coisa como baeta negra, de modo que a primeira vez que um forasteiro vê um canal cheio de tais gondolas imagina que há função de enterro, gosto verdadeiramente do tempo dos godos, que os Venezianos conservam em quase tudo; ajunte V. M. a tudo isto não se poder ver campos, nem árvores.

Este é o material de Veneza, tão louvado por toda a Europa. O arsenal é grande, e bem provido, mas de pouca admiração para mim; paredes de quando em quando com o seu telhado por cima, antenas, mastros, vergas tudo é madeira da terra nozinhentos. O celeberrimo carnaval, os touros, etc., para mim (e para todos os portugueses que não estiverem apaixonados por tudo o que é estrangeiro) é coisa que faz rir primeiro e depois entristecer. Tem também coisas excelentes, como ser rica, abundantíssima de tudo, especialmente de comestíveis, estar iluminada de noite, como lá se imagina, mas ao menos de sorte que não se pode ter medo de tropeçar em nada, ou cair em algum canal.

A música da cidade, ou de S. Marcos, é uma peste, mas há quatro conservatórios, ou seminários em que aprendem esta arte Puellae Puellorum, que tocam como homens, e cantam belamente, especialmente no dos Incuráveis (todos estão anexos a hospitais) onde há uma tal gregheta, que me tem feito chorar algumas vezes com a graça e suavidade de sua voz; se eu fora a V. M., sabendo que havia algum navio em Lisboa para estas partes, embarcava-me e vinha ouvi-la. Não há tempo para gracejar, nem falar mais em música.

V. M. me faça o favor de me pôr aos pés da Sr.^a D. Rosa minha Sr.^a, do Sr. José Pereira, Sr. prior, e todos os Srs. de casa do Sr. Cavaleiro Pita, do Sr. Bento Luís, Sr. Carlos Alvo, Sr. Torrão, e todos os Srs. que me fizeram mercês, nec non do Sr. Nunes, Sr. Peixe Corrento, Sr. Dr. Luis Gomes etc.; e veja se lhe sirvo aqui para alguma coisa, que me achará grande desejo de o fazer.

Veneza, 22 de Julho de 1761.

De V. M. Criado m.to obr.º Ven.dor e Am.º António da Costa

CARTA IX

Bem custou a chegar a água ao moinho, Senhor Doutor, mas, a dizer-lhe a verdade, chegou ainda mais cedo do que eu esperava; fàcilmente lhe podia fazer o gosto de lhe escrever dilatadamente, porque o furor de falar, quando não olho para as pessoas a quem falo, nem elas para mim, ainda é como dantes; mas aqui não há dispensantes que levem os maços, ou livros, que eu lhe mandava por eles de Roma, e não é justo abusar eu da boa vontade com que me enviam estas; está-se aqui esperando ministro de Portugal a esta corte, que é um dos Rangeis de Coimbra; e veremos se lhe poderei escrever, a V. M. por sua via; seja como fôr, V. M. não me responda até eu não lhe dizer o como; em tanto, falarei só no mais necessário, e ainda nisso, enquanto eu puder, com o sentido em não ter senão uma folha de papel para rabiscar tão mal como V.M. vê; e principiemos pelas verdes: acabou-se a minha saude de vento em popa; V. M. estupor; e eu, às vezes mijar vermelho mais ou menos, às vezes, começar a fazê-lo, e não poder ir para diante com grande dor no colo da bexiga, e depois de alguns meses destes sintomas, prurido de o fazer muito a miudo com grande dificuldade, e com dores terríveis no fim da via da ourina; uns me dizem que é pedra, outros areias, outros veia rota, outros inflamação de alguma parte

por onde passam as urinas, ou onde se formam; e eu deixo-os dizer, torno aos pós de França, e ao segundo papelinho, cessam todos os sintomas, e eu cesso de tomar os pós; mas daí a alguns dias torno a urinar vermelho, torno a tomar os pós, e desde então, que seria há perto de três semanas, estou bem; é verdade que ainda não creio o mal remediado, porque com o último papelinho urinei alguns bocadinhos de sangue coalhado, sinal de que lá dentro houve algum desmancho, ou in... ? considerável; mas torne o mal que tornar, e eu continuo com os pós certamente; e V. M. do efeito que eu e tanta gente tem experimentado neles, aprenda para si, e resolva-se a tomá-los, não sòmente quando os médicos lhe disserem que se purgue, mas muito a miudo, seguro de que o não hão-de debilitar, o que a experiência lhe mostrará, como lhe mostra o contrário, nas purgas ordinárias; e com a esperança bem fundada de se perservar melhor por este meio, que por nenhum outro, de ter segundo acidente; muito mau geito lhe levo para falar pouco.

As mortes de casa não me fizeram a grande impressão que V. M. temia; minha mãe já há muito que eu fazia de conta que ela não vivia, visto a sua idade, e pouca saude; quanto a meu irmão, também quase que esperava que tivesse saído do mundo, porque ainda que parecia robusto, e se achava em anos de poder viver algum tempo, o seu grande desgoverno com mulheres prometia o não chegar ele a grande velhice; e já que estamos aqui, como V. M., sendo a única pessoa que me escreve daí e letrado de ofício, não me diz quem foram os herdeiros do último que morreu? Sei que dessas poucas terras, se ainda eram suas, se assenhorariam os credores antigos da casa, mas a que não me diga V. M. nem uma só palavra disso que se chama meu património, que nem eu mesmo, pelo que dizem, posso alienar, não lhe sei descobrir outro motivo, se não é o figurar-se-lhe a V. M. que se me tocava no ponto, poderia eu desconfiar que V. M. nisso me dizia por bom modo que cuidasse em eu lhe pagar com o rendimento do tal património, visto chegar a tê-lo à minha disposição: se é certo o meu pensamento, não lhe peharei, que os brios portugueses são muito para desculpar, ainda das pessoas com quem não se deveriam ter; mas certo que tomarei muito a mal se V. M. não me diz na primeira sua a forma por que deve ser feita uma procuração para cobrar o meu património

caso que o meu irmão não o embaraçasse até a ele, como fazia a tudo o que lhe caía nas mãos, e se não se vai cobrindo com ele da sua dívida, visto haver este meio de V. M. o fazer, e não ter eu capacidade de lhe pagar de uma vez; e desde logo lhe digo que toda a casta de cumprimentos na matéria me desagradariam fora de modo, e não serviriam de nada; e lembre-se que já eu lhe tenho dado alguns entenderes de estar com a ideia de lhe satisfazer por este modo, se fosse possível, ainda quando supunha vivo meu irmão; dir-lhe-ei de mais a mais que, em caso de necessidade, não terei nenhuma dúvida de lhe pedir a V. M. que, em lugar de tomar o dinheiro, mo mande; e assim, creio que tiro, todo o motivo que V. M. pudesse ter para duvidar de me fazer o que lhe proponho. Saíamos destas coisas pouco agradáveis para o meu natural.

Tenho grande gosto que a Sr.^a Quitéria, a Sr.^a Antónia e a S.^a Margarida, espero eu, por V. M. não me exceptuar como o irmão, passem bem, e lhe peço que lhe dê saudades minhas. Quem diria algum dia que havia de haver estas licenças de estar fora do convento tantos anos? Quem, que os padres da companhia deviam de perder em pouquíssimo tempo o crédito e autoridade que tinham adquirido injustissimamente no mando, principiando dos príncipes a acabar no povo; e serem desfeitos inteiramente para sempre? Quem, que em Portugal havia de poder dizer um português, ou estrangeiro, que neste reino não há nenhum judeu, ou que não há português de quem não se deva crer que é cristão ou bom ou mau, com tanta justiça como a com que todos crêem, e nós mesmos os portugueses cremos, que o são castelhanos, franceses, italianos, alemães, ingleses, holandeses, etc., que o afirmam de si, e vivem como tais, pelos sinais exteriores que dão disso nas más acções, de que unicamente devemos julgar?

E não obstante, tudo isto, e outras coisas incríveis, vemos hoje, e veremos ainda mais, graças ao Sr. Marquês de Pombal: pois assim, nem mais nem menos, o meu negócio que algum dia era impossível de ajustar, agora se pode dizer fácil, ou ao menos tal o pareceu ao Sr. Visconde de Vila Nova, quando se me ofereceu em Roma, com a sua costumada generosidade para o fazer, e em Paris ao Sr. D. Vicente de Sousa, que quis também fazer-me o mesmo favor, e por isto é que eu lhe disse a V. M. que lhe podia ter aparecido diante, se quisesse; este Sr. D. Vicente é um fidalgo da casa de Redondo, e presente embaixador de Portugal em França, que quando eu estive em Paris procurou de me tomar à sua conta e fazer bem, com tal fogo e eficácia que não tenho palavras com que lho explique; isto sem eu pretender nada dele, nem ninguém lhe pedir por mim; antes talvez por isso mesmo, e por saber que eu não tinha aceitado aqui uma carta de recomendação que me quis fazer para ele o Sr. D. João de

Bragança, é que se esquentaria mais a sua generosidade; intentou primeiro mandar-me para Lisboa; e depois, ao mesmo tempo que eu lhe ia dando negativas, para o Porto, para Inglaterra (para onde eu queria ir quando parti para Viena), para Madrid etc., e vendo que eu não lhe fazia o gosto em nada disto, pediu-me que ao menos, enquanto escrevia sobre o meu negócio, me deixasse estar em Paris, se não em sua casa, em uma que me pagaria, e o comer, se eu não quisesse servir-me da sua mesa; e por fim, quando conheceu que eu queria deveras tornar para Viena, quis em todos os modos dar-me dinheiro para a jornada, parecendo-lhe que o que eu tinha não me bastava para uma pequena parte dela, ou ao menos lhe aceitasse uma letra para cobrar em Strasburgo, que é no meio do caminho, o dinheiro que me fosse necessário para chegar a Viena; que tudo lhe agradeci muito, sem me aproveitar de nada, do que lhe pedi mil perdões, etc. Conto-lhe a V. M. todas estas coisas, porque me parece que V. M. terá gosto de ver que eu até agora sou o mesmo António da Costa duro que fui lá, e quanto se enganam os que cuidaram, talvez lá como em Roma, que eu torcia as orelhas, e não me deitavam sangue, por não ter querido servir o Sr. Visconde de Vila Nova; porque V. M. há-de saber que todos os verdadeiros intentos do D. Vicente eram que eu estivesse em sua casa, e para quê? - Deus pergunte pelas suas coisas. E é certo que ele é muito bem visto do Sr. Marquês de Pombal, cujo segundo filho foi casado alguns anos com uma filha do Sr. D. Vicente.

Como V. M. querará saber o que me pareceu Paris, dir-lhe-ei que muito mal, e que V. M. não se fie no que lhe dizem do mundo todos os que têm andado por ele. Creia-me que quase toda a gente informa das terras que vê, ou o que já cria delas por fama e por ler, ou o que lhe gritam aos ouvidos e lhe metem na cabeça por mil modos, os que as habitam. Grande miséria, que até para os puros olhos só nos há-de servir o juízo alheio! Paris é uma cidade vasta posta numa planície, atravessada de um rio grande, com três ou quatro pontes formosas, em que, e no Palácio do Rei, que está à borda do rio, consiste toda a sua magnificência; o resto compõe-se de bastantes ruas compridas, largas e direitas, mas nenhuma que se possa dizer bonita, antes todas feias pròpriamente, e melancólicas. Quer saber porquê? Porque em toda aquela grande quantidade delas, grandes e pequenas, não encontram os olhos um só palácio, ou casa limpa, senão todas ordinárias, e do mesmo feitio, que também é ordinaríssimo, por não constar que de janelas, portas e paredes, tudo liso e de fracas proporções. Como? - não não há palácios no grande Paris? E onde está tanta nobreza, dirá V. M.? O que eu lhe digo é certo, Sr. Doutor, mas V. M. pergunta bem; em Paris há uma coisa que eles lá chamam palácios; mas não os encontram os olhos nas ruas, tirando o grande de el-Rei, que eu disse, e outro pequeno também seu, que se vê de fora em parte; os outros todos estão escondidos para dentro das ruas, isto é, indo V. M. por elas, dá às vezes fé de uma falta de casas, e, em seu lugar, de uma parede baixa com uma porta no meio, lisa, e descoberta por cima; e, se lhe vem a curiosidade de olhar para dentro, vê um patiozinho, e defronte da porta uma coisa, que nós chamaríamos casa de campo, pequena, baixa, de um só andar, janelinhas pequenas, poucas, de arquitectura ordinaríssima; aqui tem V. M. o bom gosto dos franceses em formar as ruas do grande Paris. Nas praças, que são poucas, e pequenas, ainda que bonitinhas pela sua regularidade, e nos largos, com a seca, não há fontes nem chafarizes. As igrejas já se sabe que ou são feias, ou pouco dignas de atenção; este é o material da cidade; pelas ruas vi raríssima carruagem nobre, e poucas que se pudessem chamar lindas; os fiacres, isto é, as seges de aluguer, e umas cadeirinhas com rodas, tiradas por um homem esfarrapado, em lugar de cavalo, fazem fugir a gente com os olhos, pela sua porcaria; os homens vestem muito ordinariamente; os mercadores, e outra gente assim de pano negro, e (quem tal diria !) com cabeleiras redondas, e de nós, pequenas; os seus casquilhos tão louvados não me apareceram, mas não andarão a pé, como muitos de Lisboa andam; as mulheres fazem nojo; parece que todas trazem o peito emprastado, porque não sòmente não usam de espartilho, mas de vestidos tão largos, que poderiam meter uma criança entre eles e a carne; coifas, camisas, vestidos, maus, e tudo porco; pouco elevadas de juízo, e menos ainda de coração, sérias, tristes, etc.; o mesmo digo dos homens, com toda a sua leveza de juízo!

Mas onde vou eu dar comigo, tendo tão pouco papel, e tanto que dizer!? Que é isto, Sr. Doutor ?! Roteiro da jornada do Porto para aqui, com a maior clareza, e miudeza que eu puder descobrir! Se V. M. dissesse que era para servir uma pessoa, que lhe pede, vai bem! Mas que é mera curiosidade sua!? Faz V. M. de mim pateta, ou está-o, como diz o Sr. Peixoto? Ora, graças à parte, se V. M. fosse são, rico, e não tivesse lá tantos embaraços, entenderia que lhe davam às vezes furores de ver um bocado de mundo, e a mim; de contar-me, ouvir-me, etc.; mas, nos termos em que estão as suas coisas, confesso-lhe que nem para trás nem para diante posso atinar que roteiro, por mera curiosidade, seja este? V. M. se declare, que eu lho mandarei com a maior clareza possível.

Aqui é necessário acabar de estalo; saudades, primeiro ao grande peixe, para não queixar-se; depois ao [Sr. Manuel](#), de quem me lembro também, como ele de mim, ao [Sr. Pedro Pereira](#), à irmã, à [Sr. Clara](#), e prima, às duas senhoras filhas, nada porque não me conhecem, ao [Sr. Fernandes](#), e ao insigne Alves do Vale. [V. M.](#) espere que eu lhe torne a escrever, e então lhe falarei dos costumes desta gente quanto eu lhes posso entender, e se pode ter esperança de nos vermos.

Deus Guarde a [V. M.](#)

Viena de Austria, 23 de Julho de 1774.

Amigo do Coração

Costa

Deus o ajude a ler esta letra; quando houver de me responder, diga-me que é feito de seu irmão, e se as filhas do [Sr. Peixoto](#) namoram solteiras ainda, ou já casadas, e como casaram.

CARTA X

[Sr. Doutor](#)

Eis-me aqui a cumprir as duas palavras que lhe dei na última que lhe escrevi. Quanto a [V. M.](#) poder ter alguma esperança de nos tornarmos ainda a ver, não lhe direi que nenhuma, mas tão pequena, que é quase o mesmo; ou por outro modo: não é coisa absolutamente impossível por onde o parecia, como já lhe disse, mas dificultosíssima por outros motivos, especialmente por dois, para mim de maior força do que [V. M.](#) podia imaginar; um: o medo que tenho dos ares da terra. Quem tal diria? movendo-me eu para qualquer parte da Europa sem nenhuma repugnância, considerando em ir para o Porto, bem conheço que não haveria pernas que me arrastassem por me estar palpitando que, chegado lá, e quatro cumprimentos e visita feitas aos amigos, me fazia a mim uma visita o senhor estupor, meu amo: e eu ainda estou em desejar que a morte venha o mais tarde que fosse possível; lembra-me [V. M.](#), lembra-me o [Sr. Torrão](#), e, entre outros muitos, lembra-me o bispo Évora, que a mim já aí se me afigura que nunca se estuporaria, se se deixasse estar em Roma; o mesmo digo das célebres malignas, ainda que confesso que na minha idade, e compleição, não são tanto para temer.

Segundo motivo que faz dificultosíssimo, por não dizer impossível, o tornar eu para o Porto, é não ter de que lá viva; música não, porque além de serem miseráveis os ganhos do ofício, como [V. M.](#) sabe, as praças estão ocupadas; e eu sou velho para pretender ao meu modo entrar numa que vagasse por acidente; nisso também não, porque algumas poucas que ali se acham, são de mui fraca esmola, e é claro que fora destas duas coisas eu não tinha no Porto para que apelar. Sei que [V. M.](#) me poderia dizer que um clérigo só, sem vícios, e governado, como eu, passa com pouco; é certo, [Sr. Doutor](#), eu o via em muitos, experimentava em mim, muito contente da minha sorte; mas vai grande diferença de viver num estado pobre em que se pode dizer se nasceu, a tornar para ele de outro menos pobre; com eu ser um dos clérigos mais pobres de Viena, por não ter mais que a missa, posso passar aqui muito melhor que no Porto, pela conveniência, e pela quietação; se eu quiser, posso comer todos os dias em mais de uma casa, de modo que me ficam os dois tostões da missa para pagar a casa, que também podia ter sem dinheiro, se quisesse, e para me vestir; e este ganho sem mais trabalho que o de dez minutos de uma missa, e sem políticas, nem rapa-pés, que antes na igreja me ficam obrigados; de modo que me fica todo o outro tempo livre para as minhas escrevinhaduras de música, e para beliscar com grande gosto na viola.

Ora [V. M.](#) agora veja se nem me pode vir ao pensamento o estudar em ir para o Porto; mas já que estamos no ponto, não me parece fora de propósito o estender-me mais nele para um dos seus ramos para satisfazer a alguma coisa que é natural ter-lhe chegado lá a [V. M.](#) aos ouvidos, como é de crer pelo que me soa até às vezes pelos meus, convém a saber: que sou pobre, porque sou filósofo; que podia andar em carruagem; que podia ter tesouros; e outras coisas assim; o que a [V. M.](#), com tudo que me conheça, não lhe parecerá talvez destituído totalmente de fundamento; e por isso lhe direi duas palavras na matéria, par [V. M.](#) assim o poder ver com menos escuridade do que por si só.

Certo que tenho estudado em música mais do que ninguém pode crer; bem; e então que se tira daí? Que conheço mais de rabeca para tocar com companhia de modo que se deleite mais o ouvido do que se faz ordinariamente, ainda pelos que tocam melhor este instrumento; que toco viola, dizem alguns que bem, por esses ares; e que componho para rabecas, viola, cantar, etc., dizem alguns também que com grande mestria,

profundidade, e até gosto; ora suponho que digam verdade, parece-lhe a V. M. justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que andam mostrando as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? Mas não, suponha V. M. que eu devia e podia fazer-me assim; não alcançava nisso nada certamente, porque na rabeca ninguém quer ouvir senão moscas por cordas; quanto à viola, os mesmos que gostam muito dela confessam que a toco de modo que a pouquíssimos pode agradar, pela demasiada suavidade da voz que eu lhe tiro, e das peças em si mesmas; das composições dir-lhe-ei somente que ninguém as sabe cantar, nem tocar; e creio que isto basta para V. M. compreender, sem trabalhar com o juízo, o lucro que eu podia tirar delas, caso que entendesse que isso me era lícito; muito mais era necessário dizer na matéria, mas isso seria bom para conversação, e não para cartas em que se há-de falar de outras coisas.

Aqui pertence o eu ter recusado servir os dois senhores que V. M. sabe; o que não sei se também lhe pareceria a V. M. digno de culpar-se muito; e assim lhe direi também duas palavras nisto, não para lhe meter na cabeça à força de razões o que tenho na minha, de estar livre de culpa inteiramente na matéria, mas para que, manifestando-lhe alguns dos meus pensamentos nela, V. M. possa formar conceito do meu proceder com mais alguma distinção do que faria de outro modo.

Eu não creio como o comum dos homens que o servir em si mesmo seja vileza, ainda que a dizer a verdade tenho para mim que é vil mais ou menos qualquer homem que seja, que se conserva no serviço de alguém, depois de lhe ter mostrado a experiência que lhe é impossível o fazê-lo sem cair em mais ou menos indignidades conhecidas; e que não somente é dificultoso achar um amo de bem um criado que também o seja, senão o mesmo nem mais nem menos às avessas; mas não foram estas considerações as que me arredaram de servir aquelas duas pessoas, em que eu não via certamente senão muitos sinais de o serem muito de bem; foi o considerar eu seriamente no meu préstimo, e no meu natural, e o parecer-me verdade claríssima o que sempre até ali tinha entendido de não ter nenhuma capacidade para formar respostas, dar parecer quando mo pedissem etc., sobre negócios do mundo, nem a mínima sombra ainda da boa política que é necessária para saber conservar-se no agrado do amo, e das pessoas a quem ele desejaria que o criado agradasse; eu suponho certo que V. M. não me achará nestes ditos a afectação conhecida que a muitos lhes parece haver neles, sem nenhuma dúvida, porque compreende facilmente que não tem que fazer o eu puder escrever algumas musicadas, cartas ou qualquer discurso, que lhe agrade a V. M. ou a alguém aqui ou aí, com saber conhecer como hei-de escrever, e o que hei-de escrever numa matéria determinada, naquela ocasião, àquela pessoa, etc.; e sabe muito bem que vai grande diferença de eu poder viver muitos anos em boa harmonia com uma rapariga portuguesa que não pretende nada de mim, e me deixa de coração em toda a minha liberdade, a saber tratar um amo, as pessoas de alguma consideração da sua família, e às vezes as que o são de muita, injustamente, e todas as que é necessário tratar por amor do amo com a política, dissimulações e enganos lícitos, já se sabe, repreensões, e desculpas afectadas, bichancros, e admirações fora do seu lugar e do seu tempo, mostras falsas ou verdadeiras, sem nenhuma necessidade de parcialidade, ou contrariedade, e outra belas coisinhas semelhantes, que se requerem para o criado saber sê-lo bom, ou passar por tal, ao menos, e não dar com os odres por terra em poucas audiências. Esta falta total de talento, e habilidade para servir, e a propensão fortíssima que tive sempre desde que me entendo (e que creio V. M. observou por mim talvez poucos dias ou horas depois que me conheceu), a viver a meu modo, a ser senhor da minha vontade, ou chame-lhe como quiser, são as que me determinaram a não servir, me parece a mim se entende; porque na realidade será talvez a minha soberba, e poltronaria, ou se o não são, ao menos eu não me cançarei em buscar, ou dar razões para me persuadir, ou pretender que outros se persuadam que não há mínimo laivo de vício nesta minha senhoria da minha vontade. A consciência não me acusa na matéria, nem por sombra, e para mim isto me basta; quanto aos outros, é claro que eles podem julgar de mim, e dizerem quanto quiserem e entenderem, sem me ofenderem de nenhum modo, como eu posso julgar e dizer de todos o que quiser

e entender, sem os ofender, contanto que nesse julgar e falar deles, não ofenda a razão e a prudência.

Acabo de estouro, porque já [V. M.](#) sabe que se não o faço assim, não acabo.

Vamos aos costumes desta gente entre que vivo. [V. M.](#) cheira-me a fazer conceito que eu tenho algum geito para entender da matéria, e que se me aperfeiçoou com o exercício de tratar cinco nações diferentes, três delas por muitos anos; ora peço-lhe, [Sr.](#) doutor, que tire isso da cabeça antes que leia para diante. Comummente falando, sem nenhuma dúvida, o correr mundo tira mais juízo que dá; e se a mim mo não tirou talvez coisa que se conheça, creio eu, porque não me fio no mundo, nem em quem o corre, ou tem corrido, senão no que vejo e ouço por mim mesmo, e sem me deixar guiar por ninguém à gente que está em sua casa e à que anda pelo mundo; creio também certamente que a experiência em tratar nações estrangeiras não me deu mais conhecimento dos movimentos do espírito, da nossa cabeça e do nosso peito, do que me daria a experiência do trato dos meus naturais; além de que, a dizer-lhe a verdade, eu não tenho isto por uma ciência de tanta importância como a fazem comumente os que estão muito metidos no mundo, ou desejam estar, ou gostam muito dele; nem nunca estudei pouco nem muito para fazer o mínimo progresso nela, mas sim me deixei sempre guiar unicamente daquele tal qual tino que me deu a natureza para ver já com mais ou menos escuridade o interior das pessoas nas suas palavras, e obras, como para medir os versos no estudo, sem ter estudado a sílaba, e para compor a música para a sua comédia, sem ter aprendido contraponto nem olhar para uma arte dele; assim que [V. M.](#) dever-me-ia ouvir sem mais fé em mim que a que teria se eu me tivesse embarcado aí para Hamburgo há poucos meses, e viesse direito a Viena.

[V. M.](#) terá ouvido dizer que os Alemães é gente muito romba de juízo e a meu ver não lhe faz injúria quem o diz; eu ao menos achei-a tal, mais do que esperava, porque supunha grande encarecimento nas informações dos italianos, e outras nações que têm para si que fora delas não há juízo fino, com efeito estes homens são de pouquíssima viveza, de cabeça e de coração no considerar as coisas, e senti-las; dá-lhe poucos passos o espírito; pasmados e insensíveis fora de modo; donde [V. M.](#) pode tirar facilmente que no seu coração há menos bondade, e menos maldade, que não são outra coisa que movimentos do nosso espírito; mas nessa bondade eu não vejo nada da que é digna de estimação considerável; quero dizer daquilo que se chama virtudes finas, como sinceridade, rasgo, modéstia, generosidade à latina, ou nobreza de acções, *etc.*; quanto à maldade, confesso-lhe que com ela, ao que parece, se estender no coração desta gente menos que no de outras, para mim é neles mais aborrecível e insuportável pelas duas razões de faltar-lhe a mistura de virtudes bonitas e de ser verdadeiramente de pé de boi; quero dizer: que não arreia, diminua à vista de olhos, como se vê às vezes entre nós.

Os vícios destes homens parecem-se com os dos nossos rapazes enquanto não sabem que coisa é vício, ou lhe dão quase nada de peso; vaidade despropositada e contínua que lhe começa da sua adorada nobreza e de saberem muito, até terem sapatos novos, e a cabeça bem apolvilhada; havia de [V. M.](#) poder assistir aqui a algum concerto numa casa limpa para ver um homem de sessenta anos, convidado, pôr-se esquecido ao espelho a mirar-se de todos os lados com a seu sorrisinho de gosto, inda que às vezes veja um bom bocado de corcova; e dali a pouco ser o primeiro que grite bravíssimo a uma filha que está tocando cravo na sala; continuamente falam hoje por uma boca diferente da com que falavam ontem e se lhe acusam a mentira, não se cançam muito em negá-la; e até às vezes dizem que não se há-de fazer nenhum fundamento nas palavras que passam como o vento, e quando me dizem agora uma coisa que eu lhe torno a mal, negam a pé junto que a disseram, e juram e trejuram a rogarem-se pragas, nem mais nem menos como os meninos.

Se diria eu algum dia que havia na Europa nação mais sujeita a corromper-se-lhe o coração com o interesse que a italiana! Pois dei com ela quando menos o cuidava. Os italianos que me parecia não terem nenhum brio comparando-os connosco, à vista dos alemães, acho-lhe muito; caem em vilezas horríveis pelo dinheiro, ou coisa donde o possam tirar, sem por isso se lhe fazer a cara vermelha, ou procurarem de as esconderem; invejosos fora de todos os modos. Assegurou-me o mestre da capela da Imperatriz, morto há poucos meses, que conheceu dois homnens em Viena que conhecidamente morreram de inveja que tinham por outros a quem soprava a fortuna melhor que a eles; deste vício e de outros lhe podia eu contar a [V. M.](#) exemplos que o fariam pasmar pelo excesso, e pela extravagância; mas bem vê [V. M.](#) que isto é para conversação e não para cartas.

A respeito de extravagância, dir-lhe-ei que se vêem aqui certos costumes de que nunca me deram os rastros noutra nenhuma parte; é muito comum nos delinquentes deporem de plano os crimes com todas as circunstâncias mais miúdas à primeira pergunta, que lhe fazem os juizes, nem mais nem menos como se haveriam com o confessor. Há quatro ou cinco anos apresentou-se aqui uma mulher moça aos juizes, acusando-se de ter matado 21 meninos aqui e ali, e custou muito a provar-lhe uma das mortes para lhe poderem cortar a cabeça à espada, como cá se costuma; isto de matar inocentinhos por puro sestro, e deitar fogo às casas, searas, devezas, *etc.*, por inveja e vingança, são casos que não fazem aqui grande novidade; como nem o que sucede comunmente nas aldeias, de uma mulher cansada da grande pobreza, matar o filhinho que não pode sustentar, e ir-se logo acusar à justiça de o ter feito, sem ninguém lhe poder tirar da cabeça que obrou bem em ambas as coisas; em matar o filho, porque o livrou das misérias do mundo, e o pôs seguramente no céu; e em acusar-se a si mesma, para a justiça a livrar da extrema pobreza matando-a; o que ela não pode fazer por suas mãos como ao filho, porque então iria para o inferno, *etc.*

Acabemos também de estouro aqui com as maldades esquipáticas desta gente, fazendo duas considerações sòmente; a primeira que o gosto que às vezes sentimos, não digo já de ver noutrem defeitos que não temos, mas de os não termos nós, é tolo, porque temos outros que eles não têm, e desordenado (e esta é a segunda consideração) porque de nos supormos livres de alguns defeitos que conhecemos noutrem, não devia de nascer, ao que parece, a mínima satisfação de nós mesmos, por termos menos, senão mais depressa de considerar bem na fealdade dos que vemos fora de casa, e em casa, procurarmos de diminuir o número dos nossos, e mitigá-los unicamente, a fim de termos o justo gosto que dá o deminuirem-se nossos remorsos, se é que padecemos destes flatos melancólicos do espírito.

Isto basta de alemães, ainda que V. M. talvez quiereria mais; não faltará ocasião de o fazer; por ora é necessário cuidar em acabar; e ainda é necessário dizer duas palavras para o Sr. Peixoto, ou que V. M. lhas diga da minha parte, e vem a ser: que ele me trasladasse, ou me fizesse trasladar por quem não necessitasse de pôr óculos para isso, como eu creio que ele necessita, o Rex tremendoe majestatis que ali se cantava nos ofícios de defuntos ao levantar a Deus, com as figuras mais miúdas que ele puder, e um canon ou fuga de Rebelo que sabia José da Costa, que foi de Gonçalo de Almeida; e digo em figuras muito miúdas para que V. M. possa escrever na mesma folha de papel, que eu em paga lhe mandarei o mais depressa que me for possível duas das minhas descomposturas de música, para ele, e os outros rabequistas da terra fazerem galhofa com elas; e ao mesmo tempo lhe mandarei a V. M. um presentinho para também lhe dar a V. M., e a muitos, um galhofão de arrebique.

E que será? Adivinhe? E que será? Puxe pelo juízo? E que será? Ora basta: o retrato em tintas de António da Costa na idade de vita hominis sexaginta anni, que me fez um português, secretário de ministro de Portugal em Nápoles, que se acha aqui presentemente. Vão-se VV. MM. todos preparando para a risota com a consolação de saberem que o pintor, pelo que dizem, e a mim me parece, me pilhou bem ao vivo; peço-lhe que se fartem de rir, como eu faria, se visse os seus retratos, ou as próprias figuras de repente, com o acrescentozinho de vinte e cinco anos.

Ora V. M. me responda logo pelo correio com o sobrescrito lizo, isto é "A fulano em Viena de Austria", que eu terei o cuidado de ir ao correio a buscar a resposta que desejaria fosse entre o mais que V. M. quiser, e puder, sobre o que eu lhe pedi da informação desse chamado património.

Saudades ao Sr. Manuel, de quem me lembro muito bem, e à Sr. Clara, e à Sr.^a Josefa, e dê-me notícias do Sr. José Alberto, de quem me tenho esquecido perguntar sempre com as outras coisas que me vinham pela cabeça naquele tempo, faça-me o cumprimento costumado ao Sr. Pedro Pereira, e a seu irmão, e mos faça fazer pelo Sr. Peixoto ao Sr. Torrão, de que V. M. me explicará a palavrinha equívoca, que me disse dele de estar como dantes.

Para outra vez lhe falarei em lugar de alemães, de mim mesmo. Saudades ao Sr. João Alves e ao Sr. Manuel Fernandes.

Deus guarde a V. M. e lhe dê saude.

Viena de Áustria, 24 de Dezembro de 1774.

Amigo do Coração

António da Costa

CARTA XI

Sr. Manuel Gomes Costa Pacheco

Meu am.º e Sr.. Não sei se V. M. estimaria as minhas notícias mais do que eu as suas, sem serem ensanguadas com a morte do Sr. seu Pai, porque esse golpe já eu tinha experimentado há quasi um ano por informação de um amigo do Porto assistente em Lisboa; mas senti muito as outras que V. M. me conta da Sr.ª sua mãe, da Sr.ª Quitéria, e de Pedro Pereira, com os quais tive mais comunicação; e estimei muito as notícias de V. M., não tanto por serem de um filho do maior amigo que tive, mas porque a sua carta dá grandes mostras de V. M. ter herdado dele, com o sangue, a bondade do natural, quanto a mim, o único requisito nos homens que merece verdadeira estimação.

Agradeço muito a V. M. os oferecimentos que me faz da sua casa, e da sua companhia, do mesmo modo que creio V. M. mos faz, isto é, de coração; e quanto à companhia, seguro-lhe a V. M. que bem a desejara, e que para mim seria maior bem que para V. M., porque enfim V. M. está entre os naturais, e eu entre estrangeiros, que se são muito menos maus que nós, estão, muito longe de serem tão bons como os nossos bons; mas bem de que me não posso aproveitar; porque há muitas coisas de consideração que me impedem de ir para Portugal. Agora sim que, se eu estivesse em Madrid, ou noutra parte de Espanha, e V. M. não tivesse à sua conta algumas das Sr.as suas irmãs, ou ambas, havia de tentar-me a pedir-lhe que me desse o gosto de aparecer-me um dia, e estar comigo alguns meses ou anos, visto V. M. ser solteiro, e não servir o ofício; mas Viena é muito longe de Portugal para eu entrar, ainda de cá, em semelhantes pensamentos.

Quanto a comunicarmo-nos a miudo por letra, V. M. mesmo diz com juízo que não nos tendo nós comunicado da boca é dificultoso da minha parte, e eu digo que é impossível da minha parte fazê-lo com acerto, e além disso a dificuldade com que faço esta má letra vai crescendo todos os dias, de maneira que supponho que, dentro de poucos meses ou semanas, não poderei fazê-la de nenhuma casta por fraqueza dos nervos que comunicam com o dedo polegar, que me falta com a pena onde ele quer; mas agora assim como posso lhe direi não dos costumes desta gente, pois já disse deles bastante ao Sr. Doutor que Deus haja, mas outra coisa mais importante para um homem de bom coração, e vem a ser o que ela diz dos nossos.

V. M. saiba que quanto mais me afasto de Portugal, em mais horrendo conceito acho estarem os portugueses em matéria de costumes. Chamam-nos aqui os homens mais bárbaros de todo o mundo, os mais odiandos, mais vingativos, mais desconfiados, mais crueis, e enfim de quem se deve fugir como de uma nação de diabos, se a houvesse no mundo. O que lhe faz a esta gente maior horror é o ódio que temos, e a crueldade com que tratamos, e víamos tratar, e castigar os nossos naturais nascidos de país, avós, bisavós, etc., portugueses, criados connosco na escola, e estudo, com a mesma língua, e costumes, com as mesmas inclinações, e gostos, e com a mesma crença de cristãos católicos romanos; e certo que neste ponto não se pode negar que tem mais que razão; amar a quem é nosso inimigo actualmente, como nos aconselham os prégadores por boca de Cristo, é ao nosso parecer contra a natureza, e contra a razão; mas ter ódio a quem nos não faz mal, antes bem muitas vezes e nos quer bem, e até nos parece em mil ocasiões de um excelente natural, é uma das mais refinadas maldades a que pode chegar o coração humano, e indigníssimo de perdão, se não nascesse de falta de juízo.

Desta matéria acabarei de estalo, senão nunca acabo, porque nada me parece bastante para ponderar a tolice com que ajuizamos destes nossos patrícios, chamando-os homens da nação como se não fossem da nossa, cristãos novos, como se tivessem sido circuncidados no nascimento, criados na Lei velha, e, depois de grandes, se fizessem cristãos, como se fazem cá os judeus, e se faziam os de Portugal, quando lá os havia, etc.; e o ódio que mostramos nas nossas acções ter-lhes sem a mínima razão, o desprezo com que falamos deles, a grande infâmia de que os julgamos merecedores, etc.? Vê V. M., que ainda não acabo?

Mas desta vez sim. Vamos ao que V. M. quer saber dos meus teres e haveres, que se reduzem todos a meio florim (dois tostões) da missa, que me bastam, porque na nossa mão está o ser-nos necessário

pouco; quanto a essas casas e campos, ainda que eu soubesse que tinha grande justiça para pretender disso alguma coisa, não queria por nenhum modo demandas.

Muitas saudades ao [Sr. João Peixoto](#), e que aceite uma lembrança de cada um dos setenta intérpretes; saudades também ao [Sr. Manuel Fernandes](#), e ao [Rev.mo Sr. João Alves](#), na mocidade do Vale, e há muitos da Serra de Baltar. Estimo muito que [V. M.](#) passe bem. Eu ceguei do olho esquerdo com uma catarata, e conforme o parecer do nosso lente oculista, cegarei cedo do outro, de gota serena. [V. M.](#) me faça o favor de pôr uma capa de carta nesse escrito com o nome que vê nele e depois: Mestre de Desenho do Real Colégio dos Nobres, Lisboa.
Deus guarde a [V. M.](#) muitos anos.

Viena de Áustria, 4 de Dezembro de 1779.

Muitas saudades ao [Sr. Dr. Sebastião Gomes](#), e às [Sr.as](#) suas Irmãs, ainda que só conheci a [Sr.^a Antónia](#), e diga-me que é feito do [Dr. José Alberto](#)?

De [V. M.](#) Amigo do [C. e m.to ven.dor](#) António da Costa

CARTA XII

[Sr. Manuel Gomes Costa](#)

Estimo muito, e estimarei sempre as suas cartas, pelas duas coisas que nelas resplandessem, a que o mundo chama tolice, isto é, a naturalidade e sinceridade com que [V. M.](#) fala, requisitos de que gosto sobremodo na comunicação; e especialmente agora, porque ainda os não achei por cá, senão na gente verdadeiramente tola e simplória.

Admirou-me muito o desejar [V. M.](#) tanto ler livros franceses e ingleses; e comunicar pessoas que o pudessem instruir e dissolver as suas dúvidas com sinceridade, porque eu tinha por certo que [V. M.](#) seria como os outros reinícolas brasileiros que não estudaram antes de irem para a América; que, quando tornam, cuidam sòmente em comer o que trouxeram, ou, quando muito, em conservarem um pouco de negócio. Quanto a parecer-lhe a [V. M.](#) que eu podia ser bom aos seus intentos, engana-se de remate; porque eu nunca fiz pecúlio na memória do que li, ouvi e vi; creio que por me mostrar a experiência que isso não me servia de nada mais, do que conhecer uma pequeníssima parte das fraquezas do nosso natural; assim [V. M.](#) por este motivo não tenha pena de eu lhe estar longe; antes se assegure que, se falássemos muitos meses e anos, todo o fruto que [V. M.](#) poderia tirar de me ouvir, pelo que respeita a livros, era o persuadir-se de que em lugar de lhe aproveitar o lê-los, o prejudicaria fora de modo, se o fizesse como o comum da gente, que, sem nem vir-lhe ao pensamento o julgar deles por si mesma, julga quási sempre das coisas por eles sòmente, e quase nunca nem das coisas, nem deles, pelo modo que deveria fazê-lo, isto é, valendo-se ùnicamente da sua pura experiência, e ditames da razão. [V. M.](#) não terá nenhuma dúvida em que o juízo, entre os outros dons que recebemos da natureza, é, sem nenhuma comparação, o mais estimável de todos; mas eu não cuido, como os que leem muito, que os livros no-lo aumentam; porque me parece que a sua actividade natural não pode crescer, nem ainda diminuir, senão por própria indisposição de si mesmo, nascida de doença, idade, paixões, etc., e que, se os livros nos tiram dele alguns erros dos infinitos de que no-lo vai enchendo desde a meninice, o que vemos e ouvimos no mundo lhe impingem muitos mais.

Não digo nada disto para o desconselhar a [V. M.](#) de ler absolutamente, mas para vir a concluir que leia quanto quiser, com a advertência, porém, de não se descuidar nunca de julgar com toda a liberdade das coisas que lê, e do juízo dos autores que as escrevem; e se [V. M.](#) me disser que não se acha capaz de julgar com acerto da ruindade do juízo de autores famosos, responder-lhe-ei que também não se deve achar capaz de julgar com acerto da sua bondade; e por conseguinte não lê-los de nenhum modo. Leia, torno a dizer, quantos livros quiser, portugueses, castelhanos, franceses e ingleses, traduzidos, mas leia-os pondo de parte inteiramente o que tem ouvido deles, e o grande conceito que os autores, ainda

dos livros mais ordinários, mostram nas suas palavras fazer do seu talento, especialmente os franceses, que neste ponto são insofríveis; e até fazem insofríveis os seus leitores pela maldita presunção e vanglória de saber, e pelo desprezo com que falam da ignorância, isto é, da falta de lição dos livros franceses.

Ainda outra vez, V. M. leia todos os livros que puder, mas como a gente olha para a fazenda de grande valor, quando a quer comprar, que a volta bem do avesso e do direito e repara bem nela de alto a baixo por todas as partes, para lhe descobrir os defeitos e avarias, e espero que a comparação não lhe pareça demasiadamente encarecida; porque bem conhecerá que a perda de juízo e boas inclinações, que nos pode vir da leitura cega de um só livro, é de maior consideração que todas as perdas que tivermos em quantas compras fizermos na nossa vida; e já que falámos de livros, lhe direi logo que o tal Francisco Xavier de Oliveira não se acha em Viena, nem eu acho nenhum rasto de ele ter estado aqui nunca; e por isso já V. M. vê que esta gente não o tem em nenhuma conta, nem boa nem má.

Eu porém da minha parte, pelas informações que tive dele em Paris, lhe posso dizer (em dúvida, se entende) que faço mau conceito do seu juízo, porque me disseram, louvando-o muito, que ele escrevera um belo livro francês, em que corta muito os portugueses e as suas coisas, e me ofereceram para eu o ver; o que eu agradeci, mas não aceitei; porque já há muitos anos que me deu uma grande fastieira de livros franceses, especialmente dos que cortam das outras nações; não porque cortam também da nossa, mas porque quase em tudo a cortam sem pinta de juízo. Ora V. M. considere se eu me acharia com ânimo para ler um livro, em que um português corta a sua nação à francesa; e sòmente porque os franceses a cortam, a parecer dele, com grande juízo; agora sim, V. M., que leu as suas cartas, é que me poderá dizer com certeza o conceito que faz do seu juízo, e natural.

O mesmo que tenha dito a V. M. a respeito de livros lhe digo também a respeito de ver mundo; nem eu lhe posso instruir o juízo, ou destruir-lho, contando-lhe o que vi, e vejo por cá; nem V. M. se poderia instruir a si mesmo, se desse uma e muitas voltas por estas terras em que tenho estado; porque não veria senão a nossa mesma fé cristã, as mesmas leis com pouca diferença e os costumes, entre eles o mais louco de todos, chamado matrimónio (chamo-lhe louco, da parte dos homens, pelo gosto com que abraçam, e fazem glória da vil escravidão em que os põem as mulheres); as mesmas fraquezas de juízo, e desordens do coração; e enfim os mesmos vícios e virtudes, etc. É verdade que os movimentos do nosso espírito, da cabeça, e do peito, que reluzem nos nossos costumes, palavras, acções, etc., assim como não são os mesmos em número, e qualidade, em todos os homens, não no são também no mesmo grau em todas as terras.

Ora que se tira daqui? Porventura que se V. M. andasse pela Europa oito ou dez anos, tomando bem sentido no modo de pensar e obrar das sua nações, se recolheria com maior conhecimento do mundo que o com que se acharia naquele tempo em Portugal, se estivesse estado sempre lá parado? Eu entendo que não certamente; antes quanto à minha pessoa, creio com toda a segurança que, se eu nunca saísse desse reino, conheceria mais do mundo de que conheço hoje em todas as minhas giravoltas; porque os vícios e a virtude do nosso juízo e do nosso coração são, lá e cá, da mesma qualidade; e lá, ambas as coisas em maior grau conhecidamente; que não saiba o que eu digo quem se prega de ter girado. Ora o acabar-se-me o papel me diz que é necessário acabar eu o meu sermão, de que eu quisera que V. M. tirasse um fruto sòmente, e vem a ser, que se algum dia me cheira que V. M., com o ler, se fez presumido, fofo de saber muito, e desprezador dos que não sabem, se persuada que me cai do lugar em que o tenho no coração para onde estão nele todos esses sabichões à francesa, intoleráveis pela sua vanglória e presunção.

Muito antes que eu recebesse a carta de V. M., tinha já escrito ao secretário de Nápoles, pedindo-lhe que lhe mandasse a V. M. o retrato desta bela figura, e velha, para eu poder assim dizer a V. M. que lhe satisfazia de modo possível o desejo de me falar, com a comunicação por cartas, e o de ver-me, com o retrato que lhe deixei tirar para mandar a seu pai que Deus haja, e dar-lhe que rir a ele, ao Sr. Peixoto, e aos outros mirones. Eu tinha-lho entregado quando ele foi daqui, para haver de o mandar de Nápoles, o que é mais fácil que daqui, por ser porto de mar; e até agora não me respondeu a nenhuma das minhas cartas na matéria; creio que não só pela sua grande preguiça, mas porque quer fazer outro para ficar com um que ele desejava ter em todos os modos; mas V. M. esteja seguro que, mais tarde, ou mais cedo, terá também um, porque ele sabe o gosto que eu tinha de mandar aquele ao meu amigo e mostrava grande vontade de concorrer para eu o conseguir. Eu creio que V. M. bem poderá, sem perigo, dizer-me alguma das novidades que tenha gosto de comunicar-me, porque ainda em caso de

abrirem-se as cartas em Lisboa, quando V. M. se assine nas suas com um nome suposto, e não me nomeie a mim, tudo está remediado, creio eu; mas só V. M. é que sabe a verdade, porque sabe a qualidade das tais novidades.

Aí vai esse papel para o Sr. João Peixoto, visto V. M. não ter dúvida em pagar algum porte por amor dele. O papel está acabado, mas quero ver se lhe posso ensinar um remédio para se defender do maior rigor do frio que aí padecemos por nosso gosto: sala pequena, e não na entrada, defronte da porta, escada, etc.; janelas de peitoril, ou uma ao menos; e as outras que nunca abram; em todas, vidraças dobradas bem ajustadas nos caixilhos; uma, onde nós as pomos, e outra à face de fora, segurada com os seus ferros na de dentro; e a de fora bem betumada na parece, ou ombreira, ao redor, por dentro, e por fora; e só um postigo dela quadrado, que levante para cima, se deve abrir para entrar o ar em caso de estar muito quente a casa, ou por V. M. ter usado de algum fogo demasiado, ou por-se o tempo ao sul, etc.

Não sei se me expliquei, mas repito: o principal é das vidraças, bem encaixilhadas, e bem betumada a de fora.

Viena, 29 de Julho de 1780.

Am.º do Coração

Costa

A porta da sala deve ser levadiça, isto é, não com dobradiças pregadas, mas porta das que jogam em uns engonços, e, se tiram levantando-as para cima; para sobrepor por toda a parte bem justas na parede da parte de dentro, e se estiver defronte de corredor (de que se deve jogar); é necessário fazer uma sobreporta da parte de fora também sobreposta - A porta deve assentar sobre madeira, e não sobre pedra.

Muitas lembranças ao Sr. seu irmão, e irmãs; e diga se é vivo, ou morto, o Torráo. V. M. se regale com essas hipocrisias descaradas; também cá há disso, mas que diferença, meu Deus! V. M. me creia que em comparação das nossas não no parecem.

O nosso enviado, a quem os portugueses não se atrevem a chamar católico novo, sendo-o na realidade, está ainda em Paris.

CARTA XIII

Sr. Manuel Gomes Costa Pacheco

Meu amigo e Senhor. Depois de batalhar comigo oito dias, para ver se lhe devia de escrever a V. M., ou não, a respeito do retrato, resolvi-me a sim; porque ainda que é possível que V. M. já o tenha na mão, se quem o levou for de demasiado primor, pode ser também que espere que V. M. lho peça, como é justo. O portador é o Sr. Padre Francisco Brandão, que foi Frade Bento, e é agora Abade Eboracense in partibus, o qual V. M. há-de procurar em Miragaia em casa de Joaquim Maurício de Pinho e Sousa, ou na praça de São Domingos em casa de José António Brandão Pinto Baldaia. V. M. coteje bem o tal retrato com a minha cara antiga do que creio V. M. tem alguma lembrança, e veja a mudança que fez nela a idade; e não pare aqui com a imaginação, mas acrescente a essa velhice cinco anos mais que já se passaram depois que o retrato foi feito; e convide para fazer bem a tal ponderação a certo homem de cara mais velha, mas não doente; já V. M. perceberá que falo do Sr. João Peixoto.

O novo Ministro de Portugal chegou aqui nos primeiros dias de Setembro; para alemão é agradável no trato, com seus laivos de português. Falei já com a fidalga três vezes, e bastante, mas não tanto quanto é necessário para formar conceito dela com acerto; tem o agrado de portuguesa; e à primeira vista parece certo ser mulher de juízo; faz bem versos; sabe francês, italiano, inglês, latim, e já principia a entender alemão.

V. M. se vá regalando com essas beatices que, quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento; não lhe farei nenhuma das minhas pregações nesta

matéria que tanto me convida a isso; porque tenho medo que o saiba o [Sr.](#) José Alberto, ou outro destes santos por arte; não porque me pudessem fazer nenhum mal em Viena, mas porque talvez seriam causa de se dar um grande escândalo no Porto, contando a algumas pessoas que eu me tinha feito luterano em Alemanha, sòmente por entenderem que bem o mostravam as palavras com que eu falava da santidade por modo sécia, ou interesse de todas as castas.

[V. M.](#) me diga se é vivo o clérigo Torrão, e se está cego o cavalheiro Matez Pita; e faça com o [Sr.](#) João Peixoto que não se descuide de mandar-me a música que lhe pedi; e [V. M.](#) saiba dizer-me se, entre os sábios que consulta para saber aquelas coisas bonitas de que não temos experiência, nem pelos sentidos, nem pelo juízo, achou já algum que lhe explicasse ao menos uma com a clareza que [V. M.](#) deseja. Deus guarde a [V. M.](#) muitos anos.

Viena de Áustria, a 7 de Outubro de 1780.

De [V. M. am.º](#) do coração

Costa

(Deixemos os cumprimentos esfarrapados para os beatos, e velhaquetes, que afectam o desprezo do mundo no prezá-lo).

Século XIX (Carneiro, 2005)
Código: docp19/01

<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>

Edição Transcrita / Transcript Source Edition:

CARNEIRO, Z. de O. N. (2005) *Cartas Brasileiras (1809-1904) - Um estudo lingüístico-filológico. Volume 2, 1a. Parte: Cartas avulsas para vários destinatários. Campinas*

Carta 1

[AIGHBA. Antiga pasta 5. Documento contendo um fôlio. Papel almaço sem pautas protegido por papel manteiga. Carimbo do IHGB na margem superior esquerda com a anotação, "N 51", além de outras a lápis, "P5ml" e, mais abaixo, "5/1/51/633". Acima do carimbo encontra-se outra anotação em vermelho: "36 Ant CALmon I.H.G.B". No segundo fôlio as informações relativas ao destinatário foram escritas na vertical.]

Ilmo e Exmo Snr Manoel Ignacio da Cunha e Menezes

Rio 13 de Dezembro de 1829.

Meu amigo eSnr. A sua carta de 6 do mes p psso me deo grande saptisfação pr trazer-me não só a noticia da sua feliz viagem, como a de ter achado com saúde toda a sua Familia, á qm rendo os meus respeitos, q igualmente são pr ma mulher, a ql agradece os cumprimtos de V Exa, dando-lhe o paraben de se achar restituído ao seio da sua cara Familia, sendo n'este sentimtos acompanhada pr meu sogro, e, q mto se recomendão.

Dezejando á V Exa saúde, e venturas passo á solicitar com instanciã q me- empregue no seu serviço, pois sempre me achará prompto pr ser Rogo á V Exa me recomende aos Exmos Sres Telles, e Anto Augusto.

De V Exa

Amo reconhecido, e cro obro

Antonio Roez de Aro Basto.

Carta 2

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas. Trechos ilegíveis por corrosão. Fôlio protegido por papel manteiga. Carimbo do IHGB com a anotação em tinta, "N 146" e na margem superior esquerda anotações a lápis, "5/2/33/733".]

Ilmo Snr Manuel da Cunha Ignacio e Menezes

Rio de Janeiro 16 de Setembro de 1809.

Esta serve de me ir recomendar a lembrança de V Sa, e dar lhe os parabens do seu despacho que leva o Snr Inspector geral das Tropas, que tãobem mto abonou a V Sa para o Serviço militar. Ainda que

todos reconhe- tilide deste serviço á Nação, todavia não m comprazo de ver a V Sa implicado em subordinação e disciplina e, sendo necessario em serviços penosos, e destacamtos etc etc. Já Participei a V Sa da Mercê que S A I fez a meu fo de hum Lugar de official da Secret de EStado dos Negocios Estrangs e de Guerra, onde V Sa deve lansar Proçam.

Sua Comadre e mas filhas se recomendão a V Sa.

A Pessoa de V Sa Ge Ds ms as

De V Sa

Ao Obmo Cr

Carta 3

[AIGHBA. Ant. pasta 37. Documento contendo um fôlio com algumas manchas de tinta na margem direita. Papel almaço amarelado sem pautas protegido por papel mateiga. Carimbo do IHGB com anotação "No 10", na margem superior esquerda. Outras anotações a lápis na margem inferior direita, "37/5/8/5.305" precedidas do carimbo do IHGB.]

Illmo Snr Manuel Ignacio da Cunha eMenezes

Rio 9 de Abril de 1810

Ao eSnr. Já tenho escripto áVSa sobre a sua causa. Esta ainda não está decidida. Não espero bom exito; pois hade ser Juiz o Medico que está hoje nas graças de sua Alteza, e que se acha tão favorecido. Como fala os professores de Medicina nas Leis q tem sahido. Não espere V Sa melhoramento em remisso; pois nem se concederá, e seria sem utilide e pouco politico. Bom será ter V Sa o peito bem preparado. Todavia, como tem havido demora, tenha esperanças, ainda que tenues Ads Saudes de todos dessa casa O snr conde de Taparica já terá escripto á V Sa sobre o caso: elle o venera e trata como seu parente

De V Sa Ads eobmo cr.

Jozé da Silva Lisboa.

Carta 4

[AIGHBA. Ant. pasta 37. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas protegido por papel manteiga. Carimbo do IHGB com anotação, em tinta, na margem superior esquerda, "N 140".]

Illmo Snr Manoel Ignacio da Cunha e Menezes

Rio 9 de Julho de 1810.

O portador desta Jozé Joaquim da costa he o Procurador a quem confiei pa maior segurança a demanda de V Sa com o Sanchez: elle informará sobre o estado em que se acha. Nenhuma esperança tenho de melhoramento, quando Medico decide causa de companheiro. Não lho fiz gratificação: porque ora parte pa a Ba, onde espero que VSa o remunere como merece, pois nesta terra de calmas e lamas, todo o serviço he penoso.

Meu po agora parte outra vez pa a Comarca dos Ilheos. Desejo que elle possa prestar á V Sa algum obsego

Sobre a pretensão de V Sa no pôsto, já escrevi que o Seor Conde de Taparica não se interessava nisso com o Ministro da Repartição, porque lhe parece fora da ordem, e receou comprometter o seu decoro com a negativa. Ainda que receba muiyto favor do do Ministro, jamais o incomodo em causa de seu Ministerio.

Aqui fico ao dispor de V Sa a Sua Comadre
e mas fas se recomendao á sua bonde

De V Sa
Ao doC eObg Cr

Jozé da Silva Lisboa.

Carta 5

[AIGHBA. Ant. pasta 37. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço amarelado sem pautas, corrosão a tinta. Manchas em alguns lugares. Marca d'água ilegível. Fólho protegido por papel manteiga. Carimbo do IHGB anotação em tinta, "No140" na margem superior direita e outras anotações a lápis, "5/2/54/123 na margem esquerda". Anotações de terceiros "5/2/52/122" invertido no segundo fólho. Reutilização do papel, em tinta, "750/7/5250/6210/" e 2 1040/520/6240/240/6480". "No último fólho, as informações foram escritas na vertical.]

Illmo Snr Manoel Ignacio daCunha e Menezes

Rio 15 de Setembro de 1810.

Serve esta de participar a V Sa que os Embargos, da sua causa com o Dr Sanches, se decidirão contra V Sa. Como a Lei não admitte recurso, he inutil pretender revista. O mais deixo á perspicácia de V Sa não. Sua Comadre e todos de casa nos recomendamos á sua bondade. Desejo á V Sa felis saude, e boa s fra, o seu contendor não hade medrar com a extorção: o peior mal he o exemplo. A Pessoa de V Sa
ge Ds ms as

De V Sa
Ao e mais affectuozo Criado

Ao Illmo Sr. Manoel
Ignacio da Cunha de Menezes

Ge Ds
Bahia
Sr. S

Carta 6

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fólho. Papel almaço sem pautas. Fólho protegido por papel manteiga. Carimbo do IHGB na margem superior esquerda com anotação, "No9", em tinta e anotação do aqruivo, a lápis, "5/1/9/598".]

Ilmo Snr Manoel Ignacio da Cunha e Menezes.

Rio 16 de Março de 1812.

Ao eSnr. Como parte o Senhor Sanches, portador desta, e mais melh rando do que ovio, vou fazer por esta o meu dever, e participar á V Sa que por ell e recebi a sua estimada carta em que m'o recomendava. Nenhuns officios lhe pode pagar mas a justiça da sua conta valeo-lhe de todo. Aqui fico ao dispor de V Sa. Elle he carta viva para o mais. Aceite saudes de sua afilhada, e meu fo, e mais pessoas de casas. A fervente e doentia estação ameaça á todos de morte, ficando mortaes. Esperarei pelo meu da . Escreve desejo a V Sa feliz e ocasiões de mostrar que sou

De V Sa Ao C Obmo Cr

Jozé da Silva Lisboa

Carta 7

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço sem pautas. Fólio protegido por papel manteiga. Carimbo do IHGB na margem superior esquerda sob marcas d'água ilegível. No último fólio, as informações relativas ao destinatário foram escritas na vertical.]

Amo, e Sr. do Coram

Saúde e fortuna á Ve e á toda a sua Fama, a ql mto me recomendo.

Tenciona lá hir amanhã á tarde, e estava com saudes; mas o tempo amiça; eu ainda não me dispenso; porem como o caso insta, escrevo. Hontem me participou Guinae baud q esperava do Ro hũa Charrua, q endireitara vai á Frça, q nella h~u Francez, q foi seu secreto; pq era bôa ocaam de mandar seus fos, q ate Paris serião plo do: Francez acompanhos; hoje me participa a chegada da mma charua, q deve demorar se seis dias, e a Ve envio os mesmos bilhetes pa tudo vêr, e sedeliberar: e Ds permitta q esteja em maré de carvoeiro pa fazer já esse gre bem á seus filhos filhos dois Brazilros, meus Patricios, e pertedo á hũ meu Ao. Olhe em segredo: = Eu se tivesse hũm pai, como Ve, (e dizendo como Ve, digo tudo) e não me desse, ou me fizesse este bem eu não havia queixar, qdo tivesse melhor uzo da razão= Ads. Torno a dizer, não me dispenso de lá hir amanhã, ou mmo Domo, se o tpo der lugar.

Sou do C

S.C.29 de Abril 1825

Ao fiel, e mto obro C

Basto.

1v 1825 De antos

X

Ilmo e Exmo Major Te Corel
Mel Ignacio da C eMenezes

Carta 8

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fôlio. Papel almaço sem pautas protegido por papel manteiga. Carimbo do IHGB na margem superior esquerda com a anotação "No 8" em vermelho.]

Caro Ao, e Compae do C

Ro 1o de Abril de 1828

Doente desde de , mto se me aggravou o mau mas desde Fevro, com hũ ataque de cabeça, do ql não estou ainda escasso, Ve fará idea do meu estado, qdo eu lhe diga q nem assignar meu nome eupodia, hoje mmo eu não posso ainda fazer applicam, e por isso não sou extenso. Tenho sempre ouvido por Ve sobre hũma notícia notícia á respto de escravos, noticia, á q aqui se deu o mais feio aspecto, bem q das cartas não consta coisa q faça medo. Como está Ve todós os seus, meu Affilhadinho, e ma Come? Estimo q mto bons de saude, e de fortuna. Ma Mana Ma está agora com migo, e á Ve, e á todos os seus se recomenda. Ve vem ao Rio? Bem q tem casa pa estar, e q nisto dará ao seu fiel Aoe tão obrgdo o maior gosto, ma Mana lhe pede este favôr, e lhe manda dizer q agora n'esta casa há mais ordem, p q ella a governa. Olhe, eu mto o desejo vêr pa ter hũ desabafo de coram Ah! Nunca eu sahisse da Ba, ou pelo menos não visse a cara áo pão d'assucar !!! Ad. Se Ve poder mande-me some o conto e duzentos das Diarias deDeputado, em letras mmo, ou como poder, pr q preciso. /

Recomendac á todos, e creia q doC

sou seu

Ao fiel, Compe eob

Basto.

Carta 9

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo dois fôlios. Papel almaço sem pautas. Fôlio protegido por papel manteiga. No último fôlio, as informações relativas ao destinatário foram escritas na vertical. Carimbo do IHGB na margem superior esquerda com a anotação, "N 8", em vermelho.]

Amo e Compe do Coram

Rio 21 de 8bro 1828

Desta hé por o nosso Telles , q parte pa ahi, e eu fico! Elle hé carta viva, e eu nam animo tiha de escrever, porque a vontade não me convidava mto á isto; mas em fim sempre digo que quero ser mto recomendado á ma Come, e ma Sra, e as Exmas Sras D Judith, e D Constança, ma Senhora, e á todos os seus ãos q desejo a melhorsaude, e fortuna: eu vou passando assim assim; ma Mana vai melhor, e mto se recomenda.

Saberá q estou Intend Gl da Bahia por Decreto de 15 do corre, e homem recebi Porta pa entrar já no exercício sem duvida q não me inveja, e veremos o q me Ads. Sou do C

Saudes áos Amos -Rogo a Ve me mande o Subsidio, se o tiver .

Amo Compe, e mto ob

1v. Illmo e Exmo Sr. Manoel Ignacio de Cunha de Menezes
Ge Ds ms as

Comendor de Christo, e Senador do Imperio.

C.F.

Basto

Carta 10

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fôlio. Papel almaço sem pautas. Carimbo do IHGB na margem superior esquerda com a anotação, "No 8" em vermelho.]

Amo e Compe doC

Ro 30 9bro 1828.

Esta vai entregue ao Exmo Sr. Arcebispo com outra, q o nosso Telles aqui deixou, e com as Gazetas; eu nada tenho a dizer, se não q saudes, e mais saudades, e não há remedio, se não curalas com o mal de Ve, isto hé, e esperar q Ve se aparte dos seus, e de sua casa e venha aqui ter. Mtas recomenda á todos os seus e da ma Mana Maria q continua á sofrer: Meu Mano, e Mana aSra D Emilia vão bem, e elle se recomenda.

O seu socego, e bem, em compa de todos os seus hé pa mim objecto de todo o desejo. Ads. Não há novid; fazem se as Eleições em q os Liberaes tem mostrado sua influencia, e tem em geral havido entusiasmo entusiasmo ; gra Ds tenhamos bons Deputados com a mira na Constitam, e no Bem do Brasil.

Saudes á todos. Sou doC
Parabês, o nosso Telles está
Chancer dahi.
CAo, eob

Basto.

Carta 11

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo dois fôlios. Papel almaço sem pautas. Fôlios protegidos por papel manteiga. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda com a anotação, "No 8", em vermelho.]

Meu Caro Compe, e Ao, e Sr. do C

Há poucos dias escrevi a Ve, e por isso nada ocorre á dizer. No Ro hé mais facil tudo, do que hũa casa, mta mais com designação de rua, comodos, etc, mas em fim appareceu hũa, tem na frente seis janellas, há hũa sala de tres, outro de duas, e hũ gabinete com hũa, em siguimento tem quatro quartos, tem casa de jantar, peqa copa, coza, e há baranda, q segue ate o quarto ultimo dos quarto, entre a casa de jantar, e aqla baranda há hũa partes, pa o ql tem janellas a casa de jantar, hũ dos quartos a baranda, e a coza; tem sotão com dois quartos forrados, e hũ forro com bastante altura, e bom pa comodos; tem cavalharice pa dois animaes, e coxeira; custa tudo isto pr mes secenta Mil Rs, menos nada, e se não, dizia o dono, venha a chave; está alugada, e corre o aluguel desde 17 do corre, veja Ve se aprova, e diga o q quer q haja na casa, e q eu possa com antecedencia apromptar. Mto estimarei q Ve no meio de todos os seus góze saude, fortuna, e socego. Esquecia-me dizer, a casa hé na rua do

Sr. dos Passos, quaze áo Cam- po de S Anna, no penultimo quarteirão, e mto perto da casa do sogro de meu Mano. Meus respeitos, e saudes á tudo seu. Recomendac de meu Mano,

lv e Mana, eu vou vivendo como Ds hé servido, e sempre como mto deC seu
25 de janeiro de 1829.

Saudades áo Telles .
Amigo, Compadre, eobrigado
Basto.

Carta 12

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fólio. Papel almaço sem pautas. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda com a anotação, "No 8", em vermelho.]

Meu Caro Amigo, e Compadre do Coraçam

Rio 14 de Fevereiro de 1829.

N'este momento pr hũ fracazo acontecido á seu Mano, que bem se parece com Ve, sei que elle segue para a Bahia, e hã sem haver-lhe feito os meus cumprimentos; mas amanhã, pois q a embarcm partirá depois, hei-de-cumprir com este dever. Mto estimei q Ve, e todos os seus, áos q tenho o prazer de recomendar-me com mtas sauds, gozem a melhor, e a mais feliz saude; eu pr aqui vou passando. Remetto-lhe as Gasetas, verá o Decreto da Convocam extraordinaria da Assemblea para o dia 1o de Abril, e o motivo, e de seu Mano saberá as novidades. ADs Recomendas áo Telles, e mais amigos, e aceiti-as de meu Mano.

Sou do C
P.S.
Seu Mano pode diser como hé a sua casa, por q elle lá esteve hũs dias.

Ao, C, eob
Basto.

Carta 13

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fólio. Papel almaço sem pautas protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda com a anotação, "No 8", em vermelho. Inserção de terceiros na margem superior esquerda: "Bahia a 18 de Janeiro ".]

Meu Cunha, Ao, e Compe do C

Rio 17. 9bro 1829.

Pr hũa carta dahi sei q Ve chegou á 27, e pr consege foi a viagê breve, o q mto estimo, e q achasse Á todos de bôa saude, e a terra em paz, e Amor. Já escrevi a Ve, e lhe dei parte de ter vendido a sua parrelha de Caos por 300\$000 Rs pa o Mqez deS Amaro, tomei esta resolução, meditando nas avarias, á q são sugeitos os folegos. O Cesar mandou-me hũa conta honte de dous Sobrecazacos, refuguei-a, por q apesar da de ma memoria, recordei-me q Ve recambiara a preta, por não lha-haver

encomendado, dando-a áo Professor pa a-levar ; mas este usa della ,e á Cesar dice q dalli houvesse a paga, quando tiver mais vagar, mandarei a ma conta. Eu passo mal do meu peito. Preparao-se funcções pa o 1.o , e o 2.o de Desebro repetem-se as Illuminacs , há novas Danças , etc.etc. Diga áo nosso Telles q tome esta como sua, eu escrevi lhe hua carta de empenho, obrigado pelas formulas deste munfo, e elle desempenhe como costuma. ADs . Nada sei de novo. Mande entregar a Iaya Caminha a inclusa logo, faço á ella hua encomenda, e Ve lhe dará o dro preciso, segdo ella dicer , como á ella memo digo. Saudes de todos. Recomendaçs saudosas á ma Comadre, e Sra , ás Iayas , e Ioyos , a Sra D Formosa, e á todos. Sou do C .

Amo , Compe e mto ob

Basto.

Carta 14

[AIGHBA.Ant. pasta 5. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço amarelado sem pautas. Marcas d'água ilegível na margem superior esquerda. Abaixo da saudação inicial, no centro, há anotações do arquivo: "Anto. Calmon e as iniciais I.G.H.B" escritas em vermelho. Carimbo do IGHB na margem superior com a anotação, em tinta, "No 47" e a lápis, "P5m1". Constam outras anotações na margem esquerda superior, 5/1/47/634.]

Illmo e Exmo Senhor.

Soube q V Exa chegara do Rio de Janeiro mto in fermo ; mas q ja se acha melhor, o q mto estimo, e q conciga o seu restabelecimto , e pr se achar na sua Fazenda da Lagôa não posso ter a saptisfação de dar-lhe um a braço . Tenho eu vindo ao Engenho Periperi pa da li voltar ao nosso Jacuipe, fui obri gado a vir a Cidade e pelo estado de molestia dema sobrinha, da ql fica um pouco milhorada . Apro veito esta occazião para rogar a V Exa o obezequio de instruir-me a respeito de huma emenda do Verguei ro ao Parecer da Comissão de Requerimentos sobre o de Antonio Thomas deOliveira Botelho na ses são de 25 de 7bro do anno passado, ja rezolvido na Camera dos Deputados em sessão de 8 do mesmo més , para abolição de todos os Morgados e Capellas , e ficara empatada para entrar de novo em discussão; e qual seja oesperito do senado a esse respeito : pois não tendo elle conhecimento das Instituicoens dos Vinculos , eq todos, ou quaze todos forão estabelecidos em bens pertencentes as 3as dos Instituidores , sem prejuizo das heranças dos Co-herdeiros dos Successores dos Vinculos ; e outro fim, q os rendimentos dos bems Vinculados servem de conservação e augmanto dos livres, os ges por falecimto dos Administradores dos Vinculos são repartidos igu 1v. almente

por seus herdeiros; a lem disso, q havendo dispezas extraordinarias com os Vinculos he a sua importancia lançada no quinhão dos Successores delles ; talvés , q votem pla emenda, sem atenção a estas circunstancias , e a outras mais, dignas todas de concideração ; como sejão : aobrigação de concorrer o Admenistrador de hũ Vinculo pa a sustentação dos Irmãos quando percizem , e sejão pobres: o direito que tem o successor de entrar na admenistração do Vinculo qdo o actual Admenistrador deixa arruinar-se os bês , de q elle se compoem finalmte q esses bens vem aficar no numero das Nacionaes , qdo o Admenistrador não tem parentes q lhe succedão . Por todos estes motivos parece, q são necessarios , e athe uteis as Instituicoens de Vinculos de Morgados, e a conservação dos q existem, pelos principios pr q os querem extinguir com offença da inviolabilidade do Direito da Propriede , fazendo dividir hũ todo, q he administrado por qm tem obrigacao de o conservar, e o nao pode a lienar pr principio ou cauza alguma. Sempre q V Exa gra occupar-me em seu serviço me achara prto com a cordialide e estima com q sou De V Exa

Amo Venor eCro Obo

Bahia 20 de Janro de 1835

V da Torre

Carta 15

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água de uma forma ovalada com 8 estrelas e o nome "Ganson" na margem superior esquerda. Carimbo do IHGB na margem superior esquerda. Inserção de terceiros, "No 144" por sobre o número "18". Anotação do arquivo na margem direita da folha, ao lado da data, "/58/928".]

Rio 24 de 9bro, 1851

Je de Goes

Recebi a sua vinda plo ultimo vapor, e estimo que tenha passado bem e que a Emilia, á quem nos re-comendamos affectuosamte, e as meninas passem igualmte bem. Como o tenho pr calisto, sempre tive ma duvida sobre a verificação do seu despacho, que se antolhava tão facil: esperou-se mais de 15 dias pelo Mino da Guerra, o qual declarou que não podia ser Delegado senão um Medico pertencente ao Corpo deSaude do Exercito, que tenha assentado praça etc: e esta? Examinei o Negocio; e achando que assim era, e que de nenhum modo lhe servia o pôr-se na cauda de qto regimto ou batalhão se posesse em marcha, concordei com o Mont'alegre em mdar saber - qm he ahi o encarregado da vacina?tem familia a qm sustentar, e não tem outro modo de vida senão esse?pode ser nomeado pa outra comissão, que lhe dê pão, qdo delle careça?Responda-me, depois de informar-se bem, sobre estes quesitos pelo Vapor Ingles ou antes, se houver ocasião. O Mont'alegre, e o Euzebio estão prompt os á lhe servirem, e só lhes faltam saber o como. Temos passado bem, e nada ha de novo. Lça ao Innocencio Xico, Duarte, e Procopio. Adeos, do seo Tio e amo do C

Miguel

Carta 16

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo dois fôlios. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água de uma forma ovalada com 8 estrelas e o nome "GANSON" na margem superior esquerda. Carimbo do IHGB na margem esquerda superior com a anotação, "No 618". Outras anotações a lápis do arquivo na margem superior direita, 5/2/58/702. Rasgos na margem direita do fôlio.]

Rio 16 de Março, 1853

Je de Goes

Recebi pelo vapor Ingles, e plo Mucury as suas duas ultimas cartas, e estimei saber, que o seo passeio ao Reconcavo fôra a causa da falta que senti de cartas suas.

Acho-me ha 4 dias recluso pr uma forte carga de defluxo, agravada pr ter sahido no dia 14 à abrir o novo Asylo de Sta Theresa: estou melhor, e não tive febre, felizmte. Sua tia fica, e os meninos de Petropolis em boa saude: todos se recomendão affectuosamte a V á Emilia, e as meninas, e á todos os nossos.

Nada há de novo. Mta chuva pr cá, e pr la nenhuma. Estimarei, que venha o meo Sobro Jose, acabasse de morrer o Conego Marinho, á cujo Collegio o destinava: irá pa o mesmo, se continuar, como d'antes; se não, pa o de Petropolis. Mtas saudes mas, e da Viscondessa ao Chico, á Pra Constança, e meninas, ao Sor Dr. Jose, e á Sra D Judith. Tão bem saudes ao Innocencio.

Adeos, do seo Tio e amo doC

Miguel

N.B. Fará mal se vier tarde: os Deputados do N promettem vir cedo; e isso convem mto; por q a futura sessão promette mto. O Bahianna, em q foi o Penna para o Pará, está como novo, e o Segundinho heo que sabe

Illmo Sr. Dor.

Joze de de Siqueira

Deputado á Assembleia Geral

Bahia

Carta 17

[AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo três fólhos. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água de uma forma ovalada com 8 estrelas e o nome "GANSON" na margem superior esquerda. Carimbo IHGB na marem superior esquerda com anotação, No 147/4. Outras anotações a lápis do arquivo na margem superior direita, "5/2/59/729".]

Rio 25 de Novo de 1853

Jose de Goes

Recebi a sua de 18 do corre, em letra tão miuda e grifa, que mto me custou a ler: do memo se queixa o Pedreira, e á ponto tal, que não pode pelas suas assignaturas decidir-se, que o seo apelido era Sigra como vinha escripto na nomeação e informação do Prisidte da Bahia. O Decreto reformou-se pa Siqueira debaxo de ma responsabilide, mas pedio-se explicação á Presidencia da Ba pa que os papeis da Secretra d'Estado fiquem em harmonia com o Decreto expedido. Por esta cauza não lhe foi da ves passada, nem pode ir desta o seo Diploma. Dahi porem nenhum prejuso lhe resulta (diz o Pedreira) p que a gratificação lhe he devida desde a nomeação. Peço-lhe que emende a mão qto à escripta, pr q lembro-me que a sua letra ja foi clara, e boa. Pedreira não tem medo dos doutores medicos da Ba, mas não deixa de temer os da corte. Todavia o negocio é tão urgente, e justo, que não haverá remedio senão executar o Regulamto com ligeiras alteraçoes. Vá trabalhando na Hygiene e esperando pla Pathologia, que, se não houver inqualificavel deslealdade, lhe hade caber mais cedo ou mais tarde. Estimo que tenha feito a distribuição dos exemplares que offereci, e promovido a venda

1v. dos restantes. Se houver compradores (o que duvido) e não bastarem os exemplares que forão, avise que mandarei mais./ O exemplar que destinei ao defunto Fr João, fique pertencendo a meu sobro João do Cavalcante. Sua tia passa mto melhor, e lhe mda saudes, e á e meninas, ás quaes me recomdo mto.

Adeos, do seo

Tio e Amo doC

Miguel/

2r. Illmo Sr. Dor

Joze de de Siqueira

Deputado á Assembleia Geral

X X X

Carta 18

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo três fôlios. Papel almaço sem pautas. Manchas de ferrugem no centro entre a saudação inicial e a primeira linha do corpo da carta e na margem inferior direita. Anotações do arquivo na margem superior direita, "P9 M5 N1b" e na margem superior esquerda, "P9/5/1b/1329".]

Rio, 8 de Dezembro de 1863.

Exmo Amo e Sr. Conselheiro,

Esta politica cada vez se embrulha mais. É tudo balburdia, e ninguem sabe com quem está . OSaldanha , que apoiou o gabinete até ser servido, fez-lhe todos os dias uma careta mais feia. O Octavio é mais magico. Quando morde assopra logo. Com quem estarão elles na camara ? Provavelmte com os exaltados , embora affectem ainda o contrario . O que é mais para admirar é a conducta do Cansansão. Desconfio q está fazendo agora ao Olinda, o mesmo q fez a VExa em relação ao Rio Gre . Parece que apoia surdamente a eleição

1v. do Urbano, e combate a do Feitosa, o que é questão quasi vital para os progressistas de Pernco . Que alcance pode ter para elle o triumpho do Urbano e dos exaltados, e a derrota do Paes Barreto e dos seus? Provavelmte nenhum, e é justamte nisto q está o principal defeito do Cansansão para quem as pessôas valem mais do que os principios . O Jacobina esmurrou em pleno dia o Firmino, por causa das descomposturas do Constitucional. Tem sido um caso feio, e de que o Firmino saiu bastante enxovalhado, pr q dizem todos que apanhou cobardemente .

2r. O imperador saiu ha dias na Nitheroy , com a qual está-se fazendo aqui tanto barulho quanto fizeram os portuguezes com a rua Bertholomeu Zé Dias, como a chamavam os gaiatos. Disseram os jornaes q o rei foi fazer certos estudos nas costas da provincia ! Por isto é que muita gente o chama Charlatão. Isto faz-me lembrar o celebre espicha de que tanto se doeu o Monte-Alverne.

Desejo-lhe saúde e venturas. O que não desejo é q mantenha o seu proposito de deixar a politica militante.

Recommendações doJulio e da mulher, e do Alfredo. As mesmas, pém mto gratas, do De V Exa amo atto e voso cro

AdolphodeBarros

Carta 19

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo dois. Papel almaço pardo com pautas. Marca d'água das letras "A B" marcando, também, o verso do segundo fôlio. Marcas de ferrugem. Anotações de terceiros, "2º". Inserção de terceiros, em vermelho, "- 1 -". Anotações do arquivo na margem superior esquerda, "9/5/1a/1328/" e na margem superior direita, "P9 M5a".]

Rio, 25 de junho de 1883

Emo Amo Sr. Conselheiro,

Tive o prazer de receber sua presada carta de 24 do passado, centindo entretanto os padecimentos que lhe trouxeram a operação, da qual o desejo restabelecido.

Depois da dissolução, a politica esta em treguas ou em incubação. Os candidatos fervem. É um nunca acabar. Como toda a partilha, essa gera aggravos e descontentamentos. O elemento liberal é tão insaciável insassível e tão exigente!! Até entre os proprios liberaes lavra alguma discordia; e o Otoni com os mais membros do directorio soffrem opposição da facha radical, a Actualidade, cujo director, Flavio Famise, não entrou na chapa organizada pelos chefes. Em Pernambuco, tambem algum descontentamento tem apparecido da parte dos mais impacientes, com os quaes talvez venha a fazer o Netto, que lá foi em busca de votos. Todavia não ha por ora causa que inspire receios para já. Tivemos ultimamente uma contradansa

1v. no corpo diplomatico, que já deve ser ahi conhecida.

Diz-se, e parece que com algum fundamento, que a cousa não pára ahi, e que outros actos da mesma natureza estão realizados tanto no corpo diplomatico, como no consular. Até já se indicam nomes dos demittidos, nomeados, retirados, etc

A policia da côrte foi toda mudada. Os novos nomeados não todos pouco vistos em politica, o que até certo ponto pode ser sensato. Do Jiji nada lhe posso dizer desta vez, por que ha dias não o vejo, e tenho ocasião para deplorar esta ma falta, de que vou reunir me qualquer dia destes.

Desejo-lhe melhor saúde, e todas as prosperidades que se podem ter fora da patria e da familia. Esquecia-me de falar-lhe no escrptorio. Tambem bem pudéra deixar de faze-lo, visto que nada ha de novo.

Do que não me esqueço nunca é de que sou

De V Exa

Amo atto obsequioso Cro

Carta 20

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "- 4 -". Anotações do arquivo na margem superior direita, "9/6/19/1412".]

Exmo Amigo,

O deputado Pereira de Brito, de Pernco, pediu-me que lhe entregasse o officio junto interessando-me ao mesmo tempo pelo seu benigno acolhimento.

Remettendo-lhe o mencionado officio, rogo-lhe que conducenda com o Dr Brito, pois que é justo o que elle pede._

A vinda do Dr. Moraes a esta Corte, daonde já

1v. regressou uma vez doente, pode ser dispensada, e é também o que lhe peço. _

Como sempre Seu amo e colla__

A. C. Sá e Albuquerque

Rio 19 de Agosto 1866.

Carta 21

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "-1-". Anotações do arquivo na margem superior esquerda, "9/6/16/1409".]

Côrte 2 de Outubro de 1866 _

Illmo e Exmo Sr. Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz

Apresento a VExa o portador desta o Sr. Cadete Tude de Andrade Gomes, que chegou da Bahia pa seguir pa o Sul.

Elle, tendo dez annos de serviço, e boas informações na Secretaria da Guerra, deseja hum acesso, nomeação de comissão etc

Rogo a VExa que se digne protege-lo.

De V Exa

Atto Amo obmoC

Carta 22

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água na margem superior: "ANTONIO ESTEVAO| DE| BITANCOURT E SILVA|" circulada por pequenas flores. Repetição invertida de marca d'água na margem inferior esquerda. Inserção de terceiros, em vermelho, "- 4 -". Anotações do arquivo na margem superior direita, "P9M5N22" e outra, entre a saudação inicial e o corpo da carta, "9/5/22/1364".]

Illmo Exmo Sr. Conso Angelo Muniz da Silva Ferraz.

Pelos jornaes da corte fui sabedor do regresso d VExa ao lar domestico, - pelo que o felicito, estimando fosse sempre bem pela europa, e encontrasse toda nobre fama de vigorosa saude.

Sem outro assumpto, disponha VExa com toda franqueza de quem se confessa ser

De VExa

Amo mto obrigado e criado

RioG, 3 de Maio 64.

Carta 23

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água na margem superior esquerda com o brasão do barão de Mauá onde constam as iniciais "BM" circuladas por linhas curvas sobre as quais repousa uma coroa. Inserção de terceiros, "N 4" do lado direito e abaixo da saudação inicial. Consta na margem superior esquerda a letra "R". Anotações a lápis na margem esquerda "3/4/4/505".]

Illmo Exmo Snr Conso Angelo Muniz da Sa Ferraz

O pagador desta casa pagou inadvertidamente uma ordem da Caixa Economica de Minas sem estar sellada, a qual sendo-me mostrada momentos depois declarei logo que não estava sellada, e sem reparar na data mandou-selogo o cobrador sela-la aRecebedoria do Municipio, que a confiscou dizendo que tinha de pagar 10% de revalidação - Entra a duvida em meu espirito se o acto he justificavel. Se V Exa entender porem que o hé mandaremos pagar a revalidação-

Sou como devo

DeVExa

Amo atto Venerador e Criado

Rio 26 de Março 1860.

Barão de Mauá.

Carta 24

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo três fólhos. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água na margem superior esquerda com o brasão do barão de Mauá onde constam as iniciais "BM" circuladas por linhas curvas e sobre as quais repousam uma coroa. Inserção de terceiros na margem superior esquerda da letra "R". Anotação do arquivo na margem superior direita, "P9M5Nº", "4" e "9/3/4c/1268".]

Ilmo Exmo Amo Senr Conso

Disserão me hoje que se espalhava muito deproposito que eu tinha influencia no Diario doRio, cumpre me assegurar a V Exa que nunca fallei com Snr Saldanha Marinho, a quem só conheço de vista, e de nome, pr ter guerreado a casa Bancaria á Assembleia Provincial pondo em duvida a conveniencia e prudencia de lhe ser confiada tão grande soma como foi nella depositada pela companhia da Estrada deferro de D Pedro 2º ___ Agradeço

1v. a V Exa V Exa o que se dignou dizer-me em seu bilhete dehontem: mandei hoje pagar a multa, para não passar pr remisso; eu não sei mesmo se recorrerei da decisão darecebedoria, visto ser uma quantia mesquinha a de que se trata, e não querer eu na verdade a descoberto em duvida o pagamto de uma multa que talvez seja legalmente imposta, quando pertendo sustentar a falta q commeteo a recebedoria nalegitimação do papel do Moura

O cambio está firme, porem ainda não ha papel algum a mais de 24 ¾. Estou porem resolvido a faselo subir a 24 7/8 ou mesmo

2r. 25 se V Exa não tiver algum motivo para desejar que elle se mantenha somente nos 24 ¾ porque, nesse caso, também tambem posso fazer com que elle fique ahi pr ora, tomando agora 60 ou 80.000 £, pois até agora os cafés vendidos não offerecem cambios para mais de 120.000 £: - O café que existe he porem sufficiente pa elevar o cambio a 25 attendendo-se aque cada saca de café representa hoje 4 £.

De V Exa

28 de Mço 1860

Amo mto affso eobgmo

Barão de Mauá

P.S.

Eu não daria cuvaco algum sobre a ridicula incessação relativa no Diario do Rio se não estivesse rodeado de tantos malquerentes. _

Carta 25

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água na margem superior esquerda com o brasão do barão de Mauá onde constam as iniciais "BM" circuladas por linhas curvas e sobre as quais repousam uma coroa. Papel timbrado da "Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas/ Rio de Janeiro ___ de ___ de 18__". Margem inferior corroída. Anotação do arquivo na margem superior direita, "9/3/4a/1266" e na margem superior direita, "P9M3". Inserção de terceiros, em vermelho "- 4 -".]

25 Maio 60

Illustrissimo Excelentíssimo Senhor

Tenho a honra de passar ás mãos de V Exa um exemplar do relatorio que hoje vou apresentar á assembléa geral dos accionistas desta companhia, pelo qual ficará V Exa devidamente informado da maneira por que tem sido desempenhado o serviço con- tratado e das circunstancias da empresa.

Deos Guarde a V Exa

Illmo Exmo Snr Conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Fazenda O Presidente da Companhia

Barão de Mauá

Carta 26

Illmo Exmo Amigo Snr Conselheiro

Depois de ter visto a V Exa no Domingo, estive com oSnr Lamas nessa mesma noite, efiquei sorpreendido emolestado de ver as ideas[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo dois fôlios. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água na margem superior esquerda com o brasão do barão de Mauá onde constam as iniciais "BM" circuladas por linhas curvas e sobre as quais repousam uma coroa. Extremidade direita danificada. Anotação do arquivo na margem superior direita, "P9M3N4b" e "9/3/4b/1267".]

em que elle estava - Mostrou me o borrão do discurso que se propunha pronunciar em sua despedida a S M I e deque me disse ia mandar copia ao Snr Sinimbu como é d'estylo e bem assim a notar ao Snr Sinimbu a respeito. -Suaves naforma continua esses actos {uma} defesa magistral da conducta do Governo Oriental na questão dos tratados, e parecia-me que sua publicação faria muito mal, produzindo agitação {dos annimos} contra oBrazil no Rio da Prata (o que ali {é} sempre facilimo conseguir), e que o ministerio de que V Exa he chefe ficava nesta questao em posição desvantajosa. - Exigi deLamas que por forma nen hua d'esse andamto a esses papeis - que ia fazer um mal irreparavel a politica de que elle, no fundo, tem sido sempre órgão, isto he de firmar sobre bases solidas as rellações internacionais { deboa vezinhança e amizade } entre o Imperio aRepublica; e como o deixasse ainda em duvida, na segunda fei anoite escrevi-lhe uma longa carta fazendolhe sentir todos inconvenientes das ideas em que estava - disse lhe positivamente que a não concluir pelo absurdo me parecia impossivel que o Ministerio não recambiasse a nota e o projecto de discurso comentando que elle fosse lido perante S M I - Isto porem não

1v. diminuiria antes augmentaria o effeito d'esses actos desde ue fossem publicados no Rio daPrata, era preciso pois suprimi-los, e é o que consegui, como V Exa verá daresposta de Lamas. Resta agora que V Exa se digne combinar com oSnr Sinimbú o que deve fazer Lamas como acto de despedida a S M I - Elle fará o que eu lhe discer. -

Permita-me V Exa que lhe diga que convem tratar bem o Lamas; he {elle} o primeiro vulto intellectual detodo o Rio daPrata, e, se não morrer cedo, tem ali de figurar, inevitavelmente nos primeiros cargos inclusive o dePresidente da Republiceta, ecommo, bom ou maus, são esses os

vesinhos mais proximos quetemos convem nos entreter com elles rellações de boa vesinhança, não por amor d'elles, más porque isso está em nossos interesses. - É He por isso que eu fui sempre favoravel aotratado de commercio que acaba deser denunciado: parecia-me ver nelle não a idea mesquinha que meus patricios nelle encherjavão defavores pa lá e pa cá, mais ou menos compensados, porem sem { o ensaio de } uma politica toda inteira sob uma base nova - os interesses economicos - Infelizmente o tratado he hoje apenas um facto historico - as cousas voltaram voltarão ao antigo pé entre o Brazil eoRio daPrata, dahi podem surgir complicações que eu procuro heide procurar evitar, ao menos emquanto ogoverno do meu Pays me não discer que convem um desenlaçe hostil as difficuldades existentes. - Receberei as ordems deV Exa ou do Snr Sinimbú arespeito do que deve fazer Lamas.

31 de Outo 1860.

De V Exa

Amo mto affzo e obmo Cdo

Barão de Mauá

Carta 27

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço amarelado sem pautas. Corrosão nas extremidades do primeiro fólho e do segundo fólho. Inserção de terceiros na margem superior a lápis: "Remetta-se copia ao Sr. Carvalho Moreira e/ peça-me informações". Marca d'água na margem superior esquerda com o brasão do barão de Mauá onde constam as iniciais "BM" circuladas por linhas curvas e sobre as quais repousam uma coroa. Anotação de terceiros na margem superior esquerda: " Respondida na mesma data./ Copia ao Ministro de Londres em/ as. reservado n. 7 de/ 25 de Fevereiro 1861". Inserção de terceiros, em vermelho, "- 5 -" e borrão na margem superior direita. Anotações do arquivo, "P9M4" e outras na margem superior esquerda, "9/9/5/1303".]

Illmo Exmo Amo Snr Conselheiro

Procurei a semana passada aVExa para agradecer asua bondade em mandar me entregar as Apolices com aentrega dos documentos no Thezouro que realizei, e tive afortuna d'encontrar a V Exa: Hontem fui tambem procurar aVExa para mostrar lhe uma car de um Director de duas Companhias Brazileiras em Londres em q se me diz que até o dia 23 de Dezem não se julgava o Snr Carvo Mora habilitado a dar satisfação aos accionistas da Estrada deferro { de Pernambuco } que procurão suas accções pr Apolices ! - Asseguro aVExa que este negocio, e o indeferimento da pertença da Companhia da Bahia de dividir suas accções, e, na Inglaterra fazem todas as Companhias qdo seus interese o acconselho, sem que isso em tempo algum lhes fosse vedado, ou negado plo Tribunal competente qdo por seus Estatutos carecesse de authorisção, acompanhado d duvidas e delongas que se tem sucitado ao pagam dos dividendos { ou juros } garantidos, tem já produzido o mais per

1v. feito sobre o Credito doBrasil na Praça de Londres. s Apolices do Governo Brazilo de 11% estão quotadas a 85 % porem quem quizer vender 10,000 L não obteria 80 !! e 100,000 L não acharia compradores nem mesmo a 75 P % .!! - asseguro aVExa que isto é verdade, pr que temos ali 355,300 L destas Apolices que desejamos vender e que não tem mercado, não por causa das circumstancias daEuropa mas pelo descredito em que o Brazil vai vae caindo cahindo na Praça de Londres. - V Exa avaliará a importancia que isso tem, e em sua sabedoria tratará sem duvida de prover de remedio a um mal tão grave. A inclusa publicação não é isolada de um accionista porem a opinião geral em Londres de que o Brazil quer forçar por meios indirectos, creando duvidas e difficuldades aos accionistas, das Compas pa q estes acceitem a permuta! - Crea VExa que isto me amofina mais como Brazileiro do que como interessado tantemente nessas empresas, e se julgar que posso estar pa algũa cousa dê francamte suas ordems

De V Exa amo dedicado

Ro 22 de Fevo 1861

Barão de Mauá

Carta 28

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d'água na margem superior esquerda com o brasão do barão de Mauá onde constam as iniciais "BM" circuladas por linhas curvas e sobre as quais repousam uma coroa. Inserção de terceiros, em vermelho, na margem superior direita, "- 6 - ". Anotação do arquivo na margem superior esquerda, "9/7/6/1470".]

Exmo Amigo Snr Conselheiro

V Exa tem toda bondade commigo, que ainda vou a sua presença rogar-lhe benigno acolhimento pa a pertença inclusa, de cuja veracidade do exposto me assegura pessoa a quem desejo servir; isto, no caso de V Exa não ver nisso algum inconveniente.

Sigo a Petropolis pr alguns dias a descansar da fadiga dos Paquetes.

E Subcrevo-me com a maior estima e consideração De V Exa
Amo mto affzo eobgamo Cdo

Barão de Mauá

Carta 29

[AIGHBA - Ant. pasta 9 - Documento contendo quatro fôlios. Papel almaço sem pautas. Anotações de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "- 5 -". Marcas de dobras no quarto fôlio. Anotações do arquivo na margem esquerda, "9/6/20/1413".]

São Borja 9 de Março de 1866.

Illmo e Exmo Snr Conselheiro.

Em resposta ao prezado favor de V Exa, datado de 7 de Fevereiro findo, cumpre-me informar acerca da correspondencia do Silveira Martins, o seguinte.

O Corpo Provisorio d'Artilharia a Cavallo, foi por mim organizado de duas baterias de contingentes do 1.º Regimento d'Artilharia a cavallo; artífices artífices de corte e de cento e tantas praças da G N, para conductores; convindo observar, que o referido 1.º Regimento não existe neste Exercito, e sim no do General Osorio.

O 4.º Corpo d'Artilharia está armado com mosquetões á minei, e tem oito canhões obuses.

1v.

Existem com effeito nos corpos de Artilharia tres Officiaes, que não tem os estudos d'arma, e sim os

conhecimentos praticos. Dous, porem, já pertencião como addidos ás baterias do 1.º Regimento, e um foi mandado para o 4.º, á requisição do Commandante, para ser empregado no cuidado dos cavallos e bois.

Peço Mappa que nesta ocasião se remette vê-se que o numero de desertores deste Exercito, desde Junho do anno findo (note-se que eu só delle tomei o commando a 21 de Agosto) não excede a 1233, e destes muitos tem voltado ás fileiras do Exercito, e outrosmuitos tem sido capturados.

O unico corpo por mim dissolvido, por causa das deserções deserções, foi o 17.º corpo Provisorio sob o commando do Tenente Coronel Bento Martins de Menezes.

Os officiaes de que se compoem o meio meo aristocratico Quartel General, são os Tenentes Coroneis José Antonio Correa da Camara, e José Antonio da Silva Lopes; aquelle Deputado do Quartel Mestre General, e este do Ajudante General, tendo cada {um} tres officiaes subalternos empregados nas suas respectivas repartições; e no meo Estado Maior, como Ajudantes d'ordens, o Coronel do Estado Maior de 2.ª Classe Pedro Pinto d'Araujo Correa, e Capitão do 3.º Regimento de Cavalaria Ligeira Manoel Antonio da Cruz Brilhante; Ajudante de Comandante do Estado Maior

2v. de 1.ª Classe, Anibal Antunes Maciel, e ás ordens o Major de Voluntarios da Patria Bernardo Luis Ferreira Cesar Loureiro.

Não me occuparei de responder ao que o General Osorio disse acerca da maneira prque foi para o seo Exercito a força que foi deste encorporar-se ao délle, e o Silveira Martins reproduzio; porque documentalmente provei a falsidade de tais censuras.

Quanto á conveniencia de se dissolver este Exercito para se encorporar ao d'aquelle General, acho muito conveniente.

Sou com a mais distincta consideração e apreço.

De V Exa
Amigo muito atten=
cioso e obrigado

Barão de Porto -Alegre.

Carta 30

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço sem pautas. Inserção de terceiros de "- 6 -", em vermelho na margem superior direita. Anotações do arquivo na margem superior esquerda, "9/4/5/9304" e, na margem superior direita, "P9 m4".]

Ba 7 de Fevereiro 1861

Ferraz

Estimo sua saude. Está salva a eleição de Justiniano; tem elle 225 votos e o Sr. Vianna 164, faltando os collegios de Ilheos, Porto Seguro e Caravellas com 118 vótos, dos qes ql qr destes 2 candidatos não pode ter ms de 70 votos, sem q esses possa ter ms que outros. Ficarão pois na mesma distancia em q estão. O Faquir tem 174, e deve no Sul ter ms votos q o Sampo Vianna. meo genro Dr. Candido Teixeira de Azevedo Coutinho pa 1 logar de offal de Secretaria na reforma q tem de haver com a nova Secreta de obras publicas. O Nabuco no seo Ministerio faltou a promessa q fez me: o mesmo

aconteceio-me com o Sr. Rego Barros. Espero qV. seja ms bemfazejo q estes meos amos velhos. Sou amo de meo genro; moro sem pre com elle qdo estou na Côrte, e desejo vel-o empregado, e afianço-lhe o talento e boa letra com a instrucção necessaria. No 2º e 4º Dis -

1v. Districtos está conhecida a victoria dos nossos amos. Não sei como o Tiberio e o Cotegipe não puderão sustentar o Affonso no 2º, nem o financeiro impor no 3º districto.

Aqui fico as suas ordens como Seo velho amo e obro C

C. Madureira

Carta 31

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "-7-". Anotação do arquivo na margem superior esquerda, "9/6/22/1415".]

Bota-fogo 17 de Agosto 1866

Illmo Exmo Snr Conselheiro Ferrás

Permita-me VExa, que tome a liberdade de apresentar-lhe o Sr. Dr. Guilherme Naegeli, 2.º cirurgião do exercito, que deseja ter so- lução de um requerimento que apresentou a Secretaria da Guerra. Se VExa puder despensar qual quer tempo pa resolver a pretensão do Sr. Dr. Naegeli, far me-hia muito favor, e muito obrigaria aqueu é com muita estima e consideração

De VExa
Atto Vor Amo obro
eCro

Carta 32

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo três fôlios. Papel almaço pardo sem pautas protegido por papel manteiga. E inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "- 24 -". Anotações a lápis do arquivo na margem superior esquerda "9/7/24/1.495".]

Meu caro amigo.

Paris 30 de Março 1837

Antes de deixar esse Paiz te escrevi participando te a rezolução, que havia formado de passar-me a Europa com o fim de viajar, e de aplicar-me ao estudo de algum dos ramos de sciencias naturaes, como sabes, que foi sempre meu dezejo, visto o plano, que á muito me tinha traçado de buscar em outra carreira, meios de fundar meu futuro estabelecimto abando nando aquella pa a qual me habilitavão meus estudos de Jurisprudencia. É para informar te do sucesso deste projecto, e não menos pa renovar o prazer tantas vezes enterrompi- do de tua comunicação, que te derijo a preste, dezejando que ella axe em teu coração o acolho de efuzão dos mms sentimentos, que neste momto sente ma alma com a recordação e lembrança de nossa amizade, consideração esta, á que meu Angelo, sem a menor duvida me presto, e na mor certeza me entrego. Consumei o maior dos sacrificios, meu

amigo! pus-me acima das mas forças pa vencer as lagrimas de ma Fama, pa me vencer a mim mmo sobrepujando o excesso de filial afecto, pa aventurar nova carreira, e apurar ainda sentimtos já tão apurados em 6 annos de separação daquelles, de quem um só minuto dezejara viver separado! Em 4 de Junho sahi das Alagôas, e em 15 de Pernambuco, donde com uma viagem não mais de 45 dias xeguei ao Havre. Depois de demorar-me algum tempo aqui e gozar estas primeiras impressões de uma Cidade como Paris, pois que então se axavão feixados os cursos, que pretendia frequentar, rezolvi aproveitar as fereas dando começo as mas viagens. Em 7bro sahi pa a Belgica, onde o dezejo de estudar o sistema penetenciario, a curiozidade de ver a cultura dos campos elevada a tão gde perfeição, e as maravilhas da industria me retiverã o ate dias do mez de 9bro; tempo em que a abertura aqui das aulas e a aproximação do inverno me forçarão a volta. Para aqui tornei, e desde então me axo aplicado ao estudo da Quimica sciencia, que fas objecto principal de meus esforços, e á qual me darei em todo o tempo a que tiver de passar em Paris. À esta simples expozicão com o dos tormentos, que me causou a terrivel e penoza estação, que vem de passar, a certeza, que a pezar de um clima tão rude, tem o teu amigo sido favorecido de sofrivel saude, se deverião limitar as novas, q de mim tenho a dar-te; se não considerasse, que o interesse de tua amisade a meu respto se estende a uma outra epoca a lem do passado, e até do preste. Querendo pois por te as cor rentes de todos os meus designios te direi qual a aplicação, que de meu tempo pretendo fazer. Continuarei aqui com o meu estudo de Quimica até Agto: nesse tempo deixarei a França

IV com o intuito de vezitar as prizões milhormte estabelecidos segdo o sistema penetenciario, que ainda aqui não existem, os estabelecimtos agricolas, e os trabalhos das minas. Para satisfazer este triplicado fim, passarei ainda na Belgica, e vezitarei a Hollanda, a Prussia, Allemanha, e Suissa, e me recolherei a Italia à fim de ali procurar azilo contra o inverno. Na primavera do anno vindoiro aqui me recolherei, prosequirei o curso de meus trabalhos até Agto: e tomarei 7bro e 8bro pa vezitar a Inglaterra, e a Escossia. Assim feixarei o curso de mas viagens, e de meus estudos embarcando me naquelle tempo para o Brasil, onde pretendo passar o natal de 1838 em compa de ma Fama. Taes são mas intenções, meu amigo; resta só que pa as executar me não apareção embaraços invenciveis, que em verdade não espero ter. Dezejarás saber, meu Angelo, se estou contente com o passo, q dei de vir à Europa? Oh! meu bom amigo, é esta certante uma coiza, de que nunca poderei arrepender-me. Oxalá que a mais tempo o tivesse feito! e que meus 6 annos (oh qto eu os amo!) que perdi na inutilidade de nossos meus estudos de Olinda, os tivesse aqui empregado! ou que ao menos a tão longa e já avansada idade de meu Pae me não impozesse a lei de voltar junto á elle pa adoçar-lhe a taça da velhice: eu te confesso, que não voltaria em 5 annos. Não ha pois, meu ao onde se possão axar mais favoraveis recursos para um homem, que quer aplicar seu tempo aos estudos.

Agora que assas te tenho fallado de mim, vou tão bem ocupar-me com tigo para perguntar-te como estás meu Angelo? como passa tua estimavel Snhora? Gozas os prazeres de pae? quantos filhinhos tens? Da-me todas estas informações, que agradaveis me são pr que nellas deves julgar interessadas meus propios prazeres. O Ceo derrame sobre toda a tua pequena Fama todas as graças que pode apetercer-te a ma sincera estima, a nossa antiga e boa amizade: e como te peza o fardo dos trabalhos publicos? Tem assas de bom senso os teus os nossos patricios pa fazerem justiça às tuas bòas qualidades e merecimento! Ah! não sejas ingrato, comunica-me tudo: a amizade tem direito a roubar um instante ao Foro! Se quezires saber coizas da Europa procura a pessoa, pr qm te derijo esta; é o Sr. Coronel Lima, Patriota verdadeiro e Cidadão util, que se recolhe ao Pais com meios de lhe ver mais prestante, fruto de seus estudos, e experiencia de suas longas e interessantes viagens em quase toda a Europa, e nobres dezejos de milhoramto do Pais. Pesso-te mto que o procures, eque cultives sua boa e prestante

2r. amizade. Que saudades nos causa elle a todos os Brasileiros, que o amava-mos pela sua pessoa, e respeitavamos pr suas qualidades! Por elle saberás tão bem mais miudas noticias mas.

Adeos, meu Angelo. Põe-me na lembrança de tua estimavel Esposa com as mas nottas de respto e estima. Ensina meu nome a teu filhinho, e tu mmo lembra-te do teu amigo

Cansansão

Os nossos amigos Correa e Antonino estão bens. O Netto douctorou-se em Pisa; deo um passeio na Italia, e em Junho volta pa Pernambuco, de preste aqui se axa e com saude, dado aos seus romanismos.

Carta 33

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço amarelado sem pautas. Marca d' água ilegível na margem superior esquerda. Carta escrita a pedido do remetente. Anotação do arquivo na margem inferior esquerda, "9/4/10/1311".]

Ao Illmo Exmo Snr Conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz cumprimenta seo Amigo e Collega oConselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, e roga a S Exa o obsequio de informal-o se S M O Imperador descêo hoje de Petrópolis Petropolis .

Em 9 de Fevereiro de 1861.

Carta 34

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo quatro fôlios. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "- 6 -". Anotação do arquivo na margem superior esquerda, "9/6/21/1414".]

São Petersburgo 28 Outubro 1866.

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Conselheiro,

Cumpro um agradavel dever communicando a V Exa a minha feliz chegada a esta capital, onde lhe offereço com vivo prazer e do modo mais cordial meu limitado prestimo para tudo quanto Vossa Excelência quizer ordenar-me.

Aqui estou finalmente entre o gelo. - Deixei a familia na Allemanha, porque nem seria prudente traze-la nesta rigida estação para um clima tão inhospito como

1v. este, nem com os meus vencimentos eu teria meios de a manter com a necessaria decencia em S Petersburgo, a cidade mais cara de todo o globo.-

Esta missão é com effeito uma bem triste recompensa dos perigos a que me expuz e dos incommodos que supportei para servir o meu paiz !

O Snr Callado, que V Exa tão justamente protege, aqui tem aguentado a pé qua do apezar de não gozar muito boa saude e de lutar com todos os outros inconvenientes que esta residencia offerece. Espera elle,

2r. e com razão, fazer assim jus a uma p omoção. - Tenho tido o prazer de ser testemunha do bom acolhimento que em geral aqui se lhe faz, tanto nos circulos officiaes como na sociedade mais grata do paiz. - Todos me fallão bem delle, e o proprio Principe Gortchacoff, Ministro dos Negocios

Estrangeiros, na minha primeira visita servio-se da seguinte phrase [: - "Mr le Ministre a un Secrétaire qui est très aimé ici par tout le monde."]

Causou-me vivo prazer a noticia da victoria alcançada pelas

2v. nossas armas no combate de Curuzú. Prescindindo de meus patrióticos sentimentos, fui eu um dos primeiros brasileiros que arriscarão a pelle n'aqu'elle paiz de salteadores, e essa circunstancia actua sobre o meu espírito e augmenta ainda o meu rancor contra os vândalos do Paraguay. -

Offerecendo ainda uma vez meus serviços neste paiz, peço a V Exa mui encarecidamente número dos seus fieis criados e mais sinceros amigos, e acceite as expressões expressoens da subida estima e distincta consideração com que tenho a honra de ser De V Exa Humilde criado, amo obrigadmo e mto resp Vendor

Cesar SauvanVianna de Lima

Carta 35

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço sem pautas. Inserção, por terceiros, em vermelho, "- 7 -" e da letra "R" na margem superior esquerda. Anotações do arquivo na margem superior direita, "P9M3" e na margem esquerda, "9/3/7/1271".]

Illmo e Exmo Snr Conselheiro

Depois que tive a honra de escrever a V Exa em 13 do corrente, respondendo á carta de V Exa de 6, julgou o Presidente necessario fazer modificações no pessoal da policia de Marianna pareceu me inconveniente a largueza das substituições: algumas propus de motiv proprio, e erão indispensaveis; outras forão logo consideradas como reacção e o resultado não se fez esperar. Silveira Lobo veio á capital declarar nos guerra a todo transe. Como disse a V Exa o triumpho d'esse candidato he certo, e o de seus actuaes aliados - Mello Franco e Paulo Santos - torna-se provavel se não houver homogeneidade de vistas nas influencias contrarias. O Conso Santos he aqui apregoado como candidato do governo, apesar de affirmarmos sempre que o governo não tem candidatos seus, a fim de tornar mais facil a aceitação d'esse nome pelos opposicionistas extremos de influencia de Marianna. Néstas condições, julgo desonrosa para o governo a derrota do Conso Lisboa, e me parece que por elle se deve trabalhar com affinco. O Senador

1v. Teixeira de Sousa promette regressar brevemente á capital, da fazenda onde se acha e estimaria que V Exa lhe fisesse constar o que julga melhor sobre o assumpto, para não neutralizarmos os esforços

Sou com a mais distincta consideração

De VExa

Servidor atto e affso

Ouro preto 18 de Novo
1860.

Carta 36

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo três fólhos. Papel almaço sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "- 2 -". Marcas de ferrugem em formato de grampo na margem superior esquerda. Anotação do arquivo na margem superior esquerda, "P9m5n2" e "9/5/2/1330".]

Vienna, 11 de Setembro de 1863

Ilmo Exmo Snr Conselheiro A M da Sa Ferraz

Com muita satisfação recebi as lembranças que V Exa teve a bondade de mandar-me, e sinto bastante que, por diferença de dous dias, me escapasse uma ocasião tão favoravel de ver a V Exa e de pôr-me todo às suas ordens. Mas velhos incommodos, que de vez em quando se exacerbam, me obrigaram air procurar algum allivio longe da minha . Como sabia que V Exa daqui seguia para a Suissa, e alguns dias gastaria na viagem antes de recolher-se a Paris,

1v. guardei-me até este momento para dar-lhe, com letras minhas, um signal do quanto aprecio as lembranças de V Exa e desejo a continuação d'elas d'ellas . E dando agora esta expansão aos meus sentimentos, aproveito a oportunidade para pedir a V Exa que me honre com as suas ordens, e creia que sou com toda a sinseridade De V Exa Affso amo e attento Venor e Cro

Domingos José Gonçalves de Magalhaens.

2r. P.S. Estive hontem com Mr Falcinile que aqui chegou ha 4 dias; dei-lhe noticias de V Exa que lhe causaram muito prazer, e pedio me que o recommendasse á lembrança de V Exa.

Carta 37

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fólho. Papel almaço sem pautas. Inserção de terceiros, em vermelho, na margem superior direita, "- 2 -". Anotações do arquivo na margem superior direita, "9/6/17/1410".]

Exmo Sr. Conselheiro.

Peço-lhe encarecidamente a baixa do portador Felicio Antonio da Silva, soldado do 7.º Batalhão de Voluntarios, que se bateo na Ilha de Itapirú onde recebeo duas balas que lhe inutilizarão o braço esquerdo, deixando no peito mal incuravel. VExa digne-se velo, e reconhecerá a verdade. Este pobre homem tem mulher e filha, que o acompanharão na guerra. Não póde mais servir, e não está pago de seos vencimentos. Elle agarrou-se com a Josefina que se junta á mim para lhe pedir este grande favor.

Sempre com mta dedicação.
Amigo, admirador e mto obro

S. C. 4 de oit 1866.

Dor Antonio Ferreira Viana.

Carta 38

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel almaço sem pautas. Monograma e brasão no centro superior do primeiro fôlio onde consta uma figura circular sobre a qual repousa uma coroa. Dentro lê-se: "Deus é meu Rei" e no centro duas letras "M" sobrepostas. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "-12 -". Anotação do arquivo na margem superior esquerda, "9/6/27/1420".]

Londres, 8 de Outubro 1 de 1866

Exmo Snr Conselheiro,

Meu Tio remetendo me de Hamburgo a inclusa Carta para dirigil-a á V Exa, tomo a liberdade de acompanhal-a com estas linhas.

Lembra-me perfeitamte o benevolo acolhimento que me fez em Paris, e reconhecido offereço á V Exa o meu fraco prestimo, assegurando o de que terei muito prazer se por ventura poder ser lhe de alguma utilidade.

Assigno-me com respeito De V Exa
Criado attencioso

Egas Moniz de Aragão

Carta 39

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fôlio. Papel Almaço amarelado sem pautas. Marca d'água ilegível na margem superior esquerda. Observação feita por terceiros: "Para responder". Extremidade direita do documento com dobras e rasgos. Inserção da letra "R" na margem esquerda. Observação escrita a lápis, por terceiros, na margem inferior. "O Gabinete continua essa politica, {em} que estimo, e nenhuma razão há para que se mude. Os receios {e acusações contras}, são infundados, e talvez sejam procura-dos para algum plano opposicionista. Pode Vossa Excelência confiar nas1 nossas boas intenções, e segura marcha". Anotações do arquivo na margem superior direita, "P9 m3" e o número, "- 8 -" em vermelho. Outras anotações na margem superior esquerda, "9/3/8/1272".]

Illmo Exmo Ao Sr. Angelo Muniz da S Ferraz

Conheço q o tempo é precioso, pa qm tem mtto em q emprega-lo, e pr isso procurarei ser laconico na ma queixa, ou como melhor, se poder chamar em drto. As saquaremas daqui dizem q o governo esta fixo em não ter a mais pequena atenção pa as pessoas de outra opinião, e mmo q o governo provincial seguirá no caminho da reação; e os factos parece justificar este pensar. Não posso ter isto como exacto, e nem me parece util ao G; , porem elle melhor conhece o q lhe convem. Não me animo a respeito fazer pedido algum, porem creio q me será licito pedir a V Exa, e aos mais membros do Ministerio q preste alguma atenção á marcha dos partidos n'esta, e q não sacrifiquem os interesses d'esta provincia a pequenos interesses. Lastimo a de ma provincia á tantos annos sacrificada a interesses mesquinhos Se sou inoportuno perdoe-me V Exa, como amigo, a ma franquesa, e creia q com toda a estima e consideração sou De V Exa Collega e amo mto obro e afecto

S Paulo 8 d'Abril 1860

Franco Anto de Souza Qs

Carta 40

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo quatro fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Marcas de corrosão no quarto fólho. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "-14-". Anotações do arquivo na margem superior direita, "9/6/30/1423".]

Hamburgo, 6 de Outubro 66

Meu caro Ferraz,

Com o costumado prazer recebi hoje, por via do [Araujo](#), sua prezada cartinha de 7 do passado, e [apresso-me](#) a responder-lhe.

Tenho tido muito [pezar](#) na [demora](#), independente de minha vontade, da remessa dos 3 vapores. A [aparição](#) do [cholera](#) na vin hança da [fabrica](#) não me privou de ir pessoalmente examinar o fabrico etc, isto prova o interesse, que, depois de minha chegada aqui, [á](#) confrição dessa [incommenda](#) d'antes feita. Felizmente posso-lhe hoje asseverar que já pude achar o navio = Uranus = que [ha](#) - os partir por todo o [mez](#) e com [elle](#) irão todos 3ª. Dessa maneira

1v. ficará tranquilo seu [espirito](#) sobre os boatos [inexactos](#). Fez V. bem não acreditar na opinião errada, que correu. Logo que receber os conhecimentos lhe [remetterei](#) por vapor com as contas, de que acha encarregado [oBarão](#) Espero fazer tudo a seu contento.

Na verdade não lhe tenho [escripto](#) a alguns vapores, não por [esquecimento](#); porque ainda não passei o Leshes, como vocês [ahi](#) -; [más](#) sim porque não gosto de ser importuno, a [aquelles](#) que vão se esquecendo dos amigos do outro mundo. Sempre lembro-me de V. e não me esqueço de ser grato. Se minha [memoria](#) me não falhar

2r. creio ter-lhe [remettido](#) uma vez, em [signal](#) de lembrança, um [numero](#) da Indépéndance belga.

Peço-lhe de pôr-me em presença [á Exma](#) Senhora [D](#) Francisca, minha Senhora, abraçando seus lindos filhos. Eu aqui fico, como sempre [prompto](#) a seu dispor.

Ultimamente mandei, com um relatório relatorio a respeito das armas a agulha, 2 folhetos ao [Ministerio](#) dos Estrangeiros. Talvez, que V. disso tivesse conhecimento. Pena, que [aFrança adoptará o sistema](#) -do chassoport. Os Estados Unidos tem [tambem](#) um modelo de armas muito bons. Cada fabricante

2v. [recommenda](#) o seu [producto](#) como melhor. Compete aos governos interessados o exame do melhor a [adoptar-se](#)

Adeus ! Desculpe a [secca](#), ficho de ser-lhe [util](#)
Do Amigo e Parente agradecido

F. Moniz.

Carta 41

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo três fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Marca d'água ilegível. Anotações do arquivo na margem superior direita, "19/14/16/3.924"]

[Exmo Sr.](#) Presidente do Conselho.

Ignóro se o empresario da defesa do governo no jornal do Commercio submete á revisão de Vossa Excelência os artigos pagos pela secretaria da justiça. Se os não submete, não he ainda Vossa Excelencia responsavel pelo ridiculo insulto que em de supostas allusões ao imperador me atirou um buffo no communicado entrelinhado, que acabo de têr naquella folha.

Mas se V Exa não he ainda o responsavel, - tomo a liberdade de perguntar-lhe que satisfação me pretende dar de sorte que o publico saiba expressamente que V Exa repelle tão estupida tentativa de injuria?

1v. Conhecendo-me V Exa mais do que alguns de seus illustres collegas, visto que nossas relações teem sido mais intimas, cabe-lhe tambem imprimir a sua policia nos seus impetos de diffamação contra o escriptos que, como V Exa sabe, nunca solicitou de ministro algum o menor favôr pessoal e os teem regeitado de alguns que lh'os offerecerão.

As graças ou condecorações podem ser uma coisa appetecivel e longe de mim o contesta-lo, quando vejo homens eminentes por seus talentos e posição ambicionarem as mais humildes funções

2r. do paço; mas V Exa comprehende bem que taes mimos não podem ter influencia sobre o animo agreste de quem prefere a independencia e dignidade ao validismo embóra dourado.

Pensando, como V Exa quando inspetor da alfandega, que o verdadeiro merecimento não augmenta, nem perde de valôr por decreto imperial, peço-lhe permissão para, no caso de V Exa não me dar a satisfação exigida, poder eu publicar esta carta.

De V Exa
eita e igad criado

F. Octaviano de Almeida Rosa.

H. 26 de março de 1860

Carta 42

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento cotendo um fólío. Papel almaço pardo sem pautas. Anotações do arquivo na margem inferior esquerda, "19/14/9/3.917".]

Meu charo Ferraz.

Apanhei hontem a chuva da noite e passei incommodado. Não vou hoje á cidade e porisso te previno que o nosso dia de entrevista e desafogo será amanhã. Desejo que atravesses o dia 9 (hoje) sem que te arranquem as tripas.

Teu amo

F. Octaviano

9 de nov de 64.

Faze-me o favôr de explicar ao Gomes a razão porq hoje o não procuro. Dize-lhe que mtu cedo lhe fallarei amanhã.

Carta 43

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Marca d'água na margem superior esquerda "GABINETE DO MINISTRO DOS NEGOCIOS DA GUERRA". Margem direita do primeiro fólho e esquerda do segundo corroídas por traças. Correspondência dirigida originalmente ao Saraiva com cópia para Ângelo Ferraz feita pelo próprio remetente. Anotação do arquivo na margem inferior esquerda, "19/15/3.953".] Cópia

[-{Saraiva}]

Buenos Ayres 27 de Junho 65=

Não quero que saia o Tavenes para Montevideo sem acrescentar-te algumas linhas ás de hontem pelo paquete inglez. Do meo desta data verás o que se diz na Esquadra. Pelo amor de Deos manda-nos officiaes e marinheiros. O que fazem os chefes, capitães de fragata e capitães tenentes por ahi ? Que venhão ganhar postos, sem ser por patronato. Manda-nos o Alvim. Porque ainda não vierão os morteiros que o Almirante pede ha um seculo e eu pedi logo que do Rio cheguei a Montevideo ? Hás de Hasde lembrar-te que te mandei um documento a respeito dos saques de Mauá em favor de Lopes. Já examinei a questao. Não podia o banco deixar de faze-lo, porque era depositario de fundos do Agente de Lopes que ali estavão ha muito tempo. Este exigio um saque para Sousa e o Banco lh'o deo. Mando por este paquete ao Ferraz quanto mappa, planta e carta encontrei por aqui com utilidade, para o estudo das operações de guerra. Adeos por hoje. Se amanhã houver alcance ainda te escreverei.

Teo amigo F. Octaviano.

28 de Junho.

Enquanto os fluminenses, Paraenses, Bahianos se sustentao no

1v. Exercito com bravura, nas infantarias, a honra do Brasil, os Rio Grandenses desertão e fogem, de sorte que estamos com ridicula cavallaria, segundo me informa o Ramon Gomes que hoje chegou do Uruguay. Saraiva. Manda-nos marinheiros e cuida da esquadra, porque (não te illudas) as tuas filhas (canhoneiras) estão invalidas. No Hospital está um cadete já idoso, Mello, que por ser preto nunca foi promovido: é um bravo, cheio de cicatrizes!... Manda logo procurar a pobre velha, mae do Capitão-tenente Bonifacio. O filho é que a amparava: ampare-a o governo com alguns soccorros ate que as camaras lhe approvem a pensão que has de dar-lhe naturalmente. Desculpa-me se tenho cuidado pouco da diplomacia, mas o exercito e marinha não me deixão tempo para mais. Mostra ou diz ao Ferraz tudo isto que te escrevo. Estou ancioso pelo relatorio do Consul Pereira Pinto. Creio que anda mal a administração do exercito. Felizmente Roriz me diz que a tudo roverá.

Teo F. Octaviano.

Carta 44

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo quatro fólhos. Bordas superiores corroídas. Papel almaço pardo sem pautas. Anotação do arquivo na margem superior direita, "19/15/8/3.956".]

Buenos Ayres 14 de agosto 65.

Ferraz.

Já te mandei pelo S. Francisco tudo quanto julguei importante para teu conhecimento e do Imperador. Mando-te agora pela Imperatriz o que de então para cá se tem feito.

Com a leitura dos meus rabiscos e da Nacion Argentina ficarás a par de tudo.

Manda me a resposta de Sua Magestade ao Mitre. O Flores escreveu-me que acompanharia a Mitre. Elizalde tambem irá. Rogo te que desde já prepares o animo Imperial a escusar me, porque se eu fizer a viagem a São Gabriel morrerei seguramente.

Ante - hontem correu que Canavarro abandonará a Uruguayana e que os paraguayos alli entrarão

1v. sem resistencia. A verificar se o boato, não compreendo a bellesa do plano! O que he verdade he que Canavarro, com a sua excessiva prudencia, tem tolhido os movimentos do exercito aliado que não póde marchar, tendo a um lado Urquira e seus ardis, e do outro lado Canavarro e suas... não sei quê.

Explica me o que quer dizer esse commando em chefe do Porto Alegre, reformado, estando ahi o Caldwell, valento, dedicado e de activa. Aqui entre os militares brasileiros de terra e mar causou a noticia uma impressão desagradavel, não porque se desconfie da aptidão do

2r. nomeado, mas porque enxergão québra de principios hierarchicos e injustiça para com o Caldwell.

Mostra ao Imperador esse memorial e annexos que para elle me forão entregues. O signatario he conhecido do Senhor Conde d'Eu ou reporta se a Sua Alteza quanto questão scientifica.

Recebi hontem um officio teu para o Osorio que do Rio se me diz ser de grande impôrtancia. Se o almirante não seguir nestes dois dias para o Uruguay, tenho de mandar ao acampamento uma pessoa de confiança para levar o teu officio.

2v. Osorio tem se visto atrapalhado com as chicanas do Guimarães, da casa Mauá de Montevideo, e com os grandes escrupulos do Deschamps, a quem não se deu parte do novo contracto. Já cortei o nó uma vez mandando-lhe 50,000 soberanos. Participa-me agora que sacou sobre mim: ainda não me apresentáras o saque. Fica sabendo que tão delicados, intelligentes e amigos do Brasil são o Amorim e o Leslie, gerentes da casa Mauá em Buenos Ayres, como intractavel, presumido e blanco he o Guimarães que dirige a de Montevideo.

Carta 45

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo dois fólios. Papel almaço pardo sem pautas. Marca d'água ilegível na margem superior esquerda. Inserção de terceiros na margem superior, "Urgente". Anotações do arquivo na margem superior direita, ao lado da data, "19/15/14/3.962".]

Buenos Ayres 28 de agosto 1865

Meu caro Ferraz.

constante o trabalho de correspondencia com Osorio, Porto Alegre e mmo com a tua repartição.

Tive necesside de tomar um addido militar e chamei, com accôrdo do Saraiva, o capitão Francisco Tiberio Freitas dos Reis.

A posição junto a mim e a onerosa subsistencia em Buenos Ayres fazem com que eu não lhe possa dar menos de 3.000\$, q he o q tem os addidos e assim mmo he muito pouco.

1v. Entretanto não ousa nada decidir sem previamente consultar-te.

Manda me dizer o que entendes sobre isto, e se lhe devo dar aquella quantia com o de gratificação, fazendo cessar quaesquer outros vencimentos militares, menos cavalgadura, que he um achêgo necessario.

Tenho urgencia na decisão e rogo te que sejas benevolo pa

Teu Amigo

F. Octaviano

Carta 47

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fôlio. Papel almaço pardo sem pautas. Marca d'água ilegível na margem superior esquerda. Anotações do arquivo do lado esquerdo da assinatura, na margem inferior, "19/15/4/3.957".]

Buenos Ayres 21 de dezembro 1865.

Meu caro Ferraz.

Domingos Antonio Chaves pede demissão do lugar de 3.º escriptuario da pagadoria do exercito do Osorio. Rogo-te como especial obsequio que nomêie pa essa vaga o Annibal Paz da Silva, filho do nosso bravo coronel Fidelis, que apesar de mal seguro nas moletas pelas feridas de Jatahy se está apromptando para ir com o Tamandaré desembarcar na Assumpção.

Teu amo.

Francisco Octaviano.

Carta 48

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fôlio. Papel almaço pardo sem pautas. Inserções de terceiros em tinta azul, "1866". Anotações do arquivo do lado esquerdo da saudação final, "19/14/14/3.922".]

Ferraz.

Mande traduzir e publicar em todas as folhas daqui, de Montevideò e das provincias a tua resposta ao Lopes.

Ahi te mando a traducção da folha francesa para a remetteres neste mesmo paquete para a Europa.

Ordena ao Moreira que a vulgarise.

Eu cortei alguãs palavras no fim que fazião mau effeito.

Teu amo

F. Octaviano

Carta 49

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo sete fôlios. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na transversal: "Respondida a 23 janeiro 66" na margem superior esquerda. Pequena seta na margem direita superior. Anotações do arquivo na margem superior direita, "19/14/39/3.946" repetida, também, no quinto fôlio.] Reservada.

Ferraz.

Buenos Ayres 11 de janeiro 66. - meia noite.

O almirante acaba de estar comigo. Abafara seus ressentimentos e cumprira o seu dever. Estamos activando os meios da passagem do exercito. O Carvalho, chefe da comissão de engenheiros, veio buscar tudo qto lhe faltava e... era muito. Todavia creio que se continuação as agoas a engrossar de 15 a 25 de fevereiro, estaremos no territorio paraguay. Vencida essa difficuldade, parece-me que o mais não custará mt. Podes garantir ao governo que do nosso exercito ha uns 15 a 20 mil homens que vão para 40.000 paraguayos. Autorides insuspeitas e officiaes argentinos, me dizem que Osorio tem creado o verdado espirito militar no exercito brasileiro e que o entusiasmo da nossa gente redobra com a aproximação do perigo.

1v. Mando te esta carta pelo filho do Sergio de Macedo, a quem abonei passagem no Carmel, só com o intuito de que te chegue a tempo de, activa e aceleradamente, mandares contractar até 30 calafates, custe o que custar, que farás embarcar logo no mesmo Carmel. São essenciaes os serviços dos calafates para darem toda a segurança às canôas de desembarque que mandeiconstruir.

Isto he urgente. Por Deos, não me respondas com um adiamento. Como por aqui se espalhou que o Lobo estava doente, não me diriji a elle e sim a ti. Se for, como desejo, falsa aquella noticia, entende te com elle e pede lhe que me desculpe, porque a ma intenção he somente não perder tempo.

2r. Recommendaste me que intervisse no novo contracto de fornecimento. Mas quando chegou-me o teu Aviso, ja o contracto novo me era **comunicado comunicado** pelo Osorio. Devo dizer te que o governo argentino não acha excessivos os preços e os vai adoptar tambem. A mim me parecerão excessivos. Mas não sei se administrativamente fariamos melhor e mais barato. Todas as informações, argentinas e brasileiras, são que os fornecimentos do nosso exercito se fazem com perfeição. Exigi dos contractadores que tivessem grandes depositos sobre água agoa em navios que comprarão, a fim de evitar qualquer picardia de Uguira ou da sua gente. E também também mandei organisar um deposito, por conta do governo, para 15 dias com generos que

2v. não se deteriorão facilmente para prevenir toda a emergencia desastrosa.

O RochaFaria está fazendo reaes serviços. Vão para o exercito, a custo de 3\$, vestuarios de verão que alli se tem vendido a 6\$500, e com a diferença de serem costurados com segurança e talhados em materia prima superior. Como isto, he tudo o mais que elle está mandando. Verás, depois, que foi uma desgraça para os cofres publicos não se ter desde o principio confiado este serviço ao Faria.

De cada objecto que ele remetter para o exercito irá uma amostra para a côrte, outra para o Osorio a fim de confronta la no recebimento, e outra ficará aqui depositada. São precauções que eu julguei uteis.

3r.

A ultima data que tenho do Porto Alegre he de 11 de desembro. Estava a espera das ultimas coisas q exigira. Mandei-lhe depois um proprio para que me declarasse officialme quanto precisava de dinheiro para pôr a sua gente em dia e de recursos para cumprir as ordens do governo.

Deve chegar por estes [tres](#) dias a resposta.

Lembro-te que deves desde já olhar [pa](#) o futuro. O nosso [exercito](#) não poderá voltar senão já no começo do inverno, caso sejamos felizes, como creio. Porque não mandarás comprar em França todos os novos [vestuarios](#) de inverno? Tenho visto aqui alguns que [vierão](#) para o governo argentino, os [quaes](#) são um [primôr](#) de obra e de barateza. Mas não mandes algum menino bonito; manda um homem sério.

3v.

Se resolveres alguma coisa a este respeito, avisa logo ao [Osorio](#) para que não tome [providencias](#) em sentido [contrario](#).

Tenho de [remetter-lhe](#) por estes dois dias cem mil libras que mandou me pedir. Não sei se ainda por este paquete terei de mandar te os saques.

Se tiveres [ahi disponiveis](#) mais 6 bocas [defogo](#) de 12, manda as com toda a brevidade com ordem de seguir logo para Corrientes.

[Osorio](#) me escreve com data de 2, um tanto queixoso de lhe mandares [officiaes](#) paisanos e [{de}](#) lhe teres suspendido o direito de dar patentes de comissão, quando [elle](#) estava [creando](#) artilheiros para as baterias novas. Pede me que te diga que o [exercito](#) redobra de [enthusiasmo](#).

4r.

[Inclúo](#) os [officios](#) que [elle](#) me mandou para ti, abertos por bem do serviço [publico](#).

Por hoje nada mais tenho a dizer te. Se [fôr necessario](#), ainda [additarei alguma](#) coisa.

Communica estas garatujas ao [governo](#).

Teu [amo](#)

F. Octaviano.

Carta 50

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fôlio. Papel almaço sem pardo sem pautas. Marca d'água ilegível na margem superior direita. Anotações do arquivo ao lado da data na margem direita inferior, "19/14/8/3.916".]

Ferraz.

Antonio Muniz [Telle deSampaio](#), que se portou [mto](#) bem no combate [doRiachuelo](#), volta para o Rio a cuidar da sua [familia](#), que está desprotegida. [Elle](#) precisa de meios de vida e eu te rogo que o premeies pelo seu comportamento dando-lhe algum emprego [estavel](#).

Nisto não só farás um serviço público publico, estimulando a dedicação ao [paiz](#), mas [tambem](#) um [obsequio](#) ao Teu [amo](#)

F Octaviano. B Ayres 11 de jan 66

Carta 51

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fólho. Papel almaço pardo sem pautas. Anotações do arquivo abaixo da data, "19/14/13/3.921".]

Exmo Amo Sr. Conselho

O JoãoGonsalves Paim, que vai tractar-se, pede me que obtenha deVExa dar lhe uma patente de comissão, quando regressar para o exercito. Mostra elle tão bons desejos de servir e de illustrar se que não ponho duvida em recommenda-lo á alta protecção deVExa, de quem sou Amo e Col Obro

F. Octaviano

B Ayres 13 de jan 66.

Carta 52

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fólho. Papel almaço pardo sem pautas. Anotações do arquivo na margem superior direita, "19/14/30/3.937".]

Buenos Ayres 16 de jan 66.

Ferraz.

Remetto-te officios que hoje me chegárão do Osorio. Mando-te tambem a carta do meu agente confidencial, que dá as ultimas noticias.

Mando te tambem o que me escreve Manoel Feliciano, de quem só tenho elogios a , devendo o governo fechar ouvidos a e intrigas contra tão digno servidôr.

Rogo te que mostres estas cartas a teus collegas, porq nada lhes escrevo sobre estas coisas de guerra.

Agradeço-te a nomm do fo do Fidelis.

Depois de vêres esse artigo do Courier , manda-o transcrever naEuropa.

Teu

F. Octaviano.

Carta 53

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros, a lápis no penúltimo parágrafo, "É preciso...". Anotações do arquivo na margem superior direita, "19/14/29/3.936'."]

B Ayres 27 de jan 66.

Ferraz.

Oficialmente te mando o que ha de mais importante.

O Carmel desta vez sahirá daqui no dia 4. Depois de sua sahida me prepararei e seguirei para Corrientes. De lá he que te poderei dizer com verde o que se passa e o que se póde prevêr.

O almirante não póde ainda partir, mas não se demorará mtos dias.

Estou desesperado pelo Vapor para levar os auxilios a Osorio e rebocar as escunas

1v. que tenho abarrotadas.

Teu amo

F. Octaviano.

Carta 54

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fólho. Papel almaço pardo sem pautas. Rasbicos a lápis na margem superior. Anotações do arquivo na margem inferior esquerda, "19/14/6/3.913".]

Buenos Ayres 27 dejaneiro 66.

Ferraz.

Agora ás 4 horas recebo estes officios que te remetto. Não sei se apanharei ainda o vapôr. São interessantes. A noticia da cheia no Paraná me dá força para fazer terminar os aprestos.

Teu

F. Octaviano.

Mostra ao Saraiva e ao governo.

Carta 55

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fólho. Papel almaço pardo sem pautas. Reutilização do papel, a lápis, por toda a extensão da carta. Inserção de terceiros na margem superior esquerda, "R-15-2-66 ". Anotações do arquivo, na margem inferior direita, "19/14/5/3.912".]

Ferraz.

Isto tem urgencia.

Osorio requisitou a RochaFaria que lhe apromptasse 15,000 fardamentos de inverno para o 1o de abril.

Mandei sustar esta fabricação, até resposta tua.

O que he que tens preparado neste sentido ?

Se puder, te mandarei amanhã o preço porque póde ficar cada um desses fardamentos _ com bôm

panno e feitos sob a inspecção do Faria.

Mas como talvez dahi te disponhas a mandar tudo feito, não quiz duplicatas.

O tempo urge : no meiado de abril ha frio e em maio elle se torna insuportavel.

Teu amo

F. Octaviano

B Ayres 4 de fevr 66

Carta 56

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior esquerda, "R. 15-2-66 ". Anotações do arquivo na margem superior direita, "19/14/33/3.940".]

Buenos Ayres 5 de fevr 66.

Ferraz.

Houtrora te escrevi sobre o pedido feito pelo Osorio de roupa de inverno no Rocha Faria. Já te disse que o Faria prefere o bem do serviço ao lucro seu particular e assim não quiz satisfazer ao Osorio antes de saber se tinhas prevenido este negocio. Manda me dizer tudo o que pensas e o que queres que se faça. Se acaso pretendes dahi mandar tudo, então he necessario que por meu intermedio venha um Aviso aos generaes que não comprem nada a ninguem, porq os especuladores daqui já preparão coisas ordinarias e carissimas para irem offerecer ao Osorio e Barão.

Tenho urgencia da resposta.

O Faria para poderes resolver

1v. com acerto te manda as amostras dos pannos e os preços. Sabes que a questão de ouro e papel faz aqui fluctuar {constantemente} o valôr de um e de outro e portanto naquelles preços haverá algua variação q não será grande, favoravel ou desfavoravel a nós.

Sei que não demoras resposta; mas de novo te peço urgência.

Teu

F. Octaviano

Carta 57

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo sete fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem esquerda superior na horizontal, " R. 24-2-66. " e "Confidencial". Reutilização do papel por terceiros, a lápis, no segundo fólho e na margem inferior do quinto fólho. Anotações do arquivo na margem superior direita, "19/14/40/3.947".] {Confidencial}

Buenos Ayres 15 de fevr 66.

Ferraz.

Houve um combate a 31 de janeiro entre a divisão daguarda nacional de Buenos Ayres e uma colum-

[na paraguay](#) no Passo da [Patria](#).

Sabe-se confidencialmente que essa [columna](#) pelejou com uma bravura excepcional e que os portenhos estiverão a ponto de ser esmagados, porque destróçados [ficarão elles](#).

Foi [util](#) a [licção](#) para [cura los](#) da vaidade e da [imprudencia](#).

Mitre os mandara como [exploradores](#) para policiarem; e [elles quizerão](#) fazer uma [acção](#) d'eilat e pensáaro que lhes bastava desembainhar a espada para fazerem fugir o inimigo.

1v.

Logo que aqui chegou a [noticia](#) parecida com uma derrota exaltou se o [amôr proprio](#) dos portenhos e alguns [jornaes começarão](#) a [descompôr-nos](#).

[Accusavão](#) o [Osorio](#) de não ter vindo em [auxilio](#) !..

[Accusavão](#) a esquadra, [óra](#) de não ter impedido a passagem dos [paraguayos](#), [óra](#) de não lhes ter cortado a retaguarda.

A primeira [accusação](#) - contra [Osorio](#) - [he estúpida](#) e o general Mitre [comte](#) em chefe lhe mandou dizer que se não movesse.

A segunda contra a esquadra - [he miseravel](#). Pois não [he](#) melhor que o inimigo venha bater se

2r. do lado de cá; onde temos um exército de 50 mil homens e estamos amparados por todos os nossos recursos? Quem perde as suas vantagens [he](#) o inimigo.

A terceira tem [{algun} fundamento](#) : - creio que uma canhoneira de observação poderia dar [signal](#) e com outras duas irem impedir a retirada do inimigo. Digo - creio - [porq](#) não ousou [affirmar](#) em [assumptos](#) militares.

Para que o governo fique com os meios de defender o [exercito](#) e a esquadra, te mando:

As peças [officiaes](#) impressas;

Os artigos dos [jornaes](#) mais importantes pró e contra;

2v. E cartas particulares.

[Accresce](#) : Que o general Mitre escrevendo a Tamandaré, e o o [Osorio tambem](#) lhe [pedirão](#) que daqui não [sahisse](#) sem mandar adiante todos os elementos [pa](#) a passagem:

Que os mesmos [generaes](#) lhe [asseveravão](#) que nada se [emprehenderia](#) de [offensivo](#) e só se guardaria a defensiva.

Acaso para se defender um [exercito](#) de [50,000](#) homens, em nosso, precisa se da [protecção](#) de uma esquadra? Então espero o [exercito](#) marchar pelo [Paraguay á Assumpção](#) levará barcos por terra?

3r.

O Antunes [emprehendeu](#) uma série de artigos [assignados](#) O me Nacion para responder ao Marniol [q](#) na

Tribuna se assigna o X.

E o mais he que o Marniol attribue a mim esses artigos por causa do O.

Se ahi me agredirem, autorizo-te a dizer q embora os artigos sejão bem pensados, bem escriptos não são meus. A parte que eu tenho nelles, tu comprehendes q he a da inspiração.

Tamandaré a 11 a noite estava no Rosario.

Chamo a sua atenção para o impresso no 9 em q o Marniol

3v. externa o pensamento de darmos Montevideo e o Paraguay á Rep Argentina para q tenhamos paz e verdadeira amizade. O arto está escripto com summa habilide, _ todas as premissão estão bem estabelecidas, restava saber se outra conclusão não se poderia tirar.

O Antunes lhe responderá.

Mando-te uma reclamação por ladreiras de forças ao mando do Barão de Jacuty. He essencial que de uma vez se dê um exemplo aos homens que no Rio Grande impedem a paz com os vizinhos.

Em outra carta te escrevo sobre outros

4v. assumptos.

Teu amo

F Octaviano.

Carta 58

[AIGHBA. Ant.pasta 19. Documento contendo quatro fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros de "N.15" sublinhado, em vermelho. Reutilização do papel na margem superior, onde aparecem anotações ilegíveis a lápis. Inserção de terceiros na margem esquerda superior, "R. 27-4-66". Manchas de ferrugem na margem superior e inferior do primeiro fólho e superior do segundo fólho. Anotações do arquivo na margem esquerda inferior, "19/15/1/3.149".]

Buenos Ayres 15 de abril de 1866.

Exmo Sr. Conselho Ferraz.

Os batalhões que ocuparão na noite de 5 do corrente com o tenente coronel Carvalho a pequena ilha fronteira ao forte do piri já se assignaláráo por uma brilhante victoria sobre o inimigo. Esses batalhões, segundo uma carta particular, erão o 7.º de voluntarios, o 14º de infantaria e parte do de engenheiros. Sinto não ter noticia official exacta para desde já os recommendar á estima nacional. Mas dizer a V Exa por informação do General Paunero que distinguirão se "em primeira linha" os voluntarios fluminenses e paulistas como se foram antigos veteranos do exercito

Aquella ilha he um excellente ponto de apoio para a passagem do exercito. De ambos os acampamentos comprehendem se logo a sua vantagem: do nosso lado, pela ocupação que realizámos e

pelas baterias que [alli](#) estabelecemos na noite de 5 do lado do inimigo, tentando [rehavê-la](#) com uma numerosa força escolhida de entre seus mais andares e adestrados batalhões.

Com [efeito](#) pelas 3 horas da madrugada do dia 10 os [paraguayos](#) em [numero](#) superior a mil homens de infantaria, [daquelles](#)

1v. que se [comprometterão](#) a abordar e tomar os nossos vasos encouraçados, tendo vindo no [silencio](#) da noite em 50 chalanas de 20 a 30 homens, [precipitarão](#) se com grande resolução sobre as obras de nossas [fortificações](#), dando os seus gritos [deguerra](#) com o alarido das hordas selvagens. Os nossos bravos concidadãos os receberão [á](#) queima roupa e com uma [impaciencia](#) temerosa [saltarão](#) por cima dos nossos [propios fósos](#) e rarão-se corpo a corpo com o inimigo

Cumpr [attender](#) a que desde a noite de 5 esses bravos [{ em numero de 800 a mil }](#) não [tinhão](#) tido descanso, quer trabalhando, quer sustentando fogo contra o forte, quer velando [á](#) noite pela segurança da ilha; e nunca [quiserão](#) ser [substituidos](#), declarando que seputavão sua honra empenhada em não [sahir](#) senão triunfantes ou mortos [daquelle](#) posto de honra.

Duas horas durou [aquella](#) peleja corpo a corpo. O resultado foi o mais completo triunfo para os brasileiros, deixando os [paraguayos](#) 300 mortos, 50 prisioneiros e mais de 16 chalanas em nosso poder, devendo de [conjecturar](#) com probabilidade de acerto que nas outras

2r. chalanas a pique teria havido grande perda de vidas.

Entre os prisioneiros figura o capitão Juan Mateo Romero que parece ter sido um dos chefes [principaes](#) da expedição contra Matto Grosso. O general Paunero, em uma carta de onde colhi a maior parte destas informações, observa que a captura de Romero [he](#) preciosa nas [actuaes circunstancias](#) por ser homem muito [pratico daquellas](#) paragens e terrenos e poder assim esclarecer os [generaes](#) sobre o melhor ponto para a passagem e desembarque dos [exercitos](#).

Ten a comentar a perda da [4.º](#)

De Corrientes me escrevem, com a chegada [alli](#) dos vapores [hospitales](#) "11 de julho" e Duque de Saxe que os nossos mortos [forão](#) 40 e os feridos 9 .

Ao raiar do dia o "Henrique Martins", entre a [{ paraguaya }](#) e a ilha disputada, auxiliado pelo Brasil calar as baterias do forte e da mesma costa que em desespero de causa [atiravão](#) sobre mesma ilha. O Henrique Martins recebeu um rombo a lume [d'agoa](#) e teve de encalhar para compôr-se.

2v. Escrevo a [V Exa](#) apressadamente e lhe peço desculpa pelo desalinho desta . O Recife a vai levar a [Montevideo](#) para vê se alcança o [vapôr](#) da linha de Liverpool. Mando [tambem](#) os boletins que [derão](#) os [jornaes](#) daqui a chegada do "Polux" que trouxe estas [noticias](#) . Mas sendo [elles](#) óra incompletos, [óra](#) [inexactos](#), penso [conveniente](#) que [V Exa](#) [communique](#) aos [jornaes](#) o que tenho tido a honra de levar ao [conhecimto](#) do governo.

Rogo a [V Exa](#) que por mim se digne de beijar a mão de [S M](#) o Imperador por este feito de armas, que foi aquilatado pelo general Paunero como um dos mais brilhantes que houve e haverá nesta campanha.

De [V Exa Amo](#) e [respor](#) criado

F. Octaviano.

Carta 59

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo três fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior esquerda "R._22_6_66 ". Anotações do arquivo na margem superior direita, "19/14/35/3.942".] B Ayres 28 de maio 66.

Ferraz.

Inclúo-te o boletim daTribuna . Sobre a ultima batalha não temos por óra mais detalhes. Porem providencie para que os tenhamos até amanhã ás 8 da manhã e nesse caso farei seguir em alcance a Montevidéo . _____ Manda-me cirurgiões com toda a urgencia . Este mesmo paquete deve trazer alguns.

Confidencialmente te digo que se me mandão más noticias retrospectivas dos hospitaes de Montevidéo . Incumbi ao barão do Amazonas, que alli está, de examinar a actualidade . Comprehendes? Não quero contendas.

1v.

Do Barão dePorto Alegre te inclúo tudo o que tenho recebido. Hoje lhe escrevi com toda a amizade.

He bom que tenhas essas respostas da Arteága as accusações dePallejas . Por isso t'as inclúo aqui.

O Carvalho talvez seja neste paquete. Houve seu desgosto entre elle e Osório; mas não tem transpirado e elle me deu palavra de que ahi não transpiraria. Vai com o pretesto de se entender contigo sobre cartas planos de operações.

Para mim, debes emprega-lo

2r. finda aguerra, em chefe da comissão de limites, pondo-o á ma disposição. Comigo não terá desgostos e eu o aprecio pela sua intelligencia e actividade .

Tambem vai o Pena, que se portou brilhantemente na Ilha e he digno de tua protecção .

O Andrade Neves, por enfermo, foi tractar se aoRio .

Tem feito bons serviços.

Teu

Carta 60

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo três fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior esquerda, na horizontal, "R. 22-6-66". Anotações do arquivo ao lado da saudação inicial, "19/14/18/3.926".]

Buenos Aires Ayres 28 de maio 66.

ExmoSr. ConselhoFerraz .

Pródigo de seu sangue, aváro de suas letras, o general Barão do Herval, que se acaba de cobrir de nóvos louros, não me escreveu sobre o combate do dia 24. Por isso apenas posso mandar aV Exa a

carta do general Mitre ao governo argentino e cópia do diario da esquadra, com que me obsequiou o distincto tenente Silveira da Mota.

O general Paunero, escrevendo seus amigos e familia, diz que os brasileiros e seu heroico general seu chefe são inexcediveis.

escreve 1v. Tambem incluo uma resenha das occurencias desde a marcha do exercito no dia 20 até 23, que preenchem uma lacuna nas anteriores noticias.

Dois vapôres nossos vão sahir, daqui e de Montevideo, para nos trazerem os feridos que possam possão vir para os hospitaes das duas cidades.

O sr. Visconde de Tamandaré ao sr ministro da marinha sobre o combate de 24, segundo me foi co-

2r. municado. Possa elle ter tido informações minuciosas e tempo para recommendar á veneração nacional os bravos que a souberão merecer com o sacrificio da vida!

DeVExa
Amo e obro criado

Carta 61

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior esquerda, na horizontal, "R. -5-9-66". Anotações do arquivo na margem direita, "19/14/21/3.929".]

Corrientes 9 de agosto 66.

Ferraz.

Como sempre esperei, dissipaste com duas pennadas os meus receios e melindres. Quem he brioso, como tu, respeita os brios dos amigos e não deixa que paire sobre elles a menor suspeita.

Perfeito.

Nada tenho que dizer te em carta que já não te dissesse com franquesa por officio. Mostra ao Saraiva e ao Lobo.

Com franquesa me dize as objeccões que tiveras a respeito do contracto de fornecimento para o exercito. Eu t'as dissiparei. Sobretudo he necessario que não dês ouvidos a intrigas dos descontentes, aqm repelli por exigentes ou incapazes.

1v.

Só por dedicação me metteria em fazer contractos. Deos queira que isso não me traga desgostos. Ao menos espero que não me venhão daquelles, por cujo serviço rompi com os meus precedentes.

Respeitos a madme.
Adeos.
Teu amo

Carta 62

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fôlio. Papel almaço pardo sem pautas. Anotações do arquivo na margem superior esquerda, "19/14/22/3.930".]

Corrientes 14 de agosto 66.

Ferraz.

He meu dever ir pesquisando as dividas do governo para com os bons servidores, a fim de que tu as pagues, porq a todos tenho declarado que se os generaes te houvessem mandado regularmente um trabalho bem feito sobre este assumpto, ninguém tería de ti motivo de queixa. Mas...tudo andou aos trambalhões.

O major Severino Charão serve desde 2 de fevro de 1865 e verás dos documentos q elle teapresentará o que fez para organizar gente.

Rogo-te que o acolhas com bondade e q o tractes até mesmo como recommendado do teu

F. Octaviano.

Carta 63

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo sete fôlios. Papel almaço pardo sem pautas. Anotações do arquivo na margem direita superior, "19/14/27/3.934". Inserções de terceiros na margem esquerda superior, "R. - 5 - 9 - 66 ".]

Corrientes 16 de agosto 66.

Ferraz.

Pelo amor de Deos, - acaba de uma vez com tuas meias confianças. Quando teus ultimos Avisos me enchião de prazer supondo que me aquilatavas bem, recebo noticia do que escreveste a respeito da residencia do Dr. Carvalho emBuenos Ayres.

Eu hei de ter ocasião de na imprensa ou tribuna expôr os serviços do Carvalho, já que não te pude convencer oficialmente delles. Mais dedicação, mais economia e mais pericia, nem eu, nem tu. Agora fica sabendo mais que elle pedio me instanteme a vinda pa o exercito e que eu não quiz tomar a

1v. responsabilide de deixar um hospital de 400 a 500 feridos á mercê de medicos argentinos (que medicos !...) que vão passar visita de luvas e a correr e querem patações e mais patações.

Eu não sei onde irá parar a ma cabeça com as tuas cartas e ordens. Ora queres mto zelo e pedes quarenta mil informações de papelorio quando eu desde que accordo até a meia noite estou nos hospitales, no acampamento, e até no chaco a mandar cortar capim!... óra queres que entregue os hospitales a charlatães. Valha me Deos.

2r. _ Dize me francamente o que queres. Dá metuas ordens sem reserva. Eu me dou por satisfeito que ahi do Rio ordenes tudo o que se deve fazer. Será contractos para mim dobrado allivio, porque te satisfaço e me satisfaço. Agora outro assumpto. Quando me pedes q te mande os transportes, _ quando brigo por tua causa com todos e começo a fazer sahir daqui toda essa caterva de sorvedouros de carvão, _ ahi me vém novos contractos antes

2v. de te eu propôr o systema !

E que contractos ! "Imogen" (diz o contracto) 13 milhas por hora. _ Levou do Rio ao Rio Grande 5 dias; do Rio Ge a Montevideo 2; de Montevideo aqui 21. _ O teo afferidor de milhas vai fazer as viagens de experiencia ? E as faz barra fora ou em agoa mansa?

E ainda me vem cheio de polvora ! Onde a hei de metter ? Queres dahi que eu esteja só a pagar depositos ? Não nos falta polvora ; não venha mais.

3r. 2

Queres vêr outra dos teus agentes? Quando tu nas camaras atacavas ou deixavas alterar o contracto de fornecimento do Porto Alegre, os teus agentes davão de estafe aos comtes dos transportes mil reis diarios por praça de porto a porto, como sejão Rio deJanr e Montevideo , pórtos de abundancia de generos ; e davão esse estafe, dando tambem por conta do estado as carretas , isto he , os propios navios fretados por ti!.. E ainda o fazem nos nóvos contractos .

Tem paciencia , que o que te digo he de amigo e digo-t'o só a ti.

3v.

Se queres que te diga mais algua coisa.. _ queima esta carta e garante-me que queimarás a outra emque te direi bôas coisas que ahi se fazem.

O Salles e o Porto Alegre forão os que chamarão a ma attenção para os taes estafes de mil reis , carregadas nos navios cujo frete e carvão tu pagas.

Teu amo

F. Octaviano

4r. Se és meu amigo, faze me o obsequio de quando qualquer coisa te desagradar dizer-m'o a mim, como eu te faço, e não a terceiros, que por fim se riem de nós dois.

Carta 64

[AIGHBA. Ant. pasta 19. Documento contendo um fôlio. Papel almaço pardo sem pautas. Anotação de terceiros na margem superior esquerda, "R-7-3-66 pelo Sr. Conselheiro". Anotação do arquivo na margem inferior direita, "19/14/17/3.925".]

Buenos Ayres 27 defevereiro

Meu Ferraz.

Recebi cartas da fronteira até 24. Essa de 21 resume o que ha de mais importante.

Já te escrevi.

Teu

F. Octaviano.

Chegão notícias deMontevideo de que o Falcão encalhou em pedras ou estava lutando nas pedras. Já forão mandados soccórrros. O Nery te participará tudo.

Carta 65

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo dois fólhos. Papel almaço pardo sem pautas. Marca d'água ilegível na margem superior esquerda. Inserção de terceiros na margem direita superior, em vermelho, "-18-". Anotação do arquivo na margem superior esquerda, "9/6/34/1427".]

Ilmo e Emo Snr Ministro Angelo Muniz
da Sa Ferras

Cuiabá 13 d'Outubro de 1866

Sobre tudo desejo que V Ea continue a fruir a mais perfeita saude para satisfação dos q como eu cordialmte estímão, e venerão-no.

Hontem 12 do corrente recebi a respeitavel carta de V Ea envolvendo huma outra para ser entregue ao Snr Barão de Melgaço, e no mesmo instante fisico cumpri a ordem de V Ea entre gando-a ao dr. Snr Barão, que muito se mostrou admirado da demora, visto serem datadas a minha, e a d'elle de 25 de Julho de 66, e aqui entregues a 12 d'Outubro do mmo anno

Por hum tropeiro de nome Luiz Antonio envio, para ser entregue a VEa em Novembro ou Dezembro por intermedio de meu sogro hum couro de Onça, que por acha-lo muito perfeito, e obte-lo com muita dificuldade para vir com a cabeça, todos os dentes, e todas as unhas, em fim complexcto, e lindo pa encher-se, entendi que devia tomar a liberdade de offerece-lo a VEa como hum pequenno signal de minha gratidão, e da estima que tributo a V Ea não só pelas suas eminentes qualidades particu-

lv. lares, e Publicas, como pela justiça, e até favores, que tem comigo dispendido de seu mote proprio, circunstancia, que maior realce dá as suas virtudes.

Não é pois o meu insignificante presente huma bajulação; mais hum movimento livre e espontâneo expontanêo de hum coração agradecido.

De V Exa O sudito mais reverente, e obrido

Hermenegildo d'Albuqe Porto carrero.

Carta 66

[AIGHBA. Ant. pasta 38. Documento contendo um fólho. Papel almaço pardo sem pautas. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "-22-". Anotação do arquivo na margem superior esquerda, "9/6/56/1450".]

Bahia, 15 deNovembro de 1866.

Emo Amo Snr Barão de Uruguayana,

Apresento-lhe os meos parabens pela sua nomeação de Conselheiro d'Estado asinario, e pelo titulo de Barão com grandeza - que foi por S M conferido aVossa Excelência.

E também também faço votos para que vá melhorando dos seos incommodos e soffrimentos.

Para o que for do seo serviço aqui me tem sempre disposto.

Eu e Mariquinhas muito nos recommendamos á Excelentissima Senhora.

Tenho a honra de ser DeV Exa MuitoAttencioso Amigo, e p obro

Carta 67

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo um fólho. Papel almaço sem pautas. Marca d' água ilegível na margem superior esquerda. Inserção de terceiros na margem superior direita, em vermelho, "- 24-". Anotações do arquivo na margem superior esquerda, "9/6/58/1452".]

Illmo Exmo Sr. Conselheiro.-

Chegou do sul a mto poucos dias um tal Ribeiro, negociante, que me parece ter sido qm forneceo ao Dr. Monis os documentos que elle exhibio no seo ultimo discurço.

Em negociante foi qm sempre forneceo a Divisão do Sr. Jaquacy, de qm era socio; - porem fez sempre tão pessimo fornecimento que ficou por isso odiado. -Esses dois documentos que deposito nas mãos de V Exa são sufficientes pa provarme que semelhante fornece dor nunca devia ser aceito, embora mmo tivesse offerecido por mto menos o fornecimento do que os que forão preferidos. Se V Exa quizer saber a historia de tudo q deo causa ao discurço do Dr. Marquês, que não o ouvi; porem que me consta ter sido baseado em serias accusaçoenz a V Exa, amanhã quando vir pa a Secreta oiça-me por dez minutos.- Peço reserva a V Exa -

Gel, 12 de Maio de 1866

Sou de V Exa amo mto obrigado

João Mel Monis Barreto

Carta 68

[AIGHBA. Ant. pasta 9. Documento contendo três fólhos. Papel almaço amarelado sem pautas. Inserção do "R" na margem superior esquerda e na margem superior direita, "-13-", em vermelho. Anotação do arquivo na margem superior direita, "P9 m4/" e na margem superior esquerda entre a saudação inicial e o corpo da carta, "9/4/13/1316".]

Excelentíssimo Senhor Conselheiro

Maranhão 11 de Fevereiro de 1861.

Tenho a satisfação de communicar-lhe que está concluida a apuração geral dos votos da eleição senatorial, e que me acho contem pla do no 2.º lugar na lista triplice - Esta seguirá no proximo vapor - Resta-me agora implorar a valiosa protecção de VossaExcelência para evitar que se me pin te ao

Imperador diversamente

1v. do que realmente sou. Seos Collegas da Marinha e da Justiça lhe podem informar se tenho ou não serviços á Provincia, e se gozo aqui de consideração pelo meu procedimento. Creia que jamais serei desconhecido aos favores, que me fizer - Em principios d'Abril lá estarei como um dos Deputados pelo 1.º Districto eleitoral da Provincia –

2r. Sou com perfeita estima e distincta consideração

De VossaExcelência

Amigo e Criado Obrigado

João Pedro Dias Vieira

Século XIV (Guarnerio, 1886)

Código: docc 14/01

Lettera del Re Pietro a Raimondo Gay, capo della Dogana d'Alghero, intorno alla franchigia dai diritti di dogana, concessa alia città d'Alghero.

Ann. MCCCCLV.

(Dall'apografo, nel vol. II dei Privilegi, Archivio Comunale d'Alghero)

[fol. XI, r.] En Pere, per la gracia de Deu Rey D'Arago, de Valencia, de Mallorques, de Sardeña, et de Corsega, et Comte de Barçolona, de Rosselo, et de Sardànya. Al feel nostre Ramon Gay Duaner de la Duana del loch del Alger, salut et gracia. A humil et deuota supplicacio per part de la Uniuersitat del dit loch à nos feta, vos diem e us manam, que no contrestant, que la data de la letra que han obtenguda de nos, de la franquitat del dret de la Duana, sia darrera que la data del Priuilegi, que nos los hauem atorgat de les altres franquetas, la dita franquitat de dret de Duana, de la data del dit Priuilegi en ça, e d aquí auant continuament l us obseruets, segons la continentia et tenor de la letra d aquells obtenguda. Manam a cautela vostra per la present a qualche qual de vos de les demunt dites coses, compte oidor, que per la dita rahon contra vos ne [contra] vostres bens alcun notament fer no deia: Com nos sobre aço en fauor dels habitants en lo dit loch, haiam de certa sciencia prouehit sots la manera damont dita. Data, en Castel de Caller a xxij de Juliol, en l any de la natiuitat de nostre senyor, Mil CCCL cinch.

Lettera del Re Pietro, con cui proibisce al *Veguer* d'Alghero di abbandonare la città, quando ne escano le truppe per ragioni di guerra o d'altro.

Ann. MCCCCLXXXI.

(Dall'apografo, nel vol. II dei Privilegi, Archivio Comunale d'Alghero.)

[fol. LIIII, r.] En Pere per la gracia de Deu Rey D'Arago, de Valencia, de Mallorques, de Sardeña e de Corcega e Comte de Barçolona, de Rossello, e de Cerdaña. Al feel nostre En Benigne de ruideperes Veguer de la Villa, vinents vers lo terme de la dita vila, o en altra manera, come a les vegades *que* nostres gens d armeshan exir d aquella vila per contrastar als dits enemichs, ò aquells offendre, vos exits e anats ensemps ab lo Gouernador lexant sola la dita vila de quens marauillam molt, car poria sen seguir, ço que Deus no vulla gran perill e escandel. Perque us dehim et manam fort expressament, e sots pena de la fealtat ala qual sois tengut, que de aquí anant, com les dites nostres gentz d armes de la dita vila per qual se vol raho exiran, Vos per res no lexets sola aquella, ans romanits aquí, e si mester sera retenits vos alguns homes per guardarla de tots escandels e perills, com a vos e a vostre offici pertanya la guardia de aquella, manants per les presents als feels nostres Consellers e prohombres de la dita vila, que si vos asseiaßets de fer lo contrari, ço que no creem de present nos en certifiquen per lurs letres, per tal que y puxam prouehir de iusticia. — Dada sots nostre segell secret, En Saragoça, a tres dies de Ottubre del any Mil trecents LXXXI. — Rex P. —

Século XIV (Sadurní Martí, 2002)
Código: docc 14/02

Edició diplomàtica

I

[València, 15.7.1392]

1 Molt alt p(ri)ncept eseyor / p(re)mesa deguda reu(ere)ncia ala u(ost)ra altea /
sapia la u(ost)ra saujea / q(ue) estam totz deça ab gra(n)
2 {go}g ealeg(ri)a / oida lagracia emis(er)ico(r)dia q(ue) mjraculosame(n)t la
o(mn)ipote(n)cia de n(ost)ro seyor deu ha {o}brada en uos / car
3 siatz cert seyor / q(ue) v.... fet es estad. sola obra de deu / attes ço q(ue) fet
auetz / e attes u(ost)ro au(er) epod(e)r el(e)s alt(re)s co
4 sas n(e)cc(essari)as / e attesos los pasatggas d(e)ls alt(re)s ça prop pasatz
co(m) sos son estatz i(n)p(ro)sp(er)atz axi co(m) lo d(e)l duc de(n)jou
e d(e)l duc d(e)l encast.. / p(er) q(ue) resta q(ue) p(er)tal q(ue) aq(ue)ll
pod(e)r q(ui)us ha gujat nos pa(r)tescha d(e)uos ans uos fo(r)tifich eus
5 ferm / q(ue) uos molt m(e)s q(ue) daba(n)s siatz attes / al seu s(er)uey / e
adorar los lo pus souj(n) / epus deuotame(n)t e afer
6 justicia dreta eneta ef(er)ma e(con)tinua atotz uost(re)s uasaylls /
nep(er)ho(m) d(e)l mo(n) fasat. r(e)s (contra) deu / eab ayta(n)t
7 uos sotz sus aemp(er)toste(m)ps
8 ¶It(em) seyor molt alt sapia la u(ost)ra reu(ere)ncia / q(ue) yous he
aesc(ri)ura d(e) n(e)cc(essi)tat ço q(ui)s seguex / ço es q(ue) uos ti(n)
9 guatz gra(n) gua(r)da sobra u(ost)ro fyll en sp(eci)al car axi m(e)s comanat /
ço es enson me(n)gar beura jaura / e en
10 pendra reu(ere)ncias que nosia tocat p(er) nagu / se(m)bla(n)t dich auos
ep(er) gra(n) causa / be q(ue) nous puxa nom(e)nar los
11 factors / mas queus placia q(ue) toste(m)ps catala(n)s fasen en uos e en ell
aq(ue)st s(er)uey / ne for. els yam(e)s nous
12 te(n)gatz p(er) segurs / euaga fora tot ho(m) q(ue) puxatz au(er) p(er)
sospitos enq(ui)na q(ue) man(er)a ¶ep(er) aço en sp(eci)al aco(r)de ab
la
13 seyora duquesa q(ue) p(re)gas ans q(ue) manas sens oir lo (contra)ri
alu(ost)ro car ebo(n) s(er)uidor en nicolau pugad(e)s q(ue) sens
14 tota dilacio anas auos / ems eus i(n)fo(r)mas sobra l(e)s ditas cosas ealt(re)s
moltas q(ue) el uos ha adir / axi co(m) aq(ue)ll
15 q(ui) sap tota exa t(er)ra p(er) exp(er)ie(n)cia / eus ha si(n)gular amor e
afeccio auos e atot ço q(ui) u(ost)ro es / e p...a fe seyor
16 no co(n)t(re)sta(n)t sa ep(ro)posit d(e) no nauegar daq(ui)aua(n)t / el
acc..ta los p(re)chs dela dita seyora sens tota
17 resiste(n)cia / ofire(n)t sa toste(m)ps atota cosa ael posibla p(er) la u(ost)ra
honor eujda ac(re)xer ea(con)s(er)uar fo(r)t lib(er)alme(n)t
18 ¶It(em) seyor p(er) f(er)mar u(ost)ra seyoria / ep(er) ajustar uos mils abdeu
uos placia / anar ab exa ge(n)t abtota u(er)itat g.acio
19 itat sens p(re)judici d(e) justicia / nagu noy p(re)na i(n)juria /
sp(eci)alme(n)t en muyll(e)rs ne endonas acostad(e)s / ne enbe(n)s
20 te(m)porals / axi abuos sia oit en sa justicia lo poch co(m) lo gra(n) / e
r(e)gitz uos toste(m)ps p(er) fa(m)osos ...seyll(e)rs / ne ecle
21 siastichs tracten fetz c(ri)mi(n)als / ne siatz ne fasatz yam(e)s r(e)s aseyalat
sens (con)seyll dome(n)s se(n)sats eteme(n)s deu
22 ¶It(em) seyor aue(m) totz gra(n) gog ca(n)t oim dir q(ue) auetz
lib(er)alme(n)t remun(er)atz u(ost)ros s(er)uidos etotz nich han esc(ri)t
23 fo(r)t longame(n)t agra(n) honor u(ost)ra / o seyor eco(m) sepeneden ara
moltz co(m) no sen anaren abuos die(n)s los ecle

24 siastichs q(ue) foren bisbas els seglars q(ue) foren richs home(n)s / egiten
 na sospirs fi(n)s alce. / o deus equa(n)s ni irien
 25 q(ue)ls sia dupta q(ue)ls agatz mest(er) ¶e encara abtot axo ueuretz
 q(ue) ni iran moltz
 26 ¶.t(em) seyor molt alt auetz feta obra maraueyllosa / e delaq(ua)l auetz
 guayat nom p(er)petual dela gran p(ro)f(er)ta
 27 q(ue) auetz feta alseyor rey p(er) pasar en sardeya / e auetz lo animat
 apasar / e p(er) occasio daço trob ya se
 28 go(n)s q(ue) og q(ue) li fa p(ro)f(er)ta de mjl eci(n)ccens bacinetz /
 gua(r)da.. açi qua(n)t hic ha q(ue) dir pe(n)sa(n)t lo s(er)uey poch que
 auem
 29 aut / ab ta(n)ta co(r)tesia q(ue) enseyatz alat(er)ra
 30 ¶It(em) seyor uos soplech q(ue) p(er)..l q(ue) u(ost)ro r(e)gime(n)t sia
 toste(m)ps p(ro)sp(er)at eq(ue) muyratz ueyll eab h(er)eu e en sa(n)itat
 d(e) u(ost)ra
 31 p(er)sona q(ue) uos ap(re)s deu ho(n)rretz los p(re)latz els eclesiastichs
 ereligiosos eto..s l(e)s cosas de deu / ne sofiratz q(ue) si
 32 podetz au(er) altra hostal q(ue) yam(e)s p(re)natz posada encasas
 r(e)ligiosas ne en esgleyas / nels tolgatz r(e)s d(e)l lur
 33 ne sofiratz q(ue) altra ho fassa / sobra ..o siadeu plau uos sc(ri)ure
 lo(n)game(n)t / ans he p(ro)posat d(e) acabar uos
 34 .. li... que(m) faes come(n)çar onsia posat lo r(e)gime(n)t reyal / eus
 soplech q(ue) fasatz t(re)ladar lo libra q(ue) he
 35 ordonat d(e) caualeria ebo(n) r(e)gime(n)t dela cosa publica / car tot ho
 faretz sc(ri)ure p(er) ce(n)t flori(n)s ep(er) meys
 36 uos eals u(ost)ros lu(m) egran di(rec)tori entotz u(ost)ros afers
 37 ¶Item seyor p(er)tal ca(n)t tot ho(m) cau leug(er)ame(n)t soplech ala
 u(ost)ra altea / q(ue) u(ost)ros p(ecc)atz <e d(e)falime(n)s q(ua)ls
 q(ue) sien> sien axi amagatz q(ue) ho(m) d(e)l mon
 38s sapia car aço p(ro)uocara uostro pobblla a au(er) uos engra(n)
 reu(ere)ncia / elo (contra)ri i(n)dujria me(n)ysp(re)u q(ui) enson cas
 39 ... molt noura
 40 ¶It(em) seyor fa mest(er) p(er)la(n)t ab deguda reu(ere)ncia ... siatz
 cle{m}e(n)t ...iados m(e)s q(ue) rigoros car cleme(n)cia ab
 41 justicia fan fer(m) lo regna alp(ri)ncep / elo (contra)ri lo po(r)ta anore. /
 nuylte(m)ps ho(m) cru.. p(ro)sp(er)a alafi sego(n)s q(ue) posa la
 42 s(an)cta sc(ri)pt(ur)a
 43 ¶It(em) seyor deuetz eser toste(m)ps ab cara alegre / mas no molt rie(n)t /
 mas be acuylle(n)t / car masa ...ra
 44 emasa p(er)lar .masa moura los uuyls elcap fan me(n)ysp(re)ar lo p(ri)ncep
 / el (contra)ri lo fa p(re)ar car es i(n)dici d(e)
 45 saujea / laq(ua)l ab co(m)posta aleg(ri)a fa lo p(ri)ncep amabbla p(er)
 exces
 46 ¶It(em) seyor ço q(ue) dit agatz dit sia / es uer q(ue) ans queu ato(r)guetz
 ho delib(er)etz be / car sobjrana honor efa
 47 ma p(ro)cura al p(ri)ncep ques preu d(e) sap(er)aula es(er)ua jurame(n)s
 efe p(ro)mesa / esegura(n)ça dada / elo
 48 con.....s una del(e)s majors erros elegeas q(ui) puxen se eser enlo
 p(ri)ncep
 49 It(em) seyor uos placia q(ue) siatz lib(er)al / car tot lo mo(n) seguex lo
 seyor larch e gra(n) r(e)mun(er)ador efuig al auar
 50 m{e}(m)breus la p(er)aula ablaq(ua)l Alexa(n)dra guaya li(m)p(er)i
 orie(n)tal / q(ui) era / mia sia la honor euostra la roba
 51 no r(e)s me(n)ys emp(er)o esta be atot p(ri)ncep axi thesauritzar q(ue) no
 ces fer gra(n) be als seus / e aga aq(ue)

52 r(e)co(r)rega ente(m)ps d(e) n(e)cc(essi)tat
 53 ¶It(em) seyor uos placia q(ue) tot estra(n)y sia abuos be r(e)hebut / e mal
 nouell yam(e)s no us torp / car aq(ui)s p(ro)ua
 54 fo(r)t la u(ir)tut d(e)l p(ri)ncep q(ui) deu pe(n)sar q(ue) tota noujtat q(ua)l
 q(ue) sia dauala d(e) deu / q(ui) laleua aba(n)s
 55 al pacie(n)t q(ue) atot altra
 56 ¶It(em) seyor uos placia eser amador d(e) las co(mun)itatz e dela cosa
 publica / e d(e) no pe(n)dra guerra sens
 57 lur co(n)se(n)time(n)t / elauo(r)s fo(r)çat / neyam(e)s uuyllatz entrar nefer
 entrar alt.a en bataylla si
 58 p(er) pau podetz u(ost)ros fets t(er)menar / etoste(m)ps speretz uictoria d(e)
 deu ¶enola at(ri)buatz aaltra p(er) r(e)s
 59 ¶It(em) seyor queus placia q(ue) yam(e)s ho(m) cruel no posetz en
 regime(n)t / ne sosti(n)gatz tira(n)s ne res
 60 q(ui) fauor lus do / car tiran es la pus fera ecruel bestia q(ui) sia elmo(n) /
 lamo(r)t d(e)l q(ua)l es ujda d(e)l pobla
 61 ¶It(em) seyor agatz p(er)sonas sta(n)s end(e)uocio q(ui) toste(m)ps
 p(re)guen deu p(er) uos / eno cauretz jam(e)s / siatz cert
 62 seyor q(ue) oracio(n)s d(e) sa(n)tas p(er)sonas uos sostenen / eus han dada
 honor / en sp(eci)al ma d(e)ls
 63 frar(e)s dela ual d(e) jh(es)u(crist) / epuys l(e)s d(e)ls frar(e)s d(e) se(n)t
 fra(n)cesch los q(ua)ls auetz oblidatz d(e) totz pu(n)s
 64 deus uos ho p(er)do / dich uos en u(er)itat q(ue) en aq(ue)st co(n)ue(n)t sa
 fa tot jor(n) sp(eci)al oracio p(er) uos ep(er) lo se
 65 yor Rey u(ost)ro fill ep(er) u(ost)ra expedicio r(e)gime(n)t ujda esaluacio /
 e es lo co(n)ue(n)t pobla car nos
 66 no aue(m) rendas / edo(n)chs seyor tramatz al co(n)ue(n)t qualq(ue) poch
 d(e) fo(r)me(n)t o uns deu o ui(n)t flo
 67 ri(n)s daq(ue)ls q(ue) deus uos ha datz / elauors cantare(m) ebalarem
 dauant jh(es)u(crist) ese(n)t fra(n)cesch ec(ri)darem
 68 p(er) l(e)s tronas ujua ujua lo seyor duch d(e) cicilja
 69 ¶It(em) seyor fa mest(er) queus (con)u(er)tiatz un poch ase(n)t fra(n)cesch
 q(ue) nol laxetz d(e) tots pu(n)s / ab pocha me
 70 sio porietz fer una casa asogorb / p(er) q(ue) seyor placieus q(ue)ley fasatz
 71 ¶It(em) seyor placieus d(e) au(er) m(e)mo{ri}a co(m) en Nicolau pugadas
 uos ha s(er)uit molt enlo pasat e ara en
 72 lo p(re)se(n)t ed(e) gra(n) cor es(er)uira toste(m)ps / p(er) queus placia
 q(ue)l r(e)gua(r){don}etz sego(n)s ques p(er)ta(n)y ala uostra
 73 mag(n)ific(e)ncia / car fylla te ya gra(n) p(er) amaridar q(ui) espera la
 u(ost)ra mis(er)ico(r)dia ¶axi mat(e)x auetz aq(ui)
 74 ab ell mat(e)x altra bo(n) s(er)ujdor en math(e)u ujdall <d(e)> nobla cor
 emuers tot u(ost)ro s(er)uey / lo q(ua)l pot obligar
 75 lau(ost)ra seyoria p(er) atoste(m)ps ajuda(n)t lo en sos afers efae(n)tl.
 mis(er)ico(r)dia / gra(n) amor seyor uos
 76 han aq(ue)stz dos
 77 ¶It(em) seyor laseyora duquesa es be sana p(er) gracia d(e) deu / ebe alegre
 p(er) los bo(n)s nouels q(ue) totz dias
 78 ou d(e) uos / eojra milo(r)s siadeu plau ¶seyor tenitz fer(m) en u(ost)ro cor
 q(ue) lo u(ost)ro anar d(e) cicilia aalcu(n) gran
 79 cap e aseyalat uj(n)dra abdeu / daço cre. q(ue) {m}olt nagatz ligit eoit /
 p(er) q(ue) nomen cal pus sc(ri)ura.
 80¶Yo seyor ma r(e)coma(n) hu(m)ilme(n)t toste(m)ps enla u(ost)ra gracia
 em(er)ce ap(er)eyllat toste(m)ps als u(ost)ros manamens
 81 destz jor(n)s faem gran solle(m)p(n)itat açi enla p(er) lau(ost)ra
 ujectorye / e yo p(re)yque / etota lage(n)t

82 feu aq(ue)ll jor(n) gra(n) solle(m)p(n)itat <festa> e ab gra(n) aleg(ri)a / tot
 ho(m) d(e)...ga (con)tinuame(n)t d(e) uos oir tot be emyllorame(n)t
 83 enou(e)ll bo / car u(ost)ro be gl(or)ia es d(e) tota la nacio / e dela casa
 darago sp(eci)alme(n)t ¶tot jor(n) seyor uos p(re)ch q(ue) siatz
 84 entes engracias aaq(ue)ll q(ui) ta(n)ta gracia uos ha feta / e ap(re)s enlo
 bo(n) r(e)gime(n)t / d(e)l pobla q(ue) nouelame(n)t
 85 uos ha deus comanat ¶ep(er) dar gl(ori)a adeu / e auostra p(er)so(n)a ecasa
 seg(ure)tat / uolrria fort q(ue) fa....z ley
 86 nouela (contra) fetiyllers emetzjners / car he entes q(ue) aq(ui)s fan
 te(r)riblas fetiyllas / p(re)ch jh(es)u(crist) q(ue) elsia
 87 toste(m)ps en u(ost)ra gua(r)da / eus endreç eus salua p(er) sa m(er)ce /
 seyor laseyora duquesa sacomana hu(m)il
 88 me(n)t en u(ost)ra gua(r)da gracia / sapiatz seyor q(ue) uju axi co(m)
 sep(er)ta(n)y d(e) dona excelle(n)t e sauja e de
 89 muyll(e)r d(e) ta(n) gra(n) seyor / en molta honestat ebonea / ep(er) aytal
 sefa tenir daua(n)t deu edauant
 90 home(n)s ¶ya sabetz ses n(e)cc(essi)tatz / ajudatz la p(er) amor d(e)
 n(ost)ro seyor axi co(m) son estame(n)t req(ue)r
 91 ¶e man ma toste(m)ps la u(ost)ra seyoria / axi co(m) as(er)ujdor seu
 sp(eci)al / dada en uale(n)cia / en ·XV· d(e) juliol
 92p(er)lo u(ost)ro hu(m)il s(er)ujdor toste(m)ps en
 93jh(es)u(crist) saluador frar(e) f{ranc}esch
 94exjm(e)nis

II

[*València, 12.3.1396*]

1 Molt alt princep eseyor / sapia lauostra altea / q(ue) feyta als juratz e alco(n)
 2 seyll de la ciutat p(er) mosen ·p(ere)· dart(e)s molt altame(n)t la relacio
 q(ue) uos seyor
 3 manauetz / els an enseyat sobra aço sag(u)ra afeccio euoler / esens dup
 4 ta queu faran p(er) gujsa / q(ue) uos naseretz molt co(n)te(n)t / es uer seyor
 ques
 5 tenen fo(r)t p(er) tocatz ca(n)t lus auetz pres lur misagger ço es mis(er)
 ·p(ere)· d(e)s
 6 soler lo q(ua)l els an axi co(m) alu(m) lur e ap(ro)pia anjma / p(er) queus
 placia seyor q(ue)l
 7 deljuretz d(e) p(re)se(n)t efer netz uost(re)s afers / seyor molt alt sien uos
 acor
 8 uostres notablas ciutatz eujlas / car ala fi / aq(ue)stas uos han atraura
 9 d(e)l fa(n)ch eama(n)tenir uostro estame(n)t / seyor grajtz molt a
 jh(es)u(cris)t q(ui)us fa
 10 aquesta t{an} gra(n) etan aseyalada honor laq(ua)l yam(e)s no feu anagu
 d(e) uost(re)s
 11 p(re)decesors / ço es q(ue) ..s aga.....apa d(e) uostra seyoria / ehabita(n)t en
 uostro
 12 regna / creetz me seyor q(ue) p(er) tot cert açi esta amagat gra(n) fet etan
 gra(n)
 13 most.... glo..a ehonor eprof.t / q(ue) yames .o seria pe(n)sat / axi co(m) d(e)
 p...
 14 en p... sa descobrira / ab la ajuda d(e) nostro seyor / placia seyor ala uos
 15 tra altea q(ue) la justicia d(e)l Regna uos {s}ia acor / car en aço esta la
 uostra
 16 p(ro)sp(er)itat / ela uostra bona fama ela uostra saluacio / uageus seyor lo
 cor
 17 seyor q(ue) deus d(e)l cel es aqu(e)ll q(ui) p(er) aço uosha fet Rey / eel es

aqu(e)ll q(ui)us ma(n)ten

18 eaq(ui) tot sol auetz en juy arespo(n)dra agudame(n)t d(e)l uostro
regime(n)t / (con)fiy

19 dela sua piatat q(ue) ell sera toste(m)ps abuos eus dara bo(n) co(n)seyll axi
co(m) la

20 uetz fo(r)t necesari / epuys uos salu..a p(er) la sua merce / hu(m)jlme(n)t
seyor

21 ma recoman enla uostra m(er)ce / ap.....t d(e) obeir toste(m)ps ala uostra
seyo

22 ria / en totz uost(re)s maname(n)s / dada en uale(n)cia lo jor(n) d(e) se(n)t
g(re)gori papa

23 (ser)ujdor hu(m)jl dela u(ost)ra altea

24 en jh(es)u(cris)t saluador. Frar(e)

25 fra(n)cesch exjmenis

Século XIV (Petrarca, 13?)
Código: docc 14/03

Letra feta per Petrarcha [Fragmenta]

Francesco Petrarca

Stefano M. Cingolani, Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives 2003.

Nota prèvia: Aquest document forma part de l'apartat **Intertextualitats** del Projecte d'investigació «Biblioteca Multimèdia *Tirant lo Blanc*» (Ministeri de Ciència i Tecnologia, referència BFF-2002-01273) i de la Secció *Fragmenta* del portal Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives http://lluisvives.com/bib_obra/Tirant/. L'objectiu fonamental consisteix a mostrar, en forma de citació, aquells fragments d'altres obres que han influït directament o a través de fonts interposades en la composició del *Tirant lo Blanc* i del *Guillem de Varoic* i que anomenem 'Intertextualitats'.¹

Per la presència de *Lletres de batalla* (BNM, ms. 7811) a Martorell veg. Riquer 1990; Cingolani: Vives 2003.

Ms. 7811 (BNM), ff. LXXVr-f. LXXXIir

[f.LXXVr] Egregio baró, ja veig que a la fi la fe venç infealtat e deslealtat, e la ffranquea avarícia, e la humilitat supèrbia, oy fa loch a caritat, e desesperació a sperança, e ja sots lo mall de veritat trencada és la perseverància de falsia e mentirosa obstinació e durea dels contrastans a ta intenció. Batalla és immortal entre enveja e glòria, e entre malvestat e virtut, emperò, gràcies sien fetes a Aquell qui és senyor de virtut e rey de glòria, qui a present, vençuda la part del tot mala, la part totalment bona ha triomfat e guanyat, jatsia sovent vejам lo contrari. Ara-s veu que la altea del molt gloriós rey de Sicília, confusa tota envega haurà les honors que li eren negades, e «los peccadors e contrastadors vehents-ho se doldran e iraçeran-se», mostrant lur intrínquea furor ab estrenyments de lurs dents e per magrea de visceral corrompiment, e lo rey molt prous, poderós e pus clar e pus reposat e alegre que [f. LXXVv] en lo temps passat, stant en la real cadira de son avi, gitats tots núvols de tristor e pluges de làgremes de Ytàlia, esclarirà la nostra partida de lengua latina ab sa cara e corona stellant, restituhint al regne la pau que li era tolt, e als pobles lo repòs desigat. En què tu mostraràs al món ton notori engeny, e segons has fet en lo passat, e tant més al present, com quant de major lahor és justament e temprada regir lo regne [que] guanyar e aconseguir-lo benaventuradament.

Certament ara és temps que culles ensemps totes les virtuoses forces de ton coratge, e que t'aparelles a grans e infinits negocis; si en tu ha res de real costum, tots tos passats treballs són no res, si leixes los molts que encara-t romanen. La tua gran glòria requerrà en ton ésser dreturera la tua mà. Ja vem com altament e magnífica has batallat contra la fortuna adversa e-t conexem vencedor, mas guarda't, que sovent la fortuna, encara que sia vençuda, retorna pus mansa en son sguart e pus suau, quasi resplandent ab ellm o cuberta daurada. Tu has vençuda la adversa, guarda't ara, car la prospera torna en encontre de guerra, e no-t cuydes que, per ço com ha mudat armes, te sia lo enemich pus flach, ans te és mester que t'arrees de novelles armes, e no-t penses haver me[n]ys a fer per ço com lo

enemich és pus blan e pus suau, ans sies cert que la guerra és pus enganosa com la creença és ab lagots e ab fabilitats combatuda en l'estret de la fortuna adversa.

Havem vist com altament te hest haüd e menat, ara veurem com te hauràs en la amplea de la fortuna pròspera. Car molts en tribulacions e lochs strets han reseit sens cansament, car no-s cansaven en batalla campal, e molts qui foren [f. LXXVIr] en lurs adversitats forts, foren per la fortuna pròspera enderocats. Aníbal fon vencedor en la batalla de Cannos e puix, com hac exivernat en Capua ab menjars delicats e ab dormir, reposat ab banys plaents, osi e luxúria, fon vençut en la batalla per Marcell, e axí, la ardor que [havia encesa] ell glas del riu de Trèbia, hon primer havia haüd victòria en Lombardia, fon apagada a Càpua per la calor dels banys e altres delits, e sovent és la pau pus perilosa que la guerra, car ha molts virtuosos ha nogut no haver adversari contra lo qual la virtut hagués exercici. La qual se és per osi e repòs amagada, e a vegades del tot perduda o aflaquida, per tal com en loch de l'adversari, per lo qual la virtut se mostrara e s'esforçara, han succehit delicaments. E a veritat no pot a l'hom ésser guerra pus greu que és ab ses propis costums e coratge, car ladonchs hi pot haver me[n]ys treves, puix la guerra és tota dins lo mur, ço és dins lo hom mateix, e a-questa guerra flaua de batalles acostumem, la qual venint ab mantell de pau ha major gosar que quant ve ab bacinets armada.

E lexants molts exemples de gents, pau e tranquil·tat amañà los romans no amañats ne trencats jamés per batalla e vençedors de totes gents, e segons alguns han scrit, los delits de luxúria vencers los romans vencedors, han venjat lo món vençut per ells. E açò par veure Cipió, hom reputat altament bo per tot lo senat de Roma, com de son poder vedava la destrucció de Cartayna, jatsia contra l'acort del molt savi vell Cató, e [no] ho vedava Cipió per ço com me[n]ys mal li volgués que altri, mas per dupte, segons diu Florus, «que perduda lo[s] romans la pahor de Cartayna lur enemiga [f. LXXVIv] la ciutat de Roma no començàs donar-se a delits e repòs». A! Déu hagués volgut que ll consell de Cipió fos stat seguit, car millor fora fos romasa gue[r]ra dels Romans ab lurs enemichs e ab Cartanya que ab lurs propis vicis e delits, car certament en millor stament serien los fets de Roma, e, segons yo creu, hauria hagudes me[n]ys batalles e pus contínues victòries. E si-m demanes 'per què açò?' Com pens molts sien e seran als quals par ja temps de repòs, puix Déu te ha portat a prosperitat de fortuna. Sàpies mi ésser de adversa intenció a ells, e dich que a tu e a tots los grans hòmens huna deu ésser la fi de la vida e del treball, e tots temps devem ésser en guerra de enemich visible e invisible, —e vejes més avant quant discorde yo de comuna oppenió—, car dich que de ací avant sentràs doble treball més que en lo passat e te n'alegraràs. Jamés no-t fo mester levar-te ab tant sforç e lo coratge deu en tu sobrepujar si mateix. Car vengut est als sobirans combatiments e axí entena tot lo món quin e quant gran est stat en cascuna fortuna, ço és adversa e pròspera, e no tu solament, mas aquells que segueixen tos consells.

Tu has rey, vell de seny e de anys jove, ab lo qual est stat gitat e enderrocant en terra e en mar, lo qual forçant la fortuna has haduyt per molts cahiments a l'altea del stament umanal. Mostra-li per quins graus és muntat en aquesta real altea, e ab quin saber s'i deu refermar, ja no-s deu esforçar a pujar pus alt, mas que per fet prove si no ésser indigne del stament en què és, e que ll ceptre hereditari real no li era més degut per deute de sanch que per sa pròpria virtut. Car [f. LXXVIIr] la senyoria no fa lo hom mas descobre'li, e les honors no muden les costums ni l coratge mas mostren-ho. E amonesta'l que sàpia més ésser rey que ésser fet rey, car lo primer és per mèrits, lo segon és per fortuna. Ensenya-li que hondre Déu; am sa terra; serve justícia, sens la qual lo regne, jatsia rich e opulent, no pot estar; aprenga que negun acte violent no pot ésser de longa durada, e millor e molt pus segur és al rey ésser amat que temut; acostum no desigar sinó bona ànima e bon seny e bona pensa, e que no sper sinó bona fama e no tema sinó desonor. Pense que com pus alt és, pus clarament és vist e me[n]ys se pot amagar ço que fa, e com major poder, me[n]ys ha licència de abusar-ne.

E sàpia lo rey no deure més diferir del poble per àbit que per costums; estudiu partir-se de totes extremitats per egual spay, seguint la virtut situada en mig; cese en ell prodigialitat e luny-se avarícia,

car la primera consuma les riqueses, la segona la glòria e lahor; sia conservador e amador de sa fama pròpia e més de sa honor, e sia avar de temps guardant que no-l perda, sia larch de moneda e tots temps haja en lo cor la resposta del savi emperador animosa, dient si no voler or, mas voler senyorejar als qui l'han. Més [v]al sos vassalls ésser rics que ell fisch, e sàpia que rey de rich regne no pot ésser pobre, e recorden-li de les calamitats, misèries e treballs que la mesquina terra sua ha sofert en aquest temps passat; e ladonchs se reput benaventurat, que ha complit son vot e voler, e-s reput verdaderament rey com les misèries, en sa terra meses per crims d'altres, n'aurà gitades o departides per sa virtut pròpia, [f. LXXVIIv] e haurà restituhits los damnatges e reparats los derrocaments, affermada pau e opresa tota tirania e tornada libertat en sa terra; mita's en lo cor amar los que senyoreja, car amant creix la amor, e no pot ésser regne pus perillós o incert que senyorejar als qui no-l volen. Jamés no isqua del cor del teu rey la reial doctrina de Salusti, dient que «gents d'armes ni tressors no són defensió del regne, mas los amichs, tals emperò no sien a amor forçats per armes ne haguts per diners, mas per benifets, mèrits e fe», e segueix-se: que-l rey deu viure ab los seus en concòrdia, «car concòrdia fa creixer e augmentar les coses poques, e per discòrdia se perden e-s desconeixen les grans», e a exemple de March Agrípià treball molt per la dita concòrdia, per la qual serà a cascú frare e companyó, amich e bon rey. E après Déu e virtut, sia-li la pus cara cosa amistat, e l'om que huna vegada haurà fet digne de sa amistat, no-l git de negun consell seu, e seguint lo consell de Senequa, totes ses coses acorde ab aquell que sàpia ésser son amich, mas primerament acorden de l'amich; e confiu molt mas no de molts, estudi que sàpia conexer l'amich del lagoter o suau enemich; plàcien-li verdaderes lahors, stímols o puncions de virtuts, avoreisqua lagots axí com a verí. No sia lauger en pendre amistats, mas pus tart des que les haurà preses les leix, e si possible és no les leix jamés; e si les ha a leixar no u faça pertidament e sens manera, mas poch a poch, e, axí com se diu en l'antich proverbi, «descusa e no squince la amistat». E tingua per ferm que segons ell és amich dels altres, [f. LXXVIIIr] axí los altres li seran amichs, ne-s fenyà ésser amat de algú que ell no am, segons sol ésser error dels grans senyors; e deu guardar que les voluntats de cascuns són forts liures, e no sofren jou d'altri en qui axí mateix no-l coneguen; e amor jamés no pot ésser forçada sinó per amor, e per aquella és forçada puix la conega en l'altre. No haja presumpció alguna de mal en lo amich antich, e no crega inpròvidament e sens causa algú; git de si sospites, no pare la horella a acusadors o malmescladors d'altres, e si i perseveren, ab pertinàcia reprenga'ls-ne, e encara los poneixca si no se'n leixen. Paraula és de l'emperador que lo «príncep que los deladors o malmescaldors no castiga, así mateix irrita». Lo gran Alexandre, jatsia jove e molt poderós senyor, menyspreà hun acusador ab molt gran e bona fiança, e sdevench-li'n bé segons devia. Car, com stant malalt degué pendre per medecina hun beuratje a ell aparellat per Felip, metge seu, rebé letres de Permenió en les quals lo amonestava que Felip metge, corromput ab molts diners per Dari, enemich seu, li havia promès que-l faria morir; axí que guardàs sos aguayts e son mortal beuratge. Les quals letres legí Alexandre e celà, e disimulant callà tro que, entrat lo metge ell hac begut lo beuratge, e ladonchs girà los ulls al metge e liurà-li les letres de la acusació, però feya-u tart e inutilment si vera fos, mas assats les li donà tost e bé, puix la ocasió era falsa. Menyspreu altament los malsparlants e almenys per calament los reprenga e-lls mostre que han mentit, [f. LXXVIIIv] recordant-li ço que l'emperador Octovià screví a Tiberi, dient que no devia enfellonir que algú parlàs mal d'ell, car «prou era que algú no li pogués mal fer». En altra manera, més avantatge hauria lo hom que Déu, al qual jatsia no-s puixa acostar injuria o offensa, emperò sovent la asaja hom de injuriar de paraula. Donchs lo teu rey ampre o exercesqua la pensa e les orelles en açò, en què no solament és loada la paciència del dit gran emperador, mas de Pompeu Gran, solemne cavaller e ciutadà de Roma, e del rey de Parthia e de Pisístrat tiran de Athenes. No s'agreuge lo teu rey si alguns inquiren saber sos sacrets, mas ell no cur saber secrets d'altri, car de valerós cor proceix no curar de tals coses, e lo contrari és en cascun cars poca confiança.

Mes avant faça lo rey sia tal com voldria ésser reputat per les gentes; e ladonchs no voldrà res seu ésser amagat ne secret, ne més se guardarà que u veja son amich que son enemich, ni-n curarà més sa deliberació en consell que-ll testimoni dels qui mal li volen. E ab aytant confiança féu menar Cipiò les spies dels Cartanyeses per la ost dels romans; e ab semblant magnimitat Július Cèsar soltà Domici pres, gran cavaller de Ponpeu enemich seu, e Llavien fogitiu menspreà e no se'n curà, qui sabia molts sacrets seus; e encara, com huna vegada hagués trobat scriptures hon eren los secrets de sos enemichs, cremà-les, que no-n volch que les legissen. E no-s pens lo rey que follament o [f. LXXVIIIr] a la ventura li sia possat en son títol sereníssimo o molt clar, mas per tal que en lo seu coratge, proïsme a

Déu e pus alt que totes humanes passions, no puxa pugar negun núvol de dolor, ne algun plor de tristor, ne algun glaç de pahor ne fum algú de mals desigs ter[e]nals. Sàpia que ira en príncep és fort leiga cosa, e nomenar solament crueldat en rey és cosa il·lícita e peccat, e tant pigor com à sots si més maneres de noure que altri. E senta ésser veritat ço que dix Seneca en la segona tregèdia: «tot regne és sots major regne»; e axí, levada tota ira e temor, se reta comú a sos sotsmessos, e a tot ço que en ells ordenarà sper axí mateix en si de la mà de son superior, ço és Déu. Supèrbia e envega no haja, que no són vicis de rey mas de gent comuna; quina rahó ha lo rey de haver supèrbia al qual Déu ha fet tant de bé, e és deutor de tant grans dons a Déu totpoderós, creador seu; ho com pot haver enveja lo qui no veu sobre si negú e veu si mateix sobre tots?

Entenga lo teu rey que veritat li deu ésser fundament de tota fe, a al qui diu falsies se sdevé que no-l creu hom de les veritats; e grans veritats se gasten ab poca falsia. E axí, si desiga que hom lo crega, prenga en costum parlar tots temps veritat, e axí acostum sa lengua que no sàpia mentir. Car no pot ésser pus absorda cosa ne pus perillosa que rey mentidor, sots lo qual la cosa pública de son regne, incerta e tremolosa per ses falsies, haurà a vacil·lar. Molt deu ésser stable e ferma la paraula de aquell en lo qual és fundada la sperança e seguretat de tants [f. LXXVIIIv] pobles, e jamés no deu mentir als altres aquell al qual és mester, si fer-se pot, que negú no li menta. E perquè seria lagoter lo que no deu haver por ni deu sperar haver res d'altri, les quals dues cosses me paren propis agullons de lagoteria? Guart-se encara que no loe si mateix, sa laor per fets la deu mostrar e no de paraula. No menace a negú ni s'enfeloneisca, car no està bé al rey, que ab son sol sguart pot spantar, e stant repossat se pot venjar, e encara perdonant pot castigar, e és la pus noble venjança que ésser puixa. Guart-se axí mateix de alegrar-se masa e sobremanera, guardant les ocupacions inmortals dels regiments de son regne; ne tanpoch se deu intrestir si guarda les grans honors e la divinal magnificència que ha en si; no-s nege a negú, car Déu l'à fet nàxer no per a si solament mas per a la cosa pública, e sàpia que tota hora fa sos fets quant ajuda a sos sotsmessos. Tempre la rigor de la justícia ab egualtat, e la crueltat sia mesclada ab clemència, en la prudència sia alagritat, en la celeritat madurea, en la asseguretat avisament, en la temprança haja plaer, en la laugeria autoritat. [Aja] en lo menjar nodriment, en los convits temprança, en lo parlar suavitat, en la reprensió caritat, en lo consell fe, en juhí libertat, en riure tarditat, en lo seure manera, en l'anar gravitat. Aja sperons en remunerar, e pereós en punir; ffira son enemich [f. LXXXr] ab cara alegre, e a son ciutadà, si u mereix, ab car trista, e per eximpli del gran príncep, los delictes de sos sotsmesos «li sien axí com nafres pròpies, que no-s poden guarir si no són tocades o curades», e segons diu Titus Lívius, deu-los punir ab gemechs e làgremes, axí com si talàs ses entràmenes; e meta's al cor que ell rey deu ésser del tot semblant a Déu per misericòrdia, e que del tot erraren los philòsofs que damnaren misericòrdia; magnimitat és pròpia virtut dels reys, sens la qual no són dignes de haver regne ne nom de rey; e si la umanitat natura és de hom, e no virtut, si no la à, més és cosa no acostumada que vici; mas pertany més umanitat a rey que altri per ço com més sobrepuja los altres a ell que te entre los hòmens lo primer loch; deu haver castedat lo príncep, la qual és bellea en tots los hòmens, mas en rey ha singularitat de belea; res no és pus bell que rey cast, ne pus leix que rey luxuriós; gratitut, que és memòria de servirs e de beneficis, solen haver los bruts animals, e és leja cosa si fall als hòmens; és ver que als hòmens és hornament de belea, e ajuda al rey; e ingratitut sol corrompre los nirvis e força del regne, per tal car cascú ha perea de servir als qui obliden los serveys e omplir la pregonea sens fons de l'ingrat coratge de dons que parexen. A la fi confés lo rey que és plè de honor carregosa e de càrrech hondrat, e lo qui enans era franch e liure sàpia que, des que és fet rey, ha presa [f. LXXXv] servitut treballosa, solícita e honesta, sots la qual stà la libertat de la cosa pública; e de allí avant ha a viure per exemple ésser als altres, car per exemple dels reys se regeixen los regnes, e les errades del poble solen exir dels costums dels sennyors e regidors. Lo rey no deu voler res pròpi a si sinó lo ceptre honest, la corona e ço que d'aquells ix, ço és la salut de tots sos sosmeses, gloriosa mas difícil e de molts caps, semblant a la serp de Ércules a la qual naxen molts caps per hun talat.

Haja lo rey agudea deguda a l'enginy, e vergonya deguda a sa hedat, e virtut a son linatge e a son reial stament, e tinga majestat pertanyent; menyspreu porpra, e pedres precioses e delits, trahent-se scarn de totes les coses que passen e fugen, solament guart altament les coses eternal, e de aquelles se maravella. Haja per reial exercici armes e cavalls, e los areus de son palau e[n] pau e guerra; en totes coses segueixca en son regnar les ars e maneres dels romans, que són «servar manera en la pau,

perdonar als sotsmessos, e guastar e aflaquir als superbiosos». A la fe, sàpia la present vida ésser taulell de gran peril e treball, no deu seure a jochs o plaer, ni repòs pereós, ni a vil delit ne a altre donat per Déu al[s] hòmens, sinó que ab cich e breu mèrit se obren camí [f. LXXXIr] a la eternal glòria e matèria e fama perpetual. E axí altra vegada mostre's avinent a·pendre, ab gran voler liga e hoja los notables fets dels antichs, e sia solícit e fervent demanador dels exemples dels antichs prínceps il·lustres. Haja contínuament en memòria ço que aquell príncep magnífich, lo derrer Cipió Affricà, destrohidor de les ciutats enemigues, féu e servà en la host sobre Çamora, que enaprés fo eximpli de militar diciplina a molts romans prínceps, que axí com aquell gità de la host totes maneres de delits e d'àvol luxúria e dos mília àvols fembres, axí lo teu rey gite de ses ciutats tots isturments de luxúria, e corregesca les costumes de les gents que per gran leher se són affollades, e sens açò no haja speranza no solament de victòria mas de salut. E a ço per exemple seu haja del dit príncep, e d'altres haja altres coses, per les quals se farà acabat e perfet; e tants noms de hòmens insígenes per virtut, com trobarà ésser stats ans de ell, tants ne sàpia ésser donats a ell per mestres de sa vida e per endreçadors seus a glòria; e sovent és que·l·ls nobles corratges tant los encenen exemples com dons, e tant paraules com stàtues possades en memòria dels antichs; gran plaer és com hom pot egualar si mateix als antichs que son loats, e bela enveja és la que·s pren de virtut. E no·m ms. no·n. cal perdre temps en [en] querir d'altres antichs, car exemple notable, és no antich mas fresch e de totes virtuts, si ja no m'engan per amor, [f. LXXXIv] ha lo teu rey davant sos ulls, ço és son oncle lo rey Rubert, divinal e il·lustre, la mort molt damnosa del qual declarà quant era sa vida profitossa al regne. Mire aquell e conforme si mateix segons la regla de aquell; contemple si mateix en aquell molt net spil; aquell era savi, magnànim e suau e rey dels reys; axí com per edat lo segueix e per sanch, axí segueisca per costums e coratge. Moltes vegades voler semblar als bons de enteniment e enginy és stat profitós, axí com voler·los semblar d'altres coses; ja deu ésser reputat bo los que·s studia semblar al bo.

Moltes coses he dites, mas a veritat poques són atessa la magnitud dels affers, e més són encara les coses que y resten a dir. E tu, molt noble baró, sents e saps que totes són a càrrech de tos muscles; emperò a la gran amor res no y és difícil o greu, sinó ésser no amat. Açò no pots dir tu, qui est del tot cert de la amor e juhí de ton criat, e duch e cors e guia de sos consells; no fou pus agradable Chiron a·Chil·les, ne Palinurs a Henea, ne Philoteçes e Èracles, ne Lilius a Cipió Affricà, que tu est al teu rey. Donchs, acaba ço que has començat, car la caritat porta tot treball e la amor venç totes coses. E axí mateix, qui vol part de la honor e glòria, rahó és que porte sa part dels pensaments e càrrechs. Les coses grans a costar han: l'or se cava del pregon de la terra, les spècies se porten de luny, l'encens se cull dels [f. LXXXIir] arbres que suen en Sabea, en Sidònia se peisquen les murices, lo vori se ha en India e les perles en la mar Oççeana; ab gran dificultat se han totes les coses grans e precioses; e la virtut, que entre totes les coses és molt preciosa, no s'obté laugerament; l'una fama és pus resplandent que or, la qual ab gran studi se denega e ab gran diligència se guarda hi·s sostè. La rosa stà entre les spines, la virtut entre les dificultats, e entre les cures solícites stà la glòria; en lo collir de la rosa sofrir lo dit affany e peril, e en la virtut e glòria lo coratge de l'hom. Donchs tu, ciny lo teu coratge ab gloriosos començaments; car com cuydaràs haver acabat, ladonchs començaràs; exercita'l ab bones cures del rey e de la cosa pública, e exercitat ab aquelles farà deçà pus benaventuradament sos affers, e la ànima, après que serà partida del cors, pus laugerament volarà e millor a les eternal cadires, segons oppenió de Ciceró e nós ho sabem. A Déu coman, honor del regne e nostra. Feta en Avinyó a ·xx· de febrer.

Século XIV (Ferrer, 13?)
Código: docc 14/04

Letra feta per lo magnífich Ffrancesch Fferrer tramessa al spectable don Johan Roíz de Corella quant fonch ellet governador del present regne per absència de l'egregi compte de Cocentayna, pare seu

[**Nota preliminar:** reproduïm l'edició digital de l'obra oferint la possibilitat de consultar l'edició facsímil del microfilm del Ms. 7811, *Lletres de Batalla*, ff. CLXv-CLXIIr, [*Letra feta per lo magnífich Ffrancesch Fferrer tramessa al spectable don Johan Roíz de Corella quant fonch ellet governador del present regne per absència de l'egregi compte de Cocentayna, pare seu*], Biblioteca Nacional (Espanya); foliació en color blau.]

-f.CLXv-

Letra feta per lo magnífich Ffrancesch Fferrer tramessa al spectable don Johan Roíz de Corella quant fonch ellet governador del present regne per absència de l'egregi compte de Cocentayna, pare seu

-f.CLXIIr-

Molt noble baró: si en la imaginació vostra se menegan actes de virtut, de hora en hora sereu request d'esperència, e lla on siau dexeblle de hun tal estudi no us digau menys de bo, car, pux lo pensament sia tal, vostres hobres seran bategadas per los bons ab lo nom de bones.

Cascú deu ésser content de vostra vida fins a huy pux la major part de l'interès vos lunya de vós matex, mas ara qui teniu en cura aquex pubil, és mester administreu sos bens en tal manera que, al retre del compte, totes les partides vos sien admeses. E seguir-se'n an dos profits, augmentació de la cosa acomanada, e per paga de la administració glòria e honor, per la qual tot animós volenterosament treballa, per lo prest mudament de vida a vida. E semblarà a vós molt aspre aquest camí, o axí està en veritat, que aquell qui vol trobar les rahels de virtut les à de cercar straçant la sua pe[r]sona entre munta[n]yes e per lochs molt agrets e alts, car tant és de alt mester que ab prou dificultat s'i pot bastar. Mas també us porta major espant e ferea lo pensar en aquella que no lo experimentar de aquella, però tan gran és lo premi qui se n'ateny que tota aquella aspredat se convertex en camí reall e pla, e tal¹ que ab lo gran desig de aplegar a la jornada ne trastegau tant com voleu.

Si de aquestes contínues escaramuces volreu haver lo pris, de necessitat és cavar bé vostre voler perquè molt li plàcia, e axí dubtareu poch l'enemich qui és lo treball, lo qual à tal liga e deute ab la virtut que, com a privat e pus estret, mana les festes, mas també, si molt és pe[r]seguit, de enemich que sembla vostre lo us fareu singular amich.

Aprés de aquella bona imaginació, la qual ab consentiment de la volentat és olla on se cou lo principi de tota hobra virtuossa, són nesessàries dues cosses: tenir bon caball en disposició² de persona, e per acompa[n]yar aquella viura d'esperit, freturant³ de aquestes negú no basta en haver conexença de aquell tan sumptuós bé. Vós fonament teniu, no us dolga jens caregar e despendre lo temps damunt aquell, car tal és la propietat⁴ de la vertut que despenent tot jorns se aplega, e axí experimentant non errareu pas.

E amau més fer-vos conèixer per vostres actes que si us conexien solament per vostre nom, car la

derera ateny cascú e l'altra hereten pochs. Tan gran anpressa és la que teniu entre les mans que bonament estimar no-s poria, mas tanpoch no és tan gran que us deja espantar, car ab discreció se'n pot veure por vós la ffi desigada. Lo entretant⁵ del temps és perillós per vostra nova edat e per los molts apetits que desperta l'offici, mas **-f.CLXiv-** rekestint ab lo pertret que ja teniu damunt, no an esfforç⁶ de mal a fer, car la sensualitat los encen e lo bon horde los apaga. Pensau que sou dat per govern a la cossa pública, e per regir e governar bé aquella primer aveu a purar e examinar a vós matex, lavors ab poch afany fareu los fets dels altres. O, quants vos miren ara fermament e faran gloses sobre vostra vida, que ans de açò de vós feyen altra estima! Tal solament vos mirava que ara us veu e ffa memorial dels duptes com a errades. Vos tenreu ab pochs salaris molts jutges, e ab molts prechs, donant-los del vostre, pochs atvocats.

Scoltau volenterosament a tots, mas parau la orella a pochs, passió de gran amistat no us enegue⁷ ne lige los braços a la rahó. Preneu molts consells e hajau fermetat en la deliberació. Squivau molt lo vici de carnalitat perquè porta ab si tan mala ombra que ab poca quantitat de aquesta se enderoca lo pus savi, en los delits tenreu molts acompaña[n]ts, en lo retre del compte, si tornador sou, negú no pagarà per vós. Hajau gràcia en la pràctica mas per grat no desconegau la justícia, ab gran volentat abso[l]veu e ab molta força e dolor punyiu, ans flixau en la pena que punyir fora rahó. No us enfelonixcau ab advocats ne procuradors de aquells qui haveu a jutgar, que sona a bcegament de justícia hi és vici e gran taca en hofficial. Donau defenses e prou a qualsevol delat perquè no sospireu per execució que hajau feta, mas tanpoch no ls tingau en pressó més del temps competent, que se n'abreuga la vida e se'n demenuexen los bens e amichs, mas segons merits absolre o condapnar, ans per certenitat perdonau que per hopenió condapneu.

Tots los qui us amen per vostre hofficial amau-los salvant vostre hofficial, quants vos abraçaran que no us conexien, féu en els segons principi de conexença, e axí per horde fareu segons faran. Squivau tot excés [de] treball e gran occiositat, que per lo hu val menys la persona, per l'altre l'enteniment. Hajau per amigablls e familiars tots los migans dels delits e tota art de música perquè ajuden a comportar mils los treballs a vostra persona e sentiment. Scoltau clams, mas no proveixcau en aquells sens la part. Vesitau sovint als miserables presos, e atalau a les malícies de molts requeridós. A l'indefès defeneu-lo, que no solament sou per castigar lo colpable mas per defenre e rahonar lo procés de l'ignocent, altrament auríem a dir que vostres instruments sonarien més a la part de dolor que de consolació. E comporta's abans açò en lo meu parlar **-f.CLXIIr-** que no faria en vostra hobra, com de nesesitat se requir éser vós tot equal. Meteu sovent la vostra persona en grans avinentees e ans vos plàcien les sales que ls retrets, per tant com tota avinentesa és apagament de mal e l'als peril e gran infàmia. Si us esvetlau més del degut inestimable bé serà a la comunitat, car lo dormir e repòs de l'hofficial és guiatge al malfaytor. Honrau les jents com a Corella perquè us honren com a governador, mostrau rigor en la continença e humanitat en lo meneg. Guardau-vos de assessor que porte la ley a la part que te més voluntat, perquè en nom vostre no faça sos affers. Mirau bé lo present perquè hajau poch que duptar l'esdevenidor, e axí estareu fort, ferm e saldo, car tal vos aguardarà de dia que n la nit vos darà lo primer colp. Hoïu parenceries e fichcions perquè és art amigablle la de poesia e aprofita molt a enbelir los rahonaments, mas vostre repòs sia en filosoffia, que és ben hobar, perquè les ànimes de aquells qui us an mès en tal ceptre pugen viure reposades, e los subjugats a vostre hofficial hajen contentament de vostra administració. E fent axí restau tant en gràcia gratificant de aquell Déu donador de gràcies que realment vos poreu dir posehidor de vida gloriosa, en la qual siau tant afectat que de aquella insurta tal renom que reste per exemple a tots los sdevenidors.

Endreça

Governador, si-l cars de l'ignocent
ffur, dret ni lley de quiti fa dubtable,
lo mal que pas atorch qu-és rahonable,
tot al revés de quant rahó consent;
mas si absol a l'ignocent lo dret,
no-m vexen pus, baste que m'an desfet.

Século XV (Guarnerio, 1886)
Código: docc 15/01

Carta reale del Re Ferdinando, con cui síahilisce che le opere
militari della città d'Alghero siano pagate colle rendite dei diritti reali.

Ann. MCCCCXIV

*(Dall'apografo, nel vol. II dei Privilegi, Archivio Comunale
d'Alghero.)*

[fol. LXXXVI, r.] En Ferrando per la gracia de Deu Rey d'Arago, de Sicilia, de Valencia, de Mallorques, de Serdeña, e de Corsega, Comte de Barcelona, Duch de Athenes, e de Neopatria, e ancara Comte de Rossello, e de Cerdanya. Al feell nostre en Guillem catrilla procurador general en la Isla de Serdeña, salut e gratia. Segons hauem entes per humil exposicio a nos feta per N anthoni suñy, missatger à nos tremes per la vila del Alguer, acustumat es stat en temps passat per nostres predecessors, que les obres del murs, e dels valls de la dita vila, e los soldats qui y eren per custodia d'aquella, se paguen de les rendes, emoluments, e drets reys de la dita vila, porque a nos humilment supplicat, que nos sobre les despeses faedores per raho de les dites obres, e dels soldats per custodia de la vila, deguessem segons la forma e manera del temps passat degudament prouehir. Nos la dita supplicacio benignament admesa, vos dehim e us manam expressament, e de certa scientia, que si rebuda per vos informacio diligent, ttobarets nos esser tengut segons lo costum, a nos del temps passat per lo dit missatger allegat, e pretes a pagar les dites despeses de obres de murs e valls, e dels soldats de la dita villa, paguets aquelles, e aquells de lès rendes, emoluments, e drets reys a nos pertanyents en la Jsla dessus dita, reduynt, empero temperant, e moderant aquells segons que la qualitat del temps, ço es de guerra, o de pau reguerra, e monestara, e a vos sera be vist faedor car nos remetem les dites coses a discrecio e prouidencia vostra, la qual encarregam estretament sobre aço. Pero si veurets que sia faedor, ab vostres letres de les coses dessus dites nos consultets, perço que nos clarament, e distinctament puxam prouehir sobre aquelles, e vos enuiem manat lo que sobre aço deurets fer. Dada en Çaragoça a XIX. dies d'abril, en l'añy de la nat.^e de nostre senyor M. CCCC. XIII. — Rex Ferdinandus .

Carta reale del Re Alfonso, con cui proibisce al Procuratore Generale del Regno di Sardegna di
esigere dalla città d'Alghero più dei due ventesimi stabiliti per diritti di decima.

Ann. MCCCCXXII.

(Dall'apografo, nel vol. II dei Privilegi, Archivio Comunale d'Alghero.)

[fol. CIII, r.] Nos Alfonso per la gracia de Deu Rey D'Arago, de Sicilia, de Valencia, de Mallorques, de serdeña e de Corsega, Comte de Barcelona, Duch de Athenes, e de Neopatria, e encara Comte de Rossello e de Cerdania. Al feel Procurador nostre en lo Regne de Serdeña, en Johan fineller, o, a son Lochtinent salut e gracia. Notificam vos que lo feel nostre en Jacme de font de Boreller syndich de la vila de Lalguer, ha exposat dauant nos ab clamor que vos volets, o vos sforçats exhigir dels habitants de la dita vila del Alguer, contra dret e Justicia per raho de delme un vinte ultra los dos vintens que paguen, lo un a nos, o a vos, en nome nostre, e, l'altre al Rector de la dita vila, la qual cosa redonda en gran dan[y] e preiui dels habitants de la dita vila. Perque supplicat a nos per lo dit syndich que en les dites coses, deguessem de remey de Justicia prouehir vos manam expressament, e de certa sciencia, sots incurrimet de nostra Jra e indignacio e pena de dos milia florins d'or d'Arago, a nostres coffres si contrafarets applicadors, que si los habitants de la dita vila pagaran un vinte a vos, e altre al Rector, no exegestats altre vinte algu dels dits habitants en alguna manera, si donchs alcuna causa iusta e honesta no s[e] mostrara en contrari, de la qual nos certifiquets per vostra letra per tal que informats, vos puxam de ço que ordenarem esser fahedor, e aço no mudets, ò differats, car nos volem que axi s[e] faça. Dada en lo Castell nou Rey de Napsols, sots nostre segell secret a XXXI. dies de Janer del ayn de la natiuitat de nostre señor, Mil quatrecentz XXII. — Rex Alf.

Século XV (Carles VII, 1446; Alfonso V, 1447)
Código: docc 15/02

Lletres entre Carles VII, rei de França, i Alfons V el Magnànim (ms. 7811 de la BNM, ff. CCCXXVr-CCCXXVv)

Alfons V Rei d'Aragó

Carles VII Rei de França

Stefano M. Cingolani (ed. lit.)

-f. CCCXXVr-

Letra del molt alt e poderós senyor rey de França a la majestat del senyor rey don Alfonso, rey d'Araguó e de les Dos Cecílies

Carles, per la gràcia de Déu rey de Ffrança, al molt alt e molt poderós príncep, e nostre molt car e molt amat cosí, Alfonso, per aquella mateixa gràcia rey d'Araguó, salut e dilecció.

Molt alt e molt poderós príncep, e nostre molt car e molt amat cosí, vós sabeu bé, com nós ça enrerem crehem, e axí és a tots cossa notòria com, [a] bò e just títol e rahó, a nostres predecesors, e a nós e a nostra corona perta[n]ya e pertany lo dret e títol de la ciutat e ribera de Gènova, de què, a tort e sens caussa neguna, alguns la hajen tenguda e hocupada per alguns temps, fora la hobeidència dels dits nostres predecesors, e de nós e de la nostra dita corona. E per tant, [com] de algun temps ensà nós volem cercar los drets de nostra corona, axí com rahó e cascun home vol, e requer e desiga, a nós és de nessesitat procehir¹ en moltes maneres en lo recobrament de aquella senyoria.

Com nós entenem que hajats bé hoït, e és axí que, de present, a la requesta e de consentiment de la pus gran e sàvia partida de nostres súbdits de la nostra ciutat, ribera [e] senyoria, regonexent lur drete senyoria, seguons que rahó vol, ab molt e² gran voluntat en breu voler de tornar e reduir-se³ en nostra hobeidència, en la qual no[s] som entegrament ⁴ declinats de tot nostre poder entendre e fer treballar. Tota vegada, com entès havem, alguns particullars d'èls, forçadaments e desrahonable volents, més que de rahó no-s deu, ço és que s'esforcen de metre e donar algun enpachament al davant a nós, enanten, de no menys, en açò ha fer, de vós havent alguna ajuda e socós, ço que bonament nós creure no podem.

Atès lo bon dret, que sabeu, nós haver en la dita senyoria, e los bons tèrmens que nós havem tenguts tots temps e fets tenir de vós, vostres⁵ terres e senyories, e a tots vostres súbdits, que jamés havem permès, ne volgut fer, ne sostenir fer guerra per parents, amichs, colligats ne altres, qual se vullan ocasions ne requestes que-ns hajen fetes. E axí deveu vós advertir de ço que dit és, e-ns fets asaber la vostra intenció.

E pertant, que de la vostra deferim bé saber-ne la veritat, trametem la present, e portador de aquesta devés vós Berrí, nostre haralt. E sí us pregam, car [e] amat [cosí] nostre, que per ell nos vullau escriure e, sobre totes aquestes cosses, en veritat certificar de vostre bon voler e intenció. E axí matex de vostre bon estat e prosperitat de vostra persona, qui a nós tos temps serà de gran plaher de hoïr e saber en bé.

Dada al castell de Mutillés de la nostra ciutat de Thous, lo derer jorn de dehembre [·MCCCCXXXVI·].

-f. CCCCXXVv-

Resposta

Don Alfonso, per la gràcia de Déu rey d'Araguó e de les Dos Sicílies etc., al molt alt e molt poderós príncep, nostre molt car e molt amat cossí, Carles, per la matexa gràcia rey de França, saluts e dilecció.

Molt alt e molt poderós príncep, nostre molt car e molt amat cosí, rebut havem vostra letra per Berri, vostre haralt, e quant a la part del dret vostre en Gènova, nós o remetem a la veritat.

Al què dieu, haver vós vedat que en nostres regnes e terres no fos feta guerra per parents, amichs e colligats vostres, haveu fet lo que axí matex nós havem fet per vostre regne e terres, e moltes vegades havem donat loch que de nostres vasalls sien anats en ajuda e ffavor vostre, en les guerres passades que hagu[é]ts ab lo rey de Anglaterra. E per nós serà conservada la bona amistat, tots temps que per vostra part no se rompa.

A la part que dieu voler saber nostra intenció en lo fet de Gènova, vós certificam que aquella, estant en sa libertat, entre nós e ella fon fermada pau, confederació e liga, les quals entenem servir.

E perquè de nostre estat vos plau saber, vos certificam éser sans e tenir en tranquil·tat lo dit nostre estat. Pregam-vos que de la vostra bona salut e estat semblantment nos vullau fer saber, perquè nos serrà car axí com a vós de nostre.

Dada en la ciutat de Tívoli en lo territori de Roma, a ·xviii· dies del mes de ffebrer, any Mil ·CCCCXXXVII·.

Século XV (Cingolani, 2003)
Código: docc 15/03

Letra tramesa per lo soldà de Babilònia a l'Excel·lent Senyor Don Johan Rey de Chipre [Fragmenta]

Stefano M. Cingolani, Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives 2003

Nota prèvia: Aquest document forma part de l'apartat **Intertextualitats** del Projecte d'investigació «Biblioteca Multimèdia *Tirant lo Blanc*» (Ministeri de Ciència i Tecnologia, referència BFF-2002-01273) i de la Secció *Fragmenta* del portal Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives http://lluivives.com/bib_obra/Tirant/. L'objectiu fonamental consisteix a mostrar, en forma de citació, aquells fragments d'altres obres que han influït directament o a través de fonts interposades en la composició del *Tirant lo Blanc* i del *Guillem de Varoic* i que anomenem 'Intertextualitats'.¹

Per la presència de *Lletres de batalla* (BNM, ms. 7811) a Martorell veg. Riquer 1990; Cingolani: Vives 2003.

Ms. 7811 (BNM), ff. CCLXIIv-CCLIIIr

[f. CCLXIIv] Jacomach, per la permesió e voluntat de Déu omnipotent gran soldà de Babilònia, senyor de dos temples, ço és a saber, del sanct Temple de Salamó de la ciutat de Jherusalem e del sanct Temple de Mecha, senyor e deffenedor de tot lo poble morisch qui és e habita de sots lo cel celestial, mantenidor e deffenedor de la sancta fe e de la sancta doctrina de nostre sanct propheta Mahomet, la qual fe, a-quells qui la tenen, en llur fi dóna consolació e glòria sens fi etcetera, a Johan, gloriós e gran rey de Chipre, mantenidor de la fe cristiana, nós te enviam salut, honor, glòria e stat e fem asaber que per consell e deliberació de ·xij· reys a nós perpetualment súbdits, a nós tots temps obedients, per grans justes occasions havem sentenciat ésser en nostra ira e desgràcia e en guerra lo Gran Mestre de Rodes e tota sa religió, ab dispòsits e deliberació que aquest primer stiu los trametam axí gran puxança de cavallers e d'altres hòmens, a la qual tot lo món no poria resecstir, e los farem destrohir en cors e en bens, car axí nos ho à mes en lo cor lo Déu omnipotent, per lurs demèrits.

[f. CCLXIIIr] E après presa aquesta deliberació és vengut ton cavaller Steve Pinyol davant nostra presència, lo qual nos ha presentat tres letres de crehença, la qual crehença altament e discreta nos ha dit. La sustància de la qual si és que de ta part nos ha dit com la guerra qui-s comensa de nos ab lo Gran Mestre de Rodes, si va avant, serà ocasió de fer-te perdre tot stat perpetualment e tot ton realme, per què·ns suppliques e·ns requis, tan dolçament e de tan fin cor com tu pots, que, per reverència de Déu omnipotent, te dejam fer tanta de gràcia que, migantçant tu, dejam donar nostra pau e fer nostra cara blancha envers lo Gran Mestre de Rodes en la forma antiga, e moltes altres paraules que lo dit embaxador teu nos ha dites prudentment e savia de la part tua, toquant sus la dita matèria. Per què·t responem que no·ns pories res demanar cosa al món axí gran que a nós no sia pus placent que aquesta. Mas sé't dir que·ns és cosa molt dura lexar la cosa comensada, mas per ço que Déus omnipotent, qui·ns ha fet e·ns governa, tramet e comanda, a ta requesta e suplicació som contents que, migantçant tu, sia feta pau axí com la demanes e fer nostra cara blancha, e que vinga embaxador en nostra presència ab poder suficient, e nós confermarem e finirem la pau, e farem sobre lo Gran Mestre e sa religió nostre visatge blanch. La present letra te enviam per ton embaxador dessus dit, lo qual deu ésser tornat après la data de aquesta letra en dues lunes. E tu fes que la tua cara sia clara tots temps envers nós e nós te deffendrem contra tot home qui a tu noure't volrà ni fer dapnatge. E Déu sia en ta guarda. Scrita en nostre castell d'Alcayre, a ·xij· de la luna de ffebrer de la nativitat de nostre sanct gloriós proffeta Mahomet ·VIIIcXXXIX·.

TB: Hauf-Escartí 1992, I: cap. 135, 287, 4-22.

Século XV (Martorell; d'Hijar, 1444, 1446, 1450)
Código: docc 15/04

Correspondència entre Joanot Martorell i Gonçalvo d'Híjar, comanador de Montalbà

Joanot Martorell

[Nota preliminar: reproduïm l'edició digital de l'obra oferint la possibilitat de consultar l'edició facsímil del microfilm del Ms. 7811, Lletres de Batalla, ff. CCCIr-CCCIIIv, [Correspondència entre Joanot Martorell i Gonçalvo d'Híjar], Biblioteca Nacional (Espanya); foliació en color blau.]

- f. CCCIr -

- I -

Deseximents del magnífich Mossèn Johanot Martorell, al molt noble don Gonçalbo d'Íxer, comanador de Montalbà

Don Go[n]çalbo d'Íxer, comanador de Montalbà: a tot[s] és notori, e vós no u podeu ignorar, que maliciosament e contra tota bona rahó ne hajau entès en deseret de mon1 ffrare Mossèn Galceran Martorell, e més hajau comprat sa heretat e mia cautelosament e ab vies no prou honestes. E per ço com ell volent demanar sa justícia davant lo senyor rey de Navarra, al dit mon ffrare haveu fet metre en presó, mostrant en2 vostre ver semblant de ans voler debatre ab ell que acostar-vos a justícia. De la qual cosa yo, sentint-me de la honor de aquell, apparrant totes altres vies a les quals per vós a mi és donada prou causa e rahó, car seguint vostra pràctica no s'i merexen deseximents, emperò per major3 descàrech de ma honor e per ço segons vostres obres vós hajau la punició, que yo confiu en Déu que haureu, me desisch yo, Johanot Martorell, de vós, don Gonçalbo d'Íxer e de tots vostres valedors, certificant-vos que passats ·x· dies per ffur stablits, yo us dampnificaré e fer faré tot aquell mal, dan e deshonor que poré en vostra persona e béns.

E perquè vós ni altri per vós no pugau ignorància al·legar, vos tramet los presents deseximents per Johan Carauig, trompeta del senyor rey, parti[t]s per A· B· C·, sots scrits de la mia pròpria mà e sagellat ab sagell de mes armes, ffeta en València a ·xxvij· de abril, any Mil ·CCCCXXXVI·.

Johanot Martorell

-f. CCCIV-

- II -

Desexime[n]ts de Jofre Martorel, com a valedor de son jermà Mossèn Johanot, al dit molt noblle don Gonçalvo d'Íxer

Don Go[n]çalbo d'Íxer, comanador de Montalbà: per les rahons contengudes en los deseximents de mon ffrare Mossèn Johanot Martorell, yo, com a valedor d'ell, me desisch de vós e de tots vostres valedors, certeficant-vos, passat lo temps del ffur stablit, yo us dapnificaré e fer faré tot aquell mal4, dan e deshonor que poré en vostra persona e béns.

E perquè no pugats ignorància al·legar, vos tramet los presents deseximents per Johan Caraug, trompeta, lo qual és procurador per aquest acte, partits per A· B· C·, sots scrits de la mia pròpria mà e sagellats ab sagell d'armes, en València a ·xxvij· de abril, any Mil ·CCCCXXXVI·.

Joffre Martorell

- III -

Requesta de batalla a tota ultrança del magnífich Mossèn Johanot Martorell al molt noble don Gonçalvo d'Íxer, comanador

Noble don Go[n]çalbo d'Íxer, comanador de Montalbà: crech no sia oblidat com lo molt excel·lent senyor lo senyor rey de Navarra se era mes per concordar-nos, e après la concòrdia per sa senyoria feta, aquella denegàs, e ara derrerament fes pregar una e moltes vegades a l'honorable Mossèn Berenguer Mercader, batle general de regne de València, volgués ésser en la declaració e determenació de la mia heretat, ço és de la Val de Xalló, ensemps ab lo noble En Nicholau de Pròxida. Altercant fins ací no-[n]s som poguts concordar, açò a gran culpa e càrrech vostre, per ço com possehiu ma heretat contra dret e justícia.

Per què a mi cové com a cosa necessària dir e publicar ço que és passat entre vós e mi, com tinga un albarà scrit de la vostra pròpria mà e sagellat ab lo sagell de vostres armes, en lo qual vos obligau dar e pagar-me certa quantitat dins spany de un mes, poch més o menys, e som i passats cinch anys que la dita quantitat per vós a mi promesa aquella haver no he pogut. E perquè tothom conega lo gran càrrech que haveu en aquests affers hi en altres, lo vull insertar en sta present letra, lo qual és del tenor següent: -f. CCCIIr- "Yo, Go[n]çalbo d'Íxer, comanador major de Montalbà, confés deure a vós, molt honorable Mossèn Johanot Martorell, ·v· mil sòlidos, moneda reals de València, per lo preu dels de Murta e Benibafrim, los quals vos promet dar e pagar d'ací a Tots Sancts e tota vegada que vós voldreu, totes excepcions, malícies, diffugis, empires, rahons a part posades, de les quals en alguna manera ajudar no me puxa en detardar e detenir-vos la dita paga, ans de present hi renunciu e jur a Nostre Senyor Déu e als seus sancts quatre Evangelis en res no contravenir en les dessus dites coses. E per testimoni de veritat fas lo present albarà, scrit de la pròpria mà e sagellat ab mon sagell, scrit de mes armes, datur en València, a ·xxiiij· de setembre, any Mil ·CCCCXXXIII·."

E si vós, don Go[n]çalbo d'Íxer, gosareu dir o negar yo no tinga un tal albarà, scrit de la vostra pròpria mà, e no siau vengut a menys de vostra promessa e no hajau fallit com a cavaller en vostra honor, yo, a tota ma requesta, volent star al juhí de Déu, que en tals coses mostra lo seu gran poder, vos offir purgació de batalla a tota ultrança, mon cors contra lo vostre, a peu o cavall, en la manera que a vós serà ben vist, fiant en Déus e en Nostra Dona e en lo benaventurat cavaller mossènyer Sent Jordi. Si lo jorn de la batalla vós hi gossareu venir, yo pendré de vós venjança com a detenedor e malament possenhidor de la heretat de

mon ffrare e mia e de la promesa per vós a mi feta del pacte concordat entre vós e mi de la carta del quitament de la Vall de Xalló.

Les altres coses me oblidaré, per no ésser larch en scriptura, remetent-ho tot a la veritat ensemps per al jorn de la nostra batalla, avisant-vos, si la dita batalla acceptar no gossareu, o rahons algunes per vostra part me al·legareu no concordant-vos ab mi de la dita batalla, yo hiré davant la magestat del senyor Emperador o davant lo poderós senyor rei d'Anglaterra. Davant qualsevulla de aquells, per virtut de l'albarà, yo reversaré vostres armes e aquelles publicaré, ab l'albarà5 ensemps, davant tots los prínceps e senyors que yo porè, perquè coneguen lo gran càrrech e vergonya que havets fet a vostra honor e fama, pregant-vos accepteu la dita batalla, per ço que no hajau ésser principiador d'un tant leig cars en vostre llinatge.

-f. CCCIIv-

E si voleu pendre càrrech de cercar lo jutge, seré content lo hajau a trobar per spany de sis messos, que sia de gentil hom fins emperador, sol que haja poder de asegurar la batalla. E si a mi me voleu donar càrrech de serquar e haver lo jutge, vos6 proffir dins tres messos haver-vos trobat jutge competent qui lexará venir nostra batalla7 a tal fi, combatent-nos per tantes jornades fins la hun de vós o de mi hi romanga mort o vençut o fementint. Però tots temps m'atur, si lo jutge per vós o per mi hagut nos trau de la batalla sens que la hu de nós no y romangués mort o8 vençut o fementit, que en tal cars siam en nostra primera requesta així com lo9 dia que la acceptàs.

E si a la present me voleu respondre, donant o fent donar vostra resposta a l'honorable En Jacme Martorell, qui és procurador meu per aquest10 acte, yo l'auré per rebuda, la qual speraré per spany de cinch dies après que us serà presentada.

E per ço que paraules no-s puxen mudar, tolre ni affegir, la he partida per A· B· C·, sagellada ab sagell de mes armes, e sots scrita de la mia mà, la qual vos tramet per Calàbria, eraut del molt alt e excel·lent senyor rei e senyor lo senyor rei d'Aragó, scrita en Algezira lo primer dia de març, any Mil ·CCCC·.

Século XV (Vilarig, 1452)
Código: docc 15/05

Correspondència de Bernat de Vilarig amb Joanot de la Serra i amb Jofre Pardo

Bernat de Vilarig

Joanot de la Serra

Jofre Pardo

Stefano M. Cingolani (ed. lit.)

[Nota preliminar: reproduïm l'edició digital de l'obra oferint la possibilitat de consultar l'edició facsímil del microfilm del Ms. 7811, Correspondència de Bernat de Vilarig amb Joanot de la Serra i amb Jofre Pardo, ff. CCCXLVIIIv-CCCLXXVIIIv, Biblioteca Nacional (Espanya); foliació en color blau.]

-f.CCCXLVIIIv-

-I-

Letra posada per part del molt magnífich Mossèn Bernat de Vilarig en alguns lochs públichs de la ciutat de València fent oferta de batalla, si és request, per causa de certes paraules dites per lo magnífich En Johanot Galçeran de la Serra

Perquè paraules falses, ab sobreposades colors de vers semblants, errós de no ben creure, a alguns hoïdors de aquelles, no porten, és degut per tal esguart, he per confussió de aquelles, qui les persones ab tals paraules penssa portar a enganossa crehença, se'n mostre lo ver. Perquè yo, Bernat de Vilarig, desigós sien vistes per tots nostres differències, e lo ver d'aquelles, dich a vós, En Johanot de la Serra, com aquell qui tals paraules haveu sembrat, com en dies passats rebí un albarà, escrit de mà vostra, en lo qual se conté yo fos al loch on per aquell fuy cert fet, e altres rahons que per no ésser larch recitar ara no cur, refferint-me'n al dit albarà. E yo, vist la intenció vostra, no y doní tarda, mas fuy prest ab vós a la part que m'assignàs, ab aquella egualtat d'armes que vós cert me fés teníeu, hon vós e yo per certs esguarts tiram l[e]s spases, de què vós sou estat nafrat sols de les mies mans, com sabeu. E foraus estat millor lo calar, que après, per la coyçor de les naffres o vergonya de aquelles, ab paraules desonestes desigar caregar-me la honor, dient a alguns, seguons en ver m'és estat reportat, que hòmens serien estats ab mi, los quals haurien fet part en vostres nafres.

E per bé sia cossa que a la honor mia no freture lo respondre a tals paraules, ab tot dich que yo no é sabut, cabut, ginyat, tractat, ni per neguna via, art ni manera de quantes pensar se'n poden, fetl que hòmens hi sien venguts. E més, dich negú, si no yo, en vostra persona haver tocat ne donat empach per lo qual haguéreu pogut rebre dan, e menys fer-lo. Perquè dich, si vós a mi guossareu dir, ne atverar ne sobre aquest cars requerir de batalla, axí com a molts haveu rahonat teníeu deliberat, yo haja sabut en neguna cossa de les damunt dites, vós hoffir ara per llavors, en defensió de ma honor e bon dret, metre-y la mia persona contra la vostra, e açò és més pròpri que lo mesclar-y parents e amichs, mas vós e yo, que n2 sabem lo ver.

E sentint féyeu so3 de voler-me requerir de batalla sobre aquest cars, desigant veure'n la ffi, me só mes en part per poder ésser deliure per a quant me demanareu, e vist res no-m dieu, e fart ja d'esperar vostra requesta o demanda, per la gran tarda, la qual me ffa cert vós an més altat paraules que tal hobra, és a mi deguda cossa fer-vos cert ab la present de la caussa, perquè tant he esperat -f. CCCLr- emsemps ab la hoferta, damunt dita e ffeta per los sguarts ja dits. Mas yo no-m refferme jens en lo vós demanar-me cossa neguna sobre nostre passat cars, contentant-vos le vanes paraules e duptant la ffi. E açò parle perquè só cert lo ver de nostre fet com passà, perquè a vós la exida no poria ésser, sinó com lo principi, desventurada, e açò dich fiant de mon bon dret e persona. Aquestes cosses, per donar rahó cevill al món4 no dich, mas a ffi que achte criminal ne surta, si veure'l ne volreu, perquè si voluntat de res no-s mou sobre nostra fahena, feu que ixca en acte hofferint-vos. Si u feu, serem prests de acort, yo

emperò sempre defenent la honor e justícia mia.

Fent-vos cert trobareu en València lo molt noblle Mossèn Guillem Ramon de Centelles, procurador meu, fet a esguart de poder rebre qualsevol letra vostra, avisant-vos esperaré vostra requesta, que tant haveu parlat, fins a ·x· dies de giner, d'aquí havant faré de mi lo que·m consentrà rahó. La present, per no haver hagut avinentea de vós, o procurador vostre, é fet metre en alguns lochs públichs de la ciutat de València, a ffi que trellat ne pugau haver si·l ne volreu.

Feta en lo loch de Cirat, signada de mà mia, e sagelada ab sagel de mes armes, a ·xi· de dehembre, any ·MCCCCLII·.

Bernat de Vilarig

Século XV (de la Serra, 1452)
Código: docc 15/06

Resposta d'En Johanot Galceran de la Serra a la primera lletra de Mossèn Vilarig

Mossèn Bernat de Vilarig: si us erre lo nom, ab aquest títol de cavaller, de tot en tot a vostres actes contrari, siau ben cert que per ço no l'ignore aquell qui us és degudament -f. CCCLv- pus propi, però no-m cur, ans si res dich que algun tant perjudique aquesta mia letra, en la qual ni en les semblants no caen bé negunes vilanes paraules, pensen los entenents que la legiran que açò no ve per mon costum mas per vostra desaforada falta, tal que sol del parlar les horelles dels entenents se n'hofenen, la qual no consent a mal grat meu que en cars la ploma se alemite⁵. E lex aquestes rahons per venir al que vull dir.

En alguns lochs públichs de la villa, he sabut com són estats possats certs cartells o letres per part vostra, sots escrits de vostra mà, sagellats de vostres armes, fets en lo loch de Cirat a ·xi· de deembre, any ·MCCCCII·, contenen, en effecte, que-m fora estat millor lo callar que no après, per coïçor de les nafres per vós a mi fetes, o per la vergonya de aquelles, ab paraules desonestes desigar caregar vostra honor, dient e publicant que alguns hòmens serien estats ensemps ab vós, los quals haurien fet part en mes nafres, que si yo guossaré dir, ni adverar ne sobre aquest cars requerir a vós de batalla, ço és que vós hajau sabut, cabut, ginyat, tractat ni per neguna via, art ni manera de quants pensar se'n poden, fet que hòmens hi sien venguts. Hi, encara més, dieu negú, sinó sols vós, en ma persona haver tocat ni donat enpatx per lo qual hagués pogut rebre dan e menys fer-lo, que us hofferiu, ara per lavors, en defensió de vostra honor e de vostre bon dret, metre-y la vostra persona contra la mia.

A què us responch que vós, malvadament e com a mal cavaller, me haveu falit en alguna de les damunt dites cosses, e, si l'ànimo vostre bastarà a concordar-vos ab mi, que siau content que yo devise les armes e la forma de la batalla. Vos offir, ara per lavors, en lo nom de Déu e de Nostra Dona e del benaventurat cavaller Sent Jordy, combatre sobre lo dit cars a ultrança, lo meu cors contra lo vostre, en nom de requeridor e de request, batejau-lo com vós volreu, ab tal pacte e condició que, per spay de sis messos, hajau haver jutge, e si cercar no-l volreu yo-l cercaré, no sospitós, moro o crestià, lo qual, ab sacrament o ab albarà de sa mà, se hoblige dexar venir nostra batalla a tal fi que la hu de vós o de mi reste en la plaça mort o vençut. E si per ventura aquell tal jutge, que vós o yo hauriem, no-ns servava la promessa damunt dita, e que per spedient ho -f. CCCLIr- per forza nos volgués traure de la plaça, o fos axí que vós o yo haguésem retut nostre deute en cercar tal jutge e no l'haguésem pogut trobar, que la hu après de l'altre siam tenguts e hobligats a cercar tant e tan longament aquell fins a veure de nostra batalla la ffi, ab les condicions damunt dites. E confie de Déu, qui és dreturer e amador de la veritat, si vós forçau vostre cor flach a fer lo que yo dich, que per mes mans en aquella jornada vos fará ésser confès de vostra gran malea, car Déu no permetrà que tant leg crim, com és aquest, reste en lo món inponit, perquè a vós sia càstich hi en los altres per exemples. Aquest és lo so que yo é fet, he altre no, si vós ballar y volreu.

E só molt meravellat com, ab tanta improprietat de paraules e molta més en los fets, voleu parlar de batalla, esent vós promovedor de aquella, e dieu a mi que us requira. Bé mostrau que de aquest mester haveu molt mal après. A vósó, Mossèn Vilarig, és donat ésser requeridor, car aquest és verdaderament lo vostre dret hoffici, si servir-vos-ne volreu, majorment après tanta infàmia en vostra honor envides reparablle, e dexau a mi lo càrech de devissar, com dit he, car, si u feu, yo us fará veure molt prest, ab execució, la veritat de nostra diferència, car lo fferre, ni l'acer ni les moltes dobladuras que vós cercau, e de qui vós tant confiau, poch tort tenen entre vós e mi, perquè elles s'i hajen a parar. E volrieu que tal o compràs que mal no y mir. Purgem-o vós e yo, que sabem com passà.

De la coïçor que dieu de les mies naffres fora bé escusat, si a vós plagés aquest parlar, car, si bé y voleu pensar, cert és que en mi tenen loch de sabor, e la vergo[n]ya que-m ve de aquelles, seguons lo vostre dir, si ha vós no era hoblidat, tant à que no-l praticau aquest mester de jentilessa, bé li porieu dir en vós hun gran menyscapte y en mi molta de honor.

Encara per afegir a huna error huna altra major, haveu fet metre en los pus públichs lochs de la ciutat vostres letres, no recordant-vos prou com en aquells o semblants lochs foren vituperosament penjats, de una lega figura pintats, vostres singulars actes, dignes de recordablle memòria, ab tota aquella cerimònia trista que a hun no comparegut cavaller en la liça se acostuma de fer, dels quals actes la tinta no és encara exuta. Però, ab tot, -f. CCCLiv- no contrastant-me res ni alegrant-me del que

poria si vós guosau fer lo que yo dich, yo us mostraré que no·m contenten vanes paraulles, e vós mostrareu a mi que, les rahons en vostra letra contengudes, no dieu per donar al món rahó cevil, mas perquè acte criminal ne surta.

Fent-vos cert trobareu en València lo noble Mossèn Perot Pardo, procurador meu, a poder rebre qualsevol letra vostra, la qual speraré per tot lo mes de giner primer vinent, e per testimoni de les damunt dites cosses, vos tramet la present, partida per A· B· C·, sots escrita de la mia mà e sagellada de mes armes, feta en València a ·xxx· del dit mes⁷, any ·MCCCCLII·.

Johanot de la Serra

Século XV (Vilarig, 1453)

Código: docc 15/07

Segona lletra de Mossèn Vilarig a-N Johanot Galceran de la Serra

Seguint lo costum de aquells qui l'offici de la lengua davant lo de les mans posen, no feu sinó lo8 que yo de vós sé, e per ço, En Johanot de la Serra, só estat defès de maravella vehent lo cartell tacat de vostres vills paraules, e, pux donau lo que és vostre, lo començ de vostre dir no cur jens a respondre, perquè de viltat ab vós no contenga. Vós lexe en vostra glòria, que del dir sol se nodrex e-s serva, per venir a dir com vespra de cab d'any é rebut vostra letra, resposta a hun recort que fet vos havia, per éser-vos massa aturat en dar compliment al que vostres paraulles tant divulgat havien, partida per A·B·C·, sots escrita de vostra mà e sagelada de vostres armes, feta en València a ·xxx· de dehembre, any ·MCCCCLII·9, en la qual, pe[r]severant en vostra malvada pertinàcia, -f. CCCLIIr- dieu, com a mal cavaller, yo haver-vos falit en alguna de les rahons nomenades en mon primer escrit, e, per no poder-ho dir en ver, no haveu dit en què.

A què us responch dieu fals, e só prest, tots temps que per la porta·m veureu, defenre-u per batalla, ma persona contra la vostra, en la quall, ab la ajuda de mon bon dret, esper ma[n]ifestament se veurà la veritat de nostra diferència, e axí ensemps serà donat càstich a vós, e ffre als pa[r]s vostres en lo aleva dels crims. E si vostres dits tant fosen acompa[n]yats de efectes com ne defalen, per hobra yo mostraria com la confiança mia està possada en sa vallor e no en dobladures de fferre, com vós dieu, segons experiència mostrat-vos à. E dant compliment al què nessesitat vos hobliga, yo us divissaré tant armes de cavaller, que cascú de vós e de mi haurà bé loch de mostrar lo preu de sa estima. Perquè, si us plau la hobra, compliu lo que a vós esguarda, e veureu quant prest serem de acort, e fent axí, altre tant temps no-s perdrà en culpa vostra com fins ací ha.

E si aquell, almenys, esmerçat haguésseu en bé veure lo que escrit me haveu, crech no volguéreu en ell aparegués dos contraris, com són paraulles braves en boca de aquell que lo dret denega a de qui és, perquè no-s consent creure, qui açò no guossa, fes l'àlls. E de ací us partex disputer vergo[n]yossa caussa, perquè és acte del qui, en colpa falint-li proves, faça aquelles ab les mans. E açò cau ab major força en vós que en tot altre, com tingau títol de no verdader. Defalint-vos execució homenívol, mirau qui-n restau. Ací's mostra qui lexa l'offici de què-s deuria servir, ne qual dels dos no à après lo mester.

Yo, enemich, com amich vos conselle, si servir-vos ne volreu, si donch no amau més complaure al vostre ànimo que al que demana honor, exiu de tal engan, que la tarda a l'esdevenidor no torba. Per ço com veritat no pot ésser perida, que aquella esperona la nostra lengua en fer-li dir, a tots jorns més, lo que -f. CCCLIIv- tant amagar desigau, l'ora que digués a hun parent vostre e meu digne de ffe, que no sabíeu si us havien tocat, ho no, los hòmens que, en principi, afermáveu ésser exits ab mi, e aquells haver fet part en vostres naffres, ací mostra's a la pràctica del mentir vos fallia la ciència, e per semblant a hun cavaller, del colp dels píts que primer féyeu de lança, confesant lo que era, digués com la mia spassa lo havia fet. Vós venreu a ésser confès sens ferre, si jens vós enramau. E seria menys mal per a vós oferíeu de voluntat la vida per la honor, que no venir en tanta confusió del jutge. Per no ésser a temps, me'n cale, esperant lo loch del dir hon veureu, si lo qu'enrahonau vós alta, ne deureu ésser content. Lo albarà e sacrament que demanau se'n haja, fora millor per a vós fos restat en la ploma, com aquell no pot ésser, en nostre cars, persona limitada, ni lo seu nom no u consent, sinó absoluta. Fortuna m'à rodolat aver a fer ab qui enten tan poch lo que menega.

A moltes altres rahons, mal dites en vostra letra, no cur per ara respondre, sinó que recort a vós, cada volta que naturalea vos temptarà en tenir costum de dona, pensseu yo só aquell que no solament vos é sobergegat lo cos mas vençut l'ànimo. E vós aquell que, pus prest la vida que la mort honesta elegint, ficàs los genols en terra davant mi, ab los braços en creu, retent l'esperit de la honor, digués aquell tan espantós mot, per als qui virtut conèxen, com és «yo·m ret». En la qual hora yo mostrí tenir cor de carn, del qual guardó retent no deuríeu mal dir, he us dexí la vida, comprada ab tan car preu. Aquesta és la sabor vera que vós dieu sentiü, que pus amarga yo no la sé, d'on partex la mia vergonya e me[n]yscapte de gentilea.

La infàmia que en ma honor, contra tot ver, rahonau, no és de neguna estima entre los bons, com de tot lo contrari per actes públichs se mostre, e per declaració feta per lo molt alt senyor rey, e son sacre consell, la qual declaració és ley, feta per aquell qui sols honra e basta a conservar la honor de sos súbdits. E no és maravella -f. CCCLIIIr- si us deportau mentint en vostra letra, pux tant ichnorant

audàcia, guiada per vana presumpció, en tant errar vos à [a]ribat que, declarada ma caussa per aquell qui és nostre rey e príncep, e de tots pus entenent, hi façau contradichció. Que per sos grans actes à refeta la militar escolla, e mostrat de no tembre a tots los que·l seguexen, e sobrepugant per sos actes los passats, toll de aquells memòria, escampant-la sobre sí e ses admirabls coses. E si us par una tan poca centilla dega precehir axí gran e encés foch, com en mostra de les sues virtuts crema, és just una tan fallida conexença sia dichne de perdó. Perquè, venir a fer ço que sabeu, és mester per a nostra concòrdia, lexant rahons vanes en tant perjudici vostre, sinó altrament no rebré letra vostra que complit efecte no porte.

La qual esperaré per espay de vint dies, que per tot lo dit temps restarà procurador meu lo molt noblle Mossèn Guillem Ramon Centelles¹⁰ a rebre aquella, en altra manera no espereu resposta mia que àls contenga. E perquè sia vist de ara avant, per los entenents, mon descàrech, vos tramet la present, partida per A· B· C·, sots escrita de mà mia e sagellada de mes armes, feta a ·xv· de giner en lo loch de Cirat, any ·MCCCCLIII·.

Bernat de Vilarig

Século XV (de la Serra, 1453)
Código: docc 15/08

Resposta de Johanot Galceran de la Serra a la ·II^a· letra de Mossèn Vilarig

Pux les nostres voluntats són contràries, rahonablement se deu seguir que u sien los actes, e de ací vé ço que·s diu: que quant hu no vol dos no·s baralen. Axí·ns -f. CCCLIIIv- ne poria penre a vós e a mi, però ab tota vostra culpa, si donchs de lenguatge no volreu mudar, parlant en altra manera que no feu, en una que·s pot més dir rondalla que no letra, la qual rebí [lo] jorn de Sent Anthoni, a ·xvii· de giner, any ·MCCCCLIII·, sots escrita de vostra mà e sagellada de vostres armes, feta a ·xv· del dit mes en lo loch de Cirat.

Mossèn Bernat de Vilarig: dexant tota longea de paraules, perquè pus clara experiència sia ver testimoni entre vós e mi qual de nosaltres abduy és desigós de batalla o qual se'n desvia, vos offerir en dues maneres una matexa cossa, e serà aquesta, si pendre la volreu: o que vós me vullau requerir de batalla, donant-vos yo paraulla de devissar aquelles semblants armes, poch més o menys que yo us escriví en mon primer albarà, ço és a peu, ab gipons de domasquí blanch de tres talles sensse cotó, spassa de una mà de quatre palms de lonch de la cruera fins a la punta, e mantí acostumat, manto senzillo, guant de mala, cervelera rassa e una copogorga de un palm e dos dits de fferro. Aquesta és una de les dos vies a vós elegidores, e l'altra serrà, si axí no us venia bé en aquest nom de requeridor, e perquè totes les altres cosses hajau més a tot vostre avantatge, yo a tota ma requesta vos combatré, lo meu cors contra lo vostre, pux me farau cert e segur de elegir aquestes matexes armes tota vegada, entès ab les condicions en ma primera letra contengudes, e sobre lo vostre dit mal cars, ja en aquella largament especifficat, al qual me reffir. E si açò achceptar no volreu, serà manifest que la certa confiança dels tres hòmens vos acompa[n]ya, he us feu venir més que·l vostre ànimo, en ço que ara ab egualtat denegau. E de ací en fora cesse lo sullar del paper, pux teniu caussa de experimentar acte pus virtuós de cavaller, no hoblidant-vos, com sabeu millor de mi, que de tant com de menys armes perilloses les armes són divisades, aquelles són les pus honorosses.

Al que·m dieu de la magestat del senyor rey, a mi és de massa pus cert que no a vós, que lo més que se'n pot dir, per los entenents de tot l'univers món, en glòria -f. CCCLIIIr- e lahor sua, és lo menys que sa senyoria posehex, al qual sou vós, més que tot altre, tengut e hobligat, pux ab son sacre consel, seguons mostrau, vos à volgut fer tanta de gràcia, que resteu aledesmat.

A moltes altres falses e vills paraules de vostra letra no cur repondre, per no ensutzehir-me la boqua, com lo calar sia la pus pròpia resposta. De aquelles solament vos vull dir e pregar, si semblants pregàries poden haver loch en vós, que us tolgau tota feredat de un tan gentil exercici com lo nostre serrà, si vós voleu, tots temps pensant que totes les cosses són més en la hopenió que no en fet, e més la por de la batalla que no la batalla.

E perquè la veritat de nostra diferència millor mostrar se puxa, vos tramet la present, sots escrita de mà mia e sagellada de mes armes, feta en València a ·xxxº· de jener, any ·MCCCCLIII·.

Johanot de la Serra

Século XV (Vilarig, 1453)
Código: docc 15/09

-III-

·IIIª· de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra

Lo desig meu no-m consent sia vist ab vós conforme en lo desorde de vostres desonestes paraules, per ço que aquell ha àls esguarda, e perquè de mon bon dret me surt una speranza, que de la batalla la vera glòria-m promet. La qual vós, En Johanot de la Serra, feu vostre poder ab rahons e cosses parenceres, que jens no us ata[n]yen, mostrar a la jent que desigau, hi, en ver, dau-y lla tarda que cascú sap, fent rahons lo nom de requeridor no ésser vostre, y en açò us fermau, poch recordat del què deveu. Si hoblidat, o fora recort de la honor¹¹ no fóseu, pensaríeu que les nafres -f. CCCLIIIv- per mi a vós fetes, e paraules per vós a molts dites, als quals afermàveu a tota vostra requesta combatre'm, vos porten hobligació e nessesitat tals, que nom de requeridor vos donen. E per bé la rahó m'escusse, més del que éffet, no acaçar, vos dich, sobre la confiança que dieu dels hòmens que vós sabeu, que yo sols só estat lo que us é nafrat, soberguegat e fet retre. E, crech, açò us ha fet duptar dir la caussa nessesària per a batalla, e-n què està lo que us é falit. E per no mostrar tanta civilitat, a esguart del que en dies passats tan larch incriminat me haveu, perquè us està presentada aquella punició que, per tenir injusta querella, no us falirà, si, hoblidant lo passat, esforçau a vós que contra tot ver o digau. E, per aquella rahó, quant la y dareu, só prest per batalla defendre-us-ho, ma persona contra la vostra, on esper Déu volrà com a just, axí com en amagat yo n'obenguí la desigada fi, que per lo mal dret vostre les mies mans en públich vos confonen.

E perquè en vostra letra, feta en València a ·xxx· de giner, sots escrita de vostra mà e sagelada de vostres armes, rebuda per lo molt noblle Mossèn Guilem Ramon Centelles, procurador meu, en lo dit jorn, haveu nomenades armes més de vilans que de cavallers, poch recordant-vos la hofenssa que lo tal consentir vos porta, enfengint aquelles ésser honoroses, lo que, si axí fos, per los passats no foren messes a hoblit. E content del que ja vist ne haureu, en molta honor mia e gran vergonya vostra, és just vós acordàseu ab lo que fora rahó, perquè no fóseu vist, mostrant vuller, fugiu a deguda execució. E ja dolent-me de vós, que ab tant contradites paraules, sens dar complida querella e fora temps, vós servéxau del meu hoffici per tolre-us tota error, ab la qual tant enbolicat estau, diré que, si vós haguéseu especeficat lo fallir que dieu meu, com vostra pus derrera letra, contra tot ver, aferma vós haver fet en la primera, a les quals me refir, yo com aquell a qui tal dret esguarda, complit haguera lo que poch après veureu, vos dant compliment al que deveu.

Ara per -f. CCCLVr- lavós, vos devise les armes e forma de batalla, en lo nom de Déu e de Nostra Dona e del benaventurat cavaller Sent Jordi, yo, Bernat de Vilarig, a vós, En Johanot de la Serra, en la manera següent: a caval, los cavalls armats cascú a la voluntat sua, sens negunes armes hofensives que a cavaller ni a caval noure puxen, selles acostumades de portar en guerra, sens altre acer del espil que s'acostuma en l'arçó davant metre, les pe[r]sones nostres armades en la forma següent: celada beguina, gorga, francals e falda de mala, braçals, guants de acer, cuyraça cuberta, de pes de dotze liures, arnès de cames, per armes offensives dues espases, de la cruera a la punta de ·iiii· palms, mantí acostumat a tal spassa, copogorga de palm e mig de fferre, mantí de mig palm poch més o menys, lança de una mà de longuea de tretze palms per tot, ab lo ferre de palm e mig ample, de una mà en lo mig, de fayçò de Xerès. E si açò achceptar, en tan gran càrech vostre, denegau, yo no sé que fer-vos puxa, sinó dexar-me de porfidiar ab la present, en la qual vull totes les cosses per descàrech meu apareguen. Per ço us hoffer, havent vostra concordable resposta, haver jutge per mon poder en l'espai dels sis messos, no sospitós, e tal que pens dexarà venir nostra batalla a ffy. E si aquell, del que desig, se desviava, que per qualsevol via-ns tragués de la plaça sens de aquella veure la ffy, en tal cars dó facoltat a vós ne pugau haver altre en lo nomenat termini, a mi no sospitós, e aquell ab les condicions que ben vistes vos sien, pux no sia en la Espa[n]ya, per no ésser-me competent, e sia entès, enperò en part on yo puga anar en lo temps de la citació, ab les elegides armes e forma de batalla.

Havent donat ffi a la elechció de les armes, la qual, si en vós és lo desig de ben fer, denegar no deveu, sols diré com, ab no poch enpegides paraules, me amonestau no haja feredat de un tal gentil exercici, seguint açò ab molt inpropés¹². Aquest parlar no és prou conforme al que de vós se creu e yo é vist, e si açò dir se comportàs, me sembla yo ésser -f. CCCLVv- aquell que a vós o poria dir, per haver

trobat en vós tal esperència, que nom de cominal escola no us consent. Só marvellat que com a mestre de tal mester vullau rahonar lo que jamés no executàs.

Al que dieu de la majestat del senyor rey, ab tema de conexença, de tot en tot él e ses justes hobres ichnorau, falsificau ab impropis dits la veritat del nom, llà hon dieu me à fet gràcia, que, com per los entenents vist serà, lo que, a interès de part esguarda, just o injust actes nomena, e no gràcia com vós dieu.

E perquè les coses són seguons d'on partexen, és satisfet a la veritat mia, e senyalada la falta que ab ichnorància cometeu, de la qual no-s merex se parle sinó mirant passar. E perquè sia vist lo desig meu a la hobra ser concorde, vos tramet la present, partida per A· B· C·, sots escrita de mà mia e sagellada de mes armes, feta en lo loch de Cirat a ·iiii· de febrer, any ·MCCCCLIII·.

Bernat de Villarig

Século XV (de la Serra, 1453)
Código: docc 15/10

Resposta de Johanot de la Serra a la ·IIIª· letra de Mossèn Vilarig

Totes les esperiències que fer se poden é asagat en vós: en ma primera letra publicuí algunes de vostres faltes, crehent que, mogut per la ira, vos portara, ab aquella fúria que és més de bèstia que de hom, a ço que per virtut¹³ no volfeu venir, mas per la porta ne per lo terat aquest camí vós no haveu trobat. Aprés, en l'altra e seguona, vos hoferí ab prou vostre avantatge ésser yo requeridor, encaregant-vos, e induïnt per tot mon poder, volguéu -f. CCCLVIr- achceptar ma hoferta, e tanpoch vós y volgés entendre. Ara dererament, en aquesta, prenent comiat de pus no escriure-us, no·m resta alre a fer, sinó que yo seguexca a vós, pux vós no haveu en res seguit¹⁴ a mi.

Perquè us responch, e açò tant curt com poré, a vostra letra, rebuda per lo noblle Mossèn Perot Pardo, procurador meu, a ·vii· de febrer, partida per A· B· C·, sots escrita de vostra mà e sagelada de vostres armes, feta en lo loch de Cirat a ·iiii· del dit mes e any ·MCCCCLIII·, que, ab tot que a vós no us sia permès la elechció que penre-us voleu, no perquè no·n siau pus cert de mi que los tres hòmens, que en nostra brega foren, feren part manifesta ab vós contra mi, per caussa dels quals yo he hagut enpatg e pogut rebre lo dany que en ma persona rebí, lo contrari de la qual cossa vós afermau. E sobre açò yo us forme mon cars e mon repte, tota vegada dispost per mes mans sostenir-ho, ab aquelles pròpies armes que per vós a mi són estades divisades. Exceptat que, per més fer la honor nostra e fer que tota nostra batalla se haja atribuir complidament¹⁵ a vós e a mi, no participant-y en res un incensat animal que seria lo cavall, que vullau haver per bé, pux tan granment milorau, solament mudar que, axí com dieu a caval, que·ns combatam a peu. De les dues espasses que nomenau, perquè·m par molt inpertinent, lex a vostre càrech.

De ací en fora, Mossèn Vilarig, no us tinch pus que dir, mas esperar vostra concordablle resposta, de la qual no solament dareu caussa a mi de contentar, mas encara fareu que lo qui és duptós, si algú però se'n trobara que fermament no crega vostre mals cars, bastareu aquell algun tant traure de sospita.

E perquè paraules en nostres letres transportar no·s puxen, vos tramet la present, partida per A· B· C·, sots escrita de mà mia e sagellada de mes armes, feta en València a ·xiii· del dit mes, any ·MCCCCLIII·.

Johanot de la Serra

-f. CCCLVIv-

Século XV (Vilarig, 1453)
Código: docc 15/11

-IV-

·IIIIª· de Mossèn Vilarig a Johanot Galceran de la Serra

Als temerosos les cosses periloses, a què per reparació de lurs honors són hobligats, no·ls és lo veure de aquelles atorgat, e per ço, En Johanot de la Serra, essent vós en lo tal nombre, no·m marvell si aquesta torba injustament vos fa colpar a mi, e lunya de vós aquella hobra tan nessesària a la satisfació de vostra fama, l'oblit de la qual mostra les cosses animoses, tant com se veu, ésser-vos¹⁶ enemigues. E a ço us porta en amagat la ira, que só cert s'enclou en vós, la qual de tant ànimo no us à leixat usar que aquella fins ací hajau treta en acte, e us à retret de la longa hoferta, no pensadament feta per vós en vostra terça letra, llá hon havíeu dit que volíeu seguir a mi. Ans, seguint vostre horde de requeridor, fora vostra requesta sens alguna retenció, dexant a mi request ço que per dret m'és donat, e no serieu pe[r]severant en vostra vergo[n]yossa porfídia, que fins ací à torbat l'acort de nostra batalla, la ffi de la qual és per vós no poch temuda. E yo no·m puch tant acostar, donant-vos part de mon dret, com vós fugiu, volent ço que no us és donat, après que us é ellet armes a vostra voluntat, sens aquelles dobladures que en vostra primera letra mostràveu tembre.

Al que dieu en vostra letra, sots escrita de vostra mà e sagellada de vostres armes, feta en València a ·xiii· de febrer any ·MCCCCLIII·, rebuda per lo molt noblle Mossèn Guillem Ramon Centelles, procurador meu, que tres hòmens feren en nostra brega part manifesta ab mi contra vós, per caussa dels quals haveu hagut enpatg e pogut rebre lo dan que en vostra persona rebé's, vos responch que mentiu e mentreu tantes vegades com o afermareu, com yo soll sia estat qui, ab les mies mans e ab les armes per vós demanades, vos é naffrat e sobergegat, portant vós un guant de malla més que no·m fou per vós escrit. Perquè só prest, com en ma primera letra vos hoferí, defendre-us-ho per batalla de ultrança, e desigant de aquella la ffi, e perquè pus¹⁷ clar se vega, a vergonya de qui resta, lo que, si a vós plagés, és ja ben vist. Ab tot seré content, per tolre tota larguea de vós, que aquest nom de requeridor, -f. CCCLVIIr- que vós tant desigau apartar esent del tot vostre, conega lo jutge qui·ns darà la plaça, lo qual per mon poder hauré ab esta condició, a vós no sospitós, dins l'espai dels sis mesos. Lo qual jutge vos trametrà la citatòria per hoïr-ne la declaració, ensemps ab la asichnació de la jornada per fer nostra batalla. E si aquell, com yo esper, conexedor de veritat, determenarà ésser vós requeridor, siau hobligat combatre·m ab les armes per mi divisades e forma de batalla en ma terça letra contenguda. E yo, ara per lavors, achcepte, si requeridor me fa, les armes e forma de batalla en vostra derrera letra nomenada. E si a vós vendrà bé me plaurà, en loch de lances, portem aches, per ésser més pròpies per a batalla a peu, e si açò en tan gran càrech vostre denegau, no espereu haja a contendre ab vós de paraules.

A vostres altres falses noves no cur respondre, pux, és sabut per tots, és bandejada de vostra boca veritat. E perquè sia vista en tot la colpa vostra si ab mi no us acordau, vos tramet la present, partida per A· B· C·, sots escrita de mà mia e sagellada de mes armes, feta en lo loch de Cirat a ·xxi· de febrer, any ·MCCCCLIII·.

Bernat de Vilarig

Século XV (de la Serra, 1453)
Código: docc 15/12

Resposta¹⁸ de Johanot de la Serra a la ·IIII^a· letra de Mossèn Vilarig

Perquè us és cert que negun jutge no pronunciarà, entre vós e mi, a peu ni a cavall batalla, com no siam concordes de aquella, meoferiu estar a determinació de jutge, davant lo quall los cavallers no acostumen venir per pledejar mas per combatre. Hi estiguera millor a vós, Mossèn Vilarig, pux tant parlau de jutge, que haguésseu achceptat -f. CCCLVIIv- nostra batalla a peu, perquè no fóseu condepnat per tants jutges, com sereu, sens que negú no us serà advocat, de tots aquells qui saben ni entenen que vol dir honor. E forçant axí vostra natura, restareu hobligat de molt a vós matex, més que no sou a Déu, pur en aquesta part, perquè us à fet de una tal factura, contrària en tot [a] aquest semblant mester.

E, fent ffi ab aquesta a vostre infructuós escriure, no freturant-me pus respondre a les errós e desmentiments de vostra letra, com yo reste tota vegada en ma veritat, e vós siau hagut per ffementit, vos tramet la present, segons en les semblants és acostumat de fer, feta en València a ·xi· de març mil quatrecents cinquanta e tres, responsiva a vostra derrera letra, rebuda per lo noble Mossèn Perot Pardo, procurador meu, a ·xxv· de febrer, feta a ·xxi· del dit mes en lo loch de Cirat, any present, seguint ab aquell horde matex.

Johanot de la Serra

Século XV (Vilarig, 1453)
Código: docc 15/13

·V^a· de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra

Ni aquella virtut que dolor de les cosses mal fetes porta e dispon a ben ffer, ni desesperació, que per vostre mal passat hobar tant vos devia ésser vehina, no an bastat en vós, En Johanot de la Serra, a tant que, complaent-vos yo, e flixant en mon dret de aquelles armes, poch més o menys tals com vostra primera letra demanava, que ffi de batalla hajau pogut veure. Per hon sou vengut, ab -f. CCCLVIIIr- tanta vergonya com se veu, a denegar lo juhí, del que ab mi, per donar torp, voleu deferenciar formant-vos requeridor, e voler usar dels drets de request, los quals són a mi deguts, per tants esguarts com en nostres letres se veu, a les quals ho remet, hoferint-vos yo, per venir a conclusió, estar a determenació del jutge quant se esguarda en la damunt dita deferència.

E vós dieu en vostra letra, feta en València a ·xi· de març, sots escrita de mà vostra e sagellada de vostres armes, rebuda per lo molt noblle Mossèn Guillem Ramon Centelles, procurador meu, que no trobaríeu jutge que pronunciàs en la forma de nostra batalla, lo que, hofferint-vos yo ab crehença, fent per mon poder trobar aquell, no devíeu escussar mon trebal per los sis messos. E no-s pot descreure, sinó per vós qui tant batalla temeu, aquell no determenàs nostre poch contrast, com se veu de tots jorns los senyors ésser aparellats fer majors actes o dexar batalles venir a ffy. E après, si en lo nomenat temps yo no l'hagués pogut haver, tenir per bé cercar-ne vós altretant temps, a ffy que no-s perdés axí deguda batalla entre-ls dos, ab tanta colpa vostra com mostra aquella flaca rama que, com a persona torbada de temor, vós sou afferat, dient que los cavallers no acostumen venir per pledejar, mas per combatre, e yo per tal mester, e no per altre, vos demanava. E si, ab migà de ànimo, vostres hulls de conexença haguésen vist e la discreció discernit, trobareu yo pus no us deya sinó «anem davant tal jutge» en manera que a peu o a caval combatam. E, sent yo ab vós de tot concorde, sinó de la forma de batalla, poch fora, per ésser ja tan vist, trobar qui sols açò dicernís. E no és gens bé de vós aquell partit, qui us portava a batalla, denegau, volent de nostra caussa ésser jutge.

Perquè, cansat de dir-vos vostres faltes, pux aquelles vostre rebuat cor, per les mies mans, no mouen, e per haver atés de vós ço que de hun -f.CCCXLVIIIv- vençut se ateny, e per no voler caure en supèrbia, vos dexe, content que, en lo procés fet de vós a mi, no haja advocats sinó jutges, perquè rahó mos fets advoca, de la qual vós en tot freturau. E per ço, après dir que restau en vostra veritat desenparada de vostra ajuda, dich que restau en vostre nom, que és ésser vós lo mentir en sa pròpia forma, e per ço és la contra del que parlau tots temps la veritat. Al ffementit que dieu, e a les altres impropietats de vostres dits, e per entendre tan poch lo que dieu, e considerat la honor que de vós se pot atènyer, és lo callar lo pus propr[i] respondre. Havissant-vos, essent falida en mi la esperança que ab rahons e recorts vos aribàs al que fugiu, e de huy avant no esperar-vos pus per no perdre temps, sinó que faré mos fets.

E per no cansar les horelles dels oïdós, e per no oïr de vós pus infructuoses paraulles, revoque tots mos procuradors, no volent treballar màs, per trobar vanament se ffa, e perquè sia vist com, a gran menyscapte vostre, resta la ffi sols per mi desigada, vos tramet la present partida per A· B· C· e sots escrita de mà mia e sagellada de mes armes, feta en València a ·xii· de març, any ·MCCCCLIII·.

Bernat de Villarig

Século XV (de la Serra)
Código: docc 15/14

Resposta de Johanot de la Serra a la ·V^a· letra de Mossèn Vilarig

La ffi de les cosses esdevenidores és remessa a la fortuna, e, per ço com és incerta, deu ésser poch reduptable, mas la bona deliberació de aquelles està en mà de cascú, e aquesta és loadora. Yo per tot mon poder, Mossèn Bernat de Vilarig, me só esforçat de atènyer en aquesta millor part de dileberació sobre ço qu'entre vós e mi és estat longament -f. CCCLVIIIr- altercat de nostra diferència, e perquè als esdevenidós sia pus manifest, vos vull reduir e fer recordant tot lo procés fet, o pur en effecte contengut, de nostres letres, perquè de aquelles reste memòria, fent a cascú testimoni del procés ffins ací.

E primerament, en la segona mia letra, feta a ·xxx· de giner en l'any present, a la qual pus largament o remet, vos offerí que, si vos me'n féyeu cert de ellegir les armes en la dita mia letra contengudes¹⁹ e fforma de batalla, ço és a peu, ab gipons de domàs blanch de tres telles sens cotó, espassa de una mà, de quatre palms de lonch de la cruera fins a la punta, ab mantí acostumat, manto senzillo, guant de malla, servellera rasa e una copogorga de hun palm e dos dits de ferre, que yo a tota ma requesta vos combatria, lo meu cors contra lo vostre, e res de açò no us abellí ni us contentà. Aprés en la terça mia letra, feta a ·xiii· de febrer del dit any, axí matex vos hofferí combatre-us a peu e a tota ma requesta, ab les armes per vós a mi divisades en vostra letra, feta a ·iiii· del dit mes, ço és cellada begina, gorgal, frontals e falda de malla, braçals e guants de acer, cuyraça cuberta de pes de dotze liures, arnès de cames, e per armes hofensives dues espasses, de la cruera fins a la punta de quatre palms, mantí acostumat a tal espassa, copogorga de palm e mig de fferre, mantí de mig palm poch més o menys, lança de una mà de larguea de ·xiii· palms²⁰ per tot, ab lo fferre de palm e mig ample en lo mig, de una mà de fayçó de Xerès.

E vist que neguna de aquestes hofertes mies ni viandes no us an altat, per aparellades que les vos haja portades davant, e sent-y vóss tan hobligat, mas, ab tot que a satisfació de ma honor no-m freture pus l'escriure, encara servint-me més de inoportunitat que d'açò que la rahó volria, no gens per supèrbia mas per ffer mon dever, só deliberat fer en vós aquesta derrera e final esperiència, per contentar-vos en la major part, que pot e deu ésser pressa per lo tot. Ço és, que sobre vostre dit -f. CCCLVIIIv- mal cars, ja en ma terça letra especeficat, davant jutge a mi no sospitós, ab los pactes e condicions dejús escrites, a tota ma requesta vos combatré a caval, en la forma següent e ab les dites armes per vós a mi elegides, solament en aquelles mudant que, axí com haveu divissat lança de una mà de ·xiii· palms, que sia lança ab ffere de córrer puntes, de longuea de quinze palms de la coa fins a la punta del fferre, los quals ferres e gruxa de lances cascú puxa portar a sa voluntat, e que en les cuyraces haja rest, e les lances sien egualment enrestades, e que siau tengut de haver lo jutge per tot vostre poder, ab les condicions en ma primera letra contengudes. Axí matex, perquè los cavalls no-s puxen apartar, hajan a córrer ab tres renchs, tant e tan longament, si mester ffarà, ffins que la hu de vós ho de mi reste mort o vençut, e sia en libertat de aquell que per qualque cars porrà perdre la lança, de pendre'n altra, e altres les que volrà, e los ffells sien tenguts de donar aquelles.

E perquè de nostres altercacions, ací prou largament mencionades, la veritat en res mudar no-s puxa, vos tramet la present, seguons en les semblants és acostumat de ffer, ffeta en València, a ·xvii· de març any ·MCCCCLIII·, resposta a vostra derera letra, rebuda per lo noblle Mossèn Perot Pardo, procurador meu, a ·xiii· de març, feta a ·xii· del dit mes any present, seguint aquell horde matex.

Johanot de la Serra

Século XV (Vilarig, 1453)
Código: docc 15/15

-VI-

·VIª· de Mosèn Vilarig a Johanot de la Serra

Pux als entenents lo ver juhí de les diferències entre vós e mi altercades amagat no és, só cert veuran que de la ffi de l'hun enbaràs vos naxen principis d'altres, e de açò ffan prova -f. CCCLXr- manifesta vostres letres. E, perquè a tal declaració és mester reduir en la present part de vostre passat procés, a ffi que dos cosses seguir ne pugen, o pur que la huna no falga, primerament faré a vós recort del tant vostre falir, per experimentar si de aquell vos sortirà, per migà de bona conexença, temor de restar ab tal vergonya, e perquè per aquesta, si atènyer la podeu, siau fet net de totes les passades colpes. L'altra, és fer cert a tots ab quanta liberalitat vos é donat de mos drets, per una volta metre-us en lo camí que solament és atorgat ésser caminat per aquells que nom de home merexen, e jamés en aquest vós sou volgut entrar.

E en testimoni de mes rahons ésser veres, vinch a vostra primera letra, en la quall solament mostràveu tembre dobladures. E, fent só que aquelles eren la cossa que donava torp en nostra batalla, e yo esent-ne desigós, no perquè en res nessesari-m sia, sinó per fer pus manifesta la tanta maldat que per vós m'és alenada, vos fiu segur del dupte que tenir mostràveu per ma terça letra. E a vós no plagé res d'açò, perquè batalla clohia, ans, per donar-y del tot torp formant-vos requeridor, vós sou volgut servir dels drets de request, los quals a mi són donats per tants esguarts com en nostre procés aparen, e despullant-me de tot ço que a mi com a request atany, no m'haveu leixat neguna libertat que request ni requeridor yo pogués ésser. Hi en aquesta manera, ab no poca vergonya vostra, haveu tancats los camins per on desigava a conclusió anar, e veniu a dir, poch recordant de vostres actes, que m'haveu aparellat viandes e devissat armes. E de semblants paraulles, moltes no pensant, se conex que aquell qui no pot ab dret fer lo que ffa, perquè a ell no és donada tal elehció, e no vol estar a la de aquell qui permissa és, fent-li'n tal part com yo feta he a vós, que u ffa per fugir de veure aquell dia de sa gran confusió, e açò feu vós, com a ffals reptador, tement lo que rahone. E a mi prou satisfaria la infàmia de tanta colpa vostra, sinó que no-m contenta honor que ab perills no-s gua[n]ye. E per aquest esguart vos é tant inportunat, -f. CCCLXv- lo que nessesari no fora per a vós, si lo dret que vostres no verdaderes paraulles dien fos en éser. Del qual tingéreu tanta fiança, sabent que Déu és justícia, que per res perir no pot si de mil cavalls justats yo sols servir-me pogués, vos en un petit troter, car vos fòra fer batalla, lo que ara tant abominau.

Perquè és dins vós aquell verdader recort que de temor vos cobre, e açò torba se faça en vós lo que en21 la honor los hòmens requiren, é detengut a mi de anar a cercar jutge. E si no u é, és tot lo càrech vostre, com sabeu, per ma quarta letra, que, volent levar tota altercació, vos offerí per aquella estar a la determinació del jutge sols de la forma de la batalla, car de tot l'als vos havia largament complagut, seguons apar en nostres passats cartells, e de cercar aquell, e no us plagué. Perquè, canssat de letrejar e de recordar, a vós revocí tots mos procuradors. Perquè, essent solt de aquell pensament que tant vos torba, e regonegut, creya vos acordàreu als perills esdevenidors, que per ésser incerts vós dieu no-s deuen tembre, lo que só cert. En Johanot de la Serra, hauríeu a no poch, car axí-s cregués de vós, perquè conexeu les vostres hores al vostre dir del tot contrasten.

Torní lo poder, e veg ara que nostra batalla de ultrança volrieu tornar a armes retretes, ho que fos córrer de puntes, lo que yo per res no permetria, sinó que fora los renchs, que estan bé en les places de festa. Si bé fòra més perillós los molts colps que dar-nos poguerem, ab les ja divissades lances de Xerès, que no un encontre dels que voleu, perquè-s vega quant de mon dret vos é donat, me plau sien tals com les demanau, ab què aquell bel nom de ultrança no falega, e no us atureu pus en los tres renchs, que nostre fet no s'à [a] ffer ab sirga, ni temau lo meneg de vós a mi, que sols a la fortuna e no a l'ànimo vullau sia remès. Pux só content del que-m demanau, enperò levant-ne lo renchs. Mas perquè tal no u compre que mal no y mir, com escrit me haveu, vull que si les lances an a ésser tals com rahonau, sia hagut per confés e vençut lo qui ab aquella lo caval nafrarà ab encontre, perquè a nostres persones, de cuyraces de dotze -f. CCCLXIr- liures cubertes, se dreçe lo peril. E si, per aquesta, ab mi vós acordau, me serà molt delit. Si no pensau encert no ate[n]yereu pus de mi resposta, la qual de vós esperaré per espay de quinze jorns. E leixau tota manera de altercacions e de nous partits, si no

mostrareu que n l'altre món voleu se sentencie nostre procès.

A les altres paraules de vostra letra, feta en València a ·xvii· de març any present, rebuda per lo molt noble Mossèn Guillem Ramon Centelles, procurador meu, per no ésser de negun effecte no cur respondre, e perquè lo menyscapte sia vist, axí en present com en esdevenidor, en qui resta, vos tramet la present, partida per A· B· C·, sots escrita de mà mia e de mes armes sagellada, feta en lo loch de Cirat la segona festa de pasqua, any ·MCCCCLIII·.

Bernat de Villarig

Século XV (de la Serra, 1453)
Código: docc 15/16

Resposta de Johanot de la Serra a la ·VIª· lletra de Mossèn Vilarig

Per lo juhí que de vostre mal cars prou clarament se leva, vós sou aquell qui de vós matex deveu penre rigorosa vengança. E quant toca en aquesta part, Mossèn Bernat de Vilarig, del primer jorn fins ara, molt largament vos só estat amich, pux que sabés tan mal triar que per a vós procuràs una tanta e tan lega infàmia, e sols per a mi un petit de dapnatge, però malament per vós en ma pe[r]sona fet. E aquest és lo interès, e no altre, que a mi roman per satisfer, del qual no solament deveu creure reportareu aquella confusió e vergonya, que ja teniu en vostra honor, per pena, mas encara, pux aquesta prou no sentiui, no us falirà un'altra manera de ponició a vostres acttes merexedora.

E dextant -f. CCCLXIV- açò per ara, car no s'à a fer ab paraules respondre a vostra letra, rebuda per lo noble Mossèn Perot Pardo, procurador meu, a cinch del present mes de abril mil quatrecent cinquanta e tres, no curant fer menció de les longues rahons de vostra letra, perquè no són de neguna importància, dich que si vós donau a mi facultat per lo semblant, com yo daré a vós, de pendre hu de vostres cavalls, o caval si més no n'havíeu de hu, seguons a vós fon offert per Figueroa, que no havia tan gran caussa de batalla ab vós com vós sou hobligat de haver ab mi. E açò solament deman, no per aver de vós negun avantatge, mas per poder atènyer egualtat. E en tal cars yo us combatré en la forma e manera de batalla en vostra derrera letra contenguda, feta la segona festa de pasqua de l'any present. No oblidant-me, enperò, que si lo jutge que vós haureu no lexava venir nostra batalla a tal fi que la hu de vós o de mi sia mort o vençut, que yo haja poder de cercar altre jutge dins l'espai dels sis messos, davant lo qual nós combatam, seguons per vós en una letra vostra, feta en lo loch de Cirat a quatre de febrer any present, m'és estat offert. E ara per llavors, confermant ço que ga dit he, dó a vós aquella matexa facultat de pendre e elegir hu de mos cavalls, o cavall si no n'havia sinó hu.

E fent ffi, si d'aquest tan estret loch trobareu forat per hon poder exir, dich-vos que les vostres arts no són de home, mas de altra cosa qui és molt menys que de home. Mas perquè la veritat de mes largues hofertes, e per vós mal achceptades, millor mostrar se puxa, vos tramet la present seguons en les semblants és acostumat de fer, feta en València a ·xviii· de abril de l'any present, de la qual esperaré per espai de altres quinze jorns vostra resposta.

Johanot de la Serra

Século XV (Vilarig, 1453)
Código: docc 15/17

-VII-

·VII^a· de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra

La natura vostra aunida, ab antich àbit de malparler ajustats ensemps, són dues coses tant forts en vós e fetes una, que altre vici ni virtut alguna no an loch en resistir en lo desorde de aquella, e conegut per tots, sabent vostre costum que és tots temps lançar matzem de vostre dir, jamés se espera altra conclusió sinó riales per los bons. E si discreció en vós tingués alguna part, per aquella veuríeu que a tant disminuïda executió com la vostra, no-s consent tantes voltes, sens gran vergonya vostra, mencionar lo mal cars que dieu meu, però tots temps mentint, sens que en aquell no hajau dat deguda executió perseguida. E vós, En Johanot de la Serra, oblidant lo discurs de nostre procés, com encara en aquell se espera veure éser estada feta per vós, degudament e com a home, cossa neguna que batalla pogués cloure, si non senpre de hun partit saltar en altre, lo que per molts esguarts vos [posa] en una terrible confusió. E specialment, com se mostra en ma quarta letra, que hoferint-vos estar a determinació del jutge, no volgués acceptar aquella, perquè vèyeu bonament algú als no judicaria sinó vós ésser requeridor, e tal que, per falta de ànimo, no haveu gossat seguir la hobra de vostre hoffici.

E per no voler en res paregar ab vós, e majorment en lo meneg de la lengua, que axí dels bons com dels cominals, hoc encara de l'estat pus minve, egualment passa, diré que la derrera part de ma sissenca letra prou clarament vostre menyscapte senyala, là on, per aquella, us deya que no-m moguéseu pus partits nous, si no que mostrariéu que en l'altre món volríeu se sentenciàs nostre procés. E vós, que en lo principi e miga via fos guiat per error, en la ffi caygut sou en aquella, trahent-me partits novells, o demanda, no menys inpròpia que confusament mesa, dient que us lexe triar de mos cavalls, o caval si no n'havia sinó hu, e si no u vull, me hoferiu fer lo semblant dels vostres, o del vostre. A què us responch que los meus cavalls, o caval, sol vull servexcen, o servexca, per la honor mia e confusió vostra, com yo espere de ma bona justícia, vós fent lo que deveu. E estiguera bé a vós que tal suma féseu, e que, havent-vos donat tot quant haveu -f. CCCLXIIv- volgut, de no cercar enbarços, ni per tan poch voler se rompa nostra nessesària batalla, perquè-s vega haveu consentit en qualque part de concòrdia, que ab tot lo dret sia dat a mi, del qual vos he volgut lezar usar, aquest poquet consentiment parrà molt en vós per la suma que n'és feta. Però, si com a mal o aperduat gugador, teniu openions que us torben lo guossar veure batalla, per no tenir caval meu, no volent-la fer ab los vostres, seré content, dolent-me de vostra honor per la part que teniu de gentilea, dar-vos fins en trecent florins ab què n'hajau hu, triat a la sabor e22 plaher vostre, pux lo prengau en compte del pacte que-m demanau, a ffi que, reforçada la hopenió, no sia fet tan gran vostre falir que us lu[n]yeu del que tant vos deveu acostar, e pux en lo món una cossa singular no-s troba a soles, no temau haver egualtat.

E só content servir-vos, com me demanau, les ofertes del jutge, dites a vós en una letra mia, feta en Cirat a ·iiii· de febrer any present, ab les condicions en aquella prou largament²³ mencionades, a la qual me refir, volent per lo semblant me sien servades les condicions que us demaní en aquella mia letra, feta la seguona festa de pasqua any present. E per haver fet lo que voleu en la major part, ja no espere hoir de vós, sinó que vaga cercar lo jutge dins lo nomenat termini. E ab questa plahent llicència soltaré la detenguda diligència per vós, perquè de huy havant no espereu altra resposta mia, havent vostra concordable resposta, si no veniu, que lo jorn on se veurà la veritat, ab molta honor mia e total confusió vostra, és ja trobat. E si aquest, per temor, veure denegareu, responent en aquella part de vostra letra, feta en València a ·xviii· de abril de l'any present, rebuda per lo molt noblle Mossèn Guillem Ramon Centelles, procurador meu, que-m ffa so de menaces, dich que força la ffi que us seguirà, [que] no serà menys dapnosa -f. CCCLXIIIr- del que vostre mentir merex.

A les altres rahons de aquella, per no ésser de nenguna menció, ni per semblant la divinala que y dieu en la ffi, no cur respondre. E perquè mutació de paraules en res seguir no-s puxa, vos tramet la present, seguons en les semblants és acostumat de fer, feta en Cirat, a ·xxvii· de abril any ·MCCCCLIII·, la resposta de la qual esperaré per altres quinze dies.

Bernat de Vilarig

No fon feta resposta a la ·VII^a· letra desús dita

Século XV (Martorell, 1430)
Código: docc 15/18

Correspondència de Galceran Martorell amb Manuel de Vilanova i Ausiàs March

Galceran Martorell

[Nota preliminar: reproduïm l'edició digital de l'obra oferint la possibilitat de consultar l'edició facsímil del microfilm del Ms. 7811, Lletres de Batalla, ff. CLXXIr-CLXXVr i CCXXXVIIv, [Correspondència de Galceran Martorell amb Manuel de Vilanova i Ausiàs March], Biblioteca Nacional (Espanya); foliació en color blau.]

-f. CLXXIr-

- I -

Letra tramesa per lo magnífich Mossèn Galceran Martorel al molt noble En Manuell de Villanova
 Molt noble En Manuel de Vilanova: a mi és stat dit que vós haveu dit en alguns lochs, present algunes
 persones, que'l senyor mon pare vos ha trencat sacrament e homenatge, perquè us prech que per letra
 escrita de vostra mà me respongau si és ver que u hajau dit, e trametreu-me la dita letra per lo portador
 de la present, lo qual vos tramet per aquesta rahó.

Scrita de la mia mà en la vila de Alzezira, a onze dies del mes de març de l'any de la nativitat de
 Nostre Senyor Mil ·CCCCXXX·.

Galçeran Martorell S[crispsit]

Século XV (Vilanova, 1430)
Código: docc 15/19

Resposta d'En Manuel de Vilanova a la primera letra d'En Galceran Martorel

-f. CLXXIV-

Mossèn Galçeran Martorell: l'altre jorn me trametés una letra en la qual se contè com a vós haurien dit que yo he dit en alguns lochs, present algunes persones, que vostre pare m'avia trencat sacrament e homenatge, perquè·m pregau que per letra escrita de la mia mà vos respongués si és ver que u hagués dit. A la qual vos responch que só molt content dir a vós tot ço que yo he dit de1 vostre pare, e si res hi resta que no haja dit, que u acap de dir a vós e no pas per letra. Car no·m ve bé a mi letregar-me ab vós per moltes rahons, e més que més huy lo letregar de tals afers defugi és de venir a·quell verdader afecte que cavallers deuen menegar e cloure. E axí leix a vostre càrrech, puix me moveu, que prest hajau loch apartat, equal a vós e a mi, on nengú no·ns veja ni·ns hoja nostre rahonament, a fi que, hoydes vós les paraules que yo he dites de vostre pare entre nosaltres, se don sentència diffinitiva. E axí, puix gosau parlar gosau obrar, e si no u feu e destorp hi à, romanga en càrrech de2 vostra honor e fama, e si altre camí preniu, ço és letrejar vós ab mi, no rebria letra vostra, sinó sobre ço que dit vos he.

Scrita e sotscrita de la mia mà e segellada ab lo3 sagell de mes armes en València a ·iij· de maig, any Mil ·CCCCXXX·.

Manuel de Vilanova S[cripsit]

Século XV (Martorell, 1430)
Código: docc 15/20

- II -

Segona letra de Mossèn Galceran Martorel a·N Manuel de Vilanova

En Manuel de Vilanova: vostra letra he rebuda, escrita de vostra mà, sagellada ab lo sagell de vostres armes, feta a ·iij· de maig de l'any Mil ·CCCCXXX·, e no·m responeu⁴ a les paraules contengudes en la letra que us he tramès, ans, movent-me de partit novell, me demanau loch apartat on nengú no·ns veja ni·ns hoja nostre rahonament, a ffi que hoydes les paraules que haveu dites ne⁵ voleu dir de mon pare entre vós e mi, se do sentència diffinitiva. Per què·m par que seria molt pus cosa rahonable e ab major descàrrech de -f. CLXXIIr- nosaltres que, lla on vós hajau dit les coses contengudes en la primera letra, que·m deuriu respondre⁶ clarament si les haveu dites⁷ o no, car, haguda vostra resposta, seria anar sobre cosa certa en⁸ la manera que cavallers deuen.

Emperò, puix axí voluntariament me requeriu que us haja loch apartat, egual a vós e a mi, per satisfer a ma honor, yo só content de haver loch en la manera que vós lo demanau, lo qual a present no vull nomenar per ço com la letra no pot venir en vostre poder sinó per tercera persona, e legint aquella, si trobaven lo loch scrit hon vós e yo havem de ésser, laugerament porien avisar los officials o altres gents. Mas elegiu hun hom⁹ qui prometa ab sacrament qui·ns tendrà secrets, e haja yo per vostra letra resposta que, presa per aquell la¹⁰ letra que yo us trametré, vós l'aureu per rebuda. Car fet açò, que és seguretat que la cosa no sia sentida, yo us scriuré clarament¹¹ de loch, jornada e hora, per levar avinentea que no la ligen.

Vos tramet la present, closa e sagellada ab lo sagell de mes armes, partida per A· B· C·, escrita de la mia mà, en Gandia a ·xx· de maig en l'any dessús scrit.

La resposta que·m fareu sia dada a·N Johan Carbonell, qui posa al carrer de Bonayre a la Xerea en València, portador de la present que yo la he per rebuda.

Galceran Martorell S[crispit]

Século XV (Vilanova, 1430)
Código: docc 15/21

Resposta d'En Manuel de Vilanova a la segona letra de Mossèn Martorel

Mossèn Galceran Marthorell: una letra vostra he rebuda, partida per A· B· C·, escrita de vostra mà, sagellada ab lo sagell de vostres armes, feta en Gandia a ·xx· de maig, any Mil ·CCCCXXX·, [a] la qual me feu asaber que moch 'partit novell, com demanau loch appartat hon nengú no·ns veja ni·ns -f. CLXXIIv- hoja nostre rahonament', perquè us par que seria cosa pus rahonable e ab major descàrrech de nosaltres que, lla hon yo haja dit les paraules contengudes en vostra primera letra, que us deuria respondre si les he dites o no, car, haguda ma resposta, seria anar sobre cosa certa en la manera que cavallers deuen anar. Però, puix axí voluntàriament vos requir que m'hajau loch apartat igual a vós e a mi per satisfer a vostra honor, són content haver loch en la manera que yo deman, lo qual a present no voleu nomenar¹², per ço com la letra no pot venir en mon poder sinó per tercera persona, e legint aquella, si trobaven lo loch scrit on vós e yo havem a ésser, laugerament porien avisar los officials o altres gents, mas que elegeixcha un hom qui prometa ab sacrament que·ns tendrà secrets, e presa per aquell la letra que vós me trameteu yo la haja per rebuda, que, fet açò que és securetat que la cosa no serà sentida, que vós me scriureu clarament del loch, jornada e hora.

A la qual vos responch, primerament que yo no us moch partit novell, car vós en vostra primera letra me fes saber que us trametés a dir lo que yo havia dit de vostre pare, e yo, vehent que personalment m'o haguereu pogut dir e ésser informat per mi de ço¹³ que volieu saber, car yo só stat en València diverses vegades e en molts altres lochs hon vós mateix poguereu haver haguda informació, e sert fora stat pus proprii que per letra, e presumint ho volieu saber en loch appartat, pus palesament no u volieu saber, per ço us scriguí que haguesseu loch; en l'als que dieu, que elegeixca hom qui prometa ab sacrament que·ns tendrà secrets e que·m don la letra que vós me trameteu, vos dich que elegir hom sol per axò me par que seria gran alargament de temps, e costum e necessitat és concordar-se abdonys les parts del loch si era igual e de la jornada, e si açò se havia a fer per letres asats seria larch lo procés e no vendria bé a nostra honor. E axí, per acurtar affers, yo elegesch per ma part Mossèn Johan de Montagut, del qual he pres sacrament de tenir secret tots aquests affers fins que la cosa sia venguda a verdadera conclusió, vós elegiu un altre cavaller per vostra part e preniu lo dit sacrament d'ell, per ço que ell per vós elet mostre e concorde ab lo dit Mossèn Johan de Montagut lo loch, jornada e hora, en vostra letra mencionat, hon vós e yo siam.

E mès avant vos avís que si breu no feu lo dit acort, e vós e yo nos trobam, que siau apparellat de hoyr de mi ço que saber volreu, car sert yo seré aparellat de dir-vos-ho, e açò us dich per tot avisament que un cavaller pot fer a un altre e per mon descàrrech, car puix -f. CLXXIIIr- mogut ma haveu a vostra requesta, no guardant temps indispost per manejar semblants affers, a mi cové, e ma voluntat és aquesta, veure la fi de aquests affers per vós moguts.

E per testimoni de veritat vos tramet la present letra, closa e segellada ab lo segell de mes armes, partida per A· B· C·, escrita e sots escrita de la mia mà en l'Alcúdia, a ·xxv· de maig en l'any dessus scrit.

Manuel de Vilanova S[cripsit]

Século XV (Martorell, 1430)
Código: docc 15/22

- III -

Terça letra de Mossèn Galceran Martorell a·N Manuell de Villanova

En Manuel de Vilanova: una letra he rebuda vostra, partida per A· B· C·, escrita de vostra mà, sagellada ab lo sagell de vostres armes, feta en la Alcúdia a ·xxv· de maig. Feu moltes rahons a les quals, per ço que entre vós e mi cesse lo letrejar, no correspondré. E per venir al punt vos dich que, puix mostrau que no sou content que us do loch lo qual, per vós a mi demanat, vos he offerit per ma letra donar, tal com havieu divisat, e haveu elet Mossèn Johan de Montagut per vostra part, dient que yo elegeixcha altre cavaller per la mia, los quals hajen càrrech de concordar-nos lo loch, jornada e hora, per tal com, essent dos, se poria dir que no·s concordarien, yo·u leixe en poder del dit Mossèn Johan de Montagut, car yo confiu d'ell que és tal cavaller que, per bé que sia de vostre linatge, entre nosaltres servarà egualtat. E si desijau¹⁴ que no u accepte, donau vós lo loch tal com lo'n haveu demanat, que yo só content de acceptar aquell, ab¹⁵ aquell temps per a ésser-hi me doneu rahonable, e lla on no·m vullau dar lo dit loch, só content de dar-lo us yo, egual e no sospitós e fora de rezell de officials e de emburlament del regne, e que sols vostra persona e mia s'i hauran de parar sens pus altre brogit, e serà guardar la indisposició del temps. Al que m'avisau per paraules no acostumades entre cavallers no cur de satisfer, puix¹⁶ cuyt que vós e yo som concordes.

-f. CLXXIIIr -

Feta en Thous, sagellada ab lo sagell de mes armes, partida per A· B· C·, sots escrita de la mia mà, a ·vij· de juny, any Mil ·CCCCXXX·.

Galceran Marthorell S[cripsit]

Século XV (Vilanova, 1430)
Código: docc 15/23

Resposta d'En Manuel de Villanova a la terça letra d'En Galceran Martorel

Mossèn Galçeran Martorell: una letra vostra he rebuda, partida per A· B· C·, sots escrita de vostra mà, segellada ab lo segell de vostres armes, feta en Thous a ·vij· de juny, l'any Mil ·CCCCXXX·, a la qual vos responch: primerament a ço que dieu que u leixau en poder de Mossèn Johan de Montagut per dar-vos loch, jornada e hora, ell no u acceptaria ni li vendria bé, atnent lo gran deute que ha ab mi, ne a mi molt menys, car yo havent de vós lo que cuyt deu, stant-se en igual, molta gent metria sospita en ell, ço és que desegualment se hagués portat per la rahó damunt dita. E tinch-me per dit que vós, ymaginant no essent factible ell acceptar la cosa, haveu feta tan larga oferta, e la pràtica e la rahó és, entre cavallers, elegir cascuna de les parts un cavaller, e aquells concordar-se de loch e jornada, però puix aquell still antigat entre cavallers no voleu seguir, e per abreugar los affers, e prest venir a la fi de aquells e leixar-nos de rondalexar, yo, en nom de Déu e de Mossènyer sent Jordi, accepte dar-vos lo loch igual a vós e a mi, e per rahó no gens sospitós, hon vós e yo siam per dar fi a nostre debat. Però en esta forma: que cascu de nosaltres faça un albarà scrit de sa pròpria mà, partit per A· B· C·, segellat ab lo segell de ses armes dient axí:

Yo,.....,17 promet e jur en fe de cavaller o gentil hom de ésser al loch e dia assignat entre mi e....., al qual seré tot sol ab un patge de edat de ·xx· anys en jús, e un adzembler, ne per mi serà sabut, ne altre parent, amich ne servidor meu no y serà, ne official no-n serà avisat. E si contra res d'açò vinch ne-m pot ésser provat, que sia ffementit he-m pugau -f. CLXXIVr - reversar mes armes o senyal, e clavar la mà ab la serimonia entre cavallers acostumada en tal cars, e que açò per nenguna guisa no u pugua deffendre.

E fets los dits albarans per vós e per mi, haüt vós lo meu e yo lo vostre, de fet yo us trametré a dir lo loch e la jornada, hon vos daré temps rahonable per vós ésser-hi. E axí trameteu-me a dir a qui voleu que do lo meu albarà, car lo vostre rebrà per mi Mossèn Johan de Montagut. E mès avant me trameteu a dir la letra closa e ben segellada que yo trametré assignant-vos lo loch e la jornada a qui la donaré, lo qual sia hom que prometa de no obrir la dita letra, e que-n tendrà secret e la darà en vostres mans, e si contra açò farà, que sia en càrrech de vostra honor.

E per testimoni de veritat vos tramet la present letra sots18 escrita de la mia pròpria mà, partida per A· B· C·, segellada ab lo segell de mes armes, feta en la Alcúdia a ·x· de juny, any Mil ·CCCCXXX·.

Manuel de Vilanova S[cripsit]

Século XV (Martorell, 1430)
Código: docc 15/24

- IV -

Quarta letra de Mossèn Galceran Martorel a N Manuel de Vilanova

En Manuel de Vilanova: digmenge qui's comptava a ·xj· de juny, any Mil ·CCCCXXX·, rebí una letra vostra, en la qual me feu saber que la resposta que us faria e un albarà que·m demanau trametés a Mossèn Johan de Montagut, que ell ho pendria de part vostra, ço que no ha volgut fer, ans ha dit tot clar que no pendria tal càrrech. E per ço com yo so19 fora del regne, no he sabut la resposta que·l dit Mossèn Johan ha feta axí prestament com volguera, perquè us dich que és necessari que designeu un altre hom que abtament e secreta vaja a l'hostal Fondo, prop la plaça de sent Berthomeu en València, e deman a l'hostaller per En Pere d'Orta, car de ffet -f. CLXXIVv - li serà mostrat com per pus no y stiga sinó per dar, al qui vós hi trametreu, la dita resposta e albarà, e perquè en sdevenidor se pugua mostrar que per mi no·s desvia la cosa.

En testimoni de veritat vos fas la present letra, escrita de la mia mà, segellada ab lo sagell20 de mes armes, feta en Sarrió, dimegres a ·xiiij· del mes e any dessus dit.

Galçeran Marthorell

Século XV (Martorell, 1430)
Código: docc 15/25

- V -

·V^a· letra de Mossèn Galceran Martorel a·N Manuel de Vilanova

En Manuel de Vilanova: una letra he rebuda vostra, partida per A· B· C·, sots escrita de vostra mà, segellada ab lo segell de vostres armes, feta en la Alcúdia a ·x· de juny, any Mil ·CCCCXXX·, en què·m feu saber que, de tres maneres que yo per letra mia vos havi[a] dat a triar per concordar de loch, haveu apres la una, ço és dar-me aquell, e igual e no sospitós, ab què primer vos faça albarà de la mia mà, segons largament haveu ordenat en vostra letra. Perquè us responch que jamés haguí de res tant de plaer, e l'hauré major quant veja la fi de aquests affers, no tal com vós dieu, mas la que a Déu serà plahent, e yo confiu. E só molt meravellat què us ha mogut de voler companya de dos hòmens, car patge de vint anys home és, majorment que en totes vostres letres hajau mostrat lo contrari, e sobre tot en la primera, dient que anassem a soles hon nengú no·ns vés ni·ns hoýs, e que ara vullau anar acompanyat, gran sospit mostrau de vós mateix, mas que·s vulla sia per venir al punt. En nom de Déu e de Nostra Dona e del bon cavaller Mossènyer sent Jordi, yo accepte tot ço que vós me feu saber en vostra letra, e, per abreujar e no tenir temps, vos tramet lo albarà que·m demanau, en lo qual, per major seguretat de nosaltres, he affigit algunes coses. Però feu-me asaber, per aquell qui·m trametreu la letra, -f. CLXXVr - de la assignació del loch, e lo albarà que haveu de fer semblant del que yo us tramet, lo nom e lo sobrenom del patge e de l'atzembler, e, si hiran armats, la manera com, per tal que us puga seguir per lo rim mateix.

E tramet vos la present en testimoni de veritat, escrita de la mia propria mà, partida per A· B· C·, segellada ab lo segell de mes armes, ffeta en Museros a ·xj· de juny, any Mil ·CCCCXXX·.

Galceran Marthorell S[cripsit]

Século XV (Martorell, 1430)
Código: docc 15/26

Albarà

Yo, Galçeran Marthorell, promet e jur en fe de cavaller de ésser al loch e jornada que vós, En Manuel de Vilanova, me assignareu, ab un patge e un atzembler sens pus altre amich, parent ne servidor meu, e que yo ni altri per mi no han avisat ni avisaran los officials, patge ni atzembler ne altres gents, del loch [e] jornada que vós e yo havem de ésser. E si contra res d'açò venia ne·m pot ésser provat, que sia ffementit, e·m pugau reversar mes armes o senyal o clavar la mà ab la serimònia entre cavallers acostumada²¹ en tal cars, e que açò per nenguna via ne guisa pugua deffendre.

E per testimoni de veritat fas lo present albarà, scrit de la mia pròpria mà, partit per A· B· C·, segellat ab lo segell de mes armes, ffet en Museros a ·xj· de juny, any Mil ·CCCCXXX·.

Galceran Marthorell S[cripsit]

Século XV (Martorell, 1438)
Código: docc 15/27

- VII -

Deseximents tramesos per lo magnífich Mossèn Gualceran Martorell, cavaller, al molt magnífich Mossèn Hausiàs March, cavaller

Per mal grat que he de vós, Mossèn Auziàs March, yo, Galceran Martorell, me desixch de vós, e per ço vos tramet los presents deseximents que, pasats ·x· dies, vos entench a dapnegar en persona e bens e en totes aquelles maneres que poré.

E per ço que siats cert de ma intenció, vos tramet los presents deseximents per En Fferrando Climent, trompeta, sots scrits de la mia mà, en València a ·xv· dies del mes de jener, any Mil ·CCCCXXXVIII·, sagellats ab sagell de mes armes de les quals me n'atur trellat, partit per A· B· C·.

Galceran Martorel

Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 15/28

Cartes de Bernat Metge en nom de Martí I en relació amb la torre de Bellesguard

[25 desembre 1408]

Lo Rey.

Procurador Reyal. Segons per altre letra vos hauem escrit nos hauem comprat açí en lo terretori de Barchinona vna Torre a la qual hauem mes nom bell esguard hon la maior partida del any entenem habitar e aço per sanitat plaer deport de nostra persona. E com nos haiam mester en la dita Torra i bon Esclau qui fos apte axi de plantar arbres com de empeltar e conrear aquells e de totes altres coses necessaries a cultiuar e endreçar vergers orts o jardins E haiam entes que aquí na de bons Manam uos que encontinent vista la present vos informets diligentment si tal sclau porets trobar e posat cars que lo senyor de qui sera no volgues aquell vendre Manam vos quel façats estimar ço que valdra e pagats ho tantost. Et si per uentura lo dit sclau hauia muller ja ho amariem mes per ço que puxen estar abduy PUS asseguradament en la dita Torra. Pero es necessari que al pus prest que fer se puxa lo dit sclau nos trametats car lo temps en lo qual los arbres se deuen plantar es fort prop e seria mester que ja hic fos. Sobre aço trametem aquí a vos en Gabriel garcez portador la present lo qual ha carrech nostre de tenir vosen aprop diligentment en manera que breument haiam del dit sclau bon recapta. Dada en Barchinona sots nostre segell secret á XV dies de deembre del any MCCCCVIII. — Rex Martinus.

E trametets nos com pus prestament porets cera vermella per assegellar. E hagen hi per a hivern e estiu quar ja hauem despesa tota aquella quens huiets tramesa.

Dominus Rex mandauit mihi Bernardo medieí. Dirigitur procuratori Regio Majorice.

[1 gener 1409]

Lo Rey.

Batle general. Com nos vullam fer plantar e empeltar diuerses natures de arbres en la Torra que hauem nouellament comprada açí en lo terretori de barchinona, E entre los altres desijem hauer dels empelts de les peres de uento Manam vos que decontinent dels dits empelts nos trametats de totes natures e en cada maç fets hi I albara en manera que hom conegue de qual natura sera. E digats de part nostra an Johan de tudela quens trameta empelts de les maçanes de Tاراونا de totes natures e quey faça axi mateix albarans en cada maç E aço no dilatets car ja duymes serem en lo temps que les dites coses se deuen empeltar. Dada en barchinona sots nostre segell secret lo primer dia de Janer del any MCCCCVIII. — Rex Martinus.

Dirigitur baiulo generali Aragonis.

Dominus Rex misit eam signatam: expeditur Bernardus medici

Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 15/29

Lletra de canvi

[28 setembre 1416]

[Antoni Oliver, escrivà de mercaders de la nau de Bartomeu Amar i de Joan Gros, s'adreça una lletra de canvi a ell mateix per tal de pagar-se 40 ducats de Venècia, equivalents a la quantitat de moneda barcelonina que Guillem de Cabanyelles li ha lliurat per pagar El manifest la nau. El pagament es farà trenta dies després de l'arribada de la nau, salvament, al port on descarregarà]

Item és stada produhida una letra de cambi, la qual és del tenor següent:

Al sènyer n'Anthoni Holiver, scrivà de mercaders, segona.

En nom de Jesús sie, amen. En Barcelona, a XXVIII de setembre 1416.

Sènyer, si per la primera de cambi pagat no havets, per aquesta segona de cambi pagarets a xxx jorns junta la nau ab salvament lla hon farà port per descarregar, a-n n'Anthoni Holíver coaranta doquats d'or de Venècia de bon pes, que són per altra tanta moneda que jo he reebuda del senyor en Guillem de Cabanyelles per obs del manifest de la nau d'en Barthomeu Amar e d'en Johan Gros.

Anthoni Holiver, scrivà de mercaders.

Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 15/30

Protest de dues lletres de canvi

[18 juliol 1420]

[Protest per inacceptació de dues lletres de canvi marítimes a risc de la nau patronejada per Joan Tamis, pel mercader barceloní Joan Prestador en nom del draper Guillem del Castell, contra l'esmentat patró. Les lletres havien estat lliurades una a Bruges el 9 de gener de 1420 i l'altra a l'Esclusa el 16 de gener, per Joan Ramis a Joan Junyent contra el mateix Ramis a Barcelona i a favor de Guillem del Castell; la primera per un valor de 165 lliures, 15 sous barcelonins, en canvi de 300 escuts felips, i la segona per 10 corones a raó 21 sous i 6 diners per corona. En absència de Joan Ramis les lletres havien estat presentades al sogre d'aquest, Bernat Fuster, i al germà Pere Ramis, que no havien volgut acceptar-les]

Noverint universi quod die iovis circa horam completorii eiusdem diei, qua computabatur XVIII dies mensis iulii, anno a navitate Domini MCCXX, in presencia mei Bernardi Pi, auctoritate regia notarii publici Barchinone infrascripti, et in presencia etiam Guillermi Raymundi Ça Muga, mercatoris ville Berge, munch vero habitatoris Barchinone, et Petri Ricard, agricultoris, civis Barchinone, testium ad hec vocatorum specialiter et assumptorum. Johannes Prestatoris, mercator, civis Barchinone, nomine et pro parte Guillermi del Castell, draperii, habitatoris Barchinone, constitutus personaliter in introhitu hospicii Petri Ramis, scribe domus Deputacionis, quod hospicium est in dicta civitate in vico quo recte itur ad domum Consilii dicte civitatis, in quo hospicio Johannes patronus navis, civis Barchinone, frater dicti Petri Ramis, morari solet, et in absència dictorum Petri et Johannis Ramis obtulit et presentavit et per me dictum notarium legi publice requisivit et fecit Johanni Simonis, notario comoranti cum dicto Petro Ramis, ibidem personaliter existenti et adinvento, quandam papiri celulam scriptam requisicionem et protestacionem et alia in se continentem tenoris sequentis:

Com vos, sènyer en Johan Ramis, patró de nau, ciutadà de Barcelona, hajats promès de pagar a mi, Guillem del Castell, draper, habitant en Barcelona, de una part cent sexanta tres lliures quinze sous barcelonins e són per la valor de ccc filipus, los quals vos havets rehebuts en la vila de Bruges e los quals havets convertits en spatxament de la dita vostra nau, segons apar per una letra primera de cambi de la tenor següent, ço és en lo sobrescrit:

«A·n Johan Ramis a Barcelona. Primera.»

E ha·y semblant senyal o marcha, e a part de dins: «Iesus Christus, Maria. Si per la primera letra de cambi feta lo present jorn paguat no he, per aquesta segona pagaré après xxx jorns que la nau de mi, Johan Ramis, sia junta en la plage de Barcelona ab bon salvament e stada surta per XXIII ores, al sènyer en Guillem del Castell cent sexanta tres lliures xv sous barcelonins e son per la valor de ccc falipús que jo n'é reabuts así del honrat Em Johan de Junyent, los quals he convertits en spatxament de la dita mia nau, perquè al temps li he a fer bon compliment. E lo Sant Speri qui sia ab tots. Scrita a Bruges a VIII de janer de MCCCCXX. Johan Ramis»

E d'altra part deu lliures quinze sous barcelonins e són per x corones que jo n'é reabudes a l'Esclusa del honrat en Johan de Junyent a raó de XXI sous VI a risch de la dita mia nau segons per I letra primera de cambi de la tenor següent, ço és en lo sobrescrit:

«A·n Johan Ramis. Primera.

E ha·y semblant senyal o marcha e a part de dins:

Iesus Christus, Maria. Per aquesta primera letra de cambi pagaré a XXX jorns, junta la nau de mi, Johan Ramis, ab bon salvament en la plage de Barcelona e ésser surta per spay de XXIII ores, al sènyer Guillem del Castell deu lliures quinze sous barcelonins, e són per X corones que jo n'é reabudes a l'Esclusa del honrat en Joan de Junyent a raó de XXI sous VI, a risch de la

dita mia nau, perquè al temps li he a fer bon compliment. E Io Sant Sperit que sia ab tots. Scrita a l' Esclusa a XVI de janer MCCCCXX. Johan Ramis».

E jatsia les dites letras sien stades presentades als senyors em Bernat Fuster, sogre vostre, e Pere Ramis, frare vostre, dilluns que teníem VIII del present mes de juliol e sien stats requests de paraula si per vós acceptarien les dites letres, attès que vós érets absent de la dita ciutat de Barcelona, ells aquelles acceptar no han volgudes ne ych he trobat negun qui aquellas per vós m'aja volgudes acceptar e açò en gran dan e perjudici meu, per ço jo, dit Guillem del Castell, ab aquests scrits requir-vos, dit sènyer en Johan Ramis, que les dites letras me acceptets e les dites quantitats en aquelles contengudes al me paguets, axí com devets e sots tengut, en altra manera certifich-vos que jo manlevaré e manlevar entench de e sobre vós e béns vostres a reacambi, o a altra contracte qui a mi serà vist pus expedient, las dites quantitats dels dits cambis e encara tanta que bé abast a les messions, dans e interesses per mi fetes e fahedores, sostenguts e sostenidors per aquesta rahó, e no resmenys protest contra vós e béns vostres de totes messions, dans e interesses per mi fetes e fahedores, sostenguts e sostenidors per aquesta rahó, les quals coses totes e sengles de vós e béns vostres haver e recobrar entench en son cas, loch e temps covinents.

De quibus *et cetera*, quaquidem papiri cedula presentata et per me, dictum notarium, lecta, incontinenti dictus Johannes Sina dixit et respondit per hec verba:

«Sènyer, lo sènyer en Johan Ramis no ych és, per què jo no-us hi pusch res dir, car no sé què s'és».

De quibus omnibus supradictis ita peractis, confestim prefatus Johannes Prestatoris petiit et requisivit dicto Guillermo del Castell et suis fieri et tradi unum et tot quot petierunt et habere voluerint publicum instrumentum et publica instrumenta per me notarium memoratum. Que fuerunt acta die, hora, mense, anno et loco predictis, in principio contentis, presente me, dicto notario, et presentibus etiam testibus supradictis ad hec vocatis specialiter et assumptis, ut superius continetur.

Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 15/31

Lletres de batalla

[Miquel Francesc del Miracle - Lluís Aguiló de Codinats]

[Aguiló - València, 5 maig 1472]

A cavall, ab cavalls encubertats ab cubertes de brúfol, colls de malla e testeres de acer, menys de armes ofensives; selles acerades de seguida, streps desliguats ab franqualets de cuyro. Arnès de cama e de cuxa, ab scarpes de malla, ffaldes é franquals, cuyraces cubertes de pés de XVIII liures, sens rest; celades franceses ab barbers e alpartaços de malla; canons, gualardets e guardes e guans de acer, sens guardes. Spases de quatre palms e mig del pom fins a la punta per a cenyir, e altres de quatre palms per a l'arçó; punyals de hun palm e mig de ferruça; lançes de má de XIII palms de asta e dos de ferro, ab conteres, de hun pes, sens maestria.

[Miracle - 10 maig 1472]

[Replica que són] armes tals que molta seguretat de perill vos porten [i són] tant defensives, per hon se veu aveu més pensat en defendre que en ofendre. [Les accepta, però] afegint-s'i rest en la cuyraça, e les lances de quatorze palms de asta, ab virolla de cuyro ab ferro de córrer puntes, ab punta de diamà, sens maestria, acerats, de hun palm de larch, e levant-ne barbers e alpartaços.

[Lluís Cornell - Galceran de Besora]

[Besora - Oristany de Sardenya, 4 setembre 1472]

Ab cavalls de la brida, e selles hitalianes comunes, regnes groses de cuyro, groperes, pitral, capçanes hitalianes comunes los cavalls. Segurats ab cuyraces cubertes de setí carmesí, de pes de quatorze liures; ab cabacets blanchs comuns, menys de baveres; ab manyoples e ab spases de quatre palms e mig, la mesura compregua la llargària de la spasa tota, e punyals de dos palms, compresos de cap a cap.

[Cornell - Càller de Sardenya, 7 setembre 1472]

A peu, per no metre la honor en peril d'un animal. Ab cuyraces cubertes de cetí carmesí, de pes de XIII liures, cabacets blanchs comuns, menys de baveres; manyoples blanques, spases de quatre palms e mig del pom fins a la punta, punyals de dos palms de l'hun cap a l'altre.

[Gíulio de Pisa - Boffilio de Guidice]

[Boffillo - Perpinyà, 20 setembre 1475]

Vos dich que us aportaré dos dagues e dos atxes de un pes, tala e mesura, e de aqueles pendríeu la que volríeu, e la que lexareu seria per a mi. Però, per no dar-vos ocasió de poder ab paraules les vos devise: La atxa haurà martel rodon, lo broch de falcó e la punta dagua devant tres quarts de palm de Monpaler, lo guidó de bax serà quatre dits fora lo fust; en tot serà longua, entre fust e ferro, sis palms de Monpaler e tres quarts, e peserà sis liures, poch mès poch menys. La dagua serà de dos tals, longa entre ferro e mànech dos palms e mig de Monpaler, menys mig quart; peserà una liura e miga, quart poch més o menys. E ultra açò, com vos he dit, vos aportaré dos dagues e dos atxes de dit pes e tala e mesura, e pendreu aqueles que les que voldreu.

[Lluís Margarit - Joan Pere de Sentmçnat]

[Margarit-Castell de Sant Vicenç de Burriac, 1 juliol 1477]

[...] cavalls encubertats ab cubertes de brúfol, selles aserades, testeres, collars de malla, tot acostumat de guerra, sens ninguna dobledura, art ni maestria. Les armedures de nostres persones seran arnesos blanchs complits, acostumats de guerra, e almetes e baveres, de pés de sexanta sinch fins en setanta lliures, en les qualls aga falda Les armes [ofensives] lances d'armes de vint e tres palms de larch la asta, de cana de Barcellona, ferre de hun palm de dita cana, acostumat a tals lanças lances; manesques en la má de la regna, de dotze pallms de asta [de] demunt dita cana, ab feres de hun palm e mig de armes de dos talls e de la croera a la punta largues cinch palms de cana de Barcellona, mantí, pom, acostumat a tals spasses; daga de dos talls ... palms de lonch la ferrusa de la demunt dita cana, ab mantí acostumat a tals dagues.

Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 15/32

Carta d' AlexandreVI al seu fill Joan de Borja, duc de Gandia
 [Roma, 31 juliol 1493]

Alexandre, papa VI, manu propria.

Super omnia. Duc: si vols haver la gràcia e benedicció nostra, te manam que tu sies devot de la Nostra Dona gloriosa e bon cristia, tement e observant los manaments de nostre Senyor Déu, *a quo cuncta bona procedunt*, oint cascun dia, devotament, ta missa. E guarda d'ésser mentirós, xismer, ni reportador de noves, ni de dir enuig, ni injúria a persona del món, portant-te ab tos parents e tothom ab molta humanitat e cortesia, guardant-te de tota manera de paraules e inconvenients, essent molt cortès de la barreta e graciós de paraules a qui et farà honor.

Item, te manam t'esforces, ab molta assiduitat, estudi e diligència, en servir a la Majestat del rei e reina, príncep e infants, e majorment, ab tota honestat e virtut, treballes en guanyar-te la gràcia e voluntat ab tos contínuos serveis de la sereníssima senyora reina, mediant la qual fàcilment poràs haver gràcia de qualque estat de Ses Alteses, majorment que don Diego, ambaixador de Ses Majestats, nos há dit e ofert, per part de Ses Majestats, que com tu seràs arribat en aqueixa cort, te donaran e faran gràcia d'un bell estat. Així, sàpies-te ajudar a valer del temps ab lo medi del senyor don Enric e del magnífic tesorer. E per les altres vies que a tu parrà de fer ton fet, e del que sobre aquest article trobaràs e creuràs de poder alcançar, avisa-ns-ne encontinent, màxime si per la part nostra açò se porá ajudar e encaminar, a fi que haja efecte que en la persona tua sia fet qualque gran senyal e gràcia, aplicant-hi aquells medis e intercessions, ultra los sobredits, que a tu parrà ésser expedients e convenients. Car, a les voltes, los prínceps, per no mostrar ésser moguts e impulsos a fer una gràcia a instància d'altres, les fan pus prest que *[sic]* per son propi motiu e vies secretes e indirectes, que per paleses e que hagen dependència d'altri, etc. Així, sàpies conduir e ajudar-te ab bona discreció e medis convenients.

Item, per quant qualsevol manera de joc és abominable e detestable, e ofèn granment la Divina Majestat, e és la ruïna de les cases, e porta ab si diversos inconvenients, te manam e encarregam, per quant has cara la gràcia nostra, te guardes de qualsevol manera de joc, e expressament, si vols evitar la maledicció nostra, te manam te guardes de qualsevol manera de joc de daus. E que mai daus, directe *vel* indirecte, entren en tes mans per jugar. E així ho manam, *sub pena excommunicationis*, a mossèn Pertusa e a Fira, que si tu feies lo contrari, lo que no podem creure, nos n'avisen encontinent a açò que hi puixam proveir; significant-te que, si tu tocaràs daus per jugar, mai la cara nostra te veurà. E nota e pensa molt bé lo que et diem.

Item, te manam que no entres fermança a persona d'aquest món encara que fossen tos germans e parents, excusant-te sobre de nós que així t'ho havem manat, *sub pena excommunicationis*.

Item, te manam que no toques ni carregues un sol diner sobre les rendes de la casa tua, sense expressa llicència nostra, o si ja no fos en utilitat de la casa tua, entrevenint-hi mossèn Pertusa e Fira, e donant-nos-ne a nós, après, avís.

Item, per quant tu t'emportes moltes joies belles e de gran valor, e argent, e brocats riquíssims, e *suppelletile* per a la casa tua, te manam tu ho guardes molt bé, e vulles-ho veure, e proveir tot sia ben guardat per ministres e oficials fiats, e sota diverses claus; advertint que, en presència o en absència tua, la tua roba e cambra sia ben guardada. E guarda't de donar nenguna manera d'argent, ni de joies, ni brocats, si ja no serà en persona de la duquessa.

Item, te manam, a fi que tu entengues e veges com va lo regiment e despeses de la casa tua, veges cascuna nit, si poràs, lées cèdules de la despesa de cascun dia de la casa tua, a açò que, a la fi del mes, sàpies menudament tot lo que hauràs despès en aquella mesada.

Item, te manam que tu contínuament dormes e menges, quan poràs, ab la duquessa. E a aquella serva molta llealtat, e no t'empatxes ab nengunes altres dones. E sobretot, per quant has cara la gràcia nostra, te guardes d'anar de nit.

Item, te manam, jatsia sia supèrflu de recordar-lo, que tu sies molt sòbrio e temprat en lo menjar e beure, car ja saps quant és gran taca en hom de bé.

E fent e observant tu, *ad unguem*, totes les damunt dites coses e manaments nostres, sies cert no

et mancarà mai la gràcia e benedicció nostra, e ens esforçarem en fer-te gran e augmentar la casa tua. E a fi que millor ho puixes observar, te manam lliges sovint la present instrucció nostra; manant-te, per nostra consolació, e a fi que sovint siam avisais de tos progressos, nos escrites al manco dues voltes cascun mes, de ta mà pròpia. E pensa que, en aquesta poca d'absència que faràs de nós fins a la tornada tua, coneixerem per experiència quant has cara la gràcia nostra e observes nostres manaments, e si nosaltres havem raó de fer-te bé, e augmentar la casa tua. E, ab tant, l'Esperit Sant e la nostra benedicció sai de contínuo em guarda e custòdia tua, e et delliure de tot perill.

Datis Romae, apud Sanctum Petrum, ultima julii, anno millesimo quadragesimo nonagesimo tertio.

Século XVI (Guarnerio, 1886)
Código: docc 16/01

Relazione della venuta in Alghero, dell' Imperatore Carlo V.

Ann. MDXLI.

(*Dall'originale nel vol. I dei Privilegi, Archivio Comunale
d' Alghero.*)

In nomine Illius per quem omnia gubernantur, et ejus almae Virginis Mariae Montisserrali. Amen. Tenintse noticia que lo luvictissimo y Catolich Don Carles per la divina clementia Emperador de Romans sempre august y Rey nostre Señor havia de pasar de Italia én Barbaria de migjorn per ala enpresa de Alger apres de esser arribat de Mandes y entes en les coses dels lluterans y esserse vist ab sa Santedat en Lucha ab gran exercit parti de la Specia ribera de genova, Nostre Señor Deu fonch servit, que a tres de Octubre mil cinch cents quaranthu ab quaranta y tres galeres, que l'altra armada per temps s'era despartida, arriba on lo port de bonifassi del reyne de corsega qual havia partit com es dit de la specia ribera de genova, del qual loch de bonifassi escrigue sa ma.t als mag.^s Consellers lo present any de la Ciutat del Alguer huna letra fermada de sa ma dela sua junta en dit loch de Bonifassi y com entenia venir en esta present Ciutat de l'alguer, la qual letra a dits mag.^s Consellers. fonch trasmesa per lo noble don diego dessena gouernador y reffomador del cap de lugudor de Sasser en fora migensant lo alguatzir Joan dcnorra dimecres a cinch de octubre a les quatre hores apres migjorn, qual es del tenor seguent: " A los amados y fieles *nuestros* los Jurados de nuestra Ciudad del Alguer. — Elrey. = Amados y Fieles *nuestros*= Nos hemos legados "en esta hora al puerto de Bonifassi y pensamos con ayuda de *nuestro* Señor ser presto en esta Ciudad del alguer, y porque despues que partimos de la specia no sabemos el viage que havran echo las naos de nustra armada que partieron delante y deseamos ser de ello avisados, encargamos vos y mandamos que luego que esta recibieredes nos aviseys de los navjos que havran aportado en este puerto y assi de la *nuestra* armada, como otros qualsequiera, y que via levavan, y de lo que supieredes de ellos: y assi mismo darejs orden que en esta Ciudad no falten las vitoallas que fueren menester para refresco y provehimiento de nuestra casa y corte, hazieudo en ello la diligencia que de vosotros confiamos. = Dat en lo puerto de Bonifassi a tres de octubre año MDXXXI = Yo El rey Idaguès secret.^o="

E subitament rebuda dita letra per dits magnífichs consellers ab aquel honor y reverencia qu es pertanyent entengueren en donar orde en lo que convenia, y en la matexia nit del dimecres arriba en Ciutat dit noble governador, qual y lo Mag. Veguer mossen Miguel olives menor y dits consellers entengueren en fer fer hun pont de lenyam en mar molt larch y ample, y en fer pastar molt pa blanch per preseretar a sa ma.t y fer guè per la terra, a les portes de les cases y tendes hi hagues abundancia de pa; se traguessen axibè per les portes gallines, capons, pollastres, ogues, anedes, colomins, ous, rahims, formatges, fruytes, y altres refreschs, a talque la gent pogues comprar sens anar cercant prohibint ab crides negu no venes a mes preu del solit: manaren fer moltes tavernes de vins blancs y negres: proveyren que les vagues y moltons del terme entrassen dins Ciutat y que les carnesaries stiguessen abundants: proneyren que los pescadors dels caligues y altres lochs acudissen ab peix y que tot stigues per places a talque sa ma.t y sa cort rebessen algun refresch en esta sua pobre Ciutat y conegues la innata fdelitat de sos Vassalls que en ella stan y habitan, y axi mateix dit noble gouernador y veguer y mag.^s consellers consertaren per sa ma.t una caça de porch al port del compte; com de fet en la mateixa nit anaren los mag.^s mossen gueran de Cetrilla y mossen Perot Amat Cavallers d esta Ciutat y lo mag. mossen angel Torralba conseller segòn y altres Ciutadans y prohoms de Ciutat y servidors d ells ab molt aparell de cavalls, cans, jagaradors y altres. Y en dit port del compte speraren a sa ma.t per caçar dos nits finsque de fet arribaren les galeres al port del compte lo dijous circa migianit a sis de dit mes de octubre : y lo endema divendres ans del die lo dit noble governador acompanyat de quatre cavallers quals eren don Johan Mancha, don angel Mancha germans, don Jaume Manca y don Johan Cariga sassaresos, que s[e] trobaren aposta en ciutat per la vinguda de sa ma.t ab huna barca armada ana al port del compte y arriba a hora que sa ma.t no era llevada, y apres de esser levat besa les mans de aquella tant per part sua com de la Ciutat, y digue la alegria que tenien tots de la junta de sa ma.t y com pesava als consellers lo poch

temps que havien agut per proveir del necessari ab mes abundancia de la que tenian, y la que mes convingue, y as ma.t lo rebe ab molt voluntat, y digue qu'estava certificat de la voluntat de tots. Y veyent gent de cavall y a peu en terra, y dientli eran casadors de la Ciutat, qui staven aparellats peraque si sa ma.t volgues casar, lo pogues fer, lo stima molt, y los dits Cavallers, Consellers y lo noble Don laume ramon cetrilla qui y era arribat y altres casadors ja dits muntaren en galera y besaren la ma a sa ma.t quals rebe ab molta voluntat, y de fet devalla ab hun squifet en terra sens guardia ne altres, sols ab tres o quatre grans de sa cort, quals eren el duch de camerino net del papa paulo tercer son gendre el princep de salmona don luys davilla comenador mayor d'alcantara, lo princep de macedonia, y lo embaxador de Inglaterra, y metens en mig de dits Cavallers casadors, oyda primer missa, qual se digue al loch que s[e] diu la dragonaya, que digue hun capella de sa ma.t apres munta a cavall, y los altres grans de sa cort tanbe, y casaren, y sa ma.t mata hun porch que li vingue a la posta ab hun gos de dit mossen gueran de cetrilla: y apres volgue sa ma.t, que los dits conseller y cavallers muntassen ab ell en la sua galera propya, y ab aquells arriba en lo port de la dita present ciutat divendres a set de dit mes de octubre, quasi a hora de vepres; y mentres sa ma.t casava dit noble governador sen torna en ciutat, y reffery als dits veguer y consellers y ciutadans lo sobredit, y les galeres per lo semblant sen vingueren al port molta part d'ellas ara huna ara altra, talment que sa ma.t vingue ab molt pogues, no curant dites galeres de servir guardia a sa magestat, e ja desdelmati quatres fregattes havien pres port, no curant star per les puntes com solen.

Lo pont que la ciutat feu fer per devallar sa mag.t era de bigues, taules, y cabirons molt larch que passava des sobro de les segues dins mar, al cap del gual, a la volta del mar stavan pintades les armes de sa mag.t molt sumptuosament, quals pinta mestre Johanet spert ciutadà. Stava cubert dit pont de draps fins de Barcellona, vermells, grochs, y altres colors de molta valor, y staven sperant a sa mag.t dit noble governador y mag.^s veguer y consellers acompanyats ab molts cavallers ciutadans y prohoms de ciutat y fora, entre ls quals era d" Bernat dessena germa de dit noble governador, el alcayt capat^s de caller, dn Franco rebollada conseller en cap de Sasser, dn Iohan manca y altres que per brevetat se dexten, vestits honradement, y lo mag. consoller en cap portava les claus de la Ciutat en les mans ab sos cordons y flochs de seda fina vermella y groga, y stant axi sperant ja les galeres havien pres port, y la gent de aquelles sen estava passeyant y aposentada per cases, que neguna guardia sperava a sa mag.t Y la Ciutat desque arribaren les primeres galeres, fins que sa mag.t fonch en palacio no cessa de tirar senpre artillaria, carrech de la qual tenia mossen Iaume valldellas; y sa ma.t feu posar totes les banderes y standart en la sua galera y mana salutar la Ciutat de la sua propya galera ab quatre tirs de bombarda, quals tirats desenbarca ab sun squifet a soles ab lo princep doria y los gui vogaven y ans de venir al pont per desanbarcar en terra ana ab dit squifet y dit princep doria arrodar y mirar la Ciutat de la banda de la mar, ço es des de sant Elm fins a la torre del spero o adabayx; y dubetant los dits noble governador y mag.^s veguer y consellers que sa mag.t no entras per lo portal real sen anaren del pont y no foren tant prest fora que ja dit pont fonch saguejat, y donat a boutti los draps de aquell per los soldats de sa mag.t e altres, de gue sa mag.^t pres plaer segons mostra. Y apres de haver be mirat sa magestat torna ab dit squifet y desanbarca al dit port, y mana a la guardia que sen anasse gue no era mester, gue stava en sa casa, y axi la guardia no serva orde negu, come se sol en altres; parts en palacio dins ni de fora, sinoque sen anaren a passejar ahont volien. En lo qual pont los dits governador, veguer y consellers y ciutadans cavallers y prohoms engenollats li besaren la ma, y sa mag.t ab molt amor los rebe, y donantli las claus dits mag.^s consellers, ut decet, sa magestat les accepta y apres les toma ad aquells, dient en lengua castellana: " Iurados teneldas en bonora gue d'esto somos contentos, y assi hos mandamos y rogamos que tengais acuellas y mireis por el bien de la terra, como sois obligados, y vuestra fidelidad requiere „. Perloque altra volta dits Magnifichs Consellers li besaren la ma, y apres camina fins al cap del pont, ahont en terra staven los Reverendissims Bisbe de Ampurias, que s[e] troba present en Ciutat vestit de Pontifical, y Don Pedro Vaguer Bisbe del Alguer y del Consell de Sa Magestat, que ja ans era entrat en Ciutat, y lo havien rebut segons se acostumen rebre los Prelats, qual no stava vistit de Ponlifical, y acompanyats del Vicari M. Francisco Guio y Duran Arcipreste del Alguer, Canongies, Capellans, y Frares ab les Creus, segons es solit, tenint la vera

Creu en la ma lo dit Revereadissim Bisbe de Ampurias, stant ya aparellats dos cadires (eran de Mossen Francisco Bosquets), y dos coxins de seda verda que dexta Donna Isabel Amat y Dessena, y lo palli de brocat forrat de tafetta girasol de la Seu. Sa Mag.t se engenolla sobre dits coxins, y besa en

mans dit Reverendissim Bisbe de Ampurias la vera Creu, y apres cavalca sobre un cavall, castany molt ben guernit, que stava aparellat, que era del Noble Don Johan Manca; y estant sot del palli digue al bisbe del Alguer: " Obispo, passadme „ y anava aquell ab los que portaven lo palli, y ab solemnitat y processio entra Sa Mag.t en la sua Ciutat del Alguer dit die divendres a set del precedit mes de Octubre mil sinchcents quarantahu a hora quasi de vespres, y portant lo palli los Magnifichs Mossen Perot Castilla Donzell Conseller em cap, Mossen Angel Torralba Conseller segon, y Mossen Iohan Galeasso Conseller quart, los nobles Don Pedro de Ferrera, Don Iohan Manca, y lo Magnifich Mossen Guaran de Cetrilla, y entrant en Ciutat ana a fer oracio en la Seu Catadral de dita Ciutat, y apres de haver fet oracioSraa cavalcar, y arribat a la posada de dit noble Don Pedro de Ferrera en la Plaça que estava aparellada, mana Sa Mag.t que no fos portat mes lo palli, perque ans de descavalcar volia que anassen a veure lo restant de la Ciutat, que restava a veure de la part de terra, puex havia vist la part de la mar, com de fet ana Sa Magestat, y seguiren lo noble Governador, Magnifichs Veguer y Consellers, los Cavallers que portaven lo palli, Don Bernat Dessena, Mossen Francisco de Busquets, y altres Cavallers, y Ciutadans de Ciutat, y exint pel Portal Real fora de Ciutat digue Sa Mag.t als Consellers " lurados? esta es la Iglesia que derribasteis quando venieron los Franceses ? „ y dits Consellers digueren que sy, y arribat a la torre del Spero, y parentli be la fabrica de ella munta encara fins a hun pedraste y terra cavallera que y ha al pou de la Roque, de on se veu quasi la Ciutat, y sent hally mira be Sa Mag.t la Ciutat y la Torre del Spero y digue: "Bonita por mi fe y bien assentada! „ y girantse al Governador y Consellers digue y "Esto es de poca importancia, alzat el llienzo de la muralla y la torre asta la altura de aquellos dos hombres, y finid la obra. „ dient ho per dos homes que estavan drets sobre la muralla vella de dita torre del Spero. Y tornantsen Sa Magestat en Ciutat, essent en mig del trast de la torre del Spero, y de la torre del Portal Real que respon devant San Miguel, digue Sa Magestat " lurados, aqui sera bien se haga una casamatta, que del resto todo esta bien „ y retenent son caminar, y essent entre lo Portal nou y vell, Sa Mag.t arresta lo cavall per mirar les sues armes qu estaven alli pintades, y los Consellers li digueren que en semblants fabriques se despenevan los dines que Sa Magestat feja merced a la Ciutat, qual respongue : " Bien lo veyo, y plasome de ello „ y entrat en Ciutat, y entrat en la posada de dit Don Pedro, descavalca y sen monta en la Sala, ahont lo Princep Doria, y altres grans lo esperaven, y Sa Mag.t parla un poch en peus ab dit Princep Doria de la armada de mar, que per letra que tenia dit noble Governador se sabia ahont havia aportat, y sen entra en la cambra, y tot hom sen ana en ses cases, Y apres de ser en la cambra Sa Mag.t se posa a la finestra ab lo Princep de Macedonia, lo Princep de Salmona, lo Duch de Camerino net del Papa y gendre de Sa Mag.t y don Luys Davila comenador mayor de Alcantara, stant rient ab aquells, mirant la plaça y veyent les vagues y bous que embarcaven, los soldats com corrien per la placa y les mataven a coltellades. Y essent ja quasi nit los dits mag.^s consellers acompanyats ut supra anaren a palacio y verbo suplicaren a Sa Mag.t fos servit de arrecordarse de aquesta sua Ciutat, puex nostre Senyor Deu nos havia fet mercet que Sa Mag.t era vinguda en ella per star en hun scoll de rogues luny de poblat, y en continua punya de enemichs, que sols tenian lo nom de ser vassals fielissims de Sa Mag.t al que aquella respongue dient: " lurados, la gana que teniamos de veher l'Alguer nos ha hecho venir en Serdeña, que otramente no venjamos, y pues hemos vista la Çiudad y la importancia de ella, al presente no podemos proveher nada, por estar de camino, embiadnosle a quedar en España, que de alli lo prevehiremos y mandaremos, como mejor fuere nuestro serviçio, y la importancia de la Çiudad requiere, y vueslra fidelidad meresse, y quissa antes de mucho nos vehereis aqui ottra ves, si Dios fuere servido. „ Del que dits Consellers besaren la ma a Sa Mag.t fent gracias ad Aquella de la bona voluntat y amor [que] los mostrava, y sen anaren, y ancara que stigues fet lo preparatori en palacio de sopar, Sa Mag.t no sopa, salvo que la nit mengia certes rosgues de bescuit blanch y begue aygua canyellada, y axo feu per trobarse indispost del pit: y ans de posarse Sa Mag.t al lit, digue al Conseller quart, que en tot era stat y era present: "Iurado, vayanse todos, no hemos menester de nada, que ya estamos en casa nuestra. „ Al que respos un alabarder de Sa Mageslat anomenat Rodrigo, y digue: " Señor, los lurados no han provehido de colchones por nosotros, bueno sera que descolguemos estos panyos y nos echemos en ellos., Y Sa Magestat sen rigue y digue al dit Conseller quart: " Iurado, mira que no hagan daño estos. „ Y dit Conseller respongue: "No haran Señor „ Y tot hom sen ana. y Sa Magestat se posa al lit que la Ciutat havia aparellat y dit alabarder no digue per falta de lits, que tothom stava ben aposentat, sino per les strenes que la Ciutat lis dona axi als

alabarders, com als alecayos, guardarobbas, forners, porters, dispensers y coch, que dit Conseller quart per part de la Ciutat los strena a tots en circa de settanta ducats segons la qualitat del offici requeria y cobra lo palli y draps, de lo que restaren molt contents de la Ciutat. Y lo endema levada ya Sa Mag.t se feu preparatori de missa en la sala del palacio, ahont Sa Mag.t y molts princeps, duchs, marquesos, comtes, prelats y grans Señors de la cort, dit noble Governador, y mag.⁸ Veguer, Consellers, Cavallers, ciutadans y altres del Alguer oyren missa, qual digue hun Capella de Sa Mag.t sent hora de dinar, tothom sen ana en lurs posades, y Sa Mag.t sen torna a la cambra, ahont dina ab tot aquell aparell y provicio que Sa Mag.t requeria a la cambra secreta, per trobarse indispost del pit com es dit, y a cap de un poch Sa Mag.t mana fer crida que tothom se embarcas, y essent ja quasi dos hores, Sa Mag.t mana partir y exint de la cambra a la sala per anarsen a embarcar, en dita sala, en presencia dels sobredits Princeps, Duchs, Comtes, Prelats y grans señors de la sua cort y del dit noble Governador don Diego Dessena, y de molts altres cavallers y ciutadans de la present Ciutat, Sa Mag.t arma cavallers als mag.⁵ mossen Iohan Galeasso conseller quart ya dit y a mossen Duran Guio del Alguer, a mossen Pedro Pilo, a mossen Cano, y a mossen Virde de la Ciutat de Sasser, y a mossen Iolian Delsgrexio de castell aragones, y prengue carta de la milicia y cancelleria lo secretari de sa mag.t mossen Iohan Peralongo, y devallantsen per la scala del dit palacio, dit conseller quart fet cavaller com es dit demana a Sa Mag.t licencia de anar a servir Sa Mag.t en esta empresa de Alger, y Sa Magestat respongue: " Iurado, harejs vuestro officio por ahora, y assi hos los mandamos." Y volent exir Sa Magestat de la porta del palacio, lo noble don Pedro de Ferrera se acosta y suplica a Sa Magestat que tingues per be y fos servit de acceptar en son loch a son germa don Miguel de Ferrera, qual era alli present, puix ell per sa indisposicio no podia anar a servir a Sa Mag.t en esta empresa, y Sa Mag.t lo accepta, y girantse Sa Mag.t al dit conseller quart, que rapresentant la Ciutat li anava al costat squerre, com los altres companys no se trobaren presents, per star ocupats ab los hostes y gran Señors [que] tenien en casa, desde la porta del palacio fins a la porta del mar li anava parlant, demanantli Sa Mag.t del assento y trast de la Ciutat, y dit conseller li dona complida raho de tot. Y essent intrat al dit portal de la mar Sa Mag.t mana desenbarsassen lo pont de la gent que y era, y munta en aquell y ya estava aparellat lo squifet de la sua galera y besat primer la ma de Aquella los dits Governador y Conseller quart, y molts altres Cavallers, Ciutadans y Prohomens de ciutat, Sa Magestat se embarca y fonch disapte a huit del mes de Octubre, y partirense totes les galeres seguint a Sa Magestat yanaren al port del compte, y apres en lo fer del die del domengie ab molt bonissim temps feren lur via per ala ciutat de Mallorques, ahont tota l'armada se havia de juntar, segon Sa Magestat digue y de alla havien de partir per Alger, Nostre Señor li done victorra peraque reduesca los princeps pagans al gremj de la santa mare Iglesia. Amen.

Ala qual Cesarea Magestat los dits mag.⁵ consellers per part de la ciutat per renfresch de la sua casa y cort feren present de moltes vagues, de molts moltons, de moltes gallines y capons, y de molts rasers de pa blanch fet a cocorrois, de moltes botes de vy vermell, y de malvasia, de moltes dotzenes de antorches, y velas de cera groga, y de moltes fruites y ortalles y altres refreschs, de que Sa Mag.t ne resta molt contenta, no obstant que y hagues poch intervall de temps, que sols foreu trenta hores, talment que la Ciutat no puegue, fer lo que haguera volgut ab mes compliment, ultra que tots los cortesans en general y en particular sen son anats molt contents, tant de lo aparell de les posades, peraque tots foren molt ben aposentats per cases, com encara per lo compliment de las vitualles y recapte [que] havien trobat eu Ciutat ab molt amor y cortesia. Y Sa Mag.t mana al dit conseller quart que tenia carrech de dit refresch, que lo dispensas en la sua casa y cort a orde de Francisco Duarte provisor general de Sa Magestat com de fet dit conseller effectua y compli, segons consta en les polices que aquell li feja, una de les quals se inserex a tenor d ella, y les altres per prolixitat se dexian de insertar, qual es del tenor seguent: " Muy magnífico Señor Iohan Galeasso Iurado de la Ciudad del Alguer mande vuestra merçed que se consigne para la galera capitana, en que viene Sa Magestad seis vacas y veinte carneros, y quatro botas de vino blanco, y dos de tinto, cinquenta aves, y seis sacos de pan fresco para provision de los gentiles hombres y criados de Sa Mag.^d que van en ella, demas de lo que por otra parte se da ala propria galera, y que sea del scogido. Hecho en Alguer a VII de octubre MDXXXI. Assi mismo se den por esta galera tres çestas de uvas, y una de naranjas. Al serviçio de Vuestra Merçed, Francisco Duarte. „ Y ultra lo sobredit tots los grans y altres no dexiaren de comprar moltons y vagues, pa, vins y altres vitualles per haverne ab abundancia, y mes saquejaren y donaren a boti y a fil do spasa per a dosentes vagues

del dit noble governador, de mossen Galceran Ferret, de mossen Berthomeu Castañier y de altres señors de bestiar do Ciutat, de que Sa Magestat prengue plaier y mana al dit Francisco Duarte les pagas, dient "paghense, paghense, no se reciba tanto danyo „, y axo mana Sa Magestat motu proprio, sens que ningú tal li suplicas, peraque la Ciutat entenia tot pagarlo, com de fet ha pagat, y pagara y fara la contenta a tothom. Y peraque es raho que de tant gloriosa venguda y visita de Sa Magestat sen fassa espressa memoria en los registres de la casa del Consell de aquella, peraque tots los que vindran lo veyen, de manament de dit noble governador y mag.^s Veguer y Consellers se fa la present y se recondex en lo archivi de dita Ciutat, y axo per haver la major part de la cosa passada per ells, y altra referida, y publicament vista per tot Ciutat.

Y apres de la partida de Sa Mag.^t los dits mag.^s Consellers per mes memoria y honra de la Ciutat, y dels que vindran en aquella, manaren affigir y sculpir les armes de la dita Magestat Cesarea, y sota de ellas les de la Ciutat, y de dit noble governador, y a sots de totes un retol o epigramma, manifestant dita venguda tant gloriosa, lo die, mes y any y los que governavan la Ciutat en lo modo y forma que siguex.

CAROLVS QVINTVS Divina favente clementia Imperator Romanorum semper Augustus Hispaniarum Aragonum Sardiniae etc. Rex Septima die Octobris anni MDXXXXI cum quadraginta tribus triremibus Ad portum hujus Civitatis Algaii feliciter pervenit et in ea duabus diebus permansit Nobili Dⁿ Didaco Dessena Praesens Caput Lugudori Gubernante et Magnificis Petro Castilla Domicello Angelo Torralba Augustino Pont et Ioanne Galeasso Milite Consiliariis existentibus ac Augusto Torralba Pro clavario in cujus rei memoriam hoc epigramma scriptum est. MDXXXXI.

Loco sigilli.

Signum meum Ioannis Galeassi quarti Consilarii hujus Civitatis Algerii, Apostolica et Imperiali per totum orbem auctoritatibus Notarii Publici per omnes terras et ditiones Sacrae Cesareae et Catolicae Majestatis, quia praemissis omnibus et singulis, dum sic ut praemittuntur fierent et agerentur praesens interfui, eaque omnia et singula fieri vidi et audiui et a fidedignis testibus relatum fuit, ideo hoc praesens compendium ac memoriam rei gestae, manu mea propria scriptum, exinde confeci, subscripsi, publicavi, et in hanc publicam formam redegi, signo et nomine meis solitis et consuetis, una cum praelibata Civitatis Algerii minoris sigilli in fronte signavi, in fidem et testimonium omnium et singulorum praemissorum rogatus et requisitus mandatu dictorum nobilis Doinini Gubernatoris et Magnificorum Conciliarorum Algerii qui supra die, mense, et anno jam superius adnotatis.

Século XVI (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 16/02

Cartes i acords dels paers de Lleida

[Lleida, 29 juliol 1503]

[Carta dels paers al Rei donant-li compte de la petició d'augment de salari per part dels catedràtics de l'Estudi]

Per lo dupte que's té de la guerra, se fa preparatori en aquesta sua ciutat de Leyda de molt gran Studi, e per lo poch salari que als quatredans és donat, dits quatredans an demès entendre en la negociació per viure que en lo que satisfà ab la utilitat de tan gran nombre de estudiants fins aquell los sia augmentat, e per sso la universitat del Studi de dita Ciutat ha deliberat crear cindich, qui és Exemèn Almúnia, per a suplicar e de diner ensems ab lo Rector de dit Studi a la sua real Magestat lo que sie redreç de dit Studi e bé de dita Ciutat. E de açò la dita sua ciutat de Leyda suplica sa real Magestat vulla manar affectuosament a alguna persona que mire en dit redrés del dit Studi e bé de dita Ciutat.

A XXVIII de juliol.

D.V. R. Magestat humils devots vassalls, qui les reals mans de aquella besen, los pahers de Leyda.

[Lleida, 10 febrer 1504]

[Carta al comte de Ribagorça, lloctinent general, donant-li compte de l'agressió comesa contra el doctor Jeroni Martí quan anava a llegir Cànon i era ja prop de les Escoles]

Molt il·lustre Senyor:

Lo darrer dia de janer, ab veu de pública crida per los lochs acostumats de la Ciutat de Leyda, lo Regent, Cort e Veguer e nosaltres havem fet publicar la Constitució feta per la Magestat real em sa última Cort en la ciutat de Barchinona, comensant com instant e procurant e en la un dia se publicà. E en lo dia primer de febrer, a set ores de matí, anant micer Gerònim Martí, doctor em Decrets, a legir la cadira primera de Cànones, prop les Scoles a part detràs, no dient-lli cosa ninguna, li hisqué un fill de mossèn Jacque Navarra, de edat dihuyt anys, e al cap, a la part detràs, li peguà una bastonada e fogí donada la bastonada en companyia del qual haye; e li féu assistència hun pagès familiar de casa de mossèn Navarra, nomenat Joan Ferrer; los quals, en continent fonch fet lo cars, són fogits. E dit mossèn Jacme Navarra li féu trametre a son fill la mula perquè s'apartàs. E lo dit Navarra stave, menjave e sa comune residència en casa de son pare. E per ésser cosa tant lega e perjudicial als reals manaments, e és total destrucció de la ciutat e del Studi, e gran vergonya e cosa de mal exemple, e ja may se és vist que a nengun doctor que vage a legir tal acte sie perpetrat, e no stimule teneri Studi, ni los doctors no volran anar a legir si anar a legir no stà en salvaguarda real, e majorment los doctors de les primeres cadires que agen de anar-hi que no és de dia, e per ço per lo que lo haurem ofici, havem deliberat certificar a sa il·lustre Senyoria e a son real Consell, e suplicar-lo mane provehir que justícia sie administrada e la Constitució sie deduïda a son degut efecte e executada, e en tals e tans generals desordes que redunden en tot dany e perdicó de la Ciutat e del Studi e en gran menyspreu dels reals manaments mane se face justícia expedita. Nosaltres per nostre ofici havem request per dues vegades al dit Regent executàs la constitució e publicàs los dits Navarra e Johan Ferrer, lo que ha recusat fer, e de açò dues requestes públiques li havem donat, e dit Regent ha recusat executar lo que per la real Magestat és stat provehit e manat, e per dit Regent e nosaltres publicat. E per ço trametem a sa il·lustre Senyoria e a son real Consell lo portador de la

present, perquè sa il·lustre Senyoria de tot sie certificat e puegue provehir ab bé e repòs de aquesta Ciutat suplicant-lo com bé ha acostumat ab effecte mane fer servir lo que per la real Magestat satisfet en la Constitució és contengut e que sie càstich als qui han contravengut e exempli als altres. Lo Navarra que ha fet lo cas és simple tonsurat, e per ço lo dit Regent repare de no executar lo que stimàs, la observància de la qual és total bé de e de tota la terra. E suplicam sa il·lustre Senyoria mane restituir per lo nostre portador, lo qual haverem sols per certificara as Magestat de les petites coses. E restam per servir a sa il·lustre Senyoria en tot lo que manar volrà. E la divina clemència li dó alta vida, ab augment de son stat.

Dada en Leyda, a X de febrer. any MDIII.

De vostra il·lustre Senyoria.

Al molt il·lustre Senyor lo senyor comte de Ribagorça, lochtinent general del Rey nostre senyor en lo Principat de Cathalunya.

fAffectats al servey de aquella, los pahers de la Ciutat de Leyda.

[Lleida, sense data, març a agost 1515]

[Carta dels paers al cardenal Remolins en què, després de recordar-li que és fill de Lleida i antic alumne del seu Estudi, li pregunten que vulgui treballar a benefici dels estudiants i de llurs catedràtics]

Molt il·lustre i reverendíssim Senyor:

Aquesta ciutat tenim per cosa molt clara e notória que en totes concerns lo bé y lo redreç de aquella, e que la Cort romana se agen a obtenir no poden recórrer a millor ni major medi que és vostra Senyoria, omnia e majorment avent-se a tractar del bé e augment del Studí del qual vós Senyor molt il·lustre, sempre sou estat e en sou molt devot e ab molta justa rahó, per ésser originari de la dita Ciutat e aver pres la primordial doctrina de dit Estudi, per lo qual mijançant la gràcia divina V. S. ha obtès lo loch que vuy meretíssima e digníssimament té e major se spera a obtenir, confiant encara dita Ciutat de sa acostumada virtut e magnanimitat que no sap dir que no als que justament lo supliquen. Afectíssimament per los sobredits respectes demanem mercè a vostra il·lustre e reverendíssima Senyoria vulle favorir, consellar e endreçar a aquesta Ciutat en tot lo que per lo reverendíssim senyor Arcebisbe son germà li será explicat, e senyaladament e precípua sobre lo dit Estudi, lo qual Senyor, va sempre en ruyna per la modicitat del salari dels catredans, los quals no reben sinó vint-e-tres liures quada hu, que és una misèria, de què se segueix que los dits cathredans qui forçadament se han a dimitir en advocat e en altres negocis per viure, distrahent-se del Estudi, no poden fer aquell exercici que seria mester a benefici dels studians, lo que farien si del salari de dites càtredes podien còmodament viure, car en art, Senyor, doctors hi ha qui són de tanta doctrina e tant bons lectors que si eren bé pagats no ls faria vergonya los de Itàlia. Per ço, Senyor, volríeu treballar en aver algunes rendes de la Sglésia per via de supressions de dignitats o beneficis, o per impòsits de pensions, o per via de applicacions, leyxes o coses pies incertes, majorment per cum ya algunes bulles apostòliques antigues e *singulariter* una de papa de vint milia florins de or sobre lexes o coses pies incertes. E per aver conformació de aquelles, e encara per a obtenir-ne novament, tenim alguns diners, los quals per lo Rey nostre senyor nos són stats atorgats per al Studi, e volíem trametre-ls aquí per a les despeses de la impetra de dites bulles a alguna presona que a tota disposició de V. S. los distribuís. Per tant, Senyor molt il·lustre, afectuosament suplicam a sa senyoria Reverendíssima nos vulla dar en dites coses aquell Consell, favor o adjutori que de tant il·lustre e magnànima persona se espere, a ffi effecte que per medi de sa il·lustre e reverendíssima Senyoria aquesta Ciutat per a sempre reste il·lustrada. E nostre Senyor sa il·lustre e magninànima persona ab augment de son preeminent e alt estat per molt temps conserve, e l pug en loch tal que los de sta Ciutat de on és natural [desigen].

De vostra il·lustre e reverendíssima Senyoria.

[Lleida, 13 octubre 1517]

[Acord de la Paeria de vendre les Saboneries, on hom llegeia Gramàtica, Medicina, Teologia i Lògica]

Die XIII octobris MDXVII.

Los magnífichs mossèn Monsuar de Arinyó, mossèn Johan Serra hi mossèn Pere Algueró, pahers l'any present de la ciutat de Leyda dins la casa de la Paheria feren ajustar la Prohomenia del Spital en la qual entrevingueren los promens següents: mossèn Perot Pou, mossèn Miquel Agostí, mossèn Andreu de la Pardina, micer Mahull, micer Martí-Johan Navarra, Francí Morelló, Johan Robió, micer Morelló, Berthomeu Costa, Loýs Matheu, Perot Albisturri, Francí Oriola, Bernat Cortades, Domingo Gostantí, Ramoní March.

Als quals fonch proposat per los magnífichs senyors de pahers que ja saben ses magnificències com la ciutat he ha lo hospital té unes cases al Pla dels Gramàtichs del Studi de la present Ciutat, vulgarment dites les asaboneries, hi que de aquelles encara que tots anys se loguen als estudiants, maltracten-les de tal modo, que tots anys han menester grans adobs que e hi molt poch profit ne ve a la Ciutat, hi que mestre Barberà ab tracte de alguns hòmens de bé s'és acordat de comprar-les, hi donen cent cinquanta liures a censal mort, ço és, set lliures he IIII sous de pensió, lo qual pug[u]e quitar en tres pagues. Hi que en aquesta [casa] no-y són sempre. Hi les quatre scoles són baix dita casa, ço és, les scoles de Taulegia, Lògica, Medecina hi Gramàtica. Hi que si les venen, aturant-se les dites quatre scoles, la Ciutat ho lo Spital tots anys sense perill haurà a rebre e set lliures, he IIII sous, entre les scoles hi lo censal de les cases. Per ço que ho vullen deliberar si les par les deguen vendre o no, hon no és menester metre mà en adobar-les perquè ho puguen loguar.

Los quals honorables prohòmens, oýda la dita proposició, acordaren hi deliberaren, atès lo que ere de attendre hi considerat lo que ere de considerar, que les dites cases sien venudes al dit mestre Barberà e als seus per lo preu de les dites cent cinquanta lliures a censal mort, a rahó de vuit mília per mil, he que pugeu quitar en tres pagues hi que no-y sien compreses les dites quatre scoles, ço és, Teulegia, Lògica, Medecina hi Gramàtica, hi que vingue a càrrech de mestre Barberà lo cens ho censal que dites cases fan a mossèn Alcaniç com a procurador de Sent Lorens, axí en pagar les pensions de vuy avant debederes com la propietat en cars de luýció, ab pacte que dit mestre Barberà quitant lo censal fer-ho alguna part hage de de [sic] pasar en poder del Clavari Major de la Ciutat, que aleshores serà a falta dels pahers, pròmens hi prior del Spital, ab pacte que no puguen exir de allí sinó per altre sguart fahedor en loch segur.

Século XVI (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 16/03

Carta del mercader Pere Freixe al seu fill Bartomeu

[La Ciutat de Mallorca, 19 novembre 1505]

Al molt honorable en Bartomeu Freixe, en Càller.

Jesús.

En Mallorca, a denou de noembre, 1505.

Molt honorable e caríssim fill:

Ab la barca de Joan de Cambra vos he escrit a la ventura en comanda de mestre Antoni Sastre, qui està ací al carrer de mossèn Catlar, e ab aquella vos avisava molt llargament de totes les coses. E veig ab una lletra vostra, rebuda per mans de mestre Alonso Argenter, de vint-e-vuit d'octubre, me dieu que ab dita barca no us só escrit a la ventura. Molt me só admirat en veritat; emperó, no sap hom de qui fii de dar lletres.

Per tant, vos avís com me dieu que us avís de la llana, com lo bo de patró, ço és, Ínigo Llopis, descarregà la llana e totes les robes tenia d'ací en Alacant, en poder del batle d'Alacant, e féu-se pagar los nòlits així com si les hagués portades ací. E après sabut nosaltres per lo batle d'Alacant dites robes eren en son poder, anà lo fill del senyor en Jacme Esbert en Alacant per formatges e llana que son pare havia carregades ab dita barca, e així per mi li fonc donada potestat ab procura quan seria en Alacant rebés dites tres fardes de llana vós havíeu carregades sobre les dues d'en Toni Grua, e l'altra de mossèn Nicolau Despuig; e quan fonc en Alacant, li foren lliurades. E lo dit Jacme Esbert, veent les grans despeses si carregava dites robes per a Mallorca, ço és, los drets d'entrada e eixida havia a pagar, deslliberà vendre los seus formatges e llana en Alacant, e volent vendre la mia, mirà la comissió mia, e no hi fo que venés. E, partint, volgué carregar dites tres fardes ab la barca de Joan de Cambra, ab qui vingué d'Alacant ací, e no les volgueren llevar; e llavors lleixà-les en Alacant en poder d'en Perot Bernat, lo qual avisà ací a nosaltres de totes les despeses que hi serien si les havia a trametre ací. E llavors, veent tantes despeses e nòlits, e après drets ací, havem deliberat escriure a dit Perot Bernat venés dita llana allà, e que ens trameta lo proceït; e fins lo dia de vui, no sabem si les havia venudes o no, per quant no hi ha arribat navili d'Alacant fins ací; tots dies n'estem esperant. És ver que après jo rebí unes lletres d'Eivissa ab les quals sabí com havíeu carregada una altra farda de llana, la qual no era en manifest ni en la pòlissa; per què us avís com dita farda era en poder del batle d'Alacant, e jo he tramesa la vostra lletra a Perot Bernat, ab la qual dieu a mi que après havíeu carregada una altra farda de llana, e per tant he tramès a dit Perot Bernat la demanàs e que la venés ensems ab l'altra. Fins ací no en sabem nova què será estat; per altra vos n'avisaré del que será.

Així mateix, ab dita lletra he rebuda m'avisau com ab lo carracó trameteu très bótes formatges e dos carretells e quatre faixos cuiram boví, e quan serà ací que ho reba e que us dó avís de la rebuda. Fins lo dia de vui no és arribat dit carracó. Nostre Senyor l'aport a bon salvament, ell e tots los qui per la mar van a intenció de bé. Així mateix, me diu ab dita lletra me trameteu una prima de canvi de tretze ducats d'or tinc a rebre de Mates, per canvi fet aquí ab son germà Jordi Mates. Per semblant, vos avís com fins ací no he rebuda prima de canvi ni segona, ni puc demanar cosa niguna. Quan Deu vulla hauré les lletres faré d'haver raó de tot; e, per semblant, del ducat e un terç que dieu de l'escrivà del carracó; los tres ducats d'or que deïts que dó a mestre Alonso Argenter, per què us dic que jo els hi he donats així com me dieu, perquè us sia avís.

Més avant, vos avís com ab la present barca del procurador reial, patronejada per en Sorís, he carregat e a vós consignat un baló en què ha sis draps, cinc setzens meus e un vintè del senyor en Joan Monjo, lo qual m'ha pregat l'hi metés en lo baló; dar l'heu aquí a qui ell vos dirà: no li n'he volgut dir de no per quant és persona qui a la jornada fa per hom. Los setzens són draps de casa molt avantatjats e bons; són de tals colors: un morat, un verd escur, un vermell, dos negres; és senyat de tal senyal *f*. Pagareu de nòlit vuit sous per drap. Un vintè de fet qui serà

molt avantatjat, no és estat a temps; ab lo primer passatge lo us trametré ab lo que poré.

Més avant, de forment vos havia avisat ab les altres lletres per la gran necessitat que tenim, que si Déu no ens ajuda mal recapte tenim. Nova tenim que de Sicília veden venir sis mília quarteres, emperò què serè. Déu que hi ajut per sa misericòrdia, car gran cosa havem a passar. Bona ventura vostra qui no senti d'aquestes passions.

Així mateix, vos avís com en Joan Seguals vos tramet dos carretells d'oli e una gerra e un carretell d'olives, e crec dos gerres petites segons ell m'ha dit. Deu-li bon recapte de tot, que certament és bon amic, e escriviu-li per cada passatge car molt ne resta content havent lletres vostres, e dau-li avís què haveu fet del gir.

Així mateix, vos avís com ab dita barca vos he consignades dos gerretes d'olives de la muller del senyor en Miquel Mascaró, les quals dareu al dit Mascaró. Ella me n'ha pregat les carregàs en mon nom e que les consignàs a vós. Pagareu-ne de nòlit de les dos cinc sous, e són senyades de tal senyal *F*.

Més avant, vós avís com vos tramet lo sombrero que m'haveu demanat per vostra esposada. Dir-li heu que em perdó que millor que no és volria fos; emperò, si a Déu serà plaent, altres coses seràn millors, e recomanau-m'hi molt. Dit sombrero demanareu an el senyor en Sorís, patró de dita barca: a ell l'he comanat, perquè és persona qui és de bé e prou amic vostre.

Lo senyor en Toni Grua crec vos tramet un baló de setzens ab dita barca; per semblant, vos dic doneu bon recapte en tot.

Aquí va un fill de mossèn Antoni Puigdorfilà. Diu ha gran pler de fer-se ab vós. Feu-li cortesia e gordau-vos de prestar ni bestraure, car d'aquell del ducat e mig no se n'ha pogut haver cosa ninguna: és-se'n anat, mai l'han vist; sia-us avís.

Si trameteu robes del proceït dels draps de vòstron cunyat, feu sia compte esparsat, per quant ja sabeu ell qui és, car ell me n'ha ja escrit de Palerm si m'havíeu trameses robes per ell, que les hi vena de comptants e que li'n compre draps. Sia-us avís.

De preus de robes vos avís com ... draps, e van a vuit lliures vuit sous, e ara per una barca arribada de Palerm han pujats, que ja volen nou lliures; de bons draps no sé què es farà; vinténs valen dotze lliures deu sous; bons vintequatrens, a onze lliures e a mès; oli val a tres sous vuit. Ab aquest passatge ne va molt aquí; dubte serà que aquí no n'haja tan bon mercat com ací; ja ho veureu, dau avís de tot. Ara, a festes de Nadal, vénen moltes pagues de lès egos, treballarem en executar si no volen pagar; dau-nos avís en temps.

Les cinc lliures tres sous he rebudes del senyor en Toni Grua.

Quant a vostra roba d'Alacant, veurem mossèn Puig com ho volrà fer. Bé crec que no se'n volrà encurar, pus la cosa no satisfà; emperó, veurem-ho e avisar-vos n'hem.

Més avant, vos avís com he tramès lo memorial a València per lo que em demanàveu per les atzembles. Vingut que sia, vos serà tramés ab lo primer.

Així mateix, vos avís com dels dos ducats havíeu prestats an en Joan Costa aquí los he compassats ab son oncle ab la imposició de les egos. Crec ells vos trametran a dir que els compreu no sé quines frasques. Dau-los raons a la vela, e lleixau-los passar avant. Sia-us avís.

Sabut havem que devíeu pendre missa dos o tres dies après de Tots Sants; tot sia estat a la bona hora. Na Joana, vostra germana, hi volria ésser estada prop, crec jo, e vostra mare no manco; emperò., a Déu sia agraït tot quant nos dóna.

Més avant, vos fa recordant vostra mare que lo temps ve dels porcs, que us recordeu de fer-li'n salar un que sia bell e bo, ab tots sos drets, e jo per lo semblant vos ne prec, que crec ací seran molt cars enguany. E no us en oblideu.

Per la present més no m'ocorre. Sols nos acomanam jo e vostra mare a vostra esposada o muller e a vostra sogra. E al senyor virrei m'aomanau molt e a la senyora visreina e a tots los de casa. Molt m'aomanau al sènher en Miquel Mascar, e digau-li que li record del que m'havia promès a la sua partida.

E Jesús a tots de mal guard, amén.

Na Joana s'acomana molt a vostra esposada e a vós per lo sembant.

De vostre pare qui a vós s'acomana,

Pere Freixe

Século XVII (Guarnerio, 1886)

Código: docc 17/01

Recevuta di un tal Nicolò Canu, per aver fatto il fantoccio, rappresentante un francese, che nel giorno di S. Giovanni ante Portam Latinam abbruciavasi nella piazza di Alghero, in memoria della vittoria riportata in detto giorno dagli Algheresi contro i Francesi.

Ann. MDCLXXVIII

(Dall'originale; Archivio Comunale d'Alghero)

He rebut yo Nicolao Cano pintor de Mr Fran.co Saillas Conseller quintquatre llures treze sous diuse 4 11.3 ss. per la fatura y menester per lo Frances esepuat la tella que la te dada lo ueg. r don Gaui Olives y perque constia fas fer lo present de ma altri y fermada de la mia. Alguer a 2 de Maig 1678. – Nicolau Canu.

Século XVII (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 17/02

Carta de Montserrat Rosselló a Pere Desy

[Càller, 18 juliol 1608]

A Pere Desy,
 escrivà de Musey, que N.S. guarde
 Musey.

(De com à rebut lo Senyor lo escrutini del present ayn de 1608 Y axí som restats de consert ab los maçayos: que pagaran cad·ayn 4 starells dos quarts de forment per aradoll, y assò per deu ayns.)

He rebut la vostra lletra ab lo escrutini de aquest any ab lo home a posta que haveu tramès. Y també són vinguts axí una flota de massaius, e yo per la molta instàntia que faïan de que se tornàs a fer lo [escr]utini me·n contentava ab que lo fexen los matexos que lo havian fet, ab altres dos, hu nomenat per ma part y altru per eills, ab que fossen de una de las tres vilas, o de vila Massarja o Domos Novas [o Musei], y volia que hi fos anat lo Alguatzir Joan Pinna a despesas de eills si restava confirmat lo primer estim o mias si stava revocat, y mai no han volgut. Som-nos concertats de esta manera: que aquest any, y fen-sa en deu següents, me pagaran a quatre stareills y mig cichs per cada juu que hauran llaurat y llauraran, ancara que no sia sinó un dia que llauen ab un altre juu, y passats los deu anys, veurem com reixirà. Feu una escritura y que fermen tots estos y los que són restats ahí, y no los exaspereu de paraulas, sinó dissimulau-ne moltes que ne oyreu. Posau diligència en saber quant de juus ha llaurat cada hu aquest any, y conforme ad axò vos fareu pagar, y perquè estich ab forment comprat, me-n trametreu un pareill de carros quant més presto, y també la palla.

En lo que toca a la casa mia, feu que hi vàgia algun mestre y vègia lo que fa mester. Si se fos portat lo llenam que tant de temps diguí, fora ya adobada. Y avisau-me si las bigas que yo trametí se troban encara.

Procurau que estos que diuhen cobren los dinés de la obra de ... y los que té Antíago Pissano, y entre tant feu que un mestre vègia lo que fa mester, y avisau-me si és la porçada la que se·n cau o si és la Iglésia.

En lo que toca a la escritura que voleu fer a los de Iglésias, no la fassau sensa que vingan aquí primer, que vull saber lo que passa. Bé podreu manar als que tenen bestiar que no·l trègan de Musey sensa bolliti.

Procurau que se nos envien set o vuicentas sebbas, y molts melons, síndrias, carabassas y cogombres, que tot axò me han dit que ha fet Pedro Figos: part, del dret que me toca y part pagau-li. Y també enviareu peras, anguil·las, truças y formatgie bo, que lo que haveu enviat era prou mal. Recordau-vos de fer-me la provisió de casa y per axò concertauvos ab Cocodi Cotzi, segons las demés vegades. N.S. vos guarde. De Càller y juliol 18 de 1608.

Monsserrat Rosselló

Século XVII (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 17/03

Carta reial

[Sàsser, 20 abril 1687]

Lo rey de Castella de Aragó y Cerdeña

Don Felis Sanjust i Masons dei Consell de la Seva Catolica i Reial Magestat y per aquell Gobernador y Refformador dels presents caps de Sàsser y Llogudor.

Als amats de sa Magestat officials de la Baronia de Ploague, Llochtinent, o, Magior de aquella salut y dilessio.

Sapian com per lo magnifich Angel Satta Tedde conseller quint lo present ayn desta Illustre y Magnífica ciutat, marit y conijunta persona de Gracia Monella, se obtengue de nos lletres provisionals de la data als 9 del present y corrent mes de Abril del present a vos altres dirigides en los quals vos dehiam y manam que agues intimat, y notificat a la noble doña Caterina Angela Pinna y Carta d'exa ditta villa, pera que dins de vuit dies agues dat y pagat la cantitat en dites lletres contengudes, o, dins dit termini agues alegat rahons encontrari, al dorso de les quals nos ha constatat ser estades presentades y notificades en los 10 del sobre dit mes y any, y fins vui no ha curat pagar, ni encontrari alegat.

Per lo que nos ha suplicat de les presents per tenor de les quals vos dihem y manam a vos sobre dits Ministres de Justissia que dins tres dias, segons resan les Reals Pramatiques fassan prompta y expedida execussio en quisvullis bens de la sobre dita noble deutora, per la cantitat en dites lletres contingudes, per vinti hun sou per la expedissio de les presents y per totes les demes gastos fets y fahedors, y per quinze sous cada dia al home que vos instará a fer dita execussio lo qual termini passat no aventlo efectuat manarem provehir ab transmissio de algutzir a vostres gastos y despeses propries fins tant la fassan cumplidament, guardantvos de fer lo contrari si la Gracia Regia teneu cara y la pena de dossents ducats que ab les presents vos imposam desigiau evitar, restituint les presents al presentant.

Datum en Sàsser als 20 del mes de Abril del any 1687.

Don Felis Sanjust

Século XVII (Vicent Garcia, 1619)
Código: docc 17/04

Carta de Francesc Vicent Garcia a les autoritats de Cervera

La estremada pèrdua que patex exa vila és rahó que la sentiam los veyns que participàvem de la glòria de tan gran relíquia y en particular yo que, tenint-ne promesa una de santa Bàrbara per lo senyor abbat de Santes Creus y pensant portar-la dins breus dies a esta terra ab lo degut decoro y festa, no sé com fer-la en tan desdichada ocasió, pux, ab ser preciosíssima y prenda real, venia a restar molt inferior y fer estat a exa que falta y juntament ab ella lo lustre y reputació de tota esta terra. De la ponderació de tan gran desdicha se ha seguit en mi una resolució de persuadir a aquest poble que, ab affecte devot, après de haver seguit una professó, se postren al nou santuari que en esta iglésia se eregex a la gloriosa santa Bàrbara, suplicant-la sia medianera ab Déu, nostre senyor, per a què-s cobre tan gran thresor y per a què-s junte nostra devoció a la molt gran ab què, avivats de la matexa des desgràcia, estan los cors de tota exa vila. Me ha paregut donar-ne avís a vostres magnificències per a què aquex matex dia, que serà demà diumenge, fassen aquí algun acte de devoció semblant al nostre, fent que alguna persona o persones devotes ojen en nom de tota exa universitat missa de la santa. Que, si del cor de un peccador com yo poden pendre's prenuncis certs, los affectes que sent en lo meu y·m obliguen a fer aquest offici són de modo que, fundant-me en los mèrits de la santa, me fan confiar que per son medi y intercessió se servirà. Déu, nostre senyor, de favorir-nos y consolar-nos a tots y, pux sa magestad divina en lo evangeli sant nos anima y convida a que demanem, segurament nos oyrà. en esta ocasió, que la tenim tan gran y tan just títol per a fer-ho, y, si en algunes d'exa de condescendir ab nostres pregàries perquè no-s convé lo que li demanam, cessant ara esta rahó, ho és molt gran que tingam confiança, que de ella (com diuen los sants) ti ve a la oració lo ser impetratòria, axí com lo ser meritòria, de la charitat y amor. Conserve en lo seu a vostres magnificències Déu, nostre senyor, ab augments de sa divina gràcia com aquest son capellà de vostres magnificències lo supplica.

Vallfogona y setembre, 21, de 1619.

Vicent Garcia, prevere, rector de Vallfogona

Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 18/01

Carta del Dr. Francesc Tagell al P. Rafel Figuerola

[Roma, 26 octubre 1740]

Revm. P. M. y molt Sr. meu:

Té rahó V.R. de queixar-se de ma tardança, però jo no tinch la culpa de aquella; sí que la té lo metge, que a causa de una flucció e inflamació que me donà als ulls ab renitència y repetició, me prohibí lo llegir y escriürer: esta fonch la causa de no aver donat a V.R. las gràcias de la carta ab què me afavorí per mons. Camargo, y de no aver-li enviat fins ara la quarta part de la relació començada. Cumplir ab aquella obligació, o per millor dir, explicar mon agraphiment, que prometo durader per sempre, o reservo per quant V.R. serà tornat; però no dilato per aquell temps lo remètrer la promessa fredura, puig serà més del cas aquí per entretenir algun rato ocíos y cumplir alguna mitja hora de passatemps.

Ja me imagino dos cosas: la una, que lo P. Lector Joan Thomàs, al qual saludo (y seria estat lo portador, a no aver anat tant de pressa), trindrà molt que glosar sobre los punts de la història rònega catalana que indico, però los que assento certs, los asseguro. Lo principal me aturo temps per averiguar-lo, però a nosaltres nosestà molt bé que-s diga sens contradicció, bé que en mon concepte pateix molta repugnància. La altre, que V.R. dirà que só cataluf: esta no la nego, que ja se sab que quod natura dat, nemo turulut.

No menos diran tots que per conclusió falta un elogi al Papa. Em assò responch, que si lo Papa vol que jo lo elogie, me done motiu per fer-o donant-me lo que no és seu y donar-o a altre, que si ell o fa, quant pendrà lo pocés lo elogiaré de manera que no-s queixarà endabades. Altrement, dich y protesto que no serà bo per res si no o és per a mi. Vull dir que no me tocarà elogiar-lo, per més que lleve los deutes a la Càmera, la vanitat a Roma, las perrucas als sacerdots, los collarins als procuradors, los galons als esbirros y-ls guardinfants a las donas, quant a mi no-m dónia lo que li demane.

Ab assò solto preventivament estos reparos o críticas que preveig, no perquè dubte de la bondat dels lectors, que saben sempre disculpar mos errors, sí perquè no sían embaràs a las riallas a què espero provocaran estos quatre disbarats, que de un cap ple de fums de nabs y vaca solament, no-n poden eixir altres que espècies agudes, aixís fóssan salades, que seria més segur lograr ab ellas divertir a V. R., que és lo que únicament desitjo ab tota esta faramalla.

Prego a V.R. me repetesca als peus del P.Rm. y salude a tota la gurullada y me mane, y Déu guarde a V.R. molts anys. Roma y octubre 26 de 1740.

B.l.m. de V.R.
 son apassionat y segur servidor
 Dr. Francisco Tagell, pre.

Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 18/02

Cartes a Carles Ros
 [Oriola, 22 maig 1763]

Molt senyor meu: Temps fá que mire a V.M. com um home naixcut pera el bé de la llengua valenciana y tenintlo per tal, no puch deixar d'agrairli lo gran benefici en renovar sa propietat, concisió y elegancia.

Yo no sé que cosa mala han encontrat en ella els valencians, pera qu'aixina vagen oblidantla, sent cert que homens de juhi y sens pasió parlen de ella ab lloança. Sabut es lo que Cervantes digué en son llaor en sa *Historia de los trabajos de Persiles y Sigismunda*. En Manuel Vidal y Salvador la celebrá de modo qu'en llaconisme, sotilea y gracia dels conceptes la antipoçaba a totes. Açó mateix asenten molts doctes, mes jó afegixch, que no sols es apreciable per ser concisa y agraciada, sino també per suceptivola de tota aquella majestat que se li dona a la castellana, tan apropiada pera parlar d'asuntos sérios, com reputada sempre per especial gloria d'este idioma. Y sino que lligquen els que pensen que nostre llemosí sols es pera les coses de graceig, *lo llibre quart de Ludofó Cartusiano*, traduhit en valenciá por Joan Roiz de Corella y vorán quant gran es, sabrán quant propi es pera tractar coses de Deu y dirán que no sols la llengua castellana es séria y circumspecta sino, també la valenciana. Sent així com es ¿quí no s'admirará de que aquells homens que hagueren pogut adelantarla, ó per lo menys conservar-la, s'hajen descuidat tant, que no sols no li han donat llustre ningú, sino que encara han segut causa, pera que aquell gran esplendor que l'adornaba, poch a poch anara enfosquintse?

Entre estos coloque jo a Beuter per haber traduhit a la llengua castellana la primera part [y la segunda], de sa *Historia de Valencia* que estampá en llemosí l'any 1538 revocant lo proposit que fet tenia d'escriurela tota en nostra llengua y fentli en ab açó molt agravi. No es manco reprehensible Viciàna en lo treball que prengué de traduhir al castellá los escrits qu'en Valenciá compost había, per mes que ja confesara son pecat, puix en la carta que dirig a esta ciutat dedicantli l'obra titolada *Alabanzas de las Lenguas Hebrea, Griega, Latina, Castellana y Valenciana*, qu'imprimí l'any 1574, li demana lo perdó de sa falta.

No val respondrer, que ab açó feren comunicable al mon lliterari sons escrits, pues debien supondrer qu'altres se hagueren prés el treball este. En llemosí escrivieren Ausias March y Jaume Roig y n'obstant, ses obres no sols foren traduhides en llatí y castellá, sino encara además en altres llengues, Gaspar Guerau de Montemayor, patrici meu, traduhí a la llengua llatina y comentá les obres de este últim En Llorens Mateu Sanz les traslada a la valenciana. Del primer (deixant apart que Vicent Mariner escrivé en vers llatí loscantichs d'amor), traduhí al castellá algunes obres En Baltasar de Romaní y Jordi de Montemayor y demprés lo Dr. Narcís de Arano Oñate vá traduhir tota l'obra. Y encara crech que asegura Mosen Pons estar estos poetes traduhits en francés y en italiá. Jo enjamés com se deu ben lloar *Tirant lo Blanch*, que compongué Pere Joan Martorell, no sols está traduhit al castellá, que es publicá en Valladolid l'any 1511, sino en francés, que fá poch anys doná a la llum Joan Batiste Sohay, canonje de Rodez. Y a fé que no es este llibre tan util pera lo publich com els que Pere Anton Beuter y Viciàna compongueren; perqu'encara que Cervantes l'alabe ab la hiperbol que dalt pose sols es açó perqu'en ell encontrá un tresor de content y una mina de pasatemp, qu'en lo demés es pernicios y com a tal condénal Lluís Vives.

Empero ¿pera que m'he de cansar cercant altres eixemples, si en la mateixa Historia de Beuter s'en oferixen qu'amostren esta veritat ab més certea? Tots saben que les primeres parts de sa *Crónica*, que hui corren s'escriguesen en llengua castellana y ab tot N'Anfós Ulloa les tradhui a la italiana. Lo mateix puix haguera segut, si haguera seguit en publicarles com començat les habia. Y així lo de que ses obres quedasen condenades como a presó dins lo cercle d'aquest regne, fon vanisim. Per lo que soch de dictamen, que tant este autor, com tots los que seguiren ses pasos, foren homens pusilànims, de poca decisió y apocats, puix per uns tan petits temors deixaren d'enjoyellar nostre idioma y fins ses obres, que sens dubte, serien més lloables si escrites foren en llemosí, que coneixien mes que'l castellá.

No així V. M. puix encara que poseix la ú y l'altre ab molta perfecció, no ha volgut despullar a nostra patria de la gloria que li cap en tindre tan cabal idioma prenentse pera açó aquell treball de que sols poden formar idea bona los que s'han dedicat al estudi de les llengues. Per açó entench jó qu'es V. M. acreedor a qu'els doctes enternicen y colmen los seus escrits de lloances. Jo volguera ser ara un home gran pera poderles celebrar com se mereixem; empero ja que no puch ferlos este honor m'acontentaré en donar a V. M. les gracies y exhortarlo a que proseguisca en exaltarnos nostra llengua. Reflexione seriament la gran necessitat que te de polirse y els pochs que s'apliquen a este estudi y ja que Deu li ha donat esta afició empleela en profit d'este regne, que tant interés té en retindre sa propia llengua, puix encara que altre motiu no haguera qu'encontrarse escrit en ella casi tot lo qu'en los argius se trova seria molt precis conservarla. Lo qual se llograria facilment reimprimint algunes obras d'estil ters y pur, que están casi ja oblidades. Indicaré les que jutge ser mes utils en proba de mes bons desijos.

Primerament, puix, seria convinient reimprimir la *Historia de la Conquesta de Valencia*, qu'escrigué lo Rey En Jaume, por ser lo moniment de mes rigurós llemosí que s'encontra y si es trobara la versió que treballá En Llorens Mateu y Sanz del habit de Montera, deuria donarse a llum y no hauria més que desijar, per que allí s'entendrien bé la purea y propietat dels vocables y la força de les frases d'aquell temps. També habia de ferse reimpresió del *Furs* de este regne que ordená Lluís Alayna y doná a la premsa Joan Pastor en l'any 1515, perque ademes de ser molt utils pera saber lo modo de governarse hagut en ell y altres coses importants a les lleys; servirien molt pera'l fi qu'es desija.

Nostre Fr. Antoni de Canais, deyxable de Sant Vicent Ferrer, traduhí del llatí en valencià los nou llibres de Valeri Maxim *De dictio, factisque memorabilibus* y Lluís de Fenollet (de qui parla llargament Viciàna), vertí a la mateixa llengua la *Historia de Aleixandre*, composta per Quint Curcio Rufo, publicant los dos llibres que mancaben ab alló que d'este rey nos referix Plutarch, cosa que no té la traducció castellana que feu Pere Candido, en l'any 1430. Estos llibres son molt dignes de tornarse a publicar, puix sent bones traduccions, podriem ab elles entendre gran part del bon us de la llengua, consultant lo llatí en los pasajes y modos de parlar mes especials, que no sabem ara. Per açó jutge jó, que pera la fi qu'es presten res hiá, que com les versions servixca; y així també volguera, qu'es donara a llum la traducció de Joan Roig de Corella, de qu'he fet menció y la que imprimí en Valencia en 1491, Miguel Perez, caballer de molta erudició, ab aquest titol: *Explanació de Lati en Valenciana Lengua del Libre de Mestre Joan Geroni, Conseller de Paris de la imitació de Jesu-Crist e del menyspreu de aquets mon miserable*. Este mateix autor traduhí en valencià la *Vida de Santa Catalina de Sena*, qu'escrigué en la seua Crónica San Antonio de Florencia, la qual se publicá en Valencia ab altra inédita de San Onofre escrita en llemosí, l'any 1498.

Estime en molt un eixemplar que tinch (obsequi del senyor Marqués de Colomer, que me'l doná), per rara qu'es est obra, puix ni. En Nicolau Antoni, ni ninguna de les Biblioteques del Regne han fet menció d'ella. La imprimí també en Valencia, l'any 1511 nostre Fr. Tomás de Vesáchs (qu'es traducció de la de Fr. Reymont de Capua), ya s'encontra ab mes facilitat perque lo canonje Teodor, la torná a reimprimir, l'any 1735.

A estes traduccions se podrá afegir la *Vida de Cristo* que escrigué Sor Isabel de Villena, en la qual tindrien que dependrer, los homens de juhi, elegancia y propietat en lo llenguaje, qu'es facil y sencillo y molt en que pensar sa devoció per ser est'obra a modo de las de la Venerable Agreda. Tots aquestos llibres que he insinuat estan en prosa, empero com hia molts a qui els agraden els versos, també seria convinient qu'en esta collecció entraren los poetes valencians mes famosos, pera que així fora perfecta y tingueren modelos que imitar en uns y en altres.

Y així en primer lloch se deuehen donar a llum les *Trobes de Mosen Jaume Febrer*, per estar plenes de pur llemosí y de erudició. Yá sé qu'es molt dificultós conseguir un eixemplar bó y sancer, mes fentse diligencies y valentse del qu'En Joseph Vicent Ortí y Mayor recopilá, tal vegada s'encontrarien totes. Ningú, a mon entendre, pogué fer este servici al mon lliterari com Esquerdó; empero este en loch de publicarles ilustradres, les viciá y tirá a pedre en lo compendí que feu d'elles.

Seguix lo famós Ausias March, que convendria reimprimir ab alguna traducció, la qual si fora la que feu lo Dr. N'Arcís Arano seria la millor y se faria un gran benefici per ser de tots los poemes y no haberse imprés encara, *La Cudolada o Llibre de Consells* de Jaume Roig, també es bona obra y així se

deu fer un altra impresió, perque encara que s'encontra já mes facilment que les altres per habella dat a llum V. M. l'any 1735, ab tot y açó deu ferseli asi lloch; mes soch de pareixer que aquesta edició se fera seguint los eixemplars antichs y no ometent cosa del autor, a qui s'habien d'afegir les notes de Mosen Vicent Pons, que vaig vore en la Biblioteca de mon verdader amich En Gregori Mayans y Ciscar, les quals encara que breus, manifesten que lo cors d'est obra te un anima mes il·lustre de lo que comunament se pensa.

Poguerá encara citar altres autors qu'han escrit bé lo llemosí, mes no es lo meu intent parlar de tots. Lo qui no puch ometre es En Bernat Fenollar, qu'ademes de les moltes obres que compongué en vers y prosa, treballá un *Tratado de las palabras que se deben eliminar de la Lengua Valenciana, por ser ajenas del Idioma*. Esta obreta seria la més util que desijarse poguera en este asunte, empero fins ara no tenim d'ella altra noticia qu'aquella que nos dona Jaume Gaçull en la seua titulada: *La Brama dels Llauradors del Orta de Valencia* y aixi lo qui la traguera de l'oblit acreeador seria a qualsevol honra.

Ab una col·lecció qu'es fera d'estes obres, remediad quedaria molt lo defecte de la llengua valenciana, perqu'en ella dependriem tota la puretat y elegancia que conté este idioma.

Més em dirá V. M. ¿qui ha de ser l'osat que s'atreixca a costejar la reimpressió de tants llibres, no habent de servir sino a aquetts regne? Jo já sé qu'este projecte no pot eixecutarlo un home que tinga poques rendes perqu'es negoci de gastar dinés a manta.

A qui li tocaba fer açó era a eixa noble y lleal Ciutat, que tant se precia de mostrarse apasionada per les lletres, sent cert que tot había de cedir en utilitat y honor d'ella y son regne. Si bé soch de sentir, que quansevol qu'imprimira esta gran obra, rés había de pedre, perque tots los que foren de bon gust en aquest regne y en Mallorca y Catalunya se quedarien molts eixemplars, per ser la llengua de tots estos regnes una mateixa en la substancia y encara casi en lo modo, si parlem de feja mes antiga. Mes com no hiá varó de estos desijos, ni qui fasa present a eixos senyors la gran necessitat que hiá de conservar l'idioma propi d'este regne; prenga V.M. a son carrech (já qu'es pera desempenyarlo), l'exhortar y donar eixemple a tots los demés que vullguen imitarlo, pero fer en ella alló que pugen. Animés V. M. y cobre forces, que algú no ha de mancarli que'l seguixca. De mi puch assegurarli, que si fora tan versat, tan instruit en esta llengua com soch apassionat, ningún mig ni treball ometria, que juçgara ser del cas pera lo fí de que se tracta.

Y pera que V. M. veja que parle ingenuament, li tramet dues cartes llemosines, qu'es lo que puch donarli per ara, les quals, per haber en elles copia de vocables valencians, jutge que tal vegada podran servir al *Diccionari* que V. M. está treballant ara. Puix encara que dech supondre que tindrà V. M. noticia de ells, podría sucehir qu'algú no l'haguera oit y açó bastaría pera que jo tinguera per acertat lo meu pensament, sent cert que ab una sola veu que li afegira, llograria mon intent y faria un bon servici, per ser cosa convinent que ixca lo *Diccionari* ben cumplit y acabat. Y cas que per açó no servixquen, serviran pera saber les cerimonies que observaren los antichs valencians en les rinyes y la manera que tingueren d'eixir a un desafiú: puix no contenen altra cosa en sí que ú qu'en hagué entre En Pere Maça y En Joan Vilaragut. La primera es d'este caballer y diu així:

Don Pero Maça: crech que vos hajats per nottori, com no solament entre els gentils homens hon ja causa alguna, mes encara entre molts altres, per sola voluntat e dellit se son fetes requesta de batalla. E com per vostre treball sia desijós que aquell de vos o de mi la fortuna será favorable, puxa haber manera de gloriarse en lo dany e deshonor de altre. Per tal jó Joan de Vilaragut a tota ma requesta, requerix de combatre a tota ultrança a vos dit Don Pero Maça, mon cors contral vostre sense nenguna altra companya, segons gentils homens per semblats requestes han acostumat combatre. Donanli de terme pera respondre tres dies y que done la carta al molt noble Galvan de Villena y quatre mesos de temps pera cercar Jutge y si no estrobaba, en prenia ells altres quatre y si no quedaba la requesta en lo mateix punt. Dat etc. partida per A. B. C. Joan Vilaragut.

La segona carta es la resposta a esta qu'es d'En Pero Maça y diu així:

Mosen Joan Vilaragut, Jo Pero Maça he rebut una vostra letra per Catalunya lo Heraut, partida etc. que diu, Don. Pero Maça crech que vos hajats per nottori etc. A lo qual vos responch: Que en nom de aquell qui es vencedor de les batalles, e de nostra Donna e del benaventurat Sent Jordi

accepte la vostra requesta e deus que la dita batalla se faça a cavall, lo cavall armat de lorigues, pespunes e testera, sens daga ni espasa, ni alguna altra maestria, ab sella de acer sens ales, bores, cadenes, baldes ne altres maestríes, los estrebs ligats o desligats cascú a sa voluntat. Cascú de nos haja de ser armat de çabatons, arnes de cama e de cuxa acostumat de portar en guerra de seguir, bragues de malla, gipó comú e no fort sens maestria ylasses o mirases ab falda de malla de mig pam, les quals no puxen pesar 25 lib. en sus. Soseres de malla, guarda braços sens ala, dues caçoles de un pam de dellarch e mig de ample, ambrasels absoserts acostumats de portar en guerra sens varefins, ne altra maestria, manyoples o guantaletes sens daga —dues aletes sens maestria alguna, finchals com se acostumen portar en guerra. Gorguera de ferro ab as franja de malla— de bernet redó ab tres dits de orla, ab salteres de malla, lança de dotze pams de asta e pam e mig de ferro de la gruxa que cascú voldrá, ab son rest de cuiro sen puxe segons en guerra es acostumat portar. Dues espases, una de cinch pams de ferro e um pam e mig de mantí e altra de tres pams de ferro e un pam de mantí ab sos poms e mires acostumades. Una daga de un pam e mig de ferro ab son manech de fust de un pam etc. Oferix treballar en cercar Jutge cristiá o moro no sospitós ahon no quedarà sa voluntat requesta en lo punt que demanaba. Dat. a 22 de Setembre any 1418.

Estes dues cartes les porta Mosen Pere Benlloch en la segona part del Compendi que f eu de lo qu'es conté en la ciutat d'Orihola, fins l'any 1523, que tinch manuscrit de má de l'autor, que no les posa sanceres, sino del mateix modo que jo a V. M. les he trameses. He procurat trasladarles ab tota fidelitat, menys dos noms que no he pogut llegir, per estar la lletra mal formada.

Volguera que foren del gust de V. M. y que serviren d'algo pera son *Diccionari* que m'alegraria saber quant s'estampa. V. M. perdone ma franquea y estigas persuadit que l'estime y desije ser lo amich y aixi no s'oblidi de manarme. Deu quart a V. M. los anys que desije. Oriola y Maig a 22 de 1763. B. L. M. de V. M.

Son mes segur servidor,
F. Lluís Galià

Molt senyor meu, Carlos Ros.

[La Torre de Paterna, 3 juliol 1767]

Carta a Carlos Ros, que pot servir á un mateix temps de dedicatòria y pròlec

Amic y Senyor meu. Encara que la llengua Valenciana sia capás de tota aquella perfecció y primor que pòt tindre cualsevol altre idioma, no obstant, es còsa cèrta, que primer deu netecharse de mes de quatre taques que la fan ridícula, llecha y plena de llunars.

Perque vosté nom pòt negar que té moltes expresions indignes y groseres, y molts mòdos de parlar, que dirèctament sopòsen á lo civil y polític de les chénts. Y sino, digam: ¿Qué vòl dir *fer figa y fer la pruna*? *Gastar les olives*, *portar bona randa y pendre la barcella*, ¿son frases pera usar davánt persones?

¿Puix qué dirém dels que *se les ménchen folgades*? Tota ma vida vaig darrere de saber, qué son estes *folgades*, y no hiá forma de poderho averiguar.

Dir que hu *no es de Déu ni del diable*, es dir mentira; perque ha de ser precisament de hu ó de altre.

Pera alabar á algú de gran discurs dihen que *té un enteniment que li vòla*. ¿Quí ha vist volar enteniments? Y quant nhaguera ab ales, ¿no serien molt millòs los que sestiguèren en lo cap recullidets, pera discurrir ab mes acèrt, quels que sen anaren per los ayres á posarse en lo perill de quels bolcàren ab una escopetada?

No tindre pèls en la llengua es comú á tots: y així es simplicitat volerho dir tan sòlament daquells que son desvergonyits. *Quedarse daquí*, no deixa de ser còsa de véure; pero fins al dia de huí ningú la há vista. *Per mes senyes*, quant enans no se ha donat alguna, es per demés; y cada dia ens ixen en senyes y mes senyes, com si forem muts. Puix quin altra *tallarli a hú el melic*? ¿Qué qui nol té

tallat? Amés, que seria llevar lofici á les comares.

Traure suc de les pedres, no mes es perals químics, y han pegat en aplicarho á mes de quatre que no tenen tal ardit. *Tindre la maen la farinera*, dihuen, que es tindre valiment. Yo ho he probat en molts molins, y no es mes que embrutarse de farina.

Puix ¿quin altra picardía fer á la *plata* capatorera de calsevòl comparació? No es pense que em burle, que ben de veres parle: y sino, òbriga els ulls y advertirá, que *Fulá mencha com una plata*, *Sutá canta com una plata*; éste dasí *beu com una plata*, aquell dallá *chuga com una plata*, y no hiá ningú que *no ho faça tot com una plata*. No es pròu desgracia de la plata, que no shan de contentar de ferla correr de má en má, acaçantla tots y perseguintla, sino que encára lhan de portar entre llengues sens deixarli fil eixút? No sé com puga tindre lòr pacència, pera sufrir açó; y mes oínt que á una dòna hermosa, dihuen, que *es bonica com una plata*, no fent mes cas del òr que de una pinya. Y á fe mehua que ho fan mal; perque si ell senfada, be sé yo que haurá grapats.

Pagar lo pato per morir, y *compòndre la estamenya* per rependre, ó castigar á algú, tampòc son molt del cas. No sé á qué ve anar dient, per gran ponderació, que *sen torná en la cúa feta*, qui no ha obtingut lo que volía. ¿No seria molt pichor que lai desferen, y tornára desgrenyat?

També es còsa de riure, veure á una senyora ferse ayre, y dir: *una que men cap*, com si á les altres en cabéren dos.

Puix qué aquestes veus *perdentjeret*, *fure de Deu*, *giquirrijac*, *ya ho dia yo*, *sense suc ni muc*, *en un sopòls*, *á burrubarra*, *con qué*, *diu*, *menten*, y *tal*, se moquen en la mànega? Açò de *mocarse en la manega*, y *tindre la paella del manec*, també val lo que pesa. Y així de moltes altres maneres de esplicarse, que si volguera referir, sería començar y no acabar.

No es la nòstra llengua á sòles la que está compresa de auest mal, perque es tan transcendent, que no hiá Idioma en tot lo Mon, que shaja escapát déll. Pera no buscar eixemples estrangers, dígho la Castellana, que es una de les mes plagades y plenes desta escòria, de qui sha apegat no pòc á la nòstra Valenciana. Tot prové de no tindre una y altra una *Gramática* ó *Vocabulari* ben copiós hon se fasa crisi de les veus, que podém usar en les matèries sèries, y de les que devém abandonar de les conversacions polítiques; fent al mateix temps un escorcóll ben rigurós, de quines expresions y maneres de parlar son circunspèctes y dignes de hòmens sabis. Y quines son vulgárs y proporcionades sòlament pera la gent mes baixa y ordinaria.

Considerant esta gran falta el célebre *Quevédo*, li vingué al cap lo pensament de fer un *Cuento*, hon ajuntá les vulgaritats de la Llengua Castellana, pera ferles despreciables y ridícules. Enaprés lo seu Deixeble *Torres*, com á fèl imitador de les sehues invencions, arplegant les badomíes, que es deixa *Quevédo* en lo tinter, y les ha inventat lo Vulgo anant lo temps, ha compòst y publicat la *Història de Històries*, que tots saben. En estes dos obretes tingueren sos Autors la mira de afrontar á aquells, que usen de les veus y mòdos de parlar, que en elles se contenen; pero si ells haguéren dat eixemple en tots los seus Escrits, parlant mes sèriament, y no gastant tanta bufonada, sens dubte hagueren fet al Comú matjor servey; y si en aquest, de qui tratám, així com mostráren lingeni que teníen, hagueren descubèrt matjor juí, no fentlos tan inverosímils y confusos, seríen molt mes dignes de llaór.

Vehent yo tan bòna idéa, pera fer abominables les baixées de la llengua, he volgut fer mona de hú y de altre, recullint les jabacanes expresions de la nòstra Llemosina, y fent una *Rondalla de Rondalles*, á imitació del *Cuento de Cuentos de Quevédo*, y de la *Història de Històries de Torres*: exceptant, que yo he posat matjor cuidado en fer mes verosímils los llanços, que en ella es referixen, procedint ab claritat, y acomodant á les Persones lo gèni y mòdo de parlar, que es pròpi de cascuna; no perque aquells dos hòmens no hajan sabut fer lo mateix, sino perque créen, que quant mes vulgaritats ensartarien, tant mes sería el Tratat graciós y digne de acceptarse, feren una calça de Diable ab tanta confusió, que casi casi no es vòl deixar comprendre. Be que *Torres* no ha caigút tant en esta falta, com *Quevédo*. També he sigút escrúpulós en no tornar á repetir segona vòlta una mateixa frase ó locució; còsa que tampòc han fet los dos Autors ya dits, y que es mólt mes dificultosa de lo es pòt imaginar. Pero entengamse, que en quant als estrivillos y partícules, que á cada pas se repetixen en les conversacions del vulgo, no guarde este rigor; perque sería no ajustarme al intent, que he tingút en la formació de la *Rondalla*.

Ultimament dec advertir, que encara que he procurat posar ensemps en este Escrit tots los mòdos de esplicarse rustics; no vullc yo, que ningú entenga, que em fisgue y burle de totes les

maneres de parlar, que en ell sencontren: perque n'hiá moltes, que pareixent á primer vista vulgars y condenables, no son sino molt bones, encara que figurades y plenes de metàfores. Y així seria bo, que es treballara un Diccionari ab molta crítica, y gran discerniment, tant de les veus bones y castices, com de les ruins y bárbares: perque d'este modo no sols se llograria la ensenyança del Llemosí millor; sino també perque molts preciats de cults sabstindrien de burlarse de mes de huit vocables, que per no saber que son Valencians per tots los quatre cuartos, los ahuquen á cara descuberta.

Per tant yo bé conec, que açò de desterrar los modes de parlar vulgars, que hiá en lo Mon, y de apartar les veus castices de les novament introduïdes, demana obra mes seria, y de molt matjor treball: pero yá que al present no puc desempenyar-me en esta empresa, no tinga ningú á mal, que pera ara matrevixca á traure á la vergonya les groseres expresions, y les vulgaritats indignes de la Llengua Valenciana; perque tal volta d'este modo mouré á algun altre de mes habilitat, y millor us del Idioma, á que prenga este treball ab lo teçó que es necessita. Vosté be em pot satisfer este desig, per lo molt versat que está en la Llengua, como ho donen á coneixer les obres, que té impreses: y per açò he pensat en dedicar-li ésta, confiant, que es té de moure á tratar de aquest assumpt, ab matjor satisfacció del Public, y glòria de la Patria, que la que de mí es pòt esperar. No el canse mes, y Deu lo quart. De la Torre de Paterna, á 3 de Juliol de 1767.

Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 18/03

Carta d'Eufracieta a Gimo del Portal

[1767]

«Sol meu de la méua ánima, lamor quet tinc sha fet tan gran que sen pasa ya de ralla; de tal módo que nom deixa viure ni aturar, y al últim vindré á pèdre la japeta, si nom traus ensagristada, ó te se mampòrtes á la grupa: perque mon Pare com es hòme que saufega poqueta aygua, y que partirá un cabell per mig, vòl quem case en tot Germá el major, per tocar còure, y tindre bon pesebre á la bellea. Poro yo això no hu faré encara quem maten, perque sòls tú mas ballát en lull y mas donát servell de ase: y sim tocára atre un fil de ròba, tota ma vida viuría en este escrupol. Con que així, sim tens amor y nom vòls deixar mocada, no et descuides, y vine sense falta esta nit, allá eli eli de les dotse, que ya mencontrarás á pèu ferm en la finestra. Y tavise que no siga á hòra horada, que ya sabs quels instans que no et tinc en ma presència, em se fan sigles. Poro tem que atres Marietes tentretenen; y això em fa á mi portar la còrda arrastrant, y pegar de cap per les parets. Ara tinc de veure si eres hòme de farfolles, y si les promeses que mhas fet eren de veres. Menejar sabs los bártulos, y be, no tens excusa. A ta honra va. La traça mata la caça: y pròu te dic. No vullc matraquejarte mes perque ya estás en lo rostit, encara que (sobre ma paraula) no sabs de la Misa la mitat, á causa de que ya molt que traure de rama, y que encara queda el rabo per desollar. Perdonam de la lletra, y de tots los garavatos, que va la ploma gròsa y no es per culpa mehua. La carta també anirá sense orde ni concèrt, perque no he pogut aure mes que una talleruca de paper, y tot ha anát de bòlta bolúm y amagatontes. La mala ventura ho vòl, quin remey té? Paciència y barallar. Este temps atre en portará, Déu que ho faça, y quens done fortuna, pesetes y salut pera cumplir nòstros desigs.»

Els pareix á vostés si la carteta pòt pasar? Carciméta que está molt de repinfilis. A fé de Déu que pòt anar pel Mon á sòles, sense pòr que ningú li diga res. Pos y la firma? Fit de lladre! Si vostés vòlen saber com día, nos matiguen que yo els contentaré. Saben com día? *La tehua indigna esclava*, y busca qui tha pegat, si no tens atre quefér. Pos ques pensen que ya no habia mes? Això pendríen pera ríures. No es dir que mo han contat, que yo hue vist. Habia pues també un còr atravesat en la espasa de Roldán, mes llastimós que qué sé yo, y tot ple de cadenes y grillons, que pareixía larsenal de Cartagena. Han vist qué còses? Déu nos lliure, com de febra, de estar enamorats, pera no caure en semejants mamarrajades, amen.

Torném ara als tres Germans, que ya pareix que dòrmen masa, y prengám laygua de mes arrere... Ocque no men recòrde ahón estaba. Vostés mhaurán de perdonar: perque ya saben ques mes fácil que beures un òu, pèdre el concèpte. Cap de Sen, boto al jijo. Tot me ròda ara mateix. Poro ya estic. Com dic pues, com els tres se miraben de gaydó, encara que el menor... quin cuento este! Ya estic de quatre atra vegada. Desde latre any, que no mhabia susuit semejant còsa. Vostés saben que ho fá? No estar un hòme á plom; anar tot lo dia fet un burro de forner, sense tindre tot laliament quel còs demana, y no valdre ya una pinya. Pos ell sha de acabar, ó han de dir per qué. Y açí no hiá dolors. Déu quem torne em bòna memòria, y que no siga menester aporrejar-me el front á fòrça de palmades. A la punta de la llengua ho tinc y no puc dirho: y això que sé pels caps dels dits tota lastòria. Que siga yo tan ase y tan gran tròs de collera, que no acèrte á recordarmen! Baya que está bò! No men puc avindre. Poro esperense vostés, que ya estic en lo formatje atra vegada. Ara si: gracis á Déu que nam eíxit. Pos toquem avant, paset que dure.

Con que, com dic, els tres calents de cascós (com han oít vostés) corrien de etiqueta per la polla: be que *Gimo del Portal* era el tu acte, el que quedaba tostems ròsa, y el que anaba sempre per damunt, com lòlí sobre laygua. Açò no obstant, los tres procuraven tirar grá, y dir al cau sense parar, y tan apresada com qui furta herba, que no veu si fa rastoll: perque ell sha de dir tot, també tenien son drapet en la roscada, y estaven enamorats de la giqueta hasta ací dalt; de tal manera, que si perdut estaba lú, mes perdut estaba latre: de mòdo que no habia una punta de cuerno de diferència, per mes senyes que era tanta la desinquietut dels dos, que pareíxien culs de mal sosiego, y que

estigueren ferits de la Tarántula; y així nunca paraven en torreta ni feen còsa en còsa, sino que sempre anaven com á orats, amunt y avall, fets uns soliguers, calents de orella y plens de trafecs.

Poro com *Gimo del Portal* era lamo del carjofar, y tenia la paella del manec perque habia sabut asentar millor les bases; may pogueren ells alçar lo cap, encara que no pararen de fer la palometa, ya rodant de nit les pòrtes de la casa, ya fent cantalets, enramades y músiques.

Vostés vajan mirant, qué còses tan estranyes! Pos ara vé el llans mes apretat. Com *Eufracieta* avisá á *Gimo del Portal*, que viu ó mòrt no fera falta á lòra senyalada, y els atres estaven sempre alerta, com á gosos perdiguérs, pasá un cas tan llastimós, que li tremòlen á hu les cames, y li pega el còr safanoriades de pensar en ell tan sòlament. Poro perque nom tinguen per gallina, y no diguen que no só pera traure una llòca de un regat, el contaré tot com susuí de rabo á rabo.

Pos amigo, aquella nit tardá un pòc lhòme de marres. Yo no sé perquè no: poro males llengües hiá que dihuen, que com era guilopo hasta els mòlles del òsos, lligaba á dos caps la botifarra tenintne una atra al caure, que li dien *Roseta de Pasálo*, tan bona canya y púa com la que mes, madeixéta de filadís també com latra daquelles que non venen á dinades. Yo en açò nom fique, allá so vajan: poro lo cèrt es, que com feu tart, va *Pèp de Quèlo*, (que pareix que no sabia res) y guányali la ma; no mes així burlant, deixantselo dací, y cagantli el basto ben cagat: perque com estava de plantó davant la casa fent lo burro del Almodí, y aguardant la séua pera lograr el gust de Eustaquí Micó... Y ara que parlam de escopetes, no es rahó que vostés vixquen á la bobalá, y ques queden dejuns com á bitsòcs: y així els auré de dir entre *parentis* y *clavatis*, encara que no vé al cas, qui era este pardal.

Pos Senyors, este pardal era un hòme de cèrtes condicions, perque habentse equillotrat en una Gica, (poro qué Gica!) es vingué á posar tan lelo en ella, que cada nit anaba *jano jano* tres ó quatre llegües, sòls per besar lanélla de sa casa, y sentornaba molt content de que habia pegat la morradeta, sense que ningú ho sabera. Y encara els diré mes, quel dia de la Novia nos volgué jitar en ella, per no jafarli les randes ni espalarli la camisa.

Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 18/04

Carta de Maria Ros al seu germà

[Perpinyà, 24 desembre 1774]

Querit germà, cusí y de ma major estimació: Las apreciadas memòrias que v. m. ha encomanat per mi al marquès de Aguilar, mon oncle, me han ramentat lo temps felís que he passat en casa de v. m., mirant com a continuació de las finesas lo interès que, segons me ha referit mon oncle, se digna pèndrer v. m. al meu destino; el que si fos en mans de v. m. mudar-lo algun dia a mon gust, me persuadesch que v. m. se emplearia en procurar los medis; de acostar-me dels paratges que habita ab ma querida germana. No goso esperar tant, solament lo consuelo de tornar-los a vèurer, a menos que v. m. per sobrada complasència no me autorisàs a sl·licitar a mon pare de deixar-me lograr alguna ocasió oportuna y decent podria offerir-se de fer lo viatge de Barcelona, satisfactió sens ingual per mi, la que sacrificaré sempre que no fos de la conveniencia y aprobació de v. m., confiant-me enterament en son bon cor y sa amistad.

Desitjo a v. m. las més felices festas, en compagnia de ma germana y de tota llur amable família, que abrasso de tot cor. Lo marquès de Aguilar me n'ha fet tantas alabansas que confesso ha aumentat mos desigts de vèurer-la y al mateix temps repetir a v. m. las expressions de mon verdader affecte y agraphiment mentres supplico a Déu guarde a v. m., dilatats anys.

Perpinyà y desembre 24 de 1774.

Sa appassionada cusina y germana y amiga

done Marie de Ros

Século XIX (Maragall, 1893)
Código: docc 19/01

Carta de Joan Maragall a Antoni Roura [fragment], 1893

El número de "L'Avenç" que va amb el present, te l'envio perquè vegis l'estat del meu pensament en l'article "Nietzsche" que va firmat "Pamphilos" que sóc jo[...]

Ja hauràs vist per la premsa que de poc no ens rebenten a n'en Martínez Campos. Això ens dóna molta importància: els periòdics estrangers parlen de Barcelona com d'un gran centre anarquista, és a dir, que anem en primera fila del modernisme: Entre això i que el fill d'en Pitarra ha traduït la "Princesse maleine" de Maeterlink (¡Déu meu! ¿què sortirà?); i que en Tutan (¡En Tutan!) se'ens torna decadent (¡decadent!); i que sembla que la pròxima temporada teatral, tot serà Ibsen i Hauptman ("Els teixidors", drama socialista); i que el governador ha prohibit "El enemigo del pueblo" del sobre dit Ibsen (no sé per què); i que al Liceu volen fer "La Walkirya"; i van a urbanitzar i fer la plaça de Catalunya monumental, t'asseguro que Barcelona ha entrat de ple "dans el mouvement". jo no volia escriure més en el "Diari" perquè t'asseguro que col·locat com estic entre el "Brusi" i "L'Avenç" sent afalagat pels uns i pels altres, la meua posició és originalíssima.[...]

Século XIX (Verdaguer, 1867)
Código: docc 19/02

CARTA A FERRAN SELLARÉS (1867)

La casa de can Tona, que haurà sentit anomenar vostè, tal vegada, està a la part del sol ixent de la ciutat, a mig camí de Folgueroles, que és lo poble d'on só fill, situat més al peu de la muntanya. No li renten los peus rierets d'escuma, ni l'enrotllen jardins de flors, ni canten calàndries i merlots entre els arbres que l'ombregen. Res d'això: lo riu o rieró corre a cosa de sis-centes passes de la casa, de modo que no ens fa nosa ni servei ni a nosaltres ni als camps, que, per ser alterosos, no poden rebre d'ell cap regada, amb prou que se'ls posaria bé sis o set vegades l'any. Lo demés, mica avant mica enrere, és com qualsevol casa de pagès de les que vostè haja vist: un parell de bous, dos o tres de bestiar de peu rodó, ovelles que belen, gallines que escatainen, seria lo que vostè veuria en aqueixos camps i margenades.

Aqueixa és la casa on m'estic, i per mestre, que ací és dir-ho tot. Perquè no es pensi vostè que tot són flors i violes. Poques hores bones he tingut en ella d'ençà que hi só (que aviat deurà fer quatre anys), però sí que n'he passades de bones, i de molt bones, per aquells camps i torrenteres. Cada dematí, entre vuit i nou hores, ja m'hi veuria vostè passejar amunt i avall amb l'Eneida o la Jerusalem, que són les obres que mai me cansí de llegir ni penso traurem dels dits, i que han de ser la mort de la meva musa, pus veu quan esgarrifosos són, al costat dels seus, sos dibuixos.

De vegades me tornen la visita algun dels quatre o cinc bons amics que tinc a la ciutat i a fora, i parlem com sempre de Catalunya, de l'esdevenidor de sa llengua, de costums i de poesia, de tradicions que ells colliren en la muntanya anant a un aplec o romiatge, o de les cançons amb què em desperten cada dia los traginers passant pel peu de casa. No cal que li diga més: aquí estan mos somnis, aquí mos records, aquí mes esperances i ma vida tota.

Lo dia que no vaig a la torrentera, vaig a una font que és un xic més enllantet a la que hi torno també a la tarda, acompanyat sinó de mos pensaments; i, bo i assegut allà sobre l'herba, solo esperar que toquin l'oració de les ànimes o que els mossos de can Tona em cridin tornant de la treballada.

Açò és a l'estiu; a la primavera, anant i venint de Vic, cada dia veig sortir i pondre lo sol, i, encara que haja d'anar-me'n a la classe a sentir seds i ergos, no quedo per açò de gosar de la vista dels camps i les muntanyes; però en aqueix temps d'hivern, més que més, los dies d'aula són per a mi molt carregosos. Amb això, no n'hi diré pas res de com los passo, perquè de prosa rai: n'hi ha bé massa a Barcelona.

Estiga bo. Mani i disposi de s.s. i a. (son servidor i amic)

Jacint Verdaguer

Século XIX (Aladern, 1892)
Código: docc 19/03

Cartas andorranas

Impresións a la lleugera d'una excursió per las Valls d'Andorra

Joseph Aladern

Als andorráns D. Joseph y D. Joaquím de Riba, en prova de amistat y de agraïment, dedico aquestas senzillas notas presas á primer cop d'ull y escrites al correr de la ploma.

Joseph Aladern

Reus 20 Juliol 1892

OBSERVACIÓ PRÉVIA

No s'ha escrit ni publicat la present obreta ab la pretensió d'haver produhit una obra literaria; solament las ganas de fer extensivas á tots sos amichs las cartas que desde Andorra foren dirigidas á un sol d'ells, han guiat al autor á imprimirlas y darlas á llum. Per sos amichs mes que pel públich s'han escrit. Apesar de tot jo crech que serán molts los que aficionats á las escursions las llegirán y que no'ls será gens desagradable lo coneixer un poch, los que no la coneguin gens, aqueixa petita encontrada dels sempre hermosos Pirineus, que forman l'originalissim Estat d'Andorra. Llegeixin donchs ab la deguda benevolencia aquesta obreta los que á sas mans vinga á parar. Aixís los hi prega son autor

J.A.

CARTAS ANDORRANAS

Barcelona 1^{er} Octubre 1892

Al amich X.

Reus

[7] Estimad amich: Tinch una agradable noticia que comunicarte; tal es la de que demá surto de Barcelona per anar al extranger. ¿Ahont dirias? ¿A Fransa? No, pero de poch te equivocas, vaig á una altre república. Ja sé que pensaràs ab Suïssa ó ab los Estats Units, ó tal cop ab las repúblicas Sud-Americanas, pero ni aixís ho endevinas. Donchs ¿ahont rediable vas? pensarás tu. T'ho diré; me'n vaig á... Andorra, per uns cuants dias. Ja veus com no t'enganyava al dirte que me'n anava á una república, encara que no siga mes que una república minúscula.

No hi he estat may ni se á punt fixo'l camí, pero diu lo ditxo que qui llengua te à.... Andorra va. Crech [8] que hi ha varias vias per anar fins á la Seu d'Urgell: una passant per l'Ampurdá; unaltra molt dreta, passant per Berga; unaltra de Calaf cap á Pons; pero com la primera es molt llarga y se'm diu que las altras duas actualment no son molt seguras, agafaré la de Targa cap á Artesa de Segre, de la qual tinch molt bonas noticias. Espero que'l viatge será d'alló mes pintoresch. Andorra, apesar de ser un territori casi de casa, per tots conceptes, está molt descuydat, y crech que un catalanista pot recullir per allí infinitat d'impressions y apuntar altres tants datos tan curiosos com originals. No deixaré donchs d'escriure tot quant cregui digne d'aquest viatge. Adeu.

Pons, 3 de Octubre

[9] A mitja nit he arribat á aquest poble. Pel cami he disfrutat y he patit casi be tot alhora. Del viatge en ferrocarril fins á Targa no te'n parlo. Lo tren pot ser molt cómodo pera viatjar, pero es molt fastidiós, molt poch distret, molt poch entretingut. Quant per anar á veure una persona ó un pais te ficas al vagó y allí t'asseus y sense mouret d'assentat al cap de poch temps t'hi trobas, no sembla sinó que ell te vinga á veure á tu. Es com qui reb una visita assentat à la saleta de casa seva. Lo verdader viatjar es lo que's fa ab diligencia ó no se que, de Targa fins aquí. Allí al menos á un lo sacsán que's un gust. Págas com al tren, ó mes, pero al menos, com dich, aquí te gronxan. Ames de tot aixó es aqueix un sistema de viatjar que fa gana.

Al baixar del tren y al arribar al punt de partida de la diligencia, l'interior del carruatje ja estava ple, aixis com los assientos devaners. Unicament s'hi ha dogut encabir un capellá al cual tots havem donat la preferencia, homes y donas, dels nou ó deu que haviam de pujar. Aixís es que han portat una escala da ma y vinga pujar gent cap dalt á l'imperial, que ja estava bastant ple de bultos. Lo difícil en sent á dalt ha estat lo colocarnos. Si t'assentavas á terra estavas en pena, y si t'asseyas sobre'ls bultos tocavas de cap á la vela. Per últim jo he lograt colocarme bastant be mitj ajegut, ni dret ni assentat. Los altres no se com [10] anavan, estavan casi be à las foscas, unicament sentia que's queixavan bastant. Una dona que digué era de la serra d'Os, s'hi trobava molt be. Quin gust, deyal poguer anar en cotxe! Altres anavan ab las camas penjant. Un cop he encés lo cigarro y he hagut de apagar lo misto desseguida, avergonyit de veure aquell munt de carn humana en barreja y confusió. Era una nota de *L'Assommoir*.

He contat que entre tots anavam mes de trenta. Lo carruatge cruxia y's balancejava d'una manera tan expressiva prometent un volch, que feya posar la pell arrugada. La sort que la carretera es drete y plana com una cinta tibant.

Hem arribat á Agramunt sens novetat. Allí han baixat alguns, nos hem arreglat de nou y havém quedat algo mes amples. Torném á empendre la marxa y fins á Artesa de Segre. Solzament nos havém parat un instant devant de Montclà pera deixar lo correu y una dona molt grossa, tan grossa, que d'allí en amunt he reparat que'l vehícul ja no cruixía tant.

Arribém á Artesa de Segre y tothom baixa, puig la diligencia aquella ja no passa mes avant. D'allí á corre cuyta surt un altre cotxe pera Tremp y un altre pera Pons. Aquest últim es lo que he agafat jo, que vorajant sempre'l Segre, cuals aigües lluheixen la reflecte de la lluna, m'ha portat aquí.

Al arribar lo cotxe d'Artesa acabava d'arribar també lo de Calaf, ab lo cual venían uns militars graduats de guarnició á la Seu d'Urgell y un viatjant de xocolate; aixis es que no'm faltará companyía fins á la Seu.

Son prop las dotze y'ns posém á la taula. ¡Quins [11] plats amich meu! No hi faltan perdius ni cunills de bosch, y fresch tot. He quedat parat quant he sentit que'l sopar valia cinch rals. A Barcelona no's trobaría ni per cinch pessetas, ni potser per trenta rals, y en quant á fresch, ni cal parlarne. Si no portés pressa, me quedaría vuit dias aquí sols per menjar en aquesta casa; potser aixís me posaria gras.

Al acabar de sopar tothom á dormir. Es dir, tothom menos lo viatjant y jo que havém sortit á pendre café, y per cert que havém trobat un establiment de primera. Es un café digne d'una capital: gran y bonich; llàstima que siga en un primer pis. La afluencia de las dugas carreteras se veu que dona gran impuls y molta vida á Pons, puig son moltas las casas de nova planta que's veuhen de recent coustrucció.

En lo café, desde'l que t'escrich, volen tancar y compreném que están per nosaltres. No m'agrada molestar. Nosaltres també tenim de llevarnos á las quatre pera agafar lo cotxe dels Espluvins. Aixis es

que acabo y fins á l'altre que t'escriuré al arribar á la Seu.

La Seu d'Urgell, 5 d'Octubre

[12] Ahir á las quatre de la matinada varem sortir de Pons pera arribar à las vuit del vespre á la Seu; de manera que entre unas cosas y unas altres, hàvem empleat setze horas per ferne prop de quinze, que n'hi ha de camí. ¡Y quin camí! Fins als Espluvins es carretera, pero una carretera la mes exposada del mon. Sempre vorejant lo Segre, exposat constantment á anarten al riu al primer volch y plena de retoms tant violents, d'uns sich-zachs tan doblegats, que tan aviat veus entrar lo sol per l'un costat del cotxe com per l'altre. En un punt he guaytat al redera y pogut veure que'l trassat de la carretera dibuixava una M tan ben feta que ni la del abecedari hi competiria. De V. V. demanan; se coneix que l'enginyer que la trassà sabia molta lletra.

Hem passat per Tiurana, hàvem vist á la esquerra, y á l'altre banda del riu, lo poble de Pera Mola, ficat entre montanyas molt pintorescas, arribant à Oliana à hora d'esmorzar, si be un poch aviat.

Després d'esmorzar torném á emprendre la marxa fins als Espluvins. Hi ha un punt á mitj hora de Oliana que la carretera passa per allà hont no sembla possible; jo al veureho creya que allí s'acabava, pero encara continua ben prop de duas horas, fins á una masiota antiga, un hostel ab grans cuadras, situat en un coll de montanya, al peu del cingle y sobre mateix del riu. Som [13] als Espluvins. Fins aquí m'havia cregut que'ls Espluvins eran un poble, quant no es mes que una masia que fa d'hostal. Lo siti es pintoresch; per tot arreu salta aigua, y'l riu, corrent al peu mateix de la casa, encaixonat entre rocas, li dona cert aspecte de molí fariner que va d'alló mes be.

¡A terra tothom! lo cotxe no pot passar mes avant; la carretera está encara en construcció y falta molt que fer perquè'ls carruatjes pugan arribar á la Seu. De Barcelona á Targa ab tren; de Targa als Espluvins ab cotxe; dels Espluvins á la Seu ab animal... com mes aném menos valém. Una empresa que està en combinació ab la companyia dels cotxes te ja aquí una récula d'animals ben ensellats. Dispensim aquesta empresa si no li faig lo favor que's podria mereixe; los preus de llogater dels animals, tan per personas com per equipatjes, no son fixos, á consecuencia de lo cual y aprofitant la ocasió d'haverhi molts viatjers, se'm obligá á pagar deu rals mes que de costum, y ab un dels militars que m'acompanyavan, se promogueren unas sérias disputas també á consecuencia de la falta de regularitat en la tarifa de preus.

Montat tothom en son respectiu animal, qui á la sella, qui á *mitja carga*, que aixís se designa l'anar entre dos bots de vi ó entre duas caixas de petroli á fi de estalviar-se alguns ralets, á l'hora de dinar ja eram á Organyà, lo poble de la fira famosa. Al bell punt de mitj camí se passa per Coll de Nargó, poble enlayrat dalt d'una cresta de montanya, escarpadissima. Ja't dich jo que pera pujar à Coll de Nargó se necessita un bon cop de coll, sobretot per la part que mira á Organyá. [14] ¡Quina baixada! ningú ha volgut passarla á cavall, tots havem preferit anar de peus per terra á haverhi d'anar de cap, molt probablement.

En aquest punt he pogut contemplar un paissatge magnífich, un ventisquer digne de la Suissa. A la drea, y á la part oposada del riu, se divisan unas fileras de pintorescas montanyolas que van perdentse y esfumantse endins, ab algun que altre pich nevat, semblant á una decoració del *Guillermo Tell*. Aixó ja fa Pirineus, creume que's bonich. Lo camí es dolent, molt dolent, pero lo agrest del paissatge y la constant vista del Segre, que sembla ensenyarnos lo camí encarà que caminant en direcció contraria, lo fan alegre, y ajuda á no cansarnos.

Un poch mes amunt hem passat pel costat d'un pont, que segons me diuhen, es lo que de dalt á baix d'ell tiraren á n'aquell barbaro famós conegut per *Carlos d'Espanya*, cuant desde Solsona se dirigia á Organyá. Allí, fentli una barbaritat, los seus mateixos li feren pagar las moltas que ell havia fet. Aixís se practica la justícia entre'l poble.

Després de dinar á Organyà, havém emprés de nou lo viatge; eran las tres de la tarde. Encara faltan cinch horas per arribar á la Seu. Riu amunt altre vegada; lo Segre, es nostre constant company de viatge, un company bellugadís y xerrador, may està quiet, may calla. Passém pel explanat de la carretera en construcció, que está tallada en lo cingle, sobre mateix del riu. Tant es aixís que durant cerca dos horas, à trets á trets, lo tallat forma un verdader caixal endinsat al cingle, tan fondo, que podria ploure sens que'ns calgués [15] passar quimera de mullarnos. Als peus lo riu; al cap la roca viva; es un camí pintoresch. Avant montanyas, sempre montanyas, d'entre las quals va sortint lo riu com serps de dins son cau; hi ha punts que passa tan estret, tan encaixonat, que vist del regolf sembla que brolli de entre las rocas. En algun punt lo coll s'aixampla un poch per descobrir alguna planeta de terreno ab la seva corresponent masía. Un d'aquets oassis he vist que es deliciós: gran y frondós com un jardí, ab un bonich xalet pel rededor del cual volatejavan un centenar de coloms. Si pogués hi passaria l'estiu; es com un tros de paradís tancat entre montanyas. A son peu lo Segre está quiet com un toll, me faria una barqueta y'm tornaria pescador.

Per fi lo terreno s'aixampla, venen mes amples horizons. Deixém lo riu al fondo y aném pujant cap dalt al plá. Ja's divisan Noves y Arfa, à la vora del riu. No podém passar pel primer poble per haver anat lo pont riu avall. Deixant Vilaplana enrera, prenèm lo camí d'Arfa, l'un animal darrera del altra com una récu de ramblaire, no faltant algun que s'alborota y posa als altres sobre sí. Lo camí es dolent, plé de fanch y aigua que es un fastich, puig que als cops de pota dels animals nos omplim d'estrellas.... de fanch. Los militars están tots condecorats; al capitá no n'hi caben mes: ha sortit capità dels Espluvins y al arribar à la Seu era ja á lo menos capitá general. No sembla sino que Martínez Campos torni per aquí.

Era ja fosch quant hem arribat à Castell-ciutat, desde qual poble, situat en una altura, hem vist los llums de la Seu d'Urgell, que s'estén baix á sos peus, en [16] mitj d'una plana magnífica, entre'l Segre y'l Valira. A las vuit arribavam aquí.

Demá visitaré la població y t'escriuré de nou.

La Seu d'Urgell 6 Octubre

[17] M'he llevat dematí, he seguit la població y m'agrada molt. Sorpren al cor que d'aquestas montanyas, en un punt tant aislat, s'hi trobi un poble tan important. Los carrers son plans y molts d'ells rectes, trobantshi moltes botigas, algunas d'ellas de relativa importancia. He visitat la catedral casualment en l'instant de celebrarshi una festa. Lo frontis es molt antich y d'una arquitectura notabilíssima; ¡llàstima que de dins estiga complertament desgraciada per las moltes renovacions que s'hi han fet. ¿Qué ho fa que aixó succeheixi en tots los temples? Es una ignominia que aixó passi: si per part de qui deu ferho no's pot arreglar una obra arquitectónica deixantla á la altura que's requereix, ¿no valdria mes deixarla caure? Al menos aixís nos quedarian las runas exemptas de profanació. Te á més la població un regular cuartel que li dona cert aspecte de ciutat, y una plassa ab arbres digne de Reus. Amés d'aixó, al cap d'amunt del poble, s'aixeca un seminari, actualment en construcció, que's veu será un edifici molt notable; de manera, que la Seu d'Urgell pot dirse, que es la capital del Pirineu.

Pero lo notable d'aquest poble son los alrederors, pintorescos com los que mes ho sigan. La plana en que s'assenta es un verdader jardí, una catifa d'esmeralda. Lo Segre corrent á l'un costat y'l Valira á un altre, sembla que s'afanyin en competencia à cantarli [18] cançons, com dos trovadors enamorats de sa dama. Mirant aquest paissatge un pensa ab *Canigó* lo poema incomparable de Verdaguer; un no pot menos de recordar lo cant magistral *Lo Pirineu*, quant la fada acompanyada de Gentil, recorre aquestas montanyas pam á pam ab son carro volador, ensenyantlas á son enamorat, fentli present de son reyalme. Flordeneu y Gentil passen també per aquí, quant venint de son palau d'eternas neus situat á la cima del Canigó, se dirigeixen al pich superb de la Maladetta, lo gegant dels Pirineus.

Escoltém á Mossen Cinto com ho canta.

Atravessant lo Sícoris aurífich
 la carroça's desvia vers Saloria,
 la Seu d'Urgell com página de gloria
 s'estent al mitj d'un plà sedós y vert:
 per ferli de vinyetas argentinas
 lo Valira y lo Segre se junyeixen
 y de verdor coronas li teixeixen
 ab lo cel y la terra de concert.

La descripció es justa y bonica, tan bonica com lo descrit. Aquell *plà sedós y vert* es magnífich, sobretot per las voras del Segre y del Valira, que apareix frondós com un parch. A sol ixent s'alsa una colossal montanya:

Es del Cadí la serralada enorme
 un mur ciclópich en forma de montanya
 que cerva'l terraplé de la Cerdanya
 per hont lo Segre va enfondint son llit.

[19] Reclosa fora un temps d'estany amplissim
 ahont en llur fogosa juvenesa
 aqueixos cims miravan la bellesa
 de son alt front avuy esblanquehit.

A sol ponent se divisan en una altura tres castells; l'un es Castellciutat, fortificació y poble, per ahont passarem ahir, a cual peu se despenya bramulant lo Valira. Sols per tres punts se pot venir aquí, y encara no molt bé: per hont baixa'l Segre, desde Puigcerdá; per ahont surt, cap á Organyá y cap á Andorra, ahont aquesta tarde jo marxaré: lo demés es casi inaccessible.

Una particularitat. He vist una especie de carreta tirada per un bou; inútil dirte que sas carreras per forsa han de reduhirse per aquesta plana: es com un vehícul desterrat. Potser va fer alguna desgracia per aquí baix al plà y me'l desterraren aquí.

Fins á l'altre.

Farga de Molas Frontera, (Andorrana 6 Octubre)

[20] Ans de posar lo peu fora d'Espanya vull escriure. Soch al confí de Catalunya y encara tot lo que'm volta es catalá, mes catalá que lo de moltras comarcas catalanas; res indica que s'aproxima una nació tan diferent de la nostra com Fransa.

De la Seu aquí s'hi contan dugas horas de camí, sempre pintoresch, vorada amunt del Valira que corra escapat com si l'empaitessin, botant sempre de l'un gorch á l'altre, murmullador com ell sol. Lo Valira es un riu molt aixerit y molt alegre, abundant y d'aigua molt clara y molt freda. La seva ribera está bastant poblada de poblets y de masías: poch tret se camina sens que's vegi negrejar alguna teulada, y dich negrejar perquè las teuladas d'aquí estan fetas d'unas llosas blavas talladas á una mateixa mida y posadas tan simétricament, que fan un efecte molt bonich. N'hi ha de tan ben colocadas, que en bon efecte superan al enrajolat de Valencia que cobreix alguns *chalets* per los

alrededors de Barcelona. Es una cosa que m'ha cridat molt la atenció y que crech no deixarà de cridarla, y molt justament, á tothom qui ho vegi.

A mitja hora de la Seu y á l'altra vora del riu se veu Auserall, lo poble clàssich dels bons alls, y un poch mes amunt, al costat d'un grupo de casas, sedivisan [21] unas parets perteneixents, segons m'han explicat, à un antiguissim convent. Aquí s'agafa'l camí que conduheix al antich condat de Castellbó y puja fins á l'escarpada montanya de S. Joan del Herm, en cual deserta cima hi ha una abandonada ermita.

Vora de riu amunt sempre, per un camí ple de verdor, vorejant los prats hont alguns bous pasturan, s'arriba á la masia coneguda per Farga de Molas, punt divisorí entre Espanya y Andorra. Un poch mes amunt los carrabiners tenen lo seu puesto, que guarneixen, si no vaig equivocat, un cabo y uns pochs individuos, á qui'ls paquetaires ó contrabandistas tenen sempre sobre sí. Al arribar aquí m'han aturat, á mi y á l'home que m'acompanya. A ell, per ser del pais, res li han dit, pero á mi m'han demanat los documents. Los hi he tret y en paus.

Jo'm creya que la cosa parava aquí, pero cá! han demanat lo passaport del burro en lo cual montava, y com per un descuyt ne anava desprovist, s'ha armat un enredo de mil dimonis. Lo qui m'acompanyava deya que'l burro era de la fonda tal, que ja'l coneixian pels molts viatjes que feya, y que tenia'l passaport á casa; pero'l cabo de carrabiners no s'entenía de rahons. -Que passi, deya, pero de baixada pagarà'ls drets d'entrada á que están subjectes los animals andorrans y francesos, que fluctua entre vuyt y vint duros per cap. De manera que no hi havia mes remey que entornassen á buscar lo passaport ó prosseguir jo sol lo viatge á peu. Per fi, jo he intercedit y tot s'ha arreglat, favor que agraheixo al dit cabo.

Se comensa á fer tart y avuy mateix tinch ganas de [22] sopar á Sant Juliá, de cual poble encara'ns separa una bona hora. Entrém donchs à Andorra. ¡Adeu Espanya!

S. Juliá de Loriu, 7 Octubre

[23] Sortint de la casilla dels carrabiners, que te l'aspecte d'un *ventorrillo* andalús, no s'han de caminar pas doscentas passas per entrar en territori Andorrà. Marca la divisió un barranch conegut ab lo nom de *Riu negre*, apesar de que res te de riu, puig que no es altra cosa que una rasota de molt poca extensió. No hi baixa aigua, ó al menos molt poca, sino quant plou, y quant aixó succeheix, hi baixa una aigua negrosa à consecuencia d'una gran extensió de terreno negrós que hi ha dalt de la montanya; induptablement d'aixó deu haver prés lo nom. Per lo que he pogut indagar se l'anomena aixis desde una época remotíssima. Quant lo fill de Carlo-Magne, Ludovich Pio, passava per aquí l'any 1892 fa onze sigles y fundava l'estat lliure de Andorra, al marcar sos llindees en la carta de donació, ja dona á tal barranch lo nom de *Riu negre*. Aquesta carta, escrita com se suposa en llatí y sobre pergamí, se conserva en l'Arxiu episcopal de la Seu d'Urgell; l'he llegit y es un document curiós.

He dit que l' any 1892 fa onze sigles que Ladovich Pio feya donació de las tres valls d'Andorra à sos habitants, fundant aixis aquell estat després de expulsar d'allí als moros, pero dech confessar que sobre aquest punt no está tothom d'acort. Lo document no precisa l'any de l'Era Cristiana, sino que diu à tal any del regnat de Carlo-Magne, y pel que's veu no deu saberse [24] á punt fixo quant comensá aquest regnat apesar de ser un regnat tan gloriós. Ab lo document à la vista, una persona intel·ligent m'ha demostrat que es tal com de cop havia sentat. Jo li he dit: ¿Perqué no procureu commemorar d'una manera digne la gloriosa fundació de vostre estat en son XI centenari, tal com sol ferse á Suissa? Es cosa que us toca à fer, puig aixis demostrarian al mon que'ls andorrans sabeu venerar vostres llibertats no menos que'ls suïssos.

L'home ha prés en consideració ma proposició, y fins m'ha promés que treballaria per lograrho, y que si'l projecte anava per bon camí, proposaria fer pujar lo bisbe de la Seu, Primpcep d'aquestas Valls. L'andorrà que aixis me parlava, es una persona ilustradíssima y de gran influencia, tant dins de

Andorra com en la Seu, verdadera capital del estat andorrà. Orgullós podria estar de que à una iniciativa se degué lo que'ls andorrans conmemoressin d'una manera faustuosa lo XI centenari de la fundació de sas patriarcals llibertats. Veurèm.

Vaig à parlarte un poch d'aquest poble, al cual vaig arribar ahir vespre y avuy he seguit pam à pam, perque tenia ja entés que es lo mes important de tots.

En efecte, Sant Julià es un poble relativament gran y bonich; lo pobre, lo lletj, casi podriam dir, son los alrederors, puig s'alsa sobre una costa tancada entre tres altas montanyas, entre mitj de las quals corre'l Valira, espadat y estret com una canal. Demunt del poble, passa per un puesto tan angost, que casi corre amagat entre rocas. Pero'l poble es verdaderament bonich é important. A l'entrada, hi ha un mitj enrunat [25] portal á l'ayre lliure que es molt pintoresch. Te un carrer molt llarch y una plassa molt notable, plens un y altre de botigas, en las quals se nota molt de moviment. Sant Julià es la verdadera clau de Andorra. Com per la part de Fransa la Vall està poch menos que incomunicada la major part del any, tot passa per aquí. Los habitants d'aquest poble tenen un esperit molt comercial: proveheixen á la Seu tots los articles de mes consum, y allí acudeixen à buscarho tots los habitants de la Vall, no calguentlos aixís baixar á la Seu. Hi ha á Sant Julià fusters, ferrers, estanchs, tendas de pesca salada, droguerías, botigas de roba, etc. etc., tot en gran nombre; de manera que mirat baix lo punt de vista comercial, es la Barcelona de Andorra. Es un poble ple de vida.

A més d'aixó, Sant Julià es lo cau dels contrabandistas d'aquest terreno. Baix aquest punt de vista, Andorra es una plaga, tan per Espanya com per Fransa, puig que la ventatja de trobarse situada entre dos nacions, li ofereix ocasió de fer doble negoci en lo contrabando. T'explicaré la manera de portar à cap aqueix doble negoci: Los paquetayres introduheixen á Espanya tabaco del país ó bé géneros francesos, y de tornada entran carregats de capsas de cerillas que introduheixen á Fransa, que com sabs, allí estàn estancadas y valen diners. ¿En que ho entenen els andorrans? També introduheixen á Espanya tabaco francés amès del seu, que segons diuen te mes *salida*, encar que'l guany es mes poch. Unicament los queda lo 25 per 100 que'l govern francés fa de rebaixa al destinat á la exportació. De manera, que aquí's fuma tabaco francés [26] un 25 per 100 mes barato que á Fransa. En quant al tabaco d'aquí no's pot fumar: si tots los fumadors fossin com jo, ja podria'l govern d'Espanya permetre sa importació; prou se l'haurían d'entornar altre vegada. Si'n posessin á las *cajetillas* no fumaria.

En una calma ó planet de la montanya d'enfront lo poble s'hi veu una masiota antiga, mitj enrunada, á la que'ls andorrans donan lo nom de *La Ceca*, y com demunt d'Ordino diuen que hi ha un edifici semblant al cual anomenan *La Meca*, vet aquí explicat lo perquè d'aquell ditxo tan popular: *ha corregut la Ceca, la Meca y la Vall de Andorra*, cual Vall s'extent entre'ls dos dits edificis. Creume que aixó que acaban d'explicarme m'ha xocat molt y no puch menos que ferten sabedor no duptant de que t'ha de fer gracia. ¿Vindrà'l nom de *La Meca* de quant los fills de la Arabia estigueren aquí? No fora extrany; la mateixa Vall d'Andorra, hi ha qui diu que aixís s'anomena per haverli donat nom los serrahins al notarli gran semblansa ab la vall d'[Andorra](#), en la Arabia. Corroborar l'acert d'aquestas suposicions algunas tradicions mussulmanas que per aquí's conservan, alguna d'ellas relativa á la conquesta d'aquesta terra pels fills del Islam.

Per avuy ja n'hi ha prou. Demá surto per Madrit, vull dir per la capital d'aquest estat, Andorra la Vella. Ja t'escriure desde allí.

Andorra la Vella, 9 Octubre

[27] Ja hem arribat á la capital d'aquestas Valls, lo Madrit d' Andorra, com deya en ma carta última. Es una capital tranquila, dormida, ensopida, sens que doni cap senyal de vida, sens un àtom del moviment que distingeix á todas las capitals dels estats tots d'Europa. Es una capital mes petita que la de Mónaco, de Montenegro, que las dels petits estats d'Orient y que'ls antichs que avuy componen la confederació prussiana, que la Suissa, que'ls de l'Austria, que'ls de l'Italia, en fí, la capital mes petita del mon, puig que no conta mes enllá de tres á quatre cents mil -sense'ls mils- habitants.

Lo camí que porta aquí desde Sant Juliá es molt pintoresch, com ho son tots los d'aquí dalt; com que tots van vorejant lo riu, lo murmuri de l'aigua ab la vegetació que á un costat y altre creix los fan frescos, alegres y ombrius. Lo mes trist, en quant al paissatge, que tenen aquestas Valls, segurament que es la entrada, aixó es, dels encontorns de Sant Juliá en avall. Havent notat jo aqueixa tristesa, se disculpaven pintantme com la gloria las valls propiament dita de Andorra, la d'Incles y d'Ordino, y á fé que per lo que fins ara he pogut veure, no han mentit pas. La Vall d' Andorra es magnífica.

Sortint de Sant Juliá pareix haverse acabat la vall; mira cap allà hont vulgas, no veus mes que montanyas [28] que se t'oposan al pas, y un se n'entornaria si no li assegurés lo riu un pas franch, puig que no veyentse saltar per la montanya avall, per un lloch ó altre te de passar, y aquest lloch es lo que busca pera passar lo camí d'Andorra la Vella. Entre dos cingles arrimadíssims y en regolf s'obra aquest pas, formant riu y camí casi tot una mateixa cosa, tant, que en temps d'avingudas, aquest desapareix cobert per las aigüas. Es un lloch verdaderament agreste; girat pel costat que vulgas, no veus mes que espadat de roca à quatre passas, á tos peus lo riu corrent escapat, y á dalt, un tros de cel, un cel blau y pur com un tros de mar llatina. Un se creu ficat en un lloch encantat y venen á la memoria mil cuentos de fadas de las que antigament se diu habitava per aquí.

Caminas poch mes d'un kilómetro d'aquesta manera y l'horitzó s'aixampla, encar que poch, pero lo suficient per no veuret tancat entre rocas. Forma aquest claro que t'alegra la vista, la afluentia d'un petit riuhet que baixa de Bicasarri, corrent y saltant, com tots los d'aquí, no sembla sino que portin pressa per arribar aviat al plá. A la dreta veus una petita capella, crech que dedicada á Sant Llorens, clavada á la roca viva, y á la esquerra un pont de pedra, un dels pochos que per aquí dalt se veuen, cual camí que per sobre seu passa, porta á Bicasarri, y mes primerament á un pintoresch grupo de casas de l'altre bandada de riu, en mitj d'una petita plana plena de verdor. Passas aquest lloch algun tant alegre y't tornas á encaixonar entre montanyas tan arrimadas las unas à las altres, que'l camí sols pot extendrers robant un poch de lloch [29] al riu cuan nó enfilantse per la montanya entre rocas. Y aixó dura fins que s'entra en vista de Santa Coloma, mes d'un kilómetro més.

¡Santa Coloma! vet aquí un poble ben particular; no m'ha vingut pas de nou al veurel per primera vegada. Jo recordo haver llegit mes d'una volta sa descripció, ó per lo menos molt semblant, en algunas de las novelas idealistas que llegia quant era petit. Després he duptat sempre de la existencia de tals llochs, pero he vist Santa Coloma y no puch menos de creure als [Fenillets](#) y als Lottis. Figurat un grupo de rústegas casas agrupadas al peu d'un bonich campanaret de finestrals bizantins, y aquest poblet amagat dins d'un bosquet de roures y alzinas, al peu mateix d'una montanya y estenentse devant seu una plana paradiassiac, pel mitj de las quals corre un riuhet d'aigüas frescas y puras: una verdadera vall de la Provensa llegendaria, de las que Florian descriu en sa novela pastoril *Etoile*. Lo Valira, al passar per aquí, encantat d'aquest paissatge, fins detura sa corrent impetuosa y s'encanta contemplantho. ¡Y que's bonica aquesta Vall propiament dita de Andorra! Sembla mentida que al cor d'aquestas montanyas tan agrestes, puga trobarshi un lloch semblant; es cuestió d'obrir la vista y quedar encantat. Dins d'un march d'altas montanyas s'extent un cuadro ple de flors, un verdader cuadro que ni'l pinzell de Casto Plasencia hauria copiat, un cuadro de cerca quatre hilómetros quadrats que pintá ab sa má de mestre inimitable lo Divi Artista. Pel centre corre'l Valira, ample y quiet, à un costat y altre s'extenen extensos prats, per hont se bellugan remats de [30] mulas y bous, uns prats verts y matisats, creuhats de acequias (*segles*, que diuhen ells), per la vora de las quals s'extenen fileras d'olms y altres arbres gegantins. En últim terme, lo poble de las Escaldas, mes aprop y á l'esquerra, Andorra la Vella; y tot aixó banyat per una mar de llum, tot matisat, tot despedint reflexos, desde l'aigua del riu á las teuladas de las casas. ¡Oh, es sublim! no crech olvidar may mes l'impresió que'm feu.

Pots contar donchs si arribaria à la capital enamorat de la nació. Vaig instalarme á una posada, de las dugas que hi ha, á la cual ja anava recomenat desde la Seu. Los amos d'aquesta posada son una gent molt senzilla, no gastan malicia, pero tampoch son tontos y res tenen de estúpits; responen á totas mas preguntas ab mes detalls dels que podria desitjar, satisfent per complet tota una curiositat. He trobat aquí una persona ilustrada que no l'esperava, un subjecte ab qui pot conversarse de tot, fins d'art y literatura: tal es lo metje de la Vall, que està á la posada á dispesa; un xicot jove, eixit de poch de las

aulas que està tot trist, efecte del anyorament que l'abat al pensar ab Barcelona. Per lo que m'ha comunicat no crech que fassi aquí molta estada: te ja'ls trastets preparats y será fácil que baixém junts. Ell, ajudat dels amos de la posada, m'ha il·lustrat bastant sobre'l caracter, usos, costums y manera de governarse d'aquestas gents, que no deixa de ser tot cosa molt curiosa, pero avuy es tart. Fins á l'altre.

Andorra la Vella, 10 Octubre 92

[31] Te prometía en ma última ilustrarte un poch sobre las costums, historia y legislació d'aquest país, y sentant plassa de bon pagador, ja que de diners no's tracta, vaig á pagarte'l deute. No ho faré de la manera que jo voldria ni del modo que tu podrias desitjar, puig que tot lo que sé d'aquest país ho he après en los poquíssims dias de ma estada aquí dalt, y encare d'una manera imperfecta, sols d'haverho escoltat de llavis d'algun que altre andorrà; podré jo recontarho d'una manera poch precisa, de la manera que á mí m'ho han contat, pero puch respondre't de que no será fals en son fonament, porque no es la mala fé lo que distingeix à la gent de per aquí dalt. Tots tenen á la boca lo que tenen al cor, y al cor no hi tenen mes que la veritat. Ans de pujar aquí, sabia tan jo de Andorra com aquells que li donan lo nom de república, aplicantli aquest calificatiu en sa mes moderna acepció. Tan te Andorra de república com jo de frare; no es mes que un primpcipat, cual primpcep, de dret y de fet, no es altre que'l bisbe de la Seu, lo que no deixarás de regoneixe ab lo que mes tart t'esplicaré.

Tal vegada que ab las engrunas d'història y ab los detalls aislats é imperfectes de la manera de governarse'ls andorrans que't vaig á dar, te despertaré desitj de coneixer mes á fondo aquestas cosas, per lo que tenen de particulars. Ja procuraría complaure't consultant [32] algun que altre document que'm ve á las mans, pero'm falta temps per estudiarho ara de correguda y no es lo mes propi en cartas particulars comunicarho, quant aquestas no tenen mes objecte que donarho à coneixe tot a la lleugera, las impresions de moment, que per mi son las que fan mes efecte en l'observador y las que resultan mes agradables de llegir, las que pocas vegadas resultan recargadas. No obstant, si es lo teu ànim lo mes avants indicat, entre'ls pochs que d'aquest país s'han ocupat, dech recomanarte al francès Mr. Boudon de Muny en sa *Memoria geogràfica* del estat d'Andorra presentada anys enrera á la *Societat Geogràfica* de París, y'l discurs sobre legislació d'aquest país pronunciat pel Dr. Trias y Giró, catedràtic de Dret, en lo claustre universitari de Barcelona al obrirse lo curs del any passat. Per lo poch que he pogut consultarles, he vist que son dos obretas molt recomanables, sobretot la última. Crech que l'infatigable escriptor Sr. Zulueta, que tan ha escrit y ha fet per los interessos de l'alta montanya catalana, ha escrit també molt y bé sobre Andorra, pero jo ho desconexo per complet. Si sabia ahont, procuraría llegirho.

Fetas donchs aquestas salvetats, y demanant per endevant perdó á la història per lo que puga calumniarla, vaig á cumplir ab lo promés.

La fundació d'Andorra, com he dit ja en carta anterior, data dels últims anys del segle VIII, feta pel fill de Carlo-Magne, Ludovich Pio, que cedí dit territori als naturals si bé posantlos baix la tutela del bisbe d'Urgell, proclamantlo al mateix temps primpcep soberà d'aqueix país, encare que lliures en la administració [33] econòmica y en no se quantas cosas mes. Unicament los andorrans venian obligats á entregar al bisbe lo delme de sa producció, pero en vista de las dificultats que aixó oferia, s'arribà ja fa molt temps a un arreglo, y's fixà en una quantitat justa en metàlich lo que anyalment s'havía d'entregarli, quantitat que fins avuy s'ha vingut allegant per reparto vehinal, essent tan curta aquesta quantitat, que crech fluctua entre dos y quatre rals lo que cada vehí li toca pagar segons sa classe.

Poch després de sa fundació, vingué un dia que'l vehí comte de Castellbó declará la guerra al bisbe de la Seu, hi dirigí son exèrcit y'l sitià. Lo bisbe reclamá l'ajuda del comte de Foix, pero aquest exigí en cambi la meytat de la autoritat que'l bisbe tenia sobre Andorra, que llindava ab son comtat. Convinguts los dos, baixá'l de Foix ab numerós exèrcit, y derrotá al de Castellbó. Ja tenim donchs la autoritat de Andorra mitj espanyola y mitj francesa. Mes tart, una filla del comte de Foix se casá ab l'hereu del comte de Bearn, y'ls drets que sobre Andorra tenia la casa de Foix passaren en dot de la nuvia á la casa de Bearn. A las horas fou quant Andorra adoptà un escut, que es lo mateix que avuy

ostenta. Se divideix aquest en quatre cuarters en los quals hi ha grabats: dos vacas junyidas, distintiu de la casa de Bearn, la mitra y'l bacul, del bisbe de la Seu, y las barras catalanas. Al peu hi ha un disch llatí que vé à dir: *Si cada una d'aquestas casas per sí sola tants fets gloriosos portá á cap, ¿que'n farán totas juntas?*

Vingué la Revolució francesa del 93, abolí la noblesa y renunciá als drets que sobre Andorra tenia primitivament [34] la casa de Foix y que per lo tant devian passar á la corona de Fransa. Los andorrans, que veyan en lo poder francés un contrapés à fi de no esser absorbits per Espanya, no'ls satisfé la obra de la Revolució, y aixís es que tan prompte pujá l'Imperi, s'apressuraren á posar en sas mans los drets renunciats. Desde llavors que cap contratemps mes ha passat Andorra digne de menció, á no ser la guerra civil de la cual te daré compte en altre carta.

Unicament deu haverne passat un de importancia que en aquest moment desconech, y que mes tart procuraré saber. De tot lo dit se desprén que'ls drets que sobre Andorra tenia antigament y desde son origen lo bisbe de la Seu, quedaren dividits en dos parts iguals entre ell y'l comte de Foix, mes no sé que'n será causa, que'l pago que anyalment satisfá Andorra, y que crech es independent del que avans t'he dit del delme, y'l que ignoro també quant y en virtut de que s'haurà posat, en lloch de satisferlo un any à Fransa y un altre al bisbe d'Urgell, se'l satisfá dos anys seguits á dita nació y un de sol al bisbe. No sé, es tant particular aixó, que no bastan quinze dias perquè un puga enterarsen per pessas menudas. Unicament t'ho traslado pera donarte un alleugera idea de las particularitats d'aquest país; lo principal d'aquestas cartas, no es altre que traslladarte un petit reflecte d'aquesta naturalesa tan gran y tan hermosa; tot lo demés, per qui té afició al art, no son mes que *pequeñeces*...

Andorra la Vella, 11 Octubre

[35] En la present carta deixaré també d'ocuparme de la hermosura d'aquestas montanyas pera tornar al possaisme de la [pendent](#); no obstant es tan particular lo que vaig à dirte, son tan originals y pintorescos los detalls que vaig à donarte respecte la manera de regir-se'ls andorrans, que no dubto t'ha de cridar l'atenció, estranyant que à últims del sigle XIX y dintre d'Europa, s'hi conservi un estat independent regit per lleys casi diré tan primitives y patriarcales. Andorra, mes que un estat es una familia, y sols com á tal considerantse pot concebirse sa existencia; si'l bon carácter y la fraternitat no regnés entre'ls andorrans en tan alt grau com regna, la república seria allí un mito. He pensat molt que és lo que ha preservat als andorrans de la demoralisació tan generalment estesa en los dos paissos que'ls voltan, si la barrera d'aquestas montanyas, lo aïlament en que viuen, ó l'haver fugit d'aquestas lleys civilisadas que tot il·lustrant perverteixen. De tot hi haurá, pero no dubto que si'ls andorrans al principi d'aquest sigle seguint las noves corrents haguessin volgut entrar per lo que se'n diu *camí del progrés*, avuy se trobarian mes il·lustrats, pero mes pervertits, mes perturbats per las divergencias de color y molt menos felissos.

Aquí l'autoritat, com he dit, es patriarcal. Lo poder governatiu y legislatiu d'aquí resideix en lo que [36] se'n diu *Consell de la Vall*, ó siga una Junta composta de quatre representants de cada parroquia, que tenen la obligació de reunir-se per lo menos quatre vegadas l'any á fi de deliberar sobre la marxa de la cosa pública. Quant las circumstancias ho exigeixen, se reuneixen també, sia lo dia del any que's vulga. Se celebra la reunió en la *Casa de la Vall*, una casa gran ab un campaneret, propietat del comú, sita en Andorra la Vella, en qual lloch permaneixen dos ó tres dias reunits, segons las cuestiones que's discuteixen ho exigeixin. Celebran aquestas reunions vestits d'uniforme, portan una calsa curta de vellut, una levita de llarchs faldons, y un tricorni també vellut de negre, lo qual los dona un aspecte de antichs nobles francesos. Mentres dura'l concili menjan y beuen y dormen junts, en la Casa de la Vall, que al efecte està provehida de llits y de grans cassolas y marmitas, corrent tot lo gasto à compte del comú. Son molts los elegits de diferents parroquias que esperan lo dia del consell com qui espera una festa Major y acudan á Andorra la Vella ab tants bons desitjos de arreglar lo país com d'arreglar-se lo ventre, perquè la teca que fan res te de dolenta.

Además d'aquest *Consell de la Vall*, que legisla sobre'ls interessos generals del Estat y que

s'elegeix casi per sufragi universal, hi ha un poder superior lo dels dos Veguers, poder juridich, l'un nomenat per lo bisbe de la Seu y l'altre per lo govern francés: aquets fallan totas las causas, y'ls condemnats son enviatsá Fransa á cumplir condemna, si be no se'ls priva de venir á Espanya sempre que ho demanin. En cas de vinensa entre'ls dos, lo que succeheix molt sovint. Hi ha un [37] Jutje suprem que determina. Aquest cárrech es vitalici é inamovible, y es provehit alternativament, per lo bisbe d'Urgell y la República francesa. Lo que actualment l'exerceix es nomenat pel de la Seu, de manera que á la mort d'aquest lo nomenará lo poder francés. Amés d'aquestas autoritats de carácter nacional, cada parroquia te la seva particular ó comunal, nomenada *Consell comú*, lo qual á sa vegada se divideix en quatre fraccions que denominan *Consell de quart*, que com son titul indica, sa missió es cuidar-se d'una quarta part de la parroquia. Tant lo *Consell del comú*, com los de *quart*, estau subjectes á un *batlle*, ó alcalde primer, y aquests á sa vegada ho estant al *batlle* de Andorra, que ve á ser lo conceller en cap de la Vall. Tots aquestos cárrechs son elegits sols per quatre anys, mudantse la meytat de dos en dos anys.

Lo ram eclesiastich es menos independent. Cada parroquia te quant menos un capellá, sortits tots del Seminari de la Seu, á las ordres de qual bisbe están, que te son representant en lo capellá de Andorra la Vella, que á la vegada te'l titul de Rector de Santa Coloma, que es la primera dignitat eclesiástica d'Andorra. Las parroquias son sis: Andorra la Vella, Sant Juliá, La Messana, Ordino, Escamp y Canillo, no contant mes enllá de mil habitants cada una, de manera que la població d'Andorra no es en realitat mes numerosa de sis ó set mil habitants. La població mes gran en quant á habitants es Sant Juliá, pero la que ocupa mes extensió es la capital Andorra la Vella, que poch mes poch menos tindran de cinch á sis cents habitants. Las demás parroquias, escepte Encamp, que es grandet, no [38] tindran mes enllá de dos cents pobladors; los demás viuen en masias y petitas agrupacions de casas á la vora del riu, pero que forman part de la parroquia.

La fé pública está en mans del capellá de la parroquia, que estén los documents de carácter oficial. Unicament á Encamp hi ha un notari autorisat que va de l'un poble a l'altre à fer alguna escriptura. Cada parroquia te un mestre de primera ensenyansa que la parroquia mateixa paga y sosté. En tot lo pais hi ha sols un metje, anomenat *metje de la Vall*, pagat pel comú, ab obligació d'anar à visitar allà hont lo demanin, pero en atenció á que'l sou oficial es petit, te'l dret de exigir un petit tant per visita, que crech no arriba á una pesseta. A Canillo hi ha també un metje vellet, fill del pais, que també fa alguna visita. Ab aixó compendrás que la gent d'aquest pais te de disfrutar de molta salut; set mil habitants desparramats per un pais d'500 k. c. bastant à sas necessitats un metge... y mitj. M'explicava'l metje de la Vall, que en dos anys que porta de residencia aquí, sols un ferit ha tingut que curar per cuestió de barallas. Aixó explica també si son pacífichs.

En tocant a la propietat, te diré que'ls prats ó voradas dels rius son propietats particulars, lo qual fa que hi hagi també pobres y richs com per tot arreu, pero las montanyas ab sos boscos, son comunals. Cada any lo *Concell comunal* fa una visita als boscos de la parroquia y reparteix entre sos vehins los pins que destina à la tallada, y si n'hi ha sobritut, los ven per subasta, qual producte s'inverteix en gastos del municipi. Cada vehi marca'ls pins que li corresponen ab [39] un senyal propi y distint dels altres, no'ls toca del bosch, y quant li fa falta llenya, cap al bosch á arrancar un pí.

Lo servey postal està també organísat d'una manera molt particular. Hi ha á Andorra dos peatons encarregats de conduhir la correspondencia: un que va de La Seu d'Urgell á Llors passant com se suposa per Andorra la Vella, y un altre que partint d'aquest poble va y vé de Fransa. Aquestos peatons están pagats per l'estat, ó siga pel comú, qual gasto junt ab alguns altres se cobreixen ab petits repartos que tothom paga religiosament. Lo particular es que las cartas destinadas al interior d'Andorra, no han de menester franqueig de cap classe. Los carrers dels pobles no portan nom, ni las casas número; de manera que'ls peatons repartidors han d'esser personas molt coneixedoras del pais. Ja veus si tot aixó es particular y al mateix temps molt familiar y molt patriarcal, de modo, que'l ditxo *aixo sembla Andorra* aplicat á una casa que no s'entenguin, es completament infundat.

Lo únich que aquí està descuidat son los camins. No hi ha en tot Andorra una mala carretera ni un

mal pas de carro. Los camins, quant passen alts son intranzitables per los esgrahons que fan y quant passen pel fondo y son planers, ho son per las fangueras que hi congrían las moltas aigües de per aquí. Lo [Manual Digert](#), especie de códich de las lleys andorranas, recomana en gran manera tenir los camins ben cuydats, pero anyadeix: *menos los que comunican ab Fransa*. Be pot pensarse donchs que tots los camins de per aquí comunican ab Fransa. Se veu que'ls que redactaren lo *Manual* [40] *Digest* no tenian gayres simpatias per la nació vehina. Parlan lo catalá bastant pur, ab algun que altre deix francés, extenen tots los documents en nostra llengua, fent tan poch us del castellà, que fora dels castellans, lo metje y alguna que altra persona ilustrada, defícilment se trobaría qui'l parli ni qui l'entengui.

Andorra també te'l seu exèrcit, pero un exèrcit compost exclussivament de reserves, ó millor dit, un exèrcit tot á la reserva. En primer lloch son soldats tots los caps de casa majors de vint anys y menors de seixanta, y com á tals venen obligats á tenir un arma, siga carrabina ó escopeta; després ho son tots los demés homes que están en disposició d'acudir á la lluyta. De manera que aquí, l'us d'arma, casi prohibit à Espanya, mes que lliure es obligatori. La cassa y pesca está també reglamentada, cumplintse rigurosament la ley, pero aixó si, s'acaba la veda y tothom pot anar á cassar y à pescar, tothom te'l mateix dret; res de privilegis, tot es de tots.

Tot lo precedent fa que'ls andorrans visquin gosant una pau y tranquilitat casi paradissiaca, que estimin y estiguin satisfets de tot lo seu y que's mirin ab despreci tot lo vingut de fora, tant d'Espanya com de Fransa, fins al punt d'exclamar ab cert menys preu: -¿Aixó...? es de terra de Rey.

Las Escaldas, 11 d'Octubre

[41] Surtint d'Andorra la Vella, á poch's metres de distancia de l'última casa, s'aixecan dos sócols, ab dos canons, de pedra, ben prop l'un de l'altre, coronats per dos hermosíssimas y fins à cert punt artísticas creus de ferro forjat. Allí's divideix lo camí en dos: lo de la esquerra que va á Ordino, y'l de la dreta que va á Canillo passant per las Escaldas y Encamp. Com aquest es lo que pren lo peató que conduheix la correspondencia à Fransa y vaig d'ell acompanyat, per no deixar-lo, aquest es lo que prenh jo també.

A las vuyt tocad's havém sortit de la capital y á dos cuarts de nou ja eram aquí; ja veus que es propet. Las Escaldas no es parroquia, pero es un poble relativament gran, dividit en dos parts principals, que separa'l riu y junta un pont de pedra, molt rustich y molt bonich. S'anomenan aquets dos barris Las Escaldas y Lusso, á més d'algun que altre petit grupo de casas mes ó menos separats dels dos antedits que també portan son respectiu nom. Crida molt la atenció lo que dintre un estat tan petit, minúscul pot dirse, se tendeixi sempre á empetitirse y à particularisarse tot d'una manera extraordinaria. Aquí tot té nom propi y particular; pocas son las parroquias, y fins los mateixos pobles, que no's divideixin en quatre ó sis agrupacions de casas que cada una porta nom ben diferent y desllindat, y'ls que desde l'un cantó de poble han [42] de passar á l'altre, no ho fan may sens dir: me'n vaig á tal punt; y ho diuhen ab una naturalitat que cualsevol creuria que tenen de trasladarse á un poble distant un parell ó tres d'horas d'allí. Fins las agrupacions de dos ó tres masías (que ells anomenan *bordas*) son conegudas ab un nom de poble. La mes petita vall, la mes insignificant montanya, la mes aixuta rasa, tenen aquí nom ben propi y de tothom conegut.

Al arribar à las Escaldas he rebut una bona impresió. Com que som diumenge y era l'hora d'anar á missa, la gent s'hi encaminava en gran número, vestits tots ab trajos vells y rars, com may jo'ls havia vist. Particularment las donas y d'aquestas sobre tot las vellas, donavan gust de mirar. ¡Quant he sentit no ser un poch dibuixant ó no tenir una maquina de fotografiar á punt pera emportarmen una vista d'aixó, ó quant menos un senzill croquis. Portavan faldillas d'aquella roba de la velluria tan florejada y tan bona, y son cap lo cubria una caputxa d'una punxa extraordinariament llarga, coronada per un llás en forma de floch. Feyan una silueta rara, originalíssima; à mi m'ha semblat transportarme á la Catalunya del sigle XVII ó XVIII. M'hi he encantat de veras. Baix aquest punt de vista, Andorra es mes catalana que Catalunya; es un recó de terra que à consecuencia d'estar tan eleva, no hi han arribat

encara las onadas de la moda.

Tot avuy que'm passejo per aquestos voltants caminant de sorpresa en sorpresa, sens que hagi lograt acabarlas encare. Segurament que las Escaldas y sos voltants es lo millor que te Andorra, tant, que posat en altres mans podria fer la riquesa del país. Lo mes notable [43] que te son las aigüas. Te un gran número de fonts calentas, de sulfurosas y de frescas, tan frescas, que en una d'ellas tot l'any s'hi troba gel. Dins del poble mateix, al mitj del carrer per cual passa'l cami que va á Encamp, brollan dos fonts abundantíssimas molt calentas, á l'una de las quals poch li falta pera bullir. Crech que ho será mes que las moltas que tenim per aquí baix á Catalunya. He provat de tocarla ab la mà y per poch m'escaldo. He vist á moltas donas anarla á buscar pera gastarla á casa y aixis estalviar-se'l foch. Camí amunt, á uns dos cents metres, es tanta l'aigua calenta que brolla, que per tot arreu veus exir fum. He reparat també que la aconduheixen á un safreig pera rentar la roba. A més d'aquets manantials, molt prop d'aquí ne brollan també de ferruginosos. Ja veus donchs si es gran la riquesa que en materia d'aigüas tenen aquestas valls, riquesa que's pert miserablement, sens que ningú l'aprofiti sino'ls naturals del país, que no la necessitan pas, puig que ben robustos y roijos están tots. ¿Perqué no's fà aquí una estació balnearia com las moltas que existeixen pels Pirineus, tan á Fransa com á Espanya? Tot ajudaría á ferla deliciosa; la paissatge d'aquí es magnífich, lo mellor que te Andorra. Hi ha per aquí prop molts punts pera anar á fer excursions, punts molt bonichs, com l'estany d'Angolestés, los Pessons, Ntra. Sra. de Meritxell, lo pich de [Casa-montanya](#), etc., etc. ¿Què s'ha oposat donchs à que no's portés à cap una empresa aixís? Te diré algo sobre aixó.

Lo primer que's necessita perque'ls *touristes* acudeixin á un punt determinat à passar l'istiu, es que [44] las vias de comunicació estiguin bé, lo millor possible y en quant aixó, las que te Andorra no's poden recomanar pas baix cap concepte; están lo mes malament possible, com t'he dit ja en ma carta anterior. Aixís es que'ls camins no convidan pas á venir aquí. Comprenent aixó, fa ja alguns anys, una companyia francesa tractá d'explotar las riquesas naturals d'aquesta vall, y al efecte se posà á construir una carretera que desde las Escaldas havia de portar á Foix. Una part de Andorrans compregueren las intencions de la generosa empresa, que'ls hi construïa la carretera, y s'hi posaren en contra. La empresa realment tractava de construir allí un grandió establiment de banys montat à la altura dels mes luxosos d'Europa, pero sas intencions no paravan aquí, anavan molt mes enllà y aixó es lo que va fer obrir los ulls á grant part d'Andorrans sempre atents en vetllar pel benestar del seu país. Dita companyia, mitj á la amagada y en [conveniència](#) de gran part d'autoritats de Andorra, tractava res menos que d'establir una gran casa de joch per l'istiu, sucursal de la de Monte Carlo. A algunas de las autoritats no'ls hi agrada prou lo projecte y s'hi oposaren resoltament. Veyent en ell un atentat á sas costums patriarcales, á sa tranquilat y fins á sas llibertats polítiques. Veyent que un mon extremament oposat al seu anava á invadirlos com un mar que saltant sa barrera d'arena s'aboqués bramulant y tempestuós sobre las tranquilas aigüas d'un llach. Surgiren en lo seno del Consell de la Vall terribles disidencias entre'ls que veyan en lo projecte sa riquesa y'ls que hi veyan sa ruina, per lo menos moral, y no poguent posarse [45] d'acort, los descontents, que eran la minoria, acudiren al bisbe de la Seu á fi de que fent us de son dret s'oposés á aquella bárbari invasió que'ls amenassava. Lo bisbe de La Seu, com a primpcep d'Andorra, invocá sos drets y s'hi oposá d'una manera enérgica, fent que paressin las obras de la carretera ja comensada, entre las Escaldas y Encamp.

No parà la cuestió aquí. Contrariats los contraris del bisbe al veure atropellats sos privilegis per un sol home que fins allavors per res se mesclava ab ells, s'alsaren en armas en defensa de sa perduda independència, ja que la voluntat d'un home los privava de portar á cap una obra capás de portar la riquesa del país, puig que la companyia explotadora los oferia grans ventatjas, tant, que vuit mil duros que de cop deposità pera poguer empendre las obras encara estant en mans dels andorrans, y facil es que no'n surtin mes, passant per consecuencia á ser fondo del comú. Los adeptes al bisbe s'alsaren també y combatiren als rebelats, y vet aquí l'origen d'aquella célebre guerra d'ara fa deu ó dotze anys que posá sobre si á moltas potencias europeas, sobre tot Fransa y Espanya, per la cual alguns sapigueren que Andorra era al mapa. Com que tant lo govern espanyol y francés enviaren allí alguns diplomátichs, entre'ls quals descollavan en Valera y Mr. Millet, aquets tingueren ocasió de estudiar lo país y donarlo à coneixe. Allavors fou quant Mr. Millet digué à alguns andorrans: «Podeu estar

orgullosos de ser fills d'aquest país sens igual; deveu vetllar per ell à totas horas. Andorra deu conservarse dintre d'Europa com un objecte raro y unich dintre d'un Museo d'antiguetat.» [46] La guerra acabà, los exercits minuscels se desorganisaren y'l projecte no passà de projecte. Sembla que un poder superior vetlla perquè las paraulas de Mr. Millet se compleixin.

Las Escaldas, 13 d'Octubre

[47] Avuy he sortit de nou á encantar-me en la contemplació d'aquestos encontorns y he rebut novament impresiões agradabilíssimas; aquest país te bellesas inagotables pel *touriste*. Seguint la vora esquerra del Valira oriental ó riu d'Incles, he arribat á sa confluencia ab lo Valira occidental. Los dos baixan corrent, escapats, bramulant, pero al juntarse, s'apaciguan, y junts, fosos en un sol, se posan á caminar mansament. Com tots dos portan un mateix nom, me fan l'efecte de dos germans separats, que's buscan febreros, impacients, y que al trobarse, s'abrassan y's tranquilisan. Me sembla que no he fet mala comparació, per mes que entre germans no sol passar sempre aixís. M'he deturat à contemplar una estona lo punt de conjunció, que es pintoresch en gran manera, y he pujat dalt al prat, hont pasturavan y bornejavan un remat de mulas jovenetas, d'alló mes eixerit. M'he atensat á un home que he vist per allí prop á preguntar-li per alguna font y ell mateix m'hi ha acompanyat; m'ha dut á una font abundantíssima, al peu d'un aixaragall ó roquer, una esllavissada que va baixant de montanya amunt. Com se m'ha mostrat tan complacent, l'he convidat á beure anissat y ha begut; després nos havém fumat un cigarret francès, y allí assentats, mentres fumavam, m'ha explicat una historia interessantíssima, l'origen extraordinari y d'aquella font y las desgracias que causà. [48] Com jo no busco res mes que sentir explicar cosas pel istil, y sobretot en país que tot es tan particular, l'he escoltat ab verdader gust, deixant-me al últim sorprès y emocionat sa narració. Vaig à contarho; pots estar segur de sa veracitat, perque desseguit he consultat á moltes personas sobre'l particular, y totas han confirmat lo dit per aquell home. Amés, ni que aqueixas provas me faltessin, ho creuria, perque la mes bona fé es lo que domina entre la gent de per aquí, puig que son incapassos de contar una mentida, y menos cuant cap bon resultat pot reportàrlos.

Lo cas es lo següent:

Sobre aquell prat tan vert y tan plá hont pasturavan aquellas mulas, antes s'hi aixecava un poblet de la parroquia de Andorra la Vella anomenat Fené. Un dia, mes amunt de las casas, al peu mateix de la montanya, de cop hi volta hi nasqué una font, lo que sorprengué á aquells vehins ensemps que'ls acontentá, ja que aixís s'estalviavan anar ben prop de Las Escaldas á cercar l'aigua. Aquella font, que havia nascut mol petita, anava creixent de cada dia, fins que's convertí en abundantíssima. Anava creixent, creixent, tant, que al poch temps sa corrent ja arrastrava runa cap baix al poble, anant desgastant la montanya de constitució gravalosa y per lo tant poch segura. Molt poch després era tanta la quantitat d'aigua que sortia y de runa que arrastrava, que amenassava inundar lo poble tot enrunantlo al mateix temps. Tots los vehins tement una catástrofe, espantats d'aquell fenómeno natural, abandonaren sas casas y s'establiren los uns à Las Escaldas y'ls altres á Andorra la Vella. Poch temps després [49] d'abandonat, lo poble estava ja convertit en un verdader llach, enrunats sos carrers y'l terreno tot somogut. Tothom mirava alló ab la mes gran estranyesa, tothom esperava veure com acabaria, cuant un dia sobrevingué á la font una nova y gran avinguda, s'ensorraren totas las casas del poble en pes al fons de la terra, la montanya baixá en massa, cubrí la superficie enfonsada y tot desaparegué com en una comedia de mágica desapareixen las decoracions. No quedá del poble de Fené ni una pedra, ni un indici que'l recordi, que indiqui lo lloch hont s'aixecava. Un arbre gegantí que hi havia á la entrada del poble, no quedá sobre terra ni la rama mes alta. Unicament com á recort d'aquella catástrofe, brolla la font al peu de la qual m'ho han explicat. Fa d'aixó uns vint y cinch anys. Facil es que la noticia de lo succehit no arribés á Espanya ni á Fransa, per lo qual aquells infelissos vehins, se quedaren sens los socorros que en cassos semblants tan havém prodigat als altres.

L'home aquell m'ho explicava ab una precisió y claretat extraordinarias. Senyalant-me'ls llochs aixís que anava explicant, semblava que m'ho fés veure. -Cuant á la matinada van portar la noticia à Andorra me digué, vaig posarme á plorar. Vaig sentirho mes que tot per una capelleta molt bonica que

hi havia dedicada á Sant Cristófol y á la cual tenia jo molta devoció. Jo he estés la mirada per aquell prat com buscant lo poble y he sentit sentiment. Vetaquí, m'he dit, un émulo de Sodoma, de Gomorra, de Pompeya, de Herculano y tantas altres poblacions que segons la Bíblia unas, y segons la historia las altres, han quedat destruhidas per fenómenos naturals.

[50] He arribat á las Escaldas molt emocionat, he dinat, y de nou he sortit á passeig. He rebut també noves y agradables sorpresas. He visitat, al cap-de-munt del poble, una fàbrica de filats y teixits de llana, la única que hi ha á Andorra, en la qual se treballan unas mantas molt bonas y molt bonicas, tot llana verdadera. Surtint de la fàbrica, anant montanya amunt seguint sempre'l riuhet Madriu, he pujat à Angolostés per veure son llach, de qual lloch m'havien fet grans elogis, y à fé que no he quedat disilusionat, molt al contrari, he quedat sorprés de tanta bellesa. Es un lloch deliciós, al qual, si fos home de diners, m'hi construhiria un *chalet* per venirhi á passar l'istiu.

Lo siti es triat y deliciós. Figurat una calma, planella ó *meseta*, que diuen los castellans, d'uns dos kilòmetres quadrats, elevada á mitja montanya poch mes ó menos. De las tres parts, una d'aquesta plana l'ocupa un estany d'aigües tranquilas y transparentas com un mirall, en las quals se cria en gran número lo peix nomenat truyta, lo mes preferit dels peixos d'aigua dolça pels bons gastrònoms. A la vora d'aquest llach s'aixecan un grapat de casas agrupadas al entorn d'un campanaret esbelt, alt y prim com una bitlla, y tot tombant, pujant amunt y baixant avall de la montanya com una alfombra, s'extenen los prats, sempre verts, per hont pasturan alguns remats de bestia de tota mena. Es un siti verdaderament idilich, apropósit per escriure bucólicas é imitar á Garcilaso y á Melendez. Un no pot menos que recordar aquells versos de Gil Polo:

En el campo venturoso

donde con clara corriente...

[51] Unicament lo que aquí no s'hi veu son las pastoras tal y com nos las pintan aquests autors; totes van despreciadas y casi diré brutas. De manera, que l'escriptor que descrivint aixó vulga agradar, no pot ser realista mes que en tocant á la naturalesa inanimada. No li cal exagerar pera treure cuadros bonichs; basta que copihi, y que copihi ab fidelitat.

Desde allí dalt se veu un panorama espléndit, encantador. Exténs la mirada per las alturas, y descubreixes interminables fileras de montanyas de pichs nevats, relluhint com l'argent als raigs del sol; l'abaixas, y contemplas á tos peus las Valls d'Andorra y d'Incles, corrent per son fons lo Valira, sembrada sa ribera de poblets y masias, ab sos prats verdejants y ab sas aigües platejadas. La Naturalesa es aquí gran y hermosa, tal com surtí de la Creació: la má del home no l'ha espatllat encare.

Sant Joan de Canillo, 15 Octubre

[52] Desde las Escaldas aquí dalt poch se troba de notable que cridi la atenció, que fent un esforç suprem, la naturalesa se surtí d'aqueixa regular hermosura que per tot arreu mostra aquí dalt. Surtint de Las Escaldas, quant s'es al cap-de-munt del poble, sobre una costeta en que á l'arrassé de la solana treballan sa mel dins una vintena d'arnas innumbrables exercits abellas, un se gira y torna á contemplar de nou l'hermosura Vall d'Andorra, florida y plena de llum com un paradís encantat.

Seguint sempre lo Valira oriental, lo qual se traspassa un cop per sobre un pont de pedra, á una hora y mitja de camí s'arriba à Encamp, poble molt bonich de nom, pero molt lletj y molt brut en realitat ja que casi se fa impossible tranzitar per sos carrers sens calsar-se unas botas de montar; tal es lo fanch y porqueria que hi ha. Confesso que he rebut una gran decepció, lo nom del poble es bonich, m'agrada molt, y esperava que'l poble correspondria al nom. M'ha passat lo que al héroe de la novela *Marianela* de Perez Galdós, aquell pobre cego que's creya que Deu havia posat las ánimas mes bonas dintre als cossos mes bonichs, y quant recobra la vista, veu que la pobre *Nela*, dotada d'una ánima tan bona es

lletja. ¿Perqué també Encamp tenint en nom tan bonich es un poble lletj? No obstant, lo poble's divideix en dos, partit pel riu, y'l [53] de la part esquerra, en lo cual hi ha l'iglesia, ja es mes bonich. Los vehins d'Encamp tenen fama de ser los mes aixebrats d'Andorra, los mes revoltosos y'ls de menos fé; fins van tenir un mestre que's proposava ensenyar doctrinas laicas en sa escola. Tot Andorra mira ab certa desconfiansa à la gent d'Encamp.

Surtint del poble, sempre riu amunt, porque aquí lo camí y'l riu son dos companys inseparables, á dos kilómetres, se troba sobre un alturó la hermita de la Mare de Deu de Meritxell, que es un edifici gens notable, pobre, pero al cual s'hi porta una gran fé. En Verdaguer en son «Canigó» parla de ella. En son últim cant, l'hermità de Meritxell canta:

Desniessen la fada á la bon hora,
millor Reyna y senyora
en Meritxell trobaren estas valls.
Fa música á ses plantes lo Valira
que d'Ordino á Soldeu, armoniosa,
te la figura d'una inmensa lira
de braços de cristalls.
Damunt son front lluheixen
los dotze estanys Pessons, corona hermosa
que de brillants y gemmes li ofereixen
aqueixes cimes hont lo cel reposa;
corona d'ariana esplendorosa
que, del zenit despresa,
quedá entre terra y cel aquí sospesa.

Deixant la hermita á la esquerra, camí amunt, cosa d'una hora, s'arriba á Canillo, poble à la vora del riu, com tots los d'aquí, sens cap particularitat digne de menció, y mitja hora mes amunt, s'aixeca la hermita [54] de Sant Joan, edifici boniquet, ab una esbelta torre cuadrada, situat al peu del cingle, en un siti dels mes pintorescos. Desde aquí t'escrich la present. Pujant riu amunt, he arribat à son naixement, als estanys Pessons, dalt al plà de las montanyas, haventme encantat en la contemplació d'aquell panorama grandió, d'aquells pichs plens de neu y d'aquellas colladas verdas. Fontargent, Punta Serrera, [Distranya](#), etc. se divisan desde allí com á gegants de testa esblanquehida. Lo bonich son los estanys *Pessons*, paraula que à Andorra significa molta cantitat, y equival á molt, forsa, un munt, etc. Verdaguer los descriu de la següent manera: «Los Pessons son una vintena d'hermosíssims viots y estanys de diferentes midas, que van enviantse l'aigua de l'un á l'altre voltant un enherbat turó mitj abrigat de pins y rododendron, mirador desde ahont se veuen naixer y allunyar-se per grahons de llach, los dos vieron, que mes avall enfaixen sas puras aigüas. Es un rosari d'estanys units pel fil d'argent del Valira oriental, que allí te son bressol y de allí trau las [grans](#) granítiques pedras *valirenques* que en dias de quimera, sembra pels camps de la Seu d'Urgell y de la Conca de Tremp.» (1)

He passat també per Soldeu, poblet situat als confins d'Andorra, en las regions de las neus casi eternas, en la frontera francesa. Ab aixó he corregut tola la Vall d'Incles, únicament me falta seguir la de Ordino, [55] per la cual corre'l Valira Occidental, vall molt pintoresca segons me diuen. Demà surto per Las Escaldas á pendre'l camí de la dreta alli hont vaig deixar-lo prop las dos creus de ferro de

que t'he parlat en una de mas cartas. Las tres Valls d'Andorra tenen la figura d'una Y molt ben feta, de la cual sols me falta coneixer lo bras superior de la dreta. Lo seguiré y te'l descriuré.

Ordino, 18 d'Octubre

[56] Efectivament, com me deyan, la Vall d'Ordino es bonica é hi ha molt que descriure. La he seguit tota, he vist molt y bonich y t'ho descriuré fente una carta tan llarga com curiosa, que ha d'esser la última que desde aquest país t'escrigui.

Lo camí que porta á Ordino partint de las creus ja citadas, es potser lo mes angost y pintoresch de per aquí, al menos fins arribar á vista de La Messana. Lo camí passa per sobre'l riu, arrimat al cingle, y'l riu passa tan fondo y estret, que en molts llochs, la vegetació que creix à l'un costat y altre s'arriba á entrellessar formant un pont de verdor. A mitja hora d'Andorra, en un dels punts mes estrets, se troba una senzilla hermita dedicada á Sant Antoni, ficada dins del cingle, donantli entrada una cova per cual devant passa'l camí que voreja'l riu. Mitja hora mes de caminar y s'arriba á La Messana, que s'assenta al peu d'un petit riuhet tributari del Valira, á menos d'un kilómetro de sa confluencia. Es un dels pobles mes importants d'Andorra y una de las sis parroquias.

Pera arribar á Ordino's te de agafar altre volta la ribera del Valira, á cual part esquerra s'alsa'l poble, petitet, pero bonich, una de las parroquias mes importants per las moltas agrupacions de casas que te per sos aforas. A cent ó doscents metres d'ell s'alsa Segudet, grupo molt pintoresch d'una vintena de casas, [57] que divideix una petita corrent d'aigües cristallinas. Un poch mes amunt, cap á la dreta, besant l'aigua del Valira, s'hi veuen, Ansolonga, La Cortinada, Arans, etc. Son molt exótichs los noms de per aquí, semblan mes aviat francesos que catalans. En la parroquia de La Messana, per exemple, n'hi ha de tan estranys com aquests: Puy, Pal, Ers, etc. Mes amunt, vora mateix la frontera, hi ha Llors, l'últim poblet d'importancia que te Andorra per aquesta banda. Es una agrupació de casas molt bonica, al peu del riu, sombregada per unas fileras d'arbres molt alts y molt verts. Se troban per aquí dalt moltas fonts ferruginosas, y as montanyas se veu que contenen gran part d'aquest mineral que algun dia feya la riquesa del país. Lo ferro andorrà gosava antigament de gran fama y eran moltas las familias que de sa explotació se mantenian, pero vingué la exportació en gran escala dels ferros obrats inglesos y belgas, y la industria andorrana, no poguent resistir la competencia, tingué que plegar lo ram. Unicament, com á dolorós recort, conservan los andorrans y en profussió, grans balconadas, moltas retxas y portas, un sens nombre de creus escampadas per camins y plassas, tot obrat de mans d'artistas del pays, y per últim, un regular número de fargas ruinosas ab sos martinets rovellats y que potser may mes tornarán á fer retronar aquellas tranquilas valls ab sos cops.

Estich molt á gust en aquest poble, á cual espatlla s'alsa com un gegant lo pich de Casa-manya, de cual cima no s'ha fós la neu en tot l'istiu. Poso á cas a Rossell, una de las casas de mes consideració del pays, personas respectables é ilustradas ab las quals se pot [58] conversar sobre art y literatura. Un dels passats de la casa, anomenat Antoni Rossell, fou qui recopilant documents y posanthi al ensempl molt de sa part, escrigué lo *Manual Digest*, lo Códich d'aquest país, que l'informa tot ell un esperit tan pràctich y tan catalá que es llástima que no se'l don, á coneixer ó que al menos no l'estudihin y'l comentin las personas entesas enamoradas de lo antich y bó de nostre terra. En aquesta casa's conserva l'original, que he tingut lo gust de fullejar, cual única copia's guarda en l'Arxiu d'Andorra la Vella.

Avuy he rebut una alegria: l'actual hereu d'aquesta casa, don Joseph de Riba, doctor en Dret, m'ha manifestat sos propósitos d'escriurer y donar á llum una *Historia de Andorra*. Com que dit subjecte es persona ilustradíssima y probablement la que coneix mes lo present y passat de son pays, no dupto que sa obra será interessant, y espero que'ls catalans tots sabrán correspondre dignament á aquesta mostra d'interés envers lo nostre passat. Aquí en aquesta casa posà Verdaguer quant recorria'ls Pirineus en busca d'inspiració per escriure son magistral poema, deixántloshi com á recort una bonica poesietta. Pujá al cim de Casa-manya à peu y cantant la coneguda copla:

Montanyas regaladas

son las de Canigó,
 ellas tot l'any floreixen,
 primavera y tardor.

Es xocant lo que m'explica la senyora de la casa de Mossén Cinto; una nota que pinta son caracter senzill y humil. Tenian ja'l dinar preparat pera pujar á la [59] montanya à menjàrsel, un dinar molt regular, quant Verdaguer miràntsel fixament, digué: -Aquí hi falta una cosa.- La senyora, creyentse que notaria de menys algun requisit del cual no podria servírsel, preguntá espantada: -¿Qué falta, Mossén Cinto? Y l'autor de *La Atlántida*, ab humilitat y senzillament, respongué: -Hi falta una ceba.

Jo també he fet alguna excursió; primerament al pich de Tristany, que pren lo nom de tres estanys hermosíssims que donan naixement al Valira occidental. Es un punt deliciós, pero lo punt verdaderament encantador, lo siti paradissiach, es la montanyeta de Seturia, situada darrera de La Messana, un poch avall y al naixement d'un petit riuhet que desemboca al Valira un poch mes amunt d'Andorra. Verdaguer s'encantá en la contemplació d'aquesta vall á jutjar per la descripció que d'ella'n fá en lo *Canigó*:

Contempla'l jove feixes y boscatges

y darrera'ls pradells de la Regina,
 una esmeragda en forma de petxina
 tota plena de perlas y de flors;
 es la vall deliciosa de Saturaia,
 cuan ab son bés primer l'alba l'arrosa
 sembla l'àurea conquilla en que flairosa
 del mar isqué la reyna dels amors.

Verdaguer no s'acontenta en descriure aquesta montanya ab aquestos versos incomparables, puig que en son llibre «Excursions y viatges» torna à ocupar-se d'ella en prosa, d'una manera menos poética, pero no menos justa. Diu: «Lo plá no es mes gran que'l de Nuria; mes, sens véureshi gayre bé cap roch, tot ell es [60] enherbat. Lo fener ó herbey, desde lo mes alt de la serra que'l volta pel Nort, Llevant y Mitjdia, baixa en líneas corbes y suaus com las de una gran petxina á reunir-se al Sud-Oest. Lo color vert es viu com d'herba regada sovint: sols algun escamot de blanques ovelles ó de rosses vaques lo clapeja. No he vist en tots los Pirineus una vall mes bonica de nom y de fet que la pera mi encantada é inolvidable vall de Saturaia.»

¿Qué podria dir jo de dita montanya després d'aquestos versos y aquestas ratllas de Verdaguer? Sols te diré, com á aficionat á la pintura que ets, que si un dia haguesses de pintar una vall del perdut Paraís terrenal, te recomanaría que vinguessis á pendre per modelo la de Saturaia.

He dit ja tot quant tenia que dir, cumplint aixís la promesa que de bon principi te feu lo teu amich que espera veuret prompte.

FI

Século XIX (Oller, 1895)
Código: docc 19/04

Barcelona 20 de desembre de 1895

Sr. D. Santiago Rusiñol.

Amich Rusiñol: los barcelonins que fem feyna de despaig, talment sembla que vivim en una ciutat gran. Per saber ahont dirigir-te aquestes ratllas ha tingut de venir aquí, a casa meva, may dirias qui? Un que viu a Tarragona: en Ruiz .

Trencada l'incomunicació, corro a saludar al poeta, no retiro la paraula, al poeta, autor del Anant pel món, llibre exquisit d'un ànima delicada, que veu, que pensa, que sent, y que té la trassa, menos general de lo que molts creuen, de fer veure, pensar, somiar y sentir al lector, sinó ab tanta forsa com tu mateix (això és sospita potser falsa d'un altre autor al qual passa sempre, al menos ab suficient forsa per a que un se delecti y t'admiri y t'aplaudeixi de tot cor). L'única tara que trobo del teu llibre que, per a tenir-ho tot fins és elegantíssim de forma, es aquella ortografia infame dels ceballuts de l'«Avenç» que resulta un verdader avench pel pobre autor que desitja ser comprat y llegit. Allò de las iiii sobre tot, és una extravagància que fa, de las ratllas ahont abundan un xich, una espècie d'escarpidors que fereixen y punxan la retina, causant por al lector d'atansar-se massa. l llibre als ulls y buydar-se'ls tot seguit. Privan de besar las planas més aplaudidas com un no besaria may cap erissó y, en una paraula, lluny d'atraure repeleixen, atacan los nervis y esgarrihan.

Llàstima qu. aquells xicots no.s treguin aqueixas sebas balariescas del cap. En lo llibre del pobre Pepe, que avuy t'envio y espero t'agradarà molt -de fondo s'entén- vam tranzigir posant-li una ortografia més enrahonada, una ortografia com si diguéssim de tranzició, com és d'estil arquitectònic la Catedral de Tarragona... donchs, aixís y tot, ben sovint, llegint aquellas planas cruixo de dents y sento remordiments de consciència, perquè.m sembla qu. ab allò.s desfigura la fesomia del meu cosí fins a un punt que de vegades se m'esborra del tot.

Però haig d'acabar. Te felicito també molt pe.ls articles que t'inspira l'Alambra, desitjo reveure't aviat, saluda de part meva a l'Utrillo y reb la forta abraçada que t'envia en

Sisó

Século XIX (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 19/05

Carta de Marian Aguiló a Tomás Forteza

[Barcelona, 25 agost 1871]

Barña, 25 d'Agost de 1871

El vostro regalo de cançons o gloses en la remesa darrera ha fet tro; y en el llibre fahedor, y per de promte en la meua ànima, hi romandrà estampada per a sempre. Apesar de la meua pràctica en semblants replechs, jo'm mirava el vostro, y el tocava, y nou creya. De llevar ença hi he treballat llargues estones y no'n tench mes que dues terceres parts de vistes y classificades. L'ordonament d'esta collecció vol molt jugari y despendrey temps. Les cançons llargues, codolades &c les posí a part y encara no les ha tocat el torn per veureles. Que estich contentíssim y agraïdíssim ja u pots suposar, no cal escriureu.

El meu primer replech queda ja aufegat pel vostro. Se tota la molestia que vos he causat, y a tu especialment, y vetx els teus delicats esforços per no ferla conexedora. Men aconsola una mica creure que aquest *cursillo* de *retorica* popular queus he obligat a veure nous farà cap mal, tant a tu com a en Geroni. Aquests *payos* de glosadors ensenyen una pila de coses a gramatichs, diccionaristes y poetes. Jo sempre los he estimat com a mos primers y principals mestres.

No se si feys mal en no darvos per satisfets y en manifestar que la mina dona encara. Axo es fer royar aigua davant d'un hidropich. Els duplicats o multiplicats son molts, colca glosa te una dotzena de papeletes iguals afegides darrera pero encara son moltíssimes les que arriben noves y vergens d'aquest mosquer poetich que cubreix l'isla.

Comprench, pero'm sab greu, l'escasses que n'hi ha d'historiques. Si'n poguessem trobar qualcuna de Mestre Colom, de la mort den Berga &c seria una gran *trouvalla*! No crech tenirne cap de la *anada a St. Bernat*, de la cova d'Artá, y molt repoques de les *preocupacions* especials de Mallorca que me agradaria conixer, si no publicar. *Cataliners* y pescadors per força n'han de tenir mes de les que se &c &c. Les tres d'Ivissa me foren del tot noves y desitx sebrer si sen troben mes. Recordes qui te les digue? Les repetides fan mes servey de lo ques creu y per axo les conservo, tant mes que la obscuritat de algunes vos ha obligat a fer modificacions, com abans jo feya y despres he vist que millors versions podien escusar ma feyna.

Com has convertit en Ferrá? No me espanten les cançons *maleytes*, que deuen abundar, quant ten han passades per la ploma algunes disfressades, que les he posades immediatament a la presó. No tengues por que publiqui lletjures. La teua poesia molt saborosa prova que en el *cursillo* que mes amunt deya has sortit *sobresaliente*. Cuidado en emplear contra mi la habilitat que tens en imitar los generos que't proposes. Ten tench qualcuna a la corentena, v.g. una que acaba «dexem que te fassa mil y mil *petons*», crech que es a una carta. Estich conforme en lo dels articles. En comensar a imprimir te enviaré una prova per posarnos completament d'acort.

Pena! per a mi no's *pena* &c la primera vegada que la vatx veure la posí entre les accetiques &c, ara no vetx clara sa colocació. Es d'amor? Quant te venga be escriume com has trobat el caudal que m'has enviat, de quins llochs son les que te n'han dites; y les observacions y generalitats ques fan sobra la marxa no dexen de esser utiles. No temis cansarme en notes, com dius.

Se acosta el moment de dir *prou* y de posarme definitivament al arreglo de cada una de les seccions. En Picó mente també de arreplegades, li escriuré que les te envií a tu, si no ha trobat passatge directe. Te torn per conducte den Tomasset les gloses del setgle passat que me enviases. En Tries les va estampar l'any 1846. El Ms. diu que va esser copiat en dit any, pero no u fou del impres perque hi he trobat algunes variants en lo poch que he comparat.

En Pep Piña, daurador, cunyat den Pep Fran.^{co} tenia quant jo era infant un llibre abultat de gloses que crech que eren del segle 18; informet si'l conserva y sis possible veurel. Ni ha llargues codolades &c. Les que m'heu enviades, unides ab lo que ja tenia me obligaran a ferne una ría y veure de aquest farrage lo ques pot salvar. Algunes de les gloses volenderes que

replegam son estrofes de poemes llarchs.

Enviy tambe les *decimes sobre el matrimoni* quem dexà na Juanayna que está a can Aguiló de Montesion. He tengut paciència per copiarles y corretgirles un poch en vista de unes quantes quen havia recullides, fa molts anys, de viva veu. Sa forma de plet ab sa sentència final es una tradició a Provença y en català ni ha exemples molt antichs. Si pots sebrer qui les feu, de quina vila provenen, si sen troben moltes còpies &c, ja m'ho diras, puix fas comte de publicar les mes decents, axí com les he esmenades.

No m'he atrevit a demanar a en Verdaguer si estava satisfet el deute dels llibres del premi de la Diputació de Palma? Si no't sab greu demaneu a en Muntaner el llibrater. || Ja fa mes de 15 dies que tinch recomanat un jove alamaný distinguit que ha vengut per estudiar el reynat, cronica &c. del Rey D. Jaume el nostre conquistador. Desitja tenir la *Historia de la conquista de Mallorca...*, per D. J. M. Quadrado. Dirigeix en Tomasset per comprarla, y tota vegada quen Geroni diu que te passatge segur per remetre ses gloses, veges si y pot encabir el llibre.

Ab aquestes plomes de ferro la ma se'm cansa d'escriure y tu estaras cansadissin de llegir. Dona una aferrada pes coll a en Francesch que en tant de coratge t'ha ajudat a portar la creu de les meues gloses. Saluda a tes dues families y reb l'abrassada de ton amich. - Mo.

P. D. La inauguracio de la esglesia de Junqueres me ha mogut a regirar l'arxiu de dit monestir ab gran ganancia del diccionari. Replech els datos per fer un treball per la proxima Revista, y tench ja mortes moltes hores ab bastant profit. — Com tot se ha fet al vapor a ultima hora acunyaren una medalleta per recordança ten enviya una per Ferra, que com arquitecte li cridarà la atenció lo estrany de aquest edifici.

A Deu y memories. En Collell te comana molt. Se ha adobat un poch. L'esper el mes entrant. Tendra zels en veure ta garrida poesia darrera; ja te escriuré sa impressio. Pensa en enviarme l'escoblejada dels dos glosadors quen havery llegit t'ho remetré. No te assustis per farrago. No hi ha res que almanco no don una bona papeleta de diccionari...

Século XIX (Martí i Castell; Moran, 1986)
Código: docc 19/06

Carta de Justin Pépratx a Teodor Llorente

[Perpinyà, 26 agost 1885]

Perpinyà, 26 de Agost de 1885

Sr. D.n Teodor Llorente:
 á Valencia.

Mólt estimat senyor y amich: He rebut á son temps la benvolguda carta que'm va dirigir lo dia 9 del mes corrent. Li hauria ja contestat; però tot esperant de dia en dia la arribada dels dos retratos senyalats, ma resposta ha sigut mólt massa aplassada, y los preciosos retratos no han encara arribats á mon poder.

No tinc de li dir com serán rebuts ells y ab quina afició guardats. Mentrestant li envio una mostra reduhida del meu, que figurará a la proxima exposició de Saragossa, y que será de tamany natural.

Me alegro mólt del que me diu V., de que'l terrible hoste del Gange los haja en fi deixat halenar, després los estrasgos que ha fet en tant hermosa terra. No es comprensible com s'hi havia fixat; Valencia es una ciutat rica y sana, y la gent no s'alimentan malament, com en altres parts. En fi, gracias á Deu, ne son Vs. deslliurats!

Sembla que lo flagell tinga ganas de nos acostar també. No tenim res per ara en tot lo Rosselló; però se sent a dir que hi ha cassos dellá dels Pirineus, y cada dia mes aprop de nosaltres. També ha fet rabiá aquesta setmana á Marsella y á Tolon. No sé si n'escaparém. Alabat sia Deu! Si encara servís a desencegar certs homens!

V. me diu, parlant de ma traducció, que no se ha fet prou apreci, en la Catalunya, de aquesta obra.

Sembla pertant que á Barcelona á lo menos l'han prou considerada.

Fa pocs dias, un Catedratic eminent, lo Illustre Sr. José Batllari, tractant en la Academia de Bonas Lletres de etimologias catalanas, me dirigí un compliment mólt amable y falaguer. Ara crech que si se hagués donat lo text catalá al costat de ma traducció, com se farà en la 2.^a edició que estich preparant, se'n hauria més fet cas en Catalunya que no se'n ha fet. Mon desitg per la primera edició ha sigut fer coneixer'l grandíssim poeta catalá á la Fransa; y gracias á Deu, ho hé conseguit. Los diaris de París més importants, *La Liberté*, *Le Siècle*, *Le Temps*, etc., *La Revue du Monde latin*, se'n han ocupat, y es lo que volia.

Dispensi ma llarga carta y tant incorrecta com llarga. No acostumo parlar ó escriurer la llengua que estimo tant, y que me val avuy, comptar en Valencia un amich com V., y dirme de Ell, seu de tot cor

Justin Pépratx